

CEC 2017

CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA

Anais do

IV Congresso de Extensão e Cultura



PR
Pró-Reitoria de
EC
Extensão e Cultura

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
Ubirajara Buddin Cruz – CRB 10/901

C749a Congresso de Extensão e Cultura da UFPel (4.: 2017: Pelotas)
Anais do... [recurso eletrônico] / 4. Congresso de Extensão e
Cultura da UFPel; org. Francisca Ferreira Michelin... [et al.]. –
Pelotas: Ed. da UFPel, 2018. - 2101p. : il.

ISSN: 2359-6686

Modo de acesso:

<<https://wp.ufpel.edu.br/congressoextensao/anais/anais-2017/>>

1. Extensão. 2. Cultura. 3. Museus. I. Michelin, Francisca Fer-
reira. II. Título.

CDD: 378.1554

IV CEC

Congresso de Extensão e Cultura

Organização

Comissão Científica IV CEC

Francisca Ferreira Michelin – Presidente
João Fernando Igansi Nunes
Noris Mara Pacheco Martins Leal
Taís Ullrich Fonseca

Comissão Organizadora IV CEC (acadêmicos)

Andreia Skupien Bianchini
Caroline dos Santos Tabeião
Jayne Souza Peixinho
Jardel da Silva Moura
Lisiane Gastal Pereira
Lucas Lobo Pouey
Lucas Perez Fontoura
Marlene dos Santos de Oliveira
Rafael Evangelista de Sousa
Renildo Francisco da Silva Junior
Vitor Goveia Rechia

Reitor

Pedro Rodrigues Curi Hallal

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

Flávio Fernando Demarco

Chefe de Gabinete

Taís Ullrich Fonseca

Vice-Reitor

Luís Isaías Centeno do Amaral

Pró-Reitor Administrativo

Ricardo Hartlebem Peter

Pró-Reitor Adjunto de Gestão da Informação

Júlio Carlos Balzano de Mattos

Pró-Reitora de Ensino

Maria Fátima Cossio

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis

Mario Renato de Azevedo Júnior

Pró-Reitor de Gestão de Pessoas

Sérgio Batista Christino

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento

Otávio Martins Peres

Comissão Organizadora IV CEC

Joice Vieira Soares – Presidente
Ana Carolina Oliveira Nogueira
Andrea Lacerda Bachettini
Elias Lisboa dos Santos
Mateus Schmeckel Mota
Matheus Blaas Bastos
Nádia Najara Kruger Alves
Rose Méri Santos da Silva
Thâmisa Ramos Flores dos Santos
Vinicius Camargo Zientarski

Pró-Reitora de Extensão e Cultura

Francisca Ferreira Michelin

Coordenador de Arte e Inclusão

João Fernando Igansi Nunes

Coordenadora de Patrimônio Cultural e Comunidade

Silvana de Fátima Bojanoski

Coordenador de Extensão e Desenvolvimento Social

Felipe Fehlberg Herrmann

Núcleo de Ação e Difusão Cultural

Matheus Blaas Bastos

Núcleo de Formação, Registro e Acompanhamento

Thâmisa Ramos Flores dos Santos

Núcleo de Formação, Registro e Acompanhamento

Ana Carolina Oliveira Nogueira

Seção de Integração Universidade e Sociedade

Vinicius Camargo Zientarski

Seção de Captação e Gestão de Recursos

Mateus Schmeckel Mota

Seção de Mapeamento e Inventário

Andrea Lacerda Bachettini

Secretaria

Elias Lisboa dos Santos

Nádia Najara Kruger Alves

Designer Editorial

Matheus Blaas Bastos

Sarah Aguiar Marçal

Edição de capa

Eduardo Mendes



IV CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA

Na sua quarta edição, o Congresso de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pelotas reuniu extensionistas dessa Universidade e de outras, sobretudo nas sessões de apresentação de trabalhos.

Inserido na 3ª Semana Integrada de Ensino, Pesquisa e Extensão, que teve como tema “Os Desafios da Universidade Pública Contemporânea”, o CEC trouxe como inovação na presente edição a supressão dos destaques, que nas edições anteriores geravam as premiações de primeiro a terceiro lugar. Os demais congressos da SIIPE seguiram a iniciativa.

Mantendo o sistema de avaliação do resumo com vistas a qualificar a publicação dos textos, o objetivo da mudança foi o de dirigir a atuação das bancas para o debate e a reflexão sobre os conteúdos apresentados. Os avaliadores foram extensionistas voluntários - docentes, técnicos administrativos e alunos de pós-graduação - que se inscreveram no chamado da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura para esse fim.

O formato das sessões seguiu o usualmente empregado nos Seminários de Extensão Universitária da Região Sul, que ocorrem todos os anos em universidades públicas dos três estados. Em tal formato, cada trabalho é apresentado por um ou mais alunos que atuam nos projetos e prevalece a explanação sobre os resultados. Os debates ocorrem, em geral, sobre as evidências do atingimento das diretrizes básicas que norteiam a extensão universitária no Brasil, quais sejam: o envolvimento das equipes com públicos externos à universidade; a capacidade de atingir tais públicos e agir sobre a sua realidade; os resultados na formação dos estudantes envolvidos com vistas a ampliar e aprofundar a sua visão do social; a oportunidade que as equipes encontram de vivenciar a interdisciplinaridade e o potencial para associar conteúdos dos cursos com questões de pesquisa. Em especial, busca-se saber se os trabalhos evidenciam desenvolvimento do diálogo integrador entre as equipes extensionistas e as comunidades com as quais atuam.

Reunidos em sessões que cruzaram campos de ação com as áreas temáticas da extensão, os trabalhos apresentados propiciaram a divulgação do que é produzido nas unidades acadêmicas e a possibilidade de que equipes de projetos e ações possam se conhecer e se aproximar.

Os textos aqui reunidos expressam o conjunto das apresentações feitas, nas suas diversas áreas, bem como a amplitude e intensidade do que vem sendo produzido na dimensão extensionista, na UFPel, sobretudo.

Deseja-se incentivar que essa dimensão continue conquistando novos campos e envolvendo mais estudantes.

Que a presente edição dos Anais do 4º CEC possam contribuir para isso.

Francisca Ferreira Michelin

Pró-Reitora de Extensão e Cultura da UFPel



Sumário

UMA PROPOSTA DE REESTRUTURAÇÃO DO MANUAL DE ESTÁGIO PARA O CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA A DISTÂNCIA E PRESENCIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS	15
AIANA SILVEIRA BILHALVA; MARCOS AURÉLIO DA SILVA; ALINE GOULART DA SILVA; LÚCIA RENATA DOS SANTOS SILVEIRA; KAUÃ SOARES DE CARVALHO; SILVIA PRIETSCH WENDT	
COLECIONANDO SEMENTES, CONSTRUINDO SABERES: DO ENSINO UNIVERSITÁRIO AO BÁSICO.....	20
ALDO GIRARDI POZZEBON; WELITON MORAES BIRGMAN; TAIANE SOUZA KNEIP; VERA LUCIA BOBROWSK; BEATRIZ HELENA GOMES ROCHA	
A IMPORTÂNCIA DO RELACIONAMENTO INTERPESSOAL NO AMBIENTE DE TRABALHO COLETIVO E EDUCACIONAL	25
AMALIA GISLAINE PRATES HEBERLE; SANDRA IVANA GOMES VARGAS; LAÍS VAZ MOREIRA; GILNEI FARIAS SOUZA; ANA PAULA SOARES GOUVÊA; NORIS MARA PACHECO MARTINS LEAL	
A IMPORTÂNCIA DO PÁTIO DA ESCOLA: POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES	30
ANA CLAUDIA BATALHA ALVES; SIMONE SILVEIRA DA SILVA; TÂNIA RÖSSLER; ROGÉRIO COSTA WÜRDIG	
PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL	35
ANA PAULA OGLIARI CASAGRANDE; MATEUS ARMAS; JOSIAS PEREIRA	
MUSICALIZAÇÃO DE BEBÊS E TEA	39
ANDRÉIA LANG; GABRIELA CINTRA; TAMIÉ PAGES; NICOLE RIBEIRO LEIDIANE FEIJÓ; REGIANA WILLE	
PROJETO DE EXTENSÃO TEMÁTICA INDÍGENA: DIVERSIDADE DE SABERES.....	44
ANDRESSA SANTOS DOMINGUES; LORI ALTMANN	
“PARTILHANDO SABERES E LIVROS”: A BIBLIOTECA DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DA REGIÃO SUL (EFASUL- CANGUÇU/RS)	50
ANDRIELI KURZ HOLZ; VANIA GRIM THIES	
EDUCAÇÃO ASSISTIDA POR ANIMAIS: CONTRIBUINDO NA INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM DIFICULDADE INTELECTUAL	56
ANNE KAROLINE DA SILVA FLORES; CAMILA MOURA DE LIMA ; DIONE MOREIRA NUNES ; PAULA TAIANE POSSAS BRAGA; MÁRCIA DE OLIVEIRA NOBRE	
POLÍTICA NACIONAL DE RESÍDUOS SÓLIDOS: PERCEPÇÕES E OBSTÁCULOS ENFRENTADOS POR CATADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL	60
ARIELLE DA ROSA SOUSA; PAMELA LAIS CABRAL SILVA; GABRIEL AFONSO MARTINS; VANDRESSA SIQUEIRA WALERKO; LUCIARA BILHALVA CORRÊA; ÉRICO KUNDE CORRÊA	
PLAYING WITH SOUNDS: CONHECENDO A PRONÚNCIA DO INGLÊS.....	66
ARTHUR GARCIA NOGUEIRA; ANNA JÚLIA KARINI MARTINS; LETÍCIA STANDER FARIAS	
GÊNERO NA ESCOLA: TRABALHANDO DIFERENÇAS NO CONTEXTO ESCOLAR – PIBID INTERDISCIPLINAR UFPEL	70
BRENDA RODRIGUES; RENATA CABRAL, PEDRO DE MOURA; ANA KLEIN	
O USO DE TECNOLOGIAS EM UM CURSO EXTRACLASSE DE ESPANHOL	74
BRISA DO AMARAL RODRIGUES; ANA LOURDES DA ROSA NIEVES FERNÁNDEZ	
OFICINA DE INTERAÇÃO E ESPAÇO NA ESCOLA ASSIS BRASIL: UMA ATIVIDADE DO PIBID INTERDISCIPLINAR UFPEL	79
BRUNA CITTADELLA; FELIPE AVILA TRACZYNSKI FERNANDA WEINERT; RAFAEL VERAS ZORZOLLI; KARINA GIACOMELLI	
10 ANOS DO PROJETO “DESIGN COM ARTE E CARINHO”	83
BRUNA DA ROSA MENDES ; VANESSA MONTEIRO DA SILVA ; GILBERTO BALBELA CONSONI	
EXTENSIONISMO NA PRODUÇÃO LEITEIRA EM ASSENTAMENTOS DA REGIÃO SUL DO RIO GRANDE DO SUL	87
BRUNO SILVA JUSTINO; JÚLIO CÉSAR GARROZO DE ALMEIDA; NATIELE ISAURA DE ALMEIDA VEECK LUANA CATARINA FERREIRA RIBEIRO; CLEITON CONCEIÇÃO ALMEIDA; LUIZ FILIPE DAMÉ SCHUCH	
CONJUNTURI - ANÁLISE DE CONJUNTURA INTERNACIONAL	92
CÍCERO FERNANDES CRUZ ¹ ; FABIO AMARO DA SILVA DUVAL	

EXPOSIÇÃO CONCHAS: FORMAS E CORES COMO FERRAMENTA DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA PARA A COMUNIDADE DA CIDADE DE PELOTAS ..96 CAMILA DALMORRA; LUCAS COSTA; GABRIELA MEDEIROS; DANIEL CARVALHO; JOÃO SILVEIRA; MARCO SILVA GOTTSCALK	96
RELATO SOBRE A EXPERIÊNCIA COMO PROFESSORA VOLUNTÁRIA NO PROJETO DESAFIO PRÉ-UNIVERSITÁRIO POPULAR DA UFPEL 100 CAMILA RIOS PIECHA; LUCIANA BICCA DODE; PATRÍCIA DIAZ DE OLIVEIRA	100
AS HISTÓRIAS DE VIDA NA FORMAÇÃO DE MULHERES DO MST 106 CARLA NEGRETTO; MÁRCIA ALVES DA SILVA	106
REVISTA CIÊNCIA DA MADEIRA.....112 CAROLINE RODRIGUES SOARES; PAULA ZANATTA; DÉBORA DUARTE RIBES, DARCI ALBERTO GATTO	112
REQUALIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS POR MEIOS DIGITAIS: OFICINA NA ESCOLA MUNICIPAL PADRE RAMBO, PELOTAS/RS 117 CLÁUDIA FREITAS; AMANDA CARDOSO; JULIA CARDOSO; PÂMELA SILVEIRA; LIGIA CHIARELLI; ADRIANE SILVA	117
AValiação DA UTILIZAÇÃO DA PERSPECTIVA LÚDICA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA ESCOLA.....123 DÉBORAH TROTA FARIAS DE ALBERNAZ; GIOVANNA RODRIGUES ROGINA DIAS; ADRIANA LOURENÇO DA SILVA; MÁRCIA LUCIANA FARIAS DA SILVA GIOVANA DUZZO GAMARO	123
FORMAÇÃO CONTINUADA EM EDUCAÇÃO MUSICAL: UMA PROPOSTA DE ENSINO MUSICAL PARA PROFESSORAS DA REDE PÚBLICA DE EDUCAÇÃO BÁSICA 128 DESIRÉE SALLES DA COSTA GONÇALVES; VITOR HUGO RODRIGUES MANZKE	128
A CRIANÇA E O TEXTO: COMO CONSTRUIR ESSA RELAÇÃO?.....133 DIONATAN BORN GARCIA; PAULA FERNANDA EICK CARDOSO	133
EXERGAMES NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: EXPERIÊNCIAS DO EXERGAME LAB BRAZIL 138 ELAINE TONINI FERREIRA; RICHARD SANTIN ROCHA; CÉSAR AUGUSTO OTERO VAGHETT	138
INCLUSÃO DIGITAL: ELABORANDO MAPA VIRTUAL DA ESCOLA 144 ELISANDRA HERNANDES DA FONSECA; ROSANE VIEIRA DA SILVA; ABILIO P. DA SILVA NETO; SUYANE GONÇALVES DE CAMPOS; ANGÉLICA CIROLINI; ALEXANDRE FELIPE BRUCH	144
CINE NAS ESCOLAS: UMA POTÊNCIA DE CRIAÇÃO 149 CINE UFPEL PARA ESCOLAS: UMA POTÊNCIA DE CRIAÇÃO ELOISA SOARES CALDEIRA; MARÍLIA SHEILA SANTOS; CÍNTIA LANGIE ARAÚJO; LIÂNGELA CARRET XAVIER	149
PROJETO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES “ENCONTROS SOBRE O PODER ESCOLAR” 154 FABIANE WEBER DA SILVA; LÍGIA CARDOSO CARLOS	154
MONITORIA VOLUNTÁRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DAS OFICINAS DE PERCUSSÃO REALIZADAS COM ALUNOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA ..157 FELIPE CESAR ZOCAL; BRUNO RODEGHIRO MOTTA; JOSÉ EVERTON DA SILVA ROZZINI	157
O CINEMA COMO FERRAMENTA DE APOIO AO ENSINO DA LÍNGUA ALEMÃ.....162 FERNANDO LUIZ KROTH; WILIAN VEZZARO ALINE COELHO DA SILVA	162
PARTICIPAÇÃO NO GRUPO PNAIC UFPEL: UMA EXPERIÊNCIA TÉCNICA, FORMATIVA E REFLEXIVA 167 FRANCIELE NUNES BRISOLARA; MARTA NÖRNBERG; ANTÔNIO MAURÍCIO MEDEIROS ALVES	167
CURSO ON-LINE DE FORMAÇÃO PARA USO DAS TECNOLOGIAS NO ENSINO PARA PROFESSORES DA REDE PÚBLICA 173 GABRIEL DA SILVA MUNARO; ROZANE DA SILVEIRA ALVES	173
ARQUEOLOGIA, EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E HISTÓRIA INDÍGENA EM PELOTAS E REGIÃO 178 GABRIEL PEREIRA DE OLIVEIRA; BRUNO SANTOS NOGUEZ; CAROLINE ARAÚJO PIRES; CAROLINE BORGES; RAFAEL GUEDES MILHEIRA; GABRIELA AMARAL LEAL; TAMIRES JARA GOULART; PRISCILA BROCK BARBOSA; GILSENIRA DE ALCINO RANGEL.	178
NOVOS CAMINHOS: ENSINO-APRENDIZAGEM 182 GABRIELA AMARAL LEAL; TAMIRES JARA GOULART; PRISCILA BROCK BARBOSA; GILSENIRA DE ALCINO RANGEL	182

CONSTRUÇÃO DE PLANTAS BAIXAS: UMA PROPOSTA DE ENSINO ATRAVÉS DE PROJETOS.....	187
GABRIELA DUTRA RODRIGUES CONRADO; MÁRCIA SOUZA DA FONSECA	
II SEMINÁRIO INTEGRADOR OBEDUC-PACTO: FORMAÇÃO DE PROFESSORES, LEITURA E ESCRITA NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO.....	192
GABRIELA SCHANDER BRAGA; MARTA NÖRNBERG	
ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL: ESTÍMULO ÀS ESTUDANTES DO 5º ANO NA ESCOLA MUNICIPAL PELOTENSE.....	198
GABRIELLA CAMPELO NIEWINSKI; LIDIANE CAVADA; NATÁLIA MATOS; ISABEL DA CUNHA SANTOS; CAROLINE DELLINGHAUSEN BORGES; CARLA ROSANE BARBOZA MENDONÇA	
MURAL G-BIOTEC: DISSEMINAÇÃO DA CIÊNCIA PARA A POPULAÇÃO PELOTENSE.....	204
GABRIELLE DE OLIVEIRA SANCHES VALERIO NAVARRO; ULI TRINDADE DE ALMEIDA; LUCIANA BICCA DODE	
“INTRODUÇÃO AO PORTUGUÊS HISTÓRICO”: ANÁLISE DE DADOS REFERENTE A 8 SEMESTRES DO CURSO DE EXTENSÃO	209
GILSON RAMOS LOPES NETO; PAULA BRANCO DE ARAUJO BRAUNER	
A FOTOGRAFIA E A ARTE POSTAL COMO OBJETOS DE REFLEXÃO DENTRO DA REALIDADE ESCOLAR.....	215
GUILHERME SUSIN SIRTOLI; DHARA FERNANDA NUNES CARRARA; CLÁUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO	
UMA FORMA ANIMADA E ORIGINAL DE CONHECER PELOTAS	220
ISABELA MARIA SANTOS SILVA, BRUNA LETICIA DA SILVA BUENO, JÉSSICA CORRÊA PEREIRA, ELIANE LEAL DE BEM FARIAS, LILIAN LORENZATO RODRIGUEZ	
UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE: PERCEPÇÃO SUBJETIVA DOS IDOSOS EM RELAÇÃO AO PROGRAMA.....	226
JÉSSICA CAMPOS DAS NEVES FARIA; ADRIANA SCHÜLER CAVALLI	
APLICAÇÃO DO CURSO O ROLE PLAYING GAME E O IMAGINÁRIO DO NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA.....	232
JEEAN KARLOS SOUZA GOMES; JOÃO LUIS PEREIRA OURIQUE	
PROJETO VIDA DE INSETO	238
JESSICA EL KOURY SANTOS ; MAYANA RABÊLO MOSCOSO ; EDUARDA NACHTIGALL DOS SANTOS ; VERA LUCIA BOBROWSKI	
TRABALHANDO COM GÊNERO E PRECONCEITO NA ESCOLA: UM EXEMPLO DE ATIVIDADE DO PIBID LETRAS UFPEL	241
JÉSSICA ACOSTA; BRENDA RODRIGUES, VANESSA AVENCURT, VIVIAN DOS ANJOS; KARINA GIACOMELLI	
A MEDIAÇÃO ARTÍSTICA E A CRIAÇÃO DE OUTROS ESPAÇOS DE EXPERIÊNCIA NAS ESCOLAS.....	245
JULIA PETIZ PORTO ; CAROLINA CORRÊA ROCHEFORT	
OFICINAS BRINCANTES: O TEMPO E O ESPAÇO	251
JULIANE OSSANES MAJADO; MARISTELA BERGMANN; QUENIA COIMBRA DA SILVA CARRILHO ³ ; ROGÉRIO WÜRDIG	
A INFLUÊNCIA DA CULTURA POMERANA NO ÂMBITO ESCOLAR – ESTUDO DE CASO DA E.M.E.F. CARLOS MOREIRA – CANGUÇU/RS	255
KAREN LAIZ KRAUSE ROMIG SANDRO DE CASTRO PITANO	
DOCES DE PELOTAS: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NA ESCOLA E.M.E.F. ALCIDES DE MENDONÇA LIMA.....	261
KARINA MARQUES GOMES; ANA INEZ KLEIN	
POLÍTICA NACIONAL DE RESÍDUOS SÓLIDOS	265
KAROLINE FARIAS KOLOSZUKI MACIEL; MARTHA FERRUGEM KAISER; THAYLI RAMIRES ARAUJO; LUCAS LOURENÇO CASTIGLIONI GUIDONI; LUCIARA BILHALVA CORRÊA; ÉRICO KUNDE CORRÊA	
CURSO DE EXTENSÃO PARA PEDAGOGIA: APLICANDO CIÊNCIAS NA ESCOLA A PARTIR DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE	271
KEILA REIS PEREIRA; PETERSON FERNANDO KEPPS DA SILVA; LAVÍNIA SCHWANTES	
LUDOTECA DO TURISMO: O USO DA LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO TURÍSTICA E PATRIMONIAL	276
KETRIN CRISTINA GABRIEL; ÉVERTON FELIPE KAIZER; LEOPOLDINE RADTKE BERGMANN; LEONARDO FERREIRA RESENDE DALILA ROSA HALLAL; DALILA MÜLLER	

O ESTUDO DOS PRINCIPAIS MOTIVOS DA CRESCENTE EVASÃO NO PRÉ-UNIVERSITÁRIO POPULAR DESAFIO.....	281
KEVIN BORGES GARCIA; FREDERICO DA ROSA BLANK JÉSSICA ARENA BANDEIRA; LUIZA DA SILVA SOUZA; ROSINEI SILVA SANTOS; NORIS MARA MARTINS PACHECO LEAL	
O USO DO BLENDED LEARNING NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA	286
LARISSA LYSAKOWSKI VENZKE; HELENA SANTOS KIELING; FLÁVIA MEDIANEIRA DE OLIVEIRA	
I CICLO DE PALESTRAS AO ENTARDECER “PROFESSOR JÚLIO CÉSAR DE MELLO E SOUZA”: UMA AÇÃO DE EXTENSÃO DO CURSO DE MATEMÁTICA	291
LARISSA TESTOLIN SCHMIESCKI DOS SANTOS; DOUGLAS WENDLER DE ANDRADE; GREGORY SCHUMACHER SOARES; JÉSSICA GARCIA FUHRMANN; ANTÔNIO MAURÍCIO MEDEIROS ALVES	
OFICINA DE ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL NA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PADRE ANCHIETA	296
AURA DOS SANTOS CENTENO; ANDRESSA LESSA KRINGEL FRANCIELLE ZURSCHMITTEM; CAROLINE DELLINGHAUSEN BORGES; CARLA ROSANE BARBOZA MENDONÇA.	
BEISEBOL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	301
LEONARDO DUMMER VELASQUE; TAIRÃ GONÇALVES SOARES; ERALDO DOS SANTOS PINHEIRO	
OLHARES SOBRE PELOTAS: AS NARRATIVAS DAS CRIANÇAS SOBRE O MUNICÍPIO A PARTIR DA DINÂMICA “DANDO GIZ À VOZ”	305
LEOPOLDINE RADTKE BERGMANN; ÉVERTON FELIPE KAIZER; KETRIN CRISTINA GABRIEL; DALILA ROSA HALLAL; DALILA MÜLLER	
RELATO DE EXPERIÊNCIA DA DIVULGAÇÃO DO CURSO DE QUÍMICA DE ALIMENTOS EM ESCOLA DA REDE MUNICIPAL	310
LIANE SLAWSKI SOARES; THAUANA HEBERLE; GERÔNIMO BARBOSA; JOSIANE FREITAS CHIM; ROSANE DA SILVA RODRIGUES	
CURSO PRÁTICO DA OFICINA DE ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL NA ESCOLA MUNICIPAL PELOTENSE: ALUNOS DO 4º ANO.....	314
LIDIANE DA SILVA CAVADA; NATÁLIA MATOS; GABRIELLA CAMPELO NIEWINSKI; MARINA VIEIRA FOUCHY; CAROLINE DELLINGHAUSEN BORGES; CARLA ROSANE BARBOZA MENDONÇA	
SOBRE ESPAÇO E IDENTIDADE NO ARTEIROS DO COTIDIANO.....	320
LUCAS MACHADO CAMPOS; CLAUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO	
PROJETO POMAR NA ESCOLA AREAL: CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA E CULTIVO DE HÁBITOS SAUDÁVEIS A PARTIR DO PLANTIO COMUNITÁRIO NO ESPAÇO ESCOLAR	326
ELOI, LUIZA CORRÊA; NASCIMENTO, FLÁVIA MARCHI	
CARACTERIZAÇÃO FÍSICO-AMBIENTAL DO MUNICÍPIO DE ARROIO DO PADRE: SUBSÍDIOS À ELABORAÇÃO DO ATLAS GEOGRÁFICO ESCOLAR	330
LUIZA DOS ANJOS LOPES; SANDRO DE CASTRO PITANO	
A SOMA DE EXPERIÊNCIAS DOCENTES NO CURSO DE EXTENSÃO.....	336
MÁRCIA DOS SANTOS SOARES DA ROCHA; ELTON VERGARA-NUNES; ALINE COELHO DA SILVA	
OS PROCESSOS ACADÊMICO-FORMATIVOS DE PARTICIPAÇÃO EM UM PROJETO DE EXTENSÃO	340
MAICON MADRUGA DA ROSA; MARCIELA DA SILVA MATTOS; DIRLEI DE AZAMBUJA PEREIRA; HELENARA PLASZEWSKI FACIN	
A IMPORTÂNCIA DA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL TRABALHADA COM ALUNOS DO 4º ANO NO COLÉGIO MUNICIPAL PELOTENSE	344
MARINA VIEIRA FOUCHY; ISABEL DA CUNHA SANTOS; LAURA DOS SANTOS CENTENO; NATÁLIA MATOS; CAROLINE DELLINGHAUSEN BORGES; CARLA ROSANE BARBOZA MENDONÇA	
CUIDADO E MANUTENÇÃO DO ACERVO DE LIVROS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA.	349
MATHEUS LUCAS ESTEVES; ELIANE TERESINHA PERES	
AD LINGUAE LATINAE COGNITIONEM ET ULTRA – O RESGATE SOCIAL DO LATIM ATRAVÉS DA EXTENSÃO	354
MAURÍCIO SIGNORINI DIAS; PAULA BRANCO DE ARAÚJO BRAUNER	

CULTURA POPULAR NA ESCOLA: A EXPERIÊNCIA DO PET GAPE NA SEMANA MUNDIAL DO BRINCAR E NA SEMANA DO FOLCLORE	360
MAYARA GOULART BRASIL; BRUNA LETICIA DA SILVA BUENO; BIBIANA DE MORAES DIAS; ISABELA MARIA SANTOS SILVA; ROSE ADRIANA DE ANDRADE MIRANDA; LILIAN LORENZATO RODRIGUEZ	
ENCORTE: DA UNIVERSIDADE PARA O CAMPO	366
NÁTALLI DOS SANTOS BRITTO; CAROLINA MACHADO SLEUTJES, MARIÊ WOLSKI CABRAL ; MORGANA MARTINS BITENCOURT; SAUL FONTOURA DA SILVA	
AÇÃO DE CAPACITAÇÃO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL JUNTO AO CENTRO DE ENSINO E EXPERIMENTAÇÃO EM EQUINOCULTURA DA PALMA (CEEPP)	370
NATÁLIA RIBEIRO PINTO; CASSIANO MORAES DORNELES; LETÍCIA DA SILVA SOUZA; RAFAELA PINTO DE SOUZA; BRUNA DOS SANTOS SUÑE MORAES; VITÓRIA MÜLLER ¹ ; BRUNA DA ROSA CURCIO	
APRESENTANDO O PROJETO VIVÊNCIAS TEATRAIS EM ESCOLAS	374
NAYLSON COSTA; VANESSA CALDEIRA LEITE	
INTERAÇÃO E INTEGRAÇÃO POR MEIO DO PIBID - UFPEL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DAS OFICINAS APLICADAS NAS TURMAS DE ENSINO FUNDAMENTAL II DO INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO ASSIS BRASIL	380
NESSANA DE OLIVEIRA PEREIRA; CAMILA BARBOZA CASTRO; THALISE BARBOSA RODRIGUES; CESAR AUGUSTO COUTO BITTENCOURT JUNIOR; KARINA GIACOMELLI	
ESTATÍSTICA NA ESCOLA	385
OTTO WEREMCHUK; MÁRCIO FOUCHY DOMINGUES; MARTA OLIVEIRA GUIMARAES; ELISIA RODRIGUES CORRÊA; GISELDA MARIA PEREIRA	
COMPREENSÃO DE SI MESMO, DO OUTRO E DA SOCIEDADE EM QUE VIVEMOS: REFLEXÕES SOBRE UM PROJETO DE EXTENSÃO DESENVOLVIDO NO INSTITUTO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO – PELOTAS/RS	390
PATRÍCIA DA SILVA LUIZ; DIRLEI DE AZAMBUJA PEREIRA; HELENARA PLASZEWSKI FACIN	
O LABORATÓRIO DE ENSINO DE HISTÓRIA: EM ÂMBITO DE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO	394
PATRÍCIA DUARTE PINTO; LISIANE SIAS MANKE	
DIVERSOS: RECORTES DA DIVERSIDADE NA UNIVERSIDADE	399
PAULAINÉ OLIVEIRA DE LIMA; LORENA ALMEIDA GILL	
CULTURA DE PARES: EXPERIÊNCIA NUMA ESCOLA DE PELOTAS	404
PAULO RENATO FERREIRA; ELEONICE RAUBACH RITA STAULLBAUM; ROGÉRIO WURDIG	
ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS E O ENSINO DE CIÊNCIAS E A ESCOLA	408
PRISCILA KRÜGER VOIGT; STHÉFANI BORGES BREGUE; RITA DE CÁSSIA MOREM CÓSSIO RODRIGUEZ; ROBLEDO DE LIMA GIL; VERONICA PORTO GAYER; FRANCELE DE ABREU CARLAN	
EXPERIÊNCIA EM LEITURA LITERÁRIA NA BIBLIOTECA ESCOLAR	414
RAFAELA CANEZ CAMARGO; CRISTINA MARIA ROSA	
INFÂNCIAS PERIFÉRICAS: A ESPERANÇA ATRAVÉS DA FRONTEIRA	420
RENATA BEHLING DE MELLO; BRUNA BORGES RODRIGUES; TATIANI MÜLLER KOHLS ; EWERTON DE MELLO SANTOS; FELIPE DA SILVA MARTINS; DENISE MARCOS BUSSOLETTI	
GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA – UMA PERSPECTIVA SOBRE AS ATIVIDADES DO PIBID UFPEL E A FORMAÇÃO DOCENTE	426
RENATA CABRAL DE OLIVEIRA; BRENDA RODRIGUES, PEDRO DE MOURA; ANA KLEIN	
SINDICATOS NO BRASIL: UMA ABORDAGEM NO ENSINO MÉDIO	430
SAMIRA MARQUES DA SILVEIRA; VERA LÚCIA DOS SANTOS SCHWARZ	
UM OUTRO OLHAR SOBRE A DITADURA CIVIL-MILITAR: CINEMA, FUTEBOL E HISTÓRIA	434
SINARA VEIGA FAUSTINO; CAROLINE SILVA; ELIZA SILVA; MARIA CAROLINA SOUZA; WILLIAM HALFEN; EDGAR ÁVILA GANDRA	

PROJETO HORTA ESCOLAR	439
TAIS DALLA NORA CARDOSO; CÂNDIDA CASAGRANDE; CAROLINA WACHHOLZ REICHOW; DAIANA BRANDT GRIEP; KLAUS MATHEUS EGEWARTH; DANIELLE RIBEIRO DE BARROS	
ACERVO DO COLÉGIO PELOTENSE - HIGIENIZAÇÃO, ORGANIZAÇÃO E PESQUISA	444
TAMIRES FERREIRA SOARES; MÁRCIA JANETE ESPIG	
PROJETO NOVOS CAMINHOS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA FORMAÇÃO ACADÊMICA.....	449
TAMIRES JARA GOULART; GILSENIRA DE ALCINO RANGEL	
CRIANÇAS COM HISTÓRICO DE FRACASSO ESCOLAR: UMA INTERVENÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL	453
THIAGO PINTO MOREIRA; MARIA LAURA DE OLIVEIRA COUTO; JANINE PESTANA CARVALHO; KAREN PEREIRA MOTTA; SILVIA NARA SIQUEIRA PINHEIRO	
“TUTORES: APRENDENDO A ENSINAR, DA DISCIPLINA DE PSICOLOGIA MÉDICA II NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. ”	458
THOMÁS HENRIQUE MAY BUOGO; ÁLVARO EIJI KUMM KURIYAMA; MARINA FRANZ; JOÃO ALBERTO SUCCOLOTTI DEUSCHLE; RICARDO MARCOS SCHIMDT; SANDRA GEHLING BERTOLDI	
A EXTENSÃO COMO DISCIPLINA: RELATO DISCENTE SOBRE IMPORTÂNCIA NA GRADUAÇÃO.....	463
ULI TRINDADE DE ALMEIDA; LUIZE SILVA MASCARENHAS; VERA LUCIA BOBROWSKI, BEATRIZ HELENA GOMES ROCHA, LUCIANA BICCA DODE	
PATRIMÔNIO VAI A ESCOLA: O CASO DE REPRESENTAÇÕES DA CHARQUEADA SANTA RITA, PELOTAS, RS.....	469
VALENTINA TOALDO BRUM; LUÍSA MOSSMANN; PEDRO DA SILVA STIGGER; LIGIA MARIA CHIARELLI; ADRIANE BORDA ALMEIDA DA SILVA	
ARTE E CARINHO: CRESCIMENTO COLETIVO.....	474
VANESSA MONTEIRO DA SILVA; BRUNA DAS ROSAS MENDES; GILBERTO BALBELA CONSONI	
DESMISTIFICANDO O CONHECIMENTO CIENTÍFICO E O SEU USO	478
VICTOR HUGO BARROS; LORENA ALMEIDA GILL	
PRATICANDO A DOCÊNCIA NUM CURSO DE ESPANHOL PARA VIAGENS	482
VIVIAN RECUERO RODRIGUES; ANA LOURDES DA ROSA NIEVES BROCHI FERNÁNDEZ	
A positivação da identidade negra a partir da prática teatral	487
WESLEY FRÓIS ARAGÃO; LUCIANE DOS SANTOS AVILA MARINA DE OLIVEIRA	





EDUCAÇÃO



UMA PROPOSTA DE REESTRUTURAÇÃO DO MANUAL DE ESTÁGIO PARA O CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA A DISTÂNCIA E PRESENCIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

AIANA SILVEIRA BILHALVA¹; MARCOS AURÉLIO DA SILVA²;
ALINE GOULART DA SILVEIRA³; LÚCIA RENATA DOS SANTOS SILVEIRA⁴;
KAUÃ SOARES DE CARVALHO⁵; SILVIA PRIETSCH WENDT⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – aiana_bilhalva@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – marcosmartins19952@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – alinegsilveira@live.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – luciarenata.silveira@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – kaua.carvalho.lam@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – silviacldmd@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho é realizado através do Projeto de Extensão: Grupo de Estudos em Formação Docente a Distância de Matemática – GEFDDiM – no qual o bolsista fará acompanhamento e registro dos grupos de professores e tutores de estágios dos cursos de Matemática presencial e a distância da Universidade Federal de Pelotas - UFPel - com reuniões periódicas, bem como nos encontros relacionados ao grupo e em outras ações do Laboratório Virtual Multilinguagens - LAM, projeto de ensino, extensão e pesquisa, no qual participam os seguintes cursos do EaD (Educação a Distância), e do presencial: Licenciatura em Matemática, Educação no Campo, Pedagogia, Espanhol, Licenciatura em Filosofia e Licenciatura em História, que fazem parte do projeto Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores - LIFE, da CAPES na UFPel.

O LIFE é o Programa de Apoio a Laboratórios Interdisciplinares de Formação de Educadores, da CAPES, consiste na união de subprojetos que visam promover a interação entre diferentes cursos de formação de professores, de modo a incentivar o desenvolvimento de metodologias voltadas para a inovação das práticas pedagógicas; a elaboração de materiais didáticos de caráter interdisciplinar; o uso de tecnologias da informação e comunicação – TICs e a articulação entre os programas da CAPES relacionados à Educação Básica.(EDITAL LIFE, 2012). Estes projetos citados, contam atualmente com a colaboração de bolsistas dos seguintes cursos: Licenciatura em Matemática, Pedagogia, Design Digital e Cinema.

O trabalho da bolsista do GEFDDiM tem como objetivo principal neste ano, escrever a versão 2017 do manual de estágio para os cursos de Licenciatura em Matemática a Distância (CLMD) e presencial, a partir do manual de 2015, modificando alguns pontos

onde não estava havendo um bom aproveitamento, que foram percebidos pelos professores de estágios. O manual será para auxiliar tanto o professor quanto o aluno da graduação, respondendo dúvidas que possam surgir antes e durante o estágio.

Caracteriza-se como extensão, pois irá fazer uma ligação entre a fala dos tutores do CLMD, Coordenadores dos polos, Professores dos Estágios CLMD, Professores dos Estágios e com os estudantes, os quais participarão de reuniões, com discussões sobre assuntos pertinentes, as legislações e resoluções sobre estágio. Utilizando o debate para auxiliar a escrita do Manual de Estágio 2017.

2. DESENVOLVIMENTO

O manual de estágio terá a seguinte estrutura: 1- Introdução: 1.1 - Breve histórico do CLMD – Curso de Licenciatura em Matemática a Distância, 1.2 - Breve histórico dos estágios do CLMD; 2- O que é estágio? (esta questão será respondida a partir das legislações de estágios); 3 - Quanto às instituições, Educação formal, Educação informal; 4 - Os estágios no CLMD, 4.1 - Estágio Curricular Supervisionado 1 – matemática do ensino fundamental, 4.2 - Estágio Curricular Supervisionado 2 – matemática do ensino médio, 4.3 - Estágio Curricular Supervisionado 3 – matemática na educação não formal, 4.4 - Estágio Curricular Supervisionado 4 – matemática na modalidade educação a distância; 5 - Das obrigações dos envolvidos nos estágios (a partir das legislações), 5.1 - Coordenação de Estágios, 5.2 - Supervisão de Estágios, 5.3 - Orientação de Estágios, 5.4 - As Instituições Concedentes; 6 - Documentação de Estágios (Legislação), 6.1 - Termo de Compromisso, 6.2 - Plano de Trabalho, 6.3 - Carta de Apresentação, 6.4 - Carta de Agradecimento; 7 - Avaliação de Estágio (Legislação); 8 - Etapas dos Estágios, 8.1- Observação, 8.2 - Monitoria, 8.3 - Regência de Classe; 9 - Planejamento, 9.1 - Planos de Aula, 9.2 - Projetos de Ensino, 9.3 - Planejamento em EaD; 10 - Novo Ensino Médio (Legislação).

Estes tópicos serão escritos pela bolsista do GEFDDiM, a partir de leituras sobre o Manual de Estágio 2015 (UFPel), Legislações de Estágios (Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação), Resoluções de Estágios (Universidade Federal de Pelotas, COCEPE - Secretaria dos Conselhos Superiores), relacionando todas as leituras com as discussões citadas anteriormente.

Este manual será produzido para orientar os estagiários e demais envolvidos nos Estágios Curriculares Supervisionados do Cursos de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Pelotas. A intenção é unir muitas visões sobre estágio, pois

cada pessoa envolvida tem ponto de vista e vivências diferentes, e as escolas e demais instituições trazem em suas realidades as peculiaridades dos estudantes e demais envolvidos em sua constituição, desta forma, espera-se que os estágios dos cursos de Matemática da UFPel, mediante o amplo debate e discussão, possam atender às diversidades existentes nas localidades onde são realizados os estágios.

3. RESULTADOS

O esboço do Manual 2017 contém os tópicos supracitados. A introdução terá um Breve relato Histórico do CLMD e um Breve relato dos Estágios do CLMD, no qual os professores do Curso a Distância, conterà a data de início do CLMD, data de início dos Estágios do CLMD e os professores serão responsáveis por fazer esses relatos no Manual 2017. Os tópicos: O que é estágio?; Das Obrigações dos Envolvidos nos Estágios; Avaliação de Estágio, serão escritos pela bolsista do GEFDDiM a partir de leituras feitas das seguintes Legislações e Resoluções: Lei nº 11788, de 25 de setembro de 2008; Resolução nº 03 de 08 de junho de 2009; Resolução nº 04 de 08 de junho de 2009; Resolução CNE/CP 1, de 18 de fevereiro de 2002; Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015. O tópico sobre o Novo Ensino Médio será escrito a partir, da leitura disponível no Portal do Ministério da Educação.

Os tópicos restantes: Os Estágios no CLMD, Estágio Curricular Supervisionado 1 – Matemática do Ensino Fundamental, Estágio Curricular Supervisionado 2 – Matemática do Ensino Médio, Estágio Curricular Supervisionado 3 – Matemática na Educação Não Formal, Estágio Curricular Supervisionado 4 – Matemática na modalidade Educação a Distância; Planejamento, Planos de Aula, Projetos de Ensino, Planejamento em EaD; serão reescritos a partir do Manual 2015 e de reuniões feitas com os tutores do CLMD, coordenadores dos polos, professores dos estágios CLMD, professores dos estágios presenciais e com os estudantes. Reajustando o Manual de modo que ele consiga abranger todas as modificações necessárias percebidas pelos envolvidos nos estágios.

As modificações iniciais serão na carga horária e na estrutura das disciplinas. No Manual 2015 eram quatro estágios: dois na Educação Formal e dois na Educação Não Formal – Ensino Médio e Ensino Fundamental; no Manual 2017, pretende-se reformular para quatro estágios: dois na Educação Formal – 200h, um na Educação Não Formal (oficinas didáticas) – 100h e um no Formato EaD – 100h. No Formato EaD o estudante terá acesso como professor a uma sala do Moodle - (Modular Object Oriented Dynamic Learning Environment).



A educação formal pode ser resumida como aquela que está presente no ensino escolar institucionalizado, cronologicamente gradual e hierarquicamente estruturado, e a informal como aquela na qual qualquer pessoa adquire e acumula conhecimentos, através de experiência diária em casa, no trabalho e no lazer. A educação não formal, porém, define-se como qualquer tentativa educacional organizada e sistemática que, normalmente, se realiza fora dos quadros do sistema formal de ensino (BIANCONI e CARUSO apud MOLTER et al, 2015, p. 8).

Também serão modificadas as formas de tutoria, pois a CAPES não fomenta os cargos de coordenador de estágios e tutor de estágios, deixando então de ter as figuras do orientador e coorientador de estágios no curso.

O Manual será escrito pela bolsista do GEFDDiM, acompanhado de professores responsáveis pelos Estágios dos Cursos de Licenciatura em Matemática da UFPel. A entrega prevista para o esboço do Manual é até dezembro de 2017, passando pelo bolsista do curso de Design Digital, no qual será colocado em um formato adequado, para então passar por uma revisão da orientadora do GEFDDiM.

4. AVALIAÇÃO

Mediante a escrita do esboço do Manual, vemos que as modificações em relação ao Manual de 2015 visa a atualização referente às Leis e Resoluções de Estágio, também coloca em movimento a integração entre todas as partes envolvidas, sendo estas os estudantes, tutores, professores e responsáveis pelas instituições nas quais os estágios ocorrem.

Até agora, o projeto serviu principalmente no preparo teórico do Manual, e no aporte para as discussões da equipe de estágios.

O GEFDDiM não visa apenas estudar as atividades de estágio, mas das diversas práticas docentes relacionadas. O Grupo de Estudos de Formação Docente em Matemática a Distância, é uma alternativa de discussão e produção de conhecimento entre estudantes, professores, tutores e responsáveis pelas instituições onde ocorrem os estágios.

A avaliação do projeto se dará mediante a finalização do Manual 2017, e na análise dos cumprimentos das metas do projeto, a partir das discussões entre estudantes, tutores, professores e responsáveis pelas instituições onde ocorrem os estágios.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n. 11.788, de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes.

COCEPE, UFPel. RESOLUÇÃO n. 03, de 08 de junho de 2009. Dispõe sobre os Estágios obrigatórios e não obrigatórios.

COCEPE, UFPel. RESOLUÇÃO n. 04, de 08 de junho de 2009. Dispõe sobre a realização de Estágios obrigatórios e não obrigatórios por alunos da UFPel.

BRASIL, CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, CONSELHO PLENO. RESOLUÇÃO CNE/CP 1, de 18 de fevereiro de 2002. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, CONSELHO PLENO. RESOLUÇÃO n. 2, de 1º de julho de 2015. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Ofício circular n. 10/2016/SE/CNE/CNE-MEC, de 16 de dezembro de 2016.

PIMENTA, S. G. O **Estágio na Formação de Professores: Unidade Entre Teoria e Prática?**. Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada, Faculdade de Educação da USP. Cad. Pesq., São Paulo, n.94, p.58-73, agosto. 1995.

MOLTER, A. et al. UFPel. INSTITUTO DE FÍSICA E MATEMÁTICA, CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA A DISTÂNCIA. **MANUAL DE ESTÁGIOS EM MATEMÁTICA.** 2ª ed. Pelotas, 2015.



COLECIONANDO SEMENTES, CONSTRUINDO SABERES: DO ENSINO UNIVERSITÁRIO AO BÁSICO

ALDO GIRARDI POZZEBON¹; WELITON MORAES BIRGMAN²;
TAIANE SOUZA KNEIP³; VERA LUCIA BOBROWSKI⁴;
BEATRIZ HELENA GOMES ROCHA⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – aldogirardipozzebon@outlook.com

²Universidade Federal de Pelotas – welitonbirgman@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – taiane.souza83@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – vera.bobrowski@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – biahgr@gmail.com – orientadora

1. APRESENTAÇÃO

Ao ser considerada apenas a relação dual entre o ensino e a extensão incorremos numa formação que se preocupa com os problemas da sociedade contemporânea, mas carece da pesquisa, responsável pela produção do conhecimento científico. Por sua vez, se associados o ensino e a pesquisa, se ganha terreno em frentes como a tecnologia, mas incorremos no risco de perder a compreensão ético-político-social conferida quando se pensa no destinatário final desse saber científico, a sociedade, e nessa proposta na mudança de atitudes em relação ao ensino. Por fim, quando a articulação entre extensão e pesquisa exclui o ensino, perde-se a dimensão formativa que dá sentido à universidade, a formação cidadã dos alunos envolvidos nesta ação (BOBROWSKI et al., 2016; MOITA; ANDRADE, 2009).

Em abril de 2016 teve início o projeto de ensino “GETEC - Grupo de Estudos e Trabalhos em ensino de Ciências”, sendo sua equipe constituída por docentes do DEZG/IB e acadêmicos dos cursos de Agronomia, Nutrição, Ciências Biológicas e Medicina Veterinária, que atuam em diferentes atividades: na execução e realização de ações de popularização da ciência, que integram comunidade e meio acadêmico, universitário e escolas da rede de ensino público e privado, participando também, em parceria com grupos de outros projetos, como monitoria, elaboração de material didático e de trabalhos para apresentação em eventos científicos.

Nesse contexto, o projeto permite a associação entre os aprendizes em um objetivo comum: o aprender. E este aprender não se resume apenas aos conteúdos relativos a fatos e conceitos (conceituais), pois o aluno, ao assumir compromissos, envolve-se com conteúdos procedimentais (ao elaborar aulas, experimentos ilustrativos, oficinas e mostras) e atitudinais.



Uma de suas ações é a mostra e/ou oficina “Sementes: a continuação da vida”, de caráter polivalente podendo ser aplicada para diversos níveis de ensino, diferentes faixas etárias, em escolas públicas ou privadas, e tanto para discentes como para docentes. A sua abrangência será a dos municípios próximos da Universidade Federal de Pelotas, como por exemplo: Pelotas, Jaguarão, Arroio Grande, Herval, Canguçu, Cerrito e Morro Redondo.

Portanto, a mostra e/ou oficina “Sementes: a continuação da vida” objetiva propiciar a integração dos alunos do ensino fundamental e médio da Educação Básica com o meio acadêmico universitário através de demonstrações práticas e teóricas, utilizando como tema gerador – sementes.

2. DESENVOLVIMENTO

Neste trabalho está apresentada a descrição da ação proposta como mostra científica para a Semana da Ciência e Tecnologia.

Desde o início do semestre letivo 2017/1, a equipe está mobilizada na elaboração da proposta e na preparação das atividades para a sua execução.

A coleção de sementes está constituída por exemplares de espécies cultivadas, silvestres, frutíferas, medicinais e florestais, processadas, acondicionadas em tubetes com tampa plástica, identificados e organizados. Esse acervo diversificado está constituído por mais de 60 tipos diferentes de sementes, sendo mantido no Laboratório de Genética (LabGen) do Departamento de Ecologia, Zoologia e Genética (DEZG) do Instituto de Biologia (IB).

A metodologia utilizada para sua apresentação tem a seguinte logística: as sementes, expostas em suportes de madeira serão trabalhadas por áreas temáticas: a) estrutura e aspectos morfológicos (tegumento, cotilédones, etc); b) variabilidade intraespecífica (forma, tamanho, cor, textura, entre outros); c) modos de dispersão; d) aspectos nutricionais para alimentação humana e animal; e e) aspectos ecológicos.

Abordagens sobre a composição química e o valor nutricional de determinadas sementes, relacionadas ao processo de polimento e industrialização, auxiliam a incentivar bons hábitos alimentares e a conscientizar sobre riscos de doenças causadas pela ingestão de certos produtos. Portanto, como as interações entre a educação básica e a educação universitária promovem a disseminação de princípios, ideias e fundamentos, espera-se construir conhecimento, visão crítica e auxiliar na postura para uma alimen-

tação mais saudável, intensificando o contato com a comunidade através das crianças e dos jovens.

Banners, evidenciando aspectos relevantes e de tamanho reduzido das sementes, serão dispostos ao redor das mesas para facilitar a explanação dos acadêmicos. Apresentação em PowerPoint e vídeos de curta duração também serão exibidos para a integração dos conteúdos abordados.

Caso o público seja variável em relação à faixa etária, uma adequação de linguagem ao nível de cognição dos participantes será adotada. Os tubetes contendo as sementes permanecerão fechados durante o Evento, permitindo o manuseio e a observação das amostras.

3. RESULTADOS

O material biológico da mostra foi obtido através de doações de pesquisadores melhoristas da Embrapa Clima Temperado e de professores/acadêmicos da Universidade Federal de Pelotas, e de aquisições no comércio local (Fig. 1).

Esta atividade será apresentada no corrente ano para alunos do Ensino Básico na Semana da Ciência e Tecnologia no evento de extensão da UFPel/Biotecnologia, sob a coordenação da profa. Dra Luciana Bicca Dode, o “IV Desafio Mural G-Biotec: Desbravando a ciência” (Fig. 2).



Figura 1. Ilustração do material biológico presente na coleção de sementes do projeto GETEC. Fonte: acervo do autor.



Figura 2. Convite para a mostra “Sementes: a continuação da vida” no evento “IV Desafio Mural G-Biotec: Desbravando a ciência” durante as comemorações da Semana da Ciência e Tecnologia.

A perspectiva, a partir da qual se trabalha é a de que tal compreensão determinará o modo como os estudantes se relacionam com o mundo; não como meros coadjuvantes, mas como partícipes ativos e transformadores. Espera-se através das ações do projeto contribuir para a formação diferenciada do aluno do ensino superior, preparando-o para o futuro exercício profissional e o exercício de sua cidadania.

4. AVALIAÇÃO

A análise da efetividade da ação será realizada a partir de uma abordagem qualitativa referente aos relatos dos participantes e oficinairos ao final da exposição e pelo número de visitantes à mostra científica.

5. REFERÊNCIAS

BOBROWSKI, V.L.; GONÇALVES, P.R.; ROCHA, B.H.G. A extensão universitária sob a perspectiva de licenciandos em ciências biológicas/ufpel. **Expressa Extensão**, Pelotas, v.21, n.1, p.116-132, 2016.



MOITA, F.M.G.S.C; ANDRADE, F.C.B. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissolubilidade na pós-graduação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.14, n.41, p.269-393, 2009.



A IMPORTÂNCIA DO RELACIONAMENTO INTERPESSOAL NO AMBIENTE DE TRABALHO COLETIVO E EDUCACIONAL

AMALIA GISLAINE PRATES HEBERLE¹; SANDRA IVANA GOMES VARGAS²;
LAÍS VAZ MOREIRA³; GILNEI FARIAS SOUZA⁴;
ANA PAULA SOARES GOUVÊA⁵; NORIS MARA PACHECO MARTINS LEAL⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – gislaine.heberle380@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – sandragvg@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – more-lais@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – souza8330gilnei@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – anapaula0812@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – norismara@gmail.com (orientador)

1. APRESENTAÇÃO

O objetivo desse texto é identificar a importância do relacionamento interpessoal no ambiente de trabalho educacional, a partir de experiências vivenciadas no Pré-Universitário Popular Desafio, ocorrendo interdisciplinarmente. Sendo este um espaço destinado à preparação de jovens para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), é importante que o trabalho realizado neste espaço tenha como resultado final a contribuição para o ingresso dos mesmos na universidade.

Tendo em vista que o relacionamento nestes ambientes é complexo, pois envolve o autoconhecimento, empatia, autoestima, cordialidade, ética e principalmente a comunicação. As ações realizadas no ambiente educacional refletem diretamente na organização, rendimento e aprendizado dos alunos, além de interferir no ambiente de trabalho (FRESCHI e FRESCHI, 2013).

Considerando o convívio interpessoal e a importância da socialização no ambiente de trabalho, o grande desafio para o ser humano é conciliar a cordialidade e a empatia. Se alguma relação não estiver equilibrada, faltará motivação e o trabalho ficará prejudicado.

Investigando a influência do convívio interpessoal e a importância da socialização no trabalho, entende-se que o relacionamento estimula o autodesenvolvimento, a aquisição de conhecimentos no âmbito do ensino, e colabora com o crescimento profissional, já que os trabalhadores do Pré-Universitário são acadêmicos de diferentes áreas de conhecimento, disseminando o conhecimento e experiências vivenciadas refletindo diretamente na formação destes universitários.

“Conhecer pessoas, processos de grupos, cultura organizacional e o modo como esses processos interagem entre si, passou a ser uma exigência essencial de qualquer gestor que almeje sucesso no mundo dos negócios e das organizações” (QUADROS; TREVISAN, 2009, p.15).

2. DESENVOLVIMENTO

O presente estudo trata-se de uma pesquisa teórico-reflexivo, para levantamento da produção do conhecimento. Para tanto, utilizou-se bases de dados bibliográficos obtidos via internet. A partir do levantamento bibliográfico acerca da temática, buscou-se estudos e pesquisas de diversos autores, tendo como objetivo apresentar as principais questões discutidas no âmbito das relações interpessoais no ambiente de trabalho educacional da instituição Desafio Pré Universitário.

3. RESULTADOS

Segundo Silva (1997) o termo “relações interpessoais” é muito amplo e precisa ser definido para ter operacionalidade, o mesmo conceitua o termo sendo uma relação entre indivíduos, necessariamente na existência de pelo menos duas pessoas. Para Leitão, Fortunato e Freitas (2006) o conceito de relacionamento interpessoal é ampliado ainda para o autoconhecimento, acreditando que quando uma pessoa conhece a si mesma, muitas portas se abrem o que facilita a comunicação interpessoal com outros membros do trabalho, que conseqüentemente reflete no aumento da produtividade.

No espaço educacional as relações são vistas, em sua maioria, como o convívio agradável, a troca de experiências e a possibilidade de contar com o outro nos momentos de dúvida e busca de possibilidades. Conforme Chiavenato (1992), os indivíduos se relacionam de acordo com seus objetivos individuais, pautado em sua história pregressa, sua forma de pensar, seus valores, crenças, tendências, sentimentos e suas atitudes.

São elencados alguns elementos que podem impulsionar o relacionamento interpessoal, sendo eles: liderança democrática, respeito, responsabilidade, assertividade, empatia, bom humor. Para que se obtenha êxito na prestação de serviços é de fundamental importância que a organização estimule seus colaboradores a desenvolverem suas habilidades de comunicação interpessoal, objetivando compreender e conviver melhor com os outros (LEITÃO, FORTUNATO E FREITAS, 2006).

Dito isso entende-se que o objetivo do estudo de identificar a importância do relacionamento interpessoal no ambiente de trabalho educacional foi alcançado, uma vez que podemos concluir que o ato de interação entre os indivíduos envolve diversas dimensões humanas, e no ambiente de trabalho essa experiência tende a ser ainda mais difícil, uma vez que envolve o convívio diário. No ambiente de trabalho as relações interpessoais são fruto dos processos de interação, bem como interações de personalidades, que são capazes de modificar o comportamento do indivíduo (FRESCHI e FRESCHI, 2013).

A comunicação é o fator de maior importância para os relacionamentos nos ambientes de trabalho, já que esta exerce um enorme poder no equilíbrio, desenvolvimento e expansão da organização, a eficácia desta é imprescindível para o bom funcionamento do ambiente de trabalho, pois quanto mais eficiente a comunicação, melhor as relações interpessoais, intersetoriais e inter-organizacionais e melhor o desempenho e a produtividade da organização (SILVA, NUNES E JUCHEM, 2008).

COUTRIM e HABERMAS (2010), “propõe então, como nova perspectiva para o conceito de razão: a razão dialógica, que brota do diálogo e da argumentação entre os agentes interessados, em uma determinada situação. É a razão que surge da chamada ação comunicativa, do uso da linguagem como meio de conseguir o consenso. Para tanto, é necessária uma ação social que fortaleça as estruturas capazes de promover as condições de liberdade e de não constrangimento, imprescindíveis ao diálogo”.

Portanto, as relações saudáveis são aquelas que apresentam equilíbrio, onde mesmo que haja um atrito, a equipe consegue entre si analisar de maneira objetiva e resolvê-lo, retornando para um estado de harmonia. Se instaurado um clima harmônico, positivo e de respeito, pode-se ter de volta um ambiente sadio e sem grandes turbulências, no entanto o contrário pode causar inimizades, impactando diretamente os resultados, desempenho, crescimento profissional e organizacional (TAVARES, COUTO E SILVA, 2012).



4. AVALIAÇÃO

Existem valores básicos que se devem disseminar no ambiente de trabalho, como transparência, respeito e responsabilidade propiciando um ambiente tranquilo e motivando os trabalhadores, então para que se tenha um ambiente harmonioso e cooperativo, se faz necessário administrar as emoções, controlar os impulsos, e aliviar a ansiedade. É imprescindível estabelecer relações empáticas, colocando-se um no lugar do outro, compreendendo e percebendo seus sentimentos, intenções e mensagens não verbalizadas (GOES E PASTRO, 2011).

Dadas as especificidades dos ambientes de trabalho, estudar e compreender os processos envolvidos com relacionamento interpessoal é uma problemática importante, considerando o impacto nos bons resultados com rendimento e produtividade no ambiente de educação. O presente estudo discorre um assunto de grande importância no âmbito da extensão, uma vez que a interdisciplinaridade promove a associação de diferentes áreas.

O presente estudo proporciona a reflexão acerca das relações interpessoais no ambiente de trabalho educacional, possibilitando para o grupo de trabalho considerar o impacto das relações interpessoais no ambiente. Acredita-se que os futuros acadêmicos que irão fazer parte da equipe de trabalho do Pré-Universitário Popular Desafio, compreendam que as interações nesse ambiente podem provocar mudanças na aprendizagem e rendimento dos alunos.

5. REFERÊNCIAS

COUTRIM, G. **Fundamentos da Filosofia**. São Paulo: Editora Saraiva, ano 2010.

CARDOZO, C. G; SILVA, L. O. S. A Importância do Relacionamento Interpessoal no Ambiente de Trabalho. **Revista Interbio**, v. 8, n. 2, p. 24-34, 2014. Acesso em: 09 Out. 2017. Disponível em: http://www.unigran.br/interbio/paginas/ed_anteriores/vol8_num2/arquivos/artigo3.pdf.

CHIAVENATO, I. Recursos Humanos. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1992.



FRESCHI, E. M; FRESCHI, M. Relações Interpessoais: A Construção do espaço. **Revista de Educação do EDEAU**, v.8, p. 1-13, 2013. Disponível em: http://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/20_1.pdf-Acesso em: 09 Out. 2017.

GOIS, P. H. de; PASTRO, I. I. RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO AMBIENTE DE TRABALHO: UM ESTUDO DE CASO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO PÚBLICO NA CIDADE DE FRANCISCO BELTRÃO-PR. *CAP Accounting and Management*, v. 2012, n. 5, 2011. Disponível em: <http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/CAP/article/view/1544> - Acesso em: 09 Out. 2017.

LEITÃO, S. P; FORTUNATO, G.; FREITAS, A. S. de. Relacionamentos interpessoais e emoções nas organizações: uma visão biológica. **Revista de Administração Pública**, v. 40, n. 5, p. 883-907, 2006. Acesso em: 09 Out. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/rap/v40n5/a07v40n5.pdf>.

SILVA, D. M. da; NUNES, L. de. A; ARAGÃO, N. A; JUCHEM, D. M. A importância do Relacionamento Interpessoal no contexto Organizacional. In: **CONVIBRA-Congresso Virtual Brasileiro de Administração**, 2008. Acesso em 09 Out 2017. Disponível em: <http://www.convibra.org/2008/artigos/2890.pdf>.

SILVA, J. M. **Curso moderno de Psicologia aplicada**. Brasília: Thesaurus, 1997.

TAVARES, W. M; COUTO, G; SILVA, R. L. F. C. Perfil de relações interpessoais e habilidades sociais de estudantes de Psicologia. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 3, n. 1, p. 75-92, 2012. Acesso em 09 Out 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S223664072012000100006.



A IMPORTÂNCIA DO PÁTIO DA ESCOLA: POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES

ANA CLAUDIA BATALHA ALVES¹; SIMONE SILVEIRA DA SILVA²;
TÂNIA RÖSSLER³; ROGÉRIO COSTA WÜRDIG⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – batalhaordalio@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – simonesilveira.s16@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – santanrossler@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – rocwurdig@hotmail.com

1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem como base as observações, práticas e reflexões ocorridas durante o Projeto de Extensão Brincando na Escola, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (FaE/UFPeL), numa turma de 2º ano, com dezoito crianças entre sete e oito anos de idade. O referido projeto foi realizado no segundo semestre de 2016, totalizando 60 horas, em uma Escola Estadual de Ensino Fundamental Incompleto, localizada no centro da cidade de Pelotas-RS. Este é um projeto que tem a orientação do professor Rogério Würdig e é desenvolvido por ele semestralmente, sendo esta uma das escolas participantes do mesmo. O conceito de brincar que utilizamos aqui encontramos em BROUGÉRE (1998) in ALMEIDA (2012, p. 19), que postulou que: “Brincar não é uma dinâmica interna do indivíduo, mas uma atividade dotada de uma significação social precisa que, como outras, necessita de aprendizagem.”

Acreditamos que o pátio da escola é um lugar que deve ter sua arquitetura pensada para o livre brincar das crianças, porém não foi o que encontramos nessa escola pública. Este foi um dos fatores que dificultou bastante nosso trabalho, isto é, brincar semanalmente com as crianças por cerca de trinta minutos. O pátio cimentado e sem atrativos para o brincar funcionou como um impedimento para compartilharmos/apresentarmos algumas brincadeiras.

Inspiradas na sugestão de WÜRDIG e VALÉRIO (s/d, p.8) que para brincar mais na escola é importante “reconhecer o espaço físico da escola e da vizinhança (disponível e seguro), identificando possibilidades de brincadeira e de transformação do espaço, tornando-o mais lúdico”, fizemos um breve reconhecimento do espaço da escola para, então, adaptarmos o nosso repertório de brincadeiras. Além disso, percebemos que na escola havia poucos materiais disponíveis, resumidos à corda, bola e bambolês.

Em relação a isso, EMMEL (1996, p. 4) explica que:

Na maioria das escolas o que se vê são pátios, ou pequenos, ou sem planejamento algum para quaisquer brincadeiras, reservando à criança pouquíssimas opções de uma expansão maior de seu corpo em conjunto com sua mente, restando muitas vezes as possibilidades únicas de alimentar-se e conversar com colegas. Nesta conjuntura, em nome da aprendizagem, da criança é retirado o direito de ser criança. As brincadeiras passam a ser atividades indesejadas e até mesmo proibidas, relegando-se a um plano ínfimo todo o seu importante papel no desenvolvimento cognitivo, motor, social e emocional da criança.

O pátio da escola, neste sentido, precisa ser pensado como estimulador do brincar, transmitindo segurança para a realização das mais diferentes atividades. Para tanto, a sua estruturação deve constar do projeto político pedagógico da escola.

2. DESENVOLVIMENTO

No primeiro contato com as crianças procuramos conhecê-las e realizar, através de desenhos, um pequeno levantamento das brincadeiras preferidas e daquelas que costumavam brincar na escola. A partir daí combinamos com a turma que brincaríamos, assim que possível, com as brincadeiras desenhadas e com outras diferentes, escolhidas por nós, as professoras brincantes, para que pudessem ampliar o repertório lúdico.

Inicialmente, o planejamento das aulas brincantes priorizou o novo, isto é, as brincadeiras que não eram conhecidas pelas crianças, mas que de alguma forma pudessem diverti-las, respeitando as características da turma. Ao mesmo tempo em que tentamos eliminar as competições, investimos nas brincadeiras que objetivavam a cooperação, o afeto ou simplesmente a diversão das crianças. Dentre elas citamos: passa anel, cabo de guerra, bola por cima, bola por baixo, passa passará, estoura balão com a barriga, basquete, futebol, escravos de Jó e passando o bambolê, etc. Durante o desenvolvimento do projeto, a turma sugeriu brincadeiras que eram realizadas de acordo com as possibilidades do tempo, do espaço e das interações.



3. RESULTADOS

Observamos que as limitações impostas pelo espaço impediram a realização de uma série de atividades, porém também percebemos que as crianças, a seu modo, já estavam adaptadas àquele espaço e, por isso, participaram de todas as brincadeiras propostas. Talvez as preocupações com espaço fossem muito mais nossas do que delas, já que pesava sobre os nossos ombros a responsabilidade de preservar a integridade das crianças. Ao mesmo tempo, seguindo o objetivo do projeto, queríamos transformar aquela meia hora da aula de brincadeiras em um momento de diversão e prazer.

Acreditamos que esse sentimento diga um pouco sobre a visão que temos de escola, da infância e do brincar. De acordo com nossas concepções, o espaço deveria ter destaque na organização escolar. Embora a existência de brinquedos (ou não) não represente fator determinante para a realização das brincadeiras, pode servir como um estímulo para a exploração do espaço e para a interação com o outro, tão importante para o desenvolvimento social e intelectual das crianças. As crianças também reconstroem sua visão de mundo a partir destes breves momentos de interação com o outro. No confronto com valores aprendidos em casa e na escola, têm a possibilidade de reconstruí-los. ALMEIDA (2012, p. 19) reforça essa ideia, dizendo que “nenhuma criança brinca só para passar o tempo. Quando brinca, ela o faz sempre por um desejo de compreender e reconstruir o mundo”.

Com relação à escola, consideramos que o formato do pátio traduz, de certa forma, uma visão de escola como espaço para o desenvolvimento das atividades tradicionais de sala de aula, no qual o momento do recreio se constitui apenas como momento de “descanso das atividades dirigidas e não como forma de socialização e integração da criança” (KISHIMOTO, 2001, p. 238).

A escola é um espaço de escolarização, porém não podemos nos esquecer da importância que tem o pátio para as crianças. É nele onde elas irão, nos poucos minutos destinados ao recreio, exercer sua liberdade de brincar. Acreditamos que a estruturação do pátio - com o objetivo de torná-lo mais apropriado para as brincadeiras das crianças - acarretaria num ganho para o seu desenvolvimento social, pois é através das brincadeiras que elas interagem com os outros. De acordo com BROUGÈRE (1997, p. 105),

à criança não brinca em uma ilha deserta. Ela brinca com as substâncias materiais e imateriais que lhe são propostas, [...] e, ao contrário do que pensam alguns educadores, o brinquedo não é um condicionante da brincadeira, eles apenas as orientam.



KISHIMOTO (2001, p. 238) relata que “o modelo da escolarização, com suas normas e regras, exerce uma “violência simbólica” (BIARNÉS, 1999), desrespeitando as necessidades infantis”. Tais necessidades seriam facilmente atendidas através de um trabalho de qualificação lúdica do espaço escolar.

4. AVALIAÇÃO

As crianças são seres brincantes. Percebemos isso nos inúmeros encontros que tivemos com a turma ao longo do projeto. Elas têm vontades e jeitos próprios de brincar; brincam quando propomos e também quando não propomos. Nossos registros mostram a alegria de cada uma no momento das brincadeiras. Por esse motivo, é imprescindível pensarmos em espaços mais seguros e atrativos para o exercício pleno da natureza infantil onde o brincar tem um lugar privilegiado.

As crianças são protagonistas da escola no Ensino Fundamental e, como tal, precisam assumir seu lugar. Acreditamos que suas particularidades relativas às formas de socialização e aprendizagem precisam ser respeitadas. Entendemos que ser criança implica, não exclusivamente, em relacionar-se com o mundo de forma lúdica. Nesse sentido, é inconcebível que os espaços que elas ocupam na escola não atendam tais necessidades de ludicidade.

5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lucila. **Interações: crianças, brincadeiras brasileiras e escola**. São Paulo: Blucher, 2012, p. 13-37.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1997, p. 50-60; 89-109.

EMMEL, Maria Luísa Guillaumon. **O pátio da escola: espaço de socialização**. Ribeirão Preto: Paidéia, Fev/Ago 1996. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1996000100004>
acesso em 19/02/2017.



KISHIMOTO, Tizuko Mochida. **Brinquedos e Materiais pedagógicos nas escolas infantis**, 2001. (cópia xerografada)

WÜRDIG; Rogério Costa; VALÉRIO, Mirela. **Dicas para brincar mais com as crianças na escola**. s/d .(não publicado). Pelotas: FaE/UFPel.

PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL

ANA PAULA OGLIARI CASAGRANDE¹; MATEUS ARMAS²;
JOSIAS PEREIRA³

¹UFPEL – anaogliaric@gmail.com

²UFPEL – mateusarmas@gmail.com

³UFPEL – josiasufpel@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O presente resumo tem por principal objetivo explicitar os resultados obtidos pela atual formatação de atuação do projeto de extensão componente do curso de cinema e audiovisual, de alcunha Produção de Vídeo Estudantil, que estima, sucintamente, o que se descreve em seu título. Sua atuação se dá em algumas cidades do estado do Rio Grande do Sul e procura englobar todas as áreas que compõem a feitura de um vídeo, formatadas de forma simples para a aplicação de tal em escolas de qualquer nível de formação como também para alunos de qualquer faixa etária. Pensado de forma processual, a primeira etapa visa capacitar os professores de qualquer área interessados nas competências: roteiro, gravação, produção, direção e edição por meio de oficinas presenciais e a distância. Os professores então capacitados repassam as informações para suas turmas que produzem, enfim, os vídeos com temas livres. Como uma forma de prolongar a vida dessas produções e mais ainda envolver a comunidade, é proposto a realização de um festival competitivo.

O processo do festival está como uma forma de utilização do cinema enquanto elemento de encantamento que cativa os jovens para um uso efetivo da tecnologia dentro da sala de aula em favor de uma atividade de fim pedagógico e multidisciplinar, que dessa forma proporciona protagonismo para alunos de diferentes habilidades e inteligências.

Até o dado momento o festival, funciona de forma sistemática, anualmente nas cidades de Capão do Leão, São Lourenço e Rio Grande, com apoio direto do projeto e apoia a realização nas cidades de São Leopoldo, Guaíba e Irani. O canal no *YouTube* do projeto, conta hoje com 21 mil inscritos e 12 milhões de acessos em webséries e videoaulas de diferentes formatos voltadas para aluno e professor em diferentes enfoques e linguagens empregadas.



2. DESENVOLVIMENTO

A capacitação é proposta por meio de oficinas teórico-práticas pensadas para os professores, em uma intenção de prolongamento das ações, em grande aproximação com as Secretaria Municipal de Educação (SMED) de cada cidade e suas articuladoras que intermediam a proposta nas escolas da rede ao apresentar e viabilizam os encontros para formação. Pela distância geográfica, notou-se a necessidade de produção de material de vídeos educativos sobre o tema em diferentes linguagens para um melhor rendimento, todo o acervo disponível no canal do *Youtube* do projeto por ser um suporte com o qual os alunos possuem grande intimidade. Ainda sobre os professores o foco das ações é muito mais sobre as ações pedagógicas efetivamente do que informações técnicas pelo conhecimento de ser o maior problema de implementação também por, muitas vezes, o projeto ser protagonizado pelos estudantes na totalidade, necessitando apenas do estímulo e referencial.

O cinema é repensado para caber em um vídeo e as grandiosas câmeras dão espaço aos pequenos celulares, tudo na intenção de maior democratização de todos aspectos sem perda dos atrativos da proposta, e não somente. O projeto, ao mesmo tempo, dá conta de um grande gargalo da educação atual: a utilização da tecnologia de forma efetiva enquanto suporte para pedagogias alternativas.

3. RESULTADOS

Relataremos uma das ações ocorridas no ano de 2016, quando a Universidade Federal de Pelotas por meio do projeto de extensão “Produção de vídeo escolar” e do coordenador de tal Josias Pereira, propôs à SMED de Capão do Leão realizar o festival de vídeo estudantil na cidade. A gestão da época, Suellen Cunha, indicou a professora Izabel Cristina para ser a responsável por organizar o Festival com o apoio do projeto de extensão. Com o acordo, foi dimensionada a capacitação docente que envolveu 15 professores e resultou em 23 vídeos de seis escolas diferentes. O projeto teve duração de 10 meses entre oficinas e a cerimônia de premiação e notável envolvimento e interesse.

Os vídeos resultantes, para além de quesitos técnicos (o que raramente é relevante) foram admiráveis pelas temáticas abordadas. Muitos discutiam questões de gênero, orientação sexual e violência. Tudo isso reflete a convicção de que o jovem quando tem para si o suporte adequado faz o uso relevante, como representar o meio que o cerca de forma crítica.



Para além desse fator, está a catarse proporcionada pela produção do vídeo em si mesmo, pela emancipação em relação a hierarquia e pragmatismo comum da sala de aula, como refletido nos depoimentos de duas alunas:

“A diferença é que na sala de aula temos que seguir as regras dos professores e com o vídeo são as nossas regras nosso tempo. E ficou muito bom, na escola os professores que mandam aqui somos nós”

“Dentro da sala de aula as ideias não são nossas, nesse projeto sim são nossas ideias, é a nossa cara, somos nós”

4. AVALIAÇÃO

Com um dos reflexos do processo de globalização, um celular que possibilita minimamente captar imagens, seja no formato de foto ou vídeo, é um item básico para a maioria da população e junto (e devido) a isso as redes sociais mais populares como o *Instagram*, *Facebook*, *Snapchat*, e as que precederam essas, tem em si integrada tal ferramenta. Tais fatos podem ser considerados decisivos para a reverberação de discussões importantes socialmente e de transformação também de alguns paradigmas anteriormente postos, como por exemplo, tornar trivial a produção de vídeos narrativos ou não por qualquer pessoa em qualquer condição, e essas condições também são principalmente responsáveis pelo estímulo ao sujeito para transmissão e exposição de suas próprias histórias, criações e posicionamentos. “Que o anônimo seja não só capaz de tornar-se arte, mas também depositário de uma beleza específica, é algo que caracteriza propriamente o regime estético das artes”. (RANCIÈRE, Jacques, 2014. p. 47).

Uma vez que a produção é modificada o consumo por sua vez também é, com isso novos formatos de tela e de narrativas são postos como norma e, portanto, naturalizados pelo público consumidor; tais relações afrontam a ideia, antes tida como definitiva, de um sistema natural de leitura de imagem e de uma determinada estética inquestionável, e finalmente, resulta em consideráveis alterações na composição das que seguem. Esse panorama define um campo propício para inúmeras inovações no campo da direção, sobretudo a inclusão de pessoas não necessariamente do ramo do cinema, mas que conseguem encontrar nele uma ferramenta de expressão e até de denúncia, como observa a autora ao afirmar que a cultura na qual estamos inseridos é audiovisual.



A cultura contemporânea é audiovisual não tanto pela abundância e heterogeneidade de vídeos em circulação, mas pela oportunidade que as máquinas de vídeo oferecem a qualquer usuário médio de participar da experiência audiovisual, de protagonizar cenas da cultura [...]. (KILPP, Suzana, 2010. p. 24).

5. REFERÊNCIAS

SILVA, A. R. ROSÁRIO, N. KILPP, S (Orgs.). Audiovisualidades da cultura. Porto Alegre: Entremeios, 2010. 1v.

RANCIÈRE, J. A partilha do sensível: estética e política. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO Experimental org. Editora 34, 2005.



MUSICALIZAÇÃO DE BEBÊS E TEA

ANDRÉIA LANG¹; GABRIELA CINTRA²; TAMIÊ PAGES³;
NICOLE RIBEIRO⁴; LEIDIANE FEIJÓ⁵; REGIANA WILLE⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – andreiaslang@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – gaabicintra@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – tamiecamargo@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – ribeirocoa@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – leidianesouzafeijo@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – regianawille@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O Laboratório de Educação Musical (LAEMUS), localizado no Centro de Artes II, faz parte do curso de Música - Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas e nele são desenvolvidas atividades pedagógico-musicais à comunidade. Dentre os projetos de extensão desenvolvidos no laboratório, destacamos a Musicalização para Bebês. Trabalhando com quatro turmas de faixa etária entre 3 meses à 3 anos, o projeto conta com uma coordenadora e seis monitores, tendo como objetivo estimular a musicalidade dos bebês através de atividades que trabalhem o canto, percepção, movimentos corporais e exploração de instrumentos percussivos.

O projeto é aberto à comunidade e desde o ano de 2014 teve grande procura de pais com filhos diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA), gerada a partir da indicação de psicólogos e fonoaudiólogos que acompanham os bebês com TEA em suas respectivas terapias. O principal motivo da indicação é que a maioria das atividades de estimulação realizadas pelos/com os bebês autistas são estruturadas com psicólogos, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, entre outros, através do projeto eles podem ter contato com outros meios além desses. Sendo esta procura continuada observamos a importância de trabalhar e pesquisar estudos e alternativas voltados para o TEA e sua relação com a educação musical. Segundo Louro (2006),

Não é necessário, portanto, reservar o ensino de música para pessoas com deficiência somente a instituições especializadas ou direcioná-las unicamente com intenções terapêuticas, pois assim estaremos negando o princípio da inclusão social de um contingente expressivo de alunos e, quem sabe, possíveis profissionais da música. Portanto,



as escolas e os professores de música precisam estar sensíveis e preparados para compreender a diversidade de nossa população (p. 30).

O autismo é um distúrbio do desenvolvimento humano que vem sendo estudado pela ciência há quase seis décadas, mas sobre o qual ainda permanecem, dentro do próprio âmbito da ciência, divergências e grandes questões a responder. O autista nasce com um transtorno neurobiológico, ou seja, uma alteração no desenvolvimento que faz com que ele tenha dificuldades no relacionamento com as pessoas e com o ambiente onde vive. Ele precisa, assim, de ajuda para se desenvolver e superar suas limitações. Considerando a importância do estímulo aos bebês com Espectro Autista e de sua inclusão, bem como a importância que tal projeto tem para o desenvolvimento cognitivo e musical dos bebês, baseamos nosso relato nos encontros que ocorreram durante o primeiro semestre de 2017 e apresentamos alguns resultados alcançados até o momento.

2. DESENVOLVIMENTO

As aulas do projeto de Musicalização de bebês acontecem uma vez na semana com duração de 30 minutos. Os bebês são acompanhados pelos pais e, estimulados por eles, que também participam das atividades musicais. As aulas estruturam-se na seguinte ordem:

1. Canto de início: boas vindas aos bebês;
2. Hora do canto: momento que permite a criança se expressar de acordo com o ritmo e a canção proposta;
3. Expressão corporal: consiste em atividades que irão trabalhar a forma de expressão não verbal e coordenação motora;
4. Percussão corporal: Movimentos e batidas no corpo sem locomoção;
5. Brinquedo projetivo: objetiva exercícios que os responsáveis realizam com os seus bebês;
6. Movimento sem locomoção: atividade que auxilia na percepção e interiorização da pulsação da música;
7. Movimento com locomoção: bebês acompanham as marchas, os saltos, os galopes, etc;
8. Socialização: objetiva a utilização da música como aliada no ensino de regras,

mostrando seus limites de uma forma natural;

9. Danças e cirandas: movimentos corporais geralmente simples;

10. Conjunto de percussão: atividades nas quais os bebês tocam os instrumentos ou brinquedos sonoros;

11. Canto de Relaxamento: objetiva relaxar e acalmar os bebês para finalizar as atividades;

12. Canto de despedida: referência para o bebê que a aula chegou ao fim.

A estrutura das aulas ocorre sempre da mesma forma. São modificadas as canções que serão reproduzidas e os instrumentos que serão apresentados, de forma a relacionar diversos aspectos musicais. Por conta de uma pequena diferença de idade entre as turmas de segunda e terça (eles possuem um ano de diferença) há algumas alterações nas atividades para acompanhar o desenvolvimento dos bebês maiores. As aulas seguem uma rotina, para que os bebês saibam quando inicia a aula, o que irá acontecer em seguida e quando a aula está se encaminhando para o fim. Isso é importante especialmente para os autistas, que precisam do conforto da ordem para que adquiram segurança e apoio para se expressarem musicalmente.

As aulas são planejadas levando em consideração todos os bebês participantes, cada um com suas especificidades. As atividades muitas vezes não revelam resultados imediatos, mas sim uma construção da musicalidade dos bebês que vai sendo demonstrada ao longo das aulas, e até mesmo fora delas, em casa por exemplo. É importante ressaltar que o objetivo do projeto com os bebês é possibilitar a eles vivências musicais que contribuam para o seu desenvolvimento musical e social e não que saiam do projeto tocando algum instrumento. Neste período em que tudo é novidade, rápido e intenso é importante que eles explorem os instrumentos, cantem, utilizem a imaginação e se integrem ao fenômeno musical.

3. RESULTADOS

Desde o começo do ano até o momento foram um total de 13 aulas e são previstas ainda em torno de 11 aulas até o final do ano. Nas 13 aulas já realizadas é perceptível o desenvolvimento dos bebês, tanto os que estão desde o ano passado quanto os que chegaram esse ano. É importante levar em consideração essa diferença no tempo de participação de cada criança, pois conta muito para o desenvolvimento musical que es-



tamos buscando. Cada bebê tem o seu tempo e a sua maneira, especialmente os bebês com TEA. Nas turmas de segunda e terça temos dois bebês autistas, um em cada dia, e os dois entraram esse ano.

Pelo fato de serem ainda muito pequenos, os bebês muitas vezes não realizam as atividades logo nas primeiras aulas. A repetição das atividades possibilita que eles se familiarizem e respondam ao que é proposto assim que estiverem prontos. Um exemplo disso é a atividade em que são utilizados brinquedos (bichinhos, fantoches), assim que termina a canção estes são recolhidos e guardados, no começo foi difícil para os bebês entenderem e realizarem a atividade. Conforme as aulas foram acontecendo esse processo foi se desenvolvendo e logo todos estavam participando.

Todas as atividades são pensadas de acordo com a estrutura apresentada anteriormente. Nela são previstas atividades que trabalham conteúdos musicais específicos, como pulso, ritmo, percepção, além de trabalharem questões motoras e cognitivas. Enquanto esses conteúdos são trabalhados, outros temas estão sendo destacados, como por exemplo a troca e o compartilhamento de brinquedos e instrumentos, a socialização e a afetividade principalmente entre o bebê e seus pais e/ou cuidadores.

Visto que o projeto de musicalização de bebês está em andamento, seus resultados também estão, e, mesmo ao final deste ano o resultado não estará finalizado, visto que a musicalização é um processo que não é medido pelo tempo em que duram as aulas. Assim, apresentamos aqui alguns resultados parciais das turmas de musicalização de bebês.

4. AVALIAÇÃO

A musicalização de bebês é muito importante, pois auxilia as crianças no desenvolvimento das habilidades perceptivo-musicais, assim como no desenvolvimento motor, cognitivo, social, da atenção, da memória, sistemas de ordenação sequencial e espacial, além de fortalecer a relação e o afeto entre as pessoas (ILARI, 2005). Visto isso, o projeto de musicalização de bebês se preocupa com as necessidades que cada bebê possui, os acadêmicos envolvidos estudam e adaptam as atividades para que estes consigam se desenvolver musicalmente de forma lúdica e prazerosa.

Ao trabalharmos com crianças que foram diagnosticadas com TEA, tencionamos que as experiências musicais ocorram para que esse aluno/bebê autista pudesse desenvolver e experimentar tudo que a música pode oferecer, assim como para todos os



outros. Destacamos, que o autista precisa de muito amor, carinho e atenção como qualquer bebê. Ele deve ser respeitado, incluído no meio social e estimulado a acreditar em seu potencial.

5. REFERÊNCIAS

ILARI, Beatriz. A música e o desenvolvimento da mente no início da vida: investigação, fatos e mitos. **Anais...** do 1º Simpósio Internacional de Cognição e Artes Musicais. Curitiba, 2005. p. 54-62.

LOURO, Viviane dos Santos. Educação musical e deficiência: propostas pedagógicas. São Paulo: Ed. do Autor, 2006.



PROJETO DE EXTENSÃO TEMÁTICA INDÍGENA: DIVERSIDADE DE SABERES

ANDRESSA SANTOS DOMINGUES¹; LORI ALTMANN²

¹Universidade Federal de Pelotas – andressadrm@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – lori.altmann@yahoo.com

1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho tem o intuito de apresentar as ações que foram realizadas durante os anos de 2016 e 2017 pelo Projeto de Extensão *Temática Indígena: diversidade de saberes*, em andamento desde o ano de 2013, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Lori Altmann, desenvolvido no Núcleo de Etnologia Ameríndia (NETA), junto ao Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) com parceria do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas do Colégio Municipal Pelotense (NEABI CMP). O Projeto tem como objetivo propiciar uma experiência de construção conjunta de conhecimentos entre participantes do NETA, professores/as, alunos/as de graduação e pós-graduação dos cursos de Antropologia, Ciências Sociais e História e professores/as de escolas da rede pública de ensino.

A partir das temáticas de educação e cultura, a proposta foi construída com base em uma resposta emergente de incentivo a uma reflexão sobre o plano político-pedagógico das Instituições de Ensino. Essa iniciativa está amparada pela Lei 11.645/08 (BRASIL, 2008, art. 01), em que se busca a difusão dos saberes de forma a incentivar a valorização e o respeito às especificidades e diversidades culturais dos povos originários do Brasil. Ou seja, de forma com que esses saberes ancestrais, portanto referente à cultura tradicional, mesmo que ressignificados, aproximem as mais diversas formas de viver e sentir o mundo.

Nesta perspectiva, desde o ano de 2013 o Projeto vem trabalhando em diferentes escolas no intuito de subsidiar as discussões sobre interculturalidade, propiciando o ato reflexivo de conhecimentos transmitidos em sala de aula a partir da visão indígena sobre seus povos e sua cultura, bem como KRONBAUER e STRÖHER (2009) apontam para a importância e o desafio de uma educação que promova a convivência na diversidade em atividades de formação de professores/as.

O Projeto parte com a finalidade de atingir, primeiramente, o setor que media a transmissão de conhecimento, ou seja, os/as docentes, por meio de um programa de



formação que busca a troca de conhecimento entre universidade e comunidade, propiciando uma experiência de construção conjunta entre participantes do NETA - professores/as, alunos/as de graduação e pós-graduação - e professores/as de escolas da rede pública de ensino.

O programa de formação favorece uma renovação do processo de ensino-aprendizagem para além de uma perspectiva individualista. A articulação do Projeto foi pensada, então, de forma a explorar formas mais dinâmicas de compartilhamento dos saberes, num intercâmbio entre universidade, escola e comunidades indígenas de Pelotas e região. Este processo de troca prevê uma reflexão para a superação de paradigmas criados sobre os povos originários que constroem, junto à nós, a história da população brasileira.

Assim, serão expostos aqui as principais ações que foram desenvolvidas durante a formação de professoras e professores junto ao CMP durante a segunda fase do Projeto. Dentre elas foi possível realizar duas edições da *Exposição em Imagens, artefatos e artesanatos: diversidade Indígena no Brasil*, no salão do CMP, uma visita à Aldeia Indígena Kaingang Gyró, localizada na região da Cascata – Pelotas/RS, e uma oficina de formação na temática realizada no Colégio João XXIII.

2. DESENVOLVIMENTO

O Projeto foi desenvolvido a partir de uma metodologia participativa em que as pessoas envolvidas estavam presentes durante todo o processo. Ou seja, a construção do Projeto, o andamento e a avaliação passou por uma discussão e aprovação consensual, sendo possível a colaboração de todos/as na apresentação e no diálogo das propostas para a execução de cada etapa.

O grupo contava com cerca de oito estudantes voluntárias/os de graduação e pós-graduação em Antropologia, História e Medicina, além de colaboradores docentes do Colégio Municipal Pelotense. Em 2016 contou com dois estudantes bolsistas graduandos, uma da Antropologia e um indígena da Medicina. Sendo que em 2017 apenas uma bolsista do bacharelado em Antropologia.

Como parte da realização do Projeto, o grupo que o pensa elencou práticas culturais que foram aplicadas no CMP, como: a utilização de documentários dirigidos pelos próprios indígenas; ciclos de debates semanais sobre a diversidade sociocultural dos povos indígenas com professoras/es da Universidade; palestra com indígenas das etnias



Tuxá (Leonardo Christian da Silva Maia) e Kaingang (Cacique Alcir Salvador), durante a Exposição de Artesanato e Artefatos Indígenas, sendo a primeira edição realizada em outubro de 2016 e a segunda edição em abril de 2017; e visita à Aldeia Kaingang em maio de 2017.

A Exposição, com a duração de 3 dias em 2016 e de 6 dias em 2017, aberta nos três turnos, contou com mais de 40 artefatos de diversos povos indígenas do Brasil da coleção pessoal da Professora Lori Altmann e Roberto Ervino Zwetsch, banners explicativos de 4 etnias, dentre elas Mbyá Guarani, Kaiowá, Kaingang e Xokleng, disponibilizado pelo Conselho de Missão entre Povos Indígenas (COMIN), com sede em São Leopoldo/RS.

Dentro da perspectiva de trabalhar a diversidade e a interculturalidade, a multiplicidade de atividades foi essencial para tornar mais atrativas e dinâmicas as temáticas abordadas durante sua execução. Essas ações contribuíram para trazer à luz o conteúdo debatido durante o ano, de modo a se pensar numa superação de imagens estereotipadas dos povos indígenas e o reconhecimento das especificidades de cada povo.

O Curso foi concluído em dezembro de 2016, mas enquanto avaliação final das/os participantes, foi sugerida uma apresentação de trabalhos aplicados às turmas das/os professoras/es realizada em junho deste ano, bem como a entrega de uma lauda avaliativa do Projeto.

3. RESULTADOS

Desde o ano de 2013 o Projeto vem trabalhando junto a escolas no intuito de subsidiar as discussões sobre interculturalidade, buscando aproximar o conhecimento transmitido com a própria visão indígena sobre seu povo e cultura. Em 2017 o Projeto, nesta fase em parceria com o NEABI CMP, desenvolveu um processo semelhante às atividades de formação de professores/as, dos anos iniciais, realizadas anteriormente, aprimorando-as com a participação de palestrantes docentes da UFPel e FURG e de indígenas das etnias Tuxá e Kaingang.

Na Exposição de 2017, que ocorreu durante a semana dos povos indígenas em abril, tivemos a participação de turmas da escola não contempladas na edição anterior, sendo também bastante elogiada por professoras/es que retornaram a visitá-la. As palestras dos indígenas em duas noites do evento foram primordiais para o compartilhamento de saberes e de vivências sobre seus povos. Foi publicada uma reportagem no

Jornal Diário da Manhã¹ escrita pelo repórter Carlos Godoy, divulgando o projeto para a comunidade de Pelotas e região.



Exposição em Imagens, artefatos e artesanatos: diversidade Indígena no Brasil. Abril de 2016.

A proposta de visita a Aldeia Kaingang Gyró foi contemplada e bem avaliada. A turma de professoras/es da formação passou a manhã do dia 04 de maio de 2017, junto a uma equipe do Projeto, conhecendo a aldeia e, também, como parte da recepção, houve uma apresentação do grupo de dança Kaingang.

Formada por professores/as de diversas áreas do conhecimento, a avaliação final foi a redação e aplicação de um projeto a respeito da temática indígena, individual ou em grupo, com suas/seus alunas/os. Em junho de 2017 foi possível perceber a dimensão que o Projeto tomou na escola e, também, como foi o empenho e desempenho das/os participantes. Foram apresentadas atividades aplicadas tanto em aulas de geografia, quanto em aulas de português, artes, inglês e matemática, por exemplo.

As atividades exploraram as histórias dos povos, as regiões em que ocupam no Brasil, modelagem de cerâmicas abordando elementos gráficos das culturas, brincadeiras com bonecos contextualizando seus diversos modos de viver, entre outros.

Fomos convidadas a realizar as oficinas preparadas para o CMP num evento promovido pelo projeto *Cotas: um diálogo afirmativo entre a universidade e a escola*. Estas foram adaptadas, em outubro de 2016, para o curso *Questões étnico-raciais e ações afirmativas na sala de aula - diálogos e perspectivas*.

Esta oficina contou também com uma ação importante do Projeto em que, um grupo mais reduzido da equipe geral, aplicou-se outras formas de abordar a importância da temática indígena em sala de aula. A oficina foi direcionada para professoras/es da rede municipal de Pelotas e resultou na contribuição de propostas pedagógicas e materiais didáticos que serão disponibilizadas no formato de um livro.

¹ O Jornal Diário da Manhã foi fundado em 1979 na cidade de Pelotas, mas sua circularidade abrange toda a região Sul do Rio Grande do Sul. Suas formas de divulgação são via web e impressão diária.



4. AVALIAÇÃO

Diante do desafio de (re)adaptar o plano político-pedagógico das Instituições de Ensino - frente a equívocos comumente transmitidos sobre os povos originários - busca-se, então, a ponte entre os saberes num modelo intercultural. BERGAMASCHI e GOMES (2012) falam numa ressignificação das concepções no processo de ensino-aprendizagem, para que assim seja possível este diálogo intercultural dentro do espaço escolar.

Com uma proposta de aperfeiçoamento das discussões sobre a diversidade étnico-cultural, o Projeto propõe essas reflexões no âmbito sociocultural. Pensando num acesso à educação mais amplo e flexível diante de intolerâncias étnicas, SILVA e GRUPIONI (1995, p.15) falam numa possível troca construtiva entre diferentes grupos na nossa sociedade, pautada em diálogos, aceitação e diversos saberes em convívio.

Assim, mexer com a ferramenta básica de mediação, ou seja, nos espaços de formação de conhecimento, incentiva o desenvolvimento e a construção de consciências mais críticas frente às questões relacionadas às relações humanas e identitárias. E é apostando nessa troca e compartilhamento de saberes dos povos originários que se rompe barreiras, abrindo espaço para criar pontes e novas perspectivas.

5. REFERÊNCIAS

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; GOMES, Luana Barth. **A Temática Indígena na Escola: ensaios de educação intercultural**. Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 53-69, Jan/Abr 2012.

SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI Luís Donizete Benzi. **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus**. Brasília, MEC/MARI/UNESCO, 1995.

ALTMANN, Lori (Coord.). **Projeto de Extensão “Temática Indígena: Diversidade de Saberes”**. Código DIPLAN/PREC: 547. UFPEL/2017.

BRASIL. **LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm Acesso em: 30/04/2014.



KRONBAUER, Selenir Corrêa Gonçalves; STRÖHER, Marga Janete. **Educar Para a Convivência na Diversidade: Desafio à formação de professores.** São Paulo: Paulinas, 2009.



“PARTILHANDO SABERES E LIVROS”: A BIBLIOTECA DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DA REGIÃO SUL (EFASUL- CANGUÇU/RS)

ANDRIELI KURZ HOLZ¹; VANIA GRIM THIES²

¹Universidade Federal de Pelotas – andrielikholtz@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas –vaniagrim@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho apresenta as ações desenvolvidas na biblioteca da Escola Família Agrícola da Região Sul (EFASUL) localizada no município de Canguçu no estado do Rio Grande do Sul. As ações são desenvolvidas a partir do projeto de extensão denominado “Escola Família Agrícola da Região Sul: uma utopia viável”, vinculado ao Grupo de Pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (HISALES) que é ligado a Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL 1). O objetivo do projeto de extensão é contribuir com a construção desta instituição comunitária que é a EFASUL, a qual vem buscando por meio da pedagogia da alternância, transformar por meio da educação, o cenário do êxodo rural que vem se instaurando nas zonas rurais da região sul. Por meio da bolsa de extensão, o trabalho realizado é o da organização e catalogação dos livros da biblioteca da referida escola.

Canguçu é um município integrante da região sul do Rio Grande do Sul, reconhecido como capital nacional da agricultura familiar². Possui cerca de 55.144 habitantes sendo que 60,86% da população reside no âmbito rural, o município possui cerca de 14.000 pequenas propriedades familiares, segundo consta no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no último Censo realizado em 2010. Tendo em vista a realidade deste município e o crescente esvaziamento das populações jovens do campo, é possível observar o que afirmam SANCEVERINO; MOHR (2016, p.16):

No caso dos povos que vivem do trabalho no campo, o que se observa são os processos escolares que geraram, no decorrer da história, um duplo processo de exclusão. De lado a exclusão por inexistência das escolas, do outro as desqualificações das práticas, da cultura e dos

¹ Para mais informações acessar o site www.ufpel.edu.br/fae/hisales/.

² A agricultura familiar tem dinâmica e características distintas em comparação à agricultura não familiar. Nela, a gestão da propriedade é compartilhada pela família e a atividade produtiva agropecuária é a principal fonte geradora de renda. Além disso, o agricultor familiar tem uma relação particular com a terra, seu local de trabalho e moradia. A diversidade produtiva também é uma característica marcante desse setor. Disponível em <http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/>. Acesso em 28 de setembro de 2017.

conhecimentos locais (SANCEVERINO; MOHR, 2016, p.16).

E no intuito de transformar essa realidade, a EFASUL foi fundada em maio de 2016 por intermédio de instituições ligadas ao movimento de educação do campo e pelas discussões do Fórum da Agricultura Familiar da Região Sul. A proposta metodológica é baseada na Pedagogia da Alternância na qual os alunos ficam uma semana na escola e a outra em casa³ pesquisando sobre diversos aspectos ligados aos saberes locais de suas comunidades e ao fazer da própria família.

A EFASUL assim como outras escolas, que tem proposta semelhante a essa envolvendo a educação do campo, entende que esta é uma luta dos trabalhadores do campo por uma educação que valorize a comunidade os seus saberes locais, e que vem propondo romper com os padrões de exclusão e mobilizando a luta por uma educação que é pensada pelas pessoas do campo para elas próprias.

A EFASUL é a quarta escola Família Agrícola do Rio Grande do Sul⁴. É uma escola de caráter comunitário e conta com 25 alunos provenientes da agricultura familiar, os quais são oriundos de assentamentos de reforma agrária e comunidades quilombolas de municípios da região sul. A escola oferece o ensino médio integrado com o Técnico em Agroecologia para aqueles que tenham interesse em continuar no meio rural e desenvolver a agricultura baseada nos princípios da agroecologia.

Durante a semana em que os alunos permanecem na escola, as aulas acontecem de maneira integral, ou seja, durante os três turnos realizam atividades de estudos de acordo com a metodologia da Pedagogia da Alternância. E durante a semana que permanecem em suas casas os educandos aplicam tudo o que aprenderam durante o período em que estiveram na escola e, também, pesquisam sobre alguns aspectos da localidade em que vivem, isto é, o que os alunos aprendem em sala de aula é contextualizado de acordo com suas realidades, não ficando apenas na parte teórica e sim aplicando em seus cotidianos. CALVÓ (1999), define Escola Família Agrícola (EFA) como:

Associação de Famílias, pessoas e instituições que buscam solucionar a problemática comum da evolução e do desenvolvimento local através de atividades de formação, principalmente dos jovens, sem, entretanto excluir os adultos (CALVÓ, 1999, p. 5).

A escola também atua sob três dimensões: agroecologia, autogestão e coopera-

³ É denominado como tempo escola (TE) o período em que os alunos permanecem na instituição, e tempo comunidade (TC) o tempo em que passam em suas comunidades desenvolvendo o que aprenderam.

⁴ As outras três unidades da EFA no RS são: EFA SERRA em Caxias do Sul, EFASOL no Vale do Sol e EFASC em Santa Cruz do Sul.



ção trabalhando na busca de uma agricultura sustentável. As decisões importantes são tomadas coletivamente por meio de assembleias e todos trabalham de maneira colaborativa na manutenção do cotidiano da escola, através de grupos coletivos de trabalho, desde o auxílio nas refeições, limpeza dos espaços físicos e demais tarefas.

A EFASUL tem como mantenedora uma associação que é formada por agricultores(as), trabalhadores(as) rurais, instituições, cooperativas parceiras entre outras pessoas da comunidade.

A associação responsabiliza-se por seus aspectos administrativos, jurídicos e econômicos e desse modo está sempre em busca de parceiros e projetos de financiamentos que possam auxiliar na manutenção da escola. E dentre esses parceiros, um deles é a Universidade Federal de Pelotas que disponibiliza por meio do Grupo HISALES uma bolsa de extensão, na qual um aluno atua de forma a contribuir com a organização da biblioteca durante o período de vigência da bolsa de extensão, bolsa essa que atualmente está sob minha responsabilidade.

O resumo tem o intuito de apresentar a forma como as ações do projeto foram desenvolvidas, quais os resultados obtidos a partir destas ações e ao final avaliar como o projeto de extensão contribui para todos aqueles que estão envolvidos.

2. DESENVOLVIMENTO

O trabalho no projeto Escola Família Agrícola da Região Sul: uma utopia viável, está sendo executado ao longo de sete meses, no quais deverão ser cumpridas 20 horas semanais, na EFASUL, para o desenvolvimento das atividades no município de Canguçu. As atividades estão sendo desenvolvidas em algumas etapas, dando segmento ao trabalho de organização dos livros e do acervo que já vinha sendo realizado desde o ano anterior. Os livros e demais materiais para a constituição da biblioteca chegam por meio de doações junto a instituições parceiras como Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (FERTRAF), a própria UFPEL e também por demais pessoas da comunidade. Uma das etapas foi realizar a separação entre os livros para os estudantes e os livros para os educadores e, assim, organizar uma estante para os professores na qual foram separados todos os livros que podem auxiliar-lhes como um instrumento pedagógico e colaborar de forma

significativa para a elaboração e o desenvolvimento das aulas.

O trabalho, propriamente dito, tem sido o de separar as doações que chegam constantemente, classificar os livros pelas áreas do conhecimento e realizar a catalogação, juntamente com as etiquetas colocadas nos livros e, ainda, acomodar os livros nas estantes. O empréstimo dos livros aos estudantes também é um trabalho importante e é feito por meio de ficha específica.

Uma das tarefas também executadas é a liberação de alguns espaços ocupados por caixas de livros, através da catalogação e da confecção de etiquetas para a separação dos livros em suas devidas classes⁵. O trabalho desenvolvido até o momento, já tem possibilitado aos professores e alunos a consulta aos materiais.

3. RESULTADOS

A EFASUL enfrenta um problema em relação à espaço, desse modo a biblioteca funciona juntamente a sala de aula o que de certa forma facilita a consulta principalmente aos livros didáticos e técnicos pelos alunos. Por outro lado, nem todos os livros têm espaço para serem expostos, mas, os exemplares repetidos ficam em outro espaço, mas, também podem ser emprestados aos estudantes.

Os livros que são de uso dos educadores, que estavam em meio aos outros, foram transferidos para a sala de uso dos professores e organizados em uma estante própria para a utilização dos mesmos, conforme a figura 01, na qual é possível verificar as estantes de livros dos professores e dos estudantes. Há muito trabalho a ser feito ainda, mas muitas das atividades propostas já foram realizadas como a catalogação dos livros e a posterior organização nas estantes. É importante ressaltar que é necessário também que haja semanalmente limpezas nos livros e estantes nas quais estão expostos para que assim sejam conservados devidamente evitando a deteriorização. É uma das práticas mais importantes têm sido a de organizar as obras literárias de maneira que facilite o acesso dos alunos e também organizar uma forma de controle de entrada e saída de livros que são disponibilizados aos alunos através de uma ficha de empréstimo.

⁵ Os livros são classificados de acordo com as áreas do conhecimento a que pertencem.





Figura 01 – Organização da biblioteca da EFASUL.
Fonte: Acervo da EFASUL

4. AVALIAÇÃO

O trabalho desenvolvido auxilia no processo de educação desses alunos e desse projeto de escola que tanto me identifico e tenho orgulho. A biblioteca é fundamental em toda e qualquer escola e para isso é preciso que esta funcione de forma efetiva. É nela que os educandos satisfazem suas curiosidades, respondem suas questões e alimentam a sua alma através da literatura. Como filha de agricultor familiar, entendo que através deste projeto, no qual sou bolsista, tenho a possibilidade de retribuir de alguma forma tudo o que a agricultura familiar já me proporcionou, através de uma das minhas paixões que são os livros e assim possibilitar e passar um pouco desta paixão para os alunos. A EFASUL, como já citado, é uma escola comunitária que depende de parcerias para se manter e a UFPEL tornou-se uma parceira muito importante, uma vez que a escola não teria condições de ter uma pessoa que auxiliasse nesse processo de estruturação de uma biblioteca. E dessa maneira a universidade contribui com a comunidade da região sul, apoiando o projeto da Escola Família Agrícola para que as pessoas do campo possam ter seus filhos nas escolas que os valorizem e mostrem a importância da permanência no campo.

5. REFERÊNCIAS

SANCEVERINO, A.R.; MOHR, N.E.R.CAMPO, **Educação e trabalho reflexões pedagógicas em construção**. Chapecó: Copiart, 2016.

CALVÓ, P. P. **Pedagogia da Alternância: Alternância e desenvolvimento**. Salvador, Dupligráfica Editora, 1999.

IBGE. Censo Canguçu. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010. Acessado em 28 de setembro de 2017. Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=430450>>. Acesso em 28 de setembro de 2017.



**3ª SEMANA
INTEGRADA**
UFPEL 2017



CEC

IV CONGRESSO DE
EXTENSÃO E CULTURA



EDUCAÇÃO ASSISTIDA POR ANIMAIS: CONTRIBUINDO NA INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM DIFICULDADE INTELECTUAL

ANNE KAROLINE DA SILVEIRA FLORES¹; CAMILA MOURA DE LIMA²;
DIONE MOREIRA NUNES³; PAULA TAIANE POSSAS BRAGA⁴;
MÁRCIA DE OLIVEIRA NOBRE⁵

¹Faculdade de Veterinária (UFPEL) – annekarol.flores@hotmail.com

²Faculdade de Veterinária (UFPEL) – camila.moura.lima@hotmail.com

³Escola Municipal Afonso Vizeu – dione.mnunes@gmail.com

⁴Faculdade de Veterinária (UFPEL) – paulapossasbraga2015@gmail.com

⁵Faculdade de Veterinária (UFPEL) – marciaonobre@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

A experiência escolar é de grande importância na trajetória e desenvolvimento do indivíduo (MEDEIROS, 2000). No entanto, diversos fatores podem interferir esse desenvolvimento. Dentre esses fatores, encontra-se o déficit intelectual (DI), é caracterizado pelo comprometimento das habilidades manifestadas durante o período de desenvolvimento. Dessa forma, os indivíduos com DI podem ter comprometimento nas habilidades cognitivas, linguagem, motoras e sociais (OMS, 2004) .

A Educação Assistida por Animais (EAA) vem sendo uma das estratégias utilizadas em crianças acometidas por essa dificuldade, pois o vínculo afetivo com os animais pode motivar a realização das atividades programadas (MOURA, 2001). À aplicação de sessões com a presença dos animais em ambiente escolar, tem se demonstrado benéfica, pois essa interação aumenta significativamente os comportamentos positivos (tais como sorrisos, contato físico e visual) e diminuição de comportamentos negativos (como a agressividade, alienação, isolamento, entre outros) dos assistidos (REDEFER ET AL. ,1989).

Este trabalho possui como objetivo descrever as atividades exercidas com crianças com dificuldade intelectual, fazendo uso da Educação Assistida por Animais em uma Escola Municipal na cidade de Pelotas.

2. DESENVOLVIMENTO

O Projeto Pet Terapia, da Universidade Federal de Pelotas, encontra-se no Campus Capão do Leão. Atualmente possui cães e gato como co-terapeutas, esses animais

passam por treinamentos diários, exames de rotina mensais, além de cuidado com sua nutrição. O Pet Terapia em parceria com uma Escola Municipal, na cidade de Pelotas (RS), realiza atividades de educação assistida por animais em uma Sala de Recursos Multifuncionais (SRM), localizada na escola. Este é um espaço que oferece serviço de natureza pedagógica, conduzido por professor especializado, que suplementa (no caso dos superdotados) e complementa (para os demais alunos) o atendimento educacional realizado em classes comuns da rede regular de ensino (RESOLUÇÃO Nº 001 /2017-CME).

Os encontros deste primeiro semestre de 2017 ocorreram uma vez por semana, com duração média de 40 minutos. O cão escolhido para o atendimento tem perfil calmo e receptivo. O Projeto acontece em parceria com o Atendimento Educacional Especializado (AEE), que busca promover o desenvolvimento das habilidades e competências necessárias, bem como a qualificação dessas e a construção dos conceitos científicos/escolares (CME ,2017).

Ao longo das visitas foi estimulada a aproximação das crianças com os animais, assim, formando um elo de confiança e companheirismo entre ambos. Tornando o cão um mediador do processo educativo. Essa atuação se dá por meio de atividade lúdicas e educativas, tais como: associação do animal presente com figuras, ligação do nome do cão com letras, jogos interativos, com o animal, uso de coletes didáticos, passeios, escovação do pelo, e também jogos desenvolvidos pelo profissional da educação.

3. RESULTADOS

As crianças ao longo dos atendimentos realizados na sala de recurso demonstraram-se com um maior interesse e aceitação nas atividades desenvolvidas dentro do ambiente escolar. Também expressaram alegria, afetividade, relaxamento, uma maior atividade na comunicação e socialização. Esses progressos certamente são obtidos pela relação de afeto que se estabelece entre animal e o ser humano, pois os animais são considerados como incentivadores para que ocorra a melhora na inclusão social dos atendidos (RAMOS; PRADO; MANGABEIRA, 2016).

Segundo Caetano (2010), os principais benefícios físicos para as crianças que participam de atividades com animais são: o encorajamento das funções da fala e das funções físicas. Dentre os benefícios mentais estão: o estímulo à memória e à cognição, com a utilização de recursos como, pentear o cão, associação de jogos didáticos com



o animal, realização de passeios durante as atividades e a utilização de coletes pedagógicos. Já as contribuições sociais envolvem a recreação e entretenimento, proporcionando assim, oportunidade de comunicação, socialização e motivação. OLIVEIRA (2006) sugere que os benefícios emocionais ligados a esse tipo de prática envolvem a afetividade, redução da solidão, relaxamento, alegria, melhora consideravelmente o comportamento social.

4. AVALIAÇÃO

A EAA, esta sendo uma estratégia de grande valia para as crianças atendidas em ambiente escolar (DOTTI, 2005). Possuindo capacidade de estimular o desenvolvimento das habilidades das crianças envolvidas nas atividades. Com isso, favorecendo o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social.

5. REFERÊNCIAS

CAETANO, E. C. S. **As contribuições da TAA – Terapia Assistida por Animais à psicologia**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2010.

DOTTI, J. **Terapia e Animais**. São Paulo: Ed. Noética, 2005.

MEDEIROS, 2000. **Auto-eficácia e aspectos comportamentais de crianças com dificuldade de aprendizagem**. Em Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), Programas e Resumos da XXIX Reunião Anual de Psicologia, (p. 152). Ribeirão Preto: SBP.

MOURA CB. **Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade**. *Pediatria moderna* 2001; 35(8):646-52

OMS. **Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde: Declaração de Alma-Ata**, 1978. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2004.



OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 2006.

RAMOS, C.M.; PRADO, S.F.; MANGABEIRA, V. Psicoterapia e Terapia Assistida por Animais. In: CHELINI, M. O. M. OTAA, E. (Org.). **Terapia Assistida por Animais**. Barueri, SP: Manole, 2016. Cap. , p. 225-233.

REDEFER, A., GOODMAN, A.J. F. **Pet facilitated therapy with autistic children**. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, (1989) vol 19 (3), pp. 461-467.

RESOLUÇÃO Nº 001 /2017- **CME - CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE PELOTAS**- item 3.5.2; CAPÍTULO VI DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE) no Art. 15.



POLÍTICA NACIONAL DE RESÍDUOS SÓLIDOS: PERCEPÇÕES E OBSTÁCULOS ENFRENTADOS POR CATADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL

ARIELLE DA ROSA SOUSA¹; PAMELA LAIS CABRAL SILVA²;
GABRIEL AFONSO MARTINS³; VANDRESSA SIQUEIRA WALERKO⁴;
LUCIARA BILHALVA CORRÊA⁵; ÉRICO KUNDE CORRÊA⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – ariellesousa.as@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – pamela_lais@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – gabrielmartins1@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – vandressawalerko@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – luciarabc@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – ericokundecorrea@yahoo.com.br

1. APRESENTAÇÃO

Os processos de expansão e de urbanização dos municípios decorrentes da evolução industrial e da massificação populacional ocasionam inúmeros problemas, tanto no âmbito social quanto no ambiental. Dentre os quais, se destacam os resíduos sólidos urbanos (RSU), por apresentarem um aumento progressivo na geração e pela dificuldade de tratamento e disposição ambientalmente adequada (PEREIRA, 2011).

Nesse contexto, percebe-se a disposição de RSU no solo sem qualquer tratamento, ocorrendo, principalmente, em zonas de vulnerabilidade sócio-econômica (EL-DEIR, 2014). Esta destinação inapropriada pode possibilitar diversos transtornos como a contaminação de água e do solo e a proliferação de vetores de doenças que podem repercutir na saúde da comunidade local (DIAS et al., 2013).

Visando atender as necessidades ambientais, sociais e econômicas do país, no que diz respeito ao manejo de resíduos sólidos, a Lei nº 12.305/10 que institui a Política Nacional dos Resíduos Sólidos (PNRS) foi sancionada no início de agosto de 2010 e entrou em vigor desde o início de 2011. Nela, algumas metas foram implementadas, tais como a erradicação de lixões, delineamento de plano de metas municipais sobre resíduos com a participação de catadores, assim como o controle de custos e qualidade de serviço da coleta seletiva (DIAS et al., 2013).

A inclusão do catador de material reciclável ocasionou a melhoria das condições de trabalho e a convivência com um grupo social possuindo os mesmos interesses. Sendo assim, além de promover um progresso ambiental, essa Lei proporciona também avanço social. De acordo com TROMBETA (2012), as cooperativas ou associações de catadores de material reciclável se constituem como uma organização social, que possui



o objetivo de revalorizar os resíduos de forma a obter renda e consequente desenvolvimento social.

A PNRS é consoante ao trabalho do catador, consequentemente o não cumprimento da mesma origina inúmeras dificuldades a atividade de segregação em centros e/ou cooperativas de materiais recicláveis, podendo até mesmo repercutir na saúde do trabalhador. A partir do exposto, o presente trabalho tem como objetivo avaliar e discutir o conhecimento dos catadores de resíduos sólidos que trabalham em cooperativas do município de Pelotas/RS diante a PNRS.

2. DESENVOLVIMENTO

Para a realização deste trabalho, foi desenvolvido um projeto de extensão pelo grupo NEPERS vinculado ao curso de Engenharia Ambiental e Sanitária, no qual ocorreram visitas periódicas a cinco cooperativas de triagem de material reciclado da cidade de Pelotas entre os anos de 2014 e 2017. Além disso, foi feito o acompanhamento e aconselhamento através de reuniões mensais com representantes de cada cooperativa e representantes de autarquia municipal responsável pela coleta do RSU.

Com o intuito de instrução sobre as normas apresentadas pela PNRS, foi realizada a confecção de banner, os quais foram apresentados para os trabalhadores e gestores em um ciclo de palestras, em linguagem informal para facilitar a compreensão.

Após a capacitação sobre a PNRS, também foi proposto rodas de conversa, a fim de compreender o posicionamento dos trabalhadores no quesito de entendimento do que é proposto pela lei e o que mudou desde a implantação da lei diante a sua realidade. Todas as atividades foram desenvolvidas nas cooperativas.

3. RESULTADOS

Para elucidar sobre a PNRS nas visitas, foram confeccionados banners pelos organizadores, abordando a definição, o histórico e o papel de cada membro da sociedade quanto à lei, com o intuito de maior compreensão dos cooperados.



Figura 1: Banner sobre a PNRS apresentado nas cooperativas.

Diante disso, com a apresentação do material aos cooperados, um dos assuntos abordados – que provocou algumas dúvidas – foi em relação à responsabilidade de cada membro da sociedade em relação à PNRS, no qual foi explicado que o papel do consumidor é seguir as normas da coleta seletiva de seu município, a cidade tem a responsabilidade de desenvolver um plano de gestão de resíduos sólidos e, por fim, as indústrias devem realizar a logística reversa, onde estas ficam responsáveis de recolher os resíduos remanescentes pós-consumo.

Em seguida, a partir dos temas abordados durante as rodas de conversa foi possível notar o interesse dos cooperados em participar e realizar a troca de experiências e de informações com os alunos e professores que estavam presentes, tornando os resultados satisfatórios. Nesse contexto, notou-se a satisfação dos trabalhadores com a implantação da PNRS na questão do trabalho nas cooperativas, já que os mesmos afirmam que, antes da lei, trabalhavam na rua sob condições precárias – realidade diferente da atual, onde há um lugar específico para a realização do serviço além da presença de equipamentos que auxiliam os mesmos.

Outra questão demasiadamente levantada foi o desinteresse da sociedade em cumprir com sua parte, deixando de realizar a segregação correta dos resíduos sólidos, dificultando ou, até mesmo, impossibilitando o trabalho dos cooperados.

Aluna 1: Vocês acham que alguma coisa podia melhorar agora que a Política Nacional dos Resíduos Sólidos foi implementada? Alguma coisa que não está adequada?

Cooperada 1: Os materiais recicláveis. O ideal seria que viessem mais materiais recicláveis e menos rejeito. Acho também que a população deveria ter mais consciência. A população saber o que é reciclável e o que não é. Acho que esse seja o ponto principal.

Aluna 1: Vocês recebem muitas coisas erradas aqui? Nas outras cooperativas nós ouvimos que muitas coisas não aproveitáveis chegam nos caminhões.

Cooperada 1: Aqui acontece assim. Nós possuímos o nosso caminhão, então o pessoal que coleta o lixo pela cidade sabem o que pode e o que não pode vim. Assim como o pessoal das indústrias também sabem o que pode e o que não pode vim. Nosso caminhão na grande maioria das vezes vem 100% limpo. Mas ainda recebemos aqui o caminhão da autarquia de saneamento do município, o pessoal que faz a coleta com o caminhão deles mistura todos os resíduos, chega de tudo aqui.

Cooperada 2: O povo ainda não sabe como fazer.

Aluna 1: Nós temos ouvido bastante isso nas outras cooperativas também, a questão da população, não segregação dos resíduos. Não há a consciência que depois que depois que a gente joga no lixo, ainda existe uma rota para o lixo, não é simplesmente jogar no Aterro Sanitário e enterrar. Existe todo um processamento dos resíduos depois que a gente joga no lixo.

A partir do rumo das conversas nas cooperativas pode-se notar que ainda ocorre muita desinformação do quesito da separação dos resíduos sólidos urbanos para os demais membros da sociedade, o que, segundo CORRÊA et al. (2015), acarreta na chegada de aproximadamente 40% de material não reciclável nas cooperativas, prejudicando, assim, o desempenho da associação.



4. AVALIAÇÃO

Os resultados obtidos neste trabalho foram satisfatórios, no qual houve o interesse dos cooperados em conhecer e esclarecer suas dúvidas em relação à PNRS. Diante disso, nota-se que tais dúvidas podem ser justificadas pela falta de abordagem e de conhecimento da lei, tanto pela parte dos trabalhadores quanto dos outros membros da sociedade.

Deste modo, percebe-se a importância do projeto de extensão em questão, no qual foi possível um diálogo entre o estudante e o trabalhador a partir das rodas de conversas, ocorrendo, assim, uma troca de conhecimento entre ambos. Em relação aos cooperados, estes passaram a ter uma maior percepção dos seus direitos como trabalhadores, assim como o que cabe a eles e aos outros membros da sociedade como obrigação. Já para os organizadores, houve a oportunidade de entrar em contato com a realidade do trabalhador que lida com RSU, agregando conhecimento para sua formação.

Nota-se, também, que os catadores de resíduos sólidos desempenham um papel de extrema importância perante os desafios da sociedade atual. Entretanto, estes permanecem enfrentando obstáculos no seu cotidiano, os quais são relacionados ao modo como são tratados pelos demais membros da comunidade, além das dificuldades no seu ambiente de trabalho.

5. REFERÊNCIAS

CORRÊA, et al. Análise social de um Programa de Coleta Seletiva de Resíduos Sólidos Domiciliares. **Revista Monografias Ambientais**, Santa Maria, RS, v. 14, n. 2, p. 193-201, 2015.

DIAS, et al. Problemas ambientais causados pelos resíduos sólidos urbanos no município de Iracema/CE: uma aplicação do pressão-estado-resposta (PER). In: **ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO**, 33. Salvador/BA, 2013.

EI-DEIR, S. G. **Resíduos sólidos: perspectivas e desafios para a gestão integrada** / Soraya Giovanetti El-Deir. -- 1. ed. -- Recife : EDUFRPE, 2014.



PEREIRA, S. S. A problemática dos resíduos sólidos urbanos e os instrumentos de gestão do meio ambiente na cidade de Campina Grande/PB. **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XIV, n. 93, 2011.

TROMBETA, L. R. **O Trabalho dos Catadores de Materiais Recicláveis: Da Precarização à Organização do Trabalho**. *Revista Pegada*, 13 (1), 55-75, 2012. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/1083/1895>



PLAYING WITH SOUNDS: CONHECENDO A PRONÚNCIA DO INGLÊS

ARTHUR GARCIA NOGUEIRA¹; ANNA JÚLIA KARINI MARTINS²;
LETÍCIA STANDER FARIAS³

¹Universidade Federal de Pelotas – arthurnog@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – annajuliakarini@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – leticiastander@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho visa a apresentar o curso “*Playing with sounds*: Conhecendo a Pronúncia do Inglês”, fruto de pesquisas realizadas na área de fonética e fonologia da língua inglesa e aplicado como projeto de intervenção por dois pesquisadores e graduandos do curso de licenciatura em letras português e inglês da Universidade Federal de Pelotas. Os mesmos dois pesquisadores elaboraram o curso e tiveram como objetivo aliar os resultados de suas pesquisas acerca da inteligibilidade do falante brasileiro de inglês à prática docente. Vale ressaltar que esse projeto foi aplicado como piloto para que volte a ser aplicado em um contexto de extensão, ou até mesmo oferecido como formação continuada para professores de inglês da rede.

Ao longo da elaboração do curso, foram pensadas formas de incluir o ensino de pronúncia que atendessem às necessidades comunicativas dos alunos, trazendo aspectos da fonética e fonologia do inglês para a sala de aula de forma contextualizada, ao invés de tê-los tratados de forma isolada e pouco inserida no contexto de uma aula. O curso foi aplicado para alunos de sexto a oitavo ano do ensino fundamental e desenvolvido através de seis encontros, totalizando 12 horas de aulas.

2. DESENVOLVIMENTO

O curso “*Playing with sounds*: Conhecendo a pronúncia do Inglês” foi pensado em conjunto pelos pesquisadores e próprios aplicadores do projeto. Os conteúdos dos dois primeiros encontros já haviam sido trabalhados em forma de oficina em eventos da universidade, enquanto os três seguintes foram adicionados para que o curso fechasse com 12 horas de aula no total. A escolha dos sons foi baseada em pesquisas realizadas pelos criadores do projeto. A seguir estão listados os conteúdos na ordem que foram trabalhados.



Fricativas dentais /θ/ e /ð/
Vogais frontais altas /ɪ/ e /i:/, Vogais anteriores altas /ʊ/ e /u:/
Morfema “ed” em posição final de palavras
Consoantes líquidas, fricativa glotal desvozeada /h/
Vogais centrais baixas /ʌ/ e /ə/
Revisão

Quadro 1: Conteúdos do curso

Cada conteúdo foi trabalhado em um encontro de duas horas. Quanto à abordagem desses conteúdos, dois pontos apontados por ALVES e BARRETO (2012) foram tidos como chave: primeiro, o ensino de pronúncia de uma determinada L2 (segunda língua) deve ser tratado em sala de aula como outras habilidades já são: de forma contextualizada e com atividades de cunho comunicativo e significativo; segundo, a consciência do aprendiz de uma L2 sobre seus aspectos fonético-fonológicos é de extrema importância para aquisição dos mesmos. Portanto, visamos aliar esses dois pontos aos conteúdos para elaborarmos aulas que contassem com atividades de caráter comunicativo, e com instrução explícita sobre os sons trabalhados.

Para todas as aulas, foram criados slides de apoio para que pudéssemos fazer uso de imagens, animações, vídeos e melhor disposição e organização de conteúdo, que foram desenvolvidos pelos pesquisadores e ministrantes do projeto. Por fim, foi aplicado um questionário com questões de múltipla escolha acerca do conteúdo, das atividades e da atuação do professor. O questionário também contou com um espaço final destinado os alunos que desejassem expor livremente sua opinião sobre os mesmos itens.

3. RESULTADOS

Os resultados alcançados foram significativamente positivos, não só pela impressão dos professores no decorrer das aulas, mas pelas respostas dos próprios alunos. Além da proposta de contextualização e instrução explícita da pronúncia parecer ter sido alcançada, uma vez que os alunos engajaram-se nas atividades e na produção dos sons de forma consciente, os alunos alegaram nos questionários que passaram a se interessar mais nas suas aulas regulares de inglês em função do curso. Como re-



sultado, portanto, acreditamos ter alcançado o objetivo de suprir as necessidades que ALVES; BARRETO (2012) e ZIMMER; ALVES; BARRETO (2009) apontam sobre contextualizar e inserir o ensino de pronúncia na sala de aula de uma determinada L2 ao mesmo tempo que fizemos uso de sons especulados como problemáticos por nossas pesquisas em MARTINS e STANDER (2016).

O curso e sua aplicação piloto serviram de incentivo para que voltemos a aplicá-lo como projeto de extensão para outros meios e públicos com as adaptações necessárias.

4. AVALIAÇÃO

O presente trabalho piloto gerou a confirmação de que o espaço para aquisição da fonética e fonologia de uma L2 em sala de aula é digno de repensagem e aprimoramento. O curso *“Playing with sounds: Conhecendo a pronúncia do Inglês”* aborda aspectos fonético-fonológicos da língua inglesa levando em consideração a L1 dos aprendizes, inteligibilidade, e a junção desses itens de forma contextualizada e com foco comunicativo de forma que, geralmente, não são abordados em aulas regulares de língua ou em livros didáticos. Os alunos alegaram não terem visto conteúdos relacionados à pronúncia da língua inglesa em aulas regulares e, além disso, responderam positivamente ao questionário aplicado ao fim do curso sobre a relevância do mesmo para seu aprendizado na língua estrangeira. No que diz respeito à relevância do projeto para os que o aplicaram, viu-se que existe espaço para aprimorar aspectos específicos da prática de ensino de língua estrangeira e que esse fato deve ser melhor evidenciado dentro e fora da sala de aula. Deseja-se que o curso volte a ser aplicado para diferentes contextos e que seu conteúdo seja mais amplamente estudado e aprimorado, pois essa área específica de estudo é relativamente nova.

5. REFERÊNCIAS

ALVES, Ubiratã Kickhöfel; BARRETO, Fernanda Menna. Como inserir o ensino comunicativo de pronúncia na sala de aula da L2. in: LAMBRECHT, Regina Ritter;



BLANCO-DUTRA, Ana Paula; SCHERER, et al. **Consciência dos Sons da Língua Subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa**, 2012.

MARTINS, A. J. K., STANDER, Letícia. **A pesquisa em inteligibilidade de fala e sua relevância para o ensino de pronúncia do inglês**. Revista Diacrítica - Ciências da Linguagem, Universidade do Minho, v. 30.1, p. 67-81, 2016.

ZIMMER, Márcia; SILVEIRA, Rosane; ALVES, Ubiratã Kickhöfel. **Pronunciation Instruction for Brazilians: bringing theory and practice together**. Cambridge Scholars Publishing, 2009.



GÊNERO NA ESCOLA: TRABALHANDO DIFERENÇAS NO CONTEXTO ESCOLAR – PIBID INTERDISCIPLINAR UFPEL

BRENDA RODRIGUES¹; RENATA CABRAL²;
PEDRO DE MOURA³; ANA KLEIN⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – brendadsrodrigues@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – renata-rco@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – mooura@live.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – anaiklein@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

A temática sexualidade está prevista nos Temas Transversais do Ensino Fundamental; porém, sua abordagem em sala de aula ainda é bastante pontual. Um dos motivos dessa abordagem ser deixada de lado é que este assunto é visto pela sociedade como um tabu, principalmente pela comunidade escolar, ainda nos dias de hoje. O papel do professor em relação a inclusão de assuntos de gênero no contexto escolar é de uma importância e, de acordo com os Temas Transversais:

“[...] os professores devem transmitir, por sua conduta, a valorização da equidade entre os gêneros e a dignidade de cada um individualmente. Ao orientar todas as discussões, eles próprios respeitam a opinião de cada aluno e, ao mesmo tempo, garantem o respeito e a participação de todos, explicitando os preconceitos e trabalhando pela não-discriminação das pessoas. (p. 303)

O presente trabalho tem como objetivo trazer um relato das experiências vivenciadas durante a aplicação de uma oficina de Gênero e Sexualidade desenvolvida pelo grupo interdisciplinar do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência) para os alunos de 6º a 9º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora dos Navegantes, em Pelotas - RS. A atividade teve como intuito estimular o pensamento crítico dos alunos frente a assuntos dessa temática através de atividades lúdicas que envolvessem o grupo todo, e oportunizar a reflexão sobre preconceitos que os mesmos carregavam consigo.

Estamos em uma era majoritariamente digital, onde sentimos necessidade de externar nossa opinião em relação a tudo, logo, a importância de instigar o pensamento crítico do aluno se faz ainda mais essencial para que estejam preparados e mais abertos a diversidade.

2. DESENVOLVIMENTO

A proposta do PIBID UFPEL nas escolas é interdisciplinar. Fazem parte do Grupo Interdisciplinar da E. E. E. F. Nossa Senhora dos Navegantes 17 bolsistas das áreas de Educação Física, Letras, História, Geografia e Dança. O grupo de bolsistas desenvolve atividades do Projeto Interdisciplinar do PIBID da escola intitulado “Navegar é preciso: o preconceito no ambiente escolar, a escola objeto de preconceito social”, dividido em três temáticas: Preconceito e Raça, Preconceito e Periferia e Preconceito e Gênero. Os grupos criaram atividades para os alunos da escola que envolvessem essas temáticas. Após uma grande discussão e o apoio de referencial teórico, o grupo Preconceito e Gênero criou três tipos de oficinas para abordar a temática de forma lúdica e voltada para o

nível dos alunos. Aqui, iremos relatar a atividade que intitulamos como “Oficina do balão”. A mesma foi pensada e aplicada da seguinte forma: os alunos são postos em um grande círculo para uma maior interação entre eles e, em seguida, um balão contendo uma pergunta sobre o assunto em foco é passado aos alunos com uma música ao fundo. Seleccionamos diversas perguntas sobre o assunto, desde perguntas mais simples a perguntas mais polêmicas para que assim, pudéssemos tirar os alunos da sua zona de conforto. Como também iríamos rodar uma música ao fundo, tivemos o cuidado de trazer artistas LGBT, tais como Pablo Vittar, Aretuza Lovi, Banda Uó, para que os alunos tivessem contato com a diversidade no meio musical também. Trouxemos além da música, os cliques. Durante a música, íamos apresentando a eles os cantores. Em seguida, é informado a eles que, quando a música parar, o aluno que ficar com o balão deve estourá-lo, em cinco segundos. Caso o aluno que estava com o balão não conseguir estourá-lo no tempo estimado, ele deve responder à pergunta, caso consiga, deve indicar um de seus colegas para respondê-la. Após a resposta, ou até mesmo durante a resposta, os pibidianos orientam um debate sobre cada uma das respostas.



3. RESULTADOS

Após a aplicação da atividade, pudemos observar a necessidade que os alunos têm de discutir interativamente qualquer que seja o assunto, mas, principalmente, assuntos que envolvam a temática de Gênero e Sexualidade. Durante a abordagem, a maioria dos alunos respondia às perguntas dos balões mesmo se não fosse a sua vez de responder, o que dinamizou bastante a discussão. Também pudemos perceber que os alunos desconheciam algumas nomenclaturas como transexualidade, homossexualidade, homofobia, entre outros. Além disso, em função do grupo ser mais velho, um nono ano, e a dinâmica ter sido bastante descontraída, alguns alunos entravam em discussões entre eles, questionando algumas respostas problemáticas e o porquê de seu colega pensar daquela forma. Além disso, recebemos um feedback dos alunos ao fim da oficina e os mesmos disseram que atividades assim, lúdicas e com a temática, geralmente não são desempenhadas nas escolas e que eles sentiam a necessidade de conversar sobre, pois, todos os dias estão expostos ao assunto e nunca tem a oportunidade de refletir sobre. No geral, o resultado foi satisfatório, tendo o nosso objetivo central alcançado.

4. AVALIAÇÃO

Após o término deste trabalho, concluiu-se que introduzir questões de gênero na escola é mais que fundamental, é necessário, tendo em vista que ainda há muito preconceito sobre este tema. Há uma resistência por parte da comunidade escolar em relação a esses assuntos e isso deve ser debatido, pois também é uma necessidade que o aluno sente, de acordo com as manifestações espontâneas e avaliação escrita da oficina. Além disso, é necessário trabalhar com os alunos de maneira interativa, em que haja espaço para debate e compartilhamento de ideias, sendo possível oferecer aos alunos alguns assuntos e oportunizar que tirem suas dúvidas.

5. REFERÊNCIAS

BOCHNIAK, Regina. Questionar o conhecimento: interdisciplinaridade na escola. São Paulo: Loyola, 1992. 147p.



CHAMUSCA, Anelise; BRANDT, Elisa; HENRIQUES, Ricardo. **Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos.** Cadernos SE-CAD, n. 4, Brasília, maio de 2007.

CROCHIK, J. L. (1995). **Preconceito, indivíduo e cultura.** São Paulo, SP: Robe.

GUSMÃO. N. M. M. (2000). **Desafios da Diversidade na Escola.** Revista Mediações, Londrina, v. 5, nº2, p. 9-28, julh./dez.

Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Fundamental (SEF). **Parâmetros Curriculares Nacionais - terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais.** Brasília, DF: MEC/SEF, 1998d.



O USO DE TECNOLOGIAS EM UM CURSO EXTRACLASSE DE ESPANHOL

BRISA DO AMARAL RODRIGUES¹;
ANA LOURDES DA ROSA NIEVES FERNÁNDEZ ²

¹Universidade Federal de Pelotas – brisarod03@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – anarosaf@terra.com.br

1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho analisa o emprego das tecnologias audiovisuais em um curso extraclasse ministrado durante a realização do Estágio de Intervenção Comunitária em Língua Espanhola, desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Fundamental Dom Joaquim Ferreira de Mello, na cidade de Pelotas.

A proposta de realizar um curso de Língua Espanhola extraclasse surgiu a partir da experiência como docente de Língua Portuguesa nessa mesma Escola, a qual disponibiliza apenas o ensino de Língua Inglesa em sua grade curricular. Dessa forma, intencionou-se oportunizar aos(às) alunos(as) o contato com a Língua Espanhola, que consiste em uma das línguas mais faladas no mundo e, em especial, apresenta relevância na América do Sul.

O objetivo desse estudo é perceber a influência do uso de tecnologias nas aulas como *inputs* de aprendizagem, através da análise dos resultados obtidos após a realização do Curso Básico de Língua Espanhola. Para tanto, empregou-se a análise qualitativa, através de uma autoavaliação para os(as) alunos(as) com perguntas abertas e fechadas. Também, foi empregado o método de observação, o qual auxiliou na coleta de dados, até mesmo para elaboração das aulas.

Em relação ao desenvolvimento das aulas, destaca-se que teve embasamento no Método Comunicativo, o qual, conforme Leffa (2008) propõe que a aprendizagem deve ser centralizada no(a) aluno(a), a professora então passa a assumir o papel de orientadora e, além disso, considera como relevante o aspecto afetivo.

É passível a ideia de que a tecnologia está cada vez mais presente em nossa vida diária, desde atividades simples como se comunicar por smartphones, realizar transações bancárias, compras pela internet, dentre outras. Dessa maneira, a educação não poderia ficar de fora, sem utilizar como aporte os recursos tecnológicos.



Assim, os recursos tecnológicos, mais especificamente, os audiovisuais, foram largamente empregados para o desenvolvimento do curso básico extraclasse de Espanhol. Dessa forma, serviram de *inputs* linguísticos autênticos, permitindo a construção do conhecimento por parte dos(as) alunos(as), num ambiente colaborativo de aprendizagem, para a realização do ato comunicativo. No que se refere à influência do *input*, destaca Griffin (2011) que quanto maior a variedade de *input* que o aprendiz for exposto, maiores serão as oportunidades de interação e formulação de hipóteses.

Nessa perspectiva sempre procurou-se incentivar os(as) alunos(as) a interagirem, realizarem atividades em grupos e a desenvolverem as quatro principais habilidades, quais sejam: expressão oral, expressão escrita, compreensão auditiva e compreensão leitora.

Destaca-se ainda, a relevância social do projeto por ter sido desenvolvido numa escola que apresenta uma comunidade de alunos(as) bastante carente, que possivelmente teriam dificuldades econômicas para realizar um curso de Língua Estrangeira que fosse pago. Dessa forma, ficando limitados às aulas que são ofertadas dentro do currículo escolar, no caso, apenas a Língua Inglesa.

2. DESENVOLVIMENTO

A metodologia adotada para análise dos dados é de caráter qualitativo, por compreender que o objetivo não é quantificar, nem medir através de instrumentos estatísticos a hipótese de que o emprego de um *input* adequado pode produzir resultados positivos na aprendizagem de uma língua estrangeira.

Assim posto, ao realizar-se um estudo diretamente com seres humanos, o mais relevante é verificar a relação do sujeito com o mundo real, no caso desse trabalho, dos(as) alunos(as) com o ambiente escolar, dos(as) alunos(as) em contato com os *inputs* da Língua Espanhola etc.

É relevante frisar que, de acordo com a análise qualitativa, não somente as informações expressas em palavras são consideradas, mas também aquelas outras passíveis de serem observadas. Conforme o entendimento de Prodanov (2013), neste tipo de análise o pesquisador encontra-se em contato direto com o objeto e ambiente de estudo, além disso, difere da abordagem quantitativa por não ter foco na análise de dados estatísticos.



Para tal fim, a professora foi acompanhando todas as atividades realizadas em aula e observando o comportamento e a postura dos(as) alunos(as) frente às mesmas, fazendo registros ao final das aulas. No final do curso, foi aplicada uma autoavaliação nos(as) alunos(as) com perguntas abertas e fechadas. Essas perguntas permearam basicamente sobre os seguintes aspectos: a visão do(a) aluno(a) em relação ao seu próprio desempenho no curso e a opinião dos(as) alunos(as) sobre as aulas.

3. RESULTADOS

Num primeiro momento, notou-se que alguns(mas) alunos(as) apresentaram uma postura mais introvertida nas aulas, acredita-se que isso se deve, particularmente, ao fato de que em sua maioria, a turma nunca havia tido contato direto com a Língua Espanhola. Contudo, ao longo das aulas, os(as) alunos(as) foram participando mais das propostas de enfoque comunicativo, interagindo com seus(suas) colegas e professora, assumindo assim, uma postura mais ativa.

Um aspecto imprescindível que foi observado nas aulas, refere-se ao uso dos recursos tecnológicos (slides, vídeos, áudios, músicas, atividades on-line e aplicativo “Duo-lingo”), os mesmos apresentaram extrema relevância para incentivar os(as) alunos(as) a participar das aulas, a prestar mais atenção e a se apropriarem de estruturas linguísticas básicas necessárias para a efetiva comunicação. Além do acompanhamento aula após aula, pela professora, também foi realizada uma autoavaliação com os(as) alunos(as), contendo questões abertas e fechadas.

No que tange a análise dos dados, houve 18 alunos(as) inscritos para o curso básico de Espanhol, sendo que, apenas 11 desses(as) alunos(as) concluíram-no efetivamente, no entanto, apenas 10 alunos(as) responderam a autoavaliação (que foi realizada no último dia de aula). A maior parte dos(as) estudantes apontou que até conheciam a Língua Espanhola, mas estudavam outra língua estrangeira, assim como, ressaltaram que o uso dos recursos tecnológicos auxilia no desenvolvimento das habilidades linguísticas; vários alunos(as) também expressaram que não conheciam alguns dos recursos utilizados em aula e houve uma preferência entre os vídeos e as atividades on-line, como sendo os recursos que mais contribuíram para a aprendizagem da Língua Espanhola.



4. AVALIAÇÃO

Mediante a avaliação dos dados obtidos durante as observações e acompanhamento das aulas, do mesmo modo que, a análise das autoavaliações respondidas pelos(as) alunos(as), ambas de caráter qualitativo, pode-se concluir que a tecnologia pode sim e deve ser utilizada de forma a contribuir positivamente no ensino-aprendizagem da Língua Espanhola.

O estágio de Intervenção Comunitária foi bastante positivo, ademais, foi expresso pelos(as) alunos(as) que deveriam ter mais aulas de Língua Espanhola, para continuarem os estudos, podendo dessa forma, aprofundá-los. Ademais, o impacto das aulas do curso básico extraclasse foi tão relevante, que despertou o interesse de uma das alunas a seguir a carreira docente, tornando-se ela, a professora de Espanhol. Evidencia-se que, conjuntamente houve o interesse dos pais dos(as) alunos(as) em aprender o Espanhol, em especial, devido a questões laborais.

Além disso, a própria direção da Escola demonstrou interesse em dar continuidade às aulas de Espanhol, por acreditar na importância da aprendizagem dessa língua na vida dos(as) alunos(as), tendo em visto que, em sua maioria pertencem a uma comunidade carente, e não dispõem de recurso financeiro para pagar um curso particular de língua estrangeira.

Portanto, recomenda-se que sempre que possível, seja empregado o maior número de recursos tecnológicos, a fim de expor os(as) alunos(as) a diferentes tipos de *inputs*, que certamente auxiliarão na aprendizagem da Língua Espanhola.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei n.11.161, de 05 de agosto de 2005.** Dispõe sobre o Ensino da Língua Espanhola. Brasília, DF, 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11161.htm>. Acesso em: 10 jul. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2016.



BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira.**

Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrangeira.pdf>. Acesso em: 10 jul.2016.

GIMÉNEZ, Javier Fruns. **La enseñanza comunicativa de la lengua.** In RICHARDS, Jack C. e RODGERS, Theodore. Resenha, Madrid: Cambridge UniversityPress, 2.^a edición actualizada, 2012, p. 153-174. Disponível em: <http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/antologia_didactica/enfoque_comunicativo/fruns01.htm>. Acesso em: 09 jul. 2016.

GRIFFIN, Kim. **Lingüística aplicada a la enseñanza del español como 2/L.** 2. ed. Madrid: Arco Libros, 2011.

LEFFA, Vilson J. **Metodologia do ensino de línguas.** In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. Tópicos em lingüística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. p. 211-236. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/Metodologia_ensino_linguas.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2016.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2016.



OFICINA DE INTERAÇÃO E ESPAÇO NA ESCOLA ASSIS BRASIL: UMA ATIVIDADE DO PIBID INTERDISCIPLINAR UFPEL

BRUNA CITTADELLA¹; FELIPE AVILA TRACZYNSKI²;
FERNANDA WEINERT³; RAFAEL VERAS ZORZOLLI⁴;
KARINA GIACOMELLI⁵.

¹Universidade Federal de Pelotas – UFPel – bruna.cittadella@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – UFPel – felipe.traczynski@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – UFPel – nand.ehlert@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – UFPel – rafael.zorzolli@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – UFPel – karina.giacomelli@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência é uma iniciativa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que visa ao estreitamento dos laços entre alunos e professores do ensino superior e as escolas do ensino básico, promovendo, assim, maior valorização da formação de professores.

Pensando nisso e procurando aprimorar didáticas interacionistas entre professores e alun@s, o subgrupo do PIBID na escola Assis Brasil intitulado “Interação e Espaço”, inserido no projeto interdisciplinar A interação no contexto educacional: integrando alunos e escola, desenvolveu uma atividade na qual a interação pudesse ser alcançada por meio do diálogo e de atividades lúdicas, promovendo um ambiente de descontração, conhecimento e comunicação.

Atualmente, o que se pretende é que a escola busque desconstruir a crença em uma totalidade unitária, baseada em conceitos universais, mas encorajar a intuição, a emoção e a diversidade, procurando não transmitir nem trabalhar dentro de um único modelo de pensar, com conceitos universais e totalizantes, com valores eternos e imutáveis. Por isso,

o objetivo de toda prática educativa – facilitar a reconstrução do conhecimento experiencial do aluno – não pode se entender nem se desenvolver sem o respeito à diversidade, às diferenças individuais que determinem o sentido, o ritmo e a qualidade de cada um dos processos de aprendizagem e desenvolvimento. (PÉREZ GÓMEZ, 2001, p.67).



A escola precisa lidar com as novas formas de ser e de estar no mundo, entendendo os sujeitos e as instituições de agora, marcados por profundas mudanças, o que contribuiu para o surgimento de novas formas de organização social e mudanças na relação tanto sujeito-sujeito quanto sujeito-sociedade.

Segundo Giddens (2002), o processo de construção do homem resulta da sua interação consigo mesmo e com a realidade social, histórica e cultural. E, nessa perspectiva, a condição fundamental para existência do indivíduo é a aceitação e internalização da realidade exterior através das experiências mediadas, como a linguagem, a atividade e as relações sociais. A escola é, portanto, o lugar onde essas experiências são mediadas, o tempo todo e por vários anos. É um espaço rico em interações, no qual se entrecruzam valores, costumes, ideias e interesse. Nesse sentido, local propício à socialização e, conseqüentemente, promotora de subjetividade a partir de intersubjetividades.

Deste modo, a escola é um espaço importante por incentivar atividades em que cada alun@ possa reconhecer suas particularidades e interagir com seus colegas, respeitando seus limites e suas diferenças. Isso contribui no desenvolvimento d@ alun@ e influencia diretamente o seu dia a dia, transformando o ambiente escolar num local acolhedor, agregador e modificador.

Assim, nosso objetivo com a oficina é possibilitar que @s alun@s se identifiquem como pertencentes à escola e, por isso, agentes desse ambiente, a fim de melhorar a interação na escola, levando-@s, portanto, a sentirem-se integrados tanto aos colegas com quem se relacionam de diferentes modos quanto ao espaço em que convivem.

2. DESENVOLVIMENTO

@s bolsistas se apresentaram e pediram que @s alun@s se apresentassem, dizendo nome, idade. Passou-se, então, a primeira atividade, denominada “Quebra-gelo”, na qual foram questionad@s se estão acostumados a sentarem-se onde sentam e o motivo de ser nesse lugar. Em seguida, @s bolsistas pediram aos alun@s que mudassem de classe, sendo que el@s foram conduzidos a buscarem lugares na sala diferentes daqueles aos quais estão acostumados. Logo após se acomodarem, foram questionad@s acerca de como se sentiam - diferentes, do mesmo modo, desconfortáveis, etc - e o que mudou pelo fato de estarem em outro espaço, ainda que na mesma sala, para que começassem a pensar na ideia de “o que muda quando mudamos de lugar”

pelo viés literal. Para introduzir a segunda atividade, @s pibidian@s fizeram perguntas tais como: “Vocês acham que são muito diferentes das outras pessoas que estão aqui?”; “O que vocês acham que é diferente?”; “O que é parecido?”; “ Vocês já pararam para ver se vocês tem algo em comum?”; “ Vamos conferir?”

Na segunda atividade, foi usado um pedaço de fita adesiva pra fazer uma linha vertical no meio da sala, no chão. @s alun@s ficaram dispostos dos dois lados da linha. Em seguida, responderam a uma série de perguntas cujas respostas seriam sim ou não. Aquel@s alun@s cujas respostas foram sim passaram para cima da linha. O processo se repetiu a cada pergunta. As perguntas das oficinas são feitas englobando os seguintes temas: local onde mora; locomoção; moradia; religião; música; a escola; comida; internet; faculdade e profissões. Ao final dos questionamentos, foi aberto um espaço para que @s propri@s alun@s fizessem perguntas que lhes interessassem e, ao longo da aplicação das oficinas em turmas diferentes, o questionário foi mudando, procurando se adequar a cada novo grupo para o qual era apresentado. Após responderem a cada pergunta, os estudantes voltavam para o lado da linha.

Para finalizar, foi solicitado aos alun@s que voltassem às classes e que fizessem uma lista de cinco coisas em comum e cinco diferentes sobre @ colega ao lado, considerando o observado na atividade. As folhas com as considerações foram recolhidas pel@s pibidian@s que as socializaram com a turma.

3. RESULTADOS

As oficinas ainda estão sendo realizadas, semanalmente, sempre em uma turma diferente, contemplando todos os anos finais do ensino fundamental. O que já foi percebido é que muito dos pontos de vista d@s alun@s sobre suas diferenças e a impressão de que eles tinham pouco em comum estão sendo desconstruídos, pois a cada pergunta eles conhecem mais sobre @s colegas que não consideravam tão próximos, percebendo que eles possuem muitas semelhanças, desde o lugar de onde vêm, os lugares que gostam de frequentar, preferências musicais e objetivos futuros.

A oficina tem sido adaptada em cada turma, pois são alun@s com idades diferentes – os dos anos finais do ensino fundamental, por exemplo, acham algumas perguntas infantis para sua idade. Tal mudança leva-nos a entender que cada grupo precisa de um trabalho específico e um planejamento cuidadoso, o que contribui para entendermos a dinâmica escolar e a necessidade de se pensar em como tratar o tema especificamente.



Assim, conseguimos trabalhar e discutir assuntos mais sérios dentro da sala de aula, mas não tirando a essência da oficina planejada inicialmente.

Nossa expectativa é que até o final do semestre letivo consigamos aplicar em todas as turmas dos anos finais da escola. As greves que ocorrem no momento na rede estadual de ensino, em virtude das reivindicações dos professores, podem acabar interferindo no calendário inicialmente pensado; porém, não acreditamos que isso venha a colocar em risco nossa meta e resultados.

4. AVALIAÇÃO

Através das oficinas realizadas até o momento, concluímos como positivo o trabalho realizado, tanto em relação à turma, quanto à forma como o grupo de pibidianos tem se inserido no ambiente escolar periodicamente, aumentando, assim, sua experiência em sala de aula por meio do contato com a realidade escolar da rede pública.

Dessa forma, a oficina tem realizado seu propósito de trabalhar o espaço para promover uma maior interação entre @s alun@s, mostrando-lhes que é possível conviver com a diferença, já que esta, muitas vezes, diz respeito a algum aspecto específico apenas.

Também foi dada ênfase ao trabalho interdisciplinar dentro da sala de aula, fazendo uma relação maior entre os licenciandos de diferentes áreas, uma vez que a oficina é realizada por alun@s dos cursos de graduação em Letras – Português, História e Música, promovendo, portanto, o diálogo entre as áreas. As oficinas mostram que o trabalho interdisciplinar realizado na escola tem sido muito bem sucedido, tanto dentro da sala de aula, na prática com @s alun@s, quanto na formação d@s bolsistas, que percebem a importância do trabalho interdisciplinar e o impacto positivo dentro da sua formação e o seu pensar pedagógico.

5. REFERÊNCIAS

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

PÉREZ GOMEZ, A. I. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.



10 ANOS DO PROJETO “DESIGN COM ARTE E CARINHO”

BRUNA DA ROSA MENDES¹ ; VANESSA MONTEIRO DA SILVA² ;
GILBERTO BALBELA CONSONI³

¹Universidade Federal de Pelotas – brunadrm@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – vanessamonteiroasilva@yahoo.com.br

³Universidade Federal de Pelotas – gilberto.consoni@ufpel.edu.br

1. APRESENTAÇÃO

O projeto de extensão Inclusão Digital com Arte e Carinho é desenvolvido na Casa do Carinho desde 2007. No ano de criação o projeto se chamava Inclusão Digital - com amor e carinho e era coordenado por Ana Argoud e Gerson Luiz da Silva. Na época, eram lecionadas aulas individuais semanais por bolsistas do projeto. Com isso, conquistaram a criação de um laboratório de informática que possibilitou a inclusão digital das crianças acolhidas.

O público alvo são crianças de 2 anos à 8 anos, com exceção de uma criança de 13 anos que possui deficiência e também reside na casa. A casa do Carinho é um abrigo institucional municipal que recebe crianças tuteladas, ou seja, que sofreram maus tratos, abandono ou foram negligenciados pelos pais e estão sob tutela do estado, onde permanecem na casa até que sejam adotadas ou retornem para a família sanguínea.

Segundo MÜHLEN (2011), o projeto estimula a sensibilidade, a ludicidade e a criatividade das crianças, além de valorizar as suas experiências artísticas. Afirmando a importância do ensino de arte para estimular o interesse e a atenção das crianças, contribuindo para sua autoestima.

Cabe salientar que o projeto se trata de artes e atualmente conta com bolsistas do design e da arquitetura e procura trabalhar com a autoestima das crianças e a criação de vínculos, bem como ensinar através da arte.

2. DESENVOLVIMENTO

Atualmente o projeto de extensão mantém a maioria dos objetivos originais que eram: possibilitar às crianças a inclusão digital, construção de um espaço para educação e uso adequado do tempo livre através do fazer artístico no computador e fora dele, com



vistas a valorizar as manifestações e potencialidade individuais e em grupo. Porém, devido a furto dos equipamentos do laboratório de informática, atualmente trabalhamos com atividades manuais, por entendermos como Duarte Jr. (2010) a arte-educação é uma poderosa ferramenta para o desenvolvimento da sensibilidade das pessoas, e ainda que tenhamos mudados as ferramentas, o projeto é de extrema importância para o desenvolvimento das crianças.

Os encontros acontecem semanalmente na Casa do Carinho em horário livre de aula das crianças, sendo dividido em dois momentos as atividades, inicialmente com as crianças de 4,5 a 7 anos e em seguida, das crianças de 2 à 4,5 anos. Inicialmente realizávamos as atividades com todas as crianças conjuntamente, porém algumas se dispersavam e não concluíam a atividade, então iniciamos a separação por faixa etária o que deixava as crianças mais tranquilas e concentradas, também por estarem assistidas com mais atenção pelas bolsistas. As atividades desenvolvidas são propostas pelas bolsistas que em conjunto decidem o cronograma e os materiais necessários. Visando incentivar a experimentação com matérias já disponíveis como papel sulfite, papel colorido, lápis de cor, caneta hidro cor, tinta, cola e tesoura, bem como o reaproveitamento de materiais como rolo de papel higiênico e revistas antigas.

A proposta é levar atividades educativas e práticas que auxiliem elas a reconhecer cores, ponto, linhas, números e letras, focado em ações lúdicas, pois, segundo MÜHLEN (2001), A ação lúdica é uma característica essencial da arte e fundamental para o equilíbrio humano.

Como produto da atividade tivemos origamis, desenhos, binóculos de papel e desenhos coletivos. Mas o desenvolvimento da atividade não é pautado em produtos e sim, em processos, pois como afirma Duarte Jr. (1995) a ação, o processo em arte, para as crianças, tem mais importância que o resultado final. A arte infantil não pode ser valorizada apenas pela estética visual, beleza e harmonia. Deve-se considerar o processo, o caminho da elaboração, sentimentos, pensamentos e percepções envolvidas.

3. RESULTADOS

Nosso objetivo que vem sendo desenvolvido com sucesso é o de auxiliar no desenvolvimento social das crianças que vivem no lar, assim como criar uma aproximação que possibilite que elas sintam-se apoiadas e incentivadas a manterem o seu lado criativo através das atividades desenvolvidas. Percebemos também que as crianças possuem

certa autonomia desde muito pequenos, o que algumas vezes auxilia na execução das atividades e outras vezes faz com que elas não se adaptem fácil as atividades propostas.

Percebemos com algumas atividades, especialmente as de desenhar, a personalidade de cada criança, umas mais independentes, outras que dificilmente querem seguir exatamente as instruções, outras que sentem a necessidade de que sejam ditos todos os procedimentos das atividades e isso é fundamental para que possamos compreender individualmente o que acontece com cada uma. Além, claro, de receber o carinho e reconhecimento através de abraços e trabalhos feitos para nós, bolsistas.

4. AVALIAÇÃO

As atividades desenvolvidas, apesar de planejadas anteriormente, sofrem alterações conforme o comportamento das crianças, pois entendemos o projeto como um momento de liberdade em contraposição a uma rotina regrada por consequência do modo de vida coletivo e como consequência disso exige flexibilidade por parte das bolsistas, algo fundamental na formação enquanto profissionais, mostrando um panorama real das situações e não mais teórico como as práticas acadêmicas.

As crianças e profissionais do abrigo nos recebem com muito respeito e auxiliam para que as atividades sejam executadas da melhor maneira possível, colaboração essa que nos proporciona maior confiança.

Apesar das atividades não terem um ponto final concreto, podemos perceber os avanços e mudanças que as crianças passam e a criação de laços que acontece, construindo essa rede de apoio que é tão fundamental para o desenvolvimento das crianças. Com isso, concluímos que o projeto não tem um cronograma finito e cada encontro proporciona um aprendizado extremamente válido do ponto de vista enquanto acadêmicas e enquanto seres humanos.

5. REFERÊNCIAS

DUARTE JR., João Francisco. **A montanha e o videogame: escritos sobre educação**. Campinas: Papirus, 2010.



DUARTE JR., João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. Campinas: Papirus, 1995.

MATOS, Lisiane da Silva. MADEIRA, Maria Cristina. MEDEIROS, Rita. Educação Infantil, Linguagem e Aprendizagem numa Perspectiva de Educação Popular. **Revista Eletrônica “Fórum Paulo Freire”**, 2005.

MOÇO, Anderson. 7 Atividades para Educar com Brincadeiras. **Educar para Crescer**, 2010. Acessado em 11 set. 2013. Online. Disponível em <<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/aprendizado-infantil-550375.shtml>>

MÜHLEN, Adriana Patzlav. ZAMPERETTI, Maristani Polidori. Novas Tecnologias e Ludicidade nas Artes Visuais: Uma experiência com crianças tuteladas. XX Congresso De Iniciação Científica, III Mostra Científica. **Anais...** Pelotas: UFPel, 2011.

MÜHLEN, Adriane Patzlav von. **A “inclusão digital com arte e carinho”: experiências com tecnologias de informação e comunicação e ludicidade nas artes visuais**. 2011. Monografia - Curso de Artes Visuais, Modalidade Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas.

REZENDE, Luciano Galdino de Melo. **Inclusão Digital – Um desafio para o Brasil**. Goiânia, GO - Brasil, 2012.

WAJSKOP, Gisela. **O Brincar na Educação Infantil**. 1995. Acessado em 12 set. 2013. Online. Disponível em <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/742.pdf>>



EXTENSIONISMO NA PRODUÇÃO LEITEIRA EM ASSENTAMENTOS DA REGIÃO SUL DO RIO GRANDE DO SUL

BRUNO SILVA JUSTINO¹; JÚLIO CÉSAR GARROZO DE ALMEIDA²;
NATIELE ISAURA DE ALMEIDA VEECK³; LUANA CATARINA FERREIRA
RIBEIRO⁴; CLEITON CONCEIÇÃO ALMEIDA⁵; LUIZ FILIPE DAMÉ SCHUCH⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – brunojustino99@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – julio_garroso@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – nativeeck@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – luanaribeiro70@yahoo.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – cacleiton@hotmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – lfdschuch@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O estado do Rio Grande do Sul (RS), em 2014 produziu 4,685 bilhões de litros de leite, mantendo-se como o segundo estado maior produtor de leite, atrás somente de Minas Gerais (MG). Grande parte deste leite é produzido pela agricultura familiar, que hoje tem como alicerce a produção dos assentamentos (ZOCCAL; DUSI, 2015).

No presente momento a produção leiteira derivada da agricultura familiar se encontra em déficit, devido aos produtores rurais terem dificuldade de aplicarem as técnicas e os avanços estudados e alcançados nos institutos de ensino e de pesquisa, o que dificulta a evolução da atividade leiteira, tanto em parâmetros de qualidade quanto de quantidade (COSTA 2014). Tornando importantante á aplicação de práticas extensionistas em áreas de assentamentos.

No início do século XX a criação do serviço cooperativo de extensão rural dos Estados Unidos estruturado com a participação de universidades americanas conhecidas como Land-grant Colleges, consolidou naquele país, pela primeira vez na História, uma forma institucionalizada de extensão rural (JONES; GARFORT, 1997).

Com relação à qualidade do leite, o mercado está se tornando cada vez mais exigente (ZANELA et al., 2006). Diante das dificuldades que os assentados demonstram em se adequar ao padrão de qualidade de leite exigido pela indústria, a Turma Especial de Medicina Veterinária (TEMV) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), com participação da Universidad de La Republica/UY (UDELAR), desenvolveu práticas de extensão em áreas de assentamento na região sul do RS.

O trabalho está sendo desenvolvido em conjunto com os beneficiários do projeto de reforma agrária, visando a capacitação dos produtores assentados a se adequarem as novas legislações referente a qualidade do leite ao mesmo tempo proporcionando



uma interação entre professor, estudante e produtor. Os resultados deste trabalho serão tornados públicos, sendo estes favoráveis ou não, por meio de trabalhos apresentados em congressos, artigos publicados em periódicos científicos em circulação internacional e/ou nacional.

2. DESENVOLVIMENTO

O acompanhamento dos alunos com a produção ocorre mensalmente, onde cada um dos 51 alunos, da Turma Especial de Medicina Veterinária, é destinado a passar um final de semana na casa de produtores assentados, onde os estudantes

partem de Pelotas, rumo aos assentamentos logo pela manhã do sábado, com retorno no domingo no período da tarde. Os recursos utilizados para cobrir os gastos do projeto, são de ordem pública que foram obtidos por meio do projeto de extensão rural em áreas de assentamento da região sul, do RS.

Nos dias que antecedem a ida para a casa dos produtores, os alunos são preparados pelos professores, para que sejam capazes de dialogar com a família sobre a realidade da produção e com isso propor mudanças que possam beneficiar o assentado. É através desse que os alunos podem encontrar um verdadeiro momento de aprendizagem, diluindo a hierarquia, professor-produtor e aluno receptor, o que facilitaria a interação entre ambos resultando em uma aprendizagem significativa (DE VASCONCELOS et al., 2005).

Com o objetivo de melhorar a qualidade e quantidade de leite produzido pelos assentados, os educandos junto a os professores, montaram um plano de trabalho com alguns aspectos importantes a serem abordados.

Primeiramente, ocorre momentos de troca de ideias entre professores e estudantes. Durante estes momentos, os alunos colocam seus anseios e dúvidas a respeito de situações encontradas nas famílias, trabalhando-se com um determinado assunto relacionado a qualidade de leite, de acordo com as demandas gerais das famílias, pois na maioria dos casos o problema é semelhante, se não igual.

Durante as trocas de ideias para promover uma melhora na qualidade do leite, os alunos juntamente com professores acharam importante atuar no acompanhamento mensal da produção de leite, no momento da ordenha, pré e pós- dipping, limpeza e higienização do equipamento, e coletas de amostras, que foram encaminhadas ao La-

boratório de Veterinária Preventiva da – UFPel, para isolamento de agentes envolvidos. Os resultados nos possibilitam a montar um mapa epidemiológico e apontar os possíveis agentes como também traçar ação de educação higiênica sanitária, coleta de amostras de leite para posterior análise e entrega de resultados.

Além do acompanhamento mensal da produção de leite, os professores juntamente com os alunos, acharam por bem criar oficinas, tendo como tema principal a mastite. Que segundo DA COSTA et al. (2013), apesar de todos os avanços logrados nas últimas décadas em termos de prevenção e controle, esta enfermidade permanece como a doença infecciosa mais prevalente e economicamente relevante entre bovinos leiteiros em todos os continentes.

Para a realização das oficinas técnicas em áreas de assentamento, os alunos foram distribuídos em grupos de proximidade, onde se reuniam de forma contínua, anterior ao dia das oficinas, para encontrar a melhor maneira de expor o tema de uma forma em que os assentados tivessem oportunidade de se manifestarem colocando suas dúvidas. Ao todo, foram sete grupos sendo 03 no município de Piratini, 02 em Hulha Negra e 02 em Candiota.

3. RESULTADOS

Segundo relato de produtores assentados e alunos, a iniciativa extensionista desenvolvida na cadeia produtiva do leite foi de grande importância para o aprendizado. ARAÚJO (2007) diz que o objetivo da extensão rural é difundir e transferir técnicas de trabalho, produção e comercialização úteis e sustentáveis aos produtores rurais por meio de métodos educativos, sendo o extensionista elemento-chave do serviço de extensão rural.

Os assentados ressaltaram a importância da realização das coletas de leite pois, segundo eles isso até então, ainda não havia sido proporcionado a eles. Após o processamento das amostras foram emitidos e entregues laudos técnicos do leite coletado, com instrução de manejo e tratamento nos casos positivos para mastite, onde os alunos sob orientação dos professores foram responsáveis por conduzir esse processo. GONÇALVES et al. (2014), afirma que, assistência técnica aliada à extensão rural, quando bem estruturadas contribui na organização e no melhor desempenho da atividade leiteira garantindo melhorias e o desenvolvimento para o setor rural.

Referente as oficinas os produtores relataram ter sido de grande importância (Figura

1), pois alguns não sabiam das percas produtivas que o processo inflamatório da glândula mamária pode causar e de como intervir após estabelecido o quadro.



Figura 1. Oficina realizada no Assentamento dos Cerros, Município de Candiota-RS.

Segundo VOLQUIND (2000), na oficina surge um novo tipo de comunicação pois é formada uma equipe de trabalho, onde cada um contribui com sua experiência. Para MARTINS et al. (2009), as oficinas também trazem como característica, a abertura de espaços de aprendizado que buscam o diálogo entre os participantes.

4. AVALIAÇÃO

Em um momento de avaliação, do projeto de Extensão Rural, realizado no município de Pelotas-RS, reuniram-se assentados juntamente com alunos e professores. Foi possível ter uma noção geral de o que o projeto significava para os produtores e quais eram os pontos positivos e o que poderia ser melhorado.

De acordo com o relato dos produtores, as práticas propostas no momento da ordenha, pré e pós-dipping, limpeza e higienização do equipamento, coletas de amostras e oficinas, foram de simples incorporação e contribuíram significativamente para a melhoria da qualidade do leite.

Na visão dos produtores assentados o principal ponto a melhorar seria, a quantidade de dias que os alunos permanecem em suas residências que é muito pouco. Pois os educandos passam um final de semana na casa dos produtores, abrangendo os dias de sábado e domingo, sendo possível acompanhar de 2 a 3 ordenhas e para eles o ideal seria que os alunos permanecessem por no mínimo 05 dias em suas propriedades.

5. REFERÊNCIAS



ARAUJO, R.T. et. A política nacional de assistência técnica e extensão rural (PNATER) e o novo perfil profissional do médico veterinário”. **Ensaio e Ciência**, v.

COSTA, P.U.N.D. et al. **a integração de agricultores, pesquisadores e extensionistas na produção de conhecimentos: o caso da rede leite**. 2014. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Curso de Pós-graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria.

DA COSTA, G.M. et al. Resistência a antimicrobianos em *Staphylococcus aureus* isolados de mastite em bovinos leiteiros de Minas Gerais, Brasil. **Arquivos do Instituto Biológico**, v. 80, n. 3, p. 297-302, 2013.

DE VASCONCELOS, A.A. et al. A presença do diálogo na relação professor-aluno. **Anais eletrônicos...**, 2005.

GONÇALVES, A.C.S. et al. Assistência técnica e extensão rural: sua importância para a melhoria da produção leiteira. Relato de caso. **Revista Brasileira de Higiene e Sanidade Animal**, v. 8, n. 3, p. 47-61, 2014.

JONES, G.E.; GARFORTH, C. **The history, development, and future of agricultural extension**. 1997.

MARTINS, F.N.; FREITAS, D.; FELDKERCHER, N. **Oficinas pedagógicas: instrumento de valorização da diversidade no ambiente escolar**. In: IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO–III ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA. 2009. p. 26-29.

VOLQUIND, L. **Oficinas de ensino: o quê? por quê? como?**. EDIPUCRS, 2000.v 4.

ZANELA, M.B. et al. Qualidade do leite em sistemas de produção na região Sul do Rio Grande do Sul. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, v. 41, n. 1, p. 153-159, 2006.

ZOCCAL, R.; DUSI, G.A. Modelo ideal para produção de leite no Brasil. **Animal Business-Brasil**, 2015.



CONJUNTURI - ANÁLISE DE CONJUNTURA INTERNACIONAL

CÍCERO FERNANDES CRUZ¹; FÁBIO AMARO DA SILVEIRA DUVAL²

¹Universidade Federal de Pelotas – cicerofernandescruz@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - fasduval@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

O trabalho desenvolvido tem como objetivo a apresentação do Projeto de Extensão ConjuntuRI – Análise de Conjuntura das Relações Internacionais, oriundo do Curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Demonstrar, portanto, seus objetivos consolidados no ano vigente e as propostas para os próximos anos visando expandir o alcance do projeto.

O ConjuntuRI surgiu da proposta da criação de um projeto de extensão universitária surgiu entre os alunos da primeira turma do curso de bacharel em Relações Internacionais da UFPel junto aos professores, como forma de suprir uma necessidade da cidade. Com o objetivo de levar para a comunidade acadêmica e em geral temas pertinentes a conjuntura internacional, envolvendo questões políticas, econômicas e sociais, através de palestras regulares com especialistas no assunto. Desde o início, uma das principais metas do projeto é o de proporcionar aos alunos de Relações Internacionais, bem como ao restante da academia e comunidade, o contato com debates mais aprofundados sobre temas contemporâneos em destaque no contexto internacional.

As atividades são supervisionadas pelo professor coordenador do projeto, Fábio Amaro da Silveira Duval, 16 alunos divididos em três frentes, são elas: palestras, escola e mídia. As reuniões acontecem semanalmente, com dia e horário pré-estabelecido no início do semestre para possibilitar a presença de todas, sendo todas as pautas registradas em ata são assinadas pelos presentes.

O objetivo inicial do projeto era palestras regulares sobre temas da conjuntura internacional abertas à comunidade, acadêmica ou não, sendo expandido para a rádio Federal FM, no qual os colaboradores junto com o professor coordenador escrevem programas e os gravam com análises críticas e reflexivas sobre as conjunturas sociais, políticas e econômicas do mundo. Nas escolas de ensino público ocorre as palestras que os alunos membros do projeto apresentam aos alunos que encontram-se no ensino médio, visando introduzir temas pertinentes da conjuntura internacional com o propósito de levantar discussões críticas e estimular o pensamento dos jovens; e, por fim, o ConjuntuRI



Entrevista, novo pilar do projeto que se traduz na realização de entrevistas com pessoas de notório conhecimento das Relações Internacionais para elucidar a comunidade de temas afetos a atual conjuntura internacional, liberado em formato de podcast¹.

Dessa forma, a aplicação do conceito de extensão, definido no Plano Nacional de Extensão Universitária, como “processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade” (NOGUEIRA, 2000). Ampliar o contato com outros centros de estudos em Relações Internacionais, empresas, escolas públicas, organizações e movimentos sociais, torna-se, portanto, caminho irreversível do projeto.

2. DESENVOLVIMENTO

O trabalho desenvolvido foi baseado em todas as atividades desenvolvidos pelo o projeto de extensão Conjunturi, como forma de evidenciar as ações e propostas do projeto. Para THIOLENT (2002) as ciências humanas tem a capacidade de criar senso crítico nos locais onde se inserem, perpassando pela crítica das ideias, da vida cotidiana e senso comum e, por fim, da crítica profissional. Destarte, a metodologia de análise e ação de projetos de Extensão devem passar por cinco etapas, são elas: a construção social; participação; dimensão crítica; dimensão reflexiva e; propósito emancipatório. Para o autor o processo criação do conhecimento é construído com a comunidade na qual se está trabalhando conjuntamente. Portanto, com base nos dados que o projeto produz e com os princípios norteadores para formulação do estudo e da ação do Conjunturi nas esferas onde atua, buscar-se-á apresentar os resultados do trabalho do ano de 2017.

3. RESULTADOS

No que tange o eixo de palestras, o ConjuntuRI promove no mínimo 2 ao ano, preferencialmente uma por semestre. A única palestra que houve até o momento foi concedida pelo professor Fabiano Mielniczuk, intitulada „A Rússia e suas relações internacionais sob o governo de Vladimir Putin”. Com a presença de mais de 140 pessoas que lotaram o Auditório Simón Bolívar no Centro de Integração do Mercosul. Esta palestra demonstrou a expansão do projeto pela participação de alunos de diversos cursos da

¹ Disponível em: <https://soundcloud.com/conjunturicast>. Acesso em 04/10/2017.



UFPEL, inclusive engenharias. Da mesma forma, alunos do curso de Relações Internacionais da FURG se fizeram presentes promovendo relações e integração educacionais, muito importante para se pensar o mundo a partir do Extremo Sul do Brasil.

As palestras nas escolas compõe outro objetivo do ConjuntuRI, pois, a relação ensinar-aprender exige do educador rigor metodológico, pesquisa profunda e a compreensão de que o conhecimento é sempre inacabado (FREIRE, 2016). Os 4 temas são escolhidos por sua repercussão na atualidade, sendo assim, questões como a Guerra da Síria e/ou Oriente Médio como um todo, Estados Unidos, China, Cuba, Coreia do Norte, refugiados e Rússia, são levadas para a sala de aula com a intenção de elucidar os alunos propondo pensamento crítico e reflexivo. Para tanto, o Grupo de Trabalho nas Escolas é composto por 8 membros, cada um responsável por dois assuntos. Entretanto, o principal problema tem sido as recorrentes greves dos professores em decorrência do parcelamento dos salários dos professores e condições precárias de trabalho, por isso, o calendário reajustado após cada greve impossibilita o agendamento destas.

Logrado para aumentar o alcance público do projeto, a criação de um programa de rádio do projeto, posto no ar em parceria com a Rádio Federal FM, da Universidade Federal de Pelotas, chamado “Vozes do Mundo”, devido a aprovação de um edital referente ao ano de 2013, mas com atividades iniciadas no ano de 2015. Contudo, está suspenso e não realizado neste ano, pois a Rádio Federal FM não abriu edital para que ou fosse renovado ou novamente candidatado.

O último e mais recente pilar, como já dito, é o ConjuntuRI Entrevista que amplia a capacidade de alcance na comunidade através da ferramenta podcast, disponível de forma gratuita. Busca-se sempre profissionais capacitados para explicar questões pertinentes às relações internacionais, por intermédio de uma linguagem simples, coesa e contempladora. Neste ano foram publicadas 6 entrevistas efetuadas não só pelo coordenador, mas também por alunos, contanto com a participação de outros professores do curso. Com o sucesso desta plataforma haverá a ampliação através de novas entrevistas com membros da sociedade civil, professores da UFPEL e região, bem como utilizar de ferramentas tecnológicas que proporcionem entrevistas com contatos longínquos.

A consolidação cada vez maior dos quatro pilares apresenta-se como meta primeira do projeto. Pesquisar novos meio de comunicação com a sociedade pelotense integrar-se cada vez mais com os projetos da UFPEL e cursos de RI da região. Retomar o programa na Rádio Federal FM através de mecanismos democráticos da UFPEL, que na falta deste fez surgir o ConjuntuRI Entrevista como opção.



4. AVALIAÇÃO

O ano de 2017 foi de dificuldades sendo a principal delas o contingenciamento das verbas destinadas a Universidade dificultando o acesso a bolsas para estudantes, manutenção da infraestrutura e arrecadação de verba via Unidade Acadêmica para o transporte de palestrantes de outras regiões do Brasil.

Deve-se, contudo, perceber que este mesmo problema ocorre no que tange a educação pública estadual também, pois, as greves contra o parcelamento e precarização do trabalho forçam a mudança constante de calendário escolar postergando as datas agendadas. Por outro lado, nota-se a habilidade dos membros do projeto em inovar buscando novas ferramentas, como o supracitado caso do ConjuntuRI Entrevista. Além disso, o comprometimento dos membros do projeto através do diálogo interno constante, a procura por novas escolas e formas de inserção na sociedade, ressaltam a natureza de extensão do projeto.

Com esta breve apresentação, salienta-se o papel fundamental do Projeto de Extensão ConjuntuRI na sociedade apresentando-se como referência no que tange questões internacionais e nacionais. Em um mundo cada vez mais interconectado, a necessidade de compreender o atual momento do mundo faz do ConjuntuRI uma peça da democracia, ferramenta de cidadania.

5. REFERÊNCIAS

NOGUEIRA, M. D. P. Extensão **Universitária: diretrizes conceituais e políticas** – Documentos básicos do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras 1987 – 2000. Belo Horizonte: PROEX/UFMG; o Fórum, 2000. Acessado em 20 de jul. de 2016. Online. Disponível em: <http://www.renex.org.br/documentos/Encontro-Nacional/1987-I-Encontro-Nacional-o-FORPROEX.pdf>.

THIOLLENT, M. **CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO E METODOLOGIA DA EXTENSÃO**. Congresso Brasileiro de Extensão Universitária - João Pessoa – PB, em 10 de novembro de 2002. Acessado em 29 de fev. de 2018. Online. Disponível em: http://www.prac.ufpb.br/anais/lcbeu_anais/anais/conferencias/construcao.pdf.



EXPOSIÇÃO CONCHAS: FORMAS E CORES COMO FERRAMENTA DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA PARA A COMUNIDADE DA CIDADE DE PELOTAS

CAMILA DALMORRA¹; LUCAS COSTA²; GABRIELA MEDEIROS³;
DANIEL CARVALHO⁴; JOÃO SILVEIRA⁵; MARCO SILVA GOTTSCHALK⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – camiladalmorra@live.com

⁵Universidade Federal de Pelotas

⁶Universidade Federal de Pelotas- Instituto de Biologia-
Departamento de Ecologia, Zoologia e Genética– gotts007@yahoo.com

1. APRESENTAÇÃO

A popularização da ciência ou alfabetização científica prevê a transposição daquilo que é produzido dentro da academia para a comunidade adjacente, tendo em vista que a ciência também é influenciada pelo contexto histórico e político na qual está inserida e tem papel fundamental na construção e empoderamento cultural e social da população. Como afirma Boa Esperança et al. (2014) ter acesso a produção científica e ser reconhecido como produtor de saberes é um direito a cidadania.

Atualmente a divulgação científica recebe a atenção de diversos pesquisadores de diferentes áreas, observamos a importância dessa temática durante a reunião da Rede Global de Academias de Ciências, ocorrida em fevereiro de 2013 no Rio de Janeiro, onde pesquisadores do mundo todo destinaram parte das atividades da reunião a discussão do tema e maneiras de aperfeiçoá-lo. Na aplicação da alfabetização científica, é indiscutível a importância de se estabelecer com clareza o público alvo, levando em consideração que fatores como idade, escolaridade e situação socioeconômica afetam o processo de ensino aprendizagem.

O presente trabalho objetiva aproximar a comunidade Pelotense do meio científico utilizando-se do tema moluscos como eixo transversal para uma abordagem interdisciplinar da ciência, levando em consideração os aspectos físicos, químicos, biológicos, evolutivos, históricos, culturais e econômicos envolvendo a temática.

Outros aspectos levados em consideração no desenvolvimento do trabalho foram a aproximação dos acadêmicos do curso de ciências biológicas como atores principais no processo de divulgação da ciência, além da apropriação do espaço do Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter pelos acadêmicos e ampliação da divulgação do trabalho do Museu para a comunidade.

2. DESENVOLVIMENTO

A exposição ocorreu durante o mês de setembro de 2016 no Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter, ocupando o espaço destinado às exposições temporárias que ocorrem neste espaço.

A exposição foi composta por 66 conchas de espécies brasileiras e 32 conchas de espécies exóticas acompanhadas de sua etiqueta de identificação contendo informações sobre sua localização na costa brasileira, tipo de habitat e alimentação.

Essas conchas fazem parte do acervo de material de aulas práticas do Laboratório de práticas do Departamento de Ecologia, Zoologia e Genética do Instituto de Biologia.

Além do material biológico, foi utilizado como recurso didático pôsteres contendo informações sobre as principais classes de moluscos, a evolução do grupo e perda da concha, histórico de comunidades que utilizam moluscos como propulsor da economia, processos químicos e biológicos envolvidos na produção de pérolas e processos físicos que cercam o mito de poder ouvir o barulho do mar ao aproximar a concha do ouvido.

Também foram utilizadas fotografias ampliadas mostrando detalhes da coloração e adornos de conchas com tamanho diminuto junto da própria concha, exposta em placa de petri, em tamanho normal para comparação.

Para que o público pudesse interagir de forma mais dinâmica com a exposição utilizamos um aparelho de telefone modificado com uma concha no lugar do fone onde os alunos poderiam ouvir os sons provenientes do processo de reverberação produzido pela espira da concha e também foram disponibilizados desenhos e lápis de colorir com ilustrações de conchas.

Durante todos os dias da exposição um acadêmico-monitor era responsável pelas visitas guiadas da exposição, tanto para escolas, que eram pré-agendadas diretamente com os funcionários do Museu, quanto para visitantes sem agendamentos.

A divulgação da exposição foi realizada via mídias sociais tanto pelos organizadores do evento como pela coordenação do museu e a secretaria de educação da cidade foi acionada para repassar as escolas a possibilidade de visita da exposição.



3. RESULTADOS

Durante a realização da exposição, 11 escolas com aproximadamente 340 alunos visitaram a exposição, além de 237 visitantes que não estavam em visitas escolares, totalizando 577 visitas.

Comparando ao mês anterior em que o museu recebeu 213 visitas, foi um número expressivo que a exposição conseguiu contemplar.

Pode-se perceber o interesse do público nas diversas questões que foram levantadas durante a visita guiada, como questões complexas acerca da evolução e adaptação dos moluscos que não eram esperadas do público escolar ainda no Ensino Fundamental.

Também pode-se perceber, o interesse do público adulto quando comparavam as conchas expostas com as que possuíam em casa e anotando os dados como nomes das espécies, habitat e hábito alimentar para repassarem o conhecimento aos amigos e familiares.

4. AVALIAÇÃO

O presente projeto teve grande impacto na formação acadêmica dos alunos organizadores do evento, visto que se tornaram os propagadores da divulgação científica, além de trabalhar de forma que fosse possível fazer a transposição didática do conhecimento teórico agregado durante o curso de Ciências Biológicas em uma linguagem clara, dinâmica e acessível para todo público visitante, fazendo com que esse conhecimento ultrapassasse as paredes da academia.

O Museu teve seu trabalho valorizado e reconhecido além de divulgado para que ainda mais pessoas sejam alcançadas e possam visitá-lo e os visitantes tiveram a oportunidade de ampliar o conhecimento acerca do tema.

Esse projeto proporcionou a troca de conhecimento e momentos ímpares de ensino aprendizagem aos três agentes envolvidos no processo, graduandos, visitantes e museu e a nossa perspectiva é de que mais projetos possam ser desenvolvidos de maneira a estimular a população Pelotense a visitar, conhecer e valorizar o Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter.



5. REFERÊNCIAS

BOA ESPERANÇA, T. FILOMENO, C. LAGE, D. **Divulgação científica no ambiente escolar: Uma proposta a partir do uso de mídias digitais.** In: Revista da associação de ensino de biologia. Numero 7. Outubro de 2014. Acessado em setembro de 2017. Disponível em: <http://www.sbenbio.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2014/11/R0859-1.pdf>.

Rios, E. C. **Compendium of Brazilian Sea Shells.** Rio Grande: Evangraf LTDA, 2009.

Simone, L. R. L. **Land and freshwater molluscs of Brazil.** São Paulo: Fapesp, 2006.



RELATO SOBRE A EXPERIÊNCIA COMO PROFESSORA VOLUNTÁRIA NO PROJETO DESAFIO PRÉ-UNIVERSITÁRIO POPULAR DA UFPEL

CAMILA RIOS PIECHA¹; LUCIANA BICCA DODE²;
PATRÍCIA DIAZ DE OLIVEIRA³

¹Universidade Federal de Pelotas – camilapiecha@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – lucianabicca@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – bilicadiaz@yahoo.com.br

1. APRESENTAÇÃO

As universidades possuem como finalidade não só a formação profissional, mas também a geração e disseminação de novos conhecimentos que visem a agregar uma melhoria na qualidade de vida, desenvolvimento econômico e social de uma região ou país, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) n. 9.394. Essa transmissão é realizada através de projetos sociais, estimulados pelas próprias instituições de ensino, como os relacionados à extensão universitária e a educação popular.

A extensão universitária é um processo educativo, cultural, científico e democrático, que visa estender o conhecimento a sociedade de forma efetiva respeitando as dificuldades e meio social em que está intrínseco cada cidadão (FREIRE, 1983). Ela se pode ser realizada através de cursos ou atividades que desenvolvam e preparem a comunidade (SOUZA, 2000).

O principal objetivo dos projetos de extensão são a divulgação e alfabetização científica da população, ou seja, a transmissão de conceitos e processos científicos para que estes sejam capazes de assimilar as inovações científico-tecnológicas realizadas dentro dos institutos federais sem gerar desentendimentos (MINGUES, 2014).

Além de gerarem oportunidades aos alunos carentes e principalmente de escolas públicas, eles também proporcionam aos universitários a chance de adquirir habilidades e experiências que excedem os conhecimentos técnicos e teóricos passados dentro das instituições como inserção social e capacidade de expressão (ARROYO et al., 2010).

Um exemplo é o projeto de extensão Desafio Pré-Universitário Popular da UFPel que atende alunos desfavorecidos que residem na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul preparando-os para ingressar nas universidades públicas de ensino. Assim, o objetivo deste trabalho é relatar sobre a experiência de professora voluntária da disciplina de

biologia neste projeto discutindo qual a importância de ações como esta tanto para a comunidade em geral como para a formação dos acadêmicos.

2. DESENVOLVIMENTO

As aulas foram ministradas no período correspondente aos meses de março e Outubro de 2017 no projeto de extensão Desafio Pré-Universitário Popular da UFPel nas turmas extensivo e intensivo noite na disciplina de biologia. Elas foram realizadas através de recursos visuais como a plataforma Power point. Os assuntos foram bioquímica, genética, transgênicos entre outros relacionados à biologia e a biotecnologia.

Ainda, foi realizada uma ficha de avaliação contendo perguntas discursivas e de múltipla escolha, na qual os alunos foram questionados quanto à didática do professor, nível de aprendizado na disciplina e opinião sobre a importância do projeto.

3. RESULTADOS

Quanto à didática do professor, 35,71% dos alunos classificaram como boa e 64,28% como muito boa, conforme figura 1. Demonstrando que segundo os alunos a professora possui capacidade de transmitir o conteúdo de forma didática; além disso, 100% dos alunos responderam que gostam das aulas ministradas.

Ainda, quando questionados sobre o fato dos professores serem majoritariamente alunos de graduação estes responderam que além de ser uma experiência construtiva para os acadêmicos é uma ótima forma de interligar a universidade e a sociedade, principalmente porque os universitários possuem uma linguagem e pensamento semelhantes, o que auxilia no entendimento das partes, desenvolvendo o que FREIRE, (1983) chamava de geração de um novo conhecimento, onde não existe um disseminador superior, mas sim uma comunicação em que ambas as partes podem oferecer seus conhecimentos e criar juntas um novo saber.

O que torna a aula mais prazerosa e acessível aos alunos que se sentem à vontade para realizar questionamentos, corroborando com os dados citados acima quanto ao gosto dos alunos pelas aulas ministradas bem como a figura 1 referente à didática do professor.



Figura 1. Nível de satisfação dos alunos quanto à didática do professor da disciplina de biologia.

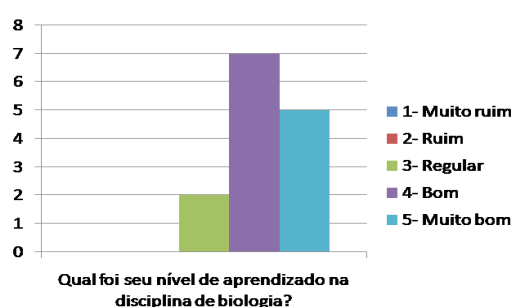


Figura 2. Representa o nível de aprendizado dos alunos na cadeira de biologia.

Em relação à auto-avaliação, demonstrada na figura 2, eles foram questionados quanto seu nível de aprendizado na disciplina de biologia, onde dois alunos classificaram como regular, sete como bom e cinco como muito bom, o que ratifica a figura 1 demonstrando que a didática e a proximidade do professor com os alunos favorece a aprendizagem e assimilação dos conteúdos como constatado por PAIVA et al. (2015) a partir da análise da aula ministrada por uma professora X na qual o uso de técnicas monótonas e ultrapassadas sem a contextualização dos conteúdos e uso da internet a seu favor dificultou o interesse dos alunos e consequentemente no seu desempenho escolar, demonstrando que a didática deve evoluir de acordo com o meio social dos receptores.

Quando questionados sobre o motivo da inscrição no projeto e qual a importância deste, os alunos majoritariamente ressaltaram o fato de este proporcioná-los a participação em um curso preparatório gratuito, visto que eles em sua maioria não teriam condições financeiras de arcar com os custos de um curso privado. Ainda, ressaltaram também a importância da interação dos graduandos com a população contribuindo para suas formações acadêmicas e estimulando-os a desenvolver competências como senso crítico e didático, e ainda conceitos de democracia e inserção social (CARVALHO et al., 2016).



4. AVALIAÇÃO

De acordo com o relatado pode-se concluir que ações extensionistas como esta são imprescindíveis para estabelecer uma relação de comunicação entre a universidade e a sociedade de forma efetiva, como FREIRE, 1983 chamava de verdadeira formação de um novo conhecimento criado por ambas as partes.

Além disso, projetos sociais estimulados pelas universidades possuem também como finalidade o desenvolvimento econômico, técnico-científico e social de uma população a partir da alfabetização científica da população, que favorece os investimentos em pesquisas de ponta.

Em relação às aulas ministradas, como foi discutido anteriormente, foi possível verificar que a professora possui capacidade de expressão e didática necessárias para transmitir os conhecimentos de biologia aos alunos apesar de ainda se fazer necessária uma maior prática ou preparo pedagógico da aluna.

Portanto, conclui-se que o projeto é uma necessidade para a comunidade e necessita de maior divulgação além de ser uma fonte de experiência para os acadêmicos adquirirem conhecimentos práticos que não são passados ou praticados dentro das salas de aulas.

5. REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. Prefácio de Jacques Chonchol 7. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

SOUSA, A. L. L.. **A história da extensão universitária.** Campinas: Alínea, 2000, 138 p.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>.

MINGUES, E. **“O Museu vai à Praia” – Análise de uma ação educativa à luz da Alfabetização Científica.** 2014. 395 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.



ARROYO, D. M; PICCOLO; DA ROCHA, M. S. P.M. L. Meta-Avaliação de Uma Extensão Universitária: estudo de caso. **Expressa extensão**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 15, n. 2, p.135-161, 2010.

PAIVA, R. I. D; SILVA, S. L. A. A IMPORTÂNCIA DA DIDÁTICA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: a prática do professor em foco. **Revista Ensino Interdisciplinar**, Mossoró, RN, v. 1, n. 1, 2015.

BOBROWSKI, V. L; GONÇALVES, P. R; ROCHA, B. H. G. A extensão universitária sob a perspectiva de licenciandos em ciências biológicas/ufpel. **Expressa extensão**, Pelotas, v. 21, n.1, p. 116-132, 2016.

DANELUZ, L. O; PINTO, L. S; DODE, L. B; CAGLIARIL, R; PINTO, P. N. Biotecnologia para crianças:Desmistificando conceitos e difundindo a biotecnologia. **Expressa extensão**, Pelotas, v. 21, n.1, p. 162-173, 2016.

CARVALHO, C. M. R. G de; SOUSA, J. I. N de; SILVA, S. M. S da; CARVALHO, A. B. G. de; Contribuições de uma extensão universitária participativa: uma proposta de educação para a cidadania. **Extramuros**, Petrolina-PE, v. 4, n. 2, p. 54-65, 2016.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. Prefácio de Jacques Chonchol 7. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

MINGUES, E. **“O Museu vai à Praia”** – Análise de uma ação educativa à luz da Alfabetização Científica. 2014. 395 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

ARAGÃO, E; LOUREIRO, S; ALMEIDA, BA; GUIMARÃES, J. M. Redes interinstitucionais e inovação na área de biotecnologia aplicada à saúde humana. **Rev Baiana de Saúde Pública**, v. 36, n. 1, p. 90-104, 2012.

MCDOWELL, I; NEWELL, C. Measuring health: A guide to rating scales and questionnaires. New York: **Oxford University Press**; 1996.



ARROYO, D. M; PICCOLO; DA ROCHA, M. S. P.M. L. Meta-Avaliação de Uma Extensão Universitária: estudo de caso. **Expressa extensão**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 15, n. 2, p.135-161, 2010.



AS HISTÓRIAS DE VIDA NA FORMAÇÃO DE MULHERES DO MST

CARLA NEGRETTO¹; MÁRCIA ALVES DA SILVA²

¹Universidade Federal de Pelotas – ka_karlynha10@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – profa.marciaalves@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O artigo exterioriza considerações de um projeto de extensão da Universidade Federal de Pelotas, denominado “Trabalho Artesanal com Mulheres do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)”, que busca articular ‘gênero, educação, histórias de vida e artesanato’, no sentido de promover ações com mulheres assentadas, que contribuam para um processo de emancipação e empoderamento das participantes.

O projeto se aplica nos estudos das narrativas de histórias de vida oral de 15 Mulheres Assentadas da Reforma Agrária do município de Pinheiro Machado - RS. Os estudos tem como foco trazer contribuições da pesquisa narrativa (auto)biográfica nos processos da Educação Popular sobre a construção dos diferentes papéis sociais atribuídos a homens e mulheres. Explora-se deste modo, o espaço social e como damos forma as experiências no contexto em que estamos inseridos ou, mais especificamente falando, como nos tornamos o que somos e como significamos nossa existência através das diferentes linguagens culturais.

As (auto)biografias são constituídas por narrativas em que se desvelam trajetórias de vida. Esse processo de construção tem na narrativa a qualidade de possibilitar a autocompreensão, o conhecimento de si, àquele que narra sua trajetória (ABRAHÃO, 2004, p. 203)

Nesse sentido, a investigação realizada desde o ano de (2014), tem permitido compreender e discutir, através da realização de Oficinas Artesanais Coletivas, como ocorre as relações de gênero e a divisão sexual do trabalho por meio das próprias narrativas das envolvidas.

A memória é o elemento chave do trabalho com pesquisa (auto)biográfica, em geral: Histórias de vida, Biografias, Autobiografias, Diários, Memoriais (ABRAHÃO, 2004, p. 202).

A proposta, que envolve extensão mas também pesquisa, tem como objetivo propor a união entre a educação e a teoria feminista, na figura de uma educação que, através de seus processos, problematize as trajetórias das mulheres, abrindo possibilidades para que as abordagens autobiográficas aflorem no próprio processo de produção artesanal.

2. DESENVOLVIMENTO

Os relatos que surgem durante os encontros, são problematizados a partir da formação política pedagógica das questões feministas, tendo como referencial teórico os estudos de gênero de Saffioti (1987), entre outras, que analisa os papéis sociais atribuídos a diferentes categorias de sexo e possibilita a abordagem sobre a discriminação contra mulheres e o machismo na sociedade brasileira, enquanto o referencial das histórias de vida de Josso (2004) buscam dar conta das narrativas das envolvidas.

Revisitar sua história a partir de temáticas que, no aqui e agora, guiam e orientam uma retrospectiva, para extrair daí o que pensamos das vivências que contribuíram para nos tornarmos o que somos, o que sabemos sobre nós mesmos e nosso ambiente humano e natural e tentar compreendê-los melhor, tal é a tarefa primeira da pesquisa biográfica sobre as relações que nos moldaram (JOSSO, 2012, p. 115-116).

Abrahão (2004, p. 202), descreve a pesquisa (auto)biográfica como “uma forma de história autorreferente, portanto plena de significado, em que o sujeito se desvela, para si, e se revela para os demais”. Desse modo, o sujeito desloca-se numa análise entre o papel vivido de ator, e ator de suas próprias experiências sem que aja uma mediação externa de outros (SOUZA, 2010).

Ao trabalhar com metodologia e fontes dessa natureza o pesquisador conscientemente adota uma tradição em pesquisa que reconhece ser a realidade social multifacetária, complexa, socialmente construída por seres humanos que vivenciam a experiência de modo holístico e inter-relacionado em que as pessoas estão em constante processo de autoconhecimento. Por esta razão, sabe-se desde o início, trabalhando antes com emoções e intuições do que com dados exatos e acabados; com subjetividade, portanto, antes do que com o objetivo. Nesta tradi-



ção de pesquisa, o pesquisador não pretende estabelecer generalizações estatísticas, mas, sim, compreender o fenômeno em estudo, o que lhe pode até permitir uma generalização analítica (ABRAHÃO, 2004, p.203).

É a autobiografia na sua forma mais sintética, através de seus processos de gênese sócio individual que dá conta do estudo dos diferentes modos de constituição do indivíduo como ser singular (Delory-Momberger, 2003;2005). Portanto a pesquisa busca compreender como essas mulheres camponesas constroem suas trajetórias de vida pessoal-profissional, e de contrapartida como essa trajetória as constrói, isto é, seguindo de acordo com os estudos de DeloryMomberguer (2012, p. 73), “o indivíduo, no decurso de suas experiências no tempo, ao mesmo tempo que produz em si mesmo e fora de si mesmo o espaço do social, se constitui a si mesmo como indivíduo singular”.

3. RESULTADOS

Com base no diálogo das Narrativas de História de vida oral, Educação Popular e Feminismo, a pesquisa busca analisar os resultados obtidos através dessa prática teórico-metodológica. A história de vida das participantes chama a atenção para a relação com o saber do passado-presente, isto é pela compreensão do sujeito vivido “resultado dos distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo” (SAFFIOTI, p.08, 1987) e pela complexidade dos novos passos que essa mulher camponesa se destina através do movimento das novas ideias adquiridas advindas do contato da própria trajetória da mulher na luta pela terra, liberdade, igualdade e felicidade.

É de Simone de Beauvoir uma das principais frases do movimento feminista:

“Não se nasce mulher, torna-se mulher”. A mulher não tem um destino biológico, ela é formada dentro de uma cultura que define qual o seu papel no seio da sociedade.

A sociedade investe muito na naturalização deste processo. Isto é, tenta fazer crer que a atribuição do espaço doméstico à mulher decorre de sua capacidade de ser mãe. De acordo com esse pensamento, é natural que a mulher se dedique aos afazeres domésticos, aí compreendida a socialização dos filhos, como é natural sua capacidade de conceber e dar à luz. (SAFFIOTI, p.09, 1987).

Nesse sentido entende-se que cada mulher pesquisada se (re)forma pela própria reflexão de seus percursos pessoais, sociais e políticos. As narrativas possibilitam de maneira subjetiva, a reflexão ontológica “quem sou eu?”. E mobiliza a consciência de si para fundar os novos rumos da vida.

Na nossa experiência, é possível perceber que os relatos pessoais de cada participante se revelam de forma subjetiva, uma vez que cada uma se vê e se revela de acordo com sua concepção de mundo e de si mesmo. Por meio das narrativas que afloram das histórias de vida tivemos muitos avanços positivos na luta pela emancipação feminina e na análise das situações mais abrangentes do enfrentamento tanto do capital quanto do patriarcado. Contempla-se hoje que essas mulheres assentadas da reforma agrária, estão conseguindo edificar uma nova perspectiva de libertação da mulher camponesa do atraso ao acesso de informação e formação.

As Narrativas de Histórias de Vida se materializam no diálogo entre Educação Popular e Feminismo, intencionando-se para construção coletiva de conhecimento por meio do despertar do senso crítico de cada participante. De acordo com Paulo Freire, a Educação Popular valoriza os saberes e a realidade do povo para construção de novos saberes com metodologias incentivadoras a participação e ao empoderamento desses sujeitos(as), permeado por um processo de construção de conhecimento pedagógico e político estimulador de transformação social. E o Feminismo trabalha para politizar o privado e o cotidiano (DORLIN, 2009; GEBARA, 2008) e a partir desse contexto vai afirmar que no cotidiano existe conhecimento (CASTRO, 2014).

4. AVALIAÇÃO

A arte de artesanato para si, ao mesmo tempo que produz peças artesanais que objetivam pela própria emancipação financeira das participantes, também revisita o íntimo de cada mulher na sua singularidade e subjetividade, transformando as experiências experimentadas numa nova percepção de mundo e de vida. E é pela leitura transversal das narrativas de história de vida pessoal de trabalhadores e trabalhadoras da reforma agrária, que o pesquisador docente, também aprende e se modifica, adquirindo novas práticas de formação, de ensino, de construção identitária – relacionando aos diferentes momentos de cenários social, político, econômico e cultural da nosso país (ABRAHÃO, 2001). Dessa forma, a pesquisa autobiográfica se materializa em contribuições e desconstruções históricas da realidade, pois é a partir dos relatos de fatos vividos que se promove um novo olhar para o futuro.



5. REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M.H.M.B. (org.). **História e Histórias de Vida – destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001a.

ABRAHÃO, M. H. M. B. Pesquisa (auto)biográfica – tempo, memória e narrativas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Org.). **A aventura (auto)biográfica – teoria & empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. v. 1, p. 201224.

ABRAHÃO, M. H. M. B.; PASSEGGI, Maria da Conceição (Orgs.). Tomo I. Coleção Pesquisa (Auto)Biográfica: temas transversais: **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012.

Delory-Momberger, Christine. Les histoires de vie. **De l'invention de soi au projet de formation**. Paris, Anthropos, 2000/2004. . *Biographie et education. Figures de l'individu-projet*. Paris, Anthropos, 2003. . *Histoire de vie et recherche biographique en éducation*. Paris: Anthropos, 2005. . *La condition biographique*. Essais sur le récit de soi dans la modernité avancée. Paris: Téraèdre, 2009.

DORLIN, Elsa. **Sexo, género y sexualidades**: introducción a la teoria feminista. Buenos Aires: Claves, 2009.

FREIRE, P. **Que fazer?** Teoria e Prática em Educação Popular. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001; FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011;

GEBARA, Ivone. **As epistemologias teológicas e suas consequências**. IN NEUENFELDT, Eliane; BERGSCH, Karen; PARLOW, Mara (Org.). In: *Epistemologia, violência, sexualidade: olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

JOSSO, M. C. **Histórias de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.



JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

NÓVOA, A; FINGER, M; (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

PASSEGGI, M. da C. **Narrar é humano!** Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista (Orgs.). *Invenções de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

PASSEGGI, M. da C; ABRAHÃO, M. H. M. B. (Orgs.). Tomo II. Coleção Pesquisa (Auto) Biográfica: temas transversais. **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica** Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDU-NEB, 2012.

SAFFIOTI, H. I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SETOR DE FORMAÇÃO DO MST, **Método de Trabalho e Organização Popular**. São Paulo: Editora Anca, 2005.

SOUZA, E.C. **Autobiografia docente**. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.;

VIEIRA, L.M.F. *DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM

Documentos eletrônicos

CASTRO. A. M. **Educação Popular e Estudos Feministas: Problematizando a produção de tecelãs**. Encontro Internaccional do Fórum Paulo Freire, 2014 - acervo. paulofreire. Org. Acessado em 08 out. 2017. Online. Disponível em: [http://www.acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/bitstream/handle/7891/3465/FPF_PT PF_01_0450.pdf](http://www.acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/bitstream/handle/7891/3465/FPF_PT_PF_01_0450.pdf)



REVISTA CIÊNCIA DA MADEIRA

CAROLINE RODRIGUES SOARES¹; PAULA ZANATTA²;
DÉBORA DUARTE RIBES³, DARCI ALBERTO GATTO⁴.

¹Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Brasil - carolsoares07@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Brasil - zanatta_paula@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Brasil - deboraribes@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Brasil - darcigatto@yahoo.com

1. APRESENTAÇÃO

O processo de edição e publicação on-line tem ganhado destaque no meio científico pelas vantagens que oferecem, como disponibilidade de acesso, sendo que em muitos casos o leitor não precisa pagar para adquirir a revista on-line pelo fato da mesma ser disponibilizada no ciberespaço, proporcionando economia para o público atingido e para a própria editora que economiza com a impressão (ANTUNES, 2010).

A revista *Ciência da Madeira (Brazilian Journal of Wood Science)* é um exemplo de periódico de divulgação científica existente atualmente, sendo essa uma revista sem fins lucrativos, vinculada a Universidade Federal de Pelotas e que conta com técnicos, mestres e doutores, das áreas abrangidas nas publicações, para edição e revisão dos artigos recebidos.

A *Ciência da Madeira* foi criada em 2009 com intuito de publicar artigos referentes a tecnologia da área florestal e madeireira, visando o princípio de disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporcionando uma maior democratização mundial do conhecimento.

Existem várias organizações que visam determinar algumas diretrizes que as revistas devem seguir, entre essas temos o COPE (*Committee on Publication Ethics*), na língua portuguesa significa Comitê de Ética em Publicações, e para a *Ciência da madeira* é o guia utilizado para reforçar a ética adotada na revista de assegurar a veracidade dos dados publicados, evitando plágio, falsificação e manipulação do conteúdo publicado e assim se assegura a transparência dentro do projeto e de melhores práticas.

O projeto que engloba a Revista *Ciência da Madeira* é de grande importância no meio científico e acadêmico, pois engloba o público em geral, dando acesso ao conteúdo publicado com o intuito de expandir o conhecimento. Assim, torna-se um meio democrático e importante para estimular a pesquisa e a leitura através do conteúdo

disponibilizado pela revista, desse modo o presente estudo teve como objetivo apresentar e descrever o trabalho realizado na Ciência da Madeira.

2. DESENVOLVIMENTO

Para o desenvolvimento desse estudo foram feitas pesquisas bibliográficas, coleta de dados em anotações e documentos referentes a Ciência da Madeira, para apresentar o funcionamento e descrever as atividades da revista, englobando os temas específicos, dados e as normas referentes as publicações. Com isso é esperado esclarecer no que se baseia a revista Ciência da madeira e qual público é envolvido pela mesma.

3. RESULTADOS

A Ciência da Madeira é um periódico on-line classificado em 2015 como *B3* na área de Ciências Agrárias I e *B4* na área de Materiais. Com isso o público mais beneficiado para publicações são pessoas englobadas nessas áreas, sendo que os artigos devem ser relacionados a tecnologia florestal e madeireira. Essas áreas incluem os assuntos dispostos na Tabela 1.

Tabela 1: Assuntos abrangidos para publicações na revista Ciência da Madeira.

Propriedades da Madeira
Compósitos de madeira
Biodegradação e Biodeterioração da Madeira
Secagem da Madeira
Física da Madeira
Polpa e Papel
Anatomia da Madeira e da Casca
Energia da Biomassa
Química da Madeira
Produtos não-madeiráveis
Aplicações estruturais e não-estruturais
Logística e Economia da Indústria Madeireira

Os autores de artigos publicados na Ciência da Madeira podem ser descritos como estudantes (graduação ou pós) e professores de Engenharia Industrial Madeireira, En-

genharia Florestal e Engenharia de Materiais, tendo em vista que pessoas dessas áreas são quem compõe a grande maioria de autores. Esses possuem idade média de 40 ± 20 anos. A maioria dos autores já saiu da graduação e/ou fazem parte do meio científico, ou seja, desenvolvem projetos laboratoriais que servem como base para seus artigos. Mais de 70% são do gênero masculino.

Os trabalhos publicados na revista passam por um processo de consultoria e avaliação científica por pares, por meio de mestres e doutores. Esse processo ocorre conforme a Figura 1.



Figura 1: Etapas para publicação de artigos na revista Ciência da Madeira.

Os trabalhos só são aceitos quando os mesmos se enquadram nas normas de publicação da revista e satisfazem as condições descritas abaixo.

1. A contribuição é original e inédita, e não está sendo avaliada para publicação por outra revista; caso contrário, deve-se justificar em “Comentários ao Editor”.
2. As referências estão citadas de acordo com as normas do periódico.
3. O texto segue os padrões de estilo e requisitos bibliográficos descritos em Diretrizes para Autores disponíveis no site do periódico.
4. A identificação de autoria do trabalho foi removida do arquivo e da opção Propriedades no Word, garantindo desta forma o critério de sigilo da revista, caso submetido para avaliação por pares.

Desde 2009 foram publicados 113 artigos no periódico, sendo que as primeiras publicações começaram em 2010, além disso, foram emitidas 10 notas técnicas e 3 erratas, 5 revisão de literatura e 7 trabalhos para o Special Issue - II Congresso Brasileiro de Ciência e Tecnologia da Madeira.

Enfatiza-se que o processo de submissão é feito através do cadastro no sistema da revista disponibilizado no site da mesma, além disso, o público em geral pode se cadas-



trar como leitor, embora não seja necessário ter o cadastro para ter acesso aos artigos, a adoção desse tipo de sistema é referente a idealização que a revista tem de expandir seu conhecimento.

O perfil dos leitores é formado na maioria por pesquisadores que buscam base teórica para seus estudos e alunos de graduação ou pós de cursos voltados para as áreas de publicação, e uma pequena minoria de pessoas que se interessam pelos assuntos.

4. AVALIAÇÃO

O assunto abrangido pelo periódico Ciência da Madeira para publicação de artigos é voltado para o setor florestal e madeireiro e se expande para seus diversos ramos, possibilitando a publicação em áreas mais específicas. A disponibilização de uma lista com essas áreas favorece o alcance de novos leitores no público geral, pois é mais fácil das pessoas se localizarem e entenderem exatamente o que a revista abrange.

Na prática, os temas abordados servem como base para trabalhadores autônomos e empresas do ramo, tendo em vista que podem auxiliar a melhorar suas técnicas de trabalho, justificar situações cotidianas e outros fatores que são de interesse para os mesmos.

O processo adotado para publicação de artigos segue uma sequência clara que é disponibilizada no site da revista, aonde qualquer pessoa interessada tem acesso as informações, inclusive as condições impostas pelo periódico de acordo com a conduta ética adotada. Ter clareza da ética seguida na revista é de extrema importância para assegurar que nenhuma condição imposta seja descumprida e que se assegure a veracidade dos dados bem como exclusividade, ou seja, que não haja plágio, falsificação ou manipulação dos dados, tais parâmetros são atrativos para o perfil de autores de revistas no geral.

O periódico teve algumas modificações ao longo dos anos, as mesmas são informadas através de notícias lançadas no site e ao longo desse tempo também foram feitas várias publicações, todas dispostas e organizadas na revista on-line, junto de notas técnicas, erratas e revisões de literaturas. Assim, todo material é de fácil acesso e é disponível no ciberespaço, o que traz uma maior comodidade e corresponde ao intuito da revista de democratizar o conhecimento mundialmente.



5. REFERÊNCIAS

ANTUNES, A. D. **Revistas Científicas no cosmos digital**. 2010. Dissertação de Mestrado em Informação, Comunicação e Novos Media – Universidade de Coimbra.

CI. MADEIRA. **Ciência da Madeira: Brazilian Journal of Wood Science**. Revista Digital, Pelotas, 2009-2017. Acessado em 26 de setembro de 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cienciadamadeira/index>



REQUALIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS POR MEIOS DIGITAIS: OFICINA NA ESCOLA MUNICIPAL PADRE RAMBO, PELOTAS/RS

CLÁUDIA FREITAS¹; AMANDA CARDOSO²; JULIA CARDOSO³;
PÂMELA SILVEIRA⁴; LIGIA CHIARELLI⁵; ADRIANE SILVA⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – claudiaandrielef@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – amanda_f_cardoso@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – julia_f_cardoso@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – pamelasilveira01@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – biloca.ufpel@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – adribord@hotmail.com

1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho relata uma ação de extensão que buscou utilizar estratégias lúdicas para motivar a postura crítica e propositiva para a requalificação de espaços públicos. Trata de uma ação realizada por estudantes de arquitetura, da FAURB/UFPeL, desenvolvida no âmbito da disciplina Extensão, Universidade e Sociedade e dirigida a estudantes do último ano do ensino fundamental da Escola Municipal Padre Rambo, promovendo a reflexão sobre a qualidade dos espaços públicos do entorno imediato da Escola.

Este tipo de ação foi idealizado anteriormente junto ao Projeto de pesquisa MORAR-TS¹, fazendo referência ao propósito de criação de cenários motivacionais. Conforme BORDA et al. (2014), estes cenários buscam promover mudanças voluntárias de comportamento social a partir da introdução dos conceitos de Tecnologia Social (TS). Tecnologia Social, segundo KAPP e CARDOSO (2013), refere-se àquela capaz de promover o empoderamento e/ou a aquisição de critério individual e de consciência coletiva, necessários para uma transformação social.

Mais especificamente, esta ação se valeu de tecnologias avançadas de visualização, por meio do uso do aplicativo MOTIVAÇÃO. Este aplicativo, descrito em OLIVEIRA, GARCIA e BORDA (2016), parte da fotografia para definir o cenário a ser qualificado virtualmente, exigindo dos usuários o envolvimento em um processo formativo para a edição de tal fotografia. A ação inclui, principalmente, um momento de aquisição de repertório sobre lugares públicos qualificados, nacionais e internacionais, contribuindo para a construção de critérios para julgar os cenários fotografados e projetar as inter-

¹ MORAR-TS – Desenvolvimento de Tecnologias Sociais para a construção, recuperação, manutenção e uso sustentável de moradias, especialmente Habitações de Interesse Social e para a redução de riscos ambientais.



venções. Sendo assim, o uso do MOTIVAÇÃO, de maneira lúdica, permite registrar uma idealização de melhorias e desejos para espaços muitas vezes esquecidos pelo poder público. Nesta direção, a ação buscou empoderar cada um dos participantes como primeiro passo para promover a transformação.

2. DESENVOLVIMENTO

Para realizar a ação extensionista fez-se necessário estruturar e dividir o trabalho em 6 (seis) etapas:

2.1. **Revisão Bibliográfica**, partindo-se dos referenciais já citados na introdução.

2.2. **Primeiro momento da ação**: Selecionou-se uma turma de último ano (9º ano) do ensino fundamental da Escola Municipal Padre Rambo situada em Pelotas/RS, com alunos com idades entre 14 e 17 anos. Aproveitou-se da receptividade da equipe de direção e professores e da faixa etária dos estudantes, considerando-se que o envolvimento com a ação contribuiria para quem sabe promover uma habilidade profissional de edição de imagens digitais. Neste encontro com a turma, realizado na própria Escola, apresentou-se o objetivo da ação, expondo um material didático em meio digital. Buscou-se problematizar a qualidade dos espaços públicos e ilustrar com lugares públicos apropriados, provocando a participação dos estudantes para compreender melhor suas percepções e motivar a construção de sonhos sobre os espaços públicos de seu entorno imediato. Ao final da atividade solicitou-se aos participantes fotografias de locais de seu convívio que percebessem a necessidade de requalificação.

2.3. **Segundo momento da ação**: Realizou-se um encontro na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel. Este momento foi estruturado em duas partes: inicialmente, a turma foi dividida em grupos, cada um com um único cenário a ser analisado a partir da fotografia obtida por eles mesmos. As cenas foram problematizadas, e, conforme exemplificado pela figura 01, os oficiais marcaram com um “X” os pontos negativos e expressaram com palavras escritas os tipos de elementos que desejavam incluir na cena, apoiando-se em um banco de imagens associado aos referenciais apresentados anteriormente (bancos, brinquedos, arborização, calçamentos, etc), de acordo com seus desejos e criatividade.

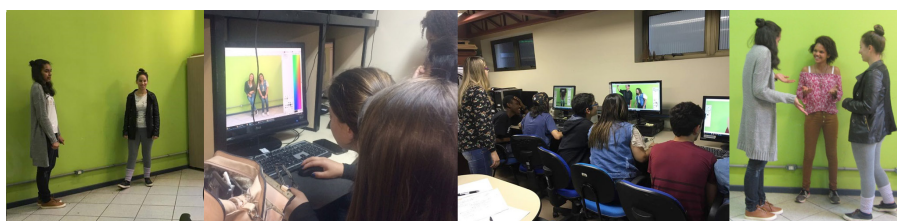
Figura 01: Intervenções feitas pelos alunos nos espaços fotografados.



Fonte: Autoras, 2017.

Logo a seguir, foi solicitado que simulassem poses para serem fotografados como se estivessem inseridos nos cenários idealizados. Com as fotos de cada um, sobre um fundo monocromático, desenvolveu-se uma oficina de edição de imagens, utilizando o software livre GIMP, momento ilustrado na Figura 02. A oficina formativa surgiu do intuito de promover a autonomia para que eles pudessem editar suas fotografias e também qualificar-se profissionalmente. A imagem de cada oficiante foi utilizada na composição das cenas para o uso do aplicativo MOTIVAÇÃO.

Figura 02: Oficina de edição de imagem.



Fonte: Autoras, 2017.

2.4. Montagem das cenas para o aplicativo: Neste momento, as executoras da ação realizaram a edição das fotografias, procurando atender todas as solicitações e também realizando ajustes de perspectiva dos objetos para que fossem inseridos no cenário de maneira convincente em termos de posição e proporção. Nesta etapa contou-se com o apoio de um estudante da ciência da computação para os ajustes da programação que configurou as imagens no aplicativo MOTIVAÇÃO. A figura 03 apresenta o resultado das ilustrações utilizadas no aplicativo.

Figura 03: Resultado das imagens utilizadas no aplicativo MOTIVAÇÃO.



Fonte: Autoras, 2017.

2.5. Quarto momento da ação: Este momento refere-se ao encontro com os estudantes novamente na Escola. Esse foi o momento em que se apresentou o aplicativo para a turma para que jogassem e visualizem as suas propostas de requalificação dos espaços. As fotografias foram projetadas e cada grupo, utilizando-se dos recursos disponíveis pelo aplicativo, foi retirando os elementos indesejados e adicionando aqueles planejados, incluindo suas próprias fotografias no cenário.

Figura 04: Fotografias da terceira oficina.



Fonte: Autoras, 2017.

2.6. Momento de Avaliação pelos opinantes: A avaliação, pelos opinantes, foi emitida de duas formas: a primeira foi realizada através da construção de uma tabela com palavras, onde cada aluno expressava seus sentimentos em relação à participação no projeto. A segunda, cada estudante escreveu de forma livre qual a relevância da ação e quais eram suas reflexões após participar do projeto.

3. RESULTADOS

Apoiando-se nos pressupostos para a caracterização de uma tecnologia social, considera-se que o principal resultado foi o de “empoderamento” dos envolvidos nesta ação extensionista. Tanto os estudantes universitários como os de ensino fundamental foram empoderados por meio da aquisição de repertório, e consequentemente de critérios, para entender sobre a lógica de que o espaço público deve oportunizar conforto na cidade e desconstruir a ideia do conforto apenas em lugares privados. Ao compreender sobre a responsabilidade de cada cidadão e especialmente do poder público sobre o cuidado e o investimento no espaço público, é possível construir uma postura política e entender o sentido de sonhar, para construir um projeto e se organizar para reivindicar seus direitos. Foram empoderados também pela aquisição de habilidades para a edição de fotografia, o que para ambos os grupos envolvidos pode representar uma possibilidade de qualificação profissional.

Também houve o empoderamento, mais intenso para as oficiantes, provocado pela necessidade de assimilar na prática conhecimentos de perspectiva, imprescindível para a formação do arquiteto. E, foi possível experimentar o processo de desenvolvimento de um projeto colaborativo, quando foi evidenciada a importância de partir das opiniões da comunidade, já tendo sido instrumentalizada para tal, para desenvolver propostas que atendam efetivamente as suas necessidades. Outro resultado, expressado por alguns alunos, foi o de ter provocado o interesse pela profissão do arquiteto, considerando-se muito significativo como parte da construção de sonhos destes estudantes, não somente para a qualificação dos espaços públicos, mas também como projeto de vida de cada um.

4. AVALIAÇÃO

Todo o processo de desenvolvimento da ação contou com a parceria efetiva da Escola envolvida, a qual facilitou a execução de cada etapa, inclusive trazendo os estudantes para a FAURB em horário extra ao curricular. Na medida em que a ação foi se desenvolvendo a motivação dos estudantes da Escola foi aumentando, culminando pela expressão da vontade de continuidade deste tipo de colaboração. Talvez uma das estratégias positivas da dinâmica desta ação tenha sido a conversa inicial de convidá-los para auxiliar na formação daqueles futuros arquitetos, atribuindo certa responsabilidade



e envolvimento a cada um. E, logicamente, o envolvimento com as tecnologias digitais que naturalmente chama para a interação. Sendo que, avalia-se como êxito da ação a percepção de ter havido um empoderamento de todos os envolvidos, tanto sob aspectos técnicos de arquitetura (repertório de espaços urbanos qualificados, conhecimento sobre técnicas de edição de imagens, de perspectiva, de informática gráfica, especialmente sob o conceito de tecnologia) como sob os aspectos sociais, de constituição de uma consciência sobre a importância da extensão universitária para ambos os contextos.

Por fim, gostaríamos de agradecer a todos os envolvidos na ação, principalmente a Wagner de Oliveira Jr, estudante de ciência da computação, por ter adequado o aplicativo MOTIVAÇÃO. A professora Ana Beatriz Oliveira e a direção da escola, por ter disponibilizado o tempo de sala de aula para a realização dessa ação.

5. REFERÊNCIAS

BORDA, A.B.A.S.; MEDVEDOVSKI, N.S.; SOPENÃ, S.M.; BROD, G.A.; TEODORO, T. Construção de cenários motivacionais sob a perspectiva de tecnologias sociais. In: **SIGRADI XVIII**, Montevideo, 2014. **Design in freedom...** Montevideo: Manuel Carballa, 2014. p.493-496

KAPP, S.; CARDOSO, A.L. Moradia e tecnologias sociais: um extrato do marco teórico da rede Morar TS. In: **ENANPUR XV**, Recife, 2013, **Anais...** Recife: Letra Capital Editora, 2013. p. 1-5

OLIVEIRA JR, W.; GARCIA, D.N.; BORDA, A.B.A.S. Desenvolvimento de aplicativo dirigido à motivação para a requalificação urbana baseado em interfaces naturais. In: **CIC XXV**, Pelotas, 2016, **Anais...** Pelotas: Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação, 2016. p. 1-4



AVALIAÇÃO DA UTILIZAÇÃO DA PERSPECTIVA LÚDICA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA ESCOLA.

DÉBORAH TROTA FARIAS DE ALBERNAZ¹; GIOVANNA RODRIGUES
ROGINA DIAS²; ADRIANA LOURENÇO DA SILVA³; MÁRCIA LUCIANA
FARIAS DA SILVA⁴; GIOVANA DUZZO GAMARO⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – trotadeborah@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – giovanna_rogina@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – adrilourenco@gmail.com

⁴Escola Municipal Ferreira Vianna – marciaf_s@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – giovanagamaro@hotmail.com

1. APRESENTAÇÃO

A neurociência tem demonstrado que o conhecimento e o aprendizado são dinâmicos e que estímulos externos aumentam a capacidade cognitiva, sendo importante em todo período escolar. A aprendizagem e cognição são as novas formas de compreender o processo do ciclo do aprendizado, onde ocorre o entender, o aprender e o fixar (COSENZA, 2011).

As ferramentas didático-pedagógicas estimulam o cognitivo dos alunos durante o processo de ensino-aprendizagem. Neste contexto, a utilização de atividades lúdicas pode ser considerada promissora na contribuição da melhoria da qualidade escolar, uma vez que, propicia o aprendizado de conteúdos didáticos (SILVA et al., 2015).

Novas sinapses são desenvolvidas quando aprendemos coisas novas, por exemplo, atividades como leitura, palavras cruzadas, jogos, experimentar caminhos desconhecidos, entre outras (RACHID, 2012). Quanto mais densa é a conexão cerebral, maior nossa capacidade de abstração e concepção.

Segundo Rachid (2012), a aplicação de uma abordagem lúdica propõe o desenvolvimento de todas as habilidades pertencentes ao mundo contemporâneo, ou seja, aos aspectos cognitivos, emocionais e éticos. Dessa forma, os estudantes serão capazes de pensar de forma investigativa, de estabelecer conclusões lógicas e de comunicar-se com clareza e coerência.

Nesse contexto, o objetivo do presente trabalho foi avaliar a utilização de atividades lúdicas, aplicadas aos estudantes do 9º ano da Escola Municipal Ferreira Vianna, como ferramenta de auxílio ao ensino de neurociências.

2. DESENVOLVIMENTO

As atividades propostas faziam parte de uma ação do projeto de extensão “Descobrimos a Ciência na Escola” e buscavam despertar o interesse dos alunos acerca da neurociência, assim como, promover o uso de atividades lúdicas que envolvessem o estímulo da memória, motricidade e raciocínio lógico. A ação foi realizada na Escola Municipal Ferreira Vianna, com 11 estudantes do 9º ano, com idades entre 14 e 15 anos durante o período de 2 horas. No início, ministrou-se uma palestra onde introduziu-se os alunos aos conceitos básicos da neurociência: o cérebro e suas funções e as áreas do encéfalo envolvidas nas atividades realizadas posteriormente. Foram realizados testes individuais de memória e raciocínio lógico na forma de jogos, assim como, dinâmicas de grupo que visavam estímulos sensoriais de raciocínio rápido e coordenação motora.

Após as mesmas, aplicou-se um questionário conforme a tabela abaixo com objetivo de avaliar a efetividade das atividades propostas e os conhecimentos adquiridos pelos alunos.

Tabela 1: Questionário referente às atividades aplicadas.

Questões
1. Qual a unidade básica do sistema nervoso? () Cérebro () Neurônio
2. Quando assistimos a um filme de terror sentimos medo. Qual a estrutura do cérebro responsável por esta sensação? () Córtex () Amígdala () Cerebelo () Tronco cerebral
3. A memória e a coordenação motora estão associadas respectivamente com qual área cerebral? () Sensorial e Motora () Motora e Sensorial () Pré-frontal e Motora
4. Nas atividades fora da sala de aula, quais áreas do cérebro são ativadas? () Córtex pré-frontal () Cerebelo () Amígdala () Tronco cerebral
5. Você gostaria de realizar mais atividades desse tipo em sua sala de aula? () Sim () Não
6. O que você achou das atividades? () Muito boas () Boas () Regulares () Ruins
7. Quais das atividades abaixo você acha que melhoraria o seu interesse pelo conteúdo da sala de aula? () Atividades práticas () Jogos () Leituras () Vídeos

A análise do questionário foi feita em duas partes. As primeiras quatro questões foram avaliadas de acordo com a compreensão da temática trabalhada, e as demais eram relacionadas com a opinião dos participantes acerca das atividades propostas.

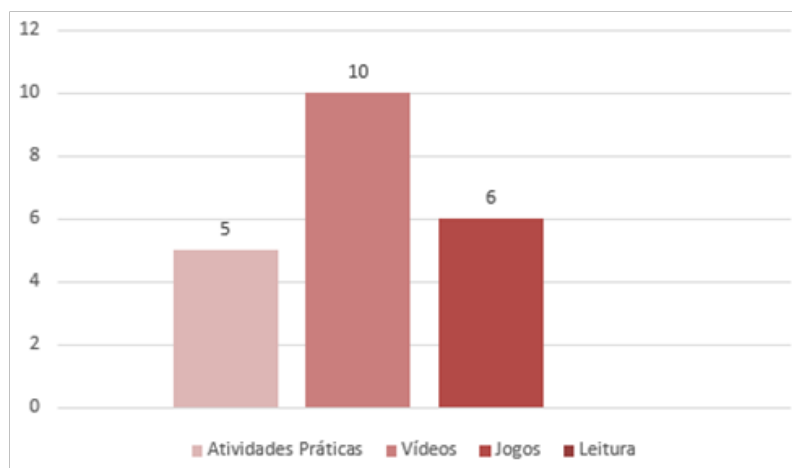
3. RESULTADOS

Através da análise das questões relacionadas aos conteúdos abordados foi possível verificar que todos os participantes apresentaram rendimento satisfatório (acertaram pelo menos 2, das 4 questões) acerca do conteúdo ministrado no dia. É importante ressaltar, que no início da ação foi questionado aos alunos se os mesmos já haviam tido conhecimento prévio em relação à temática das atividades e a resposta foi negativa.

O grupo de alunos demonstrou satisfação por participar das atividades propostas evidenciando maior interesse pelos exercícios práticos e que demandavam trabalho em conjunto. Vale ressaltar, que constatou-se maior participação dos alunos quando encontravam-se acompanhados de seus colegas do que individualmente.

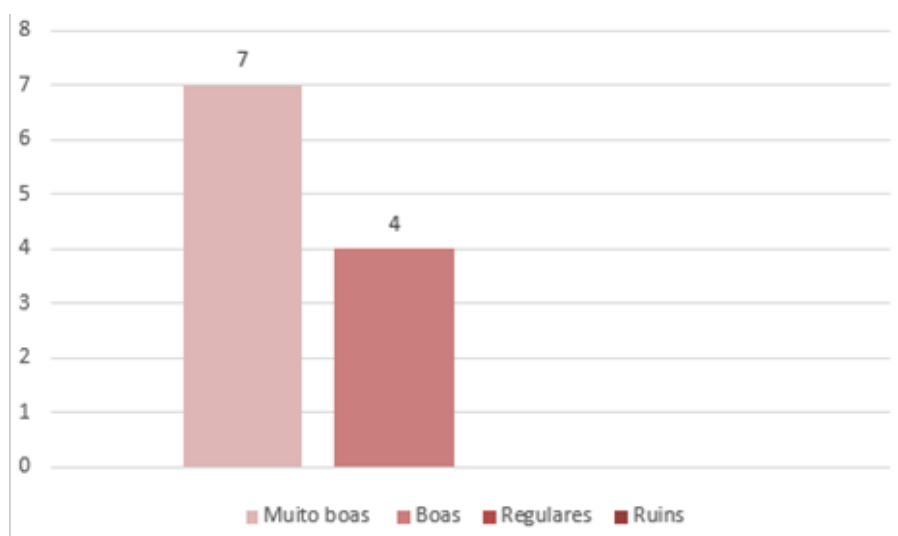
Segundo Lent (2008), as memórias são moduladas pelas emoções, pelo nível de consciência e pelos estados de humor. Considerando-se essa afirmação, entende-se que aprender torna-se mais fácil quando nos encontramos animados e interessados em alguma atividade.

Figura 1: “Quais das atividades abaixo você acha que melhoraria o seu interesse pelo conteúdo da sala de aula?”



Pode-se observar através da Figura 1 que os alunos acreditam que a realização de atividades lúdicas despertaria seu interesse pelos conteúdos de sala da aula. Dentre as atividades propostas pela questão, “Atividades Práticas” foi marcada por 45,5%, “Vídeos” por 91% e “Jogos” por 54,5% dos alunos. Entretanto, a opção “Leitura” não foi marcada por nenhum aluno.

Figura 2: “O que você achou das atividades?”



A Figura 2 demonstra a satisfação dos alunos com as atividades realizadas. Pode-se observar que houve apenas avaliações positivas em relação a ação e que as opções “Regulares” e “Ruins” não foram assinaladas em nenhum questionário. Também foi possível avaliar o entusiasmo dos alunos através de relatos dos mesmos que membros do projeto ouviram ao longo da realização das atividades:

“Achei diferente, gostei bastante” (W.S., 14 anos)

“Gostei mais das atividades na rua” (L.T., 15 anos)

“Se tivessem mais coisas assim, a escola seria divertida” (M.R., 14 anos)

4. AVALIAÇÃO

O uso de atividades lúdicas como ferramenta de auxílio no processo de ensino-aprendizagem mostrou-se satisfatório, uma vez que, as atividades diferenciadas motivaram os alunos a participar e a conhecer mais sobre as neurociências. Em meio ao desenvolvimento tecnológico, onde existe uma dificuldade de despertar o interesse dos estudantes, a utilização do lúdico trouxe uma nova perspectiva sobre a escola e forma de trabalhar os conteúdos em sala de aula.



5. REFERÊNCIAS

COSENZA, R. M; GUERRA, L. B. **Neurociência e educação: como o cérebro aprende**. Porto Alegre: Artmed, 2011. 151p.

SILVA, Ana Carolina Rosa da et al. Importância da Aplicação de Atividades Lúdicas no Ensino de Ciências para Crianças. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, [S.l.], v. 8, n. 3, p. 84-103, jan. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rbect/article/view/1889>>. Acesso em: 13 set. 2017.

RACHID, I. **Construindo a excelência em gestão escolar: curso de aperfeiçoamento**: Módulo VIII – O impacto da neurociência na sala de aula / Secretaria de Educação. – Recife: Secretaria de Educação do Estado, 2012.

LENT, Roberto. **Neurociência da Mente e do Comportamento**. 1. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. 356 p.



FORMAÇÃO CONTINUADA EM EDUCAÇÃO MUSICAL: UMA PROPOSTA DE ENSINO MUSICAL PARA PROFESSORAS DA REDE PÚBLICA DE EDUCAÇÃO BÁSICA

DESIRÉE SALLES DA COSTA GONÇALVES¹;
VITOR HUGO RODRIGUES MANZKE²

¹Universidade Federal de Pelotas – salles9917@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – vitormanzke@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O projeto de extensão, Formação Continuada em Educação Musical - FOCEM, nasceu a partir das demandas oriundas da homologação da lei 11.769/2008, que torna obrigatório o ensino do conteúdo musical no componente curricular Arte. Pensando em formas de adequação à legislação, surge o convite da Secretaria Municipal de Educação e Desporto de Pelotas - SMED, para que fosse oferecida formação continuada às professoras que atuam na Educação Infantil e Anos Iniciais. Assim surge o projeto Oficina de Repertório Musical para Professores não especialistas em Música, como era chamado anteriormente.

Esse projeto surge não só com nome diferenciado, mas também sua proposta e metodologia originais diferem do que encontramos hoje no FOCEM. No princípio, o projeto se dedicava às professoras que trabalhavam com o ensino de artes visuais nas escolas municipais de Pelotas, que vinham até a Universidade Federal de Pelotas (UFPel) aprender a tocar um instrumento, que habitualmente era violão. Lhes era oferecido um repertório, ou seja, uma lista de músicas para que elas tocassem, por isso o nome Oficina de Repertório. As professoras vinham, aprendiam seu repertório, e as aulas seguiam assim semana a semana, aproximadamente 4 horas por tarde.

A cada turma havia uma rotação de monitores no projeto, e após algumas turmas, certo grupo de monitores percebeu, a partir de suas experiências pessoais e linha de estudos dos métodos ativos em educação musical, que o fato de só aprender o instrumento não é suficiente para o ensino da música, principalmente pelo fato de que esses métodos eram para atingir à fase da Educação Infantil e Anos Iniciais. Então passaram a trabalhar com um método diferenciado de ensino da música. A partir desse pensamento passaram a trabalhar com a compreensão musical a partir de brincadeiras. E

muitas vezes ou em todas elas sem que as professoras, necessariamente, saibam conceitualmente o que estão trabalhando, priorizando assim a vivência musical, pois

“O grande objetivo [...] era fazer o aluno experimentar e sentir para somente depois dizer ‘eu sei’.” (MATEIRO; ILARI, 2012, p. 29).

Assim, o foco passa a ser a musicalização das professoras, pois compreende-se que ao serem musicalizadas, elas terão maiores condições de compartilhar essas atividades, ainda que de forma adaptada, essas experiências com seus educandos.

No entanto monitores chegaram a conclusão que o título do projeto não dava mais conta da atual proposta. Que era não somente ensinar um repertório, mas sim musicalizar. Assim, em virtude de uma necessidade de recadastramento de projetos exigidos pela UFPel no ano de 2017, o atual grupo optou por alterar o nome do projeto para Formação Continuada em Educação Musical.

2. DESENVOLVIMENTO

A partir desse novo pensamento o projeto passa a não funcionar apenas com uma monitora por vez. . A partir desse novo pensamento o projeto passa a funcionar de forma dinâmica, proporcionando aprendizado prático constante, fazendo com que o corpo experiencie a música das mais diversas formas possíveis. Ao final de cada encontro era realizada uma roda de conversa onde sentávamos para então discutirmos conceitualmente sobre cada atividade, e também para contextualizar musicalmente cada atividade desenvolvida.

Essas oficinas são realizadas atualmente em formato continuado, onde os encontros são realizados na universidade uma vez por semana e são divididos por módulos. São três módulos, sendo eles: Módulo 1, para iniciantes (está ativo atualmente); Módulo 2 (está ativo) para intermediários e Módulo 3 (que por enquanto não há turma inscrita por conta do pré-requisito dos Módulos 1 e 2), para avançados. A carga horária para cada módulo é de 32 horas, sendo oito encontros de quatro horas cada. Os encontros acontecem uma vez por semana, na universidade. No último semestre (2017/1) as oficinas funcionaram as terças-feiras na parte da tarde especificamente com seu início às 14h (quatorze horas) tendo seu fim às 17h (dezessete horas).



Somos de três a cinco monitoras compartilhando a mesma oficina, uma vez que a demanda é de aproximadamente 30 professoras por turma. Em pesquisa realizada MANZKE (2016, p.80) comprovou que a rotatividade de monitores na condução das atividades aguça a atenção das professoras de forma que devem estar atentas com quem está o comando. Da mesma forma que participam e promovem as oficinas juntas, as monitoras também às planejam coletivamente, estudando e pesquisando atividades e pedagogias que em grande parte são baseadas nos métodos ativos de Educação Musical e em bibliografias folclóricas, como por exemplo: *Pedagogias em Educação Musical* (ILARI; MATEIRO, Beatriz; Tereza 2013), *Turma da Mônica - Folclore brasileiro* (SOUZA, Maurício 2009).

As atividades do primeiro módulo são baseadas nos parâmetros do som como: altura, timbre, duração e intensidade. Trabalhamos através de brincadeiras folclóricas e jogos musicais. Utilizamos músicas que as professoras já utilizavam comumente, como por exemplo: Borboletinha, Ciranda Cirandinha e Escravos de Jó. Desta maneira torna-se mais familiar para as professoras, proporcionando assim um aprendizado significativo, além de possibilitar variados desdobramentos que cada música e/ou brincadeira pode vir a realizar.

3. RESULTADOS

Desde seu início no ano de 2009, o projeto busca atender professoras das redes públicas de ensino, em especial da Secretaria Municipal de Educação e Desporto (SEMED) no município de Pelotas, com fins de musicaliza-las para que atendam de maneira qualitativa seus educandos. O relato das professoras é que antes ao trabalhar com músicas de formação de rotina, ou ainda como ferramenta de apoio ao aprendizado de outras áreas do conhecimento, tratavam a música apenas como mais um instrumento. Entretanto após essa experiência passam a reconhecer a música como área do conhecimento. Ao invés de usar a música como uma letra, a desenvolvem no corpo, fazendo com que os alunos se movimentem, auxiliando assim no processo de desenvolvimento integral e pleno destas crianças.

O projeto trabalha atualmente com dois módulos que estão descritos acima. O próximo passo é abrir o Módulo 3 em 2018/1. Acreditamos que ao iniciarmos essa nova fase, o projeto será de suma importância para potencializar minha graduação, como já vem acontecendo, uma vez que comecei a participar das oficinas desde o primeiro

módulo de 2017/1 dando continuidade em 2017/2 e com pretensão de dar continuidade nos módulos que se sucederão. Partindo do pressuposto em que ensinando eu também aprendo, acumularei a experiência de musicalizar através de brincadeiras (módulo 1), compartilhar conhecimentos sobre instrumentos, harmonia e melodia (módulo 2) e ainda compartilhar noções de técnica e desenvolvimento vocal (módulo 3).

Além disso queremos voltar a aplicar oficinas itinerantes com mais frequência, pois acreditamos que despertar o interesse à música é tão instigante quanto musicalizar assim como conhecer novas pessoas é tão importante quanto criar laços. Levar as nossas oficinas para além de Pelotas é levar pra outros lugares oportunidade de musicalização. E qual seria o papel da extensão se não este?

4. AVALIAÇÃO

Neste sentido há relevância neste projeto para todas as partes que o compõe. Afir-mamos durante todo o trabalho o quão importante é para as professoras. Mas o é tam-bém para nós enquanto graduandas? Sim, para nós é essencial. A troca de experiências é fundamental, pois conhecimentos são adquiridos numa via de mão dupla. Por isso é tão importante o cuidado com que vamos tratá-las e principalmente a metodologia que será utilizada. Elas já construíram uma carreira e sabem exatamente o que fazer em uma sala de aula, lidam com as maiores adversidades que alguém pode lidar.

Se nos posicionamos como detentoras de todo conhecimento e com autoritarismo durante as oficinas, as professoras se inibem e tudo passa a ser menos produtivo ou improdutivo. Mas se conseguirmos absorver o melhor que elas tem e mostra-las o quão essenciais são em nossa formação, a entrega é completa.

Anterior ao projeto eu obtinha uma visão sobre educação musical, de que era sim-plesmente sentar em uma sala e aprender um instrumento, não conhecia nenhum méto-do e também não sabia como fazê-la, mesmo sendo formada no curso de Magistério. A prática e a troca direta com essas mulheres educadoras e a participação neste projeto me fez descobrir a outra face da educação musical. Uma educação que visa a música como algo que não é para poucas, mas que é para todas. O trabalho coletivo deve ser realmente feito com o todo, no todo e para o todo. Só assim é possível um trabalho de qualidade e que dará frutos, como já tem dado.



5. REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Presidência da República**, Brasília, 1996.

_____. Lei 11.769 de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei n. 9394/96, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino de música na educação básica. **Presidência da República**, Brasília, 2008.

ILARI; MATEIRO, Beatriz; Tereza. **Pedagogias em educação musical**. Curitiba: Intersaberes, 2013. 2v.

SOUZA, Maurício. **Turma da Mônica- Folclore brasileiro**. Abruñeira: Girassol, 2009. 1v.

MANZKE, V. H. R. **Formação musical de professores generalistas: uma reflexão sobre os processos de formação continuada**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação Musical) – Programa de Pós-graduação em Música, Universidade do Estado de Santa Catarina.

PINHO, L. C. Oficina de Repertório Musical para Professores: uma Proposta de Oficinas Itinerantes para Professores não Especialistas em Música. In: **CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA**, 3., Pelotas, 2016, **Anais...** Pelotas: Pró-reitoria de Extensão e Cultura.

HIRSCH; SOUZA; PELIZZON; SCHERDIEN; MANZKE, Isabel; Dionísio; Lia; Priscila; Vitor Hugo. Oficina de repertório musical para professores. In: **SEMINÁRIO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA REGIÃO SUL**, 31., Florianópolis, 2014, **Anais...** Florianópolis: Pró-reitoria de Extensão.



A CRIANÇA E O TEXTO: COMO CONSTRUIR ESSA RELAÇÃO?

DIONATAN BORN GARCIA¹; PAULA FERNANDA EICK CARDOSO²

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – dionatan.b.garcia@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – paulaeick@terra.com.br

1. APRESENTAÇÃO

Relataremos as atividades realizadas durante o ano de 2017 no projeto de extensão “Trabalho com as habilidades de leitura, escrita e interpretação”, idealizado e coordenado pela professora Paula Fernanda Eick Cardoso, docente do Centro de Letras e Comunicações, da Universidade Federal de Pelotas. Temos proposto oficinas semanais aos alunos das turmas de quinto ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Benjamin Constant, a qual fica em Arroio do Padre, um município rural enclave de Pelotas. Arroio do Padre fica a cinquenta quilômetros do centro de Pelotas e tem uma economia voltada para o setor primário. A população desse município é estimada em dois mil e oitocentos habitantes, os quais vivem em pequenas propriedades rurais.

O projeto foi ofertado aos alunos do quinto ano porque o desenvolvimento do hábito da leitura deve começar o mais cedo possível na vida das crianças. Procuramos, então, propor atividades voltadas a promover o gosto pela leitura e a trabalhar habilidades capazes de tornar prazeroso para as crianças o contato com os textos escritos. A motivação para a escolha da escola encontra-se na possibilidade de a universidade pública contribuir para o crescimento linguístico de crianças que veem diminuídas suas oportunidades de educação formal por não viver em um centro urbano.

O trabalho com a leitura visa a contribuir para o desenvolvimento integral do ser humano, visto que a leitura favorece a ampliação do conhecimento de mundo através do acesso aos saberes produzidos pelo homem ao longo dos tempos. No entanto, para que esse objetivo seja atingido, a criança tem de ser capaz de ler com fluência. A fluência cria uma ponte entre o reconhecimento e a compreensão do texto. Como os leitores fluentes não precisam concentrar sua atenção em decodificar palavras, eles conseguem aplicar-se ao que o texto diz e exatamente por isso a leitura torna-se uma atividade que traz satisfação.

O projeto se justifica por diferentes razões. Em primeiro lugar, são importantes todas as tentativas de incentivar a transformação das crianças em leitores, especialmente por-



que o ensino público brasileiro ainda sofre com inúmeras deficiências e com altos índices de analfabetismo funcional. Além disso, o projeto pode dar uma significativa contribuição à comunidade no que diz respeito à atenuação do fracasso escolar, pois as crianças precisam aprender a ler para que então sejam capazes de ler para aprender. Em outras palavras, a intimidade com a leitura é capaz de favorecer também a aprendizagem das disciplinas escolares.

Não podemos deixar de considerar ainda que, em nossa sociedade, é exigido o conhecimento da modalidade culta da língua portuguesa para a ascensão social. Por esse motivo, acreditamos que é de grande importância oferecer aos alunos, o mais cedo possível, uma atividade que favoreça a familiarização com essa modalidade da língua, a qual está presente em textos orais e escritos de diversos gêneros. Esse tipo de trabalho poderá ajudar as crianças tanto na vida escolar quanto em suas futuras experiências acadêmicas e profissionais.

Não só as crianças são beneficiadas, mas os idealizadores do projeto também. O bolsista, ao planejar as oficinas em conjunto com a orientadora e ao ministrá-las, ganha experiência em sala de aula, além de ter a oportunidade de por em prática conhecimentos adquiridos na academia. Com o projeto, conseguimos também conhecer a realidade das escolas públicas e as dificuldades enfrentadas pelos alunos, para que assim possamos cada vez mais ser assertivos em nossas propostas. Concluímos que o projeto merece ter continuidade para que mais alunos tenham oportunidade de aprimorar suas habilidades em leitura e escrita.

2. DESENVOLVIMENTO

Na literatura produzida na área, há um consenso em torno da ideia de que a atividade de leitura é fundamental porque permite ao falante fortalecer e aprimorar o conhecimento de linguagem internalizado desde as primeiras palavras ouvidas na infância. Além disso, a leitura pode possibilitar a aprendizagem da gramática subjacente à variedade culta da língua, assim o contato prolongado com textos escritos aumenta a capacidade comunicativa das pessoas, pois elas podem inclusive passar a dominar uma gramática que é diferente da sua.

O ensino deve estar baseado em três práticas: leitura, produção textual e análise linguística. Por meio dessas práticas, deve-se combater a artificialidade do uso da lin-

guagem no ensino de língua materna e promover uma aprendizagem mais efetiva de uma variedade culta da língua. (GERALDI, 1999, p.18)

A proposta de Geraldi consiste em utilizar o trabalho com a leitura, a produção textual e a análise linguística para favorecer a aprendizagem da variedade culta da língua, a qual contribui para a ampliação da capacidade comunicativa das crianças.

No entanto, na aplicação das oficinas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Benjamin Constant, percebemos que a possibilidade de a leitura realmente contribuir para o crescimento linguístico das crianças está intimamente relacionada ao desenvolvimento da fluência; procuramos, portanto, adotar estratégias capazes de aprimorar a fluência. O primeiro passo empregado nas aulas consiste na explanação sobre a temática dos textos. Consideramos que, em um trabalho com crianças, a contextualização deve preceder a leitura efetiva dos textos, pois nem sempre as crianças estão prontas para realizar as inferências necessárias para a compreensão.

Após a conversa sobre o tema dos textos, a qual aguça a curiosidade das crianças, damos início à leitura. Em um primeiro momento, os alunos fazem a leitura silenciosa, a qual é seguida por uma leitura oral realizada pelo ministrante da oficina. Essa atividade tem por objetivo oferecer às crianças um modelo de leitura que lhes permita reconhecer velocidade de leitura, ênfase, entonação, pausa. Em seguida, os alunos são incentivados a ler os textos oralmente. Depois, ocorre uma discussão sobre as impressões acerca das leituras, para que os alunos possam sanar suas dúvidas e, por meio da interação, sejam capazes de ajudar uns aos outros a compreender todos os aspectos do texto.

Há também um momento para perguntas sobre o texto a fim de guiar e monitorar o aprendizado dos alunos. Essas perguntas ampliam a compreensão da leitura porque dão ao aluno um propósito para ler. Além disso, essas perguntas centralizam a atenção do aluno naquilo que ele deve aprender sobre o texto e o ajudam a pensar enquanto lê. As perguntas também encorajam o aluno a monitorar a sua própria compreensão do texto e o auxiliam a revisar conteúdos e a relacionar o que ele aprendeu com aquilo que já conhecia.

Por fim, o instrumento de avaliação da aula é uma proposta de produção textual, a qual tem afinidade com o tema dos textos trabalhados. As atividades propostas variam entre pequenas produções dentro do gênero textual apresentado, até elaboração de resumos e a reescrita de trechos dos textos.



Proposta de aula com base na leitura do texto O Pequeno Príncipe
1ª Etapa: Leitura dos capítulos X, XI, XII, XIII, XIV, e XV do Pequeno Príncipe.
2ª Etapa: Discussão guiada por questões sobre a temática dos capítulos. Questões: 1) Quantos planetas o Pequeno Príncipe visitou antes de chegar à Terra? 2) Como eram esses planetas? 3) Por que o Pequeno Príncipe não ficou em nenhum dos planetas que visitou antes da Terra? 4) O Pequeno Príncipe disse que apenas em um dos planetas ele poderia ter feito um amigo. Em qual foi? 5) Você concorda que as pessoas grandes são diferentes das crianças?
3ª Etapa: Proposta de trabalho 1) Imagine e depois desenhe um planeta em que o Pequeno Príncipe ficaria feliz se visitasse. 2) Escreva uma história narrando a visita do pequeno Príncipe a esse planeta.
4ª Etapa: Leitura para os colegas das narrativas que foram criadas.

3. RESULTADOS

Temos percebido um grande êxito em nosso trabalho. Com relação ao desenvolvimento dos alunos, notamos que eles vêm se aperfeiçoando em diversos aspectos. Em primeiro lugar, constatamos que as crianças passaram a utilizar um tempo menor para finalizar as atividades propostas. Isto evidencia que a tarefa de escrever tornou-se menos trabalhosa. Em suas produções, constatamos também que os equívocos ao empregar a modalidade culta da língua se tornaram menos recorrentes, o que tem resultado em produções textuais mais coesas e coerentes. Nos momentos de leitura, identificamos que as crianças estão desenvolvendo mais autonomia em suas habilidades, pois conseguem compreender e interpretar com mais facilidade e em menos tempo as informações dos textos. Com o passar das aulas, tivemos que aumentar o grau de dificuldade das propostas, assim como o número de atividades por encontro, em razão do notável progresso dos estudantes.

4. AVALIAÇÃO

O desenvolvimento do hábito da leitura não é uma tarefa fácil. Em primeiro lugar, porque a leitura disputa espaço com outras formas de entretenimento, como a televisão, que é um meio mais barato de lazer e de acesso mais fácil. Além disso, a leitura não está presente na realidade de muitas crianças. Pais ocupados em garantir o sustento da família não dispõem de tempo para envolver seus filhos em atividades de leitura, além



disso, muitos são analfabetos. Portanto, em uma sociedade em que a maioria dos pais trabalha fora ou não teve acesso à leitura, cabe à escola a tarefa de divulgar a leitura.

Entretanto, a escola pública não tem conseguido, de maneira geral, executar a função de preparar leitores, pois não encontra meios de mostrar às crianças e aos jovens a importância da leitura, ou não tem recursos para isso. Assim, a leitura transforma-se em um direito – conquistado com muitas dificuldades – do qual ainda não conseguimos usufruir devidamente.

Consequentemente, são fundamentais projetos capazes de demonstrar especialmente para as crianças que as atividades de leitura podem trazer satisfação e crescimento. Com esse intuito, temos procurado oferecer aulas capazes de aprimorar o conhecimento de linguagem das crianças através da exposição a textos de diferentes gêneros. Esse trabalho consiste em atividades de leitura, interpretação e produção textual por meio das quais procuramos desenvolver o gosto pela leitura, bem como estratégias que tornem essa ação prazerosa para as crianças. A exposição a textos orais e escritos de graus variados de formalidade contribui para que os alunos venham a manejar adequadamente uma multiplicidade de recursos que estão disponíveis na língua portuguesa e que podem favorecer o sucesso da comunicação se ajustados à situação interativa em que os falantes se encontrem.

5. REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2003

DUARTE, N. E. W. P. **A abordagem do texto nas aulas de língua materna em duas realidades educacionais distintas – brasileira e uruguaia**. 2006. Tese (Doutorado em Linguística). Curso de Pós-Graduação em Linguística, UFSC. GERALDI, J. W. **Prática da leitura na escola**. In: _____. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1999.

SAINT-EXUPÉRY, A. **O Pequeno Príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 1983. TAVARES, M. A. **Perífrases [V1 (E) V2] em gêneros escritos: propostas para um ensino de gramática baseado no texto**. In: *Linguagem & Ensino: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras/Universidade Católica de Pelotas*, v 1, n 1, Pelotas, RS: EDUCAT, 1998.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez, 1997.



EXERGAMES NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: EXPERIÊNCIAS DO EXERGAME LAB BRAZIL

ELAINE TONINI FERREIRA¹; RICHARD SANTIN ROCHA²;
CÉSAR AUGUSTO OTERO VAGHETTI³ (ORIENTADOR)

¹UFPEl – elainetoniniferreira@gmail.com

²UFPEl – richardyesef@gmail.com

³UFPEl – cesarvaghetti@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O aspecto lúdico e a capacidade de simulação em ambientes de realidade virtual, obtidos com a utilização dos *videogames*, permitem que a visualização dos conteúdos se torne ilimitada para todos os níveis de ensino (PATEL *et al.*, 2009). Nessa perspectiva, a utilização de jogos em sala de aula torna-se uma estratégia interessante para o desenvolvimento das competências dos alunos, pois além de proporcionar diversão estes games também proporcionam um alto índice de motivação na tarefa (CONTRERAS-ESPINOSA *et al.*, 2013).

Os *Exergames* (EXGs), *Exergaming* ou *Active Gaming*, misturam exercício físico com videogame, permitindo que a ludicidade e a fascinação envolvidas na realidade virtual possa ser utilizadas para a prática do exercício físico, conforme afirma Sinclair *et al.* (2007). Essa interface de esforço proporciona a experiência do esporte virtual, permitindo que o usuário vivencie o esforço físico e a habilidade motora exigidas em alguns esportes e exercícios físicos (MUELLER *et al.*, 2010). Segundo Vaghetti *et al.* (2012), EXGs são consoles que exigem um maior esforço físico, ou seja, geram uma demanda energética maior para a sua jogabilidade quando comparados aos VGs convencionais.

No ambiente escolar, o emprego das tecnologias da informação e comunicação proporcionaram novas formas de ensino e aprendizagem. Especificamente na Educação Física (EF) Escolar, EXGs podem ser utilizados como ferramenta pedagógica não apenas para desenvolvimento de aspectos motores, mas também como ferramenta auxiliar para os conteúdos teóricos. Essa interação com EXG também torna-se como uma iniciativa para reduzir o estilo de vida sedentário (SUN, 2012), pois os jogos de vídeo ativos requerem movimentos físicos para interação e obtenção das metas propostas (PENG *et al.*, 2013), além de misturarem interatividade e entretenimento com a prática de exercício físico em ambiente de realidade virtual (GUY *et al.*, 2011).



No presente estudo apresenta-se alguns relatos de alunos referentes a experiências resultadas de ações desenvolvidas pelo projeto de extensão “Exergames na Educação Física: ferramentas para o ensino e promoção da saúde”. Neste projeto oportunizou-se a prática de EXGs em escolas públicas, discutindo as potencialidades deste dispositivo tecnológico digital nas aulas de EF.

2. DESENVOLVIMENTO

Para coleta e registro das informações, foram utilizados o diário de campo, observações, conversas informais com professores, entrevistas semiestruturadas com os alunos participantes das intervenções, tendo em vista a configuração de um determinado contexto, aquele que nos permite descrever, analisar e apontar novas questões na relação EXG e EF escolar. De acordo com GIL (2008), o relato de experiência dá margem para o pesquisador relatar suas experiências e vivências aproximando-as do saber científico.

Definidas as diretrizes, a primeira ação da pesquisa foi buscar a escola para a intervenção. A Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Terezinha e o Colégio Estadual Cassiano do Nascimento, ambas do município de Pelotas-RS, mostraram-se interessadas em participar do projeto.

Após os aceites, foram realizadas reuniões entre a direção de cada escola, os professores de EF e dois alunos de graduação em EF (bolsistas do projeto) para apresentar o plano de execução e alinhamento das ações. A intervenção foi realizada com duas turmas, uma de cada escola, sendo na frequência de uma vez por semana. A turma da escola municipal tratava-se de um 8º ano e a outra turma foi o 1º ano do Ensino Médio da escola estadual.

Para as oficinas foram utilizados EXGs da marca Nintendo Wii, com o jogo Just Dance 2016. O console foi acoplado a um projetor para melhor visualização por parte da turma e para os jogadores. Os sujeitos também assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), através do qual tanto os alunos quanto os respectivos pais foram informados sobre os procedimentos da pesquisa, armazenamento de dados e disponibilidade dos resultados.

3. RESULTADOS

De modo geral, a utilização dos EXGs nas aulas de EF na escola foi uma maneira de ampliar as vivências corporais e cognitivas do aluno, bem como a sua inclusão digital, que também pode ser realizada através dessa ferramenta. Além disso, os professores salientaram a importância que a inserção dos EXGs na EF adquire no que tange à uma maior aproximação do aluno com a educação formal.

Os EXGs podem ser utilizados como ferramenta motivacional para auxiliar nas aulas de Educação Física. Estudos apontam que escolares tem competência cognitiva suficiente para adquirir as capacidades e habilidades motoras de compreender e jogar EXG e de modo amplo, indica-se que intervenções com EXG proporcionam maior motivação (VERNADAKIS et al 2015) e sociabilidade (KOOIMAN; SHEEHAN, 2015) quando comparadas a outras atividades.

Durante a execução do projeto na escola os bolsistas verificaram o interesse, envolvimento e curiosidade dos alunos com o jogo apresentado. Quando questionados o que acharam da atividade, obteve-se as principais respostas:

Gostei, é algo diferente. (C1 – 1º ano)

Foi boa, nunca tinha jogado, achei legal. (C4 – 1º ano)

*Gostei por que eu gosto de dançar me identifiquei com a atividade.
(S1 – 8º ano)*

*Odiei, foi tempo perdido que teríamos para aprender alguma coisa, não
ficar jogando vídeo game. (S6 – 8º ano)*

Quando questionados se gostariam que as aulas de EF contassem também com o recurso do EXG, 14 alunos disseram que sim, seria bom, e três alunos disseram que não, que gostam mais como está: apenas aulas no pátio. Em relação ao que aprendeu com esse tipo de videogame, a resposta predominante foi:

Acho que aprendi uma forma nova de educação física. (C1 - 1º ano)

Aprendi mais do meu corpo, movimentos de dança que não conhecia. (C7 – 1º ano)

Aprendi que não é só um jogo mas sim a professora falou após que tinha muita atividade física. (S4 – 8º ano)

Quando perguntados se sentiram vergonha a jogar, exceto uma aluna, os demais foram unânimes a falar que sentiram no início, mas após esqueciam ao se imergir ao jogo.

Senti, mas no início, depois a gente nem lembra mais que os colegas estão ali (C4- 1º ano).

Para Sibilia (2012), a inserção das tecnologias deve passar por um processo gradativo de implantação de um regime de vida inovador, apoiado em tecnologias eletrônicas e digitais. A autora questiona a modernidade e o modo como pode contribuir para interligar a escola nesse mundo digital mediante a crise em que se encontra, ou seja, mediante a incompatibilidade dos conteúdos escolares com o contexto político, econômico e sócio-cultural. A motivação em jogar um videogame relaciona-se à ideia de atratividade em um jogo. Os aspectos motivacionais dependem da forma como a habilidade do jogador é combinada com os desafios e com a narrativa do jogo.

Neste sentido, a experiência com os EXGs proporcionou aos alunos acesso ao lúdico, a jogabilidade, a imersão e a interatividade entre eles. Para os bolsistas foi a oportunidade de aplicar e oportunizar conhecimentos que vem sendo estudados no laboratório da ESEF/UFPEL. Para as escolas e professores atuantes, novos conceitos e práticas para a estruturar a EF.

Por fim, a utilização dos EXGs na escola deve ser entendida como uma ferramenta capaz de contribuir para o desenvolvimento do currículo escolar, não como lazer ou apenas como entretenimento, mas como ferramenta capaz de auxiliar o professor na construção dos conteúdos da EF.

4. AVALIAÇÃO

A utilização dos EXGs nas aulas foi recebida com entusiasmo por muitos alunos, principalmente por aqueles que gostariam de praticar alguma atividade física, jogo ou esporte diferente das práticas oferecidas. Percebe-se que a EF escolar necessita de novas ferramentas pedagógicas e de novas formas de ensino e de aprendizagem. Nas aulas ainda prevalecem os quatro esportes coletivos, o que exclui os alunos que ou não gostam ou não possuem habilidades com esportes com bola. Assim, a utilização de exergames na escola, como parte do currículo, pode contribuir para a iniciação de diversos jogos, principalmente para aqueles esportes de difícil acesso à escola.



5. REFERÊNCIAS

Contreras-Espinosa, R.S.; Eguia-Gómez, J.L.; Hildebrand, H.R. 2013. **Aprendizagem baseada em Jogos Digitais Entrevistas com professores que utilizam jogos digitais em suas práticas educativas**. In: Anais do XII Simpósio Brasileiro de Jogos e Entretenimento Digital, 16-18, Outubro, São Paulo, Brasil. 204-210.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5ª ed., São Paulo: Atlas, 2008.

Guy S, Ratzki-Leewing A, Gwadry-Sridhar F. Moving beyond the stigma: systematic review of video games and their potential to combat obesity. *Int J Hypertens* 2011; 179124: 1–13.

Kooiman BJ, Sheehan DP. **The efficacy of exergames for social relatedness in on-line physical education**. *Cogent Education* 2015;2: 1045808 p.1-15

Mueller, F.; Gibbs, M.R.; Frank, V. 2010. Towards understanding how to design for social play in exertion games. **Journal of Personal and Ubiquitous Computing**, 14(5), 417-424.

Patel, V.L.; Yoskowitz, N.A.; Arocha, J.F.; Shortliffe, E.H. **Cognitive and learning sciences in biomedical and health instructional design: a review with lessons for biomedical informatics education**. *Journal of Biomedical Informatics*, (42), 176-197, 2009.

Peng W, Crouse JC, Lin J-H. **Using active video games for physical activity promotion: a systematic review of the current state of research**. *Health Educ Behav* 2013;40:171-92.

Sibilia. P. **A Escola no mundo hiperconectado: redes em vez de muros?** Matrizes. n.2. p.195-211. 2012.

Sinclair, J.; Hingston, P.; Masek, M. 2007. **Considerations for the design of exergames**. In: Proceedings of the 5th international conference on Computer graphics and

interactive techniques in Australia and Southeast Asia. December 1-4, Perth, Australia, 289-296.

Sun H. **Exergaming Impact on Physical Activity and Interest in Elementary School Children.** Research Quarterly for Exercise and Sport, 2012, 83, 212–220.

Vagheti, C.A.O.; Duarte, M.A.; Ribeiro, P.O.; Botelho, S.S.C. 2012. **Using exergames as social networks: testing the flow theory in the teaching of physical education.** In: Anais do XI Simpósio Brasileiro de Jogos e Entretenimento Digital, 2-4, Novembro, Brasília, Brasil. 1-9.

Vernadakis N, Papastergiou M, Zetou E, Antoniou P. **The impact of an exergame-based intervention on children's fundamental motor skills.** Computers & Education n° 83; 2015; p.90-102



INCLUSÃO DIGITAL: ELABORANDO MAPA VIRTUAL DA ESCOLA

ELISANDRA HERNANDES DA FONSECA¹; ROSANE VIEIRA DA SILVA²;
ABÍLIO P. DA SILVA NETO³; SUYANE GONÇALVES DE CAMPOS⁴;
ANGÉLICA CIROLINI⁵; ALEXANDRE FELIPE BRUCH⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – elisandrah.fonseca@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – ro.vieirasilva@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – netoab01@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – suyanegc@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – acirolini@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – afbruch@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O ensino passa por modificações em sua trajetória ao tentar acompanhar os avanços científicos do mundo contemporâneo, cada vez mais enraizado nas tecnologias de informação. Estas tecnologias foram se aprimorando ao longo do tempo e hoje cabe ao educador a difícil tarefa de interligar essas novidades ao ensino, de forma mais condizente com a realidade.

Ao invés de vetar o uso desses dispositivos, a escola e a universidade através da extensão acadêmica, devem atentar ao modo que essas novas mídias influenciam o aprendizado. Nesta perspectiva, o projeto vem sendo realizado com escolas públicas de ensino fundamental no município de Pelotas, RS e serve como apoio pedagógico às disciplinas de matemática, geografia e informática.

É relevante destacar que a extensão universitária, oportuniza aos acadêmicos uma troca de valores com a comunidade, onde acaba por ocorrer uma via de duas mãos, de modo que a Universidade leva conhecimentos e recursos à comunidade e também aprende com a cultura e saber da população que ali desenvolvem suas atividades.

2. DESENVOLVIMENTO

Para o desenvolvimento deste trabalho foi realizado um levantamento com alunos do quinto ao nono ano de 7 escolas no município de Pelotas, cada turma com 20 a 30 alunos, ao total em torno de 160 alunos, que foram contempladas com o projeto, acerca do acesso à internet e computador. Apesar da grande maioria ter acesso a internet em

casa ou na escola, ainda existe uma pequena porção de 6 % que não está incluída digitalmente, como pode ser observado na Figura 1.

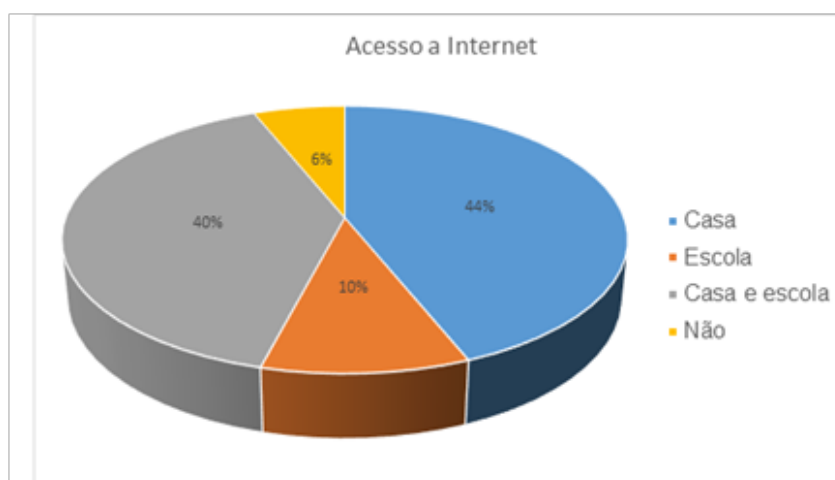


Figura 1 - Acesso a internet e ao computador nas escolas visitadas do município de Pelotas.

Foi com base nesse problema, da falta de inclusão digital, que o projeto elaborou algumas atividades com o uso de geotecnologias como ferramenta de inclusão digital, para efetuar mapeamentos e utilização de *softwares* livres como GPS Trackmaker e o Google Earth, capacitando os alunos a geração dos seus primeiros mapas digitais, com propósito de dinamizar a aprendizagem da Geografia, já que pode-se considerar de natureza multidisciplinar. O Projeto atende turmas de quinto ao nono ano, em escolas municipais da rede pública de Pelotas.

A metodologia utilizada no projeto teve enfoque na inclusão digital no ensino fundamental. Conforme Laudares (2014), a utilização de dispositivos GPS e sistemas de geovisualização devem ser integrados com uma metodologia que incentive a uma participação ativa e constante dos alunos.

Seguindo esta premissa, o presente trabalho visa a utilização de receptores de sinal GPS, possibilitando aos alunos de escolas municipais, a identificação de pontos de referência nos bairros onde moram e a geovisualização permite a apresentação visual desses pontos integrados aos mapas digitais do município conforme mostra a Figura 2 .



Figura 2- Geovisualização do mapa Google Earth

Para a execução das atividades os alunos dirigiram-se ao pátio da escola e coletaram pontos e traçaram trajetos no receptor de sinal GPS, esses dados foram tratados no software livre GPS Trackmaker, em seguida foram exportados para o Google Earth, para melhor visualização. No início e fim de cada oficina, foi aplicado um questionário com 13 questões acerca dos conhecimentos trabalhados, buscando assim, avaliar a evolução no nível de aprendizagem dos conteúdos ministrados.

3. RESULTADOS

Os dados coletados com o receptor de sinal GPS foram tratados no *software* livre GPS Trackmaker, o qual possibilitou observar a trajetória que os alunos percorreram no pátio. No *software*, os alunos renomearam os pontos, adicionaram legendas, dando início assim ao seu primeiro mapa digital, após esta etapa, exportaram o mapa para a visualização no Google Earth (Figura 03).

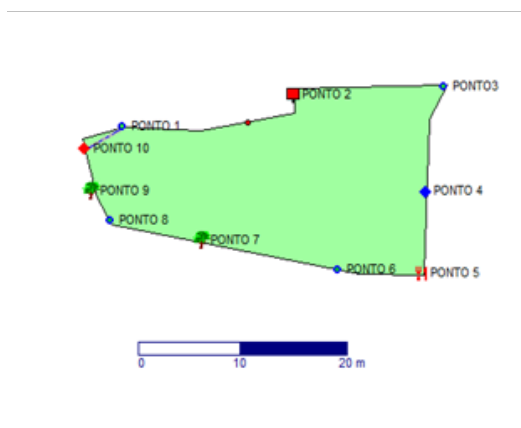


Figura 3 - Trajetória dos alunos em mapa virtual no software livre GPS TrackMaker e geovisualização no Google Earth.

A Figura 3 demonstra um dos resultados das atividades desenvolvidas junto aos alunos, sendo possível observar que os estudantes conseguiram atingir o objetivo de criar seu primeiro mapa digital.

Para avaliar o rendimento de aprendizado dos estudantes, realizou-se um questionário antes e outro depois das oficinas e as respostas estão dispostas na Figura 4.

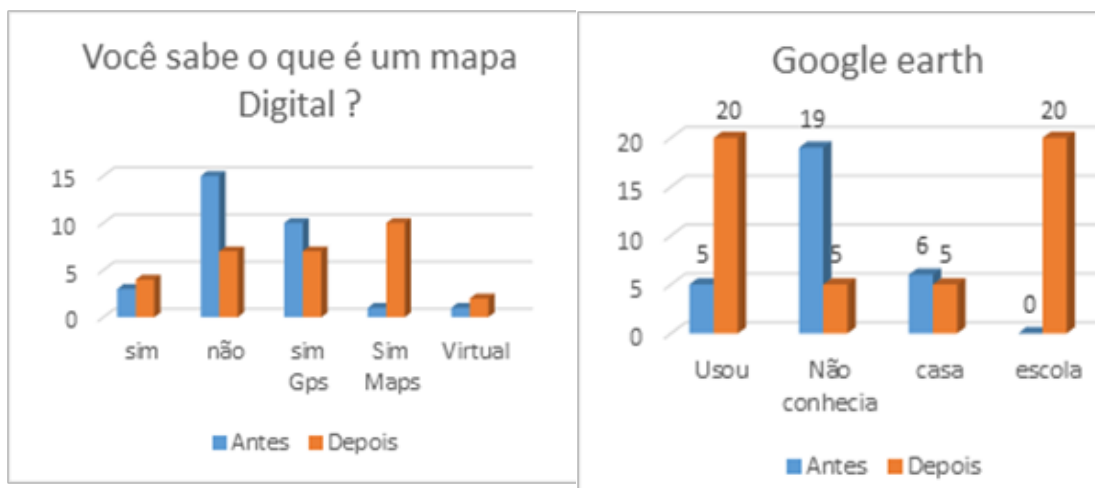


Figura 4 - Questões do questionário avaliativo antes e depois.

Os gráficos dispostos na Figura 4 revelam que antes das atividades desenvolvidas pelo projeto os alunos não tinham conhecimento em relação aos mapas digitais e as ferramentas de Geoinformação, de modo que depois das oficinas apontaram o conhecimento relativo a estes temas e que o uso aconteceu em sua maioria na escola.

4. AVALIAÇÃO

Nos Mapas Digitais elaborados pelos alunos através das ferramentas do Google Earth e GPS TrackMaker, foram representados os limites da escola, do bairro, da cidade e o trajeto da casa à escola. Durante as atividades, os alunos demonstraram interesse e participaram de forma ativa nas atividades desenvolvidas no pátio e no laboratório de informática, revelando a necessidade de instigar o estudante na sua prática educacional, principalmente com atividades lúdicas e interativas.

De acordo com o desempenho observado nas atividades e nos questionários avaliativos o recurso didático desenvolvido potencializa a aprendizagem das noções básicas de cartografia. Logo, a tecnologia deve ser mais um instrumento de ensino, que amplia as opções das ações didáticas e contribui, de forma interativa e prazerosa, no processo de ensino-aprendizagem.



Durante o projeto foi possível perceber também o interesse do professor no desenvolvimento das atividades, então serão criadas sugestões de trabalhos futuros, realização de cursos de capacitação com os professores, para que haja a continuidade nas atividades, e que assim os alunos possam aproveitar ainda mais os ensinamentos ministrados pelo projeto.

5. REFERÊNCIAS

CIROLINI, A. **A inclusão de tecnologias digitais nas escolas do meio rural de Restinga Sêca, RS: O atlas geográfico eletrônico e escolar na perspectiva dos processos de ensino e aprendizagem.** 2014. 250 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

LAUDARES, **Geotecnologia ao alcance de todos.** Editora Appris. Curitiba, 2014.

LIGUORI, Laura M. **As novas tecnologias da informação e da Comunicação no Campo dos Velhos Problemas e Desafios Educacionais:** In: LITWIN, Edith (Org.). Tecnologia Educacional: política histórias e propostas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MACHADO, E. de C. Informática no ensino de segundo grau. A experiência do Ceará: **Educação em Debate**, n.1/2, p.155-160, 1991.

CINE NAS ESCOLAS: UMA POTÊNCIA DE CRIAÇÃO

CINE UFPEL PARA ESCOLAS: UMA POTÊNCIA DE CRIAÇÃO

ELOISA SOARES CALDEIRA¹; MARÍLIA SHEILA SANTOS²;
CÍNTIA LANGIE ARAÚJO³; LIÂNGELA CARRET XAVIER⁴

¹Estudante de Cinema e Audiovisual pela UFPel – eloisa.soaresc@gmail.com

²Estudante de Cinema e Audiovisual pela UFPel – mariliamortican@gmail.com

³Professora dos cursos de Cinema da UFPel – cintialangie@gmail.com

⁴Professora dos cursos de Cinema da UFPel – lanzacx@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

Arte não se ensina, arte se experimenta, afirma Bergala (apud LANGIE; RODRIGUES, 2017, p. 5). Pensando na etimologia da palavra “educar”, derivada do latim *educare*, que significa literalmente “conduzir para fora”, abordaremos aqui uma educação que direcione para estes novos encontros com o mundo, revelando mais perguntas do que respostas, abrindo, assim, espaços para a criação. “A arte se imbrica na educação como convite à sensação, invenção, criação” (op. cit. p. 2). Utilizamos aqui o cinema como arte em sua potência criativa e de proporcionar encontros e compartilhamentos.

O Cine UFPel Para as Escolas é um projeto de extensão realizados pelos professores e alunos dos cursos de cinema da UFPel, que se iniciou em 2015, tendo como objetivo a formação de público para o cinema nacional, oferecendo exibição de filmes para às escolas públicas de Pelotas¹. Conforme Barone (2008), o formato de mercado exibidor e distribuidor de cinema no Brasil, revela um gargalo histórico que fazem com que o cinema nacional não chegue ao público. Dos 457 filmes lançados no ano de 2016, apenas 142 eram brasileiros, ocupando em média 90 salas por filme contra 213 ocupadas por filmes estrangeiros².

As poucas salas de exibição, transformadas em *multiplex* dos complexos dos *shopping centers*, o aumento do ingresso e a ocupação de grandes conglomerados de filmes norte-americanos, principalmente de *Hollywood*, fizeram com que o público se afastasse e desacostumasse com o cinema nacional. “No caso brasileiro, a pouca frequência dos filmes no circuito comercial compromete aspectos simbólicos da formação do imaginário social” (op. cit. p6).

Então, resgatando o conceito de “conduzir para fora”, as obras exibidas no Cine são

¹ A exibição dos filmes acontece na sala de cinema Cine UFPel, localizada na Agência da Lagoa Mirim, R. Lobo da Costa, 447, Centro.

² Dados do Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro 2016, realizado pela Ancine. Disponível em: https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/publicacoes/pdf/anuario_2016.pdf



aquelas fora dos circuitos comerciais e fora das narrativas clássicas *hollywoodianas*. Para além do entretenimento ou ferramenta ilustrativa de conteúdos da base curricular, os filmes são trabalhados em seus aspectos de valor artístico, cultural e estético, como propõe Duarte e Alegria no artigo *Formação estética audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação* (2008). Procura-se retirar o aluno de sua zona de conforto, trazendo novas experiências de assistir (e experimentar) a algo que usualmente não é consumido por ele.

2. DESENVOLVIMENTO

As exhibições dos filmes acontece em ambiente adequado: uma sala escura com poltronas reclináveis, telona com qualidade de som e imagem. O dispositivo da sala de cinema é uma infraestrutura importante para uma verdadeira experiência-cinema dos alunos junto com a obra fílmica; experienciá-la na sala escura, sem objetos de distração, diferente de outros dispositivos mais acessíveis aos jovens como computador, celular e televisão, tendo uma relação diferente espectador-filme.

A curadoria é realizada verificando a classificação indicativa de acordo com as idades dos grupos de estudantes. Feito isso, é prezado a exibição de filmes nacionais que não entram na salas comerciais, buscando aumentar o repertório artístico dos alunos e mostrar que existe muito cinema brasileiro e pelotense sendo realizado, pensando “[...] a escola como abertura de mundos” (LANGIE; RODRIGUES, 2017, p. 3). A diversidade é um fator importante porque provoca dúvidas e inquietações e fazem as crianças questionarem os próprios padrões de qualidade impostos nos filmes que geralmente têm acesso (DUARTE; ALEGRIA, 2008).

Dentre os filmes nacionais exibidos estão *O tempo dos Orixás* (Eliciana Nascimento, 2014), *Deus* (Vinícius Silva, 2016), *Que horas ela volta?* (Anna Muylaert, 2015), *Quanto vale ou é por quilo?* (Sergio Bianchi, 2005) que discutem questões de classe e etnia; *Hoje eu não quero voltar sozinho* (Daniel Ribeiro, 2010), *As melhores coisas do mundo* (Laís Bodanzky, 2010), *Quase samba* (Ricardo Targino, 2015), *Califórnia* (Marina Person, 2015) e *Antes que o mundo acabe* (Ana Luíza Azevedo, 2009) que apresentam temas como sexualidade, gênero e adolescência; *Direita é a mão que se escreve* (Paula Santos, 2009), *Meu amigo Nietzsche* (Faústton da Silva, 2012), *O ano em que meus pais saíram de férias* (Cao Hamburger, 2006), *Uma professora muito maluquinha* (Diler Trindade, 2011), *O menino e o mundo* (Alê Abreu, 2013) que contêm

narrativas infantis interessantes e arrojadas. Além de *Encantada do Brega* (Leonardo Augusto, 2014), *Morro do Céu* (Gustavo Spolidoro, 2009), *Vinil Verde* (Kleber Mendonça Filho, 2014) *Saneamento básico, o filme* (Jorge Furtado, 2007) e *Uma história de amor e fúria* (Luiz Bolognesi, 2013).

E não basta apenas assistir a bons filmes, é preciso analisá-los, julgá-los e apreciá-los. Através de debates e atividades após a sessão, são levantados alguns termos técnicos, conceitos e palavras do mundo cinematográfico onde o aluno adquire maior capacidade de julgamento estético, pois se experimenta a arte em maior profundidade, tendo um contato íntimo com ela. Ninguém gosta daquilo que não conhece. E é a partir da proximidade que o aluno pode descobrir potenciais de si mesmo que desconhecia, abre-se portas para a criação.

A Formação Estética Audiovisual, articulada por Duarte e Alegria (2008), amplia-se para fora do cinema, visto que, atualmente, a linguagem audiovisual, em múltiplos dispositivos (tevé, computador, celular, etc) se torna tão importante quanto a escrita. É também preciso alfabetizar *audiovisualmente e artisticamente*. E esta competência de ver e saber apreciar, tão elitizada e valorizada socialmente, se faz através do contato, pela imersão, em percorrer ambientes onde a arte é valorizada e é objeto de fruição. A educação, acima de tudo, é instrumento de emancipação e democratização.

3. RESULTADOS

Desde o ano de criação do projeto, em 2015 até a data da publicação deste artigo, recebemos cerca de 30 visitas de alunos das escolas E.M.E.F Dr. Joaquim Assumpção; Colégio Estadual Félix da Cunha; E.E.E.F. Padre Anchieta; E.M.E.F. Santa Irene; E.M.E.F. Olavo Bilac; E.E.E.F. Sagrado Coração de Jesus; E.E.E.F. Francisco Simões; E.M.E.F. Ferreira Viana; I.E.A Dona Conceição e E.M.E.F.M. Fernando Osório. E tivemos mais de 350 alunos da rede pública atendidos.

Através das conversas com as crianças e com uma pesquisa, percebemos que elas têm um contato usual com filmes, mas em sua maioria pela TV a cabo, seguido pela Internet e serviços *on demand* juntos, estando a sala de cinema em terceiro lugar, tendo poucos casos de nunca terem ido a uma sala. Constatamos também que as crianças dificilmente sabiam citar títulos de obras brasileiras e que poucas sabiam que se fazia cinema em Pelotas e no Brasil.

As poucas que usualmente já assistiram a filmes nacionais, quando questionadas



por quê não viam com mais frequência, mais de 80% disse porque não costuma gostar ou porque acaba escolhendo outros.

E quando perguntado sobre quais filmes gostavam, quais histórias gostariam de ver no cinema nacional, os gêneros mais citados eram o terror, a ação e a comédia, muitas vezes se referindo a títulos de grandes sucessos de Hollywood.

Vimos também como o audiovisual contribui para a criação do imaginário das crianças e dos adolescentes. Propomos para uma turma, depois de já terem frequentado algumas vezes o Cine, uma atividade de criação de uma pequena história com alguns elementos básico que fornecemos. Notamos que maioria delas apresentava traços semelhantes com os curtas que exibimos, revelando a mídia como uma importante ferramenta educacional, não só a trípole de instituições clássicas: família, igreja e escola.

4. AVALIAÇÃO

Nesses dois anos verificamos que os melhores resultados foram com as escolas que voltaram mais vezes ao Cine, que conseguiram completar um semestre inteiro, indo em média uma vez por mês. Portanto trata-se de um projeto a longo prazo, que deve ser trabalhado em conjunto com outros setores da educação. Assim, com essas turmas tivemos maior intimidade delas conosco e delas com o cinema, conseguindo trabalhar com diferentes linguagens, desde a mais clássica a outras mais arejadas.

Uma das nossas maiores dificuldades está relacionado ao deslocamento dos estudantes até o Cine. O transporte é uma contrapartida das escolas, mas que se torna difícil por falta de apoio da prefeitura e do estado. Tentamos solucionar com o setor de transporte da universidade, que são poucos automóveis e apresenta uma grande demanda.

Estuda-se, futuramente, a integração de professores para instruí-los no uso do cinema como potência em sala de aula e da importância das artes para o desenvolvimento dos estudantes, pois, muitas vezes, encontramos resistência por parte das coordenações escolares. Outra integração analisada é com o projeto de extensão Vídeos nas Escolas, coordenado pelo professor de cinema da UFPEL, Josias Pereira, onde é oferecido oficinas que ensinam aos alunos a produzirem curta-metragens.

O Cine nas Escolas também tenta contornar a questão de distribuição/exibição do



cinema nacional, na tentativa de incentivar uma oxigenação do repertório audiovisual dos jovens e das crianças, permitindo a coexistência entre referências da mídia de massa, já conhecida, e referências de arte brasileira, de valor artístico e cultural. Sendo uma ferramenta importante na criação de público para o cinema e para o audiovisual não-hegemônico. Também contribui na formação dos próprios bolsista, que encontram outros olhares e sensibilidades em contato com as crianças. Adquirindo novas experiências que abrem portas para novas criações, questão tão importante para o artista.

5. REFERÊNCIAS

ALEGRIA, João; DUARTE, Rosalia. Formação estética audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação. **Educação e realidade**, Porto Alegre, v.33, n.1, p.53-80, 2008.

BARONE, J. G. Exibição, crise de público e outras questões do cinema brasileiro. **Sessão do Imaginário**, Porto Alegre, v.13, n.20, 2008.

LANGIE, Cíntia; RODRIGUES, Carla G. **Pensar uma escrita audiovisual: criação e cinema brasileiro na sala de aula**. 2017 (artigo no prelo)



PROJETO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES “EN- CONTROS SOBRE O PODER ESCOLAR”

FABIANE WEBER DA SILVA¹; LÍGIA CARDOSO CARLOS²

¹UFPEL – fabianeweber@yahoo.com.br

²UFPEL – li.gi.c@hotmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O trabalho refere-se a um projeto de extensão universitária para a formação continuada de professores da educação básica que atuam, principalmente, na região Sul do Rio Grande do Sul. É uma ação interinstitucional, coordenada pela Faculdade de Educação da UFPEL, que reúne sete instituições: a Universidade Federal de Pelotas, a Universidade Católica de Pelotas, a Secretaria Municipal de Educação de Pelotas, a 5ª Coordenadoria Regional de Educação, o Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, o Conselho Municipal de Educação de Pelotas e o 24º Núcleo do CPERS-Sindicato. Esse caráter de organização coletiva, presente desde seu início no ano de 2001, revela um processo de colaboração que garante a sua realização com reconhecido sucesso. O projeto tem como objetivos valorizar os profissionais do ensino; contribuir para a sua formação e, conseqüentemente, para a qualificação do trabalho docente; assim como, cooperar para que a escola, no exercício de sua autonomia, possa construir um Projeto Pedagógico de acordo com as necessidades da sua comunidade a fim de atingir o foco principal: a qualificação da educação escolar.

A proposta fundamenta-se em quatro pressupostos: os professores, na sua prática pedagógica, produzem saberes, os saberes da experiência (TARDIFF; LESSARD e LAHAYE, 1991); os professores aprendem na troca de experiências, no encontro, no trabalho conjunto e colaborativo (FULLAN; HARGREAVES, 1999); o exercício da reflexão crítica sobre a prática é uma exigência da relação entre a teoria e a prática na qual evitamos o ativismo e o discurso descolado da realidade objetiva (FREIRE, 1997, p.24) e, finalmente, o entendimento de que as mudanças desejadas na educação escolar dependem da construção coletiva, democrática e autônoma de seus projetos (PARO 2001).



2. DESENVOLVIMENTO

O projeto desenvolve-se através de ações com a comunidade escolar, privilegiando o formato de encontros de reflexão e troca de experiências profissionais. A culminância é um evento chamado Encontros sobre o Poder Escolar, no qual os profissionais da educação, através das “Mesas de Apresentação de Experiências”, socializam práticas pedagogicamente relevantes nas quais foram protagonistas e participam de conferências, painéis e atividades culturais. Assim, os Encontros se caracterizam por reunir os saberes acadêmicos em conferências e painéis e os saberes da prática com a apresentação de experiências e projetos de professores e de gestores de escolas. O evento “Encontro sobre o Poder Escolar” no ano de 2017 teve sua 13ª edição de 17 a 20 de julho. Contou com a presença de 700 participantes e 105 experiências pedagógicas de professores da educação básica. A 13ª edição começou a ser organizada em 2015 quando foi lançada uma proposta de discussão das práticas de gestão democrática e de diálogos com as comunidades para, de forma colaborativa, compreender dificuldades e projetar possibilidades. 17 escolas aderiram à proposta e foram realizadas reuniões nesta perspectiva que indicaram o eixo do último evento, bem como sua frase tema: O que concerne a todos deve ser decidido por todos”, frase de Leonardo Boff. Foram realizadas em 2016 “atividades preparatórias” e dentre elas um encontro para buscarmos compreender os significados do Projeto Escola sem Partido no contexto das escolas e no trabalho docente. Também foram intensificadas as reuniões da comissão organizadora, com representantes das sete instituições parceiras. Desse processo foi se configurando o 13 Encontro sobre o Poder Escolar tendo a democracia como questão articuladora desde a conferência de abertura, passando pelas mesas de discussão, pelas apresentações de experiências escolares e rodas de conversa.

3. RESULTADOS

O 13º Encontro sobre o Poder Escolar, realizado em agosto de 2017, foi mais uma etapa cumprida na trajetória de êxito deste projeto de formação continuada de professores da região sul do RS. Projeto que já ultrapassou uma década proporcionando situações de reflexão e de valorização sobre as práticas de sala de aula e de gestão escolar na perspectiva democrática e de aprofundamento teórico.



4. AVALIAÇÃO

Para muitos profissionais da educação participar dos Encontros sobre o Poder Escolar é uma atitude incorporada à rotina de formação. As avaliações realizadas ao final de cada processo permitem afirmar que os professores desenvolvem um caminho de reflexão sobre a própria prática, resultando em aprendizagens e novas práticas. Assim, a comissão organizadora, refletindo sobre as origens e o desenvolvimento do projeto de extensão e reafirmando a importância da gestão e da autonomia da escola na definição de suas propostas políticas e pedagógicas, propõe-se a conhecer, socializar e contribuir com as boas práticas pedagógicas de sala de aula e de gestão das escolas da região.

Reafirmamos a nossa solidariedade com essas iniciativas e a intenção de que nossas ações possam contribuir com o que está sendo realizado nas escolas. Assim, passada mais de uma década, os Encontros sobre o Poder Escolar permanecem fundamentados em duas premissas: a primeira, que os professores e professoras, em parceria com os demais segmentos da comunidade escolar, aprendem na troca de experiências, no encontro, na discussão coletiva e no trabalho colaborativo e a segunda, que o exercício da reflexão crítica qualifica as práticas escolares.

5. REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FULLAN, Michael, HARGREAVES, Andy, **A escola como organização aprendente: buscando uma educação de qualidade**. 2 ed, Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

PARO. Vitor Henrique. **Administração escolar e qualidade do ensino: o que os pais ou responsáveis têm a ver com isso?** In: PARO, Vitor Henrique. Escritos sobre educação. São Paulo: Xamã, 2001, p. 101-112

TARDIFF, M.; LESSARD, C.; LAHAYE, L. Os professores face ao saber. Esboço de uma problemática do saber docente. **Teoria e Educação**, n.4, Porto Alegre: Pannônica, 11



MONITORIA VOLUNTÁRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DAS OFICINAS DE PERCUSSÃO REALIZADAS COM ALUNOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA

FELIPE CESAR ZOCAL¹; BRUNO RODEGHIERO MOTTA²;
JOSÉ EVERTON DA SILVA ROZZINI³

¹Universidade Federal de Pelotas – felipe_czocal@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – brunorr.live96@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – zeeverton@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

Este relato objetiva apresentar e refletir sobre o trabalho que vem sendo desenvolvido com os alunos da Escola Municipal Professor Elmar da Silva Costa, do município de Capão do Leão, pelo monitor voluntário do Programa de Extensão em Percussão da UFPel – P.E.P.E.U. e aluno do curso de Licenciatura em Música, Felipe Zocal, em parceria com o também licenciando Bruno Motta. O referido trabalho acontece através de oficinas de percussão, junto às oficinas de dança e teatro do Mutirão das Artes. Trata-se de um Projeto de Extensão Multidisciplinar do Centro de Artes, que objetiva criar estratégias e oportunidades para o uso adequado do tempo livre dos alunos da escola por meio de oficinas de artes, bem como o desenvolvimento de habilidades artísticas e de fruição estética das várias vertentes das artes, especialmente nas áreas de música, teatro, dança e cinema. Soma-se a isso, o propósito de capacitar e motivar esses alunos para as rotinas diárias em que estão inseridos na escola, na família e na comunidade.

Desde o segundo semestre de 2016 o Mutirão das Artes têm oferecido tais atividades, através da coordenação do Profº. Drº. Paulo Gaiger, do curso de Teatro da UFPel, em parceria com a referida Escola, a Secretaria de Educação do Município de Capão do Leão, a Loja Maçônica Tiradentes II e o CTG Herança Campeira, vizinho ao colégio. Contudo, o foco do presente trabalho é relatar e discutir o desenvolvimento das oficinas de percussão realizadas desde o início de 2017, pelos alunos Bruno e Felipe, com orientação do Profº. Ms. José Everton da Silva Rozzini. As atividades acontecem semanalmente com uma turma de oito alunos das séries finais do ensino fundamental. Os encontros são realizados no Laboratório de Percussão do Centro de Artes da UFPel – LaPer, e/ou na sala de percussão do Laboratório de Artes Populares Integradas –



LAPIS, todas as sextas-feiras, das 14 às 16h. Tais locais foram escolhidos para receber as oficinas, uma vez que neles estão alocados os instrumentos de percussão utilizados com os alunos, e também por serem espaços adequados para a prática musical em questão. A Secretaria de Educação de Capão do Leão disponibiliza o transporte para levar e buscar o grupo, regularmente, fazendo o deslocamento sempre acompanhados de um responsável, geralmente a vice-diretora da escola.

Cabe aqui destacar que o intuito dessas oficinas é proporcionar uma vivência musical através da prática em conjunto: vivência e formação muito importantes e necessárias para diversos âmbitos da formação humana. O trabalho em equipe teve início com um processo de evolução cognitiva e motora de todos os envolvidos, fazendo uso de um repertório voltado para ritmos que estão presentes no cotidiano deles: o funk e o samba. Igualmente, se propôs a apresentação de alguns ritmos brasileiros, utilizando como proposta pedagógica e didática a abordagem presente no livro escrito por NEY ROSAURO - ABCs Of Brazilian Percussion, que possui uma grande variedade de padrões e células rítmicas dos ritmos brasileiros, os quais foram trabalhados no decorrer dos encontros com a turma.

2. DESENVOLVIMENTO

O trabalho também vem sendo realizado com base na grande tônica do educador musical Carl Orff (ILARI, Beatriz, MATEIRO, Teresa), que desenvolve a aprendizagem por meio do fazer musical, da prática, da experimentação por meio de diversos ritmos. Nesse sentido, o foco das oficinas é tocar os instrumentos de maneira a se fazer música.

Desde o primeiro encontro buscamos trabalhar a percepção rítmica dos alunos através de reprodução prática de trechos musicais. Cada trecho foi escolhido com o intuito de que o grupo consiga identificar o pulso, manter o andamento, identificar dinâmicas e reconhecer os diferentes ritmos brasileiros das músicas apresentadas em cada encontro.

Para os alunos, foram disponibilizados diversos instrumentos de samba, entre eles sopapos, surdos, caixa, agogôs, triângulo, chocalhos, entre outros, de modo que eles escolhessem por afinidade. Neste ponto, foi necessária a explicação de alguns conceitos técnicos de execução instrumental, e teóricos da música, por exemplo: o porquê de certo ritmo ser composto em dois tempos e outro em quatro. Ou seja, foi explicado de maneira acessível de onde vem e como perceber esses “números em uma música”. Foram exemplificadas e reproduzidas, com os alunos, as diferentes células rítmicas de



cada instrumento que se utiliza no samba, de maneira acessível, resultando que, em pouco tempo já tínhamos a nossa primeira prática em conjunto.

A cada encontro foi possível observar um fazer musical coletivo, com evolução surpreendente, pois cada minuto de aula possibilitava que se sentissem mais à vontade, fazendo com que perdessem a vergonha de tocar seus instrumentos, sem a preocupação com o certo ou errado. Para o primeiro momento de prática musical em conjunto, é de grande valia, e extremamente necessário, deixá-los à vontade para testarem por conta própria os diversos tipos de timbres e sons que os instrumentos possuem, através da experimentação de toques em regiões diferente, com intensidades diferentes. Logo após a primeira prática em conjunto, e o reconhecimento dos instrumentos, orientamos que trocassem de instrumentos entre si, de modo a permitir que todos experimentassem sons e técnicas de cada um dos instrumentos ali apresentados.

Depois de um tempo de assimilação e prática, surgiram diversas ideias, além de propostas de gêneros musicais e de músicas para a elaboração de um repertório, no intuito de estarem preparados para uma eventual apresentação. Ao refletir sobre o envolvimento dos alunos nas oficinas, notou-se certa ansiedade por parte da turma para se apresentarem de alguma forma, ou seja, para mostrar às outras pessoas o mais novo aprendizado. Isso é ótimo, visto que é a mesma turma que nos primeiros encontros tinha medo, vergonha, e insegurança, de simplesmente manusear o instrumento.

Percebendo essa vontade de se apresentar, decidimos fazer uma espécie de cortejo pelas ruas de Pelotas, de modo a tornar possível que vivessem um pouco da sensação de tocar para outras pessoas. Justos observamos como os ouvintes do cortejo reagiram quando expostos a um fazer musical descontraído, através de algumas variações rítmicas trabalhadas, e de singelas coreografias. Neste momento ficou evidente a felicidade estampada nos rostos dos alunos.

Essa experiência de tocar para outras pessoas, produziu e possibilitou a fixação de grande parte dos conteúdos trabalhados até então, uma vez que, naquele momento, todos estavam realmente focados e concentrados no fazer musical, de forma que os pequenos detalhes, que eram constantemente trabalhados em aula, foram corrigidos e levaram à sincronia como resultado da coletividade musical.



3. RESULTADOS

Observamos que os encontros possibilitaram diversas contribuições para os envolvidos, pois auxiliaram a superar as dificuldades que apresentavam em suas relações interpessoais. Embora, segundo seus próprios relatos, estudem na mesma escola e no mesmo período, raramente se viam ou se falavam. Isso mudou após uma roda de conversa que realizamos, na qual afirmaram que atualmente sempre se encontram pelos espaços da escola. Tal fato ocorreu positivamente, ainda que sem um contato direto com o corpo docente da escola.

Outro fator importante a destacar, é o fato de que a turma teve uma evasão de apenas vinte por cento, ou seja, os alunos acabaram atribuindo valor e significado para as oficinas de percussão, de modo que possuem assiduidade e participação intensa e envolvente.

Por fim, com este trabalho que temos realizado, começaram a surgir convites para apresentações e intervenções em eventos durante o ano de 2017, todas de forma esporádica. Tendo com base a experiência de levá-los para uma “apresentação” itinerante (cortejo) – havendo isso atribuído um caráter benéfico para a consolidação do grupo –, e sabendo que, antes da chegada do Mutirão das Artes, a escola não contava com aulas de música, podemos afirmar que o trabalho, certamente, terá continuidade.

4. AVALIAÇÃO

Com base no desencadeamento das oficinas, oportunizadas através da parceria entre os projetos de extensão da UFPel, PEPEU e Mutirão das Artes, conclui-se que nosso objetivo vem sendo alcançado, através da superação de dificuldades, não apenas musicais, mas que versam desde como se expressam e como são reconhecidos socialmente. Vale a pena destacar que alguns jovens desta turma já estão trabalhando, com o intuito de ajudar financeiramente suas famílias; outros possuem problemas com os moradores de suas casas (familiares ou não). No entanto, com o decorrer das oficinas, passaram a atribuir uma carga de distanciamento, ou seja, passaram a ver a oficina de percussão como um espaço onde se afastam dos problemas do cotidiano e, juntamente com essa distância, a felicidade de estarem todos reunidos fazendo algo que gera muita alegria, e traz um novo sentido de vida: a prática musical.

Essa experiência só foi proporcionada através do PEPEU, projeto do qual o monitor Felipe participa como voluntário. É de extrema importância para minha vida como futuro



educador musical esta experiência, pois proporciona ter uma visão da realidade de boa parte dos alunos matriculados no ensino público brasileiro.

Entemos a importância da manutenção das atividades do projeto para nossa formação acadêmica e cidadã, sempre com o cuidado de estar reavaliando as práticas pedagógicas que são utilizadas e, quando necessário, as reformulando e readaptando.

5. REFERÊNCIAS

ARROYO, M. Um olhar Antropológico sobre as Práticas de Ensino e Aprendizagem Musical. **Revista da ABEM** n. 5, p. 15, 2000.

BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, v. 19, 2002.

BOUDLER, John. Batucada erudita. **Revista Arte Sonora**. UEL, nº 0, p. 6-11, 1996.

GOHN, D. M. **Auto-aprendizagem musical: alternativas tecnológicas**. São Paulo: Anablume / Fapesp, 2003.

ILARI, Beatriz, MATEIRO, Teresa. **Pedagogias em Educação Musical**. Ed. IBPEX PAIVA R. G. Percussão: uma abordagem integradora nos processos de ensino e aprendizagem desses instrumentos – Dissertação de mestrado – Instituto de Artes Universidade Estadual de Campinas 2004.

PAIVA R. G. **Percussão: uma abordagem integradora nos processos de ensino e aprendizagem desses instrumentos** ANPPOM – Décimo Quinto Congresso/2005.

ROSAURO, Ney. **The ABCs Of Brazilian Percussion**. 1ª Ed. New York. Carl Fischer.



O CINEMA COMO FERRAMENTA DE APOIO AO ENSINO DA LÍNGUA ALEMÃ

FERNANDO LUIZ KROTH¹; WILIAN VEZZARO²; ALINE COELHO DA SILVA³

¹Universidade Federal de Pelotas – fernando.kroth@ufpel.edu.br

²Universidade Federal de Pelotas – wil.vezzaro@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – silva.aline.coelho@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho é parte da ação “Alemão básico” do projeto “Curso de Línguas”, coordenado pela Profa. Aline Coelho da Silva, do qual sou bolsista PROBEC. Nosso curso é ofertado semestralmente e destinado à comunidade em geral. Os encontros acontecem uma vez por semana, aos sábados pela manhã, perfazendo um total de 60 horas. Atualmente oferecemos aulas de alemão, inglês, francês, espanhol e leitura em língua inglesa, que são ministradas por graduandos dos cursos de licenciatura em Letras da UFPel e orientadas por professores de cada área específica. A integração entre as disciplinas de meu curso de graduação, seja linguística aplicada, literaturas e cultura foi aplicada à minha prática extensionista no ensino de alemão. Em busca de inovações nessa prática, busquei ampliar, junto a um colega do Curso de Cinema, todos os aspectos que envolvem o ensino de uma língua adicional na contemporaneidade. A evolução das tecnologias de informação propiciou o acesso facilitado às mais diversas esferas do conhecimento, o que consequentemente também alterou o modo como desenvolvemos nosso aprendizado. O estudo de uma LE não se limita ao espaço da sala de aula, pois, graças ao advento e à popularização da internet, é possível encontrar facilmente uma imensidade de materiais relativos às mais diversas línguas do mundo. Grande parte desse conteúdo é composto por materiais audiovisuais como vídeos, filmes e séries, cujo consumo tem crescido exponencialmente após a difusão e a consolidação de serviços de hospedagem e streaming de vídeos como o Youtube e o Netflix. Os professores de língua estrangeira não podem ficar alheios a esse fenômeno. Devem atualizar-se constantemente, buscando formas de atrair e motivar seus alunos. Tendo tudo isso em vista, pretendemos, com este trabalho, propor o uso do cinema como ferramenta auxiliadora no processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, no caso, da língua alemã em aquisição. O cinema, através dos filmes produzidos na língua-al-



vo, mostra-se como um objeto de apoio interessante para estimular o desenvolvimento dessa língua, bem como para expandir os conhecimentos socioculturais e enriquecer o pensamento crítico dos alunos.

2. DESENVOLVIMENTO

Para começar, é notável que o consumo de audiovisual tem modificado o comportamento dos alunos nas salas de aula. Os livros e demais materiais impressos têm perdido espaço para as mídias digitais, que possuem um caráter muito mais dinâmico e, em várias ocasiões, mais atrativo. Segundo RAVANELLO (2005, p. 3), “No contexto de consolidação de uma Sociedade da Informação, educar ganha significância nova, pois é necessário extrapolar os métodos de ensino tradicionais, os conteúdos curriculares fechados, a fim de encontrar formatos pedagógicos que possuam maior ressonância com o momento histórico que estamos vivendo.” Dessa forma, o professor precisa adaptar-se ao novo formato de sociedade e familiarizar-se com as novas tecnologias, buscando incorporar em seu repertório modos alternativos de trabalhar o conteúdo. O cinema apresenta-se como uma boa alternativa, pois, “com o seu aparato tecnológico apropriado para documentar, encenar e narrar histórias, nos permite uma nova maneira de olhar para o mundo e, com isso, estabelece uma forma peculiar de inteligibilidade e conhecimento.” (CRUZ et al., 2007, p. 489)

No caso específico da aprendizagem de uma língua estrangeira, sabe-se que as competências linguísticas e comunicativas não bastam para que o aluno seja bem-sucedido no domínio dessa língua. É preciso desenvolver também uma competência intercultural, isto é, uma sensibilidade em relação aos fatores socioculturais que permeiam essa nova língua, os quais podem ou não estar relacionados a uma esfera sociocultural bastante diversa daquela do aprendiz. ALMEIDA FILHO (2007, p. 15) afirma que é necessário “aprender a significar nessa nova língua e isso implica entrar em relações com outros numa busca de experiências profundas, válidas, pessoalmente relevantes, capacitadoras de novas compreensões e mobilizadoras para ações subseqüentes.” Nesse contexto, o cinema pode desempenhar um papel de grande importância, agindo como um mecanismo propulsor das “experiências profundas” às quais o autor citado se refere. Além disso, conforme CRUZ et al. (2007, p. 489) “o filme apresenta mais uma vantagem pelo fato de ser uma mostra autêntica produzida na língua-alvo sem manipulações com fins didáticos.” O uso de filmes legendados, por exemplo, apresenta-se como uma boa



opção metodológica, especialmente no que se refere ao desenvolvimento da habilidade de leitura dos alunos, já que eles precisam ler e compreender com rapidez as legendas (no caso do uso das legendas no idioma original do filme) (HAUSMANN et al., 2015, p. 337). Percebe-se, portanto, que o uso de filmes em sala de aula, desde que bem planejado pelos professores, pode trazer uma série de benefícios para o processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras.

3. RESULTADOS

No caso específico do nosso trabalho, por tratar-se de um contexto de ensino de língua alemã, foi utilizado um filme produzido na Alemanha. O filme *Good Bye Lenin!* – *Adeus, Lênin!* no Brasil – retrata a Alemanha dividida do final da década de 80, alguns momentos antes da queda do muro de Berlim. O filme gira em torno da perspectiva de uma representante comunista fervorosa, que enfarta e entra em estado de coma depois de ver seu filho lutando contra o regime que ela tanto idolatra. Anos depois, a personagem desperta em uma sociedade alemã unificada e capitalista, logo após a queda do muro. Seu filho, com medo de que a mãe não resista ao choque que tal notícia possa lhe causar, luta para fingir que nada mudou.

A turma com a qual se deu a exibição do filme é composta por alunos que estavam iniciando o processo de aprendizagem da língua alemã, ou seja, no nível básico. Assim sendo, o trabalho foi idealizado com o foco no desenvolvimento da competência intercultural e no estímulo do senso crítico desses alunos. No que tange o aprendizado da língua em si, possibilitamos que os alunos se confrontassem com uma mostra mais autêntica da língua-alvo, repleta de contextos bastante característicos e expressões normalmente utilizadas na oralidade (e muitas vezes sequer vistas nos livros didáticos). Com o auxílio da obra cinematográfica em questão também idealizamos uma roda de conversa e debate sobre o contexto histórico, cultural e político alemão abordado na trama. Logo, os alunos puderam imergir naquela realidade, questionando e percebendo de forma mais íntegra o entorno dos personagens e podendo refletir como este determinado momento influenciou a história e cultura alemãs. Dessa forma, foi trazido para a sala de aula um modo diferente de se compreender uma das principais atmosferas em que se desenvolveu a língua alemã.



4. AVALIAÇÃO

Com a chegada das tecnologias da informação percebe-se que a sala de aula perdeu um pouco de seu prestígio. O que antigamente só se aprendia por intermédio de um profissional da área da educação, hoje está a um toque ou click de distância. Consequentemente, alunos que muitas vezes ficavam condicionados e limitados ao conteúdo passado em sala de aula, agora consomem e aprendem informações com maior rapidez e em qualquer lugar e instante, bastando que tenham acesso à rede. Este fenômeno fez com que o comportamento dos estudantes mudasse, exigindo também uma mudança metodológica por parte dos professores.

Com a crescente popularização dos serviços de streaming e do acesso a conteúdos filmicos, o audiovisual tem ganhado mais espaço na sociedade, pois possibilita a identificação com os personagens e transporta o espectador para dentro do mundo que lhes é apresentado, seja ele um filme, série ou até mesmo um vídeo do Youtube. À vista disso, fazer uso do cinema como interlocutor de temas abordados em aula é uma alternativa para o educador ultrapassar o modo tradicional de trabalhar o conteúdo em sala de aula e reforçar o senso crítico dos alunos, uma vez que

O cinema, com o seu aparato tecnológico apropriado para documentar, encenar e narrar histórias, nos permite uma nova maneira de olhar para o mundo e, com isso, estabelece uma forma peculiar de inteligibilidade e conhecimento. Dessa forma, podemos considerar que o texto fílmico atua na escola como sendo um recurso lúdico e extremamente sedutor, que atrai a atenção dos alunos e os envolve na realização das tarefas. (CRUZ, 2007, p.489)

Tendo consciência das possibilidades trazidas pelo conteúdo fílmico, nosso trabalho teve a intenção de verificar na prática a veracidade deste fato, ou seja, se o uso do cinema como ferramenta de auxílio realmente poderia ser benéfico no contexto de ensino da língua alemã. Junto aos alunos do curso de Alemão Básico I, foi proposto debater como o contexto histórico, cultural e político de um país influenciam no comportamento e língua de um povo. Por fim, verificou-se que além das potencialidades linguísticas para o aprendizado da língua alemã, o uso da narrativa fílmica causou reflexão e questionamentos que fizeram com que os alunos compreendessem de forma mais ampla como se constituiu a sociedade alemã.



5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas: Pontes, 2007.

CRUZ, M. L. O. B.; SOUZA, F.M.; GAMA, A.P.F. **O cinema no aperfeiçoamento das competências do aprendiz de línguas (materna e estrangeira)**. In: Prograd Unesp (org). Livro eletrônico dos núcleos de ensino da UNESP. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2007, p. 487-499.

GOOD BYE, **Lenin!**. Wolfgang Becker, 2003.

HAUSMANN, E. P.; CUGIK, L. S.; IGNACZUK, O. **Filme como proposta de ensino e aprendizagem: o uso do cinema em aulas de língua estrangeira**. In: Linguagens – Revista de Letras, Artes e Comunicação. Blumenau, v. 9, n. 3, 2015, p. 333-347.

RAVANELLO, R. B. **O cinema como prática social**. Acessado em 7 set. 2017. Disponível em https://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/b/bd/GT9-_12-_O_cinema_como_pratica-_Ricardo.pdf



PARTICIPAÇÃO NO GRUPO PNAIC UFPEL: UMA EXPERIÊNCIA TÉCNICA, FORMATIVA E REFLEXIVA

FRANCIELE NUNES BRISOLARA¹; MARTA NÖRNBERG²;
ANTÔNIO MAURÍCIO MEDEIROS ALVES³

¹Universidade Federal de Pelotas – francie_les@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – martanornberg0@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – alves.antoniomauricio@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho apresenta aspectos relativos à participação como bolsista de um projeto de extensão de formação continuada de professores, o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Especificamente, aborda-se sobre a organização de uma coletânea de artigos resultantes das práticas de formação realizadas no âmbito do projeto, em específico da organização do volume 2, intitulado *O planejamento e a prática do registro em contexto de formação continuada*. O segundo volume dessa coletânea reúne textos elaborados por professoras formadoras, coordenadores e supervisores de formação do PNAIC- UFPeI.

O PNAIC é um programa do governo federal, iniciado em 2012, desenvolvido em conjunto com universidades públicas, em articulação com os Estados, Distrito Federal e municípios. O programa propõe como um dos principais eixos norteadores a capacitação de professores alfabetizadores por meio de práticas de formação continuada a fim de garantir a alfabetização das crianças que frequentam os primeiros três anos de escolarização do ensino fundamental (ciclo de alfabetização). Conforme refere o caderno de apresentação do programa,

Instituições de Ensino Superior e da Educação Básica, neste momento histórico, assumem o compromisso de unirem suas reflexões para pensar nas estratégias para melhoria da Educação Brasileira, tendo como norte que a instituição escolar é um espaço plural e, nesse sentido, a diversidade tem que ser considerada como parte da sua essência e não como algo que justifique a exclusão do aluno. (BRASIL, 2012, p.6)

O PNAIC realizou, em 2012, a elaboração dos cadernos de formação. Em 2013, iniciaram-se os estudos da temática alfabetização e letramento; em 2014, a formação

voltou-se para a alfabetização matemática, letramento matemático e “numeramento”. A partir de 2015, o projeto passou a considerar o tema interdisciplinaridade como eixo articulador e elemento fundamental para organização da prática docente no ciclo de alfabetização.

O princípio de formação que conduziu o processo, pautou-se na ideia de socialização e construção de saberes. Para isso, conhecer as práticas realizadas pelas alfabetizadoras, cotejá-las com aspectos teóricos para, assim, reconstituir os processos de planejamento do trabalho pedagógico. GRANDO e NÖRNBERG (2017, p. 12) assim referem:

Na esteira desse princípio, a proposta formativa do PNAIC-UFPEL entendeu como fundamental criar condições para ouvir e deixar ver as razões e as lógicas que sustentam e organizam as atividades de ensino realizados pelos docentes em suas classes de alfabetização para, sobre elas, debruçar-se e realizar o necessário exercício de crítica e problematização.

Atualmente, o projeto está em fase de finalização de suas atividades, realizando a sistematização do processo, momento em que materiais construídos durante a trajetória do programa, como os registros de professoras alfabetizadoras e orientadoras de estudo, estão sendo analisados e problematizados do ponto de vista da investigação e da teorização acadêmica. Para isso, definiu-se a elaboração de um conjunto de cinco obras que reunirão reflexões e práticas conduzidas pelos formadores, coordenadores, supervisores e orientadores de estudo que participaram das atividades de formações. Cabe destacar que esta atividade está sendo realizada em conjunto com o grupo de pesquisadores do projeto de pesquisa “Obeduc-Pacto: formação de professores e melhoria dos índices de leitura e escrita no ciclo de alfabetização”, coordenado pela professora Marta Nörnberg.

Minha participação como bolsista de extensão iniciou em outubro de 2017, através de uma seleção entre alunos do curso de graduação em pedagogia do qual sou aluna do nono semestre. As atividades da bolsa consistiu em realizar a organização e revisão de 10 textos que compõe o *volume 2*. Este volume compila textos que versam sobre o trabalho de formação desenvolvido pelos coordenadores, formadores e supervisores do PNAIC-UFPEL. Os textos abordam sobre os conteúdos trabalhados, as estratégias didáticas desenvolvidas, os processos de planejamento e avaliação das aprendizagens, a importância da formação continuada e do registro do trabalho pedagógico.



2. DESENVOLVIMENTO

A proposta, conforme referida, envolve a produção de uma coleção que conterà cinco volumes. São eles: *As concepções sobre alfabetização e numeramento - Volume 1*; *O planejamento e a prática do registro em contexto de formação continuada - Volume 2*; *Práticas de formação e de ensino no ciclo de alfabetização - Volume 3*; *Ação pedagógica no ciclo de alfabetização – volume 4*; *Gestão pedagógica e formação no ciclo de alfabetização – volume 5*.

Quando iniciei minhas atividades, o volume 3 já estava concluído. Já os volumes 1 e 2 se encontravam em processos de elaboração e revisão. Assim, iniciei o trabalho de revisão da formatação e a conferência da indicação bibliográfica dos volumes 2 e 1.

Cada volume possui uma estrutura básica: sumário, texto de apresentação do volume, duas ou mais seções que organizam os textos elaborados, seção final onde são apresentados os autores dos textos que compõe a obra. Iniciei o trabalho de revisão ordenando a seção *sobre os autores*. O trabalho de revisão consistia em pesquisar a formação acadêmica e a área de atuação de cada autor. Para este fim, utilizei como ferramenta de pesquisa a plataforma Carlos Chagas, onde busquei e analisei o Currículo Lattes.

A segunda atividade consistiu na “leitura técnica” de cada texto. Durante a leitura, foi importante observar alguns aspectos dos textos, como: formatação do texto, modo de referenciar figuras, autores, gráficos e tabelas e indicação da bibliografia citada no texto nas referências. Para isso, a obra deveria seguir o modelo padrão estabelecido no volume 3. Portanto, se houvesse formatação ou referenciação inadequadas era necessário adequá-las ao modelo determinado. Com relação à indicação de bibliografia, foi preciso verificar se todos os autores citados nos textos constavam nas referências. Quando alguma obra não estivesse listada nas referências, era preciso pesquisar a referência completa e inseri-la. Essa situação aconteceu em vários textos. Após o término desta revisão, os textos foram enviados para uma das organizadoras do livro, que fez a leitura final e o envio para editora. No momento, faço a organização e revisão do material que compõe o volume 1. Assim que as obras estiverem prontas, serão publicadas e disponibilizadas de forma impressa e digital nos sites do programa PNAIC-UFPEL e do projeto de pesquisa Obeduc-Pacto.



3. RESULTADOS

A produção dos livros tem uma grande relevância para o PNAIC-UFPEL, visto que as obras reúnem um conjunto de produções que documentam de forma sistemática os conhecimentos produzidos e desenvolvidos durante a realização do programa, reunindo diferentes experiências vivenciadas pelos orientadores de estudo, formadores, coordenadores e supervisores de formação. É um material de grande relevância porque permite conhecer os processos de reflexão dos seus diferentes participantes.

Na sequência, destaco alguns excertos que apresentam algumas das temáticas que foram abordadas, sobretudo no volume 2, a fim de mostrar a abrangência de temáticas e propostas didáticas que foram realizadas para realizar o trabalho de formação continuada no âmbito do PNAIC-UFPEL.

FERREIRA (2017), em seu texto, explica que o trabalho de formação continuada envolvia um conjunto de atividades formativas: leitura deleite, contrato didático, relato de práticas, mostra de trabalho, caderneta de metacognição, leitura e sistematização dos estudos, oficinas e o livro da vida. Destaco, aqui, duas estratégias que foram apresentadas por diferentes autores, neste volume 2: a elaboração do livro da vida e a escrita da caderneta de metacognição. Conforme FERREIRA (2017, p. 16) refere:

Na formação do PNAIC-UFPEL, a escrita do livro da vida consistiu num momento em que ao final de cada dia de trabalho a turma realizava uma avaliação do encontro. Para mobilizar a reflexão, sugeriu-se que iniciasse por questões como: O que foi mais significativo no dia de hoje? Por quê? Como poderemos registrar? O registro no livro da vida poderia ser feito de forma coletiva ou por um representante da turma.

A proposta do livro da vida gerou incríveis produções entre os participantes. A sistematização das atividades direcionava-os a refletir de forma coletiva, compartilhando conhecimentos e diferentes perspectivas sobre as atividades realizadas. Tal atividade estendeu-se para as salas de aulas dos docentes como forma de registro, reflexão e documentação do trabalho pedagógico.

A caderneta de metacognição foi outro instrumento formativo utilizado nos encontros de formação. De acordo com FERREIRA (2017, p. 9), consistia “[...] num pequeno caderno entregue às orientadoras de estudo no início das formações. Esse caderno era usado como instrumento de registro da reflexão sobre a formação docente”. Conforme a autora, essa atividade revelou o aprimoramento das docentes na medida que num primeiro



momento as escritas possuíam um caráter mais descritivo, mas, conforme elas foram sendo realizadas, ao longo dos encontros de formação, gradativamente passaram a se tornar mais reflexivas, produtivas e críticas, tornando o aprendizado mais significativo. Essas duas atividades formativas se destacaram por proporcionar aprendizagens através da reflexão e da escrita reflexiva, cumprindo assim um dos princípios do programa.

Entendo que a elaboração deste segundo volume dará visibilidade ao processo de formação conduzido pelos responsáveis pela formação, afinal, a partir da documentação e publicação das reflexões feitas sobre o processo formativo realizado, se oferecerá aos leitores uma contextualização sobre o PNAIC-UFPEL e se demonstrará sobre a importância do programa na formação continuada dos professores alfabetizadores.

Os textos desta coleção também proporcionam aos leitores a compreensão sobre temáticas que envolvem o ciclo de alfabetização, como a discussão de alfabetização e letramento, a leitura literária no contexto escolar, o trabalho com a matemática, a prática de planejamento e registro, a formação do professor, o trabalho interdisciplinar, tornando o conjunto de volumes um rico material de estudo para professores e acadêmicos, especialmente do curso de Pedagogia.

4. AVALIAÇÃO

Considero que a experiência como bolsista do projeto de extensão PNAIC-UFPEL está garantido-me diferentes aprendizagens no que se refere à produção de textos, formatação e questões técnicas. Também tem me proporcionado reflexões sobre o processo de (auto)formação, visto que na minha concepção cada estudante percorre trajetórias distintas durante a formação acadêmica. A instituição oferece diversas oportunidades de qualificação, como bolsas e grupos de pesquisa, extensão e ensino. Penso que quando essas oportunidades surgem, o estudante possui dois caminhos distintos: um deles é relizar as atividades tal como são orientadas; o outro, seguir as orientações olhando para as atividades de forma crítica e reflexiva, buscando o aperfeiçoamento e aprendizagem de novos conhecimentos. Assim, cada estudante torna sua trajetória acadêmica mais significativa.

Durante a leitura dos textos, pratiquei o exercício de refletir sobre os conteúdos, as práticas e metodologias descritas pelas autoras. Busquei conhecer as atividades desenvolvidas durante o programa, aprimorando conhecimentos sobre diferentes conceitos apresentados. Durante a realização das tarefas de leitura e revisão técnica dos



textos também procurei fazer deste momento um espaço de reflexão, para assim aperfeiçoar meus conhecimentos, contribuindo para meu processo de formação docente.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. **Caderno de Apresentação**. Formação do professor Alfabetizador. Brasília: MEC/SEB, 2012. Acessado em 2 outubro. 2017. Online. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Apresentacao%20MIOLO.pdf>

FERREIRA, Carmem Regina Gonçalves. Estratégias Formativas Propostas na Formação Continuada do PNAIC-UFPEL. In: NORNBERG, Marta et al. (org). **O Planejamento e a Prática do Registro Em Contexto de Formação Continuada** - volume 2. Porto Alegre: Evangraf, 2017. (no prelo).

GRANDO, Katlen Böhm; NÖRNBERG, Marta. Formação de Professores no Contexto do Pacto Nacional Pela Idade Certa. In: NORNBERG, Marta et al. (org). **O Planejamento e a Prática do Registro Em Contexto de Formação Continuada** - volume 2. Porto Alegre: Evangraf, 2017. (no prelo).



CURSO ON-LINE DE FORMAÇÃO PARA USO DAS TECNOLOGIAS NO ENSINO PARA PROFESSORES DA REDE PÚBLICA

GABRIEL DA SILVA MUNARO¹, ROZANE DA SILVEIRA ALVES²

¹Universidade Federal de Pelotas gabrielmunaro@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - rsalvex@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O Programa de extensão Rede Colabora da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) foi criado com o intuito de motivar e ampliar a prática das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) pelos professores da Rede Pública. O Programa iniciou em 2014 com financiamento do Proext, o que possibilitou a aquisição de equipamentos para gravação e edição de vídeos e a contratação de bolsistas que organizaram materiais didáticos dos primeiros cursos oferecidos. Em 2015, 2016 e 2017 as atividades foram prorrogadas como projeto, contando com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão que disponibilizou um bolsista que acompanha as gravações, edita os vídeos e auxilia na preparação dos materiais didáticos.

O projeto oferece cursos de formação na área das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), na modalidade a distância, com a utilização do ambiente virtual de aprendizagem *Moodle*. O conteúdo dos cursos é apresentado na forma de vídeos tutoriais ensinando passo a passo como trabalhar com softwares.

Os cursos são oferecidos aos professores que atuam na Educação Básica da rede pública, pois as escolas possuem equipamentos e laboratórios de informática porém muitos docentes não se sentem preparados para utilizá-los com seus alunos no ensino e outras atividades da escola.

A divulgação dos cursos junto aos professores e escolas é feita por e-mail, redes sociais e também com ajuda da Secretaria Municipal de Educação (SMED), 5a Coordenadoria Regional de Educação (5a CRE) e Núcleo de Tecnologias Educacionais (NTE) vinculado à 5a CRE.

Inicialmente o curso era oferecido a professores da região em torno de Pelotas, porém a partir da divulgação pelo site¹ e pelas redes sociais, professores de todo Brasil tiveram conhecimento do curso e interesse em cursá-lo.

2. DESENVOLVIMENTO

¹ wp.ufpel.edu.br/redecolabora

Neste trabalho, apresenta-se o trabalho realizado com a turma 4 do curso de criação/edição de vídeo oferecido no segundo semestre de 2017, durante seis semanas nos meses de outubro e novembro.

Foram realizados estudos sobre a área de ensino a distância por parte do bolsista do projeto Gabriel Munaro, que não tinha experiência na parte didática, pois vinha da área prática do audiovisual e animação, o que acabou agregando ganhos a ambos: ao bolsista por experienciar a área de ensino e ao curso pela experiência trazida pelo estudante sobre linguagem digital e animação.

A metodologia de ensino do curso foi organizada de forma bem acessível. Toda segunda-feira eram disponibilizadas as aulas da semana com conteúdos teóricos e exemplos, apresentados por meio de vídeos, além de tarefas propostas aos participantes. Estes tinham até o domingo seguinte para assistir todos os materiais e realizar os exercícios programados.

Também foi criado um fórum geral, organizado de maneira que permitisse aos tutores e alunos comentar e discutir as atividades propostas. Eles podiam sugerir mudanças nas videoaulas, exercícios ou correções, com intuito de debate de cada situação em específico, possibilitando a integração entre os colegas e a resolução de problemas em coletivo.

A participação é muito importante para o desenvolvimento dos alunos, promovendo mais autonomia e aprendizado, tendo em vista que o ensino a distância requer interação entre os envolvidos, com cooperação em busca de metas em comum, construindo o respeito mútuo. Os alunos inclusos nesse projeto passam a se constituir como protagonistas do próprio aprendizado e conhecimento.

A Educação a Distância (EaD) é um viés possível na disseminação e construção do conhecimento, pois permite que o aluno assuma responsabilidade sobre seu futuro. (ALCIDÉLIA et al., 2008). Assumir essa responsabilidade é um processo fundamental como Moran, Masseto e Behrens (2014) expõem:

Ver o professor como parceiro idôneo de aprendizagem é mais fácil, porque esse padrão está mais próximo do tradicional, mas ver seus colegas como colaboradores para seu crescimento significa uma mudança importante e fundamental de mentalidade no processo de aprendizagem. Essas interações (alunoprofessoraluno) conferem um pleno sentido à corresponsabilidade no processo de aprendizagem (p.150).

Para obter o certificado do curso, era necessário que pelo menos 70% das tarefas

fossem realizadas e também a elaboração de um vídeo final sobre a escola em que o professor participante do curso atua.

3. RESULTADOS

A seguir apresenta-se os dados referentes a turma do curso de criação/edição de vídeos realizado no segundo semestre de 2017, analisada neste trabalho. A turma teve 98 inscritos assim distribuídos: 36 professores de escolas estaduais, 8 de institutos federais de Educação e 54 da rede municipal de ensino. Estes professores são oriundos de diversas regiões do Brasil, como pode-se observar na Figura 1.

Figura 1: Quadro com a região de origem dos inscritos

Região do Brasil	Número inscritos
Norte	1
Nordeste	30
Centro-oeste	4
Sudeste	16
Sul	47

Fonte: dados do Projeto Rede Colabora

Embora a modalidade a distância favoreça aos professores da Educação Básica que não têm muito tempo disponível, a evasão é alta. A cada edição do curso é feita uma avaliação em que os participantes oferecem sugestões para melhorar o curso e seus conteúdos, mas a evasão permanece.

A Figura 2 apresenta os números de professores da Educação Básica participantes das turmas realizadas do curso de criação/edição de vídeos deste projeto.

Figura 2: Evasão nas turmas oferecidas do curso criação/edição de vídeos

Período	Turma	Inscritos	Concluintes	% conclusão
2015/2	1	57	8	14%
2016/1	2	53	11	20%
2016/2	3	88	14	16%
2017/2	4	98	12	12%

Fonte: dados do Projeto Rede Colabora

Pode-se observar que em todas as turmas a evasão foi alta, e que os números de



cocluintes nas turmas 1, 2, 3 e 4 foram respectivamente 14%, 20%, 16% e 12%. Esses dados confirmam os resultados da pesquisa de Almeida (2008) que indica altos índices de evasão em cursos na modalidade a distância.

Entre os principais motivos para a desistência estão o acúmulo de afazeres do trabalho, a falta de tempo ou interesse do aluno em participar do curso ou a dificuldade de se adaptar às metodologias apresentadas, conforme aponta o estudo da Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED, 2016).

É considerável também, a falta de experiência com as aulas a distância e com o uso dos programas de edição/criação como consequência da evasão, tendo em vista que,

é fundamental que o aluno não só domine as ferramentas tecnológicas, mas que se disponha a fazer uso delas e a tolerar alguns aspectos inerentes a esta modalidade de ensino a distância, tal como a típica limitação dos processos de interação professoraluno e alunoaluno (PALLOFF & PRATT, 2004 apud ALMEIDA ET AL., 2013).

Procurando-se reduzir o número de evasões, optou-se por diminuir o tempo entre as aulas, propondo mais exercícios semanais, com tarefas mais direcionadas e específicas, a fim de que o aluno tenha mais foco e interesse no curso.

Também foi priorizado o engajamento do aluno às funções digitais apresentadas, afim de que se apropriem dos recursos que a internet oferece, incentivando maior autonomia e interesse.

Para Moran, Masetto e Behrens (2014) esse estímulo proporciona ao aluno acesso a uma quantidade imensurável de informação dentro e fora da universidade com uma infinidade de experiências multimídia que enriquecem o processo de aprendizagem.

4. AVALIAÇÃO E CONCLUSÃO

Para o bolsista do projeto trabalhar como tutor/professor no curso para professores de Ensino Básico foi gratificante. Acompanhar a evolução de cada um aprendendo desde o mais básico nas primeiras aulas até a construção do vídeo final que é a junção de todo material de aprendizado do decorrer do curso é enriquecedor, pois nota-se a criatividade e assimilação individual do conteúdo.

É interessante observar, que o ensino a distância vem ganhando cada vez mais

espaço na educação brasileira segundo pesquisas feitas. Há pouco tempo atrás, esse método de ensino promissor era visto com receio pela maioria das pessoas, e hoje é tido como inovador e prático, pois as pessoas podem adaptar seus horários e participar conforme seu interesse, bastando ter acesso à internet.

Na questão das desistências, temos em mente que nos dias de hoje, é uma situação comum e que levará algum tempo para ter seus números reduzidos, porém, estamos trabalhando com as estatísticas e opiniões dos alunos para poder continuar aprimorando o projeto a cada ano. Contudo, mesmo com as dificuldades, é recompensador fazer parte do aprendizado e contribuir com o conhecimento das tecnologias digitais e comunicativas para esses professores, sem dúvida é uma conquista para a história da educação do nosso país.

5. REFERÊNCIAS

ALCIDÉLIA, Luzia et al. **Autonomia dos alunos na perspectiva da Educação Distância**. Disponível em: < <http://autonomianaead.blogspot.com.br/2013/04/aaautonomia-dos-alunosnaperspectiva.html> > Último acesso em 11 de junho de 2016.

ALMEIDA, Onília de Souza. **Evasão em cursos a distância: Análise dos motivos de desistência**. Anais do 14o Congresso Internacional ABED de Educação a Distância, 2008, Santos, SP. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2008/tc/552008112738pm.pdf>>.

MORAN, José Manuel; MASETTO, T. Marcos; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 21a ed., 2013: Campinas, SP. Papyrus, 2014. 171p.

MORAN, José Manoel. **A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. 5a ed. Campinas Sp; Papyrus. 2012. 174 p. Censo EAD.BR: **Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância no Brasil** 2014. Disponível em: http://www.abed.org.br/censoead2014/CensoEAD2014_portugues.pdf, último acesso em 15 abr. 2016.

PALLOFF, R. M. e PRATT, K. (2004) **O aluno virtual: Um guia para trabalhar com estudantes online**. Tradução Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed.



ARQUEOLOGIA, EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E HISTÓRIA INDÍGENA EM PELOTAS E REGIÃO

GABRIEL PEREIRA DE OLIVEIRA¹; BRUNO SANTOS NOGUEZ²;
CAROLINE ARAÚJO PIRES³; CAROLINE BORGES⁴;
RAFAEL GUEDES MILHEIRA⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – gabrieloliveirapel@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – brunosantnoguez@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – carolineapires@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – arqueocarol@gmail.com

⁵ Universidade Federal de Pelotas – milheirarafael@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

Em Pelotas, os registros arqueológicos remontam há pelo menos 2500 anos, diferentemente do pensado genericamente, de que a ocupação da área onde se localiza atualmente a cidade, iniciou-se no período colonial. Por conta da invisibilização deste passado indígena de longa duração se faz necessário uma ampla divulgação para a comunidade em geral do conhecimento arqueológico produzido na universidade. Nesse sentido, o projeto de extensão “Arqueologia, Educação Patrimonial e História Indígena em Pelotas”, desenvolvido pelo Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ-UFPEL), desde 2011, visa promover uma aproximação da comunidade com o patrimônio cultural-histórico indígena de Pelotas. As ações deste projeto ocorrem conjuntamente com instituições públicas e privadas, sensibilizando assim diferentes esferas sociais e culturais. Praticando o preceito segundo HORTA (1999) de que; a educação patrimonial é um instrumento que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, caracterizado por ser um “ processo” ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-o para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural. Na interação com os nossos interlocutores ocorre uma troca de saberes que impulsiona a horizontalidade do conhecimento arqueológico, motivando tanto o público a procurar se aprofundar nos assuntos como os educadores/pesquisadores a fomentarem novas maneiras de melhorar a divulgação científica.

2. DESENVOLVIMENTO

De acordo com HORTA (1999) a educação patrimonial deve ser desenvolvida através de quatro eixos: Observação, exploração, registro e apropriação. Neste projeto, seguindo estas etapas, propusemos atividades e e que na primeira etapa, a observação, prioriza os estímulos sensoriais, por meio do uso de banners, expositores, ferramentas audiovisuais e da manipulação dos artefatos pelo toque. Em seguida os sujeitos fazem uso do registro das mais diversas formas, mas principalmente associando o que lhe é familiar às novas informações adquiridas, como se a interação com o conhecimento fomentasse a curiosidade e indagação sobre o tema. Com isso, a exploração do assunto propicia questionamentos acerca do que está sendo discutido na relação entre os extensionistas e o público. Por fim, fazendo uso de esculturas com argila, massinha de modelar, pinturas, fotografias, desenhos e jogos, as pessoas apropriam-se das noções há pouco explanadas.

3. RESULTADOS

Como resultados temos as ações educativas realizadas em parceria com o IFSUL-Canoas (Instituto Federal Sul-Rio-grandense), Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter, UNATI (Universidade Aberta à Terceira Idade) e em diferentes espaços pela cidade de Pelotas como escolas, o próprio espaço laboratorial do LEPAARQ, o Museu Carlos Ritter e o Mercado Público, pudemos atingir em média 1500 pessoas, em 3 eventos, sendo a maioria do público crianças da rede pública de ensino fundamental.

Algumas ações do projeto merecem destaque e serão comentadas a seguir:

- Como parte da programação da Semana dos Povos indígenas 2016, ocorrido em Canoas-RS, os extensionistas do projeto realizaram uma palestra como tema “A arqueologia no Sul da Lagoa dos Patos” para um público diversificado, inclusive contou com a presença de lideranças indígenas, além disso houve a exposição de materiais arqueológicos da região de Pelotas que podiam ser manipulados pelas pessoas, o que rendeu duas experiências enriquecedoras: A primeira foi com um líder Pataxó que ao se deparar com o cachimbo guarani de 800 anos A.P (antes do presente) se admirou com a similaridade do cachimbo elaborado pelo seu sogro guarani, evidenciando assim uma possível continuidade material; A segunda com uma portadora de deficiência visual que ao tocar os artefatos soube descrevê-los com maestria fazendo notar assim a importância do manuseio da cultura material.



- Entre os dias 7 a 18 de agosto de 2017, no Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter, ocorreu a exposição “Patrimônio e Meio Ambiente: Conhecendo a natureza a partir da Arqueologia e Educação”, neste evento destinados a escolas de Pelotas e região, o projeto abarcou um grande número de estudantes do ensino fundamental, totalizando mais de 1300 alunos. Nesta exposição foram realizadas palestras, visita guiada e a interação do público com os artefatos arqueológicos, envolvendo não apenas os extensionistas como também voluntários. Com essas ações foi possível perceber o interesse das crianças acerca do que é a arqueologia e repensar seu passado.

4. AVALIAÇÃO

A arqueologia antes mesmo de centrar a sua produção de conhecimento apenas dentro da universidade, pode fazer uso do seu viés informativo e, também político, para refletir e fazer refletir sobre as histórias ainda não contadas sobre o passado. Bezerra (2013) evidencia a forma particular com que as comunidades podem lidar com os bens materiais, e como essas relações que as comunidades têm com essas coisas implicam a necessidade de se pensar sobre a lógica de construção de outras episteme. Desse modo, podendo vir a romper com as noções de preservação e educação patrimonial apenas por fazê-lo, sem haver necessariamente um fluxo que possibilite uma rede contínua de novos significados e usos que as pessoas podem fazer destas histórias. Essa arqueologia em conjunto com as comunidades busca o gerenciamento plural dos seus bens culturais, dando lugar às mais diversas vozes na interpretação dessas coisas e buscando promover os diferentes entendimentos que essas pessoas possuem sobre seu passado. É nesse sentido que, Silva (2015) propõe que para uma arqueologia simétrica, a pesquisa comunitária precisa também promover a interação social entre pesquisadores e a comunidade, buscando recursos para beneficiar as comunidades locais e com isso, permitindo o acesso fácil à informação e aos vestígios arqueológicos encontrados.

5. REFERÊNCIAS

BEZERRA, Márcia. Os Sentidos Contemporâneos das Coisas do Passado: Reflexões a Partir da Amazônia. **Revista de Arqueologia Pública**, (7): 107-122, 2013.

FERREIRA, L.M. 2009. **Arqueologia Comunitária y Gestión Del Patrimonio Cultural em Brasil**. 53º Congresso Internacional de Americanistas. México. Manuscrito.

SILVA, Fabiola A. Arqueologia de Contrato e povos indígenas: reflexões sobre o contexto brasileiro. **Revista de Arqueologia**, 2015, no prelo.

GRUNBERG, E. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial**. Brasília, DF: IPHAN, 2007

HORTA, M. L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Museu Imperial, 1999.

MILHEIRA, R. G. **Arqueologia e história Guarani no sul da Laguna dos Patos e Serra do sudeste**. In: MILHEIRA, R. G.; WAGNER, G. P. Arqueologia Guarani no litoral sul do Brasil. Curitiba: Appris Ltda, 2014. Capítulo 6, p. 125 – 154.

NOELLI, Francisco Silva. Educação patrimonial: relatos e experiências. **Educ. Soc.**, Campinas , v. 25, n. 89, p. 1413-1414, Dec. 2004. Acessado no dia 14 Julho 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302004000400017>.



NOVOS CAMINHOS: ENSINO-APRENDIZAGEM

GABRIELA AMARAL LEAL¹; TAMIRES JARA GOULART²;
PRISCILA BROCK BARBOSA³; GILSENIRA DE ALCINO RANGEL⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – gaby_leal26@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – tamigoulartjr@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – priscilabrock@outlook.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – gilsenira_rangel@yahoo.com.br

1. APRESENTAÇÃO

O objetivo primordial do Projeto de Extensão Novos Caminhos é proporcionar melhor qualidade de vida às pessoas com síndrome de Down (SD) através da inserção, qualificada, em atividades sociais que exijam práticas de leitura e escrita. Compartilhamos com FREIRE (1983) que “A leitura de mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele.”

A partir dessa ideia de Freire, nós professores-aprendizes do Projeto, fazemos a relação entre Alfabetização - aqui entendida como o conhecimento do sistema alfabético, o domínio do processo de leitura e escrita de palavras, e o Letramento - “viver na condição ou estado de quem sabe ler e escrever” (SOARES, 1998), ou seja, utilizar esse conhecimento em sua vida diária, contribuindo para o entendimento do mundo. Nesse sentido, segundo a autora, Letramento diferencia-se de alfabetização, pois abarca o dado a inserção do indivíduo ou grupo alfabetizado no conjunto das práticas sociais de leitura, ao passo que a alfabetização restringe-se aos atos de codificação e decodificação de um código (SOARES, 1998).

Almejamos, assim, não só alfabetizar, como também aprofundar a condição de letramento de cada aluno do projeto. Uma ação não necessariamente anda junta com a outra, pois podemos ter alunos letrados, que participam de práticas letradas, mas que não estão alfabetizados.

No projeto, além de proporcionarmos atividades de alfabetização, também oferecemos práticas de letramento e de leitura de mundo, como a hora da leitura, a procura de produtos em catálogos, a orientação por mapas de ruas, consulta a manuais de instalação, a discussão de temas como inclusão, maioria penal, etc. Para a efetivação desse objetivo são oferecidas aos jovens atividades pedagógicas (leitura, escrita, conhecimentos matemáticos, históricos e geográficos), oficinas de teatro e música.



O Projeto Novos Caminhos teve início em 2007 com apenas uma turma de alunos já alfabetizados. Em 2009 foi aberta uma nova turma para pessoas com deficiência e que não estavam alfabetizadas. Os resultados do desenvolvimento desse trabalho têm sido observados em diversos aspectos além dos pedagógicos. Obtivemos avanços estágios de aquisição da escrita, no raciocínio lógico, na linguagem oral. Outro resultado, esse referido pela família dos jovens, é o fato de terem melhorado a autoestima, a autonomia e a socialização.

2. DESENVOLVIMENTO

Como objetivo mais abrangente temos o desenvolvimento da qualidade de vida de pessoas com síndrome de Down e pessoas com deficiência, com o intuito de aprimorar o convívio social e elevar a autoestima. Para que esse objetivo se concretize traçamos alguns específicos, como: inserir os alunos no mundo da escrita, seja através da alfabetização propriamente dita, seja através de oportunidades de reflexões sobre a escrita; desenvolvimento de cálculos; orientação espacial-geográfica, conhecimentos estes que julgamos colaborarem para a efetivação do objetivo maior. Neste trabalho relataremos a experiência nas duas turmas deste Projeto.

População alvo

Os participantes do projeto são jovens e adultos com Síndrome de Down e Deficiência Intelectual. A turma começou com 15 alunos, e hoje conta com 12 participantes. A maioria deles frequenta, também, outros projetos de extensão da Universidade, como o Projeto Carinho/ESEF.

Estrutura, carga horária, equipe

Os acadêmicos organizam-se, preferencialmente, em duplas, preparam o material, as atividades, submetem à sua coordenação e então desenvolvem as atividades propostas. A cada dia é uma dupla de professores-aprendizes diferentes.

As reuniões semanais para preparo de atividades, discussões sobre o percurso e avaliação do trabalho são de fundamental importância para o bom andamento das aulas de forma que haja, assim, uma linha a ser seguida, uma continuidade.

Atualmente são sete acadêmicas(os) do curso de Pedagogia, uma mestranda em Educação e um licenciado em Teatro, atuando como professores-aprendizes nesse



projeto de extensão que é realizado nas dependências da Faculdade de Educação. A equipe conta também com uma Psicopedagoga e uma coordenadora. Toda esta equipe reúne-se semanalmente para proposição de atividades, avaliação, planejamento e troca de experiências.

Há duas turmas: uma de Alfabetização e outra, conhecida como Avançado, já alfabetizada. As aulas do Projeto acontecem três vezes na semana (nas segundas, quartas e sextas-feiras), das oito horas e trinta minutos até onze horas e trinta minutos.

3. RESULTADOS

O Projeto sempre primou por elaborar um tema, projeto de ensino a ser aplicado com ambas as turmas para garantir a interação entre elas e também entre os professores-aprendizes, sempre possibilitando o trabalho em conjunto. Exemplo, se o tema for “alimentação saudável”, a turma de Alfabetização se encarrega em investigar o universo letrado que envolve hábitos saudáveis com relação à alimentação e dessa forma, tentar compreender a significação do sentido atribuído a este meio, então apresentado. Já a turma do Avançado (cujos alunos já são alfabetizados), trabalha o mesmo tema, mas por outros meios, dedicando mais atenção à questão biológica, química do processo de alimentação; pesquisando e entendendo os benefícios de cada alimento e como eles reagem em nosso organismo, por exemplo.

Cumprе ressaltar que, certo dia, os alunos da turma de Avançado, se reuniram e solicitaram à coordenadora do Projeto, que queriam ser preparados para realizar a prova do ENCCEJA (Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos), pois todos almejavam entrar em uma faculdade e concluí-la. Essa proposta foi encaminhada à reunião pedagógica semanal para ser discutida em grupo e, prontamente, foi aceita por toda a equipe.

Um caso marcante que é válido ressaltar, foi a proposta para ambas as turmas, que como estavam trabalhando e discutindo o tema “Vida Saudável” nós, como professores-aprendizes, concordamos em focalizar nosso trabalho na interpretação, seja de imagens, vídeos, textos, pois notávamos muita dificuldade dos alunos nessa questão. Pensando nesse objetivo e no tema sendo trabalhado, concordamos em passar o filme “Wall-e” da Disney, pois ele atendia aos seguintes requisitos: abordava a questão de sustentabilidade, alimentação saudável, poluição e também por ser tratar de um filme de ação com poucas falas e dessa maneira aumentando a possibilidade de maior nivela-

mento entre as turmas com a finalidade de explorar a capacidade de interpretação, no caso, do filme com os alunos.

Em suma, essa atividade proporcionou-nos um retorno riquíssimo, pois alguns dos alunos que apresentavam muita dificuldade em interpretar pequenos vídeos ou até mesmo frases curtas oralizadas, surpreenderam-nos ao contarem e explicarem sobre o que se tratava o filme, qual a sua ideia principal e também respondiam a todos os questionamentos provocados por nós, professores-aprendizes, até mesmo se gabando em alguns momentos alegando que nossas provocações eram todas óbvias, ou seja, comprovou clareza na compreensão global do filme e inclusive se atentaram a muitos detalhes também e melhor ainda, não se contentaram com todas as informações apresentadas no filme, ficaram intrigados, levantaram alguns questionamentos e passaram a questionar, problematizar algumas situações e, enfim, a nos provocar com algumas perguntas, dúvidas essas surgidas de reflexões advindas da real compreensão do filme em si.

4. AVALIAÇÃO

A comunidade atendida participa do projeto de extensão dando sugestões, avaliando, colaborando. Os avanços alcançados pelos alunos vão além dos previstos pedagogicamente: envolvem questões de cidadania, autonomia, autoestima, alegria de viver e o sentimento de fazer parte.

Há que se destacar ainda, os ganhos para os professores-aprendizes uma vez que são confrontados com situações desafiadoras em termos de processos de ensino-aprendizagem, tendo, assim, de pensar maneiras de mediar esse processo em busca da real aprendizagem. Além disso, os professores-aprendizes computam as horas ministradas no projeto na sua grade curricular como atividades complementares.

5. REFERÊNCIAS

FREINET, C. **As técnicas Freinet da Escola Moderna**. Lisboa: Editorial Estampada Ltda, 1975.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1983.



SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. (Coleção Linguagem e Educação).

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 7ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.



CONSTRUÇÃO DE PLANTAS BAIXAS: UMA PROPOSTA DE ENSINO ATRAVÉS DE PROJETOS

GABRIELA DUTRA RODRIGUES CONRADO¹; MÁRCIA SOUZA DA FONSECA²

¹Universidade Federal de Pelotas – gabrielapof@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – mszfonseca@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

Este texto relata uma proposta pedagógica desenvolvida na disciplina de Matemática que integra o estudo exploratório da dissertação de mestrado da autora. O objetivo da dissertação de mestrado é apontar possibilidades para o currículo da Matemática escolar valorizando a cultura dos estudantes e, para isso, pretende-se construir um projeto de ensino que aproxime os conceitos Matemáticos de suas práticas culturais. O desenvolvimento da proposta acontece em uma turma do 8ª ano do Ensino Fundamental em uma escola do município de Pelotas, analisando as potencialidades e limitações da utilização de projetos como estratégia didática.

Segundo Machado (2016) projetar é uma ação essencialmente humana, já que nenhuma outra espécie conhecida possui a capacidade de projetar, de planejar algo. O autor aponta três características fundamentais de um projeto: referência ao futuro, abertura ao novo, ação a ser realizada pelo sujeito que a projeta. Um projeto, nessa perspectiva, é um conjunto de ações para alcançar um objetivo futuro. Como qualquer ação humana um projeto está sujeito a incertezas e imprevistos, não é fechado em si mesmo, pode ser modificado, transformado de acordo com a interação entre professores e estudantes. Além disso, o projeto é coletivo, pertence a todos que estão envolvidos, todos devem interagir, participar e decidir sobre os rumos.

O ensino através de projetos é uma alternativa para crescente descontextualização e fragmentação do saber, pois permite articular saberes cotidianos e saberes científicos, além de situar o estudante em uma situação problema que relaciona os conceitos na medida em que as ações são construídas por professores e pela turma (ARAÚJO, 2014).

Conforme Knijnik (2012), a articulação dos saberes cotidianos com os conceitos escolares é uma maneira de valorizar a cultura dos sujeitos, possibilitando visibilizar práticas sociais, as quais muitas vezes ficam distantes do ambiente escolar. Com base,



nessas concepções foi planejada uma proposta pedagógica que pudesse contribuir para a aprendizagem de Matemática e aproximação com as práticas culturais dos estudantes.

No contexto da turma de 8º ano em que está sendo desenvolvida a proposta descrita nesse texto, muitos dos seus familiares são trabalhadores da construção civil. Logo, esse projeto aproxima-se da realidade dos estudantes permitindo aproximar a linguagem da Matemática escolar com a Matemática utilizada no canteiro de obras.

2. DESENVOLVIMENTO

O projeto foi construído visando relacionar saberes cotidianos com conceitos da Matemática escolar. Intitulado “Arquitetura Matemática”, o projeto tem por objetivo a construção de conceitos matemáticos por meio da elaboração da planta baixa de uma casa aproximando a realidade dos estudantes da aula de Matemática.

O projeto está sendo desenvolvido em uma turma de 8º ano de Ensino Fundamental em uma escola da rede municipal de ensino pela professora regente. A turma conta com 24 estudantes na faixa etária de 13 a 16 anos e para o desenvolvimento da atividade os estudantes foram divididos em seis grupos.

Cada grupo ganhou inicialmente duas tarefas: escolher as medidas de um terreno para construir a residência; escolher as medidas para a construção. Após seguiram as seguintes tarefas: determinar as medidas da residência, determinar a área do terreno e da área construída, representação de quadriláteros em folha quadriculada, conversão das medidas iniciais em escala de desenho.

Cada tarefa é organizada da seguinte maneira: apresentação e explicação da tarefa à turma; orientação individual ao grupo; resolução de exercícios do livro didático referentes aos conceitos estudados e realização de tarefas na plataforma *Khan Academy*, apresentação da produção do grupo à turma.

3. RESULTADOS

As atividades desenvolvidas no 8º ano contemplam conceitos de Medidas, Grandezas e Geometria. Com relação às Medidas e às Grandezas, foram estudados conceitos de escala para transformar os valores de medida da construção idealizada pelos par-

participantes para uma planta baixa desenhada em papel quadriculado. Nesse aspecto, observou-se que os estudantes tinham fragilidade no tratamento com determinados conceitos, a maior parte dos estudantes não soube responder quantos centímetros havia em um metro.

Esse tipo de situação nos leva a questionar o ensino de Matemática. A relação metro centímetro é amplamente utilizada em nosso cotidiano: para medir altura, comprimentos, larguras, é uma conversão que pertence a aprendizagens de anos anteriores ao oitavo ano de escolarização. Possivelmente se esses conceitos fossem trabalhados em conjunto com situações pertencentes à realidade dos estudantes a proximidade entre a linguagem da matemática escolar e da matemática elaborada no cotidiano seria maior, o que poderia contribuir para a significação dos conceitos (KNIJNIK, 2012).

Uma das tarefas desenvolvidas pelos estudantes foi estabelecer as medidas do terreno no qual seria construída a residência. A maioria dos grupos optaram por determinar duas medidas, frente e lado do terreno, representação esperada e usual para delimitar a grandeza de um terreno para construção de uma residência.

Observamos nessa atividade que grande parte dos estudantes apresentou dificuldades em estimar as medidas para o terreno e para a área construída. Esse fato sinaliza a importância de estimular o pensamento abstrato com referência à realidade nas aulas de Matemática, para que os conhecimentos matemáticos possam também ser úteis em situações reais. Para enfrentar essa dificuldade realizamos uma medida aproximada da sala de aula, facilitando a visualização dos estudantes da grandeza das medidas necessária para construir uma residência.

As tarefas desenvolvidas favoreceram o intercâmbio entre saberes cotidianos e escolares, pois utilizamos cenários a partir da realidade para planejar o projeto e a intervenção didática.

Tabela 1 - Medidas escolhidas pelos estudantes do 8º ano

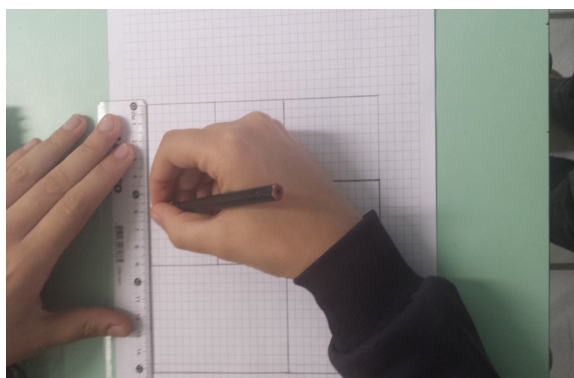
	Medidas do terreno	Medidas da área construída
Grupo 1	1 hectare	40m x 30m
Grupo 2	20m x 17m	15m x 10m
Grupo 3	20m x 15m	10m x 12m
Grupo 4	30m x 30m	20m x 25m
Grupo 5	30m x 40m	20m x 25m
Grupo 6	40m x 40m	20m x 20m

Fonte: Diário de classe da professora

À parte da maioria, um grupo optou por medida de hectare para criar sua planta baixa. Essa situação oportunizou esclarecer a grandeza dessa medida de área, proporcionando discussões em sala de aula. O hectare é uma grandeza bastante utilizada na agricultura e pecuária, mas nem sempre é referência em sala de aula. O projeto, ao instigar a criação, possibilitou o surgimento de questões de interesse dos estudantes, consideramos esse um aspecto positivo da nossa intervenção didática, visto que uma das características do projeto é a participação dos estudantes e abertura para discussões não previstas pelo professor (MACHADO, 2016).

Ademais, a construção da planta baixa oportunizou o uso de material manipulável como folha quadriculada e régua. Esses instrumentos podem contribuir para aprendizagem em geometria, pois o estudante mobiliza outras formas de aprender, utilizando a criatividade e interação com o material.

Figura 1 - Estudante construindo a planta baixa



Fonte: a autora

Nessa etapa, muitos estudantes conversaram com familiares para pedir um auxílio para construir suas plantas baixas. Nesse sentido, entendemos que o projeto conseguiu aproximação com o contexto de vida dos estudantes, já que houve a intervenção dos familiares em alguns projetos de seus filhos, seja na orientação para desenhar as plantas baixas ou na escolha pela dimensão do terreno fictício.

4. AVALIAÇÃO

Esse texto pretende sinalizar potencialidades e limitações do uso de projetos como estratégia didática no ensino de Matemática. Percebemos o envolvimento dos estudan-



tes nas atividades, e motivação para cumprir as etapas. Como orienta Machado (2016), um projeto deve ser construído e pensado por todos os integrantes, caso não houvesse interesse dos participantes pelo tema, provavelmente os resultados de aprendizagem seriam diferentes do que está sendo percebido.

Dentre as limitações, apontamos a dificuldade de organizar os estudantes para trabalhar de maneira ativa e em sala de aula. Alguns estudantes preferem abordagens em que sua participação é passiva e fica restrita a resolver exercícios e copiar modelos de resolução apresentados pelo professor. Nesse sentido, ainda é importante pensar maneiras de motivar os participantes na realização das tarefas para construir as aprendizagens necessárias e legitimando outras formas de ensinar Matemática.

5. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, U. Temas Transversais, pedagogia de projetos e as mudanças na Educação. São Paulo: Summus, 2014. 120p.

KNIJNIK, Gelsa *et al.* **Etnomatemática em movimento**. Belo Horizonte: Autêntica, n. 25, 2012.

MACHADO, N. J. **Educação: cidadania, projetos e valores**. São Paulo: Escrituras Editora, 2016.



II SEMINÁRIO INTEGRADOR OBEDUC-PACTO: FORMAÇÃO DE PROFESSORES, LEITURA E ESCRITA NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

GABRIELA SCHANDER BRAGA¹; MARTA NÖRNBERG²

¹Universidade Federal de Pelotas – gabischander@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – martanornberg0@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O II Seminário Integrador do Obeduc-Pacto: Formação de professores, leitura e escrita no ciclo de alfabetização é coordenado por pesquisadoras e estudantes vinculadas ao Grupo de Estudos sobre Aquisição da Linguagem Escrita (GEALE). O evento é uma idealização do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFPel com apoio da Prefeitura de Pelotas, e financiado no âmbito do Observatório da Educação/CAPES. Tem por objetivo a socialização de atividades de formação, estudo e pesquisas que foram desenvolvidas no projeto Observatório da Educação/CAPES: Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC)¹ - formação continuada de professores e melhoria dos índices de leitura e escrita no ciclo de alfabetização (1º ao 3º ano do ensino fundamental).

Em razão de ser um projeto vinculado à pesquisa científica no âmbito da Educação, em específico, acompanhando o processo de formação e as ações do programa PNAIC, o Seminário, como resultado final, busca cumprir sua função enquanto atividade capaz de produzir impactos tanto na formação interna dos próprios atuantes do projeto, quanto dos participantes do evento. Destinado a professores/as das redes de ensino, além de estudantes de graduação e pós-graduação, projeta-se que se fortaleça e intensifique as práticas formativas nas escolas-parceiras e demais escolas das redes de ensino de Pelotas e região, bem como contribua para melhoria dos processos de ensino da escrita e da leitura no ciclo de alfabetização. Também, o evento é uma oportunidade a qual os/as estudantes participantes, tanto do projeto, quanto do Seminário - predominantemente cursos ligados à Educação, e, em específico, o curso de Pedagogia -, possam ter a possibilidade de discutir conceitos e acompanhar relatos de experiência sobre temas que permearam a formação, as práticas de ensino e a pesquisa.

¹ O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa é um programa que vem sendo delineado desde 2008 pelo Ministério da Educação, articulado pelo Governo Federal e governos estaduais e municipais que tem por objetivo a alfabetização de todas as crianças até os 8 anos de idade. Essa mobilização é feita por meio de materiais didáticos e formações continuadas com os professores, além da implementação de sistemas de monitoramento, gestão e avaliação (BRASIL, 2015)

2. DESENVOLVIMENTO

A idealização do II Seminário Integrador vem sendo realizada desde o final de 2016 pela equipe de pesquisa do projeto Obeduc-Pacto. No segundo semestre de 2017, foi constituída uma comissão organizadora durante o seminário interno intitulado “Pesquisa e práticas em discussão” para distribuição de tarefas e atividades relativas ao trabalho do comitê de avaliação dos relatos de experiências. Ao delinear a proposta, a estrutura do evento se constituiu em: três momentos de palestras, ministradas por pesquisadores renomados no campo dos estudos sobre leitura e escrita nos anos iniciais, literatura e formação de professores; cinco seções denominados Painel de Pesquisas, no qual serão socializados os resultados das pesquisas desenvolvidas no âmbito do projeto Obeduc-Pacto; uma seção de Relatos de Experiências, na qual professores das redes de ensino poderão submeter resumo de uma prática de ensino desenvolvida, de acordo com eixos temáticos previamente deliberados.

Os seis eixos para os quais os relatos podem ser submetidos são: Eixo 1: Práticas de letramento na educação infantil e anos iniciais, o qual contempla práticas sociais de leitura e escrita desenvolvidos a partir da música, literatura, artes visuais e demais áreas do conhecimento; Eixo 2: Práticas de numeramento na educação infantil e anos iniciais, em que busca-se a abordagem de práticas pedagógicas envolvendo o uso de números e operações matemáticas escolares, como também outras matemáticas que têm sido incluídas no currículo escolar; Eixo 3: Ensino do sistema de escrita alfabética, o qual tem foco no desenvolvimento e exploração das especificidades, regularidades, irregularidades e estratégias didáticas no processo do ensino do sistema de escrita alfabética; Eixo 4: Organização de projetos na escola, em que serão realizadas discussões e reflexões sobre projetos desenvolvidos no ambiente escolar na modalidade extraclasse em diferentes áreas de conhecimento, os quais objetivam o desenvolvimento das aprendizagens das crianças e professores envolvidos, a exemplo de programas de Educação Integral, Mais Educação, projetos interdisciplinares; Eixo 5: Organização do trabalho pedagógico, o qual trata de trabalhos referentes ao planejamento de ensino enquanto ação pedagógica, processo de sistematização e organização das atividades e instrumento de reflexão do currículo escolar e contexto social; Eixo 6: Formação de professores em contexto escolar, que reúne experiências focadas na formação continuada de professores enquanto ação coletiva e processo contínuo, com o intuito de aprimoramento das ações pedagógicas e desenvolvimento profissional docente.



As submissões poderão ser feitas por professores das redes de ensino, bem como estudantes do curso de Pedagogia que concluíram sua experiência de estágio de docência. A avaliação dos relatos será realizada por participantes do projeto Obeduc-Pacto. O resumo precisa apresentar uma proposta de intervenção pedagógica realizada nos anos iniciais ou educação infantil. GONÇALVES (2017) explica que pesquisas e práticas de intervenção tem como foco

“produzir uma mudança e de resolver um problema específico, com um caráter aplicado, metodologicamente conduzido pelo princípio e necessidade do diálogo com os pares, na escola e na universidade, e cotejado pela teoria” (GONÇALVES, 2017, p. 33)

Dessa maneira, o caminho do professor para transformação em professor-pesquisador busca incorporar e ressignificar suas práticas pedagógicas, para além do uso apenas da técnica. Assim, há uma legitimação do saber docente no âmbito da academia.

3. RESULTADOS

O Obeduc-Pacto já promoveu eventos anteriores, como o Curso de Extensão Letramento Literário no Ciclo de Alfabetização, ministrado pelo Prof. Dr. Edgar Kirchof, o qual teve duração de maio de 2015 a março de 2016. O curso teve por objetivo o aprofundamento de conhecimentos teóricos e práticos sobre literatura infantil e literariedade, articulados ao processo de organização do trabalho pedagógico. Como conclusão e avaliação final, as cursistas, principalmente as participantes do projeto Obeduc-Pacto, apresentaram uma sequência didática, projeto didático ou oficina, o qual foi desenvolvido com turmas pertencentes ao ciclo de alfabetização. O mesmo deveria envolver uma obra de literatura infantil que teria foco em atividades de leitura e escrita, também com a possibilidade de ampliação para demais áreas do conhecimento. O resultado dos trabalhos que foram subsidiados pelos projetos de intervenção e pesquisa foi publicado em dois fotolivros intitulados Narrativas Pedagógicas v.1 e v.2, sendo um realizado pelas professoras pertencentes às escolas-parceiras de Pelotas e outro de Porto Alegre. Além desses dois fotolivros, está sendo produzido um livro com relatos teorizados de práticas realizadas pelas bolsistas do projeto e estagiárias do curso de Pedagogia que participaram das ações de formação do projeto Obeduc-Pacto.

Além disso, o II Seminário Integrador é uma extensão do primeiro, que foi realizado em junho de 2014, em conjunto, pelos Observatórios da Educação da UFPel: Obeduc-Pacto, Observatório da Educação do Campo e Observatório da Educação em Ensino de Ciências e Matemática. O evento citado promoveu a socialização dos trabalhos de pesquisa nos respectivos locais de trabalho. O projeto Obeduc-Pacto participou com 13 trabalhos, no formato resumo expandido e banner, com apresentação oral. Ao todo, o evento contou com a participação de, em média, 80 participantes por turno.

Dessa maneira, devido à relevância acadêmica do primeiro e a progressão das pesquisas desenvolvidas no projeto, além da aproximação do seu período de encerramento da primeira fase, optou-se por promover a segunda edição do evento, a fim de que haja uma nova discussão a partir de um maior aprofundamento sobre as temáticas estudadas. Até o presente momento de escrita desse resumo, com três dias de divulgação, houveram 62 inscrições no evento, sendo a maioria das participantes professoras das redes básicas de ensino.

4. AVALIAÇÃO

Por meio da socialização e discussão das pesquisas desenvolvidas e apresentadas no Seminário, idealiza-se que sejam expostas possibilidades investigativas a fim de uma maior qualificação do trabalho pedagógico conduzido tanto nas escolas-parceiras das redes de ensino, tanto pelos futuros pedagogos. Essa proposição vem ao encontro da orientação de transformação proposta pelo PNAIC, a qual identificou a necessidade de atendimento às exigências de melhoria no aprendizado dos alunos das escolas públicas brasileiras. (BRASIL, 2015)

Além disso, por meio dos Direitos de Aprendizagem no ciclo de alfabetização, o programa procura garantir que haja uma plena alfabetização das crianças que frequentam do 1º ao 3º ano do ensino fundamental. Essa garantia é identificada enquanto um direito humano,

“tendo o currículo e a organização em ciclo como possibilidades escolares de viabilização dos direitos das crianças de se apropriarem e construírem conhecimentos científicos e culturais, legados da tradição e do movimento de formação humana instituído por meio das práticas de escolarização” (PNAIC-UFPEL, 2016, p. 4)



Assim, confere-se a importância devida às ações do projeto, visto que o mesmo tem por objetivo investigar como esse processo vem sendo desenvolvido. Outrossim, entende-se a pesquisa, como apontado por Freiburger; Berbel (2010) como um novo pensar perante as concepções do papel do professor e as concepções de aprendizagem e ensino, o que induz a uma reflexão sobre as questões formativas dos docentes e sua atuação profissional.

Como proposta em suas Hipóteses de Solução, Freiburger; Berbel (2010) argumenta sobre a socialização dos resultados obtidos por meios de suas análises, mesmo princípio norteador da organização do Seminário. Além disso, uma outra hipótese, referente ao estímulo dos professores na investigação dos problemas de ensino e aprendizagem, também é contemplada, já que a possibilidade de inscrição de relatos de experiência se delineia no sentido de partir para uma discussão e reflexão coletivas nos processos desempenhados pelo professor-pesquisador de sua própria prática pedagógica.

Dessa forma, entende-se a realização do II Seminário Integrador como uma oportunidade rica para a discussão de diferentes eixos de pesquisa que já vem sendo desenvolvidos há algum tempo no âmbito da formação de professores, sendo assim um espaço de debate e crescimento para aprimoramento das práticas pedagógicas no ciclo de alfabetização.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Interdisciplinaridade no ciclo de alfabetização. Caderno de Apresentação/Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2015.

GONÇALVES, S. N. **“Uma dica pra ti... quando a sora fizer brincadeiras tu não vai só brincar... tu vai aprender brincando...” Um estudo sobre o lúdico em roteiros de leitura a partir da prática pedagógica com crianças e professora**. 2017. 272f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas.



FREIBERGER, R. M; BERBEL, N. A. N. A importância da pesquisa como princípio educativo na atuação pedagógica de professores de educação infantil e ensino fundamental. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 37, p. 207-245, set/dez. 2010.

PNAIC-UFPEL. **Direitos de Aprendizagem no Ciclo de Alfabetização**. Pelotas: 2016. (Compilação dos Quadros de direitos dos cadernos de formação do PNAIC 2013)



ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL: ESTÍMULO ÀS ESTUDANTES DO 5º ANO NA ESCOLA MUNICIPAL PELOTENSE

GABRIELLA CAMPELO NIEWINSKI¹; LIDIANE CAVADA²; NATÁLIA MATOS³;
ISABEL DA CUNHA SANTOS⁴; CAROLINE DELLINGHAUSEN BORGES⁵;
CARLA ROSANE BARBOZA MENDONÇA⁶

¹Discente do Curso de Tecnologia em Alimentos – CCQFA – UFPel – gabiniew@live.com

²Discente do Curso de Tecnologia em Alimentos – CCQFA – UFPel – altlidiane@gmail.com

³Discente do Curso de Tecnologia em Alimentos – CCQFA – UFPel – nataliar.matos@gmail.com

⁴Discente do Curso de Tecnologia em Alimentos – CCQFA – UFPel – bel_10dacunha@hotmail.com

⁵Docente do Centro de Ciências Químicas Farmacêuticas e de Alimentos (CCQFA) –
UFPel – caroldellin@hotmail.com

⁶Docente do Centro de Ciências Químicas Farmacêuticas e de Alimentos (CCQFA) –
UFPel – carlaufpel@hotmail.com – Orientadora

1. INTRODUÇÃO

A formação dos hábitos alimentares é adquirida de modo gradual, principalmente durante a primeira infância.

De acordo com os princípios de uma alimentação saudável, todos os grupos de alimentos devem compor a dieta diária. A alimentação saudável deve fornecer água, carboidratos, proteínas, lipídios, vitaminas, fibras e minerais, os quais são insubstituíveis e indispensáveis ao bom funcionamento do organismo.

Desde a infância cada criança já adquire suas preferências alimentares, assim, a família precisa entender e estimular da melhor forma para que as crianças adquiram o hábito de uma alimentação saudável. No momento em que a criança sai de seu lar e começa a conviver em creches, escolas e outros ambientes ela sofre influência de diversos modos, inclusive nos hábitos alimentares. Assim, a educação para a saúde deve se iniciar nas idades da pré-escola (Educação Infantil) e escolar (Ensino Fundamental) devido a sua maior receptividade e capacidade de adoção de novos hábitos e, ainda, porque as crianças se tornam excelentes mensageiras e ativistas de suas famílias e comunidades (GOUVÊA, 1999).

Segundo Danelon et al. (2006) o ambiente escolar influencia a formação da personalidade e, conseqüentemente, nas suas preferências alimentares.

Os vegetais, como as hortaliças e frutas, possuem importância expressiva na nutrição humana, porque são as principais fontes de vitaminas, minerais e fibras. Os nutrientes fornecidos pelas hortaliças auxiliam na prevenção de algumas doenças, como obesidade, diabetes, osteoporose, entre outros (COELHO, 2007).

Uma boa alimentação é aquela que mantém o organismo em estado de saúde, ou seja, com osso e dentes fortes, peso e estatura de acordo com o biótipo do indivíduo, boa disposição, resistência às enfermidades, vontade de trabalhar e divertir-se, para isso se faz necessária uma dieta balanceada que contenha variados nutrientes com múltiplas funções (MONTEIRO e COSTA, 2004).

Para uma ingestão segura de vegetais, são necessários procedimentos corretos de higienização. Estes requerem (além da limpeza) uma etapa de sanitização, normalmente negligenciada ou executada incorretamente – geralmente por desconhecimento do consumidor. Em função disto, a segurança dos alimentos tem sido amplamente discutida, dado o crescente número de surtos de doenças. Para minimizar esses problemas, têm-se desenvolvido as “Boas Práticas de Fabricação/Manipulação”, envolvendo formas corretas de higienização e sanitização (BASTOS, 2006).

Desta forma, o presente trabalho objetivou estimular os estudantes de ensino fundamental para o consumo de frutas e hortaliças, orientando para que apliquem corretamente as técnicas de higienização, e incentivá-los a disseminar junto a seus familiares os conhecimentos adquiridos.

2. METODOLOGIA

Primeiramente, realizou-se uma revisão bibliográfica a cerca do tema do projeto a fim de elaborar um material teórico a ser utilizado na realização de cursos para alunos do ensino fundamental de escolas da rede pública. Após, o material de apoio aos cursos foi elaborado. Na sequência, a escola escolhida foi contatada para o agendamento e realização destas oficinas.

Na etapa de execução, ministrou-se cursos para os alunos do 4º e 5º ano, na Escola Municipal Pelotense, localizada na Rua Marcílio Dias, 1523 – Centro Pelotas - RS. Neste trabalho serão descritas as atividades teóricas desenvolvidas junto a turma do 5º anos do ensino fundamental.

O curso abordou os seguintes assuntos: Importância nutricional de frutas e hortaliças; Formas corretas de higienização destes vegetais e dos utensílios/equipamentos utilizados no preparo, como por exemplo, como higienizar corretamente e com qual tipo de produto as mãos, os alimentos, algumas técnicas de sanitização que cabiam a idade dos alunos, a importância da sanitização, os utensílios que serão utilizados para o material; Alterações que ocorrem nos vegetais; Técnicas de preparo de vegetais na forma fresca que garantam maior vida útil.

Os temas sobre técnicas de higienização e sanitização, intoxicação alimentar, a importância das vitaminas que contém nas frutas e hortaliças foram abordados pelos alunos e professores integrantes do projeto e com apoio de recursos audiovisuais.

Foram também realizadas brincadeiras com os alunos, a fim de motivá-los a participar mais ativamente. No primeiro encontro, após a exposição do conteúdo teórico, fez-se uma atividade em que diversas frutas estavam dentro de caixas fechadas e através do tato era preciso identificá-las. Como premiação foram distribuídas bergamotas. No segundo encontro, foram utilizadas embalagens de vidro forradas, para que não se observasse o conteúdo, ainda as crianças foram vendadas, sendo solicitado que cheirassem e procurassem identificar qual era a fruta somente pelo olfato (Figura 2).

Ao final das atividades aplicou-se um questionário aos participantes com o propósito de obter informações sobre a qualidade do curso. O questionário era composto por 7 perguntas (1 à 7), sendo 1 - O que você achou conteúdo tratado?; 2 - O que você achou dos apresentadores?; 3 - Em que nível foram as novidades?; 4 - Como foi para entender o assunto?; 5 - As brincadeiras realizadas envolvendo o olfato e o tato para descobrir as frutas motivaram sua curiosidade de conhecer/provar novas frutas?; 6 - O que você acharia se tivessem mais cursos como este?; 7 - Quanto você acha que pode colocar em prática do que você aprendeu? Como opções de respostas, os alunos dispunham de uma escala com expressões faciais, com níveis de respostas de 1 a 5, sendo o valor 1 - Muito ruim; 2 - Ruim; 3 - Mais ou menos; 4 - Bom; 5 - Ótimo, segundo o que está mostrado na Figura 1.



Figura 1 – Escala facial utilizada para avaliação do curso pelos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atividade foi realizada na sala de aula da Escola Municipal Pelotense, no qual estavam presentes os alunos do 5º ano (Figura 2).



Figura 2 – Atividades com a turma do 5º ano do ensino fundamental no colégio Pelotense.

No questionário aplicado, 65% responderam que acharam o curso ótimo pergunta 1 e somente 4,30% acharam mais ou menos (Figura 3).

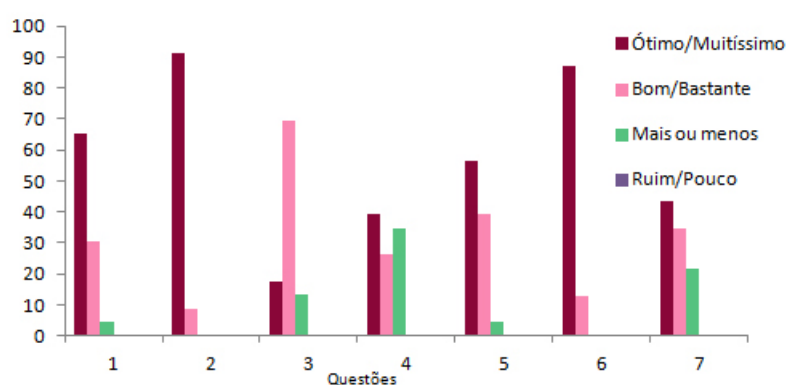


Figura 3 – Dados obtidos no questionário aplicado aos alunos.

1 - O que você achou conteúdo tratado?; 2 - O que você achou dos apresentadores?; 3 - Em que nível foram as novidades?; 4 - Como foi para entender o assunto?; 5 - As brincadeiras realizadas envolvendo o olfato e o tato para descobrir as frutas motivaram sua curiosidade de conhecer/provar novas frutas?; 6 - O que você acharia se tivessem mais cursos como este?; 7 - Quanto você acha que pode colocar em prática do que você aprendeu?



Ainda, 91% considerou os apresentadores do curso ótimos (questão 2) e 69% considerou como bom nível de novidades apresentadas (questão 3), porém, cerca de 35% expressou que teve alguma dificuldade para entender o assunto, indicando a resposta mais ou menos na questão 4. Em relação as brincadeiras realizadas, envolvendo o tato e olfato, aproximadamente 96% das respostas das crianças foram entre as descrições ótimas ou boas (questão 5). Por fim, 87% respondeu que gostaria que houvessem mais cursos como o que foi ministrado (pergunta 6), entretanto, cerca de 22% expressou que só colocaria em prática algumas coisas do que aprendeu (pergunta 7).

Conforme pode-se notar nos resultados obtidos, o curso ministrado apresentou boa aceitação pelos alunos. De um modo geral, as barras de considerações positivas (bordô e rosa) sobressaem-se das demais em todas as perguntas.

Adicionalmente, analisando a repercussão na turma e o objeto de estudo, acredita-se que houve sucesso nas ações, pois, durante o curso houve poucas crianças dispersas, a maioria demonstrou interesse, assim, surgindo diversas perguntas e dúvidas.

4. CONCLUSÕES

As atividades deste projeto de extensão permitem a disseminação do conhecimento acadêmico para alunos do ensino fundamental da rede pública de ensino. Acredita-se que o estímulo foi positivo para os alunos do 5º ano fundamental do colégio Municipal Pelotense. Além disso, este projeto permite, aos discentes de graduação envolvidos, a troca de vivências com os estudantes do ensino fundamental e a prática de conteúdos trabalhados em aula.

Foi gratificante passar os conhecimentos adquiridos na graduação, em linguagem adequada para as crianças, propondo uma melhor alimentação e demonstrando a importância da higienização e boas práticas dos alimentos, além de alertar sobre os riscos das doenças e intoxicações alimentares.

5. REFERÊNCIAS

COELHO, K. S. **Perfil do consumidor de hortaliças frescas e processadas no município de Campos dos Goytacazes – RJ**. 2007. 86p. Tese (Mestrado em Produção



Vegetal) – Centro de Ciências e Tecnologias Agropecuárias, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.

GOUVÊA, E.L.C. **Nutrição, saúde e comunidade - RJ, Revinter**, 1999.

DANELON, M. A. S; DANELON, M. S; SILVA, M. V. Serviços de alimentação destinados ao público escolar: análise da convivência do Programa de Alimentação Escolar e das cantinas. **Rev. Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas, v. 13, n. 1, p. 85-94, 2006.

MONTEIRO, P.H.N., COSTA, R.B.L. **Alimentação saudável e Escolas: possibilidades e incoerências**. Boletim do Instituto de Saúde. P. 22. Nº 32, Abril 2004. Disponível em: www.isaude.sp.gov.br - Acesso em 01/10/2017.

BASTOS, M. S. R. **Frutas minimamente processadas: Aspectos de qualidade e segurança**. Fortaleza: Embrapa Agroindústria Tropical, 2006. 59 p.



MURAL G-BIOTEC: DISSEMINAÇÃO DA CIÊNCIA PARA A POPULAÇÃO PELOTENSE

GABRIELLE DE OLIVEIRA SANCHES VALERIO NAVARRO¹;
ULI TRINDADE DE ALMEIDA ²; LUCIANA BICCA DODE³

¹Universidade Federal de Pelotas – gabi.oliveira@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – ulialmeida94@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – lucianabicca@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

Diariamente nos deparamos com temas e assuntos importantes relacionados com a ciência e com a tecnologia, e somos convidados a opinar, avaliar e discutir publicamente tais assuntos, como por exemplo: a utilização de pesticidas, aumento do efeito estufa devido a crescente emissão de dióxido de carbono, transgênicos, clonagem, construção de usinas nucleares, etc. Todos devem ser capazes de participar de tais discussões além de merecer compartilhar a emoção e a realização pessoal de poder compreender o mundo natural (GHENO & SILVA, 2007).

Para que um país esteja em condições de satisfazer as necessidades fundamentais de sua população, o ensino das ciências e a tecnologia são de grande importância. Como parte dessa educação científica e tecnológica, os estudantes deveriam aprender a resolver problemas concretos e a satisfazer as necessidades da sociedade, utilizando as suas competências e conhecimentos. Hoje, mais do que nunca é necessário fomentar e difundir a alfabetização científica em todas as culturas e todos os setores da sociedade, a fim de melhorar a participação dos cidadãos e a tomada de decisão relativa à aplicação de novos conhecimentos (UNESCO e ICSU, 1999).

A alfabetização científica vai além da tentativa de incluir a utilização de um vocabulário científico; alfabetizar cientificamente é enriquecer os termos utilizados com conteúdos, além de torná-los mais compreensíveis para a população. A esse respeito Cachapuz (2005), afirma que a alfabetização científica vai além de conceitos e procedimentos, deve-se estimular o estudante a desenvolver perspectivas da Ciência e da Tecnologia que vão desde a história das ideias científicas e a natureza da Ciência e Tecnologia até compreender o papel que estas exercem na vida dos cidadãos (GHENO & SILVA, 2007).

Deste modo, em 2010 foi iniciado o projeto de extensão denominado de “Mural G-Biotec”, que tem como objetivo realizar atividades integradas para popularização da ciência e divulgação científico-tecnológica, incorporando diferentes ações que difundem

avanços tecnológicos e inovações associados à Ciência e Biotecnologia, compartilhando com a comunidade acadêmica e sociedade os principais acontecimentos na área Biotecnológica, dando ênfase para sua importância na sociedade e estimulando a interação científico-tecnológica entre acadêmicos de diferentes cursos, pós-graduandos, setores produtivos juntamente com a comunidade escolar (FURHMANN *et al*, 2016).

Em vista disso, o objetivo do presente trabalho é relatar as atividades realizadas pelo projeto Mural G-Biotec que visam disseminar a ciência e tecnologia para a comunidade durante 2017.

2. DESENVOLVIMENTO

As ações que são desenvolvidas pelo projeto foram preparadas e discutidas pelo grupo que é composto por estudantes da graduação, pós-graduação, professores e colaboradores em reuniões sistemáticas realizadas no Campus Capão do Leão da Universidade Federal de Pelotas na cidade de Capão do Leão/RS.

Estas ações atendem as demandas regionais e promovem a integração de professores e alunos em prol da desmistificação de temáticas e compartilhamento do conhecimento científico-tecnológico na comunidade. No decorrer das reuniões, solidificou-se quatro vertentes de ação, sendo respectivamente, criação e produção de um canal científico; Desenvolvimento do IV Desafio Mural G-Biotec; Elaboração do III Espaço Ciência; e o andamento da página do facebook do mural.

3. RESULTADOS

Ao longo dos últimos anos, tem-se observado um crescimento da Internet no Brasil e no mundo. Uma das atividades às quais os internautas mais se dedicam são as redes sociais virtuais ou sites de redes sociais (Social Network Sites – SNS). Os SNS permitem a criação de uma rede de pessoas que interagem e se comunicam por ter alguma afinidade em comum, através de uma rede computacional (RECUERO, 2009). Tais afinidades podem ser o local de trabalho, a instituição de ensino, a família ou interesses em comum. Como resultado das vertentes em ação podemos apontar as seguintes resultados:



Segundo o Socialbakers (2017), o Brasil é o país que possui o segundo maior número de usuários do Facebook, o maior SNS do mundo. Aproximadamente 28% dos brasileiros (56 milhões) utilizam a plataforma. Com o crescimento explosivo de SNS como o Facebook, cresceu também o interesse das grandes empresas, que passaram a investir em ações de marketing digital para divulgar suas marcas. No caso das instituições ensino, isso não é diferente.

Por esta razão o Mural, criou sua página no Facebook como uma ferramenta de divulgação, a qual pode ser medida pelo engajamento do público na página, que visa induzir, instigar, convencer uma pessoa a se comprometer com assuntos atuais da ciência, ou seja, criar nela um pensamento crítico (CHAMUSCA; CARVALHAL, 2011). A página é impactada tanto pelo posicionamento em relação ao que a pessoa vivenciou, quanto também pelo posicionamento em relação aos fatos vivenciados por outras pessoas envolvidas (GONÇALVES, 2009). Desta forma, a página até dia 30 de setembro de 2017 contava com 1.902 curtidas, um alto engajamento para uma página nova e de um público tão restrito, ela é alimentada dia sim, dia não com informações da área da biotecnologia e de áreas correlatas.

Uma vez que a internet torna-se uma porta de entrada para o aprendizado dinâmico de diversos estudantes, diretos ou indiretos, a realização da criação e produção de um canal científico na rede YouTube exclusivamente focada em vídeos científicos curtos que visam transmitir de uma forma rápida e direta conceitos que são aplicados atualmente na ciência mundial, mostra-se outra importante ferramenta agregadora de conhecimento.

Dado que atualmente, o Youtube é a maior videoteca existente no mundo, contendo extratos de filmes e trailers e umas incontáveis filmagens pessoais sobre os mais diversos temas. Pesquisas apontam, inclusive, esta rede como a segunda mais utilizada para busca (a primeira é o Google).

Por fim a realização de um evento presencial culmina em um ponto alto de todo o trabalho desenvolvido pelo grupo nas reuniões sistemáticas e nas postagens da mídia online. Assim, a organização do IV Desafio e a divulgação do mesmo foi realizada empregando-se o uso da mídia social do Mural G-Biotec e nos murais físicos presentes nos prédios da Universidade Federal de Pelotas nos meses que antecedem o III Espaço Ciência, evento este que visa divulgar as propostas que foram enviadas pelos estudantes, professores e técnicos para as escolas parceiras e para a população em geral pelotense.

O evento é muito mais do que o planejamento, a programação, a execução e o monitoramento de uma sequência de atividades destinadas a um público específico e



realizadas em local apropriado. O evento foi pensado como uma atividade acadêmica e social que gera uma série de benefícios para a sociedade, para a cidade promotora e para a comunidade.

Tomando isto como verdade o III Espaço Ciência ocorrerá no Parque Tecnológico de Pelotas/RS no final do mês de outubro. Neste evento as 31 propostas recebidas pelo grupo do IV Desafio, são dispostas de forma que a população e os estudantes do nível básico das escolas parceiras: possam assistir às palestras a respeito de temas relacionados à biotecnologia e a ciência, e também realizar oficinas e visitar a mostra.

Deste modo, o III Espaço Ciência ocorrendo no Parque Tecnológico de Pelotas/RS durante a XIV Semana Nacional da Ciência e Tecnologia encerra o as atividades programadas para 2017 do Mural G-Biotec, mostrando assim a competência do trabalho até então executado ao longo dos anos pela equipe.

4. AVALIAÇÃO

Conclui-se com este trabalho a importância dos projetos realizados pelo Mural G-Biotec, uma vez que, observa-se uma crescente adesão dos estudantes de graduação e da população em geral as propostas divulgadas pelo Mural. Dessa maneira, a integração academia-sociedade mostra-se um saldo positivo pois os cidadãos aqui em questão, entendem temas bem atuais e relevantes acarretando uma elucidação de temas até então tidos como mitos.

5. REFERÊNCIAS

CACHAPUZ, A. (Organizador). **A necessária renovação do ensino das ciências**. São Paulo: Cortez, 2005.

CAMPOS, Luiz Cláudio, WYSE, Nely e ARAÚJO, Maria Luiza da Silva. Eventos: **Oportunidade de novos negócios**. Rio de Janeiro, RJ: Senac Nacional, 2000.

CHAMUSCA, M.; CARVALHAL, M.. **Comunicação e marketing digitais: conceitos, práticas, métricas e inovações**. Salvador: VNI, 2011.



FUHRMANN, M.B.; MASCARENHAS, L.; VARNES, L.; DANELUZ, L.; BONA, N.; DODE, L.B. **Mural G-Biotec e biotecnologia invade a escola: oficina de germinação in vitro e aclimação de plantas.** In: *III Congresso de Extensão e Cultura/UFPEl*, Pelotas, 2016.

GHENO, S. & SIVA, J. **O uso de artigos científicos como ferramenta para a alfabetização científica.** In: *VI ENCEP/UFRJ*, Rio de Janeiro, 2007.

GONÇALVES, P. R.. **Modalidade e engajamento em editoriais de imprensa paulistana de bairro.** In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOSOFIA. Anais. Rio de Janeiro: CiFEFIL, 2009. 2115- 2127 p. julho de 2016. Online. Disponível em: <http://www.ort.org.br/biotecnologia/o-que-ebiotecnologia>. Acessado em: 01/10/2017.

ORT. **O que é Biotecnologia?** ORT, Instituto de Tecnologia.

RECUERO, R.. **Redes sociais na Internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

SOCIALBAKERS. **Brasil Facebook Statistics.** Disponível: <https://www.socialbakers.com/statistics/facebook/pages/total/brazil/>. Acessada em: 02/10/2017.

UNESCO E ICSU (1999). **Ciência para o século XXI – Um novo compromisso.** Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001315/131550POR.pdf>>. Acessado em 01/10/2017.



“INTRODUÇÃO AO PORTUGUÊS HISTÓRICO”: ANÁLISE DE DADOS REFERENTE A 8 SEMESTRES DO CURSO DE EXTENSÃO¹

GILSON RAMOS LOPES NETO¹; PAULA BRANCO DE ARAUJO BRAUNER²

¹Universidade Federal de Pelotas- *gilson.lopez@teachers.org* - Mestrando-bolsista CAPES DS

²Universidade Federal de Pelotas - *pbrauner@terra.com.br* - Pós-Doutora em Letras Clássicas

1. INTRODUÇÃO

A publicação submetida ao I CEC de 2015 contemplava a análise quantitativa do perfil e dos índices de satisfação dos participantes inscritos nos 4 primeiros semestres do curso extensionista intitulado “Introdução ao Português Histórico” (LOPES NETO e BRAUNER, 2015).

O presente trabalho tem por objetivo apresentar, por meio de outro recorte, uma análise igualmente quantitativa, porém referente aos 8 semestres dessa formação continuada, promovida pela Câmara de Extensão (CaExt) do Centro de Letras e Comunicação (CLC) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Entre outubro de 2013 e agosto de 2017, o acadêmico Gilson Ramos Lopes Neto ministrou 97 aulas a 250 inscritos em 8 edições do curso de extensão universitária em questão, sob a orientação e coordenação da Prof^a Paula Branco de Araújo Brauner.

Ao longo das 320 horas-aula, as formações têm visado proporcionar aos residentes de Pelotas e redondezas uma análise da língua de Camões sob um paradigma pancrônico, i. e. discussões sobre os aspectos diacrônicos internos e externos da lusofonia em comparação com o seu variado panorama sincrônico.

Lamentavelmente, a fim de cumprir a lei nº 4.024 das Leis de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1961), aspectos diacrônicos foram definitivamente abortados do currículo escolares de 1961. Assim, os estudos vernáculos do latim e do português histórico foram impedidos de serem postos em perspectiva e estudados por crianças e adolescentes nos ensinos fundamental e médio.

Esse cenário de educação meramente tecnicista sensibilizou os autores deste resumo e motivou-os a lançar, em 2013, a primeira edição dessa formação extensionista. Direcionada ao público adulto, o curso de “Introdução ao Português Histórico” tem proposto atividades presenciais e à distância. Seu objetivo principal é fugir de um modelo monolítico, estanque, “morto” do ensino e da aprendizagem tradicional do latim, “uma língua viva do passado” (LIMA, 1995). Por conseguinte, os participantes são convidados

¹ O uso do gênero masculino foi adotado exclusivamente para facilitar a elaboração textual do resumo.



a embarcar numa deslumbrante viagem de esclarecimentos, descobertas, questionamentos e comparações não apenas do português com o latim, mas, também, dessas línguas com outros idiomas neolatinos. Relevantes transformações fonéticas, morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas e a correlação inter(intra)-linguística têm sido contempladas nas 8 edições do curso.

Apresenta-se, a seguir, a metodologia utilizada para colher os dados expostos neste trabalho.

2. METODOLOGIA

Este trabalho versou sobre a apresentação dos dados quantitativos divididos em 2 blocos: (i) descrição da formação e (ii) perfil dos participantes. Aquele apresenta: semestre do curso (através do código de controle exposto em ordem cronológica), período, encontros, carga horária, local, data e horário; este aponta a quantidade de: inscritos, discentes da UFPel, aprovados (i. e. inscritos que concluíram o curso), sondagens de satisfação respondidas, abandonos e justificativa de abandono respondida.

Os dados da descrição da formação são oriundos do Descritivo do Curso, documento disponibilizado ao público pelo site² do curso a cada semestre, a fim de centralizar as informações fundamentais para a execução do projeto, como competências-alvo, datas, local e horário dos encontros, referências e link de acesso ao Guia de Bordo (i. e. plataforma do *Google Docs* pela qual os inscritos têm acesso aos textos e exercícios a serem impressos para cada encontro).

Os dados do perfil dos participantes englobam suas informações pessoais, as suas expectativas quanto ao curso, o motivo dos abandonos e as impressões no que tange à formação como um todo. O presente trabalho se restringiu a apresentar quantitativamente os dados dos 2 blocos acima mencionados, sendo expostos, numa ocasião vindoura, os dados analisados qualitativamente (e. g. sondagem de satisfação e expectativa dos participantes).

Os dados do perfil dos inscritos são colhidos em 4 momentos. O primeiro momento ocorre no ato do preenchimento do Formulário Online (criado via *Google Forms*) durante o período de inscrições, contendo 10 perguntas: nome, CPF, data de nascimento, telefones, e-mails, CEP de residência, veículo de divulgação da formação (i. e. como ficou sabendo do curso), se é discente da UFPel (se sim, inscrito em qual curso) e comentários. No segundo momento, já em sala de aula, os participantes respondem

² <http://ilph-caextufpel.blogspot.com.br/>



anonimamente à pergunta “Como você se vê no final desta formação? ”, buscando comparar esses dados do início da formação com a impressão deles após a finalização do curso finalizado. O terceiro momento de coleta ocorre na última aula de cada módulo, no qual os participantes presentes são convidados a responder a 1 questionário impresso: “Avaliação da formação pelos participantes” (sondagem que visa colher as impressões do curso no que concerne ao conteúdo, aos participantes e ao ministrante), preenchido de forma anônima. O quarto momento ocorre por meio digital (e-mail) na ocasião em que o ministrante identifica os inscritos que excederam o número de faltas permitidas por formação, de acordo com as diretrizes do Descritivo do Curso. Assim, o ministrante entra em contato com todos esses inscritos não frequentes pedindo que completem a Sondagem de Abandono (criada via *Google Forms*). Portanto, os relatos do segundo e quarto momentos de coleta de dados não foram contemplados neste resumo, tendo sido aqui expostos apenas a título descritivo do processo como um todo.

A seguir, são apresentados os dados quantitativos e as suas respectivas análises.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Quadro 1 ilustra os dados colhidos dos Descritivos dos 8 semestres do curso de “Introdução ao Português Histórico”.

Formação	Período	Encontros	Carga Horária	Local	Dia e horário
2013'02-01PORT'HIST'1	18.10.2013 – 20.12.2013	9 encontros	40 h.a./mód.	Salis Goulart	Sextas-feiras 9h – 11h30
2014'01-02PORT'HIST'1	24.04.2014 – 31.07.2014	13 encontros	40 h.a./mód.	Salis Goulart	Quintas-feiras 10h – 12h
2014'02-03PORT'HIST'1	04.09.2014 – 20.11.2014	12 encontros	40 h.a./mód.	Salis Goulart	Quintas-feiras 9h30 – 12h
2015'01-04PORT'HIST'1	07.04.2015 – 07.07.2015	13 encontros	40 h.a./mód.	Engenharia de Materiais	Terças-feiras 19h20 – 21h20
2015'02-05PORT'HIST'1	15.09.2015 – 08.12.2015	13 encontros	40 h.a./mód.	Lyceu Riograndense	Terças-feiras 10h – 12h
2016'01-06PORT'HIST'1	06.04.2016 – 29.06.2016	13 encontros	40 h.a./mód.	Lyceu Riograndense	Quartas-feiras 19h – 21h
2016'02-07PORT'HIST'1	27.09.2016 – 20.12.2016	12 encontros	40 h.a./mód.	UFPel Campus Anglo	Terças-feiras 19h – 21h
2017'01-08PORT'HIST'1	06.06.2017 – 22.08.2017	12 encontros	40 h.a./mód.	Salis Goulart	Terças-feiras 19h – 21h
8 edições do curso	8 semestres	97 encontros	320 horas - aula	4 locais	Terças, quintas e sextas-feiras matutinas e noturnas

Fonte: os autores (2017)

Observa-se, acima, que os cursos têm as seguintes médias e regularidades: quase 3 meses de duração, 40 horas-aula por semestre, 12 encontros de 120 minutos de duração cada, nenhum curso ministrado à tarde tampouco aos sábados e variabilidade do local de aula. As 40 horas-aula são resultado da soma de aulas presenciais com atividades à distância (leituras dirigidas). A mudança do local de aula é resultado da restrita quantidade de salas de aula nas proximidades do centro de Pelotas e da inexistência de um local exclusivo para as aulas de extensão. Os movimentos grevistas dos servidores e técnicos da UFPel, desencadeados em alguns semestres, não prejudicaram efetivamente a execução das atividades extensionistas. Nenhuma das edições ocorreu à tarde, tampouco aos sábados no intuito de acolher maior público tanto de não acadêmicos quanto de acadêmicos, pressupondo que os interessados já estivessem pelas imediações do centro de Pelotas para cumprir suas atividades cotidianas.

Os resultados apresentados na Tabela 1 mostram um levantamento geral em números, servindo como um “termômetro” da apreciação indireta das 8 edições do projeto de extensão.

Tabela 1: Dados quantitativos extraídos dos formulários online e das listas de presença

Formação	Matriculad@s e em espera	Da UFPEl	Sem resposta	Não alunos da UFPEl	Aprovad@s	Sondagens respondidas	Abandonos	Abandonos justificados
2013'02-01PORT'HIST'1	33	25	2	6	18	19	15	2
2014'01-02PORT'HIST'1	21	17	3	1	7	6	14	2
2014'02-03PORT'HIST'1	25	16	7	2	12	12	13	1
2015'01-04PORT'HIST'1	36	13	14	7	11	9	25	7
2015'02-05PORT'HIST'1	25	22	0	2	8	8	14	3
2016'01-06PORT'HIST'1	41	23	0	18	9	9	32	10
2016'02-07PORT'HIST'1	22	13	0	9	6	6	16	3
2017'01-08PORT'HIST'1	47	33	0	14	18	17	29	8
8 edições do curso	250	162	26	59	89	86	158	36

Fonte: os autores (2017)

Apesar de não se tratarem de dados qualitativos, os números sugerem leituras satisfatórias acerca da formação extensionista à comunidade civil de Pelotas e redondezas. O número de aprovados representa 35,6% do total de indivíduos que preencheram o formulário online “Candidaturas”, portanto não contabilizou os participantes assíduos que, por motivos diversos, tiveram de abandonar a formação. A taxa de abandono é expressiva: 63,2%, apesar desse cenário não ser diferente dos demais cursos de extensão do CLC. Dentre os 158 abandonos registrados, 22,8% justificaram o motivo da evasão da sala de aula. Apesar de esse ponto não ser contemplado neste resumo, o principal motivo de abandono concerne à falta de tempo (sobrecarga de atividades profissionais, acadêmicas e pessoais). A grande maioria dos inscritos são discentes da UFPEl (64,8%). A massiva divulgação centralizada no site do CLC e da UFPEl pode ser um reflexo de ainda haver mais participantes do meio acadêmico que do não acadêmico. Haveria necessidade de que a divulgação alcançasse a Prefeitura, as escolas e os colégios pelotenses a fim incluir a sociedade civil nas atividades extensionistas da UFPEl.

4. CONCLUSÕES



Os dados apresentados neste resumo apontam que o curso extensionista “Introdução ao Português Histórico” tem alcançado o seu objetivo principal durante os 8 semestres: levar pesquisas e estudos científicos das origens da lusofonia para fora dos muros da universidade, aproximando a comunidade civil da produção acadêmica.

Para que isso ocorra, as estratégias de divulgação merecem ser revistas para que o público não acadêmico tome ciência das atividades extensionistas e que acabe por retomar o hábito da sala de aula.

Em paralelo, sondagens de satisfação, de expectativa e de abandono precisam ser adotadas pelas CaExt para atender, com o maior grau de excelência possível, às expectativas da sociedade civil, em consonância com o proposto em Lopes Neto e Brauner (2015).

Essa viagem às origens do português há de continuar por meio de outras edições dessa formação, proporcionando a construção do conhecimento a baixo custo e de qualidade para os residentes de Pelotas e redondezas.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei 4024, de 20 de dezembro de 1961**. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: DF. 1961.

LIMA, Alceu Dias. **Uma estranha língua?** São Paulo: UNESP, 1995.

LOPES NETO, Gilson R.; BRAUNER, Paula B. A. Introdução ao Português Histórico: análise de dados referente a 4 semestres do curso de extensão. In. **Anais [recurso eletrônico] do 2 Congresso de Extensão e Cultura da UFPel: memórias e muitos tempos**; 21 a 26 set 2015 em Pelotas/Organizado por Francisca Ferreira Michelin, João Fernando Igansi Nunes, Denise Marcos Bussolletti. – Pelotas: Ed. da UFPel, 2015, p165-169. Disponível em: <<http://wp.ufpel.edu.br/congressoextensao/files/2015/11/Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>>.



A FOTOGRAFIA E A ARTE POSTAL COMO OBJETOS DE REFLEXÃO DENTRO DA REALIDADE ESCOLAR

GUILHERME SUSIN SIRTOLI¹; DHARA FERNANDA NUNES CARRARA²;
CLÁUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO³

¹Universidade Federal de Pelotas – guisusinsirtoli@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – dharafernanda.nunes@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – attos@vetorial.net

1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem como mote principal relacionar a fotografia como prática agu-çadora do olhar reflexivo a atividades realizadas em diferentes escolas nas cidades de Pelotas e Rio Grande, integrando as ações do projeto de extensão “PhotoGraphein vai à Escola” (CA/UFPel). Tal projeto se insere no âmbito das ações de extensão do PhotoGraphein – Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPel/CNPq), sediado no Centro de Artes, da Universidade Federal de Pelotas, levando para a realidade escolar o resultado de pesquisas desenvolvidas no Núcleo. O “PhotoGraphein vai à Escola” também integra as ações do Programa Arte, Educação e Cidadania, da referida universidade, coordenado pela professora Nádia Senna.

Desde os primórdios da construção da câmara escura foram necessários séculos para que se descobrisse como fixar a imagem que a mesma produzia. Foram cerca de meia década de estudos para que Niepce e Daguerre, paralelamente, fizessem a incrível descoberta da fixação e a patenteassem (BENJAMIN, 1994). A invenção fotográfica já era esperada, e desde o momento da sua criação foi vista como uma representação fiel da realidade. Existe um consenso de que o processo fotográfico ‘presta as contas ao mundo com a maior fidelidade’, atribuindo-lhe uma credibilidade com um peso singular do real (DUBOIS, 1993).

O conceito de imagem foi se aprimorando, e diferentemente da pintura e do desenho que podem ou não ser representativas do real, a fotografia é um vestígio da própria realidade (SONTAG, 2013). Sendo assim, as interpretações acerca da imagem fotográfica são muito mais abrangentes e nos mostram que a fotografia é um registro de uma situação real sob o ponto de vista do fotógrafo. Sendo assim, consideramos importante evidenciar tais fatos e a partir disso realizar atividades que promovam a reflexão e a indagação, despertando nos escolares a dúvida investigativa acerca da realidade (re) apresentada em imagens.



A proposta do projeto é a de entabular tais discussões resgatando práticas históricas, assim como as da fotografia pinhóle e as da Arte Postal. Os conhecimentos relacionados à Arte Postal permitem a reflexão crítica sobre o mundo, e a (re)descoberta do contexto social, político e histórico através de imagens que podem ser compartilhadas, inclusive, via postal. Quando adotadas, as práticas em Arte Postal expõem as modificações operadas pelos recursos tecnológicos e seus produtos nos hábitos cotidianos dos sujeitos em interação com o meio, sendo um tema que possibilita a aproximação das Artes Visuais de outras disciplinas e de seus conteúdos.

2. DESENVOLVIMENTO

Durante o segundo semestre de 2016, foram realizadas atividades nas escolas EMEF Peixoto Primo e EMEF Joaquim Nabuco, com foco na Arte Postal. E a opção por essa prática artística, se deve também ao fato das escolas envolvidas se situarem em diferentes contextos: a primeira localizada num bairro da periferia da cidade de Pelotas, urbana, e a outra no Balneário Cassino, em Rio Grande, na beira da praia.

Foram desenvolvidas aulas expositivas, saídas de campo e práticas que tinham como objetivo principal estimular o olhar fotográfico e a partir disso proporcionar aos estudantes a manifestação artística e crítica perante um recorte da realidade via fotografia. Para Dubois, o ato fotográfico implica em um gesto, um recorte da própria realidade, pois “Ao cortar, a ato fotográfico faz passar para o outro lado (...) de um tempo evolutivo a um petrificado, do instante a perpetuação, do movimento a imobilidade, do mundo dos vivos ao reino dos mortos” (1993, p. 168).

Na Escola Joaquim Nabuco, junto com a professora Amanda Corrêa, foi proposta no primeiro encontro uma saída de campo para que os alunos fotografassem o entorno da escola. Os comentários dos próprios estudantes eram diversos, pois não queriam mostrar apenas o que era considerado ‘belo’, mas sim a realidade dos arredores de um local onde permanecem por muito tempo, e que mesmo assim, não estão acostumados a olhar com atenção (Figura 1).



Figura 1: Imagem capturada por estudante da EMEF Joaquim Nabuco, fotografia, 2016.
Acervo do projeto.

Após a saída e impressão do material fotográfico, as imagens foram utilizadas para a confecção dos postais, que também receberam intervenções expressivas, conforme a vontade de cada um. Os alunos do Joaquim Nabuco estavam no quarto ano do ensino fundamental, mas demonstraram senso crítico e estético, evidenciando a poluição e o lixo ao redor da escola em suas produções fotográficas. Para o sucesso de tal atividade, foi fundamental discutir com eles sobre as próprias atitudes, as atitudes dos outros, e as respectivas consequências, e dessa forma integrar conhecimento à própria vida, melhorando a própria conduta (MORIN, 2003).

Segundo Marcos Reigota (1999, p. 65), o modelo da “American Way of Life”, adotado não só em países considerados desenvolvidos, é baseado no estilo de vida consumista, o qual faz com que sejam consumidas grandes quantidades de produtos perecíveis, desnecessários, descartáveis a cada minuto. A problemática do consumismo abordada por Reigota está refletida nas imagens produzidas pelos estudantes, que evidenciam o lixo e as embalagens jogadas ao redor do ambiente escolar.

Para os alunos da EMEF Peixoto Primo, a relação dos mesmos com a praia foi evidenciada nas produções fotográficas. Cabe destacar que essa é uma escola relativamente pequena, entretanto, pode-se perceber que a garotada é mais crítica acerca dos fatos cotidianos, talvez pelo estímulo que recebem através de diferentes projetos que acontecem na escola. Além disso, a praia acabou sendo o mote reflexivo principal da disciplina de Artes conduzida pela professora Xênia Velloso, e as turmas passaram a vê-la de modo diferente, a partir de um olhar fotográfico, que problematiza questões ambientais pertinentes à comunidade rio-grandina (Figura 2).



Figura 2: Imagem capturada por estudante da EMEF Peixoto Primo mostrando o barro presente na praia, fotografia, 2016. Acervo do Projeto

Com a suspensão do calendário acadêmico da Universidade Federal de Pelotas, em outubro de 2016, o projeto foi interrompido e retomado em abril de 2016, com o envio dos postais. E Através das atividades com Arte Postal os escolares das duas cidades foram colocados em contato, compartilhando percepções sobre seus contextos e dessa forma promovendo conhecimentos a partir de outras perspectivas.

3. RESULTADOS

Os resultados indicaram que o grupo ampliou o entendimento sobre como a sociedade se relaciona com as imagens que produz, transgredindo as percepções socialmente consagradas e estabelecendo formas criativas de comunicação, como possibilidades de processos reflexivos, filosóficos e artísticos acerca da compreensão de nós mesmos e do mundo. A importância dessas práticas repousa na potencialidade oferecida para o desenvolvimento de múltiplas aprendizagens decorrentes da reflexão crítica sobre as próprias vivências, possibilitando a transformação do vivido em experiências formadoras para todos os envolvidos.

4. AVALIAÇÃO

O exercício de ler o mundo nas entrelinhas dos signos possibilitou aos participantes do projeto ver, observar, selecionar, descobrir, revelar e revelar-se, transgredindo os limi-



tes da presença e da ausência, alargando a capacidade humana de simbolização. Com suas manifestações próprias perante a linguagem fotográfica e o contato com a Arte Postal criou-se um suporte das subjetividades e manifestação dos imaginários. Não restrita a uma linguagem ou técnica artística, a confecção, distribuição e apresentação dos postais foi uma alternativa aos tradicionais meios de circulação e exposição de objetos artísticos. Além disso, o projeto proporcionou à maioria dos participantes a descoberta dos correios como mediador das comunicações, visto que os escolares costumam se comunicar através dos meios virtuais e de suas redes sociais.

Através das discussões e das atividades práticas foi possível desenvolver nas escolas reflexões teóricas e estéticas acerca das transformações ocorridas no mundo contemporâneo, devidas principalmente à difusão da tecnologia digital, que determinam novos modos comunicacionais mediados pelo computador e a internet. Mais do que isso foi aberto um espaço para que problematizassem as suas relações particulares com as suas cidades, expondo as diferenças entre as vivências dos sujeitos e suas relações com o espaço urbano.

5. REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, Arte e política – Ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. São Paulo: Papyrus, 1993.

MORIN, E. **A cabeça bem feita. repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

REIGOTA, M. **A Floresta e a Escola: por uma educação ambiental pós-moderna**. São Paulo: Cortez, 1999.

SONTAG, S. **Ensaios sobre a fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.



UMA FORMA ANIMADA E ORIGINAL DE CONHECER PELOTAS

ISABELA MARIA SANTOS SILVA¹, BRUNA LETICIA DA SILVA BUENO²,
JÉSSICA CORRÊA PEREIRA³, ELIANE LEAL DE BEM FARIAS⁴,
LILIAN LORENZATO RODRIGUEZ⁵

¹Universidade Federal de Pelotas - isabelamariassilva@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - bruleticiab@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - jesscorreapereira@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas - eliane__farias@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas - lialorenzato@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O Grupo de Ação e Pesquisa em Educação Popular – GAPE, da Universidade Federal de Pelotas, faz parte do Programa de Educação Tutorial – PET, sendo ele Conexões de Saberes, tendo assim, bolsistas de várias áreas de atuação. O PET GAPE trabalha tendo como base os princípios da educação popular, na qual se acredita que o processo de transformação do ensino deve se dar na coletividade, de modo que comunidade e escola trabalhem juntas, valorizando e fomentando os saberes populares para construir uma escola enraizada com a cultura local e comprometida com a gestão democrática.

A parceria do GAPE com a Escola Municipal de Ensino Fundamental - EMEF Machado de Assis, localizada no município de Pelotas/RS, busca desenvolver um estudo sistemático em torno da relação entre a organização das ações e práticas pedagógicas da escola e as questões próprias da Educação Popular, baseando-se no diálogo problematizador com os indivíduos, através dos conhecimentos sobre a sua realidade. Neste processo, cada um dos sujeitos e o coletivo se constroem como protagonistas de suas histórias.

Neste sentido, o PET GAPE realiza ações de pesquisa, ensino e extensão através de uma parceria com a escola, onde realiza atividades que têm por objetivo contribuir com o desenvolvimento dos conteúdos curriculares e o resgate dos saberes de cada sujeito nas atividades de sala de aula. Para isto é construído gradativamente um relacionamento próximo à escola parceira, através da integração do grupo em projetos, eventos, bem como participação em reuniões e acompanhamento de diversas atividades. Essa postura efetiva um diálogo profundo e recíproco com a comunidade escolar. Deste modo, é possível compreender os limites que decorrem da falta de material didático apropriado à realidade do educando e aos conteúdos curriculares, além de outras



dificuldades enfrentadas. Esta aproximação e parceria estão integradas ao projeto de pesquisa do grupo “Educação Popular: um desafio à escola pública”.

O fato de o GAPE ser constituído por bolsistas de diferentes cursos de graduação, característica própria dos Grupos Conexões de Saberes, possibilita que este atue de forma interdisciplinar, promovendo a integração de atividades pedagógicas com produções audiovisuais, por exemplo. Assim, a relevância desta proposta se expande para contribuir de forma interdisciplinar na construção e troca de saberes na formação acadêmica, e também para a qualificação dos processos escolares e integração com a comunidade e cultura local.

Desta forma, tanto o bolsista que está em processo de formação quanto todos aqueles que compõem a escola parceira estão sendo beneficiados através de um processo colaborativo de intercâmbio de experiências. E neste sentido, também estará se efetivando um trabalho de aproximação entre universidade e sociedade.

Partindo disso, o PET GAPE trabalhou em parceria com a Escola Machado de Assis para a realização de uma animação educativa e divertida que surgiu da decorrente necessidade de materiais didáticos que abordassem sobre a história de formação da cidade de Pelotas e sua cultura. Tendo em vista o conteúdo curricular e a necessidade de se trabalhar com aspectos históricos da cidade de Pelotas que estão presente no cotidiano escolar e ainda não são bem conhecidos, foi que surgiu a necessidade de se fomentar um processo educativo que levasse os educandos a compreensão da história da cidade de forma participativa, enraizada e que incitasse o sentimento de pertencimento.

2. DESENVOLVIMENTO

Primeiramente, se deu a aproximação do grupo com a escola e o conhecimento da realidade concreta da sua comunidade, pois o grupo segue os princípios da educação popular, que é uma prática pedagógica que enaltece os conhecimentos do povo e trabalha com base na realidade na qual a comunidade está inserida para a construção de uma escola cidadã e ativa.

[...] Trabalhar lucidamente em favor da escola pública, em favor da melhoria de seus padrões de ensino, em defesa da dignidade dos docentes, de sua formação permanente. Significa lutar pela educação popular, pela participação crescente das classes populares nos conselhos de comunidade, de bairro, de escola. Significa incentivar a mobilização e a



organização não apenas de sua própria categoria, mas dos trabalhadores em geral como condição fundamental da luta democrática com vistas à transformação necessária e urgente da sociedade brasileira (FREIRE, 2000, p. 50).

Logo, se mapeou os temas que seriam abordados, criando um roteiro de estudos sobre os prédios e casarões que eram relevantes no processo de aprendizado sobre a história de formação de Pelotas/RS.

Posteriormente, foi aberto o diálogo e criado um momento de discussão com os educandos para abordar questões sobre os espaços, fazendo-os pensar sobre “quais desses ambientes já conheciam”, “quais já haviam visitado”, “o que sabiam sobre a história de Pelotas”, “como estes prédios surgem e qual a sua importância na história da cidade”. A partir destas ações se percebeu que mesmo esses lugares estando diariamente presentes na rotina de muitos, suas histórias muitas vezes eram desconhecidas para a maioria daquelas crianças ou as conheciam superficialmente.

Colhidas estas informações, foram realizadas aulas passeio e visitas orientadas aos prédios e praça do centro histórico. O GAPE acompanhou a escola na realização destas atividades no Centro Histórico Pelotense, que compreende principalmente a orla da Praça Coronel Pedro Osório, localizada no centro da cidade. Nela se encontram os principais prédios que esbanjam beleza em seus projetos arquitetônicos e que constituem a história local, nos quais moraram barões, duques e importantes nomes da história brasileira. Foram visitas guiadas por pessoas que trabalhavam nos lugares demarcados e que verdadeiramente dominavam a história e o valor histórico daquele prédio para a formação da cidade de Pelotas.

De volta à sala de aula, os educandos foram orientados a relatar a experiência, apontando os momentos mais marcantes da visita, as histórias que lhes eram mais curiosas, as construções que mais lhes chamaram a atenção, e tudo mais que lembravam sobre as aulas passeio, fazendo isso em forma escrita e através de ilustrações. Também foram organizadas na escola atividades para que os educandos pudessem ter elementos para sistematizarem os aprendizados decorrentes do Projeto Conhecendo Pelotas.

Feito isso, as educadoras reuniram esses materiais e, juntamente a bolsista de Cinema de Animação, Isabela Maria Santos Silva, planejaram uma forma de transmitir esses conteúdos de maneira dinâmica e simples, pois se trata de uma ação popular. Como afirma Peruzzo: “A comunicação popular foi também denominada de alternativa, participativa, horizontal, comunitária e dialógica, dependendo do lugar social e do tipo

de prática em questão. ” (PERUZZO, 2006, p. 2).

Surgiu, então, a proposta de criar uma animação a partir da experiência dos educandos, para fins de registro dos aprendizados, de modo que estes contribuam com o desenvolvimento apropriado dos conteúdos curriculares, para que fossem entendidos de forma divertida e a partir de suas produções originais.

3. RESULTADOS

Na etapa de pré-produção do produto audiovisual, primeiramente foi estudada qual seria a melhor abordagem para efetivar o diálogo entre a criança e o conteúdo com o qual se quer transmitir. Optou-se então pela existência de um personagem que apresentaria as imagens dos prédios históricos por uma televisão, e conforme a animação progride, esse personagem conta um pouco das histórias daquele lugar.

Deste modo, foi feito um estudo sobre o *design* desse personagem, para que ele se enquadre na realidade vivida pelos educandos da escola e se aproxime ainda mais dos mesmos. Já que grande parte das crianças da EMEF Machado de Assis são negras, foi decidido que o personagem também teria tal particularidade, pois além de demonstrar diversidade, representatividade é um fator extremamente importante. Como a cidade de Pelotas é conhecida pelos seus doces, foi determinado que o personagem também pudesse aderir isso ao seu traje e, então, estaria fantasiado de brigadeiro, doce consagrado na cidade. Foi feito por fim um estudo de cenário e de traço, optando-se por um desenho cartunizado, de estética minimalista e simplificado, pois se trata de um produto destinado para crianças no qual o foco principal deve ser a apreensão do conteúdo.

Enquanto esse conteúdo ia sendo produzido, como resultado ele também trouxe aprendizados, não somente para as crianças as quais o produto se destinava, mas também para quem estava trabalhando nas pesquisas ou na elaboração da animação, aproximando os bolsistas da realidade e da cultura pelotense e de sua comunidade. Somado a isto, a produção de um material próprio e apropriado potencializa o desejo da escola de produzir materiais didáticos de forma original, significativa, autônoma e criativa.

É importante ressaltar que, com o projeto finalizado, ele foi exibido para os alunos, pais, professores e funcionários, em uma pequena mostra de trabalhos, com o tema “Conhecendo Pelotas”, realizada para e pela escola. Nela foram apresentados os materiais desenvolvidos ao longo do ano letivo dentro dessa temática, elaborados pelos educandos de todas as idades, bem como os projetos parceiros, como a animação sobre



o Centro Histórico Pelotense, aqui apresentada, além de um produto audiovisual que apresenta as charqueadas, também desenvolvido pela equipe do PET GAPE.

Além disso, o trabalho foi também publicado e compartilhado em todas as plataformas virtuais do PET GAPE, de forma que fique acessível à comunidade em geral, para que esse conteúdo possa ser difundido para mais pessoas, e não se limite ao âmbito escolar.

4. AVALIAÇÃO

Numa realidade onde as escolas atuam de maneira conteudista e padronizada, surgiu a necessidade de se trabalhar com materiais didáticos originais e alternativos, reafirmando ainda mais a necessidade e a importância desse trabalho. A EMEF Machado de Assis pôde, através da parceria e do contato próximo com o PET GAPE, elaborar um produto autêntico e diferenciado que suprisse essa carência, ressaltando a importância do diálogo entre a universidade e a comunidade, de modo que uma auxilie a outra, promovendo uma troca de saberes e também proporcionando aos educandos uma maneira prazerosa e contextualizada de aprender.

O presente trabalho colaborou dando aos bolsistas a oportunidade de colocar em prática seus aprendizados de graduação, sendo que todos, individualmente, puderam trabalhar em suas áreas de atuação, para promover um resultado coletivo. Deste modo as graduandas de pedagogia atuaram com a pesquisa, a de psicologia no sentido de encontrar métodos de abordagem, e a graduanda do cinema elaborando a animação como um todo.

Através da pesquisa aprofundada sobre o centro histórico pelotense, os bolsistas puderam também se aproximar da cultura e tradição local, na qual os integrantes nativos tiveram enriquecido o seu conhecimento e os integrantes advindos de outras cidades puderam estar mais próximos e familiarizados com a cidade e suas histórias.

O GAPE guiado pelos princípios da educação popular soma seus projetos de pesquisa, ensino e extensão e efetiva a proposta de parceria com a escola pública, o que torna as experiências e resultados mais enriquecedores.

5. REFERÊNCIAS



FREIRE, P. **A Educação na Cidade**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

PERUZZO, Z. M. K. Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 29 ed., Brasília, 2006.



UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE: PERCEPÇÃO SUBJETIVA DOS IDOSOS EM RELAÇÃO AO PROGRAMA

JÉSSICA CAMPOS DAS NEVES FARIA¹; ADRIANA SCHÜLER CAVALLI²

¹Discente do Curso de Bacharelado em Turismo. Universidade Federal de Pelotas –
Faculdade de Administração e Turismo - jcnevesf@gmail.com.

²Coordenadora da Universidade Aberta à Terceira Idade da UFPel. –
Escola Superior de Educação Física - adriscavalli@gmail.com.

1. APRESENTAÇÃO

O programa Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) foi desenvolvido inicialmente na França na década de 1960, objetivando promover o direito humano fundamental do idoso à educação, apontado como uma necessidade da sociedade no momento do seu surgimento (CUNHA, MAIOLI, 2014). A reinserção do idoso na sociedade passa a ser uma forma de garantir seus direitos fundamentais, além de trabalhar com a velhice.

Este envelhecimento da população leva a sociedade à necessidade de mudança de paradigma de como entender a terceira idade e ampará-la. O idoso, que outrora era marginalizado ao ser entendido como ser inútil por uma sociedade capitalista que via nele um ser improdutivo e sem função [...], passa a ser visto como pessoa humana, que possui o direito de conviver em sociedade e envelhecer com dignidade e qualidade de vida. (CUNHA, MAIOLI, 2014, p. 3).

Segundo Inouye, Orlandi, Pavarini e Pedrazzani (2017) a exclusão social sofrida pelos idosos é responsável por muitos dos problemas patológicos dessa fase da vida reiterando a importância do acesso a UNATI as pessoas da terceira idade.

A Universidade Federal de Pelotas desenvolve o programa UNATI desde 2016, primeiramente como um programa piloto, e em 2017 a UNATI é efetivada e consolidada no Conselho Coordenador do Ensino, da Pesquisa e da Extensão (COCEPE-UFPel), com o intuito de oportunizar a comunidade da cidade de Pelotas e cidades vizinhas, um espaço educacional, social e cultural.

Entender a percepção dos alunos do programa quanto a sua estrutura e funcionamento se faz necessária, pois uma avaliação diagnóstica favorece melhorias no mesmo. Deste modo, este estudo visa averiguar a opinião dos idosos matriculados e participantes assíduos da Universidade Aberta à Terceira Idade da UFPel, no primeiro semestre de 2017 quanto as aulas/disciplinas ofertadas, como tem se dado o convívio com os colegas e coletar sugestões e críticas sobre o programa.

2. DESENVOLVIMENTO

Este estudo descritivo observacional (THOMAS, NELSON, 2002) foi realizado com todos os participantes do programa Universidade Aberta à Terceira Idade, da Universidade Federal de Pelotas (UNATI/UFPel), matriculados no primeiro semestre de 2017 e distribuídos entre as três turmas existentes.

Todos os idosos foram convidados a participar do estudo, com o intuito de ouvir a opinião de todos os alunos da UNATI/UFPel. O estudo se desenvolveu no período de 11 de Julho a 24 de Julho de 2017. O total da amostra foi de 53 indivíduos, sendo que não participaram da amostra somente os alunos que estavam matriculados e vieram a desistir do programa ou faltaram nas aulas em que o questionário foi aplicado.

Foi utilizado um questionário de perguntas abertas e fechadas baseado em artigos sobre a UNATI e o funcionamento do programa em outras universidades (OLIVEIRA, OLIVEIRA, 2008; CACHIONI, 2012). Sendo assim, o instrumento de pesquisa averiguou os seguintes temas: a) Quando começou a frequentar as aulas da UNATI/UFPel?; b) O que você acha dos conteúdos abordados nas aulas do programa?; c) Como é o seu convívio com os outros alunos?; d) Como é o seu convívio com os professores?; e) Você pretende cursar outras aulas na UNATI em outros semestres?; f) Como você ficou sabendo da UNATI/UFPel?; g) As aulas da UNATI interferiram na sua vida de forma positiva? Se sim, como?; h) Sugestões e/ou críticas do programa UNATI/UFPel. As perguntas fechadas foram analisadas quantitativamente, em valores absolutos e percentuais, e as perguntas abertas foram descritas na íntegra sendo agrupadas por semelhança de conteúdo.

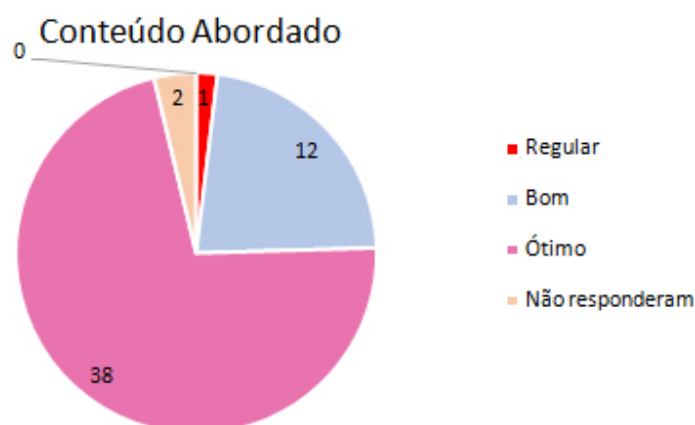
3. RESULTADOS

De acordo com os dados coletados a UNATI/UFPEL no primeiro semestre de 2017 possuía 75 alunos matriculados sendo que 53 destes participaram na amostra. Em relação ao total da amostra 47 idosos (89%) eram mulheres e somente 6 (11%) homens. Quanto a idade dos mesmos, 19 idosos (36%) possuíam idade entre 60-65 anos; 15 idosos (28%) de 66-70 anos; 8 (15%) entre 71-75 anos; 5 (10%) entre 76-80 anos e 6 idosos (11%) com mais de 81 anos.

Quando questionados sobre o ano de ingresso no programa UNATI/UFPEL foi detectado que 26 idosos iniciaram no corrente ano, sendo no semestre 2017.1, e 24 idosos ingressaram no ano de 2016, sendo 17 no semestre 2016.1 e 7 no semestre 2016.2.

Em relação a opinião dos idosos quanto aos conteúdos abordados nas disciplinas, foi possível observar que 38 idosos consideram os mesmos como “Ótimo”, e 12 como “Bom”, conforme Figura 1 abaixo. Os dados demonstram que os idosos estão gostando dos conteúdos desenvolvidos nas aulas.

Figura 1 - O que você acha dos conteúdos abordados?



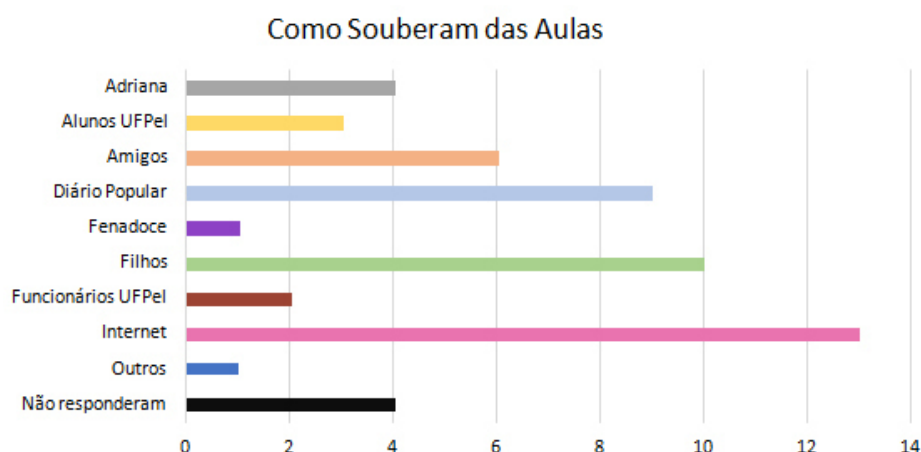
Fonte: Questionário dos autores, 2017.

Os idosos afirmaram que o convívio com os colegas é “Bom” para 36% dos participantes e 64% responderam que o convívio com os colegas é “Ótimo”. Já em relação ao convívio com os professores, 11 alunos responderam que o convívio é “Bom” e 41 responderam ser “Ótimo”, apenas um aluno não respondeu a esta questão. Neste quesito, os dados demonstram que os idosos têm uma percepção muito positiva do convívio com seus colegas de aula, assim como também do convívio com seus professores.

Sobre a pretensão de continuar a cursar outras aulas da UNATI/UFPeI, 52 participantes responderam positivamente e somente um participante respondeu que não (conforme relatado em aula por este aluno, o mesmo estava pensando em viajar no segundo semestre e realizar outras atividades).

Ao serem questionados sobre como souberam das aulas do programa, a grande maioria soube pela internet (site da UFPeI publicou nota de abertura de vagas e edital de inscrição), pelos filhos e pelo Diário Popular (jornal local que publicou notícia sobre a abertura de vagas para o programa), conforme Figura 2 abaixo.

Figura 2 - Como você ficou sabendo das aulas da UNATI?



Fonte: Questionário dos autores, 2017.

E ainda quando os idosos foram questionados se “As aulas da UNATI interferiram na sua vida de forma positiva? Se sim, como?” foram relatadas as seguintes falas:

- “Sim e muito. Saí do comodismo, aprendo cada vez mais, relacionamentos novos, novos conhecimentos no geral. Me sinto útil.” (Idoso 07)
- “Sim, pois a volta para a universidade é um dos meus objetivos depois de aposentada.” (Idoso 13)
- “Muito positiva pois criei coragem para continuar me especializando em sociologia.” (Idoso 23)
- “A melhor coisa que fiz nos últimos anos. Convívio e interação grupal, ótimo.” (Idoso 38)
- “Sim, muito. Ficou muito mais divertida.” (Idoso 47)
- “Sim. Fiquei muito mais ativa.” (Idoso 50)



Já no espaço para sugestões e/ou críticas, a maioria das respostas sinalizaram o aumento das aulas, ter mais vagas e dias por semana, e mais acessibilidade às pessoas com dificuldade de mobilidade.

4. AVALIAÇÃO

Sendo assim, este estudo possibilitou uma visão mais abrangente da percepção dos idosos participantes na UNATI/UFPEl perante o programa onde foi associada a volta aos bancos acadêmicos a um acréscimo na qualidade de vida, sendo percebidos ganhos significativos desde o primeiro ano de intervenção. Através da reinserção na sociedade os indivíduos idosos se sentem realizados, úteis, capazes e importantes no meio em que estão inseridos.

5. REFERÊNCIAS

CACHIONI, M. Universidade da Terceira Idade: história e pesquisa. **Revista Temática Kairós Gerontologia**. p. 01-08. São Paulo. 2012. Acessado em 07 jul 2017. Online. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile/15225/11354>

CUNHA, H. D. O e MAIOLI, P. L. UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE (UNATI): POLÍTICA PÚBLICA DE PROMOÇÃO E DEFESA DO DIREITO FUNDAMENTAL À EDUCAÇÃO DO IDOSO. In: Carlos Luiz Strapazzon, Adir Ubaldo Rech, Oscar Ivan Prux. (Org.). **(Re) Pensando o Direito: Desafios para a Construção de novos Paradigmas**. 1ªed. Florianópolis: CONPEDI, 2014, p. 479-497. Acessado em 04 jul. 2017. Online. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=ebae5f81d1c4563a>

INOUE, K. ORLANDI, F. S. PAVARINI, S. C. L. PEDRAZZANI, E. S. EFEITO DA UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE SOBRE A QUALIDADE DE VIDA DO IDOSO. **Scielo. Educ. Pesqui.** vol.43 n.3. São Paulo jul./set. 2017. Acessado em 22 set. 2017. Online. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022017005009105&script=sci_abstract&lng=pt

OLIVEIRA, R. C. OLIVEIRA, F. S. UNIVERSIDADE ABERTA E A EDUCAÇÃO PARA



A TERCEIRA IDADE. **VI Congresso Português de Sociologia Mundos sociais: saberes e práticas**, v. 1, p. 1-12. 2008. - Acessado em 07 jul 2017. Online. Disponível em: <http://docplayer.com.br/4424232-Titulo-da-comunicacao-universidade-aberta-e-a-educacao-para-a-terceira-idade.html>

THOMAS, J.R.; NELSON, J.K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3ª ed. Porto Alegre, Artmed Editora, 2002.



APLICAÇÃO DO CURSO O ROLE PLAYING GAME E O IMAGINÁRIO DO NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA

JEEAN KARLOS SOUZA GOMES¹; JOÃO LUIS PEREIRA OURIQUE²;

¹Universidade Federal de Pelotas – jeeankarlos@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas) – jlourique@pq.cnpq.br

1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho é o resultado do curso de extensão “O *role playing game* e o imaginário do negro na literatura brasileira” que visou difundir o papel do negro na literatura brasileira, a sua representação, a sua contribuição e também uma pequena introdução à mitologia iorubá. É importante ressaltar que a cultura negra é, muitas vezes, deixada de lado nas escolas, sendo trabalhada apenas no dia da consciência negra: 20 de novembro, por conta disso, foi pensada a execução deste curso. Vale frisar que a literatura foi usada aproveitando seu potencial, pois ela possui um caráter ficcional ou dramático, estando presente nas civilizações primitivas às avançadas, é uma produção artística recorrente em várias culturas (CANDIDO, 1995). Então a literatura demonstra ser um terreno propício para resgatar visões, padrões sociais, mitos e hierarquias de épocas estranhas da nossa, porém pertencentes à nossa história.

Com o intuito de construir um diálogo entre jovens e textos literários, foi utilizado o *RPG*, pois além de ter explorado o lado lúdico do curso, explorou também o panteão iorubá o qual fica segregado nos rituais religiosos como escreve Franchini e Segnanfredo (2009, p. 7):

um fato claramente observável é o de que os deuses africanos continuam a estar em segundo plano na preferência dos aficionados pela mitologia, como se fossem deuses menores ou de pouca importância. (Basta observar, p. ex., os manuais de *RPG* – jogo virtual caracterizado pela apropriação maciça de elementos ficcionais oriundos da mitologia universal-, para verificarmos a quase total ausência dos deuses negros no panteão das divindades consideradas dignas de tomarem parte nos seus rocamboles interativos.

O RPG surgiu nos Estados Unidos na década de 70 do século passado com sua primeira versão chamada de *Dungeons & Dragons* (Masmorras e Dragões, em português). E foi inspirado no jogo de tabuleiro WAR, porém com uma dinâmica peculiar, em que, diferentemente do jogo que o inspirou cuja o jogador controla um exército, no RPG o jogador controla apenas uma personagem, passa interpretá-la explorando suas fobias, habilidades e fraquezas.

Outras idiossincrasias surgiram no jogo, como por exemplo o mestre responsável por narrar a história, dados de múltiplos lados, um enredo mais consistente e etc. O RPG possui um aspecto coletivo, o jogo tem característica colaborativa e interativa entre o grupo dos jogadores o que possui ecos da Teoria Histórico-cultural de Vygotsky.

2. DESENVOLVIMENTO

A metodologia utilizada foi o *role playing game*. A justificativa para essa modalidade de jogo é por ser algo artesanal e de fácil confecção, uma vez que o jogo de mesa necessita apenas de alguns materiais como: lápis, caneta, folhas de papel, fichas de personagens, dados de seis lados sendo de fácil acesso para todos. Além do mais, foi possível estabelecer o lado lúdico sem retirar a complexidade do texto literário, já que, como escreve (OURIQUE, 2015 p. 198) “O prazer provocado, as respostas dadas (muitas vezes ditadas de uma enganosa obscuridade, mas que apresentam de maneira quase sempre clara e direta) não possuem uma preocupação com o suposto *amadurecimento* do leitor”. Dessa forma, as obras eram lidas e, a partir disso, feitas interpretações voltadas à fomentar a criticidade dos participantes. Foram realizados seis encontros/sessões com dois grupos distintos, o grupo A e o grupo B, assim, realizou-se um encontro semanal para cada um. Ambos os grupos continham cinco participantes, totalizando dez inscritos, todos acadêmicos de diversos cursos, Ciências Sociais, Música, Engenharia de Produção, Letras, etc. Foram feitas sessões de jogos, em cada uma delas eram vistos um poema, um conto ou trechos de romances.

Para ambientar as cenas da aventura, foi criado um mundo chamado de Aiê - terra em iorubá. Neste mundo, todas as escolas literárias, como são conhecidas, acontecem simultaneamente, desse jeito, as personagens poderiam se deparar com um trovador declamando versos de Castro Alves e encontrar Brás Cubas nas ruas da cidade. Personagens da literatura brasileira também foram inseridas, como por exemplo o babalaô Didi do romance “Dona Flor e seus dois maridos”, de Jorge Amado, Pedro Mico, personagem



da peça do seu homônimo, de Antonio Callado. Essa forma de trabalhar o texto literário permitiu estabelecer uma intertextualidade e um diálogo entre as obras.

As obras eram permeadas na narrativa dessa forma, os integrantes ficaram imersos no mundo e na obra, assim, fazia-se necessário a leitura delas, pois a não leitura poderia comprometer a fluidez da sessão. As decisões dos jogadores também dependia da leitura pois, os desfechos das obras poderiam ser alterados completamente, como se trata de um *RPG*, isso estava permitido.

O primeiro encontro foi dedicado à criação das personagens que os participantes controlariam. No momento da criação, cada um escolheu um orixá, este por sua vez, atribuiu habilidades às personagens de acordo com os seus domínios, como por exemplo, a orixá Iansã concedia a capacidade de controlar os ventos, Xangô, orixá da justiça e dos raios, atribuía habilidades com os raios e assim por diante. Esta foi uma forma de se trabalhar a mitologia iorubá e fazer perceber que ela rica na criação de histórias para o entretenimento.

Ao final da sessão, era feita a análise e a interpretação das obras. Este momento dedicou-se a resgatar as obras vistas no encontro/sessão, então sempre se abria a discussão em grupo. Também eram vistas algumas características do movimento literário em que a obra pertencia, portanto era exposto o contexto de cada uma.

3. RESULTADOS

Ao decorrer do curso, percebeu-se que os participantes se interessaram pelas obras sugeridas. É fato que nem todos as liam, entretanto os que as leram guiavam o grupo, na medida em que iam reconhecendo os trechos permeados na narrativa do jogo. Os orixás protetores “acompanhavam” as personagens dos jogadores e eram muito úteis em combates. Os participantes não conheciam a mitologia, entretanto possuíam distintas referências mitológicas, logo comparações foram estabelecidas alguns exemplos foram: Xangô e Thor, Exu e Hermes, Iemanjá e Poseidon. Ambos os grupos se mostraram interessados pela mitologia iorubá, reconhecendo o seu caráter místico e inspirador compatível com aventuras de *RPG*.

Algumas obras eram sugeridas para casa e relida momentos antes da sessão começar. Esse momento era um espaço para a discussão, aqui os textos literários eram abordados analisando as interseções das obras, comparando suas similaridades e apontando suas diferenças, bem como foi frisado a representação do negro. Um dos

exercícios propostos foi estabelecer as diferenças e as semelhanças entre o negro que aparece em Castro Alves e o negro que aparece em Antonio Callado. Assim, os participantes puderam expor suas reflexões. Percebeu-se que os participantes notaram as diferenças de representações do negro entre o romantismo e o modernismo.

No primeiro, o negro era escravizado, estava em segundo plano e no segundo o negro virou o protagonista, o malandro do Rio de Janeiro, dessa forma, foi possível levantar hipóteses da causa e consequência já que, no primeiro momento, o negro foi marginalizado pela injustiça social do sistema escravocrata.

Foi observado que as obras eram resgatadas nas discussões prévias do jogo, os participantes lembraram como as obras eram inseridas na narrativa e faziam comentário a respeito delas, se haviam gostado, se determinada obra era importante para a formação enquanto sujeitos, qual a importância das obras na sociedade, etc. “O Navio Negreiro”, de Castro Alves, foi muito bem recebido pelos dois grupos, mesmo não fazendo parte da leitura dos jogadores, eles demonstraram interesse pelo poema, notou-se que o jogo de mesa contribuiu para isso, pois, além dos grupos se enxergarem inseridos na obra, os versos do escritor baiano foram vistos numa perspectiva de ação. O mesmo ocorreu com as outras obras permeadas na narrativa do jogo, algumas, é certo, causaram a indignação dos grupos, como foi o caso dos versos de Gregório de Matos. Os sonetos de Gregório foram vistos para ambientar o período barroco da literatura brasileira. Através deles, foram expostas características do movimento e as ideias propagadas pelo autor. O soneto “Descrevo que era Realmente Naquele Tempo a Cidade da Bahia”, foi aproveitado o seu título e quando as personagens dos jogadores chegaram à Bahia, os versos foram lidos para descrever a Bahia. A leitura incomodou os dois grupos, pois no nono verso: “Muitos mulatos desavergonhados,” expõe a representação do negro em Gregório de Matos. Ninguém conhecia o poema, acharam ofensivo e então enxergaram como a representação do negro era negativa. Aqui foram comparados aquele soneto de Gregório e o poema de Jorge de Lima, “Olá! Negro”. Esse último, foi parte da voz do feiticeiro Ernesto - uma personagem da crônica “O Feiticeiro e o Deputado, de Lima Barreto. Portanto foram apontadas as diferenças de vozes e de representações nas obras. Enquanto o primeiro possui um deboche para com os negros, o segundo se apresenta preocupado com a questão da escravidão, mesmo não fazendo parte da sua época, o autor parece dar voz ao negro.

As duas turmas se mostraram mais interessadas pela obra do escritor modernista, três participantes pediram outras indicações de textos, foi notada a sedução das obras de Jorge de Lima através do jogo de mesa. Outra obra instigada à leitura foi “Memórias



Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis, então foi narrada uma cena do capítulo “O Vergalho”. Um dos participantes já tinha lido o livro, logo ele teve a oportunidade de “conversar” com Brás Cubas. Para os demais participantes foi sugerido o livro e assim, foram vistas as características do realismo. No blog institucional do professor João Ourique, foi criado um espaço virtual para os participantes comentarem e avaliarem o curso, segue abaixo uma das avaliações, disponível em: <http://panoramaliteraturabrasileira.blogspot.com.br>:

11 de junho de 2017 22:03

É realmente muito interessante a junção da literatura ao jogo de RPG, fa-se uma moldura da realidade, adaptada ao jogo e ligada, diretamente, ao cenário das narrativas literárias. Ao ler os trechos indicados, percebemos, durante o jogo, a presença dos personagens ou, também, de aspectos interligados ao seu caráter e/ou conduta. O jogo possibilita a alteração das narrativas (algumas com desfechos mais infelizes), trazendo, assim, a magia do jogo e, ao mesmo tempo, a vontade de corrigir erros do passado que, hoje, soam como terríveis injustiças sociais. A convivência com o grupo também nos permite uma troca de experiências interessantes e divertidas, por trás de cada personagem existe um jogador com diferentes vivências que transformam o jogo em uma narrativa excepcional. Foi, realmente, uma experiência única e mágica.

O espaço eletrônico serviu tanto para exposição de ideias dos grupos quanto para quem não participou pudesse acompanhar o andamento das atividades.

4. AVALIAÇÃO

Considerando a literatura como um dos bens incompressíveis, ela fica inerente ao direito humano (CANDIDO, 1995), portanto proporcionar espaços para estudá-la é fundamental tanto na educação básica quanto na universidade. Buscar novas metodologias é algo atrativo e dinâmico para o seu ensino, como foi o caso da metodologia deste curso. A comunidade acadêmica pareceu acatar a ideia os comentários espontâneos no blog são indicadores, uma vez que não estavam esperando por nota e assim foram estudados literatura e mitologia iorubá.



5. REFERÊNCIAS

Livro

FRANCHINI, A. S.; SEGANFREDO, Carmen. **As melhores histórias da mitologia africana**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2009.

Capítulo de livro

OURIQUE, J. L. P. Valor(iz)ação do (Pre)texto literário. In: OURIQUE, J. L. P. (Org.) **Literatura e formação do leitor: escola e sociedade, ensino e educação**. Ijuí: Unijuí, 2015. Cap.10, p.191-206.

CANDIDO, A. O Direito à Literatura. In: CANDIDO, A. **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-263.



PROJETO VIDA DE INSETO

JESSICA EL KOURY SANTOS¹; MAYANA RABÊLO MOSCOSO²;
EDUARDA NACHTIGALL DOS SANTOS³; VERA LUCIA BOBROWSKI⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – jessicaeksantos@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – maya_moscoso@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – duda.nachtigal@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – vera.bobrowski@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

A Universidade tem um papel importante na divulgação científica para que a população adquira conhecimento sobre ciência e a reconheça presente em seu cotidiano. Uma das maneiras de ampliar esta função das universidades é realização de atividades de extensão para popularização da ciência.

A extensão é um dos três pilares das universidades públicas brasileiras, junto com o ensino e a pesquisa. Através dela, professores e estudantes podem desenvolver projetos que facilitem a interação universidade-sociedade e que, assim, promovam o conhecimento construído na esfera universitária. Em outras palavras, a quebra da máxima “Ciência para a Ciência”, tendo como objetivo o compartilhamento do produto universitário para o benefício da sociedade como um todo.

O Projeto Vida de Inseto iniciou em 2013 e já foi apresentado para um público de mais de mil pessoas de forma direta e indireta, nos municípios de abrangência da Universidade Federal de Pelotas como Pelotas, Jaguarão, Arroio Grande e Herval - região Sul do Rio Grande do Sul. O mesmo se caracteriza por ser polivalente, ou seja, ele pode ser aplicado para diversos níveis de ensino, diferentes faixas etárias, em escolas públicas ou privadas e tanto para discentes como para docentes e tem como objetivo divulgar conhecimentos científicos, inicialmente através de uma abordagem de mitos e verdades sobre a classe Insecta, mas também são abordadas as características básicas (morfologia e anatomia), a diversidade, os motivos que tornaram os insetos um grupo bem sucedido, bem como curiosidades e sua importância econômica e de saúde pública.

A temática “insetos” foi escolhida devido à facilidade que esse grupo apresenta em relação à coleta e identificação, assim como sua ampla variedade de formas e cores e tamanho reduzido, tornando-se, desse modo, um material prático atrativo para o ensino de Ciências (MATOS et al., 2009).

O Projeto Vida de Inseto tem como objetivo divulgar metodologias alternativas e materiais didáticos visando contribuir para a melhoria do ensino de Ciências e Biologia no Ensino Básico bem como divulgar o conhecimento científico iniciado na universidade e estende-lo aos professores e alunos do Ensino Básico através de oficinas, exposições ou minicursos. Neste trabalho iremos descrever mais uma das ações propostas como mostra científica na Semana da Ciência e Tecnologia.

2. DESENVOLVIMENTO

A metodologia a ser utilizada pelo projeto se divide em momentos, tendo uma abordagem tanto prática quanto teórica. Primeiramente, os participantes trabalharão como “biólogos leigos”, usando apenas de seus conhecimentos prévios para classificar e diferenciar alguns insetos de outros artrópodes (crustáceos, miriápodes e aracnídeos) baseando-se na aparência.

Essa prática será feita expondo modelos biológicos conservados tanto em álcool 70% quanto na caixa entomológica. Os animais a serem utilizados são de conhecimento popular e tem seus nomes expostos na sua forma popular, por exemplo: mosca, carapato, aranha, abelha, borboleta, escorpião, grilo, centopeia, tatuzinho-de jardim (ou tatu-bola), formiga, besouro e mariposa. Os participantes através de uma prancha com figuras reais assinalarão quais eles diriam ser insetos.

Após esta avaliação dos conhecimentos prévios, realizaremos uma atividade informativa de conceitos científicos e então voltaremos a transformar os participantes em taxonomistas, através da análise da caixa entomológica, porém agora tendo eles se apropriado do conhecimento sobre as características que identificam um inseto. Através de uma folha com desenhos para pintar (onde eles poderão levar para casa), eles novamente analisarão espécimes, e colocarão em prática o conhecimento que adquiriram. Essa técnica visa contrastar o conhecimento popular (da primeira parte) com o conhecimento científico (mais rigoroso) fazendo com que busquem as características gerais do grupo Insecta nos espécimes expostos.

Na última parte será feita a correção de qualquer conceito que tenha ficado dúvida ou de alguma forma equivocado através de uma roda de conversa. Assim, apontam-se as características dos outros artrópodes definindo os grupos aos quais eles pertencem e respondem-se as curiosidades sobre o assunto.



As oficinas serão ajustadas em função do público alvo desta atividade, adequando-se a linguagem utilizada ao público alvo, a profundidade do conhecimento científico e a metodologia de abordagem.

3. RESULTADOS

Com essa metodologia, espera-se que público a ser atingido, consiga diferenciar um inseto de qualquer outra classe, além de poder mostrar em casa o que foi ensinado, através da folha com desenhos dos insetos que eles pintarão em aula.

4. AVALIAÇÃO

A análise da efetividade da ação será realizada a partir de uma abordagem qualitativa referente aos relatos na roda de conversa ao final da exposição e pelo número de visitantes a mostra científica.

5. REFERÊNCIAS

MATOS, Cláudia H. C.; OLIVEIRA, Carlos R. F.; SANTOS, M. P. F.; FERRAZ, C.S. Utilização de Modelos Didáticos no Ensino de Entomologia. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, Campina Grande, v. 09, n. 01, p. 19-23, 2009.

BAPTISTA, G. C. S.; COSTA NETO, E. Reunião de Feira de Santana: Conhecendo os insetos na escola. **Jornal da Ciência**, Belo Horizonte, 2004. Acessado em 19 jun. 2016. Online. Disponível em: <http://www.jornaldaciencia.org.br/Detalhe.jsp?id=23683>

SCHMIDT, L. P.; CRISÓSTIMO, A. L.; KIEL, C. A. **O Despertador para o conhecimento científico extensionista**. Guarapuava: Ed. Unicentro, 2011.

OLIVEIRA-COSTA, J.; LOPES, S. M. A relevância da entomologia forense para a perícia criminal na elucidação de um caso de suicídio. **Entomologia y Vectores**, v. 7, n. 2, p. 203-209, 2000



TRABALHANDO COM GÊNERO E PRECONCEITO NA ESCOLA: UM EXEMPLO DE ATIVIDADE DO PIBID LETRAS UFPEL

JÉSSICA ACOSTA¹; BRENDA RODRIGUES², VANESSA AVENCURT³,
VIVIAN DOS ANJOS⁴; KARINA GIACOMELLI⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – jessicavacosta@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – brendadsrodrigues@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – vanessaavencurt-7@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – viviancsa05@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – karina.giacomelli@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

Falar sobre gênero na escola, atualmente, tem se mostrado um problema, pois setores mais conservadores da sociedade vêm pressionando a escola para que ela não trate dessas temáticas com os alunos, tentando impedir que se discuta esse assunto em sala de aula. Acreditamos, no entanto, que tratar de questões de gênero, sexualidade e preconceito no ambiente escolar é um exercício de cidadania, bem como julgamos ser este um espaço propício para a promoção da igualdade, já que conta com uma grande diversidade entre seus alunos. Desse modo, abordar esse tema torna-se, também, uma forma de resistência, o que nos levou a pensar em um modo de trabalhar gênero e sexualidade, visando promover uma discussão sobre igualdade e preconceito. Além disso, os Temas Transversais pontuam que:

“O trabalho sobre relações de gênero tem como propósito combater relações autoritárias, questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres e apontar para sua transformação. Desde muito cedo são transmitidos padrões de comportamento diferenciados para homens e mulheres. A flexibilização dos padrões visa a permitir a expressão de potencialidades existentes em cada ser humano e que são dificultadas pelos estereótipos de gênero.” (Pg. 322)

Considerando isso, o presente trabalho tem como objetivo apresentar a oficina proposta pela área de Letras do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/UFPEL relativa a questões de gênero ministradas no primeiro semestre de 2017, na Escola Nossa Senhora dos Navegantes – Pelotas/RS.

2. DESENVOLVIMENTO

A oficina foi pensada de modo que os alunos tivessem um maior contato entre si durante a dinâmica. Tendo isso em conta, o grupo elaborou a atividade da seguinte forma: num primeiro momento, como momento inicial, os bolsistas solicitaram aos alunos que formassem duplas para, com uma música tocando, dançassem, interagindo com o seu par. Tínhamos como propósito observar se as duplas se formariam com o mesmo sexo ou em duplas mistas, para nossa surpresa as duplas se formaram das duas maneiras, tanto entre o mesmo sexo quanto mistas. Escolhemos “Vidinha de Balada”, da dupla Henrique e Juliano, em função de a considerarmos problemática devido ao seu conteúdo machista. Essa introdução mais lúdica consistia em as duplas, ao som da música escolhida, dançarem juntos, de forma direcionada pelos bolsistas. Esta direção se deu da seguinte forma:

Na primeira etapa, a dupla deveria dançar lado a lado sem encostar no colega, em seguida deveria dançar de costas de forma que as mesmas encostassem, no próximo passo deveriam dançar de frente olhando nos olhos do companheiro e por fim, deveriam dançar encostando as testas. Pensamos que essa forma mais lúdica poderia ser interessante para descontrair, tornando-se um elemento motivador para o debate proposto a seguir. Além disso, gostaríamos de ver a conduta e também a maneira como os alunos lidariam com esse espaço corporal de cada um. No segundo momento, então, projetamos algumas perguntas norteadoras para a discussão, tais como: “Você sabe o que é gênero?”, “Você sabe o que é preconceito?”, “Você sabe o que é sexualidade?”. Por meio dessas perguntas e fazendo um paralelo com a música, fomentamos um debate a cerca do tema. Solicitamos, então, ao fim da atividade, que os alunos produzissem uma atividade escrita, englobando tudo que haviam aprendido durante a atividade e a utilidade da oficina em suas vidas, procurando que eles observassem como se sentiram com o debate a partir da atividade dinâmica, e como teria sido se o debate tivesse ocorrido sem a introdução lúdica.

3. RESULTADOS

O resultado da atividade aplicada revelou-se uma surpresa, pois não se centrou na questão do gênero, nosso objetivo principal. Mesmo assim, consideramos que tivemos uma boa resposta no que se refere ao problema do preconceito, ainda que não o ligado

ao tema central da oficina. Assim, no começo, alguns alunos sentiram-se inibidos em relação à dança, porém outros, mais à vontade, realizaram a dinâmica de forma natural e divertida. No debate, a maioria dos alunos participou ativamente, sendo que muitos tiveram algo de concreto para comentar, ou seja, algo relativo à sua vivência. Muitos sabiam o que era sexualidade e gênero e participaram ativamente da discussão; No entanto, o tema mais discutido em sala de foi preconceito, sendo que o exemplo mais citado pelos alunos relaciona-se a marcas de roupas.

Muitos comentaram que, muitas vezes, sofrem preconceito por não usar um tênis ou uma roupa de marca famosa. Compreendemos que eles, ao falarem sobre isso, buscaram compartilhar um problema comum ao grupo, abrindo espaço para um debate mais intenso e sério, já que esse é um assunto que não é tratado em sala de aula, ainda que seja um problema concreto para muitos alunos de escolas públicas, sobretudo aquelas que se situam em bairros mais humildes. Quando solicitamos a produção escrita foi basicamente isso que os alunos expressaram, relatando o quanto a atividade lhes deu liberdade para que pudessem conversar sobre temas que não são discutidos na escola e destacando o quão proveitoso e divertido foi para eles fugir da rotina e fazer algo diferente com os colegas.

4. AVALIAÇÃO

Através da realização deste trabalho proposto, conclui-se que embora houvesse a discussão central sobre a questão de gênero e sexualidade, no momento em que os alunos se expressaram, optaram por discutir outros assuntos o que foi totalmente aceito e discutido pelos integrantes da oficina.

Essa mudança de âmbito foi proveitosa tendo em vista que nem sempre as situações poderão ocorrer exatamente como planejadas. Por fim deu-se como relevante a percepção dos alunos de que as pessoas não nascem com uma orientação sexual definida e ao construírem suas relações sofrem preconceitos e discriminações. Foi extremamente proveitoso para o grupo de bolsistas, oportunizar este espaço para que os alunos falassem do tema.



5. REFERÊNCIAS

Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Fundamental (SEF). **Parâmetros Curriculares Nacionais - terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998d.



A MEDIAÇÃO ARTÍSTICA E A CRIAÇÃO DE OUTROS ESPAÇOS DE EXPERIÊNCIA NAS ESCOLAS

JULIA PETIZ PORTO ¹; CAROLINA CORRÊA ROCHEFORT²

¹UFPEL – *juliapporto@gmail.com*

²UFPEL – *carol80cr@yahoo.com.br*

1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho diz do acontecimento da mediação artística e do papel do mediador na flexibilização, enquanto dobra (DELEUZE, 1996), da experiência com arte nas escolas.

Agindo no lugar entre mediadora/artista/pesquisadora no grupo Patafísica: Mediadores do Imaginário, vivi e vivo encontros que me fazem acreditar na potência da proposição artística e da criação coletiva na aproximação dos alunos, dos agentes de educação e da arte e suas multiplicidades. Para Rolnik (2017), o contato com certas proposições favorece aos que a experienciam “o acesso à sua própria potência de criação e à eventual ativação do trabalho para dela reapropriar-se, [...]”

Nesse texto proponho uma escrita das mediações que aconteceram em escolas públicas da rede municipal da cidade de Pelotas, na escola Escola Municipal Ensino Fundamental Dom Francisco de Campos Barreto, Laranjal e a na Escola Municipal de Ensino Fundamental Luiz Augusto de Assumpção, Barro Duro.

Essas experiências de mediação criam outros espaços dentro das escolas. Fora das salas de aula e de um formato de aula ou oficina, buscamos estabelecer uma relação mais próxima e sensível com os mediados - alunos, agentes de educação, arte, mediadores, curador, etc -, menos hierárquica, mais horizontal.

Esses espaços, inventados pela presença dos que participam da mediação, que se aproxima do conceito de khôra de Derrida (1991), recebem e acolhem para que o outro esteja: presente, múltiplo, em movimento. Procurando um ambiente sensível, confortável, que dê lugar ao aprendizado e vivência da arte pela troca. Esses espaços de encontro, inventados nas mediações, criam outros espaços e reaproximam os envolvidos da arte.

2. DESENVOLVIMENTO

Os alunos do grupo Patafísica se reúnem nas tardes de segunda no Centro de Artes para atividades de pesquisa e extensão desde 2012. O grupo de mediadores é composto



por alunos envolvidos com a produção artística, o ensino de arte, a curadoria e a montagem de exposições

É no puxar, soltar e tramar dos fios entre essas áreas que atuamos. Nossos encontros são sempre conversas atravessadas por histórias e experiências de cada um e do grupo. É nessa troca que pensamos nossas propostas, pensando em como cada convite para mediação nos afeta e em suas especificidades, particularidades, hipóteses, potências e jogamos os fios no mar, na criação de espaço da mediação.

Para a mediação na escola do Barro Duro o grupo foi convidado a fazer uma mediação das obras-trabalhos dos alunos. Num sábado de sol, de temperatura alta para o fim do inverno em Pelotas, acontecia a Semana de Arte: de forma interdisciplinar a escola realizou uma semana de atividades que envolveram a arte e a realização de uma exposição dos trabalhos de arte que tiveram artistas modernos e contemporâneos reconhecidos de referência. Paralelas a exposição dos trabalhos ocorreram diversas oficinas de Artes neste sábado.

Para a mediação pensamos em perguntas motoras: Como as crianças se encontravam com os artistas já estabelecidos na história da arte? No que essas produções as tocavam em suas produções, (se tocavam)? Como os alunos experienciaram esse encontro? Ele aconteceu? Propomos uma mediação artística que criou o desenho de um caminho afetivo no espaço da escola.

Resolvemos evitar o espaço de sala de aula, decidimos criar um espaço no meio da escola com uma “fita abelha”, uma fita de sinalização listada de amarelo e preto. A sala de aula pode provocar a memória para um engessamento corporal, uma certa dureza no corpo. Também gostávamos da ideia de não escolher nenhuma turma em particular, deixando a participação livre pra quem sentisse vontade.

Para convidar os estudantes distribuímos papéis coloridos com as cores primárias, para a partir deles formar grupos. Os grupos foram convidados a traçar caminhos pela escola, mostrando a maneira como vivem, como se relacionam com ela. Depois, propomos tramar todos os caminhos num só, e percorrê-lo desenhando em um plástico transparente enquanto caminhamos. Nesse plástico realizamos desenhos, traços dos espaços vivenciados, uma cartografia dos caminhos afetivos do espaço da escola.

A mediação na escola Barreto, na praia do Laranjal, também aconteceu numa manhã de sábado, mais fria, mas igualmente ensolarada, de atividades relativas à Semana de Artes. Para esse dia, planejamos novamente ocupar um lugar fora das salas de aula. Pensamos em um criar um espaço de partilha sobre as partilhas na escola. Ao estender uma toalha com frutas, sucos e pasteis de maçã e canela com sabor de figo e/ou banana

criamos um espaço agradável, com almofadas que buscavam acolher sonhos e afetos para se estar junto. Provocamos o pensamento sobre os espaços da escola, e os espaços que desejamos que a escola tivesse. Dessa vez a ideia de fazer um piquenique trouxe a pergunta/proposição de “qual é a receita da escola?” A pergunta movimentou a mediação, colocou a conversa em ato, pensar o pensamento (DELEUZE, 1996).

3. RESULTADOS

Ao chegar na Escola Augusto Assumpção, ficamos impactados com a intensa presença de grades em todas as portas, janelas e vãos entre corredores. O pátio, percebido como um espaço de respirar e brincar, apesar de labiríntico é amplo e apresenta “três ambientes”.

Começamos a distribuir os papéis coloridos, causando estranhamento, suscitando a imaginação. Logo as crianças começaram a escolher a cor do papel, distribuir papéis para amigos. Nos encontramos no espaço que a fita de sinalização criava, e ali conversamos sobre as cores favoritas, sobre desenhar, sobre as aulas de artes, sobre o vivenciar aquele lugar.

As crianças se dividiram e decidiram o percurso da “fita abelha” de maneira espontânea e afetiva. A formação dos grupo e o trajeto foi feito pelas crianças, na hora que apresentamos a proposição, bem diferente do que havíamos planejado em uma de nossas reuniões de estudo, criação e experimentação das mediações.

Desenhamos traços, e tramamos as marcas dos caminhos percorridos no espaço da escola utilizando a fita. Os desenhos contornados pela fita são espaços inventados: se sobrepõe ao da escola, ao redor dele e também por cima e por baixo. As crianças corriam, apropriando e criando aquele-outro espaço, ativado pelas nossas presenças.



Figura 1- desenhando o caminho. Escola Escola Municipal de Ensino Fundamental Luiz Augusto de Assumpção, Barro Duro, Pelotas/RS. 2017



Piscamos e eles já estavam correndo, cartografando seus percursos pelo pátio da escola. Quando vimos os “caminhos abelha” prontos, para a nossa surpresa, as crianças já haviam os conectado, tornando num só. Percorrendo-o uma primeira vez como uma minhoca na borda da folha, caminhamos os lugares que cada um havia escolhido incluir no nosso percurso.

Reparamos que apenas o grupo das meninas havia passado por uma das salas onde estava a exposição de releituras, feitas por elas, da obra do artista Portinari. Lá, tentamos conversar com elas sobre o processo de fazer os desenhos-releituras, mas não demonstraram interesse, deixando que a professora da turma explicasse sobre a exposição.

Os grupos, livres para percorrer e desenhar as partes do percurso que desejassem, nos levaram de volta a quadra de esportes, fomos mediadas pelas crianças que estávamos mediando.

Houve muita inquietação ao redor da proposta de desenhar caminhando numa superfície transparente. Isso é possível? E se o desenho ficar feio, errado? Alguns disseram já ter experimentado. Desenhar em uma superfície transparente, olhar atrás do suporte do traço, também causava interesse e estranhamento.

As crianças, após fazerem seus desenhos, nos falaram um pouco sobre eles e decidiram fazer mais uma exposição, pendurando-os nas grades da quadra.

Na mediação da escola Barreto chegamos com comida e suco e nos estabelecemos estendendo uma toalha de piquenique sobre o chão do pátio e nos sentamos sobre ela, convidando professores, monitores, alunos de diversas turmas.

Sentados em roda, criamos juntos um espaço para pensar aquela escola específica e como as pessoas que ali habitam vivem e se relacionam com arte, com o espaço, umas com as outras.

Nesse espaço inventado junto, o tempo é outro: o ritmo da conversa, os batimentos que se aceleram ao contar uma história, o ciclo do ar que entra e sai. Enquanto conversávamos, escrevíamos em pratos e folhas as palavras que apareciam na conversa como “ingredientes” da escola.



Figura 2 – a roda do tapete. scola Municipal Ensino Fundamental Dom Francisco de Campos Barreto, Laranjal, Pelotas/RS. 2017

Dentre os ingredientes, apareceram vezes palavras que evocavam a relação entre as pessoas, como amizade, união, diálogo, respeitar o outro, etc.

4. AVALIAÇÃO

Durante o piquenique, ao ser provocada sobre “o que mais gostava na escola?”, uma menina chamada Alice falou: “a roda do tapete!”. Um tapete com rodas? A imaginação vai longe! Ela explica que se referia a nós, sentados, sobre a toalha.

Ficamos felizes quando os mediados se apropriam das proposições, as modificam, trazem um pouco de si para a roda. Cada mediação é única pois recebe e se molda a partir do encontro entre pessoas diferente.

Nesses encontros com alunos de varias turmas e idades, professores e agentes escolares, provocamos uma outra maneira de ver e sentir o espaço que decorre do ato criativo sobre ele (ROLNIK, 2017). Com isso, talvez tenhamos tramado laços, feito com que algumas pessoas descobrissem umas as outras, levantando algumas questões sobre a arte.

5. REFERÊNCIAS

DELEUZE, G. **Conversações**. 2 ed. São Paulo: Editora34, 1996.



DERRIDA, J. **Khôra**. Campinas: Papirus. 1991.

ROLNIK. Suely. **O saber-do-corpo nas práticas curatoriais. Driblando o inconsciente colonial-capitalístico**. Santander, Porto Alegre, 05 jun. 2017. Especiais. Acessado em 12 out. 2017. Online. Disponível em: <https://vimeo.com/173605359>



OFICINAS BRINCANTES: O TEMPO E O ESPAÇO

JULIANE OSSANES MAJADO¹; MARISTELA BERGMANN²;
QUENIA COIMBRA DA SILVA CARRILHO³; ROGÉRIO WÜRDIG⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – julianemajado1@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – maribergmann@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – qcarrilho@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – rocwurdig@hotmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho faz parte do Projeto de Extensão “Brincando na Escola” da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (FaE/UFPeL) desenvolvido em uma escola pública estadual, localizada na cidade de Pelotas-RS. Tem como objetivo investigar, analisar e refletir sobre lugares e brincadeiras das crianças no tempo e espaço oferecido dentro da escola.

Dessa forma, referindo-se às crianças, levamos em conta o que nos diz Friedmann (1996, p.15) “[...] o tempo para ela [a criança] brincar tem se tornado cada vez mais escasso, tanto dentro como fora da escola.” De fato, situações como o aumento da violência urbana e a verticalização das cidades em que as unidades de moradias são cada vez menores, os espaços físicos para as crianças brincarem, correrem e interagirem com outras crianças vem sendo cada vez mais restrito. Dessa forma “há múltiplas influências que pesam sobre a experiência lúdica, como o ambiente e as condições materiais, passando pelas proibições dos pais e dos professores as limitações dos espaços na escola, em casa, no bairro e na cidade” (WÜRDIG, 2004, p.

287) dificultando que as crianças tenham experiências lúdicas. O tempo antes destinado às brincadeiras tem dado lugar a uma agenda cada vez mais intensa de atividades que ocupam as crianças fora da escola.

Em se tratando da escola a situação se repete em nome do cumprimento de programas de ensino e do escasso tempo para fazê-lo. Os momentos para as brincadeiras, para o brincar na escola, ficam, muita das vezes, limitado a hora do recreio. Desenvolver oficinas brincantes em escolas foi a modo encontrado de colocar em prática o tema discutido no projeto.



2. DESENVOLVIMENTO

Este trabalho foi desenvolvido através de oficinas brincantes, organizado previamente pelas acadêmicas sob a orientação do coordenador do projeto. As oficinas ocorriam uma vez por semana, nas sextas-feiras, no turno da tarde, por cerca de 30 minutos, numa turma de 1º ano do ensino fundamental, com 17 crianças (5 meninas e 12 meninos).

Inicialmente houve contato com a direção, professoras e com as crianças. Logo em seguida conhecemos os espaços disponíveis para a realização das brincadeiras na escola. Antes de cada oficina havia no espaço da universidade encontros de orientação e discussão. Todas as oficinas eram planejadas e organizadas previamente pelas acadêmicas.

As Oficinas Brincantes transformaram-se num espaço onde as crianças teriam contato com diferentes brincadeiras, propostas tanto por nós como por elas. Dessa forma, poderiam experimentar novas brincadeiras e usufruir de outro espaço, além da pracinha onde costumeiramente brincavam antes do projeto.

As Oficinas Brincantes foram desenvolvidas num pátio interno da escola, de dimensões bem reduzidas, que também era utilizado por outras turmas da escola em horários diferenciados. Dentre as sete oficinas realizadas, escolhemos duas para discutir nesse texto: aquelas as quais as crianças mais gostaram e que mais participaram. Embora todas as outras tenham sido significativas para o nosso processo de construção profissional, optamos por essas duas.

Na primeira oficina foram desenvolvidas as seguintes brincadeiras: estátua e cama de gato, com o intuito de explorar a criatividade, a motricidade, a interação dos alunos com todo o grupo e resgatar as brincadeiras antigas. Na segunda foram propostas as seguintes brincadeiras: a fila, a mímica e a caixa surpresa.

No último encontro do projeto foi realizada uma espécie de avaliação através de conversas e desenhos. Na conversa as crianças contaram sobre o que mais haviam gostado das oficinas e nos desenhos expressam o que havia sido importante.

3. RESULTADOS

Acreditamos que nossos objetivos foram alcançados ao longo das ações planejadas e das oficinas realizadas com as crianças, trazendo-nos aprendizagens importantes



para a vida profissional. Durante o andamento do projeto experienciamos muito que aprendemos em sala de aula, bem como percebemos que existe a possibilidade de desenvolver brincadeiras com as crianças em um curto período de tempo e num pequeno espaço dentro da escola.

Segundo Friedmann (1996, p.16) “o espaço e o tempo definem, pois, as características de cada brincadeira.” Isto foi observado durante a realização das oficinas: havia brincadeiras que as crianças participavam com mais ou menos entusiasmo. Em certos momentos a curta duração das oficinas atrapalhava muito, principalmente quando as crianças estavam gostando da brincadeira e se divertindo, mas era necessário finalizar para desenvolver outras atividades da sala de aula.

Em função do espaço disponível para brincar na escola ser bem pequeno, as brincadeiras tinham que ser adaptadas. Isso não impediu de brincássemos com as crianças e aprendêssemos com essa situação. Não importa o tempo e o espaço, o mais importante é possibilitar às crianças momentos de prazer, alegria e diversão. Para tanto, é imprescindível que as crianças e os docentes estejam dispostos a brincar.

4. AVALIAÇÃO

Avaliamos que, ao desenvolvermos as Oficinas Brincantes tivemos a oportunidade e o prazer de estarmos diretamente com as crianças, brincando e nos divertindo, bem como lidando com suas inquietações e seus desejos. Brougère (1997, p.52), explica que “essa cultura lúdica está imersa na cultura geral à qual a criança pertence”. Cada criança tem sua maneira de ser e agir e de se expressar em diferentes momentos. A cada planejamento e a cada brincadeira realizada é possível considerar essas, particularidades.

A nossa proposta durante as oficinas brincantes foi o de proporcionar às crianças momentos de diversão, alegria, procurando sair da rotina das crianças, apresentando outras brincadeiras. As oficinas foram espaços onde todos tiveram a oportunidade de brincar, interagir, aprender uns com os outros, de maneira lúdica. E para as acadêmicas foi uma oportunidade de aprender a trabalhar juntas e a dividir responsabilidades.



5. REFERÊNCIAS

BROUGÈRE, Gilles. **A criança e a cultura**. São Paulo: Cortez, 1997

FRIEDMANN, Adriana. **Brincar: crescer e aprender - O resgate do jogo infantil**. São Paulo: Moderna 1996.

WÜRDIG, R. C. **O lugar do brincar na Infância**. Pelotas: Editoras e Gráfica Universitária/UFPEL, 2004.



A INFLUÊNCIA DA CULTURA POMERANA NO ÂMBITO ESCOLAR – ESTUDO DE CASO DA E.M.E.F. CARLOS MOREIRA – CANGUÇU/RS

KAREN LAIZ KRAUSE ROMIG¹; SANDRO DE CASTRO PITANO²

¹Universidade Federal de Pelotas - UFPEL- karenlaizromig@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - UFPEL- scpitano@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O presente estudo abrange uma pesquisa sobre o ambiente escolar da Escola Municipal de Ensino Fundamental Carlos Moreira, na localidade de Canguçu Velho, primeiro subdistrito do município de Canguçu. O objetivo do trabalho é analisar o ambiente que envolve a escola e identificar os aspectos culturais pomeranos que integram a cultura da instituição, bem como, compreender essa dinâmica. A temática está inserida na área da educação, especificamente da cultura escolar, trazendo resultados significativos para os diferentes sujeitos que atuam na escola.

A pesquisa se caracteriza no campo da extensão universitária, pois traz resultados para uma instituição escolar que está inserida em uma comunidade com descendência pomerana, isto é, traz estudos e evidências que trabalham com a identidade cultural dos sujeitos envolvidos no processo da pesquisa, procurando gerar benefícios sociais ao público que tenha interesse na temática.

Existem características e comportamentos que definem as relações processadas na escola, assim como infinitas descrições que as diferenciam. A escola pode ser considerada uma instituição com cultura própria. Os principais elementos que desenham essa cultura são os atores (famílias, professores, gestores e alunos), os discursos e as linguagens (modos de conversação e comunicação), as instituições (organização escolar e o sistema educativo) e as práticas escolares exercidas ao longo do tempo. (SILVA, 2006).

Investigar a cultura no ambiente escolar é de extrema importância, tanto para discentes quanto para os docentes, uma vez que contribui para o conhecimento da realidade e das necessidades das instituições de ensino e o funcionamento das mesmas. A partir dos resultados, é possível avaliar os benefícios que as atividades culturais podem trazer ao processo de ensino/aprendizagem (ALVES et al, 2011).

2. DESENVOLVIMENTO



A metodologia do estudo se caracteriza primeiramente por uma revisão bibliográfica com consulta a autores que tratam da temática de cultura escolar, pois como afirma Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos que tratam do tema.

A pesquisa caracteriza-se, também como um estudo de caso, pois a escola em questão se difere das demais por estar inserida em uma comunidade com forte presença de colonização pomerana. Este estudo consiste em uma análise específica, de maneira que permite um amplo e detalhado estudo sobre este ambiente. Ao longo da pesquisa foram realizadas também, entrevistas com professores que atuam na escola estudada.

Considera-se que a instituição escolar é resultado de um confronto de interesses: de um lado está a organização oficial do sistema escolar, onde são definidos os conteúdos a serem lecionados, separando e hierarquizando o espaço, a fim de diferenciar trabalhos, definindo idealmente as relações sociais; de outro lado estão os sujeitos com suas especificidades - alunos, professores, funcionários, que criam uma trama própria de inter-relações, fazendo da escola um processo permanente de construção social (DAYRELL, 1999). A estrutura organizacional da escola não está sustentada apenas por um plano racional determinado pela burocracia, ela é uma totalidade mais ampla, onde a instituição escolar é palco de um grupo social.

Como salienta SILVA (2006, p.204), a cultura perpassa todas as ações do cotidiano escolar, seja na influência sobre os seus ritos ou sobre a sua linguagem, seja na determinação das suas formas de organização e de gestão, seja na constituição dos sistemas curriculares. Os alunos que chegam à escola são sujeitos socioculturais que carregam um saber e uma cultura, frutos das experiências vivenciadas no cotidiano de cada indivíduo.

A E.M.E.F. Carlos Moreira, localizada na localidade de Canguçu Velho, primeiro subdistrito do município de Canguçu, possui cerca de 136 alunos, distribuídos entre pré-escola até 9º ano do Ensino Fundamental. Percebe-se a necessidade da análise do âmbito cultural que permeia a escola, pois ela está inserida em uma comunidade onde cerca de 95% dos alunos são de descendência pomerana e muitos deles ainda praticam tradições e a língua desta cultura.

A cultura pomerana é caracterizada por manter indícios de suas tradições ainda na atualidade, como ocorre no interior do município de Canguçu, que de acordo com o IBGE (2010), possui uma população de 53.259 habitantes, sendo que grande parte dela

vive na área rural. Canguçu tem em seus aspectos históricos fortes traços da imigração pomerana.

Percebe-se que na escola em questão, os alunos e docentes que não pertencem à cultura pomerana também aprendem sobre a história e práticas culturais dos pomeranos, pois todos os alunos tendem a se adaptar ao ambiente cultural. Toma-se como exemplo a participação da escola em eventos que tratam da cultura pomerana, como o FESTCAP (Festival Estudantil da cultura Alemã e Pomerana), pois muitos alunos que não são descendentes de pomeranos também participam e assim descobrem elementos dessa cultura. Outro fato, é que alunos que não sabem falar a língua pomerana, com o convívio com seus colegas que praticam a língua, também começam a aprender expressões mais simples, como: sim; não; boa tarde!; bom dia! etc. Além disso, os professores também se adaptam aos feriados, modos de agir e peculiaridades da cultura pomerana.

Diante das dificuldades enfrentadas pelos pomeranos em seu território durante o século XIX, muitos migraram para o Brasil e estabeleceram-se, na região sul do estado do Rio Grande do Sul, a partir do ano de 1858. Os imigrantes pomeranos foram responsáveis por trazer um modo de viver peculiar enraizado em costumes e tradições históricas. Trouxeram fortes hábitos agrícolas, a língua pomerana e seus traços religiosos, vinculados à religião luterana.

Esta religiosidade, desde os primórdios da imigração está relacionada com a educação, pois os imigrantes construíram as primeiras escolas junto aos seus templos religiosos. A escola estudada também está próxima a uma comunidade religiosa. Como afirma Salamoni et al (1995, p. 40), a instalação das escolas aconteceu simultaneamente com a edificação das igrejas.

Com relação à língua praticada pelos imigrantes e descendentes, destaca-se a língua pomerana ou Pommersch. (BREMENKAMP, 2014). O pomerano continua sendo falado no seio das famílias e transmitido aos jovens. Há crianças que ainda ingressam na vida escolar como bilíngues em português/pomerano.

Como afirma Dayrell (1999, p. 01),

Analisar a escola como espaço sócio cultural significa compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano, levado a efeito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, enfim, alunos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos. Falar da escola como espaço sócio cultural implica, assim, resgatar o papel dos sujeitos na trama so-



cial que a constitui.

Por isso, procuraram-se sujeitos socioculturais, como professores, que através de suas experiências observam as relações que ocorrem neste ambiente. Então foram realizadas entrevistas com quatro professores da E.M.E.F. Carlos Moreira, de modo que pudessem expor suas opiniões e contribuições. Como já mencionado, os professores responderam a seguinte pergunta: “De acordo com sua experiência de atuação na área da educação, quais são as influências da cultura pomerana na sua escola?”.

O professor (a) nº1 relata que as famílias dos alunos de descendência pomerana, são agricultores e tem escolaridade baixa, por isso interferem muito pouco no processo de ensino-aprendizagem dos seus filhos. O entrevistado (a) nº1 diz que considera muito importante que a cultura pomerana seja trabalhada na escola, para valorizar as tradições e ao mesmo tempo fazer com que o aluno conheça historicamente e culturalmente suas origens.

O docente nº2 relata que o primeiro contato dos alunos descendentes de pomeranos com a escola é bastante complicado, pois muitas crianças não sabem falar português pelo fato de se comunicarem com seus familiares somente pela língua pomerana. Relata também que as comunidades de colonização pomerana possuem muitos feriados religiosos, que advém da religião luterana, o entrevistado (a) fala que a escola acaba adaptando esses feriados ao seu calendário escolar.

O professor (a) nº3 relata que por serem os alunos descendentes de pomeranos, filhos de agricultores, são bastante humildes, estão sempre dispostos a ajudar nas festividades e acontecimentos da comunidade escolar. Ressalta também que o modo de agir dos descendentes de pomeranos marca fortemente o ambiente da escola.

O docente nº4 fala que através dos hábitos dos alunos é possível perceber a preservação dos costumes e principalmente da religiosidade que é bem forte na comunidade. Ressalta também que existe dificuldade dos alunos quanto à troca de fonemas nas palavras e na concordância nominal e verbal, pelo fato de os alunos estarem habituados com a língua pomerana. Destaca também que a comunidade se une em torno da escola, trazendo-a para dentro de seu convívio social.

3. RESULTADOS

Com os dados levantados nas entrevistas e os aportes teóricos consultados, é possível perceber que os costumes, a religiosidade, o modo de agir, e a principalmente a língua pomerana, são fatores que moldam o ambiente sócio cultural da E.M.E.F. Carlos Moreira, e que esta escola é palco de relações socioculturais exercidas por sujeitos descendentes de pomeranos.

Como afirmam os professores, existem peculiaridades em sua escola quanto à adaptação do âmbito e das relações escolares. Pois a escola possui alunos bilíngues, que falam português e pomerano, a gestão da escola tem de se adaptar aos feriados religiosos, assim como planejar festividades e projetos que rememorem e incentivem a prática da cultura pomerana. Contudo, todos os sujeitos do ambiente escolar aprendem e se adaptam às tradições pomeranas que permeiam a escola.

Logo, uma escola situada em uma comunidade com grande incidência de colonização pomerana, é naturalmente influenciada pelos traços culturais que a integram, como é o caso da cultura pomerana.

4. AVALIAÇÃO

O desenvolvimento da pesquisa traz resultados importantes na área da extensão universitária, pois estuda os aspectos de uma escola específica, elencando peculiaridades que ocorrem neste ambiente escolar, associados à cultura pomerana. Estes estudos devem ser trabalhados com a comunidade escolar, de forma que trazem resultados que identificam os aspectos desta cultura presentes nesta escola, bem como retornar os resultados para a instituição. Nos estudos bibliográficos foram utilizados os aportes teóricos da temática de cultura escolar, como ALVES et al (2011), DAYRELL (1999) e SILVA (2006). As referências consultadas para a fundamentação teórica do tema cultura pomerana são SALAMONI et al (1995) e BREMENKAMP (2014). Tendo em vista a pretensão de detalhar a proposta no trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Geografia da pesquisadora.

5. REFERÊNCIAS



ALVES, A. N. et al. Cultura na Escola. **Revista Graduando**: Feira de Santana: Editora UEFS, n. 2, p. 11-19. 2011.

BREMENKAMP, E. S. **Análise sociolinguística da manutenção da língua pomerana em Santa Maria de Jetibá, Espírito Santo**. 2014. 291 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais. Vitória, 2014.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sociocultural. In: DAYRELL, Juarez (org.) **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa** - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

SALAMONI, G. ACEVEDO, H. ESTRELA, L. **Os Pomeranos: Valores Culturais da Família de Origem Pomerana no Rio Grande do Sul** – Pelotas e São Lourenço do Sul. Pelotas: Editora Universitária, 1995. 81p.

SILVA, F. C. T. Cultura Escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. **Educar**: Curitiba: Editora UFPR, n. 28, p. 201-216, 2006.

WILLE, Leopoldo. **Pomeranos no sul do Rio Grande do Sul: trajetória, mitos, cultura**. Canoas: ULBRA, 2011. <<http://www.cidades.ibge.gov.br/>> Acesso em 06 set. 2017.



DOCES DE PELOTAS: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NA ESCOLA E.M.E.F. ALCIDES DE MENDONÇA LIMA

KARINA MARQUES GOMES¹; ANA INEZ KLEIN²

¹Universidade Federal de Pelotas – karinamarquesgomes18@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – anaiklein@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O presente projeto foi desenvolvido na disciplina de Educação Patrimonial II no curso de Bacharelado em História e teve como foco o patrimônio cultural imaterial no ambiente escolar. O tema de estudo foi “Os doces de Pelotas como patrimônio imaterial”.

Ao longo dos anos o doce passou a ser uma referência da cidade de Pelotas, que já é uma marca nacional, que culminou com a organização da Festa Nacional do Doce (Fenadoce).

A proposta teve como objetivo retomar a relação das crianças com suas heranças culturais, através do doce familiar, visando promover a valorização e a consciência da importância de preservação deste patrimônio, enquanto um dos pilares formadores da identidade e da história da cidade e da sociedade pelotense. O projeto buscou relacionar a história dos doces em Pelotas com os doces familiares, que são aqueles passados de geração em geração, que criam uma cultura familiar na sua confecção que assim passa a constituir a história da família que o produz, pois “*nas duas tradições, doces finos e doces coloniais, encontram-se formas de transmissão dos conhecimentos fortemente ancoradas no grupo familiar (FERREIRA; CERQUEIRA. 2012 pag 257)*”

Dada a importância do doce para a cidade de Pelotas, a UFPel mantém o Museu do Doce, situado na praça Coronel Pedro Osório, nº 8, criado em 30 de dezembro de 2011.

O estudo foi realizado na escola da rede pública E.M.E.F. Alcides de Mendonça Lima, localizada na Rua Padre Diogo Feijó, 213. O projeto foi realizado com a turma do 5º ano, constituída de 24 alunos, com idade entre 9 e 12 anos, cuja professora titular é Priscila da Silva Vieira.



2. DESENVOLVIMENTO

O projeto foi realizado em duas etapas, sendo estas constituídos de aula expositiva e prática. O primeiro encontro ocorreu no dia 04/07/2017. Foi um encontro de exposição oral, executado com a intenção de realizar, primeiramente, uma aproximação com a turma, para se diagnosticar o nível de conhecimento dos estudantes sobre o tema que iríamos abordar. Inicialmente foi feita uma apresentação pessoal, uma apresentação do projeto e do tema do projeto. Foi realizada uma conversa informal e objetiva, com exemplificações sobre bens materiais e imateriais, e sobre os Doces de Pelotas como patrimônio. Foram utilizados *folders* ilustrativos e, como encerramento desse primeiro encontro, pedimos que os estudantes fizessem um caça palavras, que continham palavras chaves sobre o que tinha sido explicado. E como tarefa para nosso segundo encontro foi solicitado que eles levassem uma receita típica realizada pela família.

Nosso segundo encontro ocorreu no dia 11/07/2017 e inicialmente foi feita uma recapitulação do que havia sido explicado no encontro anterior, objetivando uma avaliação de se o conteúdo havia sido absorvido e entendido pela turma. Em seguida fizemos o recolhimento das tarefas pedidas no primeiro encontro. Baseado nas tarefas que eles levaram realizamos a resolução de algumas dúvidas que haviam ficado. E, por fim, foi realizada a confecção das bolinhas de brigadeiro. O objetivo dessa atividade prática foi, além de elevar ao máximo possível a experiência deles com o projeto, também oportunizar a fixação do conteúdo, uma vez que se tratava de patrimônio imaterial, que para idade deles é um assunto um pouco complexo, contando ainda que a turma não tinha nenhum conhecimento prévio do assunto. Levamos o brigadeiro pronto para eles apenas confeccionarem a bolinha e assim entenderem que aquele ato de enrolar o brigadeiro e confeccionar o doce era parte do patrimônio imaterial. Juntamente com a tarefa foi explicado que o brigadeiro não é um dos doces registrados como patrimônio imaterial, mas que levamos ele por ser mais fácil o manuseio e a prática. Com esta prática, os estudantes puderam vivenciar o conceito de patrimônio como sendo o ato de fazer o doce.

3. RESULTADOS

O projeto objetivou principalmente que a turma obtivesse um entendimento do conceito de patrimônio imaterial e apropriação do tema, o que acreditamos ter ocorrido.



Consideramos muito satisfatório o resultado alcançado, pois se tratava de uma turma de crianças entre 9 e 12 anos. Os alunos deram um retorno positivo, através dos trabalhos solicitados e que todos prontamente e caprichosamente realizaram. Percebe-se também a absorção do conteúdo através dos questionamentos e do interesse demonstrado por eles. Sendo assim o projeto foi muito feliz na superação de obstáculos e em conseguir atingir o objetivo para além do esperado.

4. AVALIAÇÃO

O projeto proposto pelo grupo de graduandos teve continuidade com a professor regente da turma. A continuidade é um outro elemento importante para a educação patrimonial, colaborando para que as atividades práticas aplicadas com as crianças pudessem despertar o sentimento de preservação do patrimônio, desde cedo. No final da aplicação do projeto as receitas trazidas pelas crianças foram disponibilizadas para a professora Priscila para a criação de um caderno de receitas, já que no fim do ano a turma terá uma aula sobre patrimônio, e ela poderá usar este recurso. Um outro possível desdobramento que foi pensado para o projeto foi a realização de uma expsição dos trabalhos e receitas no Museu do Doce, mas esta atividade aplicada posteriormente, em um segundo momento, pois essa etapa do projeto já foi concluída.

Por fim, o projeto foi feliz ainda em realizar a integração da universidade e da comunidade através da escola.

5. REFERÊNCIAS

FERREIRA, MLM; CERQUEIRA, FV; RIETH , FMS; MÉTIS: **história & cultura** – v. 7, n 13, p. 91-113, jan/jun 2008.

FERREIRA; Maria Letícia Mazzucchi, CERQUEIRA; Fábio Vergara. **Mulheres e doces: o saber-fazer na cidade de Pelotas**. São Paulo, Unesp, v. 8, n.1, p. 255-277, janeiro-junho, 2012

GRUNBERG, E. Manual de atividades práticas de Educação Patrimonial. Brasília, DF: IPHAN, 2007.



HORTA, Maria de Lourdes; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane. **Guia Básico da Educação Patrimonial**. Brasília. IPHAN, Museu Imperial, 1999.

PELEGRINI, S. C. A. e FUNARI, P. P. *O que é patrimônio cultural imaterial*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

POSSAMAI, Z.R. **O patrimônio em construção e o conhecimento histórico**. Ciências e Letras. Porto Alegre, n. 27 pg 13-24, 2000.

SILVA, K.V. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo. Contexto, 2005.



POLÍTICA NACIONAL DE RESÍDUOS SÓLIDOS

KAROLINE FARIAS KOLOSZUKI MACIEL¹; MARTHA FERRUGEM KAISER²;
THAYLI RAMIRES ARAUJO³; LUCAS LOURENÇO CASTIGLIONI GUIDONI⁴;
LUCIARA BILHALVA CORRÊA⁵; ÉRICO KUNDE CORRÊA⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – karoline-maciel@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – marthafkaiser@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – thayliraraujo@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – lucaslcg@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – luciarabc@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – ericokundecorrea@yahoo.com.br

1. APRESENTAÇÃO

A Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) – Lei Federal nº 12.305 de 2010, Brasil (2010), foi um grande marco na gestão de resíduos, principalmente em relação a prevenção da poluição e gerenciamento adequado de cada material. Essa lei determina as diretrizes políticas para a gestão de resíduos sólidos em todo o território nacional. Contempla a prevenção e a redução na geração de resíduos, consumo sustentável, aumento da reciclagem, fomentando a participação dos catadores de materiais recicláveis como forma de inclusão social e econômica dos mesmos, e da reutilização dos resíduos sólidos e a destinação ambientalmente adequada dos rejeitos (BRASIL, 2010).

Além da PNRS e de seu decreto de regulamentação, o Decreto Federal Nº 7405, de 23 de dezembro de 2010, criou o programa chamado Pró-Catador que tem como objetivos, entre outros, realizar capacitação, formação e assessoria técnica; incubação de cooperativas e de empreendimentos sociais solidários, que atuem na reciclagem; pesquisas e estudos para subsidiar ações, que envolvam a responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida dos produtos; implantação e adaptação de infraestrutura física de cooperativas e associações de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis e desenvolvimento de novas tecnologias voltadas à agregação de valor ao trabalho de coleta de materiais reutilizáveis e recicláveis (NETO T., 2011).

Os resíduos sólidos de serviços de saúde – RSSS, quando gerenciados inadequadamente, oferecem risco ao ambiente, à vida, por suas características biológicas, químicas e físicas. Portanto, a implementação de uma Política Nacional de Resíduos

Sólidos vem ao encontro de um dos grandes desafios a ser enfrentado pelos governos e pela sociedade brasileira - a magnitude do problema da geração de resíduos sólidos (CORRÊA L. et al., 2007).

Com o aumento da população, desenvolvimento econômico, urbanização e a evolução da tecnologia, que resultam em alterações no estilo de vida, nos modos de produção e consumo da população, ocorre também um aumento na produção de resíduos sólidos, tanto em quantidade como em diversidade, principalmente nas grandes cidades. Além do aumento da quantidade, atualmente esses resíduos contém em sua composição elementos sintéticos e perigosos que afetam ecossistemas e à saúde humana (GOUVEIA N., 2012).

Os centros urbanos, especialmente as grandes cidades, enfrentam a crescente falta de espaço, para a construção de aterros. Com essas dificuldades e desvantagens de destinação para aterros sanitários, acrescenta-se os altos custos para instalação e gerenciamento deste tipo de infraestrutura. Outro fato gravíssimo é o quadro social que envolve a presença de crianças, adolescentes e adultos vivendo em inúmeros lixões e muitas vezes em aterros sanitários e controlados. Considerando também a falta de alternativas mais adequadas de descarte dos resíduos, os graves problemas de saúde pública, bem como os desastres ambientais no meio urbano e rural. Diante disso, a perspectiva de constituir-se uma Política Nacional para estabelecer princípios, objetivos e instrumentos, bem como diretrizes e normas para o gerenciamento dos resíduos no país, é de extrema importância (GRIMBERG E., 2004).

Os catadores de materiais recicláveis podem ser considerados os grandes protagonistas da indústria de reciclagem no país. Eles têm posição fundamental na gestão de resíduos sólidos no Brasil, atuando em cooperativas, realizando um trabalho de grande importância ambiental; contribuindo significativamente para o retorno de diferentes materiais para o ciclo produtivo, gerando economia de energia e de matéria-prima evitando assim o destino dos resíduos a aterros. A capacitação dos catadores passa a ser uma necessidade, capacitá-los para a realização de suas atividades é outra exigência evidente, inclusive para tratar de aspectos de saúde e de segurança de trabalho, que são, atualmente, um dos pontos frágeis na operação das cooperativas (GOUVEIA N., 2012).

Diante disto, o trabalho tem como objetivo transmitir conhecimento da lei nº 12.305, Política Nacional de Resíduos Sólidos, aos que convivem diariamente com esses resíduos, membros das Cooperativas de Materiais Recicláveis do Município de Pelotas/RS.



2. DESENVOLVIMENTO

Foi desenvolvido um projeto com duração de seis meses, com parceria entre o Núcleo de Educação, Pesquisa e Extensão em Resíduos e Sustentabilidade (NEPERS – Curso de Engenharia Ambiental e Sanitária da Universidade Federal de Pelotas) e o Serviço Autônomo de Saneamento de Pelotas (SANEP) para campanhas de orientação e capacitação aos cooperados do município de Pelotas. Esta pesquisa foi desenvolvida dentro do projeto Capacitação de Catadores em Cooperativas de Reciclagem do Município de Pelotas sobre a Política Nacional dos Resíduos Sólidos. Foram visitadas as cinco cooperativas de triagem de resíduos sólidos da cidade de Pelotas e todas elas participaram do trabalho.

Para isso, foi elaborado um banner explicativo, para facilitar a comunicação durante a capacitação com os cooperados, o qual foi apresentado nas cinco cooperativas, UNICOOP, COOPEL, COOTAFRA, CVC e COORECICLO, em forma de ciclo de palestras. Para dar continuidade e aperfeiçoamento a esses cooperados, também, foram realizadas reuniões mensais em forma de rodas de conversas.

3. RESULTADOS

Inicialmente, foi realizada a apresentação do banner explicativo (figura 1). Este continha informações sobre a importância da PNRS, o histórico, a responsabilidade de cada um com a política, objetivos da lei, logística reversa e também a importância da atuação dos cooperados para implantação da PNRS.



Figura 1: Banner apresentado aos catadores sobre os objetivos e os instrumentos da Política Nacional dos Resíduos Sólidos.

Durante o trabalho foi possível notar o interesse dos cooperados quanto ao assunto abordado, pois a Política teve um papel fundamental para a melhoria de trabalho dos catadores, sendo que muitos não tinham conhecimento dos direitos e deveres em relação a esta lei. E a partir de rodas de conversa, foi possível questionar o que o catador entendia sobre o assunto e perceber o interesse quanto a este tema.

O recurso de levar uma atividade, como um banner e fazer uma roda de conversa para um grupo de pessoas, é que se torna possível aprofundar a leitura das necessidades, tanto individuais quanto coletivas; promove também um contato maior com os integrantes da cooperativa; proporciona a socialização, tanto com os colegas de trabalho quanto com pessoas de fora do âmbito do trabalho (LOPES et al., 2011).

4. AVALIAÇÃO

Conclui-se que o sistema de gestão e gerenciamento de resíduos sólidos teve um grande avanço partir da PNRS, e é de extrema importância o conhecimento da lei pela comunidade, principalmente os catadores.

Os resultados desse trabalho foram positivos, pois além do interesse dos membros das cooperativas e o aprendizado, os alunos envolvidos também aprendem através das visitas e rodas de conversas.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL, Presidência da República Casa Civil. 2010. **Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010**. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei no 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 2 de agosto de 2010.

BRASIL, **Política Nacional de Resíduos Sólidos**, São Paulo, 22/11/2016.

GOUVEIA, N., Resíduos sólidos urbanos: impactos socioambientais e perspectiva de manejo sustentável com inclusão social, **Ciência & Saúde Coletiva**, 17(6):1503-1510, 2012

NETO, T.J.P., Política Nacional de Resíduos Sólidos: Os Reflexos nas Cooperativas de Catadores e a Logística Reversa, **UnilaSalle**, n. 18, 2011.

GRIMBERG E., Política Nacional de Resíduos Sólidos: o desafio continua, **Sítio do Instituto Pólis**, 22/10/2007.

GOLLO R., Estudo Três anos após a regulamentação da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS): seus gargalos e superações, **Selur**, 2014.

BILHALVA L., LUNARDI L., DE CONTO V., MARIA S., O processo de formação em saúde: o saber resíduos sólidos de serviços de saúde em vivências práticas **Revista Brasileira de Enfermagem [en linea]**, 2007.



OLIVO, V.; MAGGIONI, V. GESTÃO E GERENCIAMENTO DE RESÍDUOS SÓLIDOS NO MUNICÍPIO DE CHAPECÓ/SC. In: **Forum Internacional de Resíduos Sólidos-Anais**. 2017.

LOPES, R.E.; Et al. Oficinas de atividades com jovens da escola pública: tecnologias sociais entre educação e terapia ocupacional. Interface- **Comunicação Saúde Educação**. v. 15, n. 36, p. 277-288, 2011.



CURSO DE EXTENSÃO PARA PEDAGOGIA: APLICANDO CIÊNCIAS NA ESCOLA A PARTIR DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE

KEILA REIS PEREIRA¹; PETERSON FERNANDO KEPPE DA SILVA²;
LAVÍNIA SCHWANTES³

¹Universidade Federal do Rio Grande – keila93pereira@hotmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande – keppspeterson@gmail.com

³Universidade Federal do Rio Grande – laviniasch@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

A Extensão Universitária é um dos três pilares básicos das universidades, juntamente com o Ensino e a Pesquisa. Os cursos de extensão são uma das possibilidades de efetivação da extensão e podem ser considerados uma construção de um novo saber, associando os conhecimentos científicos com os conhecimentos populares ou prévios, bem como a teoria com a prática.

Neste contexto, nossa proposta vincula a extensão universitária com a Educação em Saúde (ES). A ES pode ser entendida por meio de um significado didático, não possuindo como interesse direto a mudança de atitudes ou hábitos dos indivíduos, mas, sim, visando a reflexão dos mesmos, baseando-se em seus conhecimentos (MOHR, 2002).

A ES busca possibilitar que os estudantes (sejam eles do Ensino Fundamental, Médio ou Superior) decidam que atitudes e ações irão tomar de forma reflexiva e com criticidade diante daquilo que lhe é posto. Além disso, a ES, de acordo com Mohr (2002) e Venturi et al. (2013), instrumentaliza o sujeito; ou seja, busca desenvolver ferramentas que podem (ou não) virem a ser utilizadas em suas vidas.

Considerando a importância do desenvolvimento dos cursos de extensão articulados a ES, pretendemos, neste trabalho, compartilhar e analisar um relato de experiência sobre uma das atividades que ocorreram no Curso de Extensão para Pedagogia: Aplicando Ciências na Escola.



2. DESENVOLVIMENTO

O Curso de Extensão para Pedagogia: Aplicando Ciências na Escola foi divulgado para os/as estudantes da graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Ele foi desenvolvido por graduandos/as do último período de Ciências Biológicas Licenciatura, sendo referente disciplina de estágio docente. O curso objetivou aprimorar o campo de estudo das Ciências, bem como complementar alguns dos conhecimentos desta área e contribuir com a construção de metodologias e abordagens sobre saúde que possam ser utilizadas nas escolas.

Tivemos a participação de 32 cursistas, de uma variada faixa de idade, sendo que a maioria eram mulheres. Organizamos o curso em quatro encontros, contabilizando 20 horas de atividades. Em cada dia do curso foram abordadas metodologias e temáticas diferenciadas envolvendo questões como a importância da vacinação, as doenças sexualmente transmissíveis, os efeitos da radiação solar, a reciclagem e o descarte do lixo na cidade do Rio Grande, além de discussões sobre gêneros e sexualidades. Utilizamos diversos artefatos culturais, que enriqueceram as atividades, tais como reportagens, imagens extraídas da internet, experimentos, jogos, dentre outros.

A atividade de “Mitos e Verdades sobre Higiene e Saúde” ocorreu no primeiro dia do desenvolvimento do curso e no seu planejamento foram formuladas afirmações relacionadas a higiene e a saúde, tais como: 1) uma das dicas para matar piolhos e lêndeas é borrifar vinagre no cabelo, cobrir com uma touca e deixar agir; 2) qualquer método contraceptivo que a pessoa usar, estará protegido contra as doenças sexualmente transmissíveis (DST's); 3) não há mal nenhum em compartilhar objetos de uso pessoal (escovas de dentes, toalhas de banho, calcinha, cueca, etc) se é entre os membros da família; 4) o mau hálito significa que você não escovou os dentes corretamente; 5) os sinais de infecção por uma DST podem aparecer em outras regiões do corpo e não somente nos órgãos sexuais, entre outras.

Estas afirmações foram surgindo a partir da consulta em alguns livros didáticos, nos quais notamos que muitas dessas afirmações não eram abordadas, como é o caso dos piolhos; e quando eram abordadas, como é o caso das doenças sexualmente transmissíveis, salientavam apenas a utilização do método contraceptivo para uma possível prevenção. Além disso, pensamos que essas afirmações podem fazer parte das dúvidas dos estudantes de 1º ao 5º anos, bem como das indagações dos/das graduandos/as do curso de Pedagogia.

Com relação a maneira como a atividade se deu, destacamos que os/as participan-



tes se organizaram em duplas e as afirmações foram distribuídas em folhas de papel. As afirmações eram lidas em voz alta e os/as cursistas deveriam julgar se essas afirmações eram verdades ou mitos. Além disso, poderiam concluir que não sabiam responder ou que estavam em dúvida com a afirmação. Quando não sabiam, as afirmações consideradas verdadeiras deveriam ser colocadas dentro de uma maçã vermelha; já as afirmações tidas como mito deveriam ser colocadas nas maçãs marrons; e as afirmações duvidosas nas maçãs verdes. Logo após, as maçãs (que foram confeccionadas de feltro) deveriam ser amarradas em um modelo de árvore, construída do mesmo material.

Salientamos, que entre uma afirmação e outra, ocorria um momento de discussão, no qual os/as participantes opinavam e justificavam o julgamento das afirmações por meio dos seus conhecimentos prévios. Ainda nesse momento, nós como ministrantes do curso, fazíamos intervenções a fim de sanar as dúvidas e contribuir com a construção dos conhecimentos que estavam sendo abordados.

3. RESULTADOS

A atividade relatada neste trabalho rendeu boas discussões com os/as participantes do Curso de Extensão. As discussões envolveram questões como a eficácia dos xampus para matar os piolhos, o ciclo de vida e os tipos de piolhos, a nova vacina contra o vírus do papiloma humano (HPV, vem do inglês Human Papiloma Virus) e a importância de se fazer exames médicos periodicamente. Informações como os sintomas de determinadas doenças sexualmente transmissíveis e a transmissão das mães grávidas para os bebês também foram mencionadas pelos participantes. Todos/as participaram, demonstrando grande interesse sobre a temática que estava sendo abordada. Além disso, os/as cursistas ficaram à vontade em fazer relatos e contar suas experiências e vivenciadas na escola, em situações semelhantes as que foram apresentadas nas afirmações.

Dentre estes relatos, destacamos a discussão sobre a vacinação. Os/as participantes tinham muitas dúvidas sobre esse tema e acabaram fazendo questionamentos mais complexos, como por exemplo a ação da vacina, permitindo que fossem abordados o sistema imunológico e sua importância para o bom funcionamento do organismo.

Com a leitura das afirmações e da discussão se era mito ou verdade, desencadeamos e construímos uma série de conhecimentos, como por exemplo, a partir da afirmação que abordava os piolhos e lêndeas, discutimos como ocorria o ciclo de vida desse inseto, para justificar tamanha proliferação, bem como as diferentes espécies de piolho. Os/as cursistas destacaram, ainda, que o não tratamento dos casos de piolho, pode levar a complicações, como ferimentos e até mesmo anemia.

Em muitas das afirmações, os/as cursistas ficaram com dúvidas e afirmavam não saber se tratava de um mito ou uma verdade. Na afirmação dos objetivos e roupas de uso pessoal, muitos dos/das participantes concluíram que não havia problema em compartilhar entre os familiares. No entanto, nenhum objetivo de uso pessoal ou roupa íntima deve ser compartilhado com qualquer outra pessoa.

Além disso, ao abordar as DST, surgiram muitos questionamentos e inquietações. Apontamentos de diversas doenças, como sífilis, gonorréia e HPV, foram algumas delas. A partir dos comentários sobre essa última doença, surgiu a polêmica sobre a vacina contra o HPV e, conseqüentemente, abordamos os efeitos e a importância das vacinas, assim como o funcionamento das delas no organismo, relacionando com as ações do sistema imunológico.

Entretanto, destacamos que a partir da Educação em Saúde, voltamos nossas discussões para a reflexão e não para a imposição de comportamentos e atitudes tidos como necessários e pertinentes. Buscamos articular os conhecimentos construídos no campo científico e as questões concernentes à saúde, de modo a problematizar estes mitos e verdades que foram explorados no curso. Acreditamos, que assim, abrimos espaço não só para a reflexão e o compartilhamento de experiências, mas possibilitamos uma interação mais efetiva dos cursistas na prática proposta.

4. AVALIAÇÃO

As atividades realizadas no Curso de Extensão para Pedagogia: Aplicando Ciências na Escola proporcionaram, aos ministrantes, diversos momentos de intensas trocas de conhecimentos, através de discussões e problematizações que enriqueceram as atividades propostas. Além disso, os cursistas, participantes desses momentos puderam ampliar os seus campos de saberes e sanar várias dúvidas de forma didática e descontraída.



Destacamos, então, a importância desse tipo de atividade como contribuição tanto para a formação dos ministrantes quanto dos/das participantes. Realçamos, também, que esta proposta pode ser realizada com qualquer temática do conhecimento, pois visa problematizar algumas questões entendidas como verdades em nossa sociedade. Além disso, acreditamos que o curso constitui-se como uma importante ferramenta de discussão dos saberes científicos do campo da saúde, que podem ser explorados por estes futuros professores no processo de escolarização.

5. REFERÊNCIAS

MORH, A. **A natureza da educação em saúde no ensino fundamental e os professores de ciências. 2002.** Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina.

VENTURI, T.; PEDROSO, I.; MOHR, A. **Educação em Saúde na Escola a partir de uma Perspectiva Pedagógica: discussões acerca da formação de professores.** Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia. XVI Semana Acadêmica de Ciências Biológicas: a docência em biologia: da formação inicial à formação continuada tecendo CTSA, 2013.



LUDOTECA DO TURISMO: O USO DA LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO TURÍSTICA E PATRIMONIAL

KETRIN CRISTINA GABRIEL¹; ÉVERTON FELIPE KAIZER²;
LEOPOLDINE RADTKE BERGMANN³; LEONARDO FERREIRA RESENDE⁴;
DALILA ROSA HALLAL⁵; DALILA MÜLLER⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – ketrinagabriel@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – efkaizer@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – leopoldineradtke@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – lfresend@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – dalilahallal@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – dalilam2011@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O Projeto de Extensão e Cultura Ludoteca do Turismo, criado no ano de 2005 com o intuito de atuar na área de educação patrimonial, é responsável pela elaboração de jogos e atividades lúdicas aplicados durante oficinas que são realizadas nas escolas. Em cada oficina, se procura um jogo diferente, que esteja relacionado à temática trabalhada no dia e que esteja adequado à faixa etária dos alunos atendidos.

Os principais objetivos do Ludoteca consistem em auxiliar na compreensão e conscientização das crianças de uma forma recreativa e divertida sobre assuntos relacionados à sustentabilidade, ao patrimônio, aos bairros e à história de Pelotas, até à cidadania, sempre versando a relação destes com o turismo. Neste trabalho, serão apresentados dois jogos desenvolvidos por este projeto entre os anos de 2016 e 2017 para ações que abordem os temas supracitados.

Segundo Fonseca Filho (2007, p. 11), a educação turística trata-se de “uma prática pedagógica direcionada para complementar a formação dos educandos, visando o preparo destes para um mundo multicultural e globalizado”. Este seria um meio de alcançar o objetivo da multidisciplinaridade, através de uma abordagem de conteúdos que remetam à realidade dos alunos, complementando sua formação básica e formando cidadãos críticos e engajados nas questões sociais.



2. DESENVOLVIMENTO

As práticas pedagógicas predominantes na atualidade, conforme Fortuna (2000, p. 153), vêm desmerecendo a importância do jogo na aprendizagem. Isso se reflete no discurso de que “escola é lugar de aprender, não de brincar”. Esse desmerecimento decorre da ideia de que o jogo é contrário à seriedade e à verdade. Porém, ainda segundo a autora, a criança usa o mundo do faz-de-conta como um escape do mundo real, para poder suportar e compreender a realidade, e o brinquedo é um objeto que “transfere interesses, fantasias, ansiedades e sentimentos de culpa”. Por isso, brincar vai muito além de simplesmente divertir-se: é também uma maneira de entender o mundo e de relacionar-se com ele.

Nesse sentido, sendo a aprendizagem a apreensão e internalização de símbolos e ideias e a brincadeira a apreensão do real através da representação, podemos dizer que ambas são atividades análogas. Logo, a escola é lugar de aprender, mas é também lugar de brincar. Conforme Winnicott (1975, p. 79-80), “é somente no brincar que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral, e somente sendo criativo pode descobrir seu eu”. Por isso, brincando o sujeito também é capaz de formar e transformar a sua identidade pessoal, em qualquer fase da vida.

O presente trabalho consiste em descrever o processo de elaboração de dois novos jogos criados pelos bolsistas entre os anos de 2016 e 2017. Para a realização do mesmo, foi feita uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa documental no acervo do Projeto Ludoteca do Turismo. Com isto, se conheceu melhor o projeto, seus objetivos, além dos jogos que já fazem parte do seu inventário, criados por bolsistas de anos anteriores. A partir disso, pensou-se na elaboração de novos jogos e em todas as questões que envolvem esse processo: quais seriam suas regras, para que faixa etária estariam destinados, bem como de que maneira eles cumpririam com o propósito da educação turística, cidadã e patrimonial, que afinal é o principal intuito das atividades lúdicas desenvolvidas no projeto.

3. RESULTADOS

Conforme Kishimoto (1994), a ludicidade não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento do lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do

conhecimento. Por isso, utilizam-se os jogos do projeto Ludoteca do Turismo como um complemento às oficinas.

A partir dessa concepção e a partir da análise do inventário de atividades lúdicas do projeto, propôs-se a criação de alguns jogos novos para o ano de 2017. Dentre eles, destacam-se dois: o “Perfil do Turista”, direcionado ao público adolescente e adulto, e o “Memória Pelotas”, destinado a crianças a partir dos 10 anos de idade.

Para a elaboração do jogo “Perfil do Turista”, baseamo-nos no jogo “Perfil” da marca de jogos “Grow”. Assim, foram criadas 41 cartas com oito dicas cada uma, relacionadas a um patrimônio, meios de transporte ou lugares da cidade de Pelotas (Figura 01). A cada rodada, um jogador sorteia uma dessas cartas e, após revelar se é uma “coisa” ou “lugar”, os demais vão pedindo as dicas, um de cada vez. O objetivo do jogo é que esses jogadores adivinhem, através das dicas, qual o patrimônio, meio de transporte ou lugar correspondente à carta sorteada. Quanto menos dicas forem utilizadas, maior a pontuação/deslocamento no tabuleiro do participante que acertar. Ganha quem percorrer todo o trajeto do tabuleiro primeiro.

Você é PATRIMÔNIO. Diga que você é uma COISA.

1. Posso ser material e/ou imaterial.
2. Posso ser histórico-cultural, natural, coletivo ou individual.
3. Existem muitos na cidade de Pelotas.
4. Conto um pouco da história de diversos locais.
5. Avance 1 casa.
6. É tudo que tem valor para alguém.
7. Prédios históricos são um tipo de...
8. Os doces pelotenses são um tipo de...

Figuras 01: Exemplo de carta criada para o jogo “Perfil do Turista” – Acervo Ludoteca do Turismo, 2017.

Já o jogo Memória Pelotas (Figura 02) trata-se de um baralho de 32 cartas com imagens importantes e representativas da cidade. É similar a um jogo da memória comum, mas a diferença é que os pares se formam pela combinação de imagens antigas da paisagem de Pelotas com as suas equivalentes atuais. O objetivo desse jogo é estimular a memória do participante e neste caso fixar os lugares representativos do patrimônio arquitetônico, cultural e natural de Pelotas, verificando as modificações da paisagem desses ao longo do tempo.

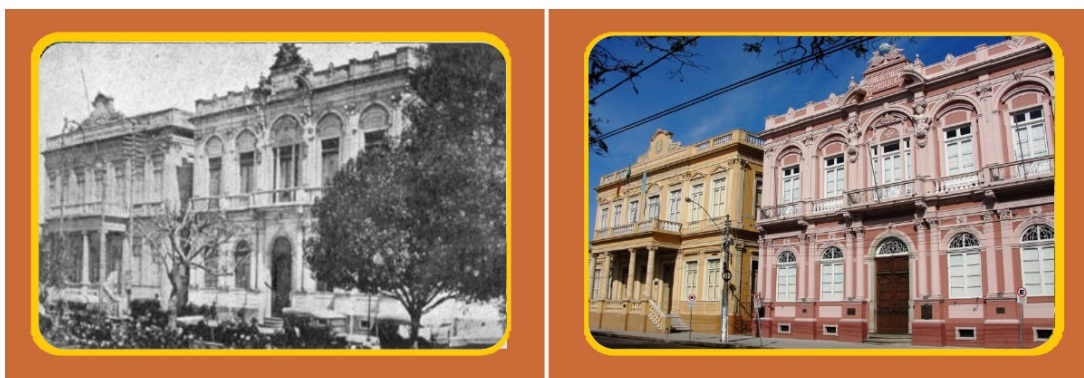


Figura 02: Par do jogo “Memória Pelotas” – Acervo Ludoteca do Turismo, 2017.

Dessa forma, com ambos os jogos os conteúdos abordados durante as oficinas são revisados de uma maneira divertida e prazerosa. Também é perceptível o caráter multidisciplinar dessas atividades, ao abrangerem aspectos históricos, naturais, culturais e que fazem parte do dia a dia dos jogadores. Nas discussões e reflexões resultantes das oficinas e brincadeiras, se busca mostrar a relação dos aspectos citados com o turismo em si – tanto na possibilidade da sua prática diária através do estranhamento e re-olhar das coisas, como na necessidade da sua realização de maneira responsável.

Nesse sentido, o projeto busca sempre renovação, para que sempre tenham disponíveis jogos atualizados e em condições de uso, e para que se siga com a atuação nas escolas públicas do município de Pelotas, a fim de mostrar a importância do turismo, da preservação do patrimônio e incentivar a prática da cidadania.

4. AVALIAÇÃO

Como resultado das análises e discussões, é possível concluir que os jogos lúdico-pedagógicos desenvolvidos pelo projeto de extensão e cultura Ludoteca do Turismo são de grande valia na educação das crianças como um todo, contribuindo para o desenvolvimento intelectual, psicológico e subjetivo dos alunos das escolas públicas de Pelotas, ampliando o repertório destes nos temas turismo, cidadania e patrimônio.

Para os alunos do curso de Bacharelado em Turismo da UFPel, o projeto possibilita uma reconexão com a infância, ao desenvolver os jogos e aplicá-los junto às crianças. Também favorece o aprendizado referente aos temas supracitados, pois na produção e na realização dos jogos, entra-se em contato com todo o conhecimento que posteriormente se transmite.



Por fim, acredita-se que seja necessário continuar com as ações do projeto e seguir criando jogos novos, sempre buscando a manutenção e a renovação do acervo, visto que aprender brincando não é apenas possível, mas também é prazeroso e proveitoso.

5. REFERÊNCIAS

FONSECA FILHO, A.S. Educação e Turismo: Reflexões para Elaboração de uma Educação Turística. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 1, n.1, p. 5-33, set. 2007.

FORTUNA, T. R. Sala de aula é lugar de brincar? In: XAVIER, M. L. M. e DALLA ZEN, M. I. H. (org.) **Planejamento em destaque**: análises menos convencionais. Porto Alegre: Mediação, 2000. Cadernos de Educação Básica, 6, p. 147-164.

KISHIMOTO, T. M. **O Jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 1994.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.



O ESTUDO DOS PRINCIPAIS MOTIVOS DA CRESCENTE EVASÃO NO PRÉ-UNIVERSITÁRIO POPULAR DESAFIO

KEVIN BORGES GARCIA¹; FREDERICO DA ROSA BLANK²;
JÉSSICA ARENA BANDEIRA³; LUIZA DA SILVA SOUZA⁴;
ROSINEI SILVA SANTOS⁵; NORIS MARA MARTINS PACHECO LEAL⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – eng.kevingarcia@outlook.com

²Universidade Federal de Pelotas – blank.frederico@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – Jeca_bandeira@Hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – souzasluiza@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – rosineipelotas@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – norismara@hotmail.com

1. APRESENTAÇÃO

A educação popular é um método de educação que valoriza os saberes prévios do sujeito, além de suas realidades culturais, na construção de novos saberes. Envolve um olhar crítico, facilitando o desenvolvimento da comunidade onde o educando está inserido, estimulando o diálogo e participação comunitária, possibilitando uma melhor leitura da realidade social, política e econômica ao qual se insere. Pode ser aplicada em qualquer contexto, mas as aplicações mais comuns ocorrem em assentamentos rurais, em instituições socioeducativas, em aldeias indígenas e no ensino de jovens e adultos (FREIRE, 1996).

Os cursos pré-vestibulares populares, também chamados alternativos ou comunitários, surgiram no Brasil com o intuito de minimizar as problemáticas referentes à desigualdade existente no acesso às universidades públicas (ZAGO, 2009), e aplicar o conceito de educação popular na construção do conhecimento crítico.

Neste contexto surgiu o “Desafio Pré-Universitário Popular” conhecido até o ano de 2016 como “Desafio Pré-Vestibular”, sendo este um programa de estratégico da Pró-reitoria de Extensão e Cultura, criado em 1993 e baseado nos princípios da Inclusão Social e da Educação Popular. Trata-se de um preparatório para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), voltado para a população em situação de vulnerabilidade social, em especial àquelas que residem nas zonas periféricas da cidade de Pelotas. Contando com 2(dois) processos de seleção ao longo do ano, sendo estes em caráter extensivo (preparatório de 8 meses) e intensivo (preparatório de 4 meses), a divulgação é realizada nas escolas e demais mídias, o processo de seleção é realizado única e exclusivamente através da análise socioeconômica do candidato. É um curso totalmente

gratuito para os educandos/as e onde os/as educadores/as são todos voluntários / as, além de contar com sete bolsistas de iniciação a extensão.

O educador/a popular está ligado a um movimento que por um lado busca a extensão da educação, e por outro a formação social, política e profissional especialmente, de jovens e adultos excluídos da escola regular na idade própria.

Os professores/as, inseridos no contexto do projeto Desafio, são os acadêmicos voluntários da UFPel, com saberes específicos, distintos muitas vezes dos saberes dos educandos.

Ao longo dos anos e experiências do projeto Desafio, o percentual de evasão dos alunos ficou na casa dos 30 a 40% e entre os fatores principais para este resultado destaca-se: os problemas socioeconômicos, os problemas familiares, a perspectiva de vida, a experiência do meio universitário, e problemas de ordem estrutural do Projeto e dinâmica de ensino (THUM, 2000).

Nos dias atuais, o índice de evasão encontrou números alarmantes, chegando a 70%, logo, se faz necessário um estudo mais aprofundado a fim de detectar os motivos principais para este aumento. Com este intuito, o presente estudo visa, através de dados coletados dos educandos/as, estabelecer os principais motivos para o aumento da evasão.

2. DESENVOLVIMENTO

O objetivo deste trabalho é a análise dos motivos relacionados à crescente evasão nos pré-universitários populares, com base em resultados obtidos no Desafio Pré-Universitário Popular.

Atualmente o país vive uma situação econômica considerada “muito preocupante”, sobretudo pelos efeitos da recessão econômica e do desemprego e na inflação, isso aliado a uma instabilidade que interfere de forma negativa na vida social e econômica da população, neste caso educandos/as e educadores/as.

O corte de gastos na educação veio como uma “avalanche” e trouxe consigo o medo do presente e a insegurança no futuro. Conectado a essa realidade, estão os pré-universitários populares, esses ligados em sua maioria a Universidades Federais, sofreram grandes cortes no seu orçamento. Abalando assim, sua estrutura de funcionamento.

A análise dos dados se deu através da aplicação de um questionário aos educandos/as, os quais ainda frequentam regularmente as aulas no projeto, a fim de determi-

nar as maiores dificuldades encontradas por eles no dia a dia. Foram definidos, pelos pesquisadores 6 (seis) questões que podem estar influenciando a evasão de alunos e uma opção para outros motivos não presentes no questionário. Os educandos deveriam marcar uma das seguintes opções: 1) Valor do transporte, 2): falta de educadores, 3): falta de interesse, 4): falta de segurança, 5): necessidade de trabalhar; 6): falta de incentivo da família.

As questões presentes no questionário foram elaboradas através do contato ao longo dos meses com os educandos, da interação com representantes de outros pré-universitários populares, e do estudo realizado em programas similares ao longo dos anos.

3. RESULTADOS

Através dos dados obtidos dos 34(trinta e quatro) educandos/as presentes na realização do estudo, gerou-se um gráfico apresentando quais motivos os estudantes acreditam ser mais impactantes na decisão de evadir do curso. Sendo estes justificados da seguinte maneira:

1): Valor do transporte, a sede do projeto localizada atualmente na área central da cidade requer o deslocamento dos estudantes da periferia diariamente;

2): Falta de educadores/as, como mencionado são de caráter voluntário, com isso, muitas vezes havendo uma falta de comprometimento por parte destes, em comparecer as aulas, deixando os educandos/as em déficit de determinado conteúdo;

3): Falta de interesse, por se tratar de um curso gratuito há uma parcela de educandos/as que param de frequentar por falta de comprometimento;

4): Falta de segurança, a instabilidade atual da segurança na cidade, a localização do projeto, assim como a retirada dos vigilantes da sede pelo corte de gastos gera um clima de insegurança;

5): Necessidade de trabalhar, muitos dos educandos/as possuem uma jornada dupla, além de estudar, necessitam trabalhar, e o desgaste tanto físico quanto emocional e mental, acabam por promover a desistência do estudo;

6): Falta de incentivo da família, as aulas no turno da noite são frequentadas em sua maioria por pessoas acima de 30 (trinta) anos, e estas sofrem com a pressão familiar para abandonar o curso.



Gráfico 1: Principais motivos da evasão

Como é possível observar no gráfico acima (Gráfico 1), elaborado através da porcentagem de alunos por motivo descrito anteriormente, percebeu-se que o motivo destacado como principal é o motivo 1 (um), valor da passagem, seguido dos motivos 3(três), 5 (cinco), 4 (quatro), 6 (seis), 2 (dois) e outros.

Segundo (RIGO et al., 2012), a evasão é destacada como um estudo de natureza complexa de relacionamentos envolvidos, tais como características pessoais, expectativas e eventos motivacionais. E através da observação dos dados, podemos observar que estes corroboram o estudo acima, contudo o aumento da evasão no cenário atual dá-se pela instabilidade econômica vivida atualmente.

4. AVALIAÇÃO

Compreendendo que um dos objetivos da extensão é contribuir com a solução de problemas sociais (Política Nacional De Extensão Universitária, 2012), consideramos que esta pesquisa é de grande importância, para que o conjunto de envolvidos com o Desafio possam buscar soluções para a evasão, e que o programa possa atingir um dos seus principais objetivos que é a inclusão de seus alunos em maior número na Universidade. Embora a crescente evasão no Pré-Universitário Popular Desafio dá-se por motivos externos a universidade, esta em quanto instituição administradora, pode, com base nestes resultados, estabelecer medidas que auxiliem na diminuição ou extinção das situações encontradas.

E de acordo com estas futuras medidas tomadas, o índice de evasão tenderá a diminuir e aumentando o número de estudantes regulares e consequentemente o número de moradores da periferia ingressos na universidade.



5. REFERÊNCIAS

ANDRIOLA, W. B.; ANDRIOLA, C. G.; MOURA, C. P. Opiniões de docentes e de coordenadores acerca do fenômeno da evasão discente dos cursos de graduação da Universidade Federal do Ceará (UFC). **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**. Rio de Janeiro, v.14, n.52, jul/set, 2006, p. 365-382.

FREIRE, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra.

THUM, Carmo (2000). **Pré-vestibular público e gratuito: o acesso de trabalhadores à universidade pública**. Dissertação de Mestrado em Educação. Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis SC, 185 p.

ROMÃO, J.E. Educador popular. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO**: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM.

S. J. RIGO, S. C. CAZELLA, W CAMBRUZZI. Minerando Dados Educacionais com foco na evasão escolar: oportunidades, desafios e necessidades. **Anais Workshop de Desafios da Computação Aplicada à Educação**. POA, 2012.

ZAGO, N. Pré-vestibular popular e trabalho docente: caracterização social e mobilização. **Revista Contemporânea**. UFRJ. Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, agosto/dezembro de 2009.

XXXI ENCONTRO NACIONAL DO FORPROEX. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Carta de Manaus. Maio de 2012. Acessado em 5 de outubro de 2017. Online. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/Pol%C3%A-Dtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>>. Acesso em: outubro de 2017.



O USO DO BLENDED LEARNING NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA

LARISSA LYSAKOWSKI VENZKE¹; HELENA SANTOS KIELING²;
FLÁVIA MEDIANEIRA DE OLIVEIRA³

¹Universidade Federal de Pelotas – lalyven@hotmail.com

²Universidade Católica de Pelotas – kieling.helena@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – olivafm@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

No contexto atual, percebe-se que o professor necessita cada vez mais de abordagens metodológicas inovadoras que motivem e atraiam os aprendizes em sala de aula. O ensino tradicional não tem atendido de modo eficaz as necessidades e expectativas da sociedade contemporânea. Ainda é possível observar a presença do modelo “bancário” de ensino (FREIRE, 2009) em que o aluno é um mero depositário de informações.

Com o objetivo de proporcionar o ensino-aprendizagem mais interativo, o Ensino Híbrido (ou *Blended Learning*) consolida-se como uma abordagem pedagógica em que a tecnologia e o espaço físico são aliados no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem de línguas. O *Blended Learning* possibilita que o aluno seja responsável pela sua aprendizagem, permitindo que o mesmo consiga realizar uma tarefa de forma independente, mas também colaborativa entre aluno/aluno (CHRISTENSEN, HORN e STAKER, 2013).

Essa abordagem é composta por quatro modelos metodológicos, a saber: rotação, *flex*, *à la carte* e virtual enriquecido. No modelo rotacional os alunos se revezam dentro do espaço de sala de aula, sem haver a necessidade de mudanças no espaço físico, porém os alunos são divididos em grupos, sendo cada um deles o responsável pela realização de uma tarefa orientada pelo professor. O modelo *flex* é característico por haver uma flexibilidade nos horários, possibilitando um controle maior para o aluno aprender. No modelo *à La carte* permite a realização de cursos on-line com um professor on-line e no modelo virtual enriquecido o aluno irá realizar um curso on-line, porém há atividades presenciais obrigatórias (CHRISTENSEN, HORN e STAKER, 2013).

No caso do modelo rotacional por estações, busca-se promover o ensino-aprendizagem colaborativo, pois a divisão dos aprendizes em grupos propicia que cada aluno ajude o outro através da interação, contribuindo de modo mais efetivo no processo de

aquisição da segunda língua.

Segundo a teoria interacionista, o diálogo e a aprendizagem colaborativa proporcionam a participação ativa do sujeito na construção do conhecimento. Vygotsky (1984) afirma que a interação é de suma importância para a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo. O autor explica que cada sujeito possui um nível diferente de conhecimento e é através do trabalho colaborativo e da interação com outras pessoas de níveis mais elevados de conhecimento que esse sujeito conseguirá atingir uma gama maior de conhecimento.

Vygotsky (1984) define que a diferença entre esses níveis como Zona de Desenvolvimento Proximal. Segundo o autor (idem, p. 97):

a Zona de Desenvolvimento Proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão, presentemente, em estado embrionário (...).

Sendo assim, é por meio da interação entre aluno-aluno e professor-aluno que ocorre a aprendizagem colaborativa. Essa abordagem metodológica incentiva o aluno no desenvolvimento do pensamento crítico e, de forma conjunta, estimula a aprendizagem através de tarefas, contribuindo para a fluência do sujeito na língua alvo (Figueiredo, 2006).

De acordo com Long (1983) apud Lightbown e Spada (2000), a aquisição da segunda língua advém a partir da conversação, assim o diálogo colaborativo vem a ser uma modificação na fala para que o interlocutor consiga compreender. Para o autor, nativos em uma situação de conversa com não nativos utilizam dessa modificação na sua fala e com isso constroem um diálogo onde há uma colaboração mútua. Além disso, Swain (2000) acredita que o conhecimento linguístico é desenvolvido pelo diálogo colaborativo, sendo de extrema importância para aquisição da segunda língua.

A partir dessas considerações, este trabalho tem como objetivo principal apresentar o relato de uma experiência pedagógica que fez uso da abordagem *Blended learning* no contexto extensionista. A experiência buscou incentivar o uso dessa abordagem no aprendizado da língua inglesa, mostrando que o ensino híbrido é uma ferramenta eficaz e que pode ser facilmente implantada em sala de aula.



2. DESENVOLVIMENTO

Este estudo possui como aporte metodológico a pesquisa qualitativa. Conforme Weller e Pfaff (2010, p. 16) esse tipo de abordagem “envolve observações ou gravações de situações em salas de aula, nas famílias e grupos juvenis, incluem tratamentos diversos, como a análise da conversação ou a análise do discurso.”

A pesquisa foi realizada durante dois encontros com um grupo heterogêneo de 14 estudantes, participantes do curso de Inglês Básico I, ofertado pela Câmara de Extensão do Centro de Letras e Comunicação, no primeiro semestre de 2017.

3. RESULTADOS

Para a realização da pesquisa foi utilizado o modelo rotacional por estações. Esse modelo foi escolhido por não requerer mudança no espaço físico, necessitando apenas de acesso a internet. Além disso, nesse modelo o aluno terá acesso a diferentes atividades ao trocar de estação, possibilitando um contato maior com os diversos conteúdos estudados.

As atividades foram realizadas nos dias 24/06/2017 e 15/07/2017¹, ambas com o foco na revisão dos conteúdos estudados em sala de aula. No primeiro encontro, a sala foi dividida em quatro grupos e foram estipuladas quatro estações. No segundo, os alunos foram divididos em três grupos com três estações. Em cada nicho (ou estação) havia papéis contendo as instruções daquela atividade. Foram elaboradas as seguintes atividades: completar lacunas, ordenar diálogos e realizar filmagens e áudios para publicar no grupo de Facebook da turma. A professora monitorou as atividades e os alunos tiveram 10 minutos para resolver as tarefas e fazer a troca de estação. No final, todos os grupos deveriam participar de todas as estações.

Uma das características do *Blended Learning* é que o aluno seja independente ao realizar uma tarefa. A partir de uma instrução, ele precisa desenvolver a capacidade de resolvê-la em grupo ou sozinho, mas sem a ajuda do professor. Assim, quando a atividade foi colocada em prática pela primeira vez, a professora constatou que inicialmente os alunos ficaram perdidos, não sabiam como resolver a tarefa só com as instruções passadas a eles, porém quando todos estavam na última estação já conseguiam solucionar de maneira independente. Já na última aplicação, observou-se que os alunos

¹ As tarefas propostas contaram com a colaboração e orientação da mestranda Helena Santos Kieling, da Universidade Católica de Pelotas.



conseguiram coordenar a atividade e em grupo resolveram as tarefas de forma autônoma e rápida.

A fim de identificar a eficácia dessa abordagem, a pesquisa também considerou os resultados do questionário elaborado pela Câmara de Extensão do Curso de Letras, que visa coletar informações pedagógicas e metodológicas a cerca dos cursos ofertados. Assim, os resultados preliminares apontam que no quesito “metodologia e abordagens” contido no questionário, os alunos consideraram bastante relevantes as tarefas em grupo e as atividades de *speaking*.

4. AVALIAÇÃO

A partir dos resultados analisados, verificou-se que as atividades de rotação por estações foram importantes não só para o aprendizado dos conteúdos abordados, mas também para que os aprendizes tivessem mais autonomia na resolução de problemas. Ao mesmo tempo, esse modelo de ensino híbrido contempla a aprendizagem colaborativa, como exposto anteriormente, na qual os próprios alunos auxiliam aqueles que possuem dificuldades em determinada tarefa ou conteúdo. Dessa forma, constatamos que além da possível aplicabilidade, o *Blended Learning* é uma abordagem que contribui para a aprendizagem através da interação e do diálogo colaborativo.

5. REFERÊNCIAS

CHRISTENSEN, C.M; HORN, M.B; STALKER, H. ***Ensino Híbrido: uma inovação disruptiva?*** Uma introdução à teoria dos híbridos. Clayton Christensen Institute, 2013. Acessado em 08 set. 2017. Online. Disponível em: <http://docplayer.com.br/49826-Ensino-hibrido-uma-inovacao-disruptiva.html>

FIGUEIREDO, F. J. Q. **A aprendizagem colaborativa de Línguas**. Editora UFG, Goiânia, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.



LIGHTBOWN, P.M; SPADA, N. **How languages are learned**. Second edition. Oxford: Oxford University Press, 2000.

SWAIN, M. The output hypothesis and beyond: mediating acquisition through collaborative dialogue. In LANTOLF, J. P. (Ed.) **Sociocultural theory and second language learning**. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 97-114.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Martins Fontes, São Paulo, 1984.

WELLER, W; PFAFF, N. **Metodologias de pesquisa qualitativa em educação: Teoria e prática**. Petrópolis: Vozes, 2010.



I CICLO DE PALESTRAS AO ENTARDECER “PROFESSOR JÚLIO CÉSAR DE MELLO E SOUZA”: UMA AÇÃO DE EXTENSÃO DO CURSO DE MATEMÁTICA

LARISSA TESTOLIN SCHMIESCKI DOS SANTOS¹;
DOUGLAS WENDLER DE ANDRADE²; GREGORY SCHUMACHER SOARES³;
JÉSSICA GARCIA FUHRMANN⁴; ANTÔNIO MAURÍCIO MEDEIROS ALVES⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – laryssatestolin@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – dwadodo1997@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – gregoryschumacher1@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – jessica-fuhrmann@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – alves.antonio mauricio@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O presente texto apresenta uma reflexão sobre a concepção e realização do projeto de extensão, intitulado “I Ciclo de Palestras ao Entardecer Professor Júlio César de Mello e Souza”, que foi planejado por acadêmicos do curso de Licenciatura de Matemática da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. A proposta do Ciclo foi de divulgar uma visão da Matemática diferente do senso comum – ciência para poucos – em especial da Matemática escolar, através da realização de diferentes atividades em alusão ao dia Nacional da Matemática. Encontramos no Boletim nº 13 da Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM), do ano de 2012, que em 5 de maio de 2004, a professora Raquel Teixeira, então deputada federal pelo estado de Goiás, apresentou o projeto de lei que instituiu o Dia Nacional da Matemática. A data proposta, dia 6 de maio – data de nascimento do professor Júlio César de Mello e Souza – foi um pedido da SBEM como forma de reconhecimento ao trabalho realizado por esse grande educador matemático brasileiro, autor de diversas obras sobre Matemática Recreativa e História da Matemática que, além de autor de importantes livros didáticos, escreveu inúmeras obras sob o pseudônimo de Malba Tahan.

Considerando a importância histórica desse educador foi proposto o citado projeto. O mesmo tinha a intenção de divulgar o curso de licenciatura em Matemática e comunicar à comunidade e aos acadêmicos sobre as diversas áreas que o curso abrange, levando ao conhecimento dos alunos as múltiplas possibilidades de atuação do licenciado em Matemática visando principalmente a maior permanência no curso, em particular dos estudantes do primeiro semestre, muitos dos quais acabam evadindo. O ciclo possuía



também o objetivo de aproximar a comunidade da Universidade e apresentar as diversas ramificações científicas da Matemática, desmistificando o fato de que a Matemática se resume a aplicação de algoritmos, sendo destinada a poucos “eleitos”.

2. DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento das atividades do I Ciclo de Palestras ao Entardecer “Professor Júlio César de Mello e Souza” foi iniciado tendo em vista o objetivo de abranger as diversas áreas da Matemática. Assim foram propostos cinco encontros quinzenais, ao entardecer, para que os acadêmicos e a comunidade pudessem participar das palestras.

A primeira palestra proposta foi “Conversas sobre Malba Tahan” tendo como palestrante o Prof. Lino de Jesus Soares, renomado educador pelotense. O objetivo dessa palestra foi apresentar quem era o Malba Tahan pelos olhos do palestrante que teve a oportunidade de conhecer o autor e contar sobre sua trajetória com a Matemática. O palestrante apresentou uma breve biografia do Professor Júlio César e o motivo pelo qual ele usava um pseudônimo em vez de seu próprio nome.

A segunda palestra proposta, intitulada “A Matemática através da demonstração” foi ministrada pelos professores Cícero Nachtigall, Giovanni da Silva Nunes e Maurício Zahn, do IFM/UFPEL, com o objetivo de propor aos ouvintes as potencialidades e limitações da área da Matemática Pura e sua importância para o desenvolvimento da disciplina como ciência exata.

A terceira palestra, “Ensino de Matemática: o desafio dos professores nos dias atuais” contou com a apresentação dos professores André Luis Andrejew Ferreira, Antônio Maurício Medeiros Alves e Denise Nascimento Silveira – IFM/UFPEL, que procuraram mostrar aos ouvintes que a área da educação Matemática, apesar de ser considerada nova é muito significativa para o ensino. É notável que os professores de hoje em dia sempre estão em um constante desafio para ensinar seus alunos, ainda mais na Matemática que é uma disciplina considerada difícil por eles.

A quarta palestra proposta foi “A presença da literatura na Educação Matemática” com a palestrante Prof.^a Betânia Lopes Ballardares. O objetivo dessa palestra era apresentar os modos de produção da sua dissertação de mestrado, intitulada “Malba Tahan, Matemática e Histórias em quadrinhos: produção discente de HQs em uma colônia de pescadores”, escrita utilizando alguns contos do livro famoso do Malba Tahan “O homem que calculava”. A palestrante trouxe sua experiência dentro de sala de aula

com a utilização do livro do Professor Júlio César e suas potencialidades no ensino de matemática, assim nos realçando a importância da literatura dentro da matemática.

A quinta e última palestra teve o PIBID como tema. Em “Pibidiando: conversando com o PIBID” a palestrante Prof.^a Vanessa Caldeira Leite e as acadêmicas Juliana Bonanova Souza e Letícia Klein Parnoff procuraram proporcionar ao público um contato com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. A Professora Vanessa apresentou o que o programa tem a oferecer nas escolas públicas e as acadêmicas relataram a experiência de como é trabalhar nas escolas com materiais concretos, junto aos anos iniciais.

A cada palestra foi disponibilizado um questionário de avaliação para que os ouvintes pudessem registrar suas percepções e deixarem sugestões para o próximo Ciclo de Palestras ao Entardecer “Professor Júlio César de Mello e Souza”.

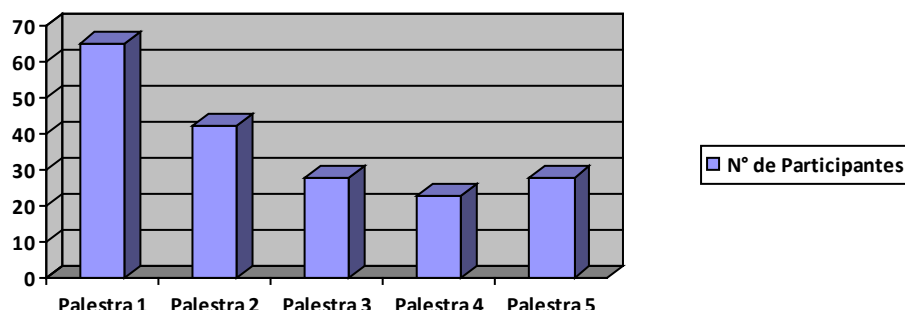
3. RESULTADOS

No decorrer das discussões das palestras, foram abordados diversos assuntos relacionados ao professor, ao aluno e a Matemática. Este momento serviu para que constatações a extrema relevância da formação inicial e continuada de professores. Como nos diz COSTA (2008, p.55),

quanto mais uma pessoa aprende, mais aumentam as suas necessidades de aprendizagem e sua capacidade de adquirir novos conhecimentos. Não podemos mais pensar em pessoas formadas. Todos nós estamos em formação ao longo da vida. Aprender, portanto, é uma exigência que nos acompanha do início ao fim de nossa existência. Quanto mais conhecimentos adquirimos, mais aumenta a nossa área de contato com o desconhecido e, assim, cada vez mais ampliam-se as nossas necessidades de aprendizagem. Aprender é crescer. E nenhum tempo é inadequado para isso (apud LIMA e DUARTE, 2014, p. 20).

Sendo assim mais que ensinar conceitos prontos, os professores devem estar em constante atualização e disponíveis a novos aprendizados, desse modo destaca-se a importância, além da formação inicial, da formação continuada.

Com o ciclo conseguimos atingir um significativo número de estudantes, considerando o número de alunos do curso, contribuindo assim com sua formação inicial. O gráfico a seguir apresenta o número de participantes de cada palestra:



Por outro lado podemos perceber uma taxa de diminuição do público do evento, mesmo sendo as palestras em datas e dias de semana alternados, porém durante a realização do ciclo as atividades acabaram coincidindo com o calendário de provas dos acadêmicos, levando a uma diminuição dos participantes.

4. AVALIAÇÃO

Conclui-se que foi de extrema relevância a realização do I Ciclo de Palestras ao Entardecer “Professor Júlio César de Mello e Souza”, principalmente para os alunos de primeiro semestre do curso de licenciatura em Matemática e para a comunidade que não conheciam as áreas da Matemática.

Para o II Ciclo de Palestras ao Entardecer “Professor Júlio César de Mello e Souza” em 2018 o Ciclo será aperfeiçoado, tendo como tema central relatos de experiência na área da docência. Tal tema será abordado devido às sugestões que os ouvintes sugeriram.

5. REFERÊNCIAS

FARIA, JURACI CONCEIÇÃO DE. **A prática educativa de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan : um olhar a partir da concepção de interdisciplinaridade de Ivani Fazenda / Juraci Conceição de Faria.** 2004. Dissertação (Mestrado em Edu-



cação) - Pós Graduação em Educação. Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

LIMA, F. J.; DUARTE, M. I. S. **A Formação Continuada Do Professor: Sentidos E Significados Para Os Egressos Do Curso De Licenciatura Em Matemática Do Ifce Campus De Cedro.** Online. Acessado em 30 set. 2017. Disponível em: <http://conexoes.ifce.edu.br/index.php/conexoes/article/viewFile/583/448>

SOUSA, ENNE KAROL VENANCIO DE; FOSSA, JOHN A. Júlio César de Mello e Souza e a Educação Matemática. **Anais do 2º Enaphem.** Bauru, SP, 2014. Online. Acessado em 30 set. 2017. Disponível em: <http://www2.fc.unesp.br/enaphem/sistema/trabalhos/4r.pdf>



OFICINA DE ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL NA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PADRE ANCHIETA

LAURA DOS SANTOS CENTENO¹; ANDRESSA LESSA KRINGEL²;
FRANCIELLE ZURSCHMITTEM³; CAROLINE DELLINGHAUSEN BORGES⁴;
CARLA ROSANE BARBOZA MENDONÇA⁵.

¹Discente do Curso de Química de Alimentos – CCQFA - UFPel –
lauracenteno96@yahoo.com.br

²Discente do Curso de Química de Alimentos – CCQFA - UFPel –
andressakringel@gmail.com

³Discente do Curso de Química de Alimentos – CCQFA - UFPel –
franciellezurschimittem@hotmail.com

⁴Docente do Centro de Ciências Químicas Farmacêuticas e de Alimentos (CCQFA) –
UFPel – caroldellin@hotmail.com

⁵Docente do Centro de Ciências Químicas Farmacêuticas e de Alimentos (CCQFA) –
UFPel – carlaufpel@hotmail.com - Orientadora

1. APRESENTAÇÃO

O modo de escolher os alimentos utilizados na dieta varia nas diversas classes sociais. Assim, incluem-se razões psicológicas para aceitação e rejeição dos alimentos, sendo classificadas pelas suas propriedades sensoriais (sabor e aroma) e se estes alimentos trazem benefícios ou perigos à saúde. Fatores como utilidade, aparência e higiene também têm grande influência na escolha (FALLON et al, 1983).

Sabe-se que dietas ricas em gorduras, sal e açúcar e pobres em carboidratos complexos, vitaminas e minerais, aliadas à falta de exercícios físicos, são responsáveis pelo aumento de doenças crônicas não transmissíveis ligadas à dieta, como, por exemplo, a obesidade, diabetes, problemas cardiovasculares, hipertensão e osteoporose. Há anos acredita-se que o consumo de frutas e hortaliças está relacionado à prevenção destas doenças (CARVALHO et al. 2006).

Deste modo, sabe-se que o ambiente escolar é considerado um ótimo local para o desenvolvimento de atividades voltadas à promoção de saúde, pois permite não só que tais ações sejam incorporadas desde a educação inicial, mas também possibilita estreitar o contato entre a família e o ambiente escolar neste processo (CARVALHO et al. 2008).

Desta maneira, o presente trabalho objetivou estimular os estudantes de ensino fundamental para o consumo de frutas e hortaliças, orientando-os para que apliquem corretamente as técnicas de higienização, destacando aspectos essenciais, tanto para

estudantes quanto professores, quanto as formas de preparo que garantam a segurança no consumo de vegetais frescos.

2. DESENVOLVIMENTO

Para execução deste projeto tem-se realizado constantes revisões bibliográficas, a fim de atualizar as informações e fundamentar os novos temas que são inseridos, em função das solicitações das escolas, assim, o material de apoio aos cursos é atualizado e elaborado na forma de slides.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Anchieta, localizada no bairro Areal em Pelotas-RS, foi contatada através da coordenadora pedagógica e o encaminhamento para execução das oficinas foi dado ao professor da turma de 5º ano do ensino fundamental, que trabalhava os conteúdos gerais com os alunos, assim, as atividades práticas e teóricas foram direcionadas aos alunos desta turma, que era composta por 15 crianças.

Os cursos teóricos abordaram os seguintes assuntos: importância nutricional de frutas e hortaliças; formas corretas de higienização dos vegetais, dos utensílios/equipamentos utilizados no preparo e dos manipuladores; alterações que ocorrem nos vegetais; técnicas de preparo de vegetais na forma fresca que garantam maior vida útil.

Os temas foram abordados pelos alunos e professores integrantes do projeto com apoio de recursos audiovisuais. Ao longo da exposição os alunos foram estimulados a participarem, tirando dúvidas, fazendo perguntas sobre aspectos complementares e relatando situações vivenciadas.

Realizaram-se dois cursos teóricos envolvendo os temas mencionados acima, nos quais se dividiu o conteúdo em pequenas partes e mesclou-se com atividades lúdicas, a fim de tornar mais proveitosa e didática à troca de conhecimentos com as crianças (Figura 1).

No primeiro encontro, fez-se uma atividade nas quais diversas frutas estavam dentro de caixas fechadas e através do tato era preciso identificar as mesmas. Já na segunda parte teórica realizou-se a distribuição de espetinhos de frutas “in natura” aos alunos participantes, utilizando frutas coloridas e da estação, que servissem como estímulo para o consumo. A Figura 1 mostra os alunos no curso teórico (esquerda) e espetinhos que foram oferecidos (direita).



Figura 1 – Estudantes participando do primeiro curso teórico (esquerda) e espetinhos de frutas distribuídos (direita).

o final das atividades, aplicou-se um questionário a fim de obter uma avaliação das atividades. O questionário era composto por 7 perguntas (1 à 7), sendo 1 - O que você achou conteúdo tratado?; 2 - O que você achou dos apresentadores?; 3 - Em que nível foram as novidades?; 4 - Como foi para entender o assunto?; 5 - As brincadeiras realizadas envolvendo o olfato e o tato para descobrir as frutas motivaram sua curiosidade de conhecer/provar novas frutas?; 6 - O que você acharia se tivessem mais cursos como este?; 7 - Quanto você acha que pode colocar em prática do que você aprendeu? Como opções de respostas, os alunos dispunham de uma escala com expressões faciais, com níveis de respostas de 1 a 5, sendo o valor 1 - Muito ruim; 2 - Ruim; 3 - Mais ou menos; 4 - Bom; 5- Ótimo, segundo o que está mostrado na Figura 2.



Figura 2 – Escala facial utilizada para avaliação do curso pelos.

3. RESULTADOS

As atividades teóricas foram realizadas na sala de aula da turma de 5º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Anchieta.

Os resultados obtidos através do questionário, aplicado ao final dos cursos teóricos, são expostos na Figura 4, através de um gráfico em barras na qual as respostas são expressas em percentagem.

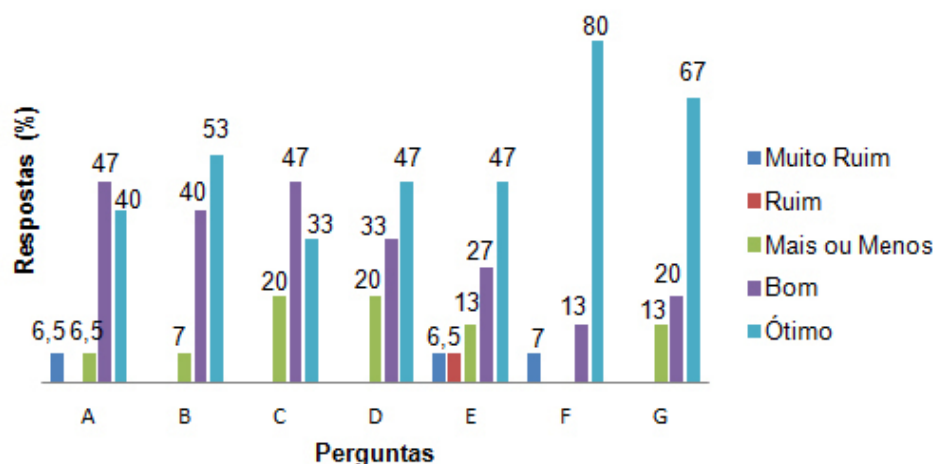


Figura 4 – Dados da avaliação das atividades da oficina de alimentação saudável na Escola Padre Anchieta.

Considerando o gráfico, notou-se a aprovação das atividades por mais de 85% das crianças, somadas as respostas “ótimo” e “bom”, e em relação às outras perguntas, também se sobressaíram às respostas “ótimo” e “bom”.

A atividade envolvendo o tato e olfato evidenciou que alguns alunos têm muita resistência ao consumo de frutas, visto que 7% responderam “ruim” para a pergunta “E” (As brincadeiras realizadas envolvendo o olfato e o tato para descobrir as frutas motivaram sua curiosidade de conhecer/provas novas frutas?). Acredita-se que este resultado tenha como motivo a dispersão e a falta de interesse em novos aromas e texturas oriundos das frutas e hortaliças e pode estar relacionado ao fato de algumas crianças não terem o hábito de consumo destes vegetais. Além disso, esta rejeição pode ter gerado restrição na aceitação e entendimento do assunto.

Porém, 80% das crianças achariam ótima a realização de atividades similares (Pergunta F – “O que você acharia se tivessem mais cursos como este?”).

Foi aberto um espaço para perguntas sobre os temas abordados, nas quais as dúvidas foram todas esclarecidas, mas percebeu-se um baixo interesse por parte dos alunos, pois uma minoria participou. A entrega dos “espetinhos de frutas” foi feita ao término do curso e percebeu-se uma resistência pelas crianças, visto que poucos se interessaram em pegá-los, fato diferenciado do já vivenciado em outras escolas.

Percebeu-se que a comunidade da referida escola é bastante carente e a turma heterogênea em idade e comportamento, tais fatores devem ter exercido influência no interesse pelo assunto, sendo que em algum momento foi bem difícil prender a atenção das crianças e tentar motivá-las. Muitos deles mostravam-se agitados e bastante ruidosos. Ainda assim, com os esforços empreendidos e a diversificação das atividades, foi possível observar que a maioria gostou da proposta. Acredita-se que outros projetos,



que trabalhassem também questões sócio-educativas, pudessem ser bem importantes para a comunidade escolar em questão.

4. AVALIAÇÃO

Com base nos resultados dos questionários, pode-se avaliar que a atividade teórica foi bem aceita, entretanto, na prática observou-se dificuldade de assimilação e de concentração dos alunos.

Em contrapartida, incentivar as crianças a terem hábitos alimentares saudáveis e consciência da importância de boas práticas de manuseio e preparo dos alimentos é prazeroso. Além disso, vale destacar a troca de experiências entre os discentes da graduação e os alunos do ensino fundamental que foi proveitosa e aperfeiçoou o conhecimento de todos. As vivências servem como resultado para melhorias no desenvolvimento dos cursos para que se tenha um aproveitamento cada vez melhor.

5. REFERÊNCIAS

FALLON A. E.; ROZIM P.; The psychological bases of food rejections by humans. **Ecology Food Nutrition**, v. 13, p.15-26, 1983.

CARVALHO, P.G.B. et al. Hortaliças como alimentos funcionais. **Revista Horticultura Brasileira**, Brasília, v. 24, n.4, p. 397-404, 2006.

CARVALHO A.T; MUNIZ, V.M.; GOMES J.F.; Programa de alimentação escolar no município de João Pessoa - PB, Brasil: as merendeiras em foco. **Interface - Comunicação, Saúde e Educação**, v. 12, Supl. 27, p. 823-834, 2008.



BEISEBOL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

LEONARDO DUMMER VELASQUE¹; TAIRÃ GONÇALVES SOARES²;
ERALDO DOS SANTOS PINHEIRO³

¹LEECol/ESEF/UFPeI – leonardovelasqueesef2017@gmail.com

²LEECol/ESEF/UFPeI – tairasoaresantiqua@gmail.com

³LEECol/ESEF/UFPeI – espboa@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

Segundo BETTI (1999), apesar da forma de maior difusão do movimento corporal nas escolas tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio seja o esporte, apenas algumas modalidades são aplicadas nas aulas de educação física, de forma aleatória e desordenada na maioria dos casos, suscitando o questionamento sobre qual o motivo desta manutenção dos conteúdos focados em poucas modalidades, onde se destaca o fato de pouco ou nenhum conhecimento dos professores de algumas práticas esportivas além dos quatro grandes, impede que se apresentem outras modalidades aos alunos. Em um estudo de BETTI (1992), alunos entrevistados foram taxativos ao responder que sim, gostariam de uma maior diversidade nos conteúdos propostos na aula, com práticas de modalidades esportivas além das já aplicadas.

O Beisebol se apresenta como uma importante alternativa para enfrentar o problema citado anteriormente. Além dos benefícios ligados aos aspectos motores, o Beisebol traz uma gama de aprendizagens ligadas aos aspectos sociais, éticos e construção de valores, desenvolve a lógica e a concentração sem segregar padrões de biótipo e nível de habilidade, fazendo com que todos se sintam parte de um todo na sua prática. As maiores dificuldades para inserção do Beisebol no currículo da EF escolar são: a modalidade ter pouca visibilidade no Brasil, ocasionando pouco conhecimento por parte dos professores, impossibilidade de algumas escolas proverem um local propício para a prática, a utilização pelo esporte de um bastão que muitas vezes é usado para atividades contraventoras que trazem uma imagem negativa ao objeto e ser considerado um jogo de culturas diferentes da brasileira.

Considerando o exposto anteriormente, o objetivo deste ensaio é sugerir estratégias para inserção do Beisebol nas aulas de educação física.

2. DESENVOLVIMENTO

Este ensaio trata-se de um projeto que esta será implantado no ano de 2018. O projeto Beisebol nas Escolas tem por objetivos: a) apresentar o Beisebol como uma alternativa para EF escolar; b) oportunizar aos escolares a prática de uma modalidade diferente; c) contribuir para a formação continuada de professores de EF das escolas públicas de Pelotas-RS.

Para o andamento do projeto serão definidas quatro fases de implantação. Fase I - Formação de 4 horas nas quais serão apresentados para os professores os seguintes conteúdos: História e introdução do Beisebol, histórico da modalidade no Brasil, Beisebol escolar no Brasil e em outros países, adaptação da modalidade na educação física escolar, além da entrega de kits para a aplicação da atividade nas aulas. Fase II - Visita as escolas interessadas para auxílio aos professores na implantação do Beisebol nas aulas, através dos estudantes da Escola Superior de Educação Física participantes do projeto. Fase III - Fase de troca de experiências entre os escolares. Nesta fase é realizado um torneio em forma de festival entre as escolas participantes do projeto. As escolas poderão inscrever até quatro equipes em cada uma das categorias, a saber: Menores de 9 anos misto (M9), Menores de 11 anos masculino e feminino (M11), Menores de 13 anos masculino e feminino (M13) e Menores de 15 anos masculino e feminino (M15). Fase IV - Avaliação do processo através de entrevistas com os professores, alunos e pais de alunos, tornando possível a identificação dos pontos positivos a serem confirmados e os pontos negativos a serem reavaliados e aprimorados para a continuidade do projeto.

Cronograma

Mês 1 - Contato com a Secretaria de Educação do Município de Pelotas e capacitação dos formadores dos professores.

Mês 2 – Capacitação dos professores através da formação de 4 horas.

Mês 3 – Auxílio aos professores na aplicação da atividade em aula.

Mês 4 – Festival para a troca de experiências entre a comunidade envolvida no projeto.

Após o fim do festival, serão aplicadas as entrevistas aos professores, alunos e pais dos alunos, para obtenção de uma análise.

Orçamento

Os materiais necessários para a montagem do kit que será entregue aos professores na formação para aplicação do Beisebol são: Um bastão, uma bola, um pedestal/suporte e três cones marcadores.

3. RESULTADOS

Este projeto pretende formar 20 professores de escolas públicas de Pelotas. Atender indiretamente, através dos professores, 2000 alunos dos dois sexos, diretamente 200 alunos dos dois sexos no festival interestelar e 20 alunos dos cursos de Educação Física Licenciatura e Bacharelado da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas.

4. AVALIAÇÃO

Este projeto visa auxiliar os professores ofertando uma alternativa as modalidades tradicionais, com aplicação de uma modalidade de esportes aos quais os alunos tenham pouco ou nenhum conhecimento, aumentando as suas possibilidades de escolhas em uma futura relação com a prática esportiva. Também possibilita a inserção de uma atividade onde pode-se aplicar para ambos os sexos, inclusive em atividades mistas, gerando uma maior relação social entre os alunos, apresentando valores significativos para o desenvolvimento bio-psico-social. Além disto, gera a possibilidade de serem criadas competições, que poderão ser utilizadas como uma ferramenta pedagógica pelos docentes.

5. REFERÊNCIAS

BETTI, I.C.R. Esporte na escola: mas é só isso, professor? **Motriz**, Rio Claro v. 1, n. 1, p. 25-31, jun.1999.

BETTI, I.C.R. O prazer em aulas de educação física escolar: a perspectiva discente. Dez.1992. Dissertação mestrado em Educação Física – UNICAMP.



BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Educação Física, 3º e 4º ciclos. Brasília: MEC, 1998. v. 7.

GAYA, A. Mas afinal, o que é Educação Física?. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 1, n. 1, p. 29-34, 1994.

GONZÁLEZ, F. J. ; BRACHT, V. Metodologia do ensino dos esportes coletivos. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012.

RUBIO, K. Tradição, família e prática esportiva: a cultura japonesa e o beisebol no Brasil. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 6, n. 12, p. 37-44, 2000.



OLHARES SOBRE PELOTAS: AS NARRATIVAS DAS CRIANÇAS SOBRE O MUNICÍPIO A PARTIR DA DINÂMICA “DANDO GIZ À VOZ”

LEOPOLDINE RADTKE BERGMANN¹; ÉVERTON FELIPE KAIZER²;
KETRIN CRISTINA GABRIEL³; DALILA ROSA HALLAL⁴; DALILA MÜLLER⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – leopoldineradtke@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – efkaizer@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – ketrinagabriel@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – dalilahallal@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – dalilam2011@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

As cidades em seus alicerces constituem-se não apenas de paredes e muros, mas de imagens, narrativas e de experiências. Esse enredo torna possível criar relações com a cidade que possibilitam transmitir às crianças referências simbólicas no espaço urbano, espaços de compartilhamento (MEIRA, 2011). Para Smith, Bordini e Sperb (2009) “os passos das crianças pelas ruas da cidade, por seus espaços públicos, são fonte de subjetivação, de inscrição simbólica de seu lugar no mundo”.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo compreender a narrativa verbal das crianças sobre o município de Pelotas a partir da dinâmica “Dando Giz à Voz”, realizada durante a atuação do projeto de extensão e cultura “Visitas Pedagógicas” do Curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). O Visitas Pedagógicas é realizado com alunos do ensino fundamental e médio, idosos, deficientes e seus familiares, associações de moradores e comunidade em geral, com o objetivo de propor reflexões sobre a temática Turismo e suas relações com o Patrimônio através da educação patrimonial (UFPel, 2017).

O roteiro das visitas é desenvolvido pelo centro histórico da cidade de Pelotas e trata-se de um trajeto realizado a pé, percorrendo o caminho que circunda a Praça Coronel Pedro Osório, falando brevemente sobre a história dos prédios.

Neste trabalho, observou-se uma parte da visita realizada com crianças do ensino fundamental, possuindo um caráter específico, tanto pela linguagem e pelas narrativas usadas na descrição dos prédios e espaços públicos, como por ser permeado por ludicidade ao longo do trajeto.

2. DESENVOLVIMENTO

Durante as visitas pedagógicas com as crianças, a dinâmica “Dando Giz à Voz” ocorre no momento em que elas passam pela Praça Coronel Pedro Osório, aproximadamente na metade do roteiro. A atividade consiste na distribuição de alguns giz de quadro negro para as crianças participantes, que são convidadas a escrever frases e fazer desenhos referentes ao município de Pelotas na calçada da Praça. Além de deixar pequenos recados sobre o próprio bairro, ou quaisquer outras interpretações sobre o município, logo abaixo da frase previamente escrita: “Pelotas é:” (conforme figuras abaixo).



Figura 1 e 2 – Escritas das crianças na calçada da praça Coronel Pedro Osório.

A realização desta dinâmica em específico tem o intuito de fazer com que as crianças interajam e se apropriem do espaço público em questão, que é a Praça Coronel Pedro Osório, de maneira lúdica.

Ao compartilhar significados, organizar e avaliar suas experiências, a criança constitui-se como narradora, e a narrativa pode ser considerada um aspecto prioritário do desenvolvimento a ser possibilitado pela escola, pois envolve comunicação e ludicidade, a socialização e a construção da identidade (SMITH; BORDINI; SPERB; 2009).

No momento em que a criança expressa suas opiniões e sentimentos a respeito de um lugar, ela se torna participante do meio, e a praça torna-se um local convidativo no qual ela tem a chance de intervir no espaço provisoriamente, já que o giz é apagado facilmente. Entretanto, são registrados ali seus pensamentos sobre a cidade.

Partindo dessa ideia, foram observadas as narrativas verbais feitas pelas crianças a partir de suas escritas na calçada da praça Coronel Pedro Osório.



sobre o olhar das crianças para o espaço da cidade. Conforme explica Müller (2012), “como atores sociais, as crianças mantêm e transformam a infância, se apropriam e modificam criativamente as suas cidades. Portanto, cidade é um espaço na sua totalidade, que se transforma em lugar, nos fragmentos apreendidos e significados pelas crianças”. Observou-se que elas não buscam apropriar-se do espaço de forma individual, mas coletiva, convidando todos a conhecer o lugar onde vivem, esforçando-se para que suas mensagens sejam compreendidas e recebidas.

Para Meira (2011), “quanto menor a criança, mais sua sensibilidade em relação ao espaço da cidade se revela em afetos, pensamentos, e fantasias que fundam um universo singular, mas referido ao coletivo”.

É importante analisar esse olhar da criança, sensível, observador, o olhar da admiração e da curiosidade. Para a mesma autora “a criança é evocada a partir de seu olhar infantil e ao mesmo tempo de olhares de adultos que as consideram ingênuas, crédulas, reveladoras de verdades que esses não podem nem querem ouvir”. Em meio a isso, as crianças perdem a voz, quando ao contrário deveriam ser ouvidas para que justamente, possamos voltar a perceber o meio ao redor com a singeleza do olhar infantil.

4. AVALIAÇÃO

A partir da análise das narrativas das crianças durante a dinâmica foi possível constatar que esta possui caráter relevante, pois através dela ocorre um processo de apropriação do espaço público pelas crianças, pois ao deixar ali sua mensagem para quem passa pelo local, elas sentem-se pertencentes do lugar onde vivem. O ato de apropriar-se do espaço público contribui no processo de construção da identidade da criança. Além disso, desperta um novo olhar para o uso do espaço público, tanto para as crianças, quanto por quem passa pelo local, provocando novas reflexões sobre o município nos próprios moradores locais.

Os olhares das crianças sobre o município de Pelotas são repletos de discursos otimistas. As crianças apresentam formas diferentes de apreender a cidade, formas estas que se diferenciam da dos adultos.

Observa-se a importância da narrativa infantil como uma forma de provocar um reolhar sobre os espaços e a cidade como um todo. Analisando os locais através de detalhes às vezes despercebidos pela maioria das pessoas. Trabalhar esse reolhar pela visão de uma criança contribui para que se enxergue o local onde se vive de forma

mais otimista, buscando analisar atributos que enaltecem a cidade, ao invés de pensar apenas nas carências e dificuldades.

Percebe-se desta forma, que a ação de alguma forma atinge a todas as pessoas que passam pelo local, não apenas as crianças que realizam a atividade, mas também a comunidade e os próprios bolsistas de extensão, que naquele momento estão como mediadores da ação, mas também são afetados no momento em que refletem sobre as narrativas através do olhar para o espaço urbano como um todo.

5. REFERÊNCIAS

MEIRA, A.M. **olhares das crianças sobre a cidade de porto alegre: infância contemporânea, psicanálise, educação e arte**. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MÜLLER, F. Infância e cidade: Porto Alegre através das lentes das crianças. **Redalyc**, Porto Alegre, v.37, n.1, p. 295-318, 2012.

SMITH, V.H.; BORDINI, G.S.; SPERB, T.M. Contextos e parceiros do narrar de crianças na escola infantil. **SciELO**, Porto Alegre, v.22, n.2, p.181-190, 2009.

Universidade Federal de Pelotas – UFPel (2017). Projeto Visitas Pedagógica. Acessado em 08 de outubro de 2017.



RELATO DE EXPERIÊNCIA DA DIVULGAÇÃO DO CURSO DE QUÍMICA DE ALIMENTOS EM ESCOLA DA REDE MUNICIPAL

LIANE SLAWSKI SOARES¹; THAUANA HEBERLE²; GERÔNIMO BARBOSA³;
JOSIANE FREITAS CHIM⁴; ROSANE DA SILVA RODRIGUES⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – lianeslawskisoares@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – thauana.heberle@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – geronimogrbarbosa@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – josianechim@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – rosane.rodrigues@ufpel.edu.br

1. APRESENTAÇÃO

O Projeto “Diálogos e vivências em Química de Alimentos” foi criado pensando na relação Universidade-Comunidade e ações de extensão, com o objetivo de propiciar conhecimentos e reflexões entre acadêmicos, professores e comunidade externa sobre temas tradicionais, atuais e recorrentes ligados à área de alimentos. Dentre os objetivos específicos destacam-se reflexões sobre a ética profissional, cidadania e sobre o papel do profissional da área de Alimentos na sociedade.

Para HENNINGTON (2005), os programas de extensão universitária mostram a importância de sua existência na relação estabelecida entre instituição e sociedade. Acontece por meio da aproximação e troca de conhecimentos e experiências entre professores, alunos e população, pela possibilidade de desenvolvimento de processos de ensino-aprendizagem, a partir de práticas cotidianas, juntamente com o ensino e pesquisa e, especialmente, pelo fato de propiciar o confronto da teoria com o mundo real de necessidade e desejos. Define e possibilita a apreensão dos conteúdos absorvidos entre professor e aluno e beneficia-se com isso a partir do momento em que há o contato com o mundo real.

A aproximação com jovens estudantes, potenciais profissionais, é uma das formas possíveis de interação entre universidade e comunidade. A disponibilização de possíveis formações acadêmicas, elucidando as áreas de atuação e saberes envolvidos pode e deve ser incluída como atividade nos cursos de graduação, a exemplo do que é feito no Curso de Química de Alimentos através do projeto de extensão em pauta.

Objetiva-se fazer uma descrição de uma das ações do projeto que contempla este escopo, através da narrativa de experiência vivida em uma atividade desenvolvida em uma escola da região.



2. DESENVOLVIMENTO

Dentre as várias ações do Projeto de extensão “Diálogos e vivências em Química de Alimentos” (código PREC/UFPEL nº 302), àquela que inclui a discussão da temática alimentos e a importância de profissionais qualificados nesta área, é objeto desta descrição. A metodologia do projeto para esta ação consiste em buscar escolas e dialogar acerca da importância desta interação universidade-escola, preparo de materiais que contemplem aspectos pontuais da temática alimentos, incluindo a divulgação do curso de Bacharelado em Química de Alimentos e dos profissionais que qualifica, e apresentação desse material nas escolas selecionadas. Em agosto de 2017 o Colégio Municipal Pelotense, localizado em Pelotas, RS, promoveu uma Mostra de Cursos Universitários, na qual a equipe do projeto inscreveu a participação.

As atividades foram realizadas por grupo de 4 alunos, sendo dois bolsistas do projeto de extensão supracitado, e dois professores integrantes da equipe do projeto. Consistiu no comparecimento no dia e local agendados pela escola levando material de divulgação. Foi utilizado *banner* com a descrição do Curso de Bacharelado em Química de Alimentos da UFPEL e paralelamente foi feita a apresentação de produtos desenvolvidos em aulas práticas bem como degustação de alguns produtos elaborados pela equipe, destacando suas características tecnológicas, importância e aplicações. Também foi entregue aos alunos um panfleto com informações sobre o curso.

3. RESULTADOS

Estudos de PERES et. al (2014) relatam que o estímulo ao conhecimento é de fundamental importância para despertar a vontade de aprender e a interatividade é a peça chave para o estímulo ao conhecimento. Com esse trabalho, consegue-se ampliar a visão de conhecimento e ambições de formação profissional dos jovens.

Durante a apresentação os estudantes mostraram-se atentos e participativos. A grande maioria questionou sobre os assuntos que são abordados durante o curso de graduação em Química de Alimentos, assim como as disciplinas básicas que fazem parte do currículo. A ação contemplou aspectos positivos de interação e diálogo para os envolvidos, tanto alunos como equipe executora. Ficou evidenciado que grande parte dos alunos está apreensiva em relação a qual carreira profissional seguir, com muitas dúvidas em relação a este assunto e sentindo-se pressionado em ter que fazer



esta escolha de vida ainda muito jovem. Manifestaram importante o diálogo com quem já passou por essa experiência.

Os produtos alimentícios apresentados e disponibilizados para degustação foram um diferencial durante a Mostra, pois se mostrou um facilitador da aproximação dos alunos com a equipe, introduzindo por vezes o diálogo inicial.

Muitos deles relataram não conhecer o curso de graduação em Química de Alimentos, alguns conheciam apenas por nome, mas sem saber o que realmente faz o profissional dessa área, o que mostrou a importância de levar essas informações aos estudantes. O Químico de Alimentos é um profissional da área de Química Tecnológica que trata das propriedades dos alimentos e bebidas, bem como das transformações químicas, físicas e biológicas que eles sofrem durante a manipulação, processamento e armazenamento. Sua missão é a busca efetiva da melhoria das formulações, processos e estabilidade dos alimentos e bebidas, garantindo a oferta de produtos seguros e de qualidade. A atuação deste profissional e dos aspectos que a profissão engloba justifica sua importância para a sociedade.

4. AVALIAÇÃO

O Projeto “Diálogos e vivências em Química de Alimentos” através desta ação obteve êxito na interação com alunos do ensino médio participantes da Mostra na escola municipal, divulgando e esclarecendo a importância da área de alimentos e do profissional em química de alimentos para a sociedade. O contato possibilitou aos integrantes da equipe, particularmente os alunos, avaliar a sua capacidade e habilidade de esclarecer dúvidas neste sentido, utilizando os conhecimentos já construídos em base as disciplinas cursadas e demais vivências acadêmicas.

Ficou evidente a importância deste tipo de ação proposta no Projeto. A carência de informação em relação às opções de graduação, oportunidades e experiências acadêmicas no âmbito da Universidade Federal de Pelotas induz à necessidade da continuação e ampliação de projetos de extensão como o aqui descrito, com o intuito de divulgação e interação da comunidade com a universidade.



5. REFERÊNCIAS

BLANCO, L.de M. V. **Educação especial no contexto de uma educação inclusiva.** In: GLAT, R. (Org.). Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar. Rio de Janeiro: Ed. Sette Letras, 2007.

HENNINGTON, Élida. Acolhimento como prática interdisciplinar num programa de extensão universitária. **Caderno de Saúde Pública.** Vol. 1. N. 1. Rio de Janeiro. Jan./Feb. 2005.

MENDONÇA, S. G. L.; SILVA, P.S. Extensão Universitária: Uma nova relação com a administração pública. **Extensão Universitária:** ação comunitária em universidades brasileiras. São Paulo, v. 3, p. 29-44, 2002.



CURSO PRÁTICO DA OFICINA DE ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL NA ESCOLA MUNICIPAL PELOTENSE: ALUNOS DO 4º ANO

LIDIANE DA SILVA CAVADA¹; NATÁLIA MATOS²;
GABRIELLA CAMPELO NIEWINSKI³; MARINA VIEIRA FOUCHY⁴; CAROLINE
DELLINGHAUSEN BORGES⁵; CARLA ROSANE BARBOZA MENDONÇA⁶

¹Discente do Curso de Tecnologia em Alimentos – CCQFA – UFPel – altlidiane@gmail.com

²Discente do Curso de Tecnologia em Alimentos – CCQFA – UFPel – nataliar.matos@gmail.com

³Discente do Curso de Tecnologia em Alimentos – CCQFA – UFPel – gabiniew@live.com

⁴Discente do Curso de Tecnologia em Alimentos – CCQFA – UFPel – marinavieira01@gmail.com

⁵Docente do Centro de Ciências Químicas Farmacêuticas e de Alimentos (CCQFA) –
UFPel – caroldellin@hotmail.com

⁶Docente do Centro de Ciências Químicas Farmacêuticas e de Alimentos (CCQFA) –
UFPel – carlaufpel@hotmail.com – Orientadora

1. APRESENTAÇÃO

Uma alimentação saudável é aquela que atende a todas as exigências do corpo, ou seja, não está abaixo nem acima das necessidades do nosso organismo. Além de ser fonte de nutrientes, a alimentação envolve diferentes aspectos, tais como valores culturais, sociais, afetivos e sensoriais. Alimentação saudável é considerada uma dieta balanceada e pode ser resumida por alguns princípios como: variedade, equilíbrio, quantidade suficiente, diversidade de cores e segurança para o consumo (RECINE; RADAELLI, 2010).

A alimentação saudável, além de proporcionar prazer, fornece energia e outros nutrientes que o corpo precisa para crescer, desenvolver e manter a saúde, somente a variedade da alimentação garante que o organismo receba todos os tipos de nutrientes (EUCLYDES, 2000).

Os maus hábitos alimentares estão associados a diversos prejuízos à saúde, entre eles a obesidade, cujos índices têm crescido nas últimas décadas, como resultado do aumento no consumo de alimentos com alta densidade calórica e redução na atividade física (ALMEIDA, NASCIMENTO e QUALOTI, 2002).

O aumento da prevalência de obesidade tem sido observado no Brasil em diferentes áreas e segmentos sociais, caracterizando o processo de transição nutricional com o avanço do predomínio da obesidade sobre a desnutrição (GUIMARÃES e BARROS, 2001).

Promover uma alimentação saudável é considerado um eixo prioritário de ação para promoção da saúde e, neste contexto, o ambiente escolar é apontado como espa-

ço fundamental para a criação de documentos nacionais e legislações (BRASIL, 1999; CONSEA, 2004).

A educação para a saúde deve se iniciar nas idades da pré-escola (Educação Infantil) e escolar (Ensino Fundamental) devido a sua maior receptividade e capacidade de adoção de novos hábitos e, ainda, porque as crianças se tornam excelentes mensageiras e ativistas de suas famílias e comunidades (GOUVÊA, 1999).

Segundo Danelon et al. (2006) o ambiente escolar influencia a formação da personalidade e, conseqüentemente, nas preferências alimentares.

Neste contexto, o presente trabalho objetivou estimular o interesse dos alunos do ensino fundamental para o consumo de frutas e hortaliças, ensinando para que apliquem a técnica correta de higienização, destacando formas de preparo atrativas e seguras no consumo de vegetais frescos.

2. DESENVOLVIMENTO

A atividade prática descrita neste trabalho foi desenvolvida com os alunos do 4º ano do Ensino Fundamental do Colégio Municipal Pelotense.

Primeiramente, os temas teóricos foram abordados em dois encontros prévios com a turma, momento em que além das exposições com slides, foram feitas brincadeiras e práticas didáticas.

A atividade prática foi desenvolvida no refeitório da escola, para onde os alunos foram encaminhados. Neste momento, o conhecimento adquirido teoricamente foi posto em prática, como a correta higienização das mãos, dos utensílios e dos vegetais que seriam consumidos.

Logo após a correta higienização das mãos e todo o material que seria utilizado, os alunos foram instruídos a preparar os “espetinhos” de frutas (conforme Figura 1).



Figura 1 – “Espetinhos” de frutas.

Ao final das atividades, aplicou-se um questionário a fim de obter uma avaliação das mesmas. O questionário era composto por 6 perguntas, sendo 1 – O que você achou do curso prático?; 2 – As atividades realizadas na prática ajudaram a compreender os conteúdos teóricos?; 3 – Você aprendeu formas novas de higienizar os vegetais; 4 – Depois dos cursos houve mudança no seu hábito de consumo de frutas e hortaliças?; 5 – Você já repassou a seus pais ou familiares algum conteúdo aprendido nos encontros anteriores?; 6 – Quanto você acha que pode colocar em prática do que você aprendeu?

Como opções de respostas, os alunos dispunham de uma escala com expressões faciais, com níveis de respostas de 1 a 5, segundo o que está mostrado na Figura 2.



Figura 2 – Escala facial utilizada para avaliação do curso pelos participantes.

3. RESULTADOS

A atividade prática foi realizada no refeitório da escola Municipal Pelotense, no qual estavam presentes 26 alunos da turma do 4º ano do Ensino Fundamental. A oficina foi muito produtiva, divertida e proporcionou muita motivação às crianças, eles mostram-se interessados e empolgados com o assunto. Os alunos puderam colocar em prática o que foi ensinado nas aulas teóricas em sala de aula, como lavar, higienizar os utensílios, bancadas e mãos para o preparo dos alimentos, também fizeram perguntas e participaram ativamente. A professora do 4º ano foi essencial para a aprendizagem deles, se fazendo presente, interessada em ganhar mais conhecimentos, ajudando a colocar em prática os ensinamentos e frisando os assuntos abordados, relacionando com outros temas dados em suas aulas. A Figura 2 mostra momentos deste curso prático.



Figura 2 – Fotos da turma do 4º ano do Ensino Fundamental do Colégio Municipal Pelotense realizando o curso prático.

Avaliando-se os resultados do questionário aplicado, verificou-se predomínio das respostas entre ótimo/muitíssimo e bom/bastante, demonstrando, especialmente para questão 1 (O que achou do curso prático?) um alto índice de satisfação (Tabela 1).

Percebe-se apenas nas questões 4 e 5, um percentual maior de respostas correspondendo a “mais ou menos/algumas coisas”. Evidenciando que uma parcela da turma avalia como intermediária suas mudanças no seu hábito de consumo de frutas e hortaliças (questão 4) e que também ainda, um percentual importante (36,4%), não havia repassado a seus pais ou familiares algum conteúdo aprendido nos encontros anteriores (questão 5).



Tabela 1 - Dados da avaliação das atividades práticas da oficina de alimentação saudável na Escola Municipal Pelotense com os alunos do 4º ano

Questões	Descrições da escala				
	Ótimo/ Muitíssimo	Bom/ Bastante	Mais ou menos/ Algumas coisas	Ruim/ Pouco	Muito Ruim/ Nem um pouco/ Não nunca
1	72,7	23,3	0	0	0
2	50	50	0	0	0
3	54,5	36,4	9,1	0	0
4	45,5	31,8	18,2	0	4,5
5	18,2	45,4	36,4	0	0
6	59,1	31,8	9,1	0	0

Destaca-se ainda, que apenas 4,5% das respostas para a questão 4 (Depois dos cursos houve mudança no seu hábito de consumo de frutas e hortaliças?) foram negativas, expressando não ter ocorrido nenhuma mudança.

4. AVALIAÇÃO

O Curso prático de alimentação saudável foi de grande importância e bem aceito pelos alunos do 4º ano do ensino fundamental do Colégio Municipal Pelotense. Destaca-se como relevante a presença da professora junto à turma, que resgatava temas correlacionados previamente trabalhados, os quais facilitavam a troca de informações e as exemplificações. As crianças foram muito receptivas e amáveis e consumiram com boa motivação todas as frutas oferecidas, assim, acredita-se que os objetivos foram atingidos.

5. REFERÊNCIAS

RECINE, E.; RADAELLI, P. **Cartilha alimentação saudável**. Turminha do MPF, Brasília, 2010. Online. Disponível em: <<http://www.turminha.mpf.mp.br/para-o-professor/para-o-professor/publicacoes/Alimentacaosaudavel.pdf>>. Acesso em 06 jul. 2015.



CONSEA. **Alimentação e educação nutricional nas escolas e creches.** In: CONFERÊNCIA NACIONAL DE SEGURANÇA ALIMENTAR, 2. ed., 2004, Olinda. Relatório final. Olinda, 2004.

GOUVÊA, E.L.C. **Nutrição, saúde e comunidade.** Rio de Janeiro, Revinter, 1999.

ALMEIDA, S. S., NASCIMENTO, P. C. B. D., QUAIOTI, T. C. B. Quantidade e qualidade de produtos alimentícios anunciados na televisão brasileira. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 36, n.3, 2002.

EUCLYDES, M. P. **Crescimento e Desenvolvimento do Lactente** - Nutrição do lactente. 2. ed. Viçosa, 2000. cap.1, p.1 – 80a.

GUIMARÃES, L. V.; BARROS, M. B. A. As diferenças de estado nutricional em pré-escolares de rede pública e a transição nutricional. **Jornal de Pediatria**, v. 77, n. 5, p.381-6, 2001.



SOBRE ESPAÇO E IDENTIDADE NO ARTEIROS DO COTIDIANO

LUCAS MACHADO CAMPOS¹; CLAUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO²;

¹Universidade Federal de Pelotas – lmachadocampos@yahoo.com

²Universidade Federal de Pelotas – Attos@vetorial.net

1. APRESENTAÇÃO

O texto a seguir apresenta os resultados obtidos durante a realização da 8ª edição do projeto de extensão Arteiros do Cotidiano (BRANDÃO; CORRÊA; PETITOT, 2012). Esta edição foi dedicada aos temas ESPAÇO e IDENTIDADE, que nortearam as experiências das ações teórico/práticas promovidas pelos acadêmicos no transcorrer do projeto.

Focando na arte/educação, o projeto, desenvolvido pelos acadêmicos do curso de Artes Visuais - Modalidade Licenciatura (CA/UFPEL), durante as disciplinas de Artes Visuais na Educação II e III, sob a orientação da Prof.^a Dr^a Cláudia Mariza Mattos Brandão, assume o papel de mediador do contato entre os ensinamentos acadêmicos e a realidade escolar. Com o propósito de desenvolver atividades teórico/práticas com estudantes da educação básica da cidade de Pelotas, o projeto tem por objetivo criar um espaço didático e formativo, priorizando a exploração, experimentação e inserção de metodologias em Artes Visuais no contexto escolar, possibilitando a aproximação dos acadêmicos com a realidade das salas de aula.

Diante o momento sensível que se vive na escola, é importante ressaltar a importância que o projeto tem tanto para os escolares, assim como para os docentes em formação, reforçando a relevância de instigar práticas educativas que estimulem o desenvolvimento de processos formativos focadas na sensibilidade, na criatividade e no desenvolvimento da visão crítica dos estudantes. Consideramos importante estimular o desenvolvimento de metodologias artístico-educativas, que possibilitem aos alunos aprender a se expressar e a se posicionar diante das experiências estético-sociais vivenciadas, complementando práticas da educação formal, tanto para os escolares, bem como para os acadêmicos que conduzem as ações.

Desde seu início, em 2010, foram privilegiadas temáticas que fornecessem tanto questionamentos teóricos quanto a elaboração de práticas que vinculassem aprendizado e experimentação, agregando valores à formação sócio-escolar destes estudantes. Os temas ESPAÇO e IDENTIDADE, presente no cotidiano dos alunos, destacam



questões importantes de serem pensadas, principalmente, em uma época em que se luta pelo espaço das Artes na escola. E tais temas também contemplam a necessidade da discussão acerca da subjetividade, visto a crise de falta de respeito às individualidades que enfrentamos, abarcando também a estética, o corpo, a identidade, a internet e as máscaras, dentre outras questões trabalhadas e desenvolvidas através da arte/educação na edição de 2017.

Durante o desenvolvimento e planejamento das ações do projeto, vários teóricos foram estudados e utilizados como referencial, tais como Edgar Morin (2002) e John Dewey (1958), como base para a problematização de questões relativas à corporeidade, à educação e à imagem social e política dos sujeitos contemporâneos.

E isso com a intenção de promover práticas educacionais que despertem uma maior reflexão dentro das instituições de ensino, propiciando que este seja também um espaço de formação e interação sócio-educacional e político, no qual os estudantes possam problematizar acerca de si mesmos, o outro e o seu entorno. Integrando ensino-pesquisa-extensão, buscou-se constituir, por meio de metodologias em Artes visuais, um espaço de formação teórico/pedagógico no qual se discorra sobre a construção de valores éticos e morais presentes na educação e no convívio social dos sujeitos.

2. DESENVOLVIMENTO

A realização da 8ª edição do Arteiros, entre junho e agosto de 2017, contou, com a participação de duas turmas de 5º ano, totalizando 30 alunos com média de 9 a 12 anos de idade, do Colégio Estadual Félix da Cunha, de Pelotas, sob a responsabilidade de dois grupos de 10 acadêmicos, que divididos em duplas desenvolviam as atividades semanais com cada turma. A temática desenvolvida por cada grupo foi pautada por meio de questões como: padrão de beleza em sociedade, bullying e preconceito, o corpo e imagem, aluno e escola. “Como eu vejo minha escola?” “Como eu vejo meu colega?” “Quem eu gostaria de ser?” e “Como eu me represento?”.

Foram realizados encontros semanais fundamentados em abordagens expositivo-dialogadas e atividades práticas, no Centro de Artes, e a exposição final dos trabalhos foi realizada na escola. Os graduandos discutiram com os escolares sobre a ideia de que a educação se impulsiona através do exercício de tocar, sentir, pensar e agir, sendo esta uma forma mais acolhedora de incentivar a aquisição de conhecimento, possibilitando aos alunos que, por si mesmos, ou junto com os educadores, tenham um aprendizado



construído a partir das experiências vividas. Nos encontros foi valorizada a ideia da escola como um corpo vivo, onde educador e educando estimulam o “organismo” a ser desenvolvido, possibilitando a discussão do sujeito-corpo no espaço, bem como o espaço que se vincula a esse corpo.

A exposição final, realizada na escola, foi acompanhada por atividades de serigrafia, na qual foi impresso em camisetas e tecidos a identidade visual da identidade visual do Arteiros 2017. A identidade visual também foi impressa em bottons que foram presenteados aos escolares.

Cabe destacar também que foi editado um DVD com registro das ações do projeto, que será oportunamente ofertado aos escolares e professoras. Consideramos que assim conseguimos reverberar os resultados para além dos muros da escola, incluindo as família a todo o processo educativo do Arteiros.

3. RESULTADOS

Os temas escolhidos pelos graduandos se encaixaram perfeitamente ao momento vivido, incluindo a problematização de questões referentes aos cortes de verba e greve, enfrentadas frequentemente pelos educadores. A arte desperta o potencial dos alunos consideravelmente, apresenta-lhes novas formas, novas cores e novas técnicas e desperta um lado desconhecido e inexplorado da própria personalidade do indivíduo. É uma forma de dar visibilidade ao verdadeiro potencial do aluno, através da arte, e, ao mesmo tempo, conhecer e explorar o ambiente ao seu redor, os colegas de aula e até a si mesmos. Portanto, consideramos necessário discutir tais questões, apresentando os prós e contras que elas podem trazer, destacando a necessidade de se selecionar o que agrega ao conhecimento.

As atividades teórico-práticas desenvolvidas trouxeram essas questões à tona, tanto com os alunos como com seus professores, em uma demonstração da necessidade de aproximação entre esse público e a realidade vivida, apresentando soluções que estejam mais próximas de seu conhecimento. Algo mais presente do seu cotidiano estimulou tanto alunos e professoras, quanto graduandos, a conhecer melhor os colegas, o espaço onde vivem e a si mesmos, pensando-os a partir de diferentes sentidos, atribuindo novas funções e formando novos conceitos diante destas percepções, o que se mostrou fundamental para as discussões acerca do momento político vivido.

Cada oficina explorou a interdisciplinaridade dos saberes, compartilhando conhecimentos e promovendo a autonomia para que todos se expressassem, descobrindo-se e integrando-se ao todo com sua individualidade.

Nota-se também que a temática apresentada promoveu o levantamento de questões convergentes à formação sócio-educacional destes estudantes, pois “o corpo é convidado a participar da arte com seu potencial questionador e interpretativo” (FONSECA, 2012, p.78). A problematização da imagem se reflete na construção da educação, uma vez que afeta seus sujeitos, estimulando-os a discorrer sobre sua maneira de pensar, suas incertezas e inseguranças, bem como o quão semelhante ou divergente é o próprio pensar dos colegas. Sendo assim, cada linguagem explorada se tornou suporte para a ampliação da expressividade desses alunos em sala de aula, problematizando suas experiências, estabelecendo continuamente um paralelo entre o aprendido e o vivenciado

No momento estamos produzindo o terceiro volume da coleção de livros ARTEIROS DO COTIDIANO: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NA FORMAÇÃO DOCENTE, com lançamento previsto para abril de 2018, e preparando a 9ª edição do projeto, com novos temas a serem explorados.

4.AVALIAÇÃO

Considerando que o processo educativo deve constituir-se por meio do compartilhamento de saberes, do ensino-aprendizado que estimula a experimentação e a incorporação de valores, avaliamos o projeto como uma contribuição para o desenvolvimento de sujeitos mais sensíveis e críticos. As abordagens desenvolvidas no projeto Arteiros do Cotidiano promoveram uma relação mútua entre educação e socialização inserida no processo de formação docente, inicial e continuada. Como ressalta João & Brito (2004), apud Ahlert (2011, p. 12) “estudar é vivenciar o corpo na consciência de que somos seres que apoiamos nossa aprendizagem em processos sensório-perceptivos, que recebemos estímulos através dos sentidos”, ou seja, é estimular uma educação instigadora, prazerosa e autoformativa de modo coletivo.

Consideramos fundamental pensar sobre as questões relativas a Espaço e Identidade na contemporaneidade como um meio de potencializar as experiências, colaborando para a formação identitária e estimulando o desenvolvimento de condutas críticas diante do mundo. Estimular o pensamento crítico, o respeito e a aceitação faz parte do proces-



so de aprendizado, promovendo uma educação com maiores possibilidades, independente, sem estabelecer limites entre teoria e prática, entre o vivenciado dentro e fora da sala de aula.

Por meio das ações desenvolvidas nesta edição do projeto, além da contribuição para o desenvolvimento pedagógico dos escolares, incita-se a capacidade do educador de articular educação e vivência em suas metodologias. Tendo em vista o fato de se presenciar a desenvoltura e a construção cognitiva destes alunos diante das práticas desenvolvidas, compreende-se que é possível abordar temáticas como as exploradas, em acordo com os conteúdos trabalhados na escola, fortalecendo a prática de dialogar e participar da construção do ensino. Elaborar e promover as atividades oportunizou que os graduandos discutissem sobre sua postura acadêmica nos dias de hoje e futuramente, refletindo sobre o educador como um corpo atuante em sala de aula, em que a docência se centra tanto no ser pesquisador quanto no ser mediador de ações que estimulem os sentidos de seus alunos, que enraíza neles a ideia de seres com corpos multifacetados, corpos-exploradores pelo saber.

Consideramos que é necessária, portanto, uma maior abertura para que os processos docentes se constituam a partir de seus espaços, promovendo o desenvolvimento de novas metodologias nas instituições de ensino. Incentivar propostas que estimulem a relação imagem-educação mais presente no processo de ensino e aprendizagem estabelece um novo olhar para com a própria realidade, transformando-a.

5. REFERÊNCIAS

AHLERT, A. **Corporeidade e educação**: o corpo e os novos paradigmas da complexidade. Espacios en Blanco - Revista de Educación. Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, Argentina, vol. 21, pp. 12/13, 2011

BRANDÃO, C.M.M; CORRÊA, A.R; PETITOT, J.S. ARTEIROS DO COTIDIANO. **Anais do 30º Seminário de Extensão Universitária da Universidade Federal do Rio Grande (SEURS/FURG)**. Rio Grande, RS: Editora da FURG, 2012.

DEWEY, J. **Como Pensamos**. Atualidades pedagógicas. Volume 2. São Paulo, Editora Nacional, 1979



FONSECA, A.M; **Corporeidade na arte atual brasileira:** sensibilidades desveladas. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e Historia da Arte da Universidade de São Paulo, 2012.

JOÃO, R.B. & BRITO, M. Pensando a corporeidade na prática pedagógica em educação física à luz do pensamento complexo. **Revista Brasileira Educação.** Física e Esporte. v.18, n.3, São Paulo, p.72-263, 2004.

MORIN, E. **Seven complex lessons in education for the future.** Paris: UNESCO, 1999



PROJETO POMAR NA ESCOLA AREAL: CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA E CULTIVO DE HÁBITOS SAUDÁVEIS A PARTIR DO PLANTIO COMUNITÁRIO NO ESPAÇO ESCOLAR

ELOI, LUIZA CORRÊA¹; NASCIMENTO, FLÁVIA MARCHI²

¹Universidade Federal de Pelotas – luiza.correa.eloi@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – flavia.marchi@hotmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O programa PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) da Universidade Federal de Pelotas vem atuando desde o ano de 2014 com atividades disciplinares e interdisciplinares através de oficinas, aulas, sarais culturais, entre outras atividades, promovidas por universitários de diversos cursos de licenciaturas da UFPel. Dentre as escolas contempladas pelo programa, atua na escola E.E.E.M. Areal (localizada no bairro Areal, Pelotas-RS), o projeto denominado “Coletividade na Escola Areal”, subdividido entre quatro eixos: O Grêmio Estudantil, A Rádio Escolar, o Jornal Gazeta do Areal e o Pomar.

O eixo “Pomar” foi criado em abril de 2017 a partir da observação de um espaço natural ocioso dentro do terreno da escola, e da carência de contato dos alunos com a temática ambiental. O projeto interdisciplinar conta com a participação de licenciandos provindos dos cursos de Artes Visuais, Geografia e Música, além de professoras supervisoras do PIBID na escola Areal e da professora universitária coordenadora do grupo PIBID Areal. A criação de um pomar tem como objetivo desenvolver ações prático-reflexivas de caráter socioambiental a partir da plantação de árvores frutíferas nativas no espaço escolar em conjunto com alunos dos 6º, 8ºs e 9ºs anos do Ensino Fundamental. Para o financiamento dos materiais utilizados o projeto conta com o apoio da direção da escola, de parceiros da área de fruticultura, empresas de suprimentos agrícolas, agricultores locais e comunidade próxima.

Compreende-se o plantio de alimentos como tema interdisciplinar que abrange conhecimentos de áreas diversas, onde é possível trabalhar tanto questões práticas quanto discussões teóricas que possibilitam ao educando apreender o mundo de forma orgânica através do contato direto com a natureza que o constitui. Considerando a atual conjuntura socio-ambiental do planeta, observa-se a urgência em promover o desenvolvimento da consciência ecológica ainda na escola, para a formação de sujeitos am-

bientalmente engajados que se comprometam no presente e futuro com a preservação do meio ambiente em sua vivência cotidiana.

A discussão ambiental dentro da escola suscita o entendimento de questões que vão muito além da própria ecologia envolvida na temática abordada. CAPRA (2006) aborda o tema da educação ambiental através de projetos escolares envolvendo plantio e alimentação, onde segundo o autor, o plantio de alimentos religa os sujeitos aos fundamentos básicos da comida, que é a própria essência da vida, constituindo uma prática interdisciplinar de extrema importância na formação humana consciente de seu ser e estar no mundo. Para CAPRA (2006), apreender os ciclos alimentares inclui conhecimentos dos ciclos biológicos da natureza, como o plantio, o cultivo, a colheita, a compostagem e a reciclagem, onde processos se imbricam no sistema maior de períodos que regem a vida, como as estações do ano e o circuito das águas, cujas conexões vão se interligando e se estabelecendo em uma grande teia planetária.

Pretende-se com a execução do projeto não somente desenvolver um trabalho local com os alunos das turmas trabalhadas, mas sim promover a importância das ações como forma de estimular o cultivo de alimentos nas residências e a prática de hábitos saudáveis como ações cotidianas, criando uma rede de relações entre os alunos e fazendo com que o envolvimento do projeto Pomar atinja a escola e a comunidade como um todo. Para isso, será também contado com a colaboração de demais professores do colégio que se dispunham a trabalhar com suas turmas questões envolvendo o Pomar, ampliando assim o alcance do trabalho realizado pelo grupo PIBID e garantindo a continuação do projeto para além da atuação do grupo.

2. DESENVOLVIMENTO

A escola Areal possui um espaço total de aproximadamente 1ha (10.000 m²), dos quais cerca de 1.200m² ocupam a área reservada para o plantio das cerca de 30 árvores que comporão o pomar. Pretende-se através das ações estimular a consciência ambiental de alunos e funcionários do espaço, além de promover a prática de hábitos saudáveis com a oferta dos alimentos posteriormente colhidos na merenda escolar. Até o presente momento foram realizadas com as cinco turmas escolhidas quatro oficinas de sensibilização, sendo elas uma oficina introdutória para reconhecimento de repertório sobre fruticultura através de questionário; oficina de germinação de sementes; palestra sobre o projeto Quintais da Embrapa e oficina de compostagem e construção de composteira



doméstica. A próxima etapa do projeto inclui as instruções teóricas para o plantio das mudas e o plantio em si, que seria realizado em agosto de 2017, porém sujeitou-se ao atraso de cronograma devido à greve estadual de servidores públicos que culminou na paralização das atividades escolares no mês previsto para o início das atividades.

3. RESULTADOS

Durante as oficinas de sensibilização os alunos puderam ter o contato inicial com a temática do plantio e da fruticultura, embora até o momento ainda não tenham de fato realizado o plantio do pomar em questão. Observou-se com as atividades já desenvolvidas que o tema atraiu os estudantes e possibilitou a abertura para o envolvimento com o pomar, percebendo que estes conseguiam responder às atividades propostas e interagiram levantando discussões e buscando informações úteis que pudessem contribuir com os temas trabalhados.

A dinâmica propiciada pelo contato com práticas ambientais exige que se atue em coletividade, tendo sido observado a interação entre os alunos e entre o próprio grupo de pibdianos como satisfatória e importante na criação de laços afetivos e fortalecimento das relações humanas. Os resultados positivos obtidos preliminarmente com o preparo dos alunos expõe o potencial multidimensional no trabalho com meio ambiente na escola, onde o ensino de práticas ecológicas vai se refletir também em mudanças nos hábitos cotidianos dos escolares.

4. AVALIAÇÃO

A partir do trabalho realizado pelo eixo Pomar na escola Areal até o momento, pôde-se concluir que a construção de um pomar no espaço escolar abre possibilidades diversas para promover o pensamento crítico, criativo e ecológico dos estudantes, levantando uma temática urgente nos tempos atuais e que serve à abordagem interdisciplinar podendo ser trabalhada em todas as disciplinas ofertadas no currículo escolar. A importância de se trabalhar questões ambientais em projetos interdisciplinares é de que o trabalho com projetos no ensino escolar favorece o envolvimento dos alunos como co-autores de suas aprendizagens, possibilitando-lhes fazer escolhas, decidir e se comprometer com estas, assumir responsabilidades, planejar suas ações e serem



sujeitos de sua aprendizagem. A construção coletiva e o cuidado com o plantio do pomar cumprem as finalidades citadas de modo a empreender a consciência ecológica na formação de uma ética e estética ambiental, possibilitando aos participantes aproximarem-se de uma realidade há muito desviada das práticas da sociedade moderna, como o plantio do próprio alimento e a convivência em meio a ambientes naturais.

5. REFERÊNCIAS

CAPRA, F. **Alfabetização Ecológica**. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1987.



CARACTERIZAÇÃO FÍSICO-AMBIENTAL DO MUNICÍPIO DE ARROIO DO PADRE: SUBSÍDIOS À ELABORAÇÃO DO ATLAS GEOGRÁFICO ESCOLAR

LUIZA DOS ANJOS LOPES¹; SANDRO DE CASTRO PITANO²

¹Universidade Federal de Pelotas – lupiita.lobes@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – scpitano@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho constitui parte de um projeto de extensão intitulado “Elaboração Participativa do Atlas Geográfico Escolar de Arroio Do Padre - RS”, que visa à elaboração participativa do atlas geográfico escolar do município, onde se espera reunir de maneira clara e objetiva, informações fundamentais sobre a Geografia do município ao longo de sua breve história, proporcionando à rede municipal de ensino um suporte didático qualificado, capaz de subsidiar o processo de ensino e aprendizagem da Geografia local.

O atlas é um recurso didático elaborado sob a concepção de ensino que pode levar a uma melhor compreensão crítica e reflexiva acerca da realidade local, dos lugares, dos territórios, das diferentes regiões, interconectados nas redes, uma vez que reúnem e sintetizam as inúmeras informações e conhecimento sobre a realidade, isto é, são modelos conceituais sobre o mundo que contribuem significativamente para a interpretação e entendimento das relações e da organização do espaço (JUNIOR e ZUCCHIA, 2013; BATISTA e VALENTE, 2014).

Para Junior e Zucchi (2013), além de conter informações importantes e precisas sobre as características geográficas do município, o Atlas Municipal desperta nos usuários um sentimento de pertencimento do lugar, através dos demais conteúdos abrangidos. Desta maneira, auxilia o educando na compreensão do seu espaço, ajudando-o a construir conceitos, sistematizar seus conhecimentos e a assimilar os produtos científicos da humanidade (SOUZA e KATUTA, 2001).

Neste contexto, este trabalho foi desenvolvido com o objetivo de realizar a caracterização físico-ambiental do município de Arroio do Padre- RS, a fim de colaborar para a elaboração do Atlas Geográfico Escolar.



2. DESENVOLVIMENTO

Para atender ao objetivo proposto, inicialmente foi realizada uma pesquisa participativa de reconhecimento das necessidades da comunidade local no que se refere aos aspectos do sistema físico-ambiental do município que eles gostariam que estivessem presentes em um Atlas e no seu cotidiano de sala de aula. Posteriormente foi realizada uma revisão de literaturas referente aos aspectos do sistema físico-ambiental levantados através da pesquisa participativa, são eles: elementos geológicos, hidrográficos, climáticos, de cobertura vegetal, pedológicos e geomorfológicos.

Concomitantemente foram organizados os produtos cartográficos, sendo primeiramente elaborada a base cartográfica da área em estudo. Esta base foi estruturada a partir dos dados vetoriais do Estado do Rio Grande do Sul, em escala 1:50.000 (HASENACK E WEBER, 2010).

Para a elaboração dos mapas temáticos do município de Arroio do Padre, a base cartográfica servirá basicamente para a adaptação e compilação de mapas já existentes (Ex.: recorte do mapa geológico do estado do Rio Grande do Sul para o município de Arroio do Padre). Destaca-se que isto ocorre a fim de contribuir para a produção e divulgação de materiais cartográficos, até então escassos do município de Arroio do Padre.

Para a realização deste procedimento, será utilizado o software ArcGIS 10.0 (Licença de uso do Laboratório de Estudos Aplicados em Geografia Física da UFPEL), onde será possível inserir a base cartográfica a ser utilizada, união esta que possibilitará o início do processo de adaptação, compilação e elaboração dos mapas temáticos.

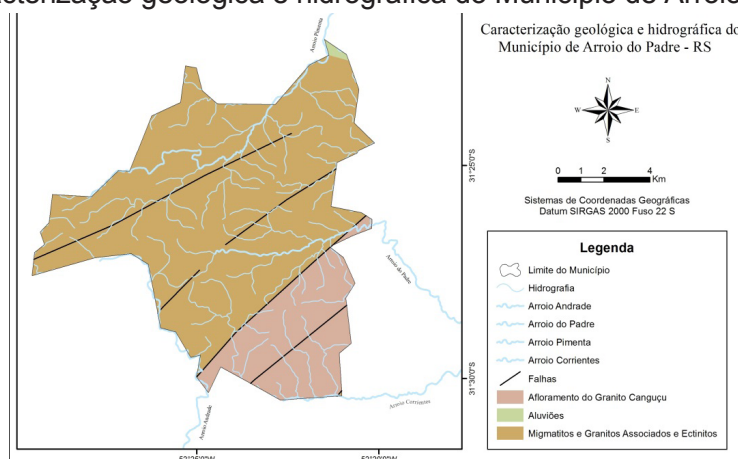
3. RESULTADOS

Os resultados obtidos a partir dos procedimentos metodológicos descritos permitiram a caracterização dos aspectos físico-ambientais do município de Arroio do Padre, atrelado a elaboração de mapas temáticos referentes aos aspectos geológicos, hidrográficos e geomorfológicos demandados pelo processo de pesquisa.

O município de Arroio do Padre se localiza na mesorregião sudeste do Rio Grande do Sul, fazendo parte da bacia hidrográfica do rio Camaquã. É um dos únicos municípios do Brasil que está na situação de enclave, ou seja, se localiza geograficamente dentro dos limites geográficos do município de Pelotas.

No que se refere à geologia, o município se localiza na Zona de transição do Escudo para a Planície Costeira. Segundo Rosa (1985), as litologias da borda oriental do Cinturão Dom Feliciano correspondem às unidades geológicas Afloramento do Granito Canguçu e Migmatitos e Granitos Associados e Ectinitos (Figura 1). Na transição para a planície costeira afloram os depósitos continentais de encosta, compostos de aluviões (Figura 1).

Figura 1: Caracterização geológica e hidrográfica do Município de Arroio do Padre – RS.



Fonte: Adaptado de Rosa (1985) e CPRM (2006).

Em relação à hidrografia, os três arroios principais que cortam o município são: o Arroio Pimenta que pertence à bacia hidrográfica do Camaquã; o Arroio do Padre e o Arroio Andrade, pertencentes à bacia hidrográfica Mirim-São Gonçalo cujas nascentes localizam-se nas imediações da área urbana. As nascentes do Arroio Corrientes também estão localizadas no município, na sua porção Sul e compõe a rede de drenagem que pertence à bacia Mirim-São Gonçalo (Figura 2).

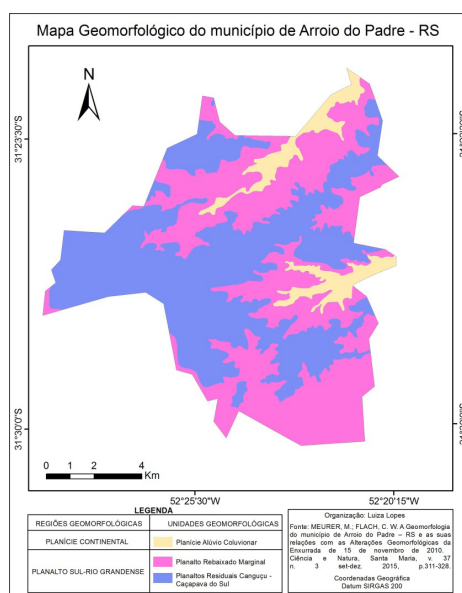
O município de Arroio do Padre possui um clima subtropical com predominância de ventos do quadrante leste, sendo estes, em sua maioria, de nordeste. A variação média mensal de precipitação, onde podemos observar a distribuição regular das precipitações durante o ano, fica acima de 90 mm durante todos os meses. A variação média mensal da umidade relativa do ar mostra valores que permanecem alta na quase totalidade dos meses, mantendo-se acima de 85%, exceto nos meses de primavera, quando apresentam menores valores (abaixo de 80%) (PMAP, 2008).

A vegetação predominante município insere-se integralmente no Bioma Pampa, o qual constitui uma das regiões do mundo mais ricas em gramíneas, com uma mistura de espécies microtéricas e megatéricas, com predomínio das últimas (LEITE, 2002).

No que tange a pedologia, predominam no município os Argissolos Vermelho Amarelo Distróficos e os Neossolos Litólicos Distróficos. Por ser um município onde prevalece o rural, o uso do solo é caracterizado pelo predomínio de culturas cíclicas, como o milho, o feijão, a batata, entre outros, que são realizados principalmente em minifúndios. No entanto, segundo o PMAP (2008), nos últimos anos há uma participação significativa do cultivo de fumo, sendo este atualmente o cultivo de maior representatividade.

Em relação à geomorfologia, o município de Arroio do Padre contempla as seguintes unidades geomorfológicas: Planaltos Residuais Canguçu - Caçapava do Sul; Planalto Rebaixado Marginal; e Planície Alúvio-Coluvionar (Figura 2).

Figura 2: Caracterização geomorfológica do município de Arroio do Padre – RS.



Fonte: Adaptado de Meurer e Flach (2015).

Segundo Meurer e Flach (2015), a unidade dos Planaltos Residuais Canguçu - Caçapava do Sul corresponde a uma porção mais elevada do Planalto Sul-Riograndense que se estende da porção mais central desta região geomorfológica até o município de Arroio do Padre. De acordo com os autores citados, no interior do município esta unidade caracteriza-se pelos terrenos mais elevados, geralmente superiores a cota de 150m, que dominam a porção oeste do município.



4. AVALIAÇÃO

O levantamento dos dados que compõem os elementos do sistema físico-ambiental do município de Arroio do Padre foi extremamente útil no processo de organização, em ambiente de sistemas de informação geográfica, de um banco de dados digital que irá dar suporte à elaboração participativa do atlas geográfico escolar de Arroio do Padre - RS. Esta ação inicial busca, portanto, proporcionar à rede municipal de ensino um suporte didático qualificado, capaz de subsidiar o processo de ensino e aprendizagem da Geografia local.

5. REFERÊNCIAS

BATISTA, N. L.; VALENTE, V. Atlas Geográfico do Município de Quevedo/RS. **Revista Percorso - NEMO**, v. 6, n. 2, p. 121- 140, 2014.

CPRM – COMPANHIA DE PESQUISA DE RECURSOS MINERAIS. **Mapa de geodiversidade do Brasil**. Escala 1:750.000. Legenda expandida. PRM/SGB. Brasília, 2006.

HASENACK, H., WEBER, E. J. **Base cartográfica vetorial contínua do Rio Grande do Sul - escala 1:50.000**. UFRGS Centro de Ecologia, Porto Alegre, 2010.

JUNIOR, P.F.; ZUCCHI, V.P. A construção do Atlas municipal de Cambira/PR: para o ensino e a aprendizagem Geográfica do lugar. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 17, n.1, jan./abr. 2013.

LEITE, P. F. Contribuição ao conhecimento fitoecológico do Sul do Brasil. **Ciência & Ambiente**, Santa Maria, v. 13, n. 24, p. 51-73, 2002.

MARTINELLI, M. Um atlas geográfico escolar para o ensino-aprendizagem da realidade natural e social. **Portal da Cartografia. Londrina**, v.1, n.1, p.21-34, 2008

MEURER, M.; FLACH, C. A Geomorfologia do município de Arroio do Padre – RS e as suas relações com as Alterações Geomorfológicas da Enxurrada de 15 de novembro de 2010. **Ciência e Natura**, Santa Maria, v. 37 n. 3, p.311-328 , 2015.



PREFEITURA MUNICIPAL DE ARROIO DO PADRE. Disponível em: <<http://www.arroio-dopadre.re.gov.br>>. Acesso em: 02 jul. 2017.

ROSA, M. **Geografia de Pelotas**. Editora da Universidade Federal de Pelotas, 1985.

SOUZA, J.G.; KATUTA, A.M. **Geografia e conhecimentos cartográficos: A cartografia no movimento de renovação da geografia brasileira e a importância do uso de mapas**. São Paulo: UNESP, 2001.



A SOMA DE EXPERIÊNCIAS DOCENTES NO CURSO DE EXTENSÃO

MÁRCIA DOS SANTOS SOARES DA ROCHA¹; ELTON VERGARA-NUNES²;
ALINE COELHO DA SILVA³

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) – marciasantossoares@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) – vergaranunes@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) – silva.aline.coelho@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

Este texto tem como objetivo, apresentar o trabalho desenvolvido no projeto de extensão do “Curso de Línguas”, que por vinte anos, oferece cursos de idiomas à comunidade em geral. Atualmente, são oferecidos cursos de Alemão, Espanhol, Francês e Inglês, a câmara de extensão é coordenada pela Profa. Aline Coelho da Silva. Aplicou-se no ensino de Língua espanhola (LE) atividades relacionadas ao projeto de pesquisa “Aplicação da audiodescrição com fins didáticos no ensino regular”, que está vinculado ao projeto “*Tecnologias aplicadas à Educação*”, coordenado pelo professor Elton Vergara Nunes, que busca desenvolver materiais acessíveis para alunos cegos, com ferramentas específicas para o processo de aprendizagem, como a audiodescrição didática, que descreve sonoramente imagens contidas nos livros didáticos, com o propósito de ensinar conteúdos a alunos cegos.

Pensando em tornar nosso espaço inclusivo, especificamente na ação do Espanhol Básico III do projeto Curso de Línguas, aliou-se o projeto de pesquisa ao projeto de extensão. Foram feitas atividades que integraram conteúdos de ensino de LE (referências espaciais, gênero descritivo, uso de adjetivos, substantivos entre outros) com atividades que artificialmente colocaram os alunos à condição de cegueira, potencializando, assim, os conteúdos de LE trabalhados e sensibilizando o grupo para as necessidades específicas de pessoas cegas e seus acompanhantes.

2. DESENVOLVIMENTO

Essas atividades foram desenvolvidas com um grupo de oito alunos, de diferentes idades. As aulas, sempre ministradas em espanhol, tiveram, além de aspectos linguísticos, culturais e comunicativos de LE, a conexão com dificuldades e obstáculos enfrentados por alunos cegos, através de relatos, simulações e atividades diversas.

Foram reforçados os conteúdos de língua espanhola de localização espacial (*aquí, allá, derecha, izquierda*) que, com a vedação dos olhos, proporcionou uma necessidade e contexto real de uso da língua, já que um colega deveria guiar o outro ao se locomover. Na execução das tarefas, os alunos que não têm nenhuma deficiência sensorial tiveram seus olhos vendados e foram guiados por outros colegas, que lhes indicavam por onde caminhar na sala de aula e corredores do prédio Sallis Goulart, onde ocorriam as aulas. Tais atividades proporcionaram motivação e integração do grupo.

Os alunos desenvolveram atividades para aprendizagem do espanhol e, nesse processo, conheceram audiodescrição didática. Durante as aulas, foram feitas tarefas que buscavam não somente o ensino da língua, mas também atividades que colocassem os alunos em situações reais enfrentadas por alunos cegos, como por exemplo, conhecer o espaço onde estavam situados, dar orientações utilizando *los conceptos de ubicación* em espanhol. O grupo foi dividido em duplas, e, invertendo os papéis, tiveram que ser, primeiro, a pessoa cega e, depois, a pessoa que guiava o cego pelo espaço da sala de aula, tentando fazer com que o colega vendado desviasse dos obstáculos e fosse conduzido com segurança até o destino final. Outra atividade muito interessante, e que serviu para a prática da escrita em espanhol, foi fazer a audiodescrição de uma dançarina de tango. Essa imagem está no livro *Gente Hoy* ²¹, utilizado para as aulas, e foi umas das tarefas na qual os alunos reconheceram o quanto é importante o auxílio da audiodescrição didática. Essa ferramenta proporciona autonomia para os alunos cegos, porque, com ela, podem ter as mesmas oportunidades de aprendizagem que seus colegas, sempre que os conteúdos forem trabalhados com imagens.

3. RESULTADOS

A integração entre ensino, pesquisa e extensão expandiu minha visão acadêmica e pude vislumbrar o real papel da Universidade junto à comunidade. Essa experiência na extensão proporcionou-me aprendizagem não somente em língua espanhola, como em seu ensino e, sem dúvida, na contribuição de ações inclusivas em qualquer ambiente. Nossa comunidade local terá seu papel cidadão reforçado nesse processo de inclusão. A recepção dos participantes a tal proposta foi muito positiva, pois a viram em uma perspectiva de sensibilidade e carinho e puderam aprender, além da LE, a inclusão, sentindo-se responsáveis e atuantes nesse processo. Ao pensar-se inclusão, a prática é o grande veículo, pois, como aponta Vergara-Nunes (2016), não é a deficiência que

²¹ <http://www.emartinsfontes.com.br/gente-hoy-2-libro-del-alumno-cd-p24084/>



prejudica a aprendizagem de alunos cegos, mas a falta de materiais acessíveis disponíveis para eles. Por isso, propostas como a audiodescrição didática vêm auxiliar, tornando-se uma ferramenta de acessibilidade pedagógica. Levá-la a alunos sem condição de cegueira ampliou nosso campo de ação e possibilidades de atuação.

O grupo também pode refletir sobre o uso das tecnologias assistivas, que auxiliam pessoas com deficiência, e relatou a importância de aprender e de falar sobre inclusão *dentro* da inclusão, como agentes dessa ação. Muitos dos integrantes são também estudantes da UFPel e se depararam com seu despreparo para lidar com pessoas com algum tipo de deficiência, nas mais diversas áreas em que atuarão profissionalmente.

4. AVALIAÇÃO

Nesta ação do Curso de Línguas pude, além de relacionar os aspectos de Linguística Aplicada, Cultura e Literaturas de LE, vistos em meu curso de graduação, aprender com os meus alunos, que se abriram ao aprendizado de LE e à proposta inclusiva. Apreendi muito, pois precisei, a cada aula, estudar mais, preparar-me para as perguntas que sempre vinham recheadas de dúvidas. Estou certa que não poderia graduar-me sem me tornar extensionista, pois esse espaço congrega a missão universitária junto à comunidade em uma interrelação de saberes.

Como aponta Leffa (1998), cabe ao professor, partindo de suas experiências, das características de seus alunos e das condições existentes, tomar a decisão final fazendo com que ele comece onde os outros pararam sem a necessidade de reinventar a roda ou repetir os erros. Dessa forma, é necessário conhecer as particularidades de nossa comunidade e sua potencialidade. O ensino de LE voltado à comunidade local abrange as diferentes linguagens necessárias à comunicação.

5. REFERÊNCIAS

LEFFA, Vilson J. Metodologia do ensino de línguas. In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. **Tópicos em linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. p. 211-236.



VERGARA-NUNES, Elton. **Audiodescrição didática**. 2016. Tese (doutorado) – Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

Zehetmeyr, Tania Regina de Oliveira. **O uso da audiodescrição como Tecnologia Educacional para alunos com Deficiência Visual**. Dissertação (Mestrado) – Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Campus Pelotas Visconde da Graça, Programa de Pós - Graduação em Ciências e Tecnologias na Educação, 2016.

ZEHETMEYR, Tania R. O. et al. Introdução à audiodescrição didática. **Expressa Extensão**. Pelotas, v.20, n.2, p. 178-193, 2015.



OS PROCESSOS ACADÊMICO-FORMATIVOS DE PARTICIPAÇÃO EM UM PROJETO DE EXTENSÃO

MAICON MADRUGA DA ROSA¹; MARCIELA DA SILVA MATTOS²;
DIRLEI DE AZAMBUJA PEREIRA³; HELENARA PLASZEWSKI FACIN⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – maiconmadrugadarosa@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – marcielasmattos@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – pereiradirlei@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – helenara.ufpel@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

A participação em um projeto de extensão contribui na edificação de diferentes processos formativos. Desta maneira, a reflexão sobre esse movimento pode reverberar em aprendizagens proeminentes e que ressignifiquem a própria produção da docência. O projeto de extensão *Compreensão de si mesmo, do outro e da sociedade em que vivemos: por um trabalho de integridade, valores, vivências e auxílio educativo na atenção a crianças do Instituto Nossa Senhora da Conceição* tem provocado os participantes a compreenderem o constituir-se educadora e educador como um campo complexo e dinâmico. Por meio de oficinas pedagógicas, os integrantes têm dialogado com espaços de formação e atuação em uma instituição que atende, no turno inverso ao da rede regular, alunas na faixa etária dos 06 aos 12 anos. O arcabouço teórico que fundamenta a proposta é Freire (1997, 1998, 1999, 2002 e 2007) e Antunes (2012).

2. DESENVOLVIMENTO

As oficinas, enfoque metodológico que estrutura o projeto¹, ocorrem no Instituto Nossa Senhora da Conceição – Pelotas/RS. No supracitado instituto estão matriculadas 71 educandas, com idades entre 6 e 12 anos, divididas em três turmas, a saber: dos 6 aos 8 anos (1º e 2º Anos), dos 8 aos 10 anos (3º e 4º Anos) e dos 10 aos 12 anos (4º, 5º e 6º Anos).

O projeto se desenvolve em três etapas interligadas: *1ª Etapa*: Antes da realização da ação no Instituto Nossa Senhora da Conceição, ocorre um encontro de formação pedagógica na Faculdade de Educação/UFPel, momento no qual o professor respon-

¹ A metodologia, descrita nesse item, também encontra-se especificada nos projetos de extensão e de ensino desenvolvidos pelo grupo de professores e alunos no Instituto Nossa Senhora da Conceição.

sável pela oficina aborda a importância do trabalho com a referida temática e apresenta/disponibiliza o seu Plano de Aula. Artigos e/ou textos, que contemplem a temática da oficina, são encaminhados previamente para a leitura daqueles que participam do projeto, pois, como a proposta articula ensino e extensão, existe a intencionalidade de qualificar os processos formativos dos futuros educadores envolvidos nesse trabalho; *2ª Etapa:* Concluída a primeira fase (momento de formação), desenvolve-se a oficina no Instituto Nossa Senhora da Conceição, sendo uma hora de trabalho em cada uma das três turmas; *3ª Etapa:* Após a realização da oficina, os participantes produzem uma memória da ação, avaliando o seu planejamento e desenvolvimento.

A articulação entre as três etapas tem potencializado a ampliação da formação inicial dos acadêmicos participantes do projeto, o que é perceptível ao longo do seu decurso.

3. RESULTADOS

O projeto está em andamento, mas algumas oficinas já ocorreram nesse ano, tais como: *Cartas que escrevo; Na sala de aula também se faz teatro, Leitura literária e Meio ambiente.* A experiência tem propiciado um aprendizado substancial, já que ocorre o diálogo entre a teoria (momento da formação) e a prática (oficina). Nesse sentido, a efetiva constituição da práxis se configura como um primeiro processo formativo potencializado pelo projeto.

Cabe registro também, como um proeminente aprendizado oriundo da participação na referida proposta, a compreensão sobre as diferentes metodologias de ensino. Cada professor responsável pelas oficinas apresenta, nas formações desenvolvidas na FaE/UFPEL, um itinerário de trabalho que articula pressupostos teóricos, de planejamento, de execução e de avaliação que tem ampliado o repertório dos participantes acerca dessas questões tão relevantes na formação de futuros educadores.

Outro elemento a ser destacado refere-se ao diálogo como ferramenta formadora da docência. Todas as etapas do projeto estão estribadas no compromisso horizontal e respeitos ao outro e a sua legítima fala. Tanto os espaços de discussão como aqueles vinculados à ação são permeados por esse princípio. O diálogo, com efeito, potencializa uma aprendizagem mais qualitativa e insere os sujeitos em processos educativos mais humanizadores. Assim, é possível compreender um rol de saberes e um conjunto de estratégias que são mobilizadas para dar conta da docência e que ampliam as discussões em torno da formação de professores. Esses aspectos, por seu turno, consubstanciam



as práxis pedagógicas desenvolvidas.

Maurice Tardif, em sua obra Saberes docentes e formação profissional, apresenta uma reflexão que julgamos importante diante do escopo desse escrito. Afirma ele que:

[...] o saber não é uma coisa que flutua no espaço: o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com sua experiência de vida e com a sua história profissional, com suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola, etc (TARDIF, 2002, p.11).

Por conseguinte, o saber não é um conteúdo restrito em si mesmo, mas revela-se através das relações estabelecidas entre o professor e o aluno. Dessa forma, abrange um conjunto de situações de naturezas diferentes, em que se criam mecanismos e possibilidades para que exista a construção de conhecimentos de maneira crítica e ética. A atuação nessa proposta tem sido um espaço-tempo de profícuas aprendizagens relativas à formação e ao quefazer docente.

4. CONCLUSÃO

A experiência de participação nesse projeto de extensão tem contribuído para a qualificação dos processos acadêmico-formativos, uma vez que ocorre a ampliação de saberes no que pertine à formação inicial (licenciatura), bem como a compreensão do complexo engendramento da docência e sua articulação com os referenciais teóricos, as metodologias de ensino e as ferramentas avaliativas.

Assim, percebemos que os espaços de formação na universidade, as oficinas pedagógicas e os momentos de avaliação desenvolvidos possibilitam a partilha de saberes, de diálogos, de aprendizagens e de percepção sobre os desafios que se impõem à formação crítica para o exercício profissional qualitativo.

O transcurso do processo, portanto, tem avultado e ressignificado os tempos-espaços formativos. A extensão, parte da tríade que sustenta a universidade, além de reafirmar o compromisso social das instituições superiores de ensino, potencializa aos extensionistas a constituição de aprendizagens mais significativas.



5. REFERÊNCIAS

ANTUNES, Denise Dalpiaz. **Oficinas pedagógicas de trabalho cooperativo**: uma proposta de motivação docente. 2012. 168f. Tese (Doutorado em Educação). Curso de Pós-Graduação em Educação - Faculdade de Educação - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 12. ed. Trad. Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. **Política e educação**: ensaios. 3. ed. São Paulo: Cortez Editora: 1997.

_____. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 9. ed. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1998.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.



A IMPORTÂNCIA DA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL TRABALHADA COM ALUNOS DO 4º ANO NO COLÉGIO MUNICIPAL PELOTENSE

MARINA VIEIRA FOUCHY¹; ISABEL DA CUNHA SANTOS²;
LAURA DOS SANTOS CENTENO³; NATÁLIA MATOS⁴; CAROLINE
DELLINGHAUSEN BORGES⁵; CARLA ROSANE BARBOZA MENDONÇA⁶

¹Discente do curso de Tecnologia em Alimentos – Centro de Ciências Químicas, Farmacêuticas e de Alimentos – Universidade Federal de Pelotas – marinavieira01@gmail.com

²Discente do curso de Tecnologia em Alimentos – CCQFA – UFPel – bel_10cunha@hotmail.com

³Discente do curso de Química de Alimentos – CCQFA – UFPel – lauracenteno96@yahoo.com.br

⁴Discente do Curso de Tecnologia em Alimentos – CCQFA – UFPel – nataliar.matos@gmail.com

⁵ Docente do Centro de Ciências Químicas, Farmacêuticas e de Alimentos (CCQFA) – UFPel – caroldellin@hotmail.com

⁶ Docente do Centro de Ciências Químicas, Farmacêuticas e de Alimentos (CCQFA) – UFPel – carlaufpel@hotmail.com – Orientadora

1. APRESENTAÇÃO

Uma alimentação equilibrada ao longo da vida é imprescindível, independentemente da idade, pois é sempre uma importante forma de assegurar o crescimento e o desenvolvimento fisiológico, manutenção da saúde e do bem estar do indivíduo (PINEZI; ABOURIHAN, 2011). Entretanto, existem períodos da vida em que uma boa alimentação tem importância primordial, como é o caso da fase infantil.

O atual mundo globalizado, em que o tempo é considerado um recurso, extingue alguns hábitos demasiadamente demorados, por outros mais rápidos. Entre esses hábitos, a prática de uma alimentação saudável muitas vezes é substituída por alimentações feitas em lanchonetes, *fast-foods* ou comidas congeladas e industrializadas. Apesar de serem deliciosas ao paladar, não fazem bem ao organismo humano, pois são pobres em nutrientes e ricos em gorduras e açúcares. No entanto, são mais prejudiciais ainda às crianças em idade escolar, pois necessitam de nutrientes para seu desenvolvimento e também para a aprendizagem (SOUZA, 2014).

Para que seja criado o hábito de uma alimentação saudável, especialistas recomendam que pratos oferecidos aos bebês e crianças pequenas, sejam sempre coloridos, apresentando um visual bonito que estimule o apetite e garanta o consumo de todos os nutrientes necessários. Devem ser oferecidos alimentos de todos os grupos, como feijões, cereais, raízes e tubérculos, legumes, verduras, frutas, leites e carnes, variando os mesmos diariamente (ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL..., 2016)



A “Oficina de alimentação saudável” tem como objetivo levar até as escolas um estudo sobre a importância das vitaminas, os malefícios que os alimentos com grande quantidade de açúcar e gordura podem trazer à saúde, o perigo de ingerir alimentos contaminados, técnicas de higienização, entre outros. Proporcionando assim, aos alunos adquirirem novos conhecimentos através de slides ilustrativos, perguntas sobre o tema abordado e brincadeiras dinâmicas ao final das apresentações.

2. DESENVOLVIMENTO

Para constante atualização do tema abordado no Projeto, tem-se consultado a literatura, a fim de atender as necessidades de linguagem e conteúdo adequados a cada turma de ensino fundamental que se trabalha.

A “Oficina de alimentação saudável” foi realizada no Colégio Municipal Pelotense, situado no centro da cidade de Pelotas/RS. As atividades foram ministradas a uma turma de 4º ano, sendo realizados dois encontros para tratar os temas teóricos em slides e realizar brincadeiras relacionadas aos assuntos abordados. Os slides foram apresentados com diversos conteúdos como, higienização das mãos, sanitização dos alimentos, microorganismos causadores de deterioração em frutas, pragas domésticas, alimentos com alto teor de gorduras e açúcares, doenças relacionadas a falta de vitaminas no organismo, entre outros. Por fim, o entretenimento proporcionou aos alunos desvendar quais frutas haviam dentro de caixas, apenas ao tocá-las; e adivinhar quais eram as frutas apenas pelo cheiro das mesmas que se encontram trituradas dentro de mini-potes revestidos, sendo recompensados com maçãs ou bergamotas pelos acertos.

Ao final de cada etapa do Projeto (teórico e prático), foram distribuídos questionários aos alunos, nos quais deveriam responder sua satisfação ou insatisfação de acordo com as atividades abordadas.

No questionário haviam 7 perguntas variadas sobre diversos pontos do Projeto, sendo elas: 1- O que você achou do conteúdo tratado?; 2- que você achou dos apresentadores?; 3- Em que nível foram as novidades?; 4- Como foi para entender o assunto?; 5- As brincadeiras realizadas envolvendo o olfato e o tato para descobrir as frutas motivaram sua curiosidade de conhecer/provar novas frutas?; 6- O que você acharia se tivessem mais cursos como este?; 7- Quanto você acha que pode colocar em prática do que você aprendeu? Para respondê-lo havia uma escala facial, conforme mostrado na Figura 1.

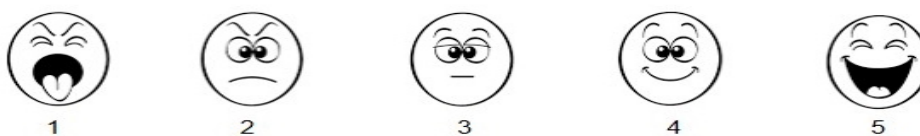


Figura 1 – Escala facial para cada pergunta do questionário, sendo dividido em: muito ruim (1); ruim (2); mais ou menos (3); bom (4) e ótimo (5).

3. RESULTADOS

A turma de 4º ano do Colégio Municipal Pelotense é composta por 29 alunos, entretanto, nos dois encontros dos cursos teóricos, alguns estiverem ausentes. Os participantes mostraram-se super interessados nos assuntos abordados nos slides, tendo surgido vários questionamentos em relação ao tema e comentários sobre o dia-a-dia dos mesmos.

A atividade de identificação das frutas através do tato e olfato surpreendeu as crianças em relação aos resultados finais, sendo que também se sentiram muito mais felizes e incentivados ao consumo de alimentos saudáveis, ao receberem uma maçã ou uma bergamota ao final da brincadeira.

Não foi constatada nenhuma dificuldade de entendimento dos alunos, pois os mesmos já tinham um conhecimento mínimo sobre o que são micro-organismos, como deve ser feita a higienização das mãos, entre outros aspectos. Estes conteúdos já vinham sendo trabalhados pela professora da turma, que teve um papel muito importante no decorrer dos cursos, mantendo a turma organizada, atenta e fazendo interferências positivas sempre que os assuntos do projeto se correlacionavam com os de suas aulas.

De acordo com as respostas das crianças, percebe-se que houve grande agregação de novidades ao longo da Oficina. Sabe-se também, que os alunos tiveram gosto pelo conhecimento proporcionado, e inclusive, a professora avaliou o Projeto como excelente, manifestando interesse em dar continuidade no tema em suas aulas.

Nas fotos da Figura 2 e 3 são mostrados alguns momentos dos cursos.



Figura 2 – Alunos realizando as brincadeiras (esquerda) e recebendo a premiação pelos acertos (direita).



Figura 3 – Apresentação da parte teórica do projeto de Alimentação Saudável (direita) e alunos realizando a brincadeira que envolvia o tato (direita).

O questionário de avaliação das atividades foi respondido por 22 alunos e os dados obtidos são mostrados na Figura 4. Observa-se que não houve nenhum aspecto do curso avaliado como “muito ruim” ou “ruim”.

Todas as 7 questões foram respondidas positivamente, sendo a maioria dos resultados expressos entre “bom” e “ótimo”, tendo-se apenas para questão 4 (Como foi para entender o assunto?) algum destaque de respostas para a descrição “mais ou menos”. Considera-se que apesar de maioria estar atenta e participativa, em alguns momentos havia dispersão, este fato pode ter influenciado na apreensão do conteúdo, além das dificuldades naturais frente às muitas novidades. O destaque ficou para questão 6 (O que você acharia se tivessem mais cursos como este?), em que a totalidade das crianças (22) considerou que seria “ótimo”.

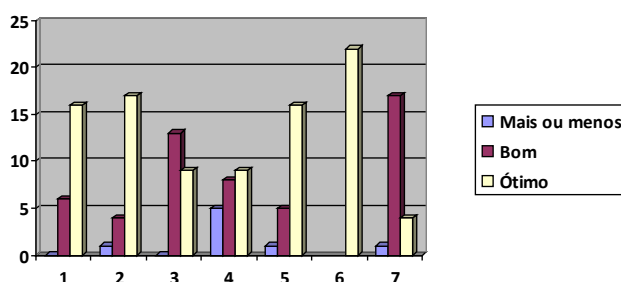


Figura 4 - Resultados do questionário aplicado aos alunos do 4º ano do Ensino Fundamental no Colégio Municipal Pelotense.

4. AVALIAÇÃO

De acordo com os resultados obtidos no questionário, conclui-se que houve uma ótima aceitação da “Oficina de alimentação saudável” pela turma do 4º ano do Ensino Fundamental no Colégio Municipal Pelotense, pois todos os alunos julgaram muito positivamente a possibilidade de ter mais cursos semelhantes.

Pela repercussão na turma, participação e atitudes observadas acredita-se que o Projeto alcançou o objetivo de incentivar as crianças a uma alimentação mais rica em vitaminas, minerais e fibras, e com menores teores de gorduras e açúcares.

5. REFERÊNCIAS

ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL NA PRIMEIRA INFÂNCIA: um legado para toda vida. 2016. Acessado em 29 set. 2017. Online. Disponível em: <http://radardaprimeirainfancia.org.br/por-onde-comecar/alimentacao-saudavel-na-primeira-infancia/>

PINEZI, F. G.; ABOURIHAN, C. L. S. **Formação desenvolvimento de hábitos alimentares na pré-escola.** Acessado em 10 out. 2017. Online. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/view/12479259/7-formacao-e-desenvolvimento-de-habitos-alimentares-unibrasil>>

SOUZA, Elizabel Rodrigues de. **Alimentação Saudável na Infância.** 2014. 30. Monografia (Especialização em Ensino de Ciências). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014. Disponível em: http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4785/1/MD_ENSCIE_IV_2014_35.pdf. Acesso em 03 de out. 2017.



CUIDADO E MANUTENÇÃO DO ACERVO DE LIVROS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA.

MATHEUS LUCAS ESTEVES¹; ELIANE TERESINHA PERES²

¹Matheus Lucas Esteves – matheus2007.esteves@gmail.com

²Eliane Teresinha Peres – eteperes@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo relatar a experiência como bolsista de extensão e cultura do projeto “Memórias da Alfabetização” desenvolvido junto ao grupo de pesquisa HISALES (História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares), da Faculdade de Educação (UFPEL). Atualmente o grupo de pesquisa HISALES realiza investigações em três eixos, são eles: I) estudos sobre história da alfabetização; II) pesquisas sobre práticas escolares e não-escolares de leitura e escrita (práticas de letramentos); III) análise da produção, circulação e utilização de livros escolares produzidos no Rio Grande do Sul, especialmente entre os anos de 1940-1980. Possui seis acervos, sendo eles: Cadernos de alunos (ciclo de alfabetização e outras séries), cadernos de planejamento (Diários de Classe), livros para o ensino da leitura e da escrita (nacionais e estrangeiros), livros didáticos produzidos no Rio Grande do Sul entre 1940 e 1980, matérias didático-pedagógicos e escritas pessoais e familiares¹.

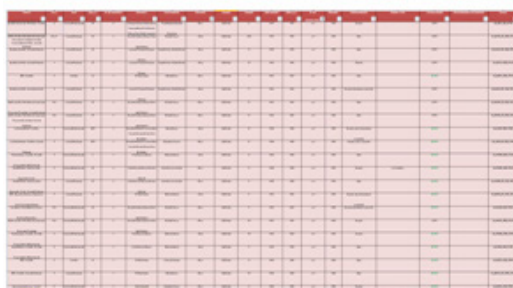
Os acervos são constituídos, em sua maior parte, por doações da comunidade em geral e de escolas, que tendo conhecimento da existência e do ofício do grupo, doam materiais da cultura escolar como forma de contribuir na construção desse espaço coletivo. Por abranger atualmente um rico e vasto material, o espaço é aberto tanto para visitas como para pesquisas externas.

Meu objeto de trabalho são as cartilhas e os livros para o ensino da leitura e da escrita, sendo estes considerados uma fonte ampla de estudos e pesquisas, por se caracterizarem como um suporte de conhecimentos escolares, suporte de métodos pedagógicos, veículo de sistema e valores e também como uma mercadoria (BITTENCOURT, 2004).

¹ Para saber mais do trabalho do Hisales ver wp.ufpel.edu.br/hisales/

2. DESENVOLVIMENTO

A minha experiência como bolsista de extensão e cultura tem sido bastante enriquecedora pois que tem me proporcionado um contato direto com a história da alfabetização de modo geral e, mais diretamente, com o acervo de livros para o ensino da leitura e da escrita, bem como com as discussões teórico-metodológicas sobre a guarda, preservação e estudos sobre esses importantes dispositivos da cultura escolar e da pesquisa. Mesmo trabalhando mais especificamente com o acervo dos livros didáticos, procuro me inserir também, quando possível, no trabalho de coleta, manutenção, preservação e organização dos outros acervos que o grupo possui, como os diários de classes (cadernos de planejamento das professoras) e os cadernos de alunos. O acervo das cartilhas e livros didáticos conta atualmente com 1226 exemplares, sendo deste total, 923 títulos (desconsiderando os exemplares repetidos). O conjunto de tais materiais, das cartilhas e livros didáticos, se instensifica, em termos quantitativos, a partir da década de 1970, abarcando 826 exemplares do número total dos títulos. Para este trabalho, a atualização constante, tanto da planilha de catalogação, quanto do acervo material, foram fundamentais.



Fonte 1: Planilha de Catalogação dos acervos do HISALES



Fonte 2: Acervo dos livros didáticos do grupo

A catalogação virtual desse acervo é feita em planilha específica que contém dezenove campos que servem para organizar e “filtrar” as buscas por diferentes critérios para fins de pesquisa. Os campos são: Título; série; tipo (se é manual do professor ou não); gênero/sexo; número de autores; autores; ilustrador; editora; cidade; edição; ano de edição; ano de impressão; número de exemplares; década; conservação; doação; localização; observação; e cota. Sendo assim, o trabalho que desenvolvo, na condição de bolsista de extensão, é fundamental, pois torna possível e facilita as buscas dos pesquisadores aos dados desejados.

Meu trabalho tem sido, então como afirmei, tanto a revisão dessa planilha, a inclusão de novos títulos, a organização (feita por décadas nas estantes) e a manutenção do acervo físico, pois além de pesquisas esse conjunto serve para as exposições do Projeto “Memórias de Alfabetização”. Nesse semestre desenvolvemos nesse projeto duas ações importantes: a manutenção da exposição permanente na sala do referido grupo de pesquisa, com visitas de alunos da Universidade (nesse último semestre recebemos os alunos da Matemática, da História e da Letras), de alunos de outras Universidades (UDESC, Florianópolis e FURG, Rio Grande), de pesquisadores (nesse semestre com destaque para os de Salto, do Uruguai) e da comunidade em geral; e uma mostra durante a realização do 13º Poder Escolar, que aconteceu entre os dias 17 à 20 de Julho na UCPel.

3. RESULTADOS

Meu primeiro trabalho como bolsista de extensão foi a revisão da planilha, que apresentava incongruências e a checagem das estantes, uma a uma, de cada livro. Havia, também, livros ainda não catalogados e acondicionados e outros que chegaram depois do meu ingresso como bolsista. Assim, após o recebimento dos livros doados, realizo o controle e a catalogação na planilha de todo o material recebido. Essa planilha fica disponível para que, tanto os integrantes do grupo de pesquisa, como a comunidade acadêmica em geral, possam consultar os títulos que compõem o acervo, além de subsidiar as escolhas daqueles que podem ser utilizados em exposições. Nas visitas, como referido anteriormente, esses livros são utilizados como exemplares para a apresentação da história da alfabetização. As visitas são feitas por alunos de diversos cursos da Universidade, como referido anteriormente, além de alunos de outras Universidades e de pesquisadores e comunidade em geral. Um dos objetivos dessas atividades é conhecer os materiais didáticos históricos ou diferentes métodos de ensino que predominavam em tempos anteriores, promovendo essa interdisciplinaridade das diferentes áreas de conhecimento.

A frequência da busca por este material tem se tornado cada vez mais relevante e as percepções acerca do seu potencial estão se ampliando de maneira visível e satisfatória. O livro didático pode exercer quatro funções diferentes que variam conforme o seu ambiente sociocultural, sua época, as disciplinas, os níveis de ensino, os métodos e as formas de utilização. São elas: função referencial, na qual o livro didático é uma “fiel tradução” do programa de ensino, caso exista; função instrumental, na qual o livro põe



em prática métodos de aprendizagem e favorece a aquisição das competências; função ideológica ou cultural, que tende, em certos casos, a “doutrinar” as jovens gerações por assumir um papel político; e a função documental, que confronta o aluno através de documentos textuais ou icônicos e desenvolve seu espírito crítico e autonomia. (CHO-PPIN, 2004). Essas reflexões teóricas são possíveis e necessárias de serem feitas na medida em que catalogo e organizo o acervo.

Assim, o trabalho realizado até o momento têm possibilitado realizar algumas constatações importantes. Conforme desenvolvo as atividades, percebo, por exemplo, que o número de autoras predomina significativamente nos livros para o ensino da leitura e da escrita, figurando 611 dos 826 títulos do acervo, número muito expressivo o que torna impossível de não observar tal fenômeno. Assim, apenas 49 exemplares são de autoria exclusivamente masculina. Além disso, 90 exemplares possuem autoria conjunta, ou seja, são de autoria tanto feminina, quanto masculina. Esses dados provocaram questionamentos sobre as possibilidades de trabalho com a questão de gênero nos livros didáticos, uma possível articulação com a pesquisa que no futuro o trabalho de extensão poderá provocar. Outro dado que constatei: a cidade de São Paulo é a que figura em maior número na ficha catalográfica como lugar de produção dos livros do acervo, aparecendo em 773 exemplares. Já a editora com maior incidência de livros no acervo é a editora Ática (SP), seguida da editora Scipione (SP).

4. AVALIAÇÃO

Ao término do trabalho foi possível constatar a importância da preservação desse patrimônio histórico-educacional, com a manutenção do acervo desse rico e importante suporte que é o livro didático, além disso, percebi suas inesgotáveis possibilidades de estudos e de pesquisas, pelo fato de que esses materiais refletem, em seu conteúdo, a realidade de determinado período da história da educação. Além da pesquisa que possibilita, também, analisar as distintas ideologias, pois se trata de uma ferramenta com intenso efeito de modelagem do público que a consome, é material de apreciação e um “evocador de memória” dos visitantes da exposição permanente. Sempre há aqueles que se lembram de sua alfabetização ao rever o livro, o “seu livro”, se emocionam, narram, contribuem com algum dado importante para a história da educação e da alfabetização.



Como bolsista de extensão tenho aprendido muito nesse trabalho. Aparentemente catalogar livros e cuidar da sua manutenção parece algo simples. Contudo, trata-se de um trabalho muito pertinente e importante, tanto para a pesquisa, quanto para os trabalhos de extensão desenvolvidos pelo HISALES e para minha formação em específico. Estar inserido nesse espaço onde tenho contato com um vasto material referente à história da alfabetização me proporciona enriquecer cada vez mais o conhecimento em torno da minha graduação, me oferecendo subsídios importantes e indispensáveis na futura prática docente.

5. REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, C. Em foco: História, produção e memória do livro didático. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.3, p. 471 - 473, 2004.

CHOPPIN, A. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.3, p. 549 - 566, 2004.



AD LINGUAE LATINAE COGNITIONEM ET ULTRA¹ – O RESGATE SOCIAL DO LATIM ATRAVÉS DA EXTENSÃO

MAURÍCIO SIGNORINI DIAS¹; PAULA BRANCO DE ARAÚJO BRAUNER²

¹Universidade Federal de Pelotas – mauricio.ufpel@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – pbrauner@terra.com.br

1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem por objetivo apresentar o desenvolvimento e a conclusão do curso de extensão Introdução ao Latim Módulo I, realizado no primeiro semestre de 2017. O referido curso foi oferecido pelo Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas e ministrado por Maurício Signorini Dias. Os objetivos do curso foram: permitir que os alunos compreendessem o funcionamento da língua latina enquanto sistema linguístico, além de serem capazes de ler, compreender e traduzir pequenos textos e de perceber a importância do Latim em face da língua portuguesa. Além disso, o curso permitiu que os estudantes conhecessem um pouco da história da língua latina, da Roma antiga e da cultura clássica.

O projeto destinou-se tanto aos acadêmicos da universidade quanto à comunidade em geral. As aulas foram expositivas e dialogadas e, além disso, foi permitido aos alunos que escolhessem tópicos que seriam ser apresentados e discutidos nos momentos de estudo da cultura romana. Nesse sentido, aponta-se ao fato de que as aulas também eram interdisciplinares, pois, para trabalhar com uma língua antiga como o Latim, são necessários conhecimentos não somente do seu sistema gramatical mas também, obviamente, do Português, como também, de história, de filosofia, de filologia, de Direito e de línguas neolatinas.

Este estudo também aponta para as questões sociais que envolvem a extensão universitária. Devido à grande procura pelo curso, que teve mais de cem inscritos, acredita-se na importância do oferecimento desse tipo de conhecimento, pois, através dessa intensa procura, se pôde perceber o aumento do interesse das pessoas pela língua e cultura latinas. A língua nos faculta o conhecimento de outras línguas, outras culturas e outros povos, tanto do presente como do passado e esse passado, tão presente na língua, na cultura, na política e nas instituições do Ocidente, foi trazido à tona nesse curso. Como um dos objetivos da Universidade é a interação com a comunidade, nada

¹ Para o Conhecimento do Latim e Além.

mais válido do que oferecer a essa comunidade – sempre carente de oportunidades para ampliar seus conhecimentos – um curso de atualização voltado aos aspectos humanísticos e culturais, oportunizando o acesso a um conhecimento só disponível a alunos dos Cursos de Licenciatura em Letras. Em suma, no decorrer deste estudo, apresenta-se, especificadamente, a forma como ocorreu o curso, a dinâmica das aulas, o desenvolvimento dos alunos, que chegaram sem nenhum conhecimento sobre o Latim e com lacunas na aprendizagem da Língua Portuguesa, mas acabaram por finalizar as aulas capazes de produzir até um pequeno texto na língua latina.

2. DESENVOLVIMENTO

O curso de Introdução ao Latim ocorreu entre os dias 05 de junho e 14 de agosto, totalizando 10 encontros. Todas as aulas aconteceram nas segundas-feiras pela manhã no período das 9:00 às 11:30 o que, ao término do curso, concedeu aos alunos concluintes um certificado de 40 horas em extensão universitária. Todos os materiais utilizados nas aulas eram enviados por e-mail com antecedência, assim, os alunos podiam imprimi-los e levá-los consigo para as aulas. De qualquer forma, em algumas ocasiões, alguns materiais impressos foram distribuídos pelo ministrante.

Na primeira aula, além da exposição de informações sobre o curso, foi feita uma socialização entre ministrante e participantes. Assim, questionou-se o que eles sabiam sobre a língua latina, se eram alunos da graduação e, em caso afirmativo, a qual curso pertenciam. Foi combinado que, das 2:30 de duração de cada encontro, os 30 minutos finais seriam dedicados às aulas de cultura.

Depois desse primeiro momento de apresentações, foi exposto por meio de um projetor a primeira página do livro *Familia Romana per se Illustrata* (ORBERG, 2013). Essa parte foi escolhida por se tratar de um texto curto e que apresenta um latim muito simples, permitindo que qualquer pessoa fluente em Português possa compreender seu conteúdo linguístico por assimilação de significados entre as duas línguas. Para ilustrar, apresenta-se o exemplo “Aemilia femina Romana est” que, em tradução livre, significa “Emília/Amélia é uma mulher romana”. Nesse sentido, solicitou-se que os alunos traduzissem o texto. Essa atividade teve como objetivo fazer com que os alunos se sentissem mais à vontade com o Latim, não o considerando algo tão difícil. Por conseguinte, após finalizarem, foi realizada uma tradução em conjunto, como forma de correção. Antes desse primeiro encontro, os alunos haviam recebido um material sobre a história do La-



tim, que foi discutido na parte seguinte da aula (CARDOSO, 2006). Para finalizar, questionou-se quais tópicos de cultura clássica romana os alunos gostariam que fossem abordados. Então, eles escolheram tópicos como literatura, filosofia, sociedade, direito, alimentação e mitologia.

Para as quatro aulas seguintes, os conteúdos linguísticos dividiram-se pelos casos latinos, na devida ordem: primeiro, o nominativo que se refere ao sujeito e ao predicativo do sujeito em Português; em segundo, o acusativo e o dativo que são, respectivamente, o objeto direto e o indireto; o genitivo, que é o adjunto adnominal e, por último, o ablativo que é o adjunto adverbial e o vocativo que aponta o vocativo. Antes da exposição dos últimos casos, foi realizada uma aula de revisão. Todos casos latinos foram inicialmente explicados em português, porque acredita-se que, desse modo, a aprendizagem torna-se mais rápida. Muitos exemplos foram utilizados, assim como vários exercícios de tradução de frases, conforme o progresso dos alunos.

E, à medida em que iam conhecendo as particularidades do latim, montou-se uma tabela com as desinências de cada caso referentes às duas primeiras declinações². Entre uma aula e outra, os alunos recebiam via e-mail uma lista de exercícios para concluir e levarem para a aula seguinte. As atividades à distância fizeram-se obrigatórias para complementar o número de horas e para dar seguimento ao aprendizado da língua. Além disso, através das atividades extraclasse, pôde-se perceber as dificuldades que eles encontravam ao longo do aprendizado. Em sua maioria, os maiores problemas surgiram em relação aos casos acusativo e dativo. Acredita-se que esse impasse seja reflexo de alguma lacuna na formação dos estudantes. Por isso, a correção das tarefas extraclasse serviu como revisão de aspectos linguísticos da Língua Portuguesa.

As aulas posteriores, além de terem sido dedicadas ao aperfeiçoamento das habilidades de tradução, treinadas desde o início do curso, serviram de reforço para o aprendizado das propriedades linguísticas do Latim e, claro, das aulas de cultura. Outrossim, na oitava e na nona aulas, os alunos foram apresentados às preposições latinas. Desse modo, tiveram seus conhecimentos ampliados, o que lhes permitiu dar mais um passo nesse percurso. Por fim, na última aula, os alunos, além de traduzirem um texto, tiveram de elaborar, com base no que haviam estudado, uma produção textual. Embora tenha sido uma atividade ousada, acredita-se na importância de incentivar que os alunos escrevam em Latim.

² Declinação é o conjunto de desinências próprias de um grupo de palavras. As declinações são cinco.

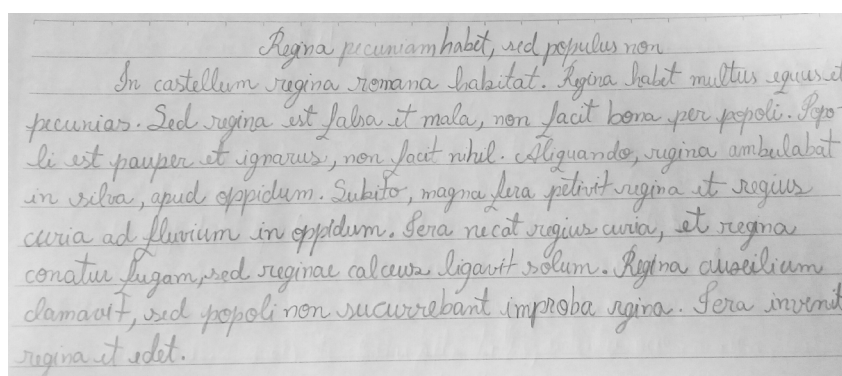
3. RESULTADOS

Considerando a dinâmica das atividades realizadas, as aulas de Latim contaram com a participação ativa dos alunos, que faziam questões sobre a língua e comparavam palavras latinas com outras do Português. Alguns, por exemplo, que pretendiam estudar Direito, solicitaram a etimologia de palavras como juiz e magistrado. Isso também ocorreu com outros, que procuraram saber a respeito de palavras como professor, discente, docente e educador, relacionadas aos seus interesses de estudos. Já nas aulas de cultura românica clássica, os alunos se mostravam mais quietos e costumavam ouvir atentamente as histórias e curiosidades da antiguidade romana.

Esses dois aspectos das aulas apontam para a relevância da metodologia utilizada. Essa forma de abordar o Latim a partir do Português, ainda que defendida por alguns latinistas e, em alguns aspectos, criticada por outros, foi também escolhida tendo com base as reflexões do ministrante nas suas experiências anteriores como monitor das disciplinas de Latim da Universidade Federal de Pelotas, em 2016.

Como apontado em SIGNORINI E BRAUNER (2016), alunos de Letras costumam ter dificuldades com a língua portuguesa, o que dificulta a aprendizagem do Latim. De qualquer modo, outras classes gramaticais e estruturas da língua latina – não apresentadas no curso de extensão - estavam presentes no textos e frases utilizados, como, por exemplo, as conjunções. Os alunos recebiam a tradução dessas estruturas em particular, para que não precisassem se preocupar com o que não haviam aprendido. Como se imaginou, os alunos acabaram por utilizar tais estruturas latinas em suas produções escritas, conforme exemplo da Figura 1.

Figura 1. Produção Textual





Com base nas produções textuais, percebeu-se que as inadequações encontradas eram simples, como a não repetição do verbo. Considera-se tal fato comum, já que se trata de uma referência à sua língua materna (JONES & SIDWELL, 2012). Além de tudo que foi apontado, observa-se, também, que a formação que o curso de Introdução ao Latim proporciona uma contribuição técnica para o Português, já que os alunos passam a prestar mais atenção aos aspectos linguísticos, o que abrange qualquer uma das áreas do conhecimento acadêmico e até extramuros.

4. AVALIAÇÃO

Ressalta-se o desenvolvimento dos alunos que nunca estudaram Latim e, ainda assim, foram capazes de escrever um texto narrativo após, somente, dez aulas. Por isso, aponta-se a importância da produção escrita na aprendizagem de Latim. Além disso, é evidente que existe entre as pessoas uma grande necessidade de adquirir conhecimentos sobre um passado que é a base de toda a civilização ocidental e, por conseguinte, sobre a Língua Latina, que é a ponta de uma corrente imensa que se prende ao nosso passado (LIMA, 1995).

Por isso, acredita-se que o curso de extensão Introdução ao Latim resgatou o acesso a um conhecimento suprimido e que parecia ser “privilegio” de poucos, permitindo, assim, que qualquer pessoa estudasse a língua- mãe da nossa língua.

5. REFERÊNCIAS

AMARANTE, José. **Latinitas: leitura de textos em língua latina. Fábulas mitológicas e esópicas, epigramas, epístolas**. Salvador: EDUFBA, 2015.

CARDOSO, Zélia de Almeida. **Iniciação ao latim**. Brasília: MEC, 2006.

GRIMAL, Pierre & NOIVILLE, J.L.R. **Gramática latina**. São Paulo: USP, 1995.

GROTON, Anne H. & MAY, James M. 38 **Latin Stories Designed to Accompany Wheelock's Latin**. Canada: Friesens, 2005.



JONES, Peter V. & SIDWELL, Keith C. **Aprendendo latim.** São Paulo: Odysseus Editora, 2012.

LIMA, Alceu Dias. **Uma estranha língua? Questões de linguagem e de método.** São Paulo: Editora da UNESP, 1995.

ORBERG, Hans H. **Lingua latina per se illustrata. Familia Romana.** Pars I. Roma: Edizioni Accademia Vivarium Novum. 2010.

REZENDE, A. M; BIANCHET, S. A. **Dicionário do Latim Essencial.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

SARAIVA, F. R. dos Santos. **Novíssimo Dicionário latino-português. Etimológico, Prosódico, Histórico, Geográfico, Mitológico, Biográfico etc.** Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2006.

SIGNORINI DIAS, M.; BRAUNER, P.B.A. **Verba Movent, Exempla Trahunt: Reflexões sobre o Latim no Ensino de Português.** Pelotas: Anais do CEG, 2016. Disponível em: http://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2016/LA_03383.pdf

STÖRIG, H. J. **A aventura das línguas.** São Paulo: Melhoramentos, 1993.



CULTURA POPULAR NA ESCOLA: A EXPERIÊNCIA DO PET GAPE NA SEMANA MUNDIAL DO BRINCAR E NA SEMANA DO FOLCLORE

MAYARA GOULART BRASIL; BRUNA LETICIA DA SILVA BUENO²;
BIBIANA DE MORAES DIAS³; ISABELA MARIA SANTOS SILVA⁴;
ROSE ADRIANA DE ANDRADE MIRANDA⁵; LILIAN LORENZATO RODRIGUEZ⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – mayaragbrasil@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - bruleticiab@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – bibianamdias@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – isabelamariassilva@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – rosemiranda.educampoufpel@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – lialorenzato@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O presente texto tem como objetivo discutir a atuação e vivências do Grupo de Ação e Pesquisa em Educação Popular – GAPE do Programa de Educação Tutorial – PET relativas à Semana do Brincar e do Folclore realizadas junto à Escola Municipal de Ensino Fundamental Machado de Assis - EMEF.

O PET GAPE é um grupo multidisciplinar onde fazem parte 12 bolsistas dos cursos de Antropologia, Cinema de Animação, Cinema e Audiovisual, Designer Digital, Jornalismo, Pedagogia e Psicologia. Suas ações estão inseridas na articulação das áreas de Educação e Cultura, e desde 2016 desenvolve ações em parceria com o Núcleo de Folclore da Universidade Federal de Pelotas – NUFOLK e a EMEF Machado de Assis que está localizada no município de Pelotas/RS.

A referida Escola atende crianças da Pré-Escola até o 5º ano do ensino fundamental e nela anualmente tem sido realizadas atividades e brincadeiras relacionadas ao Folclore brasileiro com o intuito de inserir este tema de grande relevância para o cotidiano escolar. Sendo assim, ao se trabalhar com a cultura local pressupõe-se a necessidade de aprender conhecimentos, crenças e costumes perpetuados pelas comunidades. Neste sentido é imprescindível conhecer, reconhecer e se apropriar destas formas de manifestação. Através destas as pessoas e comunidades criam sua identidade e aprendem as tradições e os costumes de sua terra. “Podemos dizer que, através do folclore, o povo se faz presente na sociedade, se afirma no âmbito da superestrutura ideológica e nela encontra a sua tribuna.” (CARNEIRO, 2008, p. 25)

Neste sentido o PET GAPE propôs o desenvolvimento de algumas atividades em parceria com o NUFOLK e a Faculdade de Educação/UFPEl durante a Semana Mundial



do Brincar e a Semana do Folclore na EMEF Machado de Assis. As atividades propostas variaram entre cantigas e brincadeiras, sendo realizadas tanto em sala de aula como no pátio da instituição, estimulando não só a inserção do tema em sala de aula, como também colocar o corpo em movimento e promover a interação das diversas turmas. Tais atividades foram organizadas durante o estudo de textos de CARNEIRO (2008), SMIT (2003), BENJAMIN (2002) e ROCHA (2008).

2. DESENVOLVIMENTO

Na edição de 2017 as atividades realizadas na EMEF Machado de Assis ocorreram em dois turnos, no dia 23 de maio de 2017, data em que foi comemorada a Semana Mundial do Brincar. Durante a manhã foram propostas atividades para as turmas de Pré 1, 1º, 2º e 4º ano. E no período da tarde as turmas foram Pré 1 e Pré 2, 3º e 5º ano.

Dando início às atividades foi questionado para todas as turmas os motivos pelo qual é tão bom brincar. Após as colocações das crianças, ressaltou-se os seus benefícios e também foi perguntado qual era a brincadeira predileta de cada uma das crianças participantes da atividade. Logo após, foi proposta algumas brincadeiras como: a) corrida do saco em que duas filas foram formadas e se destacava a equipe que realizasse o percurso mais rápido; b) dança das cadeiras onde as crianças devem ficar dançando na volta das cadeiras e quando a música parar estas devem sentar em uma delas. Porém o diferencial da brincadeira é que o número de cadeiras é menor que o número de crianças brincando, sendo assim, ganha quem conseguir sentar na última cadeira. As músicas utilizadas nesta atividade foram, por exemplo: Pererê Peralta (Saci) - Carlinhos Brown/ A Cuca Te Pega - Cássia Eller (2001) do Disco Sítio do Pica-Pau Amarelo (2012); c) morto-vivo que é uma atividade que envolve a atenção e o movimento dos participantes, pois precisam ficar atentos para os comandos de 'morto' que representam que o participante deve se abaixar e de 'vivo' que é quando este deve permanecer em pé. O vencedor é a criança que consegue obedecer a todos os comandos; d) telefone sem fio em que a turma senta em roda e a primeira criança diz uma frase curta, é preciso que uma criança repasse para a outra sem alterar o que foi dito pela primeira da fila, no final a última criança deve dizer em voz alta o que foi cochichado em seu ouvido. Se frase não corresponder ao que foi dito no início será preciso identificar qual criança não entendeu a frase que lhe foi dita pelo colega ao lado e a modificou.



Já no dia 21 de agosto de 2017o PET GAPE foi mais uma vez à escola com o propósito de proporcionar aos estudantes momentos de brincadeiras e cantigas folclóricas. As atividades ocorreram com todas as turmas da escola, como nas edições anteriores da Semana do Brincar/UFPEl, e durante dois turnos.

Com as turmas de pré 1 e 2 e o 1º ano se iniciou com o seguinte questionamento: se eles sabiam o que era folclore? Muitas das crianças responderam que não e então se passou a explicar exemplificando com os personagens e músicas brasileiras. Logo após os estudantes foram questionados sobre quais daqueles personagens eles mais gostavam e alguns deles foram indicados, entre eles as crianças destacaram o Negrinho do Pastoreio, a Mula sem cabeça, o Curupira e o Saci-Pererê. Então foram distribuídas para as crianças uma folha que continha alguns dos personagens citados: Negrinho do Pastoreio ou Saci-Pererê para que elas pintassem e cortassem com o auxílio das bolsistas que orientaram e conduziram as atividades. Feita as pinturas estas foram coladas em uma cartolina e cortadas. E então foi confeccionado um quebra-cabeça com os personagens. Na sequência foram cantadas cantigas de roda com as turmas como: roda caixinha, ciranda cirandinha e atirei o pau no gato.

Já com o 2º e 3º ano também se iniciou as atividades com o questionamento sobre se estes conheciam e sabiam o que era o folclore. Após eles terem nomeado alguns elementos folclóricos as bolsistas citaram mais alguns personagens e passaram a comentar suas características e contextualização. Isto levou as crianças a imitar o saci-pererê, por andar em um pé só, e o curupira por andar com os pés virados. Na sequência a proposta foi cantar cantigas de roda conhecidas pelas crianças como a “Borboletinha”, “Atirei o pau no gato”, “Escravos de Jó” entre outras. Também se realizou brincadeiras como “Chicotinho Queimado”, onde as crianças devem sentar em círculo e uma delas fica girando atrás da roda com uma bola de papel em mãos até colocar atrás de um dos colegas. O restante dos participantes deve ficar cantando

“Chicotinho Queimado, torrado” enquanto o colega gira. Após algumas voltas a criança com o “chicotinho” deve soltar o objeto atrás de algum de seus colegas e este deve se levantar para tentar alcançá-lo. O objetivo do jogo é fazer com que a criança que estava em pé consiga sentar no lugar daquela que se levantou para tentar lhe pegar.

A atividade proposta com o 4º e 5º ano iniciou-se com uma conversa sobre o que eles acreditavam ser o folclore. Algumas crianças souberam listar algumas lendas e livros sobre o assunto. Após a conversa as turmas foram levadas ao pátio da escola e se propôs a brincadeira do “Chicotinho Queimado”. Logo após o grupo cantou algumas

cantigas e músicas, onde surgiu a ideia de se fazer uma roda com a música “Escravos de Jó” e aproveitar a brincadeira, já que alguns não a conheciam. Foi então onde cada estudante continha uma bola de papel em mãos e conforme cantava-se a canção as bolas deviam ser repassadas para o colega ao lado, conforme o ritmo da música. Como alguns já conheciam a canção acabaram propondo algumas alterações na brincadeira. Então inovaram na parte em que a música diz “tira, bota” e ao invés de passar as bolas deveriam coloca-las para dentro e para fora do círculo.

Como a escola tem a orientação de que cada estudante faça a retirada e leitura semanal de livros da biblioteca, as bolsistas propuseram que eles retirassem um livro sobre o folclore e as crianças aceitaram a sugestão. E assim as atividades acabaram refletindo para além da escola e estendendo-se até as famílias.

3. RESULTADOS

Por se tratar de uma escola parceira do PET GAPE, o grupo de bolsistas está inserido no dia-a-dia da instituição. Desta forma percebe-se que ao serem propostas algumas cantigas e brincadeiras as crianças passam a brincar no recreio com as atividades realizadas. Isto ocorreu tanto na Semana do Brincar como na do Folclore.

Observa-se que as atividades desenvolvidas acabaram sendo de certa forma absorvidas pelo cotidiano das brincadeiras dos estudantes, uma vez que nos momentos de recreação, logo se percebeu que os estudantes do 1º ano, ao saírem para um de seus intervalos, formaram uma roda e passaram a cantar e brincar de “Ciranda Cirandinha”. Em outra oportunidade os alunos do 3º ano brincaram de

“chicotinho queimado” e fizeram algumas adaptações na brincadeira, como, ao invés de utilizar bolas de papel utilizaram o próprio toque no corpo para representar o objeto. Na turma do 4º ano o pedido para a repetição da brincadeira do saco é constante, eles dizem ter adorado a brincadeira e alegam que na ocasião pularam poucas vezes.

Walter Benjamin (2002, p. 03) comenta essa intrínseca repetição da criança em relação ao brincar: “Sabemos que para a criança ela é a alma do jogo; que nada a torna mais feliz do que o “mais uma vez” ... Para ela, porém, não bastam duas vezes, mas sim sempre de novo, centenas e milhares de vezes.” Como estes dois eventos são organizados anualmente nesta Escola e fazem parte do Projeto de Pesquisa - Educação Popular: um desafio a Escola Pública, desenvolvido desde 2016, onde as bolsistas do PET GAPE estão cotidianamente inseridas nas rotinas da escola, tem-se que o projeto



desenvolvido se ampliará e se desenvolverá, focando-se na pesquisa relativa às brincadeiras e às cantigas folclóricas junto às famílias e a comunidade local, bem como se continuará com a realização de atividades como estas vinculadas a outros eventos ou datas comemorativas.

Conforme Martins (2006, p. 48) “Toda brincadeira é, ao mesmo tempo, uma atividade da criança, uma expressão de si, e igualmente um aspecto das relações sociais, uma expressão de condições objetivas de ação e desenvolvimento.” Portanto podemos dizer que há um conteúdo na ação de brincar ou jogar, ou seja, um conteúdo, como diria Freire, de *experiência feita*.

E assim proporcionar e possibilitar que o brincar e a cultura popular cada vez mais faça parte e esteja presente na escola como uma forma de aprender.

4. AVALIAÇÃO

A proposta da inserção e da valorização da cultura popular na escola veio da percepção dos vários relatos de que o folclore só se faz presente nas escolas e é reconhecido como tal, na Semana do Folclore que ocorre no mês de Agosto. Por isso, foram propostas atividades como pintura e recorte, cantigas e brincadeiras em que as crianças da escola pudessem perceber que o folclore faz parte e está presente em nossos costumes.

Ao encerrarmos os dois encontros conseguimos perceber que as crianças se apropriaram do assunto e passaram a realizar a leitura sobre os personagens, como nos livros na biblioteca ou durante o intervalo em que cantam uma ciranda e permanecem dançando em roda.

Através das atividades compartilhamos e proporcionamos a popularização do folclore, manifestações culturais estas que precisam ser conhecidas, reconhecidas e abordadas durante todo o ano, dentro e fora das escolas devido a sua riqueza.

5. REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre o brinquedo, a criança e a educação**, São Paulo: Editora, 2002.

CARNEIRO, E. **Dinâmica do Folclore**. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 3ª Edição.

YEHEZKEL, R. T. **Belas Lendas Brasileiras**. Ilustrações Isabela Fernandes. Belo Horizonte: 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

MARTINS, Ligia Márcia. **A brincadeira de papéis sociais e a formação da personalidade**. In.: ARCE, Alexandra. DUARTE, Newton (orgs) Brincadeira de papéis sociais na educação infantil: as contribuições de Vygotsky, Leontiev e Elkonin. São Paulo: Xamã, 2006 (p. 27 a 50).

ROCHA, R. **Almanaque Ruth Rocha**. Ilustrações Alberto Llinares. São Paulo: Ática, 2008.

SMIT, Shoham. **O livro das lendas**. Ilustrações Vali Mintzi. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Companhia da Letrinhas, 2013.



ENCORTE: DA UNIVERSIDADE PARA O CAMPO

NÁTALLI DOS SANTOS BRITTO¹; CAROLINA MACHADO SLEUTJES²,
MARIÊ WOLSKI CABRAL³; MORGANA MARTINS BITENCOURT⁴;
SAUL FONTOURA DA SILVA⁵

¹Universidade Federal de Santa Maria – nbritto.medvet@gmail.com

²Universidade Federal de Santa Maria – carolsleutjes@gmail.com

³Universidade Federal de Santa Maria – mariewcabral@gmail.com

⁴Universidade Federal de Santa Maria – morganambitencourt@gmail.com

⁵Universidade Federal de Santa Maria – saulfontoura@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O Encontro de Raças de Corte (ENCORTE) é um evento realizado na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com foco na difusão do conhecimento e integração dos agentes da pecuária de corte, tendo sua primeira edição em 1991.

O evento conta com a participação de profissionais e estudantes das várias áreas ligadas à agropecuária, passando por temas relacionados à medicina veterinária, zootecnia, agronomia, agronegócio, gestão de empresas, dentre outros. O projeto é liderado pelo professor Saul Fontoura da Silva, do departamento de medicina veterinária preventiva e por estagiários acadêmicos da Universidade Federal de Santa Maria.

O encontro tem como principal objetivo levar informações do meio acadêmico para o campo e vice-versa, proporcionando um elo entre o estudante (principal público do evento), o produtor rural e o mercado de trabalho.

No acumulado do ano de 2016, de janeiro a outubro, as exportações de carne bovina registraram um crescimento de 4% no volume embarcado, com mais de 1,187 milhão de toneladas e faturamento de US\$ 4,637 bilhões (ABIEC, 2016), portanto torna-se de suma importância a capacitação de alunos nesta área da medicina veterinária.

2. DESENVOLVIMENTO

O ENCORTE já teve em suas 21 edições, que ocorrem sempre no mês de maio, concurso de carcaças, com avaliação e julgamento destas, inúmeros dias de campo em diversas cidades do estado, apresentação de estudos e demonstração da aplicabilidade destes na prática, palestras – principal atividade do evento –, exposições locais

e nacionais, minicursos e outras atividades que possam agregar conhecimento ao seu público.

Com parceiras públicas e privadas e com o incentivo de seus apoiadores, o encontro vem crescendo todos os anos, na 26ª edição, ocorrida em 2017, contou com 616 participantes e teve como o local de encontro o novo Centro de Convenções da UFSM, sendo o primeiro evento a ocorrer no local.

Na edição deste ano contou com uma parceria com o programa “Juntos Para Competir” composto pelas instituições SEBRAE, SENAR E FARSUL. O programa tem como escopo a evolução do sistema de cadeias produtivas do estado por meio da capacitação e difusão de informação no meio rural, através do mesmo conseguimos um público ainda maior de produtores rurais advindos de diversos municípios do Rio Grande do Sul.

Nos dias anteriores ao evento houve a realização de remates, eventos de empresas parceiras e exposição de animais no Parque de Exposições da UFSM. O primeiro dia do ciclo de palestras foi dedicado a ovinos de corte, onde foram apresentados dois painéis: produção de carne ovina e projeto ovinos que inspiram, resultado da parceria com o programa “Juntos Para Competir”.

Vimos a necessidade de integrar o tema ovinos ao evento já que é um setor que vem em grande ascensão mesmo em tempos de crise, onde demonstrou grande força na maior mostra agropecuária da América Latina (EXPOINTER), além de um número expressivo de animais que foram a julgamento (718 ovinos, de 14 raças), a comercialização foi excelente totalizando R\$ 536.692 mil com a venda de 131 ovinos nos leilões organizados pelas Associações Promocionais de Raça (ARCO, 2017).

Já no dia seguinte iniciaram as palestras de bovinos de corte que contou com os seguintes temas: bem estar animal, tristeza parasitária, critérios de seleção de reprodutores e a comercialização dos mesmos, importância do processo sucessório, novas formas de estratégias de produção animal a pasto, intensificação na engorda de novilhas e por que continuar produzindo e consumindo carne.

No último dia, contamos com o tradicional dia de campo realizado no Colégio Politécnico da UFSM, onde apresentamos diversos tipos de produção e manejo de rebanhos bovinos.

Pensando sempre em todos os interessados no assunto, durante o evento houve a transmissão ao vivo das palestras para aqueles que não puderam se fazer presentes. Ao longo do ano o ENCORTE vem agregando ainda mais parcerias através do envolvimento da equipe com remates, exposições agropecuárias e palestras focadas na área de bovinos de corte em diversas localidades do estado.



Visando sempre aumentar o conhecimento e a troca de experiências do público participante, o 27º ENCORTE já está sendo organizado, e dentro das metas para o próximo ano está à criação de novos encontros, com dias de campo e palestras curtas, para aumentar o público atual do evento e manter maior proximidade entre técnica e produtividade, sempre visando o objetivo máximo do evento: permitir a troca de experiências entre técnicos, produtores e autoridades com os acadêmicos e participantes presentes.

3. RESULTADOS

Com parceiras públicas e privadas e com o incentivo de seus apoiadores, em sua 26ª edição, ocorrida em 2017, o ENCORTE contou com 616 participantes. Neste sentido, teve uma abrangência de 71 cidades, 19 instituições de ensino e estudantes de 9 cursos de nível técnico e graduação (Administração; Ciências Contábeis; Tecnologia em Agronegócio; Agronegócio; Agronomia; Técnico em Agropecuária; Técnico em Zootecnia; Zootecnia e Medicina Veterinária), além de alunos de pós-graduação. Se comparada a edição de seus 25 anos, a última edição teve um crescimento de 72% e quando comparada à primeira edição, que contou com cerca de 80 participantes, o evento cresceu 670%, sendo esta a maior edição de todos os tempos.

Além disso, dos ouvintes do evento 10% declararam-se como técnicos, 14% como produtores rurais e 76% como estudantes, que são classicamente a maioria do público do evento.

Dentre os participantes, vale destacar que em torno de 170 produtores, trabalhadores rurais e suas famílias, procedentes de mais de 16 cidades do Rio Grande do Sul, se fizeram presentes graças à parceria do ENCORTE com o programa “Juntos Para Competir”.

Ademais, tem-se que dos 16 palestrantes do evento de 2017, 5 são ex-alunos da UFSM, que hoje ocupam papel de liderança no agronegócio e, por tal motivo, foram convidados a dividir seus conhecimentos nos quatro dias do evento.

O ENCORTE desde 2014 também se faz presente nas redes sociais, que cresce constantemente assim como o próprio evento, tem hoje a marca de 1.064 curtidas em seu perfil no Instagram e 2.533 curtidas em sua página no Facebook.



4. AVALIAÇÃO

A grande abrangência do evento no ano de 2017 demonstra o grande poder de difusão da informação do evento, seja por incluir participantes provenientes de uma vasta gama de cidades e regiões do estado, ou pela interdisciplinaridade evidente ao receber ouvintes de 9 cursos de nível técnico e superior além de alunos de pós-graduação.

A parceria entre o ENCORTE e o programa “Juntos Para Competir” tornou possível promover maior abrangência ao projeto da Universidade Federal de Santa Maria, bem como um grande poder de difusão da informação por parte do programa parceiro. Com isso, foi possível promover integração entre o produtor rural e o meio acadêmico, trazendo o produtor para a universidade, tanto como ouvinte, como para dividir casos de sucesso na produção nacional de ovinos.

No que se refere aos alunos egressos da UFSM participantes do evento como palestrantes e painelistas, tem-se que o fato corrobora a existência do elo entre os estudantes e o mercado de trabalho.

5. REFERÊNCIAS

ABIEC. **Exportações**. Site ABIEC, São Paulo, 10 nov. 2016. Notícias. Acessado em 1 out. 2017. Online. Disponível em: <http://abiec.com.br/NoticiasTexto.aspx?id=1513>

ARCO. **Remate de ovinos**. Site ARCO, Bagé. Notícias. Acessado em 05 out. 2017. Online. Disponível em: <http://www.arcoovinos.com.br/index.php/mn-imprensa/mn-noticias/138-remates-de-ovinos-totalizam-mais-meio-milhao-da-40-expoiter>



AÇÃO DE CAPACITAÇÃO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL JUNTO AO CENTRO DE ENSINO E EXPERIMENTAÇÃO EM EQUINOCULTURA DA PALMA (CEEPEP)

NATÁLIA RIBEIRO PINTO¹; CASSIANO MORAES DORNELES²;
LETÍCIA DA SILVA SOUZA³; RAFAELA PINTO DE SOUZA⁴; BRUNA DOS
SANTOS SUÑE MORAES⁵; VITÓRIA MÜLLER⁶; BRUNA DA ROSA CURCIO⁷;

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)/natalia6ribeiro@gmail.com

⁷Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)/curciobruna@hotmail.com

1. APRESENTAÇÃO

A equinocultura está em constante crescimento devido a inserção de equinos em diversas práticas de esporte e lazer. Portanto, esta tem se destacado no agronegócio brasileiro, proporcionando uma movimentação anual de R\$ 7,5 bilhões de reais e gerando cerca de 3,2 milhões de empregos diretos e indiretos (ALMEIDA & SILVA, 2010). Devido ao crescente mercado e competitividade busca-se, cada vez mais, a especialização e qualificação profissional através de cursos de longa e curta duração.

Projetos de extensão com o intuito de capacitar estudantes universitários são de extrema importância para formar profissionais de alta capacidade técnica e de relacionamento interpessoal com proprietários e funcionários. Outra demanda expressiva no mercado equestre é a de uma equipe capacitada e treinada para o desenvolvimento das atividades as quais lhes são designadas, sendo estas relacionadas ao manejo geral, alimentação, preparo, casqueamento e limpeza das cocheiras e animais estabulados dentre outras.

O presente projeto está vinculado ao eixo temático da educação e na linha de extensão de desenvolvimento regional, tendo como público-alvo alunos, médicos veterinários, zootecnistas e profissionais da área de equinocultura como funcionários, tratadores e ferreiros. O desenvolvimento das atividades vinculadas ao projeto ocorre na estrutura física do Centro de Ensino e Experimentação em Equinocultura da Palma (CEEPEP), o qual é composto por quatro setores: Centro tecnológico de clínica e reprodução equestre (CTRE), Centro tecnológico de ortopedia em equinos (CTOE), Escola de formação e desenvolvimento de ferreiros (EFDF) e Centro tecnológico de treinamento de equinos (CTTE).

O objetivo do presente projeto é a iniciação e formação continuada de estudantes e profissionais da área de equinocultura, através da realização de treinamentos e cursos que visam capacitar e promover a troca de conhecimento entre os participantes.

2. DESENVOLVIMENTO

Foram realizados dois cursos vinculados ao projeto de extensão Ação de capacitação e formação profissional junto ao Centro de Ensino e Experimentação em Equinocultura da Palma (CEEEP) nos anos de 2016 e 2017. Ambos tiveram como público alvo os alunos de graduação da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e outras universidades, além da participação de profissionais da área.

O primeiro curso, denominado I Curso Teórico-prático de Neonatologia Equina, realizado nos dias 20 e 21 de maio de 2016 e com carga horária total de 20 horas, contou com palestras realizadas pelos professores. Dr. Carlos Eduardo Wayne Nogueira e Dr^a. Bruna da Rosa Curcio. Além disso, para a organização do curso, estiveram envolvidos seis pós-graduandos e cinco graduandos da UFPEL. Durante o curso foram realizados módulos teóricos e práticos. No primeiro dia de curso, foram realizados os módulos teóricos, enquanto que, no segundo dia, foram realizados os módulos práticos. A abordagem prática do tema referente a avaliação de aprumos e principais enfermidades de neonatos foi realizada em parceria com a Cabanha Recalada. Os módulos práticos: acompanhamento do parto e primeiros cuidados com neonato, diagnóstico por imagem e reanimação cardio-pulmonar foram abordados no Hospital de Clínicas Veterinária – UFPEL.

O segundo curso, denominado I Treinamento Teórico-prático de Casqueamento, foi realizado no dia 04 e 05 de setembro de 2017, com a carga horária total de 16 horas, sendo ministrado pelo graduando Cassiano Moraes Dorneles, com o auxílio dos pós-graduandos e sob orientação dos professores Dr. Carlos Eduardo Wayne Nogueira e Dr^a. Bruna da Rosa Curcio envolvidos no projeto. Foram abordados os seguintes temas: anatomia e conformação do casco, avaliação de aprumos e técnica de casqueamento em equinos. No primeiro dia foi realizada a abordagem teórica dos temas seguida de uma demonstração, já no segundo dia, os participantes puderam colocar em prática o conhecimento adquirido, casqueando os animais do CEEEP.

Após ambos os cursos, foram realizadas as avaliações dos mesmos pelos participantes através de um formulário elaborado pelos organizadores. Este formulário conti-

nha perguntas na forma de itens que questionavam a qualidade das atividades práticas, adequação das instalações para a realização do evento, organização do evento e conteúdo programático ministrado. Os alunos classificaram os itens como: excelente, ótimo, muito bom, bom e ruim.

3. RESULTADOS

O I Curso Teórico-prático de Neonatologia Equina (Tabela 1) contou com um total de 14 participantes sendo a avaliação do curso realizada por oito deles.

Tabela 1. Avaliação do I Curso Teórico-prático de Neonatologia Equina realizada por oito participantes.

Itens avaliados	Avaliação dos participantes (%)				
	Ruim	Bom	Muito bom	Ótimo	Excelente
Qualidade das atividades	0	25	25	50	0
Organização	0	0	0	88	12
Instalações	0	0	8	32	25
Conteúdo	0	0	0	62	38

Já o I Treinamento Teórico-prático de Casqueamento (Tabela 2), contou com um total de 12 participantes, sendo a avaliação realizada por todos. Os alunos apresentaram também sugestões de abordagens para os próximos cursos, como correção ortopédica, casqueamento em potros e casqueamento corretivo.

Tabela 2. Avaliação do I Treinamento Teórico-prático de Casqueamento realizada por 12 participantes.

Itens avaliados	Avaliação dos participantes (%)				
	Ruim	Bom	Muito bom	Ótimo	Excelente
Qualidade das atividades	0	0	0	17	83
Organização	0	0	0	8	92
Instalações	0	46	31	15	8
Conteúdo	0	0	0	25	75



4. AVALIAÇÃO

Através do projeto de extensão Ação de capacitação e formação profissional junto ao Centro de Ensino e Experimentação em Equinocultura da Palma (CEEEP) foi possível realizar a capacitação e aprimoramento profissional de alunos da graduação e profissionais da área de equinocultura. Além disso, foi possível a troca de conhecimento e experiências entre os participantes.

Tendo em vista a necessidade de capacitação de estudantes e profissionais da área de equinocultura, a aceitação dos cursos realizados e a demanda por novas capacitações, serão realizados mais dois cursos no ano de 2017.

O primeiro destes, denominado de II Treinamento Teórico-prático de Casqueamento, está previsto para o mês de outubro, tendo este como público alvo a Turma Especial de Medicina Veterinária (TEMV). Já o II Curso Teórico-prático de Neonatologia Equina ocorrerá nos dias 03 e 04 de novembro de 2017, tendo como público alvo estudantes e profissionais de medicina veterinária.

5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. Q.; SILVA, V. P. Progresso científico em equideocultura na 1a década do século XXI. **R. Bras. Zootec.**, v.39, p.119-129, 2010.



APRESENTANDO O PROJETO VIVÊNCIAS TEATRAIS EM ESCOLAS

NAYLSON COSTA¹; VANESSA CALDEIRA LEITE²

¹ Universidade Federal de Pelotas – naayrodrigues15@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – leite.vanessa@hotmail.com

1. APRESENTAÇÃO

Vivências Teatrais em Escolas é um projeto de extensão do curso de Teatro-Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) que desde maio de 2017 vem construindo os seus primeiros passos, todas as segundas-feiras na Escola Municipal Getúlio Vargas, em Pedro Osório-RS, através de oficinas de teatro, no contra turno dos alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II. Com idade entre 12 a 15 anos. O projeto tem o apoio da direção da escola e das professoras Fernanda Botelho e Tatiane Pastoroni e é coordenado pela professora do Curso de Teatro-Licenciatura da UFPel, Vanessa Caldeira Leite. Conta com três alunos da mesma graduação, sendo um deles bolsista, que atuam comoicineiros, desenvolvendo com esses jovens os princípios da linguagem teatral.

“O campo das artes oferece aos alunos oportunidades de realmente aprenderem para a vida” (SOUZA, 2010, p. 4). Percebe-se, principalmente observando-se a realidade de Pelotas e região, que mesmo com a Lei N. 13.278/2016¹ determinando a obrigatoriedade da inserção das quatro linguagens artísticas (artes visuais, dança, música e teatro) nos currículos dos diversos níveis da educação básica brasileira, poucos são os concursos públicos específicos que abrem espaços para a contratação de professores especializados nestas áreas do conhecimento. Além disso, é recorrente o pensamento do senso comum de que o ensino de Arte na educação básica se resume à linguagem das artes visuais, deixando o teatro, a música e a dança, muitas vezes, como atividades extracurriculares ou como metodologias para ensino de outros conteúdos.

Pensando nisso, o projeto de extensão Vivências Teatrais em escolas, nasce a partir desse desejo de vivenciar a linguagem teatral dentro das escolas que carecem deste tipo de atividade, em uma região com baixíssima atividade cultural para crian-

¹ Lei N° 13.278, de 2 de maio de 2016: Altera o § 6º do art. 26 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte, diz que: As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular da educação básica. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acessado em: 11/10/2017

ças, adolescentes e jovens, com o objetivo de desenvolver as potencialidades criativas e expressivas com a intenção de despertar o gosto pela artes em geral e, mais especificamente, apresentar a linguagem cênica como uma possibilidade de criação artística e fruição estética. Justifica-se que existe uma demanda de ensino de teatro nas escolas e que o projeto não pretende substituir a contratação de professores efetivos, mas por outro lado, aguçar o desejo de se contratar profissionais especializados na linguagem teatral. Além de contribuir diretamente na formação acadêmica do professor-ator, que tem a oportunidade de colocar em prática o aprendizado desenvolvido na universidade, experimentar a prática docente e ampliar o seu estudo e pensamento.

2. DESENVOLVIMENTO

O primeiro contato do projeto aconteceu partir da visita à Escola Getúlio Vargas, quando a professora coordenadora e os alunos da graduação envolvidos foram de sala em sala convidar os jovens e adolescentes a participarem do projeto que iniciaria sua primeira atividade no dia 22 de maio de 2017.

As oficinas priorizam o processo e não o produto final, foram planejadas a partir de diferentes metodologias de ensino de teatro, tais como: jogos tradicionais, jogos de improvisação e jogos teatrais, com base em Viola Spolin (2005) e Ricardo Japiassu (2011), jogos dramáticos, com base em Olga Reverbel (1989), exercícios de alongamento, aquecimento e relaxamento corporal, com base em Augusto Boal (2004), exercícios de expressão corporal e vocal, com base em Beuttenmüller e Laport (1974). Procura-se manter certa rotina de trabalho, de modo a facilitar a adaptação e o entendimento dessas atividades, uma vez que não faz parte do currículo o ensino de teatro.

Começa-se pela preparação do corpo com alongamentos, corridas e jogos de aquecimento corporal, um segundo momento são os jogos a serem experimentados no dia de acordo com o foco da oficina: Sensibilidade; Concentração; Percepção; Fisicalização; Improvisação; Consciência Corporal; Confiança em grupo.

Com o intuito de conhecer o grupo e introduzir a linguagem teatral, foi-se utilizado nas primeiras oficinas os jogos tradicionais como metodologia, por serem brincadeiras populares conhecidas e “atividades de aquecimento físico ou direcionadas unicamente para o fortalecimento da noção de cooperação” (JAPIASSU, 2011, p 80). Escravos de Jô, pega-pega, dança da cadeira, coelhinho sai da toca, detetive e ladrão, foram brincadeiras aplicadas nestas oficinas. Acredita-se, conforme Spolin (2005) que:



Através do brincar, as habilidades e estratégias necessárias para o jogo são desenvolvidas. Engenhosidade e inventividade enfrentam todas as crises que o jogo apresenta, pois, todos os participantes estão livres para atingir o objetivo do jogo à sua maneira. Desde que respeitem as regras do jogo, os jogadores podem ficar de ponta cabeça ou voar pelo espaço. (SPOLIN, 2005, p.30).

Em especial, destaca-se as caminhadas no espaço por ter sido trabalhada em muitos encontros, e por ser uma atividade que possibilita trabalhar diversos focos e variações como sensibilidade, concentração, aquecimento, relação do corpo no espaço, senso-percepção, ritmo, movimento corporal. Conhecendo melhor o grupo foi-se introduzido a metodologia dos jogos teatrais, com base em Viola Spolin, que diz:

O jogo é democrático! Todos podem aprender jogando! O jogo estimula vitalidade, despertando a pessoa como um todo-mente e corpo, inteligência e criatividade, espontaneidade e intuição- quando todos, professor e alunos unidos estão atentos para o momento presente. (SPOLIN, 1986, p.30).

Esta metodologia trata de um processo de aprendizagem teatral, por meio de jogos de regras e da representação corporal consciente, através da fisicalização, contrária a dramatização como mera imitação ou cópia. Traz prazer desenvolvendo habilidades e capacidade de entendimento para lidar e resolver inúmeras situações problemas, através do Ponto de Concentração, e de perguntas como: QUEM?, ONDE?, O QUE? a ser improvisado pelos alunos, após um acordo no grupo, para resolver o problema cenicamente. O aluno aprende com a sua ação corporal os elementos constitutivos da linguagem teatral, personagem, espaço e ação dramática, por exemplo, além de torná-lo mais seguro em relação ao jogo, as regras e ao trabalho em grupo.

Alguns exemplos de jogos teatrais trabalhados são: Quem iniciou o Movimento? Transformação de Objetos, Jogo da bola imaginária, Cabo de guerra imaginário, Pula corda imaginário, Câmera lenta; jogo do Onde com planta baixa.

Finaliza-se o encontro com atividades de relaxamento corporal e o círculo da discussão, “nele, apresenta-se os protocolos referentes às sessões anteriores e discutem-se as descobertas realizadas pelo grupo com as práticas dos jogos teatrais” (JAPIASSU. 2001, p.71). Para o relaxamento corporal normalmente é utilizado música instrumental tranquila e diferentes estímulos narrativos para desenvolver a imaginação e possibilitar

a concentração, através da sensibilização e percepção do corpo, como forma de relaxamento, fazendo-os conectarem-se com o momento presente.

3. RESULTADOS

As oficinas de teatro do projeto de extensão Vivências Teatrais em Escolas priorizam o processo, o aprendizado, a espontaneidade gerada pelo jogo teatral, portanto, o produto final não é o esperado. Entendemos que objetivo do teatro na escola, não é formar atores profissionais e sim “desenvolver: as capacidades de expressão – relacionamento, espontaneidade, imaginação, observação e percepção, as quais são próprias do ser humano, mas necessitam ser estimuladas e desenvolvidas”. (MIRANDA.2009. p, 176).

Nestes primeiros meses de atividade, o projeto realizou 15 encontros, tendo a participação de aproximadamente 50 adolescentes da escola, que foram em pelo menos uma oficina. Já que a iniciativa não é de caráter obrigatório, por se tratar de um projeto extra-curricular, e um complemento livre na formação desses sujeitos. O número máximo de participantes em uma mesma oficina foi de 36 alunos. Atualmente o grupo se mantém entre 25 alunos, onde 80% é fiel e sempre está presente, enquanto os outros 20% intercalam-se participando com menos frequência.

Nas primeiras oficinas o grupo mostrou-se ansioso e com muita energia para gastar, o que fazia com que eles desviassem a atenção e se distraíssem com facilidade. Os jogos teatrais e os jogos tradicionais proporcionaram o extravasamento dessa carga de energia que normalmente os adolescentes possuem, possibilitando com que os últimos encontros rendessem maior aproveitamento e o entendimento da linguagem teatral.

No sétimo encontro, devido ao recesso de julho, poucos foram os alunos que apareceram na escola, e aqueles que foram decidiram tornar o encontro em uma aula passeio pela cidade. Através do olhar dos adolescentes residente de Pedro Osório, osicineiros que residem em Pelotas, tiveram a oportunidade de conhecer melhor o município e de aproximarem-se da história e do contexto social no qual o projeto está inserido. A aproximação dos alunos de maneira tão orgânica, proporcionou um mergulho mais sensível na vida desses jovens, que a cada dia se descobrem enquanto parte da sociedade e do meio em que vivem.

Destaca-se ainda que, através do projeto, foi possível organizar uma atividade de recepção teatral, tendo em vista que muitos alunos do projeto não tinham assistido teatro e também porque a fruição estética é um dos eixos da abordagem triangular que orienta



o ensino de Arte, segundo os PCN (Brasil, 1998). No dia 05 de agosto deste ano, um grupo de alunos da Escola Getúlio Vargas visitou a cidade de Pelotas através de uma aula passeio, organizada pelas professoras. O projeto Vivências Teatrais em Escolas aproveitou a oportunidade e articulou-se com a Cia. Independente de Teatro Você Sabe Quem, proporcionando que a grande maioria dos alunos que frequentam a extensão assistissem uma apresentação teatral, chamada “Dona Frida”, sendo para muitos sua primeira experiência de ver teatro.

4. AVALIAÇÃO

Embora seja um projeto bastante novo, é possível enxergar alguns pequenos resultados alcançados. O grupo tem se esforçado para entender a linguagem, para executar as atividades. A timidez, a distração tem ficado de lado, muitos encontram no teatro um momento de prazer, diversão e até mesmo fuga dos problemas familiares e todo o contexto social ao qual se inserem. O respeito uns com os outros é o alicerce vem sendo construído durante os encontros.

As dificuldades para osicineiros tem sido em manter o grupo disposto para os exercícios físicos, a atenção ao que se fala e a prontidão para todas as propostas planejadas. Existe uma insegurança para sair da zona de conforto o que acaba gerando tais dificuldades. Outra é manter-se a concentração do grupo por um determinado tempo, uma grande tarefa que vem melhorando a cada encontro.

Em cerca de seis meses, foram XV encontros, que já trouxeram impacto a Escola Getúlio Vargas e a comunidade, tem sido importante aos alunos, aos professores, a direção e a cidade de Pedro Osório, por contribuir a esse município gaúcho com cerca 8.191 habitantes que assim como em diversos lugares do Brasil, carecem de espaços culturais destinado a lazer e cultura a oportunidade de vivenciar e experiência a linguagem teatral, possibilitando que esses jovens desenvolvam suas habilidades, ocupem a mente com arte e agucem o olhar em relação ao mundo e a sociedade para que se tornem adultos sensíveis, críticos e protagonistas de suas próprias histórias.

5. REFERÊNCIAS

BEUTTENMÜLLER, M. G.; LAPORT, N. **Expressão vocal e expressão corporal**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1974.

BOAL, A. **Jogos para atore e não-atores**. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais. Arte**. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília: MEC/SEF, 1998.

JAPIASSU, R. **Metodologia do Ensino de Teatro**. Campinas/SP: Papyrus, 2011.

REVERBEL, O. **Jogos Teatrais na Escola**. Atividades globais de expressão. São Paulo: Editora Scipione, 1989.

SPOLIN, V. **Improvisação para o teatro**. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

MIRANDA, J. TEATRO E A ESCOLA: funções, importâncias e práticas. **Revista CEPPG** – CESUC – Centro de Ensino Superior de Catalão, Ano XI, Nº 20, 1º Semestre/2009.

SOUZA, J. ARTE NO ENSINO FUNDAMENTAL. **ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO** – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010.



INTERAÇÃO E INTEGRAÇÃO POR MEIO DO PIBID - UFPEL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DAS OFICINAS APLICADAS NAS TURMAS DE ENSINO FUNDAMENTAL II DO INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO ASSIS BRASIL

NESSANA DE OLIVEIRA PEREIRA¹; CAMILA BARBOZA CASTRO²
THALISE BARBOSA RODRIGUES³; CESAR AUGUSTO COUTO
BITTENCOURT JUNIOR⁴; KARINA GIACOMELLI⁵;

¹UFPEL – nes-sana@hotmail.com

²UFPEL – castrobcamila@gmail.com

³UFPEL – thalisebrodrigues@gmail.com

⁴UFPEL – cesar.junior5@hotmail.com

⁵UFPEL – karina.giacomelli@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a oficina desenvolvida por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) Interdisciplinar, no Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, e aplicada no turno da tarde. No âmbito do programa, a questão da integração dos alunos por meio de identidades - seja individual, seja coletiva - como também da interação dos educandos entre si são tópicos bastante pertinentes no trabalho com crianças e adolescentes.

Esta foi a temática em torno da qual se pensou o projeto que foi desenvolvido por alunos de graduação da Universidade Federal de Pelotas de diversos cursos de licenciatura a partir do resultado de um diagnóstico feito na escola no ano de 2014, quando do começo das atividades na escola.

Foi possível chegar a tal proposta quando detectado que, no Instituto de Educação Assis Brasil, havia problemas de interação dos alunos entre si e dos alunos com a escola, visto que, por virem de locais diversos da cidade, eles apresentavam problemas de identificação e afinidade com o ambiente e com os colegas. A fim de pensar formas de trabalhar o tema, buscando problematizar e melhorar a interação dos alunos, o grupo se subdividiu em três, cada um com uma temática relacionada: interação e espaço, interações e relações humanos e interação identidade, esta última aqui descrita.

Para a causa do problema, em discussão com o grande grupo, chegamos a seguinte hipótese: “as divisões internas, materializadas na formação de grupos mais ou menos fechados, potencializa a falta de integração entre os estudantes”. A partir disso, criou-se uma oficina para trabalhar questões de interação e de identidade com o objeti-

vo de promover o autoconhecimento dos alunos e o reconhecimento dos colegas como fatores importantes da integração de todos na escola. Para isso, abordamos o assunto de forma mais lúdica com os alunos no intuito de tornar a atividade mais atraente para os mesmos.

2. DESENVOLVIMENTO

As oficinas foram realizadas com alunos do ensino fundamental, do turno da tarde, da escola Assis Brasil. As turmas foram divididas entre os sextos e nonos anos e distribuídas aleatoriamente entre os grupos de atuação do PIBID da escola. Todos os grupos deveriam realizar as oficinas pensadas por seus membros, mediante adequação necessária, em todas as turmas de todos os anos da escola. Assim, nosso grupo começou a aplicação das oficinas nos sétimos anos.

Com o tema interação e identidade, a oficina está estruturada em seis momentos. No primeiro momento, denominado, “Caixa das Características”, coloca-se uma caixa grande no centro da sala, e os alunos são orientados a retirar e guardar consigo apenas um filete de papel de dentro da caixa. Nesses papéis, constam palavras como: esforçadx, estudiosx, sorridente, alegre, empolgadx, legal, amigx, carinhosx, companheirx, gentil, generosx, entre outros; sendo portanto apenas adjetivos bons. Logo é pedido a eles que se dividam em dois grandes grupos, cada um de um lado da sala de aula. Nesse momento, os pibidianos não influenciam a escolha dos educandos, pois o objetivo é que eles se reúnam com os colegas que melhor se identificam, como costumeiramente.. Depois, pede-se que um aluno leia a palavra e a dê para um colega do outro grupo, aquele que acredita ser mais próximo daquele adjetivo. Perguntamos, então, o porquê da escolha; após, questionamos quem recebeu se concorda com a palavra recebida e por qual motivo ou não. Na sequência, o colega que ganhou a palavra escolhe uma nova palavra, dando-a para a pessoa do outro grupo e assim consecutivamente.

No segundo momento, chamado “Esquete”, separam-se os alunos em quatro grupos, em ordem aleatória determinada pelos monitores. Nesse momento, todos ainda possuem as palavras que receberam. Propõe-se, então, que grupo escolha de dois até quatro perfis de personagens baseados nos adjetivos que receberam. Definindo isso, devem pensar e realizar uma pequena esquete teatral com esses personagens. O tema da esquete deve ser preferencialmente situações cotidianas, mas podendo ser também cenas de desenho, filme, novela, tal como os personagens. Ao final da apresentação,



na qual cada grupo representou a identidade que escolheram, os outros grupos devem adivinhar quais adjetivos foram atribuídos e pensados na formação dos personagens. No caso de ninguém acertar as características, o grupo as revela e também fala sobre o motivo da escolha das suas cenas.

O terceiro momento, denominado “Reflexão”, é o encerramento da oficina, quando é discutido com os alunos como eles se perceberam ao caracterizar os colegas e também como se sentiram ao serem classificados e julgados. Questionamos como as aparências de um personagem e de nós mesmos na vida real nem sempre são fiéis ao que realmente somos e que, de certa maneira, a forma como enxergam e também como representam personagens reflete o modo que eles mesmos interagem com os grupos, nos espaços em que frequentam a partir da sua identidade.

3. RESULTADOS

Até o momento, todos os sétimos anos e um sexto foram contemplados, isto é, cinco turmas tiveram participação ativa na oficina. Por meio da aplicação das atividades propostas, notamos um avanço no que diz respeito à inserção dos alunos enquanto um grande grupo pertencente ao mesmo espaço, o que indica um resultado positivo até o presente.

Sabendo que cada turma possui sua identidade, notamos recepções diferentes oferecidas pelas turmas. Citamos aqui os casos dos sétimos anos. Na 71, houve certa resistência em relação à atividade; embora muitos tenham se envolvido, alguns perderam o foco rapidamente e, muito ativos, não escutavam as instruções, o que dificultou demasiadamente a realização das atividades. Outros simplesmente não quiseram participar - destes alguns até cooperaram no começo, mas logo foram perdendo interesse devido à estressante relação com os colegas.

Em contrapartida, na turma 72, reconhecemos uma participação positiva em todos os momentos e, apesar de estar dividida em subgrupos menores, os alunos demonstraram união enquanto grande grupo, precisando apenas de um momento como aquele para interagir mais. Nesta turma, tivemos o relato de uma aluna que desabafou sobre o potencial da turma, mas que, devido à desunião, fora apontada pelos colegas e professores como desinteressada.

Nas turmas 73 e 74, com uma maior disparidade em relação às idades dos estudantes, percebemos dois ambientes dispersos. Os colegas de sala pareciam não se

conhecerem, tampouco fazendo questão disso. Após a oficina, que teve um longo momento de reflexão entre os bolsistas e os alunos, notamos que houve uma mudança de postura muito proveitosa em relação ao grupo. Alguns pediram o retorno da oficina como forma de refazerem algumas atitudes repensadas após a conversa.

Em relação à turma 61, primeira classe de sexto ano, até o momento, podemos dizer que ocorreu uma boa recepção. Os alunos, embora um pouco mais agitados devido à faixa-etária, pareceram compreender bem a proposta e executaram a atividade de maneira positiva. Esse resultado nos fez compreender que quanto mais cedo for trabalhada a questão da integração, menor serão as chances do problema se perpetuar ao longo das séries vindouras.

4. AVALIAÇÃO

Este trabalho relata a aplicação de uma oficina do PIBID UFPEL, grupo interdisciplinar do Ensino Fundamental II - tarde, do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil em Pelotas/RS, que ainda está em processo de execução. Temos ainda muitas turmas para aplicá-la e uma quantia considerável de novos materiais para estudo, o que aperfeiçoará o trabalho e trará o resultado final aguardado.

Portanto, não temos, ainda, um fechamento, pois apenas cinco turmas em um total de quinze foram contempladas. O desenvolvimento do projeto possibilitou a compreensão de que a discussão sobre o conceito de identidade em sala de aula contribui para o autoconhecimento entre os alunos, a participação e interesse deles nas atividades, terminando por explorar colaborativamente o meio de convívio e evidenciar as características pessoais.

Concluimos que estimular o pensar dentro da sala de aula e reativar a individualidade de cada um em contexto com o outro é de extrema importância, pois isso possibilita que se estabeleça uma troca entre os estudantes, revitalizando as vivências pessoais e promovendo o autoconhecimento. Nesse sentido, concordamos com Carvalho (s/d), para quem a diversidade cultural encontrada na escola é fundamental na construção das identidades e com Moraes (2009) que afirma que isso se deve ao fato de que ela se constitui em um contexto multicultural que envolve diversos aspectos: social, cultural, cognitivo e afetivo.



5. REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CARVALHO, M. A construção das identidades no espaço escolar. Disponível em <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/viewFile/2161/2521>.

MORAES, L. A. S. Identidade do adolescente na contemporaneidade: contribuições da escola. São Paulo. **TransForm. Psicol.** (Online) vol.2 no.1, 2009

SILVA. T. T; HALL. S; WOODWARD. K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.



ESTATÍSTICA NA ESCOLA

OTTO WEREMCHUK¹; MÁRCIO FOUCHY DOMINGUES²; MARTA OLIVEIRA GUIMARAES³; ELISIA RODRIGUES CORRÊA⁴; GISELDA MARIA PEREIRA⁵

¹Universidade Federal de Pelotas-RS – otto.we@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas-RS – marcio.fouchy@hotmail.com

³Colégio Dom João Braga -RS – martaooogg@yahoo.com.br

⁴Universidade Federal de Pelotas-RS – elisiarc@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas-RS – gmpereira08@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem origem no projeto de extensão, de mesmo nome, Estatística na Escola, sendo sua área temática de extensão a educação.

A Estatística tem, cada vez mais, importante papel nos processos de compreensão e interpretação do mundo que nos cerca. Contudo, muitas vezes, observa-se uma grande dificuldade na compreensão de assuntos discutidos em livros, jornais, revistas e internet pela falta de conhecimento básico de Estatística.

Devido a sua importância e interdisciplinaridade, a Estatística, segundo as normas que norteiam a educação básica, deve ser trabalhada desde as séries iniciais até o ensino médio (Brasil, 2000). Segundo Lopes (1999), cabe à disciplina de Matemática trabalhar os conteúdos relacionados a organização de dados, leitura e interpretação de gráficos. Entretanto, muitas vezes, observa-se que os alunos ingressantes no ensino superior apresentam dificuldades nas disciplinas de Estatística. Uma parcela destas, oriunda do fato de não ter tido oportunidade de discutir tais assuntos no ensino médio. Ao mesmo tempo, professores de matemática da educação básica relatam as suas dificuldades em desenvolver tais conteúdos. Neste contexto, acredita-se que uma aproximação entre as escolas de ensino médio e a universidade possa ser bastante produtiva pois, possibilita a troca de experiências entre os professores do ensino médio, de Estatística e alunos do curso de Licenciatura em Matemática (futuros professores).

Dessa forma, espera-se estabelecer uma cooperação entre a escola e universidade de forma a contribuir na difusão e socialização do conhecimento. Para Lopes (2008), a aprendizagem estocástica precisa de situações familiares aos alunos de forma que estes possam contextualizar as situações. Por outro lado, os futuros professores, alunos da graduação, terão oportunidade de vivenciar o ensino de Estatística e elaborar atividades que podem ser utilizadas em sua prática docente.



Diante disso, o objetivo deste projeto é identificar as dificuldades na abordagem de conteúdos de Estatística no Ensino Médio, em escolas públicas do município de Pelotas-RS e propor metodologias de suporte ao trabalho do professor. O público alvo principal deste trabalho são os professores da escola pública sendo os alunos do ensino médio o público alvo secundário. Visando alcançar este objetivo, foram desenvolvidas atividades de diagnóstico e oficinas, estas últimas para serem executadas com alunos e professores.

2. DESENVOLVIMENTO

Inicialmente, foi feito um levantamento dos conteúdos de Estatística que precisam ser trabalhados nas escolas de ensino médio. Posteriormente foi realizado um diagnóstico, por meio de questionários, com oito professores de matemática e 125 alunos das três séries do ensino médio do Colégio Estadual Dom João Braga. Para os primeiros, o questionário tinha como objetivo identificar os conteúdos de Estatística, as formas de abordagem e as dificuldades encontradas no processo. Já para os alunos, o questionário buscava detectar a percepção dos mesmos sobre a Estatística e suas aplicações no cotidiano e nas ciências

A partir da análise dos questionários foram desenvolvidas quatro oficinas para serem realizadas com os alunos, em sala de aula, de acordo com a série, adaptadas de Cazorla e Santana (2009). Sendo os conteúdos definidos de acordo com o material didático, fornecido pelo Ministério da Educação, disponível na escola (Iezzi et al, 2013a, Iezzi et al, 2013b; Iezzi et al, 2013c) e as informações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Todas foram planejadas para serem executadas em duas horas de aula, de forma interativa e considerando as vivências dos alunos. O material descrevendo as oficinas será disponibilizado impresso aos professores de Matemática permitindo assim realizá-las novamente quando acharem necessário.

Além do material impresso serão disponibilizados aos professores vídeos com temáticas em Estatística oriundos do Projeto de Ensino – Vídeos: Estatística em um minuto, desenvolvidos pelo Departamento de Matemática e Estatística juntamente com o Centro de Artes. O grupo acredita que as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) são elementos que contribuem para uma prática pedagógica motivadora nos ambientes educativos.

Além disso, foram construídas duas oficinas as quais serão ofertadas aos professores. Sendo a primeira oficina uma capacitação para análises estatísticas simples com

utilização de ferramentas computacionais e, a segunda consiste em treinamento para realização das oficinas acima descritas para serem realizadas em sala de aula.

3. RESULTADOS

As análises dos questionários dos professores mostrou que a maior parte deles não consegue trabalhar conteúdos de Estatística conforme previsto pela Base Nacional Curricular Comum (BNCC) e PCNs.

Com relação ao questionário aplicado aos alunos observou-se que 76,0% deles já ouviram falar em Estatística. Contudo, apenas 56,8% dos alunos conseguiram associar pelos menos três situações cotidianas, dentre 6 apresentadas, à Estatística. Ainda, pelo menos 57,0% dos alunos conseguiram relacionar corretamente conhecimentos específicos de Estatística a fatos rotineiros (Figura 1).

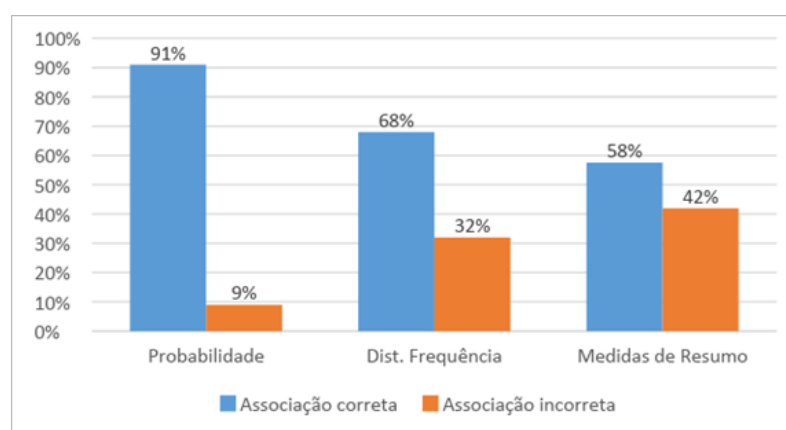


Figura 1- Respostas de 125 alunos, do Colégio Dom João Braga, a três questões que envolvem conhecimentos de Estatística e sua associação com o cotidiano.

A partir das informações acima, foram construídas quatro oficinas para serem utilizadas em aulas de matemática no ensino médio. Para tal foi confeccionado o material concreto que será utilizado nas aulas. Para o primeiro ano a oficina aborda distribuições de frequência e construção de gráficos e tabelas a partir de um questionário sobre coisas cotidianas. No que refere ao segundo ano, propusemos duas atividades que tratam do desenvolvimento do pensamento estocástico. Por fim, para o terceiro ano a oficina versa a respeito de medidas de tendência central e dispersão.

Com relação às oficinas elaboradas para serem executadas com os professores, a primeira oficina corresponde a uma capacitação para análises estatísticas simples no Excel e a segunda consiste na utilização de pacotes estatísticos de livre acesso.



Pretende-se executar as oficinas acima propostas em um projeto já encaminhado para 2018.

4. AVALIAÇÃO

Acreditamos, pelo observado até o presente momento, que a identificação das dificuldades apresentadas pelos professores e a proposição de materiais didáticos, bem como, a capacitação dos mesmos através das oficinas, podem contribuir para motivá-los no planejamento das aulas envolvendo os conteúdos de Estatística. Consequentemente, dessa forma, podemos contribuir na socialização do conhecimento e na aproximação do graduando com a realidade escolar.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio). Brasília: MEC, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Acessado em 05 out. 2017. Online. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf.

CAZORLA, I.M. CASTRO, F.C. de. O papel da estatística na leitura do mundo: o letramento estatístico. UEPG Humanit. **Sci., Appl. Soc. Sci., Linguist.**, Lett. Arts, Ponta Grossa, 16 (1) 45-53, jun. 2008.

CAZORLA, I.M. SANTANA, E.R.S. **Tratamento da Informação para o ensino fundamental e médio.** 2 ed. Itabuna/Ilhéus. Via Litterarum, 2009.62p.

IEZZI, G.; DOLCE, O.; DEGENSZAJN, D.; PÉRIGO, R.; ALMEIDA, N. **Matemática: ciências e aplicações: ensino médio.** 7ª ed. São Paulo. Saraiva, 2013a, vol. 1.

IEZZI, G.; DOLCE, O.; DEGENSZAJN, D.; PÉRIGO, R.; ALMEIDA, N. **Matemática: ciências e aplicações: ensino médio.** 7ª ed. São Paulo. Saraiva, 2013b, vol. 2.



IEZZI, G.; DOLCE, O.; DEGENSZAJN, D.; PÉRIGO, R.; ALMEIDA, N. **Matemática: ciências e aplicações.** ensino médio. 7ª ed. São Paulo. Saraiva, 2013c, vol. 3.

LOPES, C. A.E.; A probabilidade e a estatística no currículo de matemática do ensino fundamental brasileiro. In: **CONFERÊNCIA INTERNACIONAL: EXPERIÊNCIAS E PERSPECTIVAS DO ENSINO DA ESTATÍSTICA – DESAFIOS PARA O SÉCULO XXI.** Florianópolis, 1999, Anais, p. 167-174.

LOPES, C. E. O ensino de probabilidade e estatística na educação básica e a formação de professores. **Caderno Cedes**, Campinas, vol. 28, n. 74, p. 57-73, jan./abr, 2008.



COMPREENSÃO DE SI MESMO, DO OUTRO E DA SOCIEDADE EM QUE VIVEMOS: REFLEXÕES SOBRE UM PROJETO DE EXTENSÃO DESENVOLVIDO NO INSTITUTO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO – PELOTAS/RS

PATRÍCIA DA SILVA LUIZ¹; DIRLEI DE AZAMBUJA PEREIRA²;
HELENARA PLASZEWSKI FACIN³

¹Universidade Federal de Pelotas – patricia2971@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – pereiradirlei@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – helenara.ufpel@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

Novos desafios impostos pela complexidade de nosso tempo exigem mudanças educacionais, como não podem deixar de ser, na formação dos profissionais da educação. Nesse sentido emerge a necessidade de que o professor seja preparado para a busca de novos saberes, práticas educativas diferenciadas, mudanças de postura e ideias, pois outros conhecimentos são indispensáveis para dar conta da sociedade em constante mudança.

Dessa forma, a metamorfose no perfil e nas atribuições do professor, exigida pela conjuntura atual em que estamos inseridos, é um bom motivo para (re)pensar os espaços de formação e a imprescindibilidade de que esse processo seja mais abrangente e diversificado. No campo da formação inicial de professores, não basta que o licenciando assimile apenas conteúdos. É necessário que produza uma relação com o que aprende, conferindo sentido às atividades e possibilitando a reflexão sobre o que pensa e faz.

Ao participarem de projetos de extensão, os alunos assumem uma atitude de interface entre a universidade e a comunidade da qual fazem parte, promovendo espaço para que a indissociabilidade não seja contemplada apenas enquanto afirmação de um princípio institucional, mas realmente cumprindo seu papel na produção de conhecimentos, sentidos, valores e comprometimento social.

Diante dos argumentos expostos, o presente trabalho refere-se ao projeto de extensão universitária intitulado: *Compreensão de si mesmo, do outro e da sociedade em que vivemos: por um trabalho de integridade, valores, vivências e auxílio educativo na atenção a crianças do Instituto Nossa Senhora da Conceição*. É uma ação que insere os licenciandos numa instituição beneficente de assistência social cujo atendimento ocorre, em turno inverso ao da escola regular, para 71 meninas na faixa etária de 06 a 12 anos.

O projeto tem por escopo qualificar as relações da universidade com a comunidade local, através das experiências compartilhadas nas oficinas de criação coletiva: artes, música, informação e tecnologia, designer e estética, literatura e corporeidade, proporcionando mudanças nas relações dos envolvidos, ressignificando valores, posturas éticas e a ampliação dos saberes. De forma específica, objetiva: problematizar a permanente necessidade de constituir práticas educativas que as articule com as dimensões teóricas; intensificar os processos formativos que valorizem o conhecimento produzido no campo institucional; problematizar sobre o que sabe e faz o professor em formação na perspectiva de uma articulação entre elementos teóricos (epistemológicos) e práticos (metodologias de ensino); estimular a criação e o exercício da imaginação; fomentar um processo de produção de expressão de significados e de (re)valorização dos participantes; permitir a dignificação e a qualificação das relações pessoais e interpessoais; entender as atribuições de valor em relação aos sentimentos; potencializar o repertório estético, sensível e expressivo das crianças; promover a construção de habilidades sensorial, motora, mental e psíquica para o domínio da experiência do conhecimento científico e cultural; potencializar a ação da universidade em práticas educativas de inclusão social; possibilitar que os alunos da UFPel desfrutem de um ambiente para a discussão das situações encontradas nas classes da educação básica.

2. DESENVOLVIMENTO

O projeto está estruturado em oficinas de criação coletiva que envolvem atividades variadas, as quais são executadas pelos professores responsáveis com a colaboração dos alunos cadastrados no projeto de extensão. Nesse projeto, partimos da compreensão do professor como mediador e organizador do processo pedagógico, que favorece a construção do saber e propõe outras fontes de informação e formas de pensar.

Durante o ano estamos realizando oficinas com frequência quinzenal. Quanto ao seu arranjo, o projeto desenvolve-se em três etapas, a saber: a) rodas de formação na Faculdade de Educação da UFPel, momento projetado para a exposição da estrutura da oficina, bem como dos pressupostos teóricos que a sustenta; b) execução da oficina; e c) relato e problematização da memória da oficina, espaço de avaliação do trabalho feito. Essas três fases têm contribuído para a qualificação das práticas desenvolvidas nesse projeto de extensão. Destaca-se que a avaliação dos dados será realizada com princípios da análise de conteúdo (FRANCO, 2003).



3. RESULTADOS

No transcorrer da realização desse projeto de extensão, temos observado que as oficinas se configuram como um espaço-tempo de relevantes problematizações, tanto para as alunas que frequentam o Instituto Nossa Senhora da Conceição como para os licenciandos que participam das ações. Cabe salientar que já foram desenvolvidas oficinas sobre Leitura Literária, Teatro e Educação Ambiental. As avaliações, por parte dos envolvidos, apresentam dados positivos quanto à estrutura do trabalho e sua operacionalização.

O diálogo, na perspectiva da teoria de Paulo Freire (1999), tem sido o princípio basilar de nossas ações. Ao considerar tal asserção, partimos do pressuposto que toda atividade realizada necessita considerar os saberes produzidos por todos aqueles que integram o projeto e que a ressignificação desses saberes pode potencializar a sua atuação como sujeitos na realidade social. Destarte, ponderamos que a relação dialética estabelecida entre a prática individual e coletiva (TARDIF; LESSARDE e LAHAYE, 1991) emerge como um lugar de constituição de aprendizagens. E o desenvolvimento do referido projeto de extensão tem se desenhado nesse horizonte formativo.

4. CONCLUSÃO

O mundo acadêmico tem, na hodiernidade, novos desafios propostos pela complexidade que se encontra na sociedade, o que nos instiga a aventar situações de aprendizagem e saberes, através da relação dos licenciandos com as alunas atendidas na instituição em tela, que proporcionem um espaço de trocas de experiências e de formação, buscando uma melhoria das relações de convivência com o mundo a sua volta a partir de sua problematização.

A proposta, então, se aproxima da instituição pelo trabalho com oficinas que são acessadas, na sua maioria, por licenciandos oriundos do curso de Pedagogia, oportunizando, na formação dos referidos estudantes, novos olhares, novas percepções, novos sentidos e outra consciência sobre a responsabilidade de seu campo profissional com o desenvolvimento de ações voltadas para a qualificação social, para o uso do conhecimento a favor de uma sociedade humanizada e humanizante.

Para além da promoção de uma atividade de extensão, no que tange à articulação do projeto com o grupo de alunas que frequentam a instituição, acreditamos que valori-



zar a experiência e a narrativa das crianças potencializa uma sensibilização que permite, por seu turno, o entendimento de relações com o tempo, o lugar e a vivência com outro. Ao buscamos, ainda, a qualificação dos diálogos da universidade com a comunidade local, através das experiências compartilhadas nas oficinas, estamos garantindo que o compromisso social de uma instituição de ensino superior se efetive e favoreça a constituição de uma sociedade radicalmente justa e humana.

5. REFERÊNCIAS

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise do Conteúdo**. Brasília: Liber Livro Editora, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude; LAHAYE, Louise. Os professores face ao saber: um esboço de uma problemática do saber docente. **Teoria e Educação**, Porto Alegre, v. 1, n. 4, p. 215-233, 1991.



O LABORATÓRIO DE ENSINO DE HISTÓRIA: EM ÂMBITO DE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO

PATRÍCIA DUARTE PINTO¹; LISIANE SIAS MANKE²

¹Universidade Federal de Pelotas – patriciadp11@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – lisianemanke@yahoo.com.br

1. APRESENTAÇÃO

O Projeto de Extensão, Laboratório de Ensino de História (LEH) tem como intuito constituir um espaço de formação inicial e continuada para alunos do Curso de Licenciatura em História e para os professores que atuam na Educação Básica. E também promover ações que discutam Ensino de História e Educação, com o ideal de articular teoria e prática docente. Para atingir esses objetivos, o laboratório coordena atividades acadêmicas como seminários, cursos de curta duração, oficinas, grupos de estudos e de pesquisas, reuniões-debates, etc. O LEH é aberto à comunidade em geral, entretanto, o público alvo do laboratório são os professores da Educação Básica, e os graduandos da licenciatura da UFPel.

O Laboratório de Ensino de História foi constituído em 2004 enquanto um âmbito de formação, para discussão, problematização, troca de experiências e produção de diversos materiais didáticos relacionados ao Ensino de História. Atualmente conta com professores que atuam na graduação e no Programa de Pós Graduação em História da UFPel, vinculando em suas práticas, o ensino, a pesquisa e a extensão, sobre temáticas ligadas ao Ensino de História, História da Educação, História do Brasil em seu campo de interação com o ensino, Educação Patrimonial e Acervos, aproximando assim a teoria e a prática.

A disciplina de História é muito importante no processo de formação escolar de todo cidadão em conjunto com as demais áreas do conhecimento, sua prática de ensino-aprendizagem compreende a construção das identidade, possibilita a consciência histórica e a participação articulada na vida em sociedade. Segundo Bittencourt (2009) o uso da frase “estuda-se história para compreender o presente e criar os projetos futuros”, para justificar a razão da disciplina de história precisa ser ampliada, “um dos objetivos centrais do ensino de História, na atualidade, relaciona-se à sua contribuição na construção de identidade”. Nesse sentido, é imprescindível a assistência no processo formativo daqueles que irão atuar como professores, assim como, na formação continuada dos docentes que já são atuantes em sala de aula. Dessa maneira justifica-se a



pertinente contribuição que o projeto traz ao oportunizar espaços de formação docente, de diálogos entre escola e universidade, e de discussões e reflexões sobre teoria e prática do ensino de História. Assim como, ao mesmo tempo um centro de organização e preservação de materiais didáticos, históricos e atuais, auxiliando professores e estagiários da disciplina de História na produção de materiais didáticos e no desenvolvimento dos planos de ensino desta disciplina.

2. DESENVOLVIMENTO

O LEH tem como local a sala 130 do Instituto de Ciências Humanas/UFPEL, e neste local ocorrem algumas atividades internas previstas do projeto que são: abertura semanal do acervo de livros didáticos para consulta local ou empréstimo para a comunidade em geral-; catalogação e registro de livros e jogos didáticos; encontros quinzenais para a discussão de textos teóricos sobre o ensino de História e Educação-, relato e troca de experiências docentes; planejamento de oficinas, seminários, reuniões de projetos de ensino e de extensão vinculados ao LEH. Ainda, outras atividades são realizadas em espaço externo, indicados pelas comunidades escolares, como exposição de livros didáticos e jogos didáticos, oficinas com alunos e professores, rodas de conversas, trocas de experiências e outros.

No ano de 2017, o LEH desenvolveu um grande número de atividades, como forma de explanar os eixos norteadores para a organização dessas, evidenciaremos aqui algumas delas. O *Projeto de Ensino de História na Educação Básica: compartilhando Propostas e Experiências de Ensino-aprendizagem* que teve por objetivo oferecer suporte pedagógico para a formação profissional dos acadêmicos de licenciaturas da UFPEL e professores da Educação Básica. O projeto possibilitou momentos de discussão e troca de experiências entre os licenciandos em História e professores da Educação Básica, ocasionando períodos de estudo e reflexão sobre a teoria e a prática de ensino. Os encontros ocorreram durante o 1º e 2º semestre de 2017, quinzenalmente, sob a coordenação da Prof.^a Dr.^a Lisiane Sias Manke.

Em parceria com o LEH acontece o projeto de extensão “*Cotas um diálogo afirmativo entre a universidade e a escola*” que tem como objetivo divulgar as políticas de ações afirmativas nas escolas de educação básica de Pelotas e região, de forma a instrumentalizar os estudantes para acessar tais políticas. Esse sob a coordenação da Prof.^a Dr.^a Alessandra Gasparotto, tem promovido a educação antirracista no ambiente escolar e



atraves de atividades que abordem temáticas relativas à diversidade e à história e cultura afro-brasileira e indígena, tem desenvolvido ações que auxiliam os estudantes da educação básica a acessar as cotas destinadas ao ingresso nas instituições federais de ensino.

Ainda ligado ao LEH há o projeto de ensino *Revista Discente Ofícios de Clio*, que tem o intuito de proporcionar aos graduandos e pós graduandos, bem como alunos de áreas afins de outras Instituições, um espaço qualificado de debate e de incentivo ao incremento da pesquisa. A Ofícios de Clio deseja oportunizar aos discentes o desenvolvimento de seus currículos, objetivando seu futuro desenvolvimento acadêmico e profissional. Atualmente sob a coordenação da Prof.^a Dr.^a Márcia Janete Espig, no início desse ano foi lançada o primeiro número da revista.

Outra ação que também tem sido desenvolvida é divulgar o site e o blog do LEH, o site foi criado este ano e tem sido coordenado pelo colaborador Prof.^o Dr.^o Mauro Tavares, com o objetivo de divulgar informações a respeito das atividades e projetos desenvolvidos pelos membros do LEH/UFPEL; compartilhar planos de aula e de ensino criados e desenvolvidos pelos graduandos do Curso de Licenciatura em História da UFPEL em atividades de Estágio e/ou pelos professores e manter atualizada a página do Laboratório nas redes sociais, divulgando todas as ações promovidas pelo LEH/UFPEL.

As atividades aqui elencadas, bem como as demais que vem sendo desenvolvidas no LEH, foram pensadas sempre com o propósito de agir de forma a responder a proposta do Projeto de Extensão Laboratório de Ensino de História. A extensão é realizada sempre que o LEH se abre a comunidade além da Universidade e oferece Formação Continuada para docentes da Educação Básica de Ensino, atendendo ao mesmo tempo a proposta curricular do curso de licenciatura de História, que tem como objetivo, no que se refere à formação dos futuros professores: “Formar professores habilitados para o trabalho em equipe e inter/transdisciplinar, buscando a maior aproximação possível com o universo do exercício profissional, colocando os licenciandos em contato direto com as escolas - no intuito de aprimorar sua formação como docentes...” (PPC/História, p. 4).

3. RESULTADOS

Um resultado importante a ser apontado é a representatividade do LEH junto a professores e estudantes do curso de História da UFPEL, bem como para a comunidade



escolar. No mês de agosto deste ano, realizamos uma Amostra do Acervo de Livros Didáticos, com livros do ano de 1900 até 1960, no qual recebemos a visita dos estudantes da Escola Luiz Carlos Correa da Silva, do bairro Guabiroba, em Pelotas. Além da apresentação do espaço e a contemplação da amostra de livros didáticos, os alunos puderam interagir com os Jogos Didáticos do LEH, como a “Viagem pela História” e o “África no Arquivo”. A partir desse fato temos trabalhado na construção de Oficinas, que serão destinados aos alunos da Educação Básica, com enfoque no ofício do historiador e no seu trabalho com fontes históricas, principalmente o uso de documentos históricos, além de realizar análises de algumas narrativas de livros didáticos, em diferentes temporalidades, juntamente com os alunos. Abrindo assim, o espaço para a comunidade escolar e contribuindo para com a formação social e crítica dos alunos em meio a sociedade.

Neste sentido, o LEH cumpre seu papel e atinge, em diversos momentos, seus objetivos. Exemplo disso é a referida aproximação do espaço do LEH com disciplinas do curso de Licenciatura em História da UFPel. Nas disciplinas de Ensino de História e Laboratório de Ensino de História são realizadas consultas em parte dos materiais disponíveis no LEH, como Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), Resoluções que regem Instituições de Ensino Superior (IES) e cursos de licenciatura, entre outras.

O espaço é também usufruído para as orientações que os professores das disciplinas de Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental e Médio realizam com os alunos de licenciatura em História. O laboratório proporciona estrutura teórica e material para a realização de tais orientações, na medida em que também conta com computadores, internet, livros didáticos atualizados, livros paradidáticos, revistas acadêmicas, jogos didáticos, entre outros materiais que podem auxiliar na prática docente dos licenciandos no tempo do estágio e posteriormente.

4. AVALIAÇÃO

A Resolução CNE/CP Nº 1, de 18 de fevereiro de 2002, estabeleceu os eixos norteadores da reforma curricular a ser aplicada nas IES de professores para a Educação Básica. E no 3º artigo desta lei, são listadas as prioridades a serem seguidas em cursos de licenciatura, entre elas, apontamos a primordialidade de oportunizar uma formação coerente com a prática almejada do professor. Para isso, é utilizado o conceito de *simetria invertida*, ou seja, o aluno graduando sendo formado em um espaço equivalente a

escola, o local onde irá trabalhar. No mesmo documento, o artigo 14º traz à tona a necessidade da Instituição de Ensino Superior reger projetos e vincular currículos de maneira que na “estrutura institucional e curricular do curso, caberá a concepção de um sistema de oferta de formação continuada, que propicie oportunidade de retorno planejado e sistemático dos professores às agências formadoras” (BRASIL, 2002, p.6).

No LEH desde 2002, tem havido essa preocupação em aproximar teoria e prática discentes e docentes elaborando diversas ações nesse sentido. E a partir do que foi exposto, entende-se que o LEH possibilita aos alunos da licenciatura experiência além das teorias discutidas na universidade, tendo acesso a prática das questões docentes. Enquanto que aos professores em atuação na Educação Básica, é proporcionada formação continuada, possibilidade de compartilharem seus saberes com os futuros professores, a partir da participação nos projetos desenvolvidos e grupos de estudos do laboratório. Assim o LEH valoriza as práticas docentes que estão sendo realizadas por esses docentes na Educação Básica, fornecendo os instrumentos necessários aos indivíduos envolvidos a desenvolverem atividades autônomas na comunidade escolar na qual estão, ou serão inseridos.

5. REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2009.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP 1, de 18 de fevereiro de 2002**. Acessado em 19 jun. 2015. Online. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP 2, de 19 de fevereiro de 2002**. Acessado em 19 jun. 2015. Online. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP022002.pdf>



DIVERSOS: RECORTES DA DIVERSIDADE NA UNIVERSIDADE

PAULAINÉ OLIVEIRA DE LIMA¹; LORENA ALMEIDA GILL²

¹Universidade Federal de Pelotas – paulaine.lima@ufpel.edu.br

²Universidade Federal de Pelotas – lorenaalmeidagill@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE, 2016), embora a Lei de Cotas, sancionada em agosto de 2012, esteja vigente desde 2013 nas universidades, tais medidas ainda não refletem o cenário esperado pelo acesso democrático proporcionado pela Lei. Tendo 50% das vagas reservadas a estudantes em vulnerabilidade social, o universitário brasileiro ainda é majoritariamente branco e de classe média, oriundo de famílias estruturadas em padrões normativos tradicionais.

Somado a estes dados, há a presença de diversos coletivos sociais na UFPel, buscando maior representatividade de grupos de alunos, que historicamente são invisibilizados no espaço acadêmico, seja por conservadorismo e/ou inferioridade numérica, porém não contemplados por políticas públicas específicas de ingresso, como mães, idosos, LGBTQs, entre outros.

Buscando analisar possíveis fatores que colaborem para a ineficiência do ingresso e/ou permanência destes grupos, os identificando e reconhecendo seu espaço dentro da universidade, de modo que possam contribuir para a construção de metodologias e mecanismos de inclusão e permanência, o presente trabalho denominado “*Diversos: Recortes da Diversidade na Universidade*” vem sendo executado desde abril de 2016.

Trata-se de uma coletânea de entrevistas registradas em vídeo, com acadêmicos da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que se identificam como minorias sociais, diferindo do perfil majoritário de discentes, presentes nas universidades brasileiras. Em seus relatos, os alunos trazem informações sobre a vivência no meio acadêmico, apontando dificuldades, carências, situações abusivas e preconceituosas, também sugerindo possíveis melhorias que podem ser aplicadas na solução das problemáticas identificadas.

Objetiva-se que o produto final desta coletânea de vídeos seja um documentário educacional, tendo por público alvo docentes e gestores, na busca por uma maior capacitação e consciência em relação a estes discentes e, juntamente, a Comunidade Externa, para a qual foi pensada a distribuição e exibição em escolas de ensino funda-



mental e médio, buscando causar identificação e motivação no ingresso às universidades públicas.

“*Diversos*”, foi desenvolvido dentro do grupo Conexões de Saberes: Diversidade e Tolerância, sob a tutoria da Prof^a Dr^a Lorena Almeida Gill. O grupo integra o Programa de Educação Tutorial (PET), que trabalha a tríade de pesquisa, ensino e extensão, na formação acadêmica. A proponente e realizadora é acadêmica do curso Cinema e Audiovisual, tendo escolhido o formato de vídeos documentários pela linguagem popular e de fácil aceitação, bem como no exercício das competências aprendidas em seu respectivo curso.

O projeto se enquadra em extensão no eixo educacional por sua motivação, foco e produto final trabalharem em função do meio acadêmico e escolar, pois embora, as temáticas das entrevistas sejam focadas na especificidade dos grupos, estes questionam a vivência na universidade, o papel da instituição na inclusão e visibilidade dessas minorias, trazem reflexão e debate sobre a pluralidade do meio acadêmico e no que esta pluralidade impacta, tanto de forma coletiva quanto individual.

Uma vez que “uma organização de aprendizagem é aquela que tem a habilidade de criar, adquirir e transferir conhecimento e de modificar seu comportamento para refletir sobre novos conhecimentos” (GARVIN, 1993), somente o estudo constante e a experimentação e aplicação de novas metodologias, podem contribuir para um ambiente acadêmico, menos engessado, mais acessível e que garanta autonomia na formação dos alunos.

2. DESENVOLVIMENTO

Em março de 2016, através das redes sociais do PET Diversidade e Tolerância, no grupo de acadêmicos da UFPel, onde há aproximadamente 45 mil participantes, foram solicitadas pautas de debate, que estes considerassem incomuns ou inexistentes sobre questões culturais e sociais na instituição. Coletadas as respostas, após análise, temáticas foram elaboradas. Estas são propostas periodicamente, no referente grupo acima citado. Os membros do grupo que se identificam com a temática atualmente proposta, voluntariamente participam do projeto, através de relatos espontâneos, em formato de entrevista, registradas em vídeo. Nelas, expõem sua relação com o tema, experiências, vivências e podem contribuir com sugestões de atitudes e métodos, a serem adotados pela Instituição, corpo docente, discente e servidores no combate a evasão destes alunos, bem como sua inclusão.



Após a coleta dos depoimentos, estes são editados de modo a destacar as ideias principais de cada narrador. A coletânea destes depoimentos resulta em um vídeo final, que visa ser claro e informativo sobre o assunto proposto. O vídeo final é reservado para compor o documentário institucional, que será o produto final deste trabalho, com previsão de conclusão para abril de 2018, 2 anos após o início do projeto.

3. RESULTADOS

O projeto “Diversos” teve início em abril de 2016 e foi pensado de forma a lançar vídeos com temáticas específicas mensalmente, com pretensão de conclusão para abril de 2018. Até o presente momento foram lançados um total de 5 vídeos.

O primeiro vídeo, realizado em abril de 2016, trouxe como pauta: “O que é Diversidade?”. Neste, os alunos puderam expressar o seu ponto de vista a respeito do que entendem por “diversidade”, sua relevância e como lidam com pessoas e situações que divergem de seus perfis sociais e culturais.

As pautas subsequentes foram “Mães Universitárias”, realizado em maio de 2016, com a proposta de conhecer a realidade das alunas mães na UFPel e desconstruir alguns tabus sobre a relação entre estudos e a maternidade. Agosto de 2016 teve como temática “Afroconveniência” abordando as cotas raciais, o estreito relacionamento entre autodeclaração de cor e fraudes oriundas dessa metodologia. O quarto vídeo, relacionado ao mês de outubro de 2016, buscou retratar o ingresso na universidade na terceira idade, o tema em si é “Universidade de Todas as Idades”. O quinto e último vídeo, realizado até o momento, lançado em abril de 2017, teve por temática os “Esteriótipos Acadêmicos”. A proposta é questionar alunos de diferentes áreas do conhecimento, sobre como enxergam os demais alunos de outros cursos de áreas diferentes das suas.

A periodicidade na realização de cada temática considera o calendário acadêmico e eventuais alterações deste, bem com as necessidades da produção. Conforme esclarecido anteriormente, os materiais deste estudo ainda não foram divulgados publicamente.

O documentário pensado como produto final deste estudo, possibilitará que através da observação dos resultados e identificação de seus alunos, a universidade aprimore seu sistema de ensino de forma que venha a diminuir os obstáculos enfrentados por estes que antes não eram pensados na ocupação de seus espaços..



Para que o material chegue não somente àqueles que previamente se dispõe a estudar e procurar temáticas que abrangem questões de minorias, a distribuição do projeto será em redes sociais e serão programados ciclos de exibição em áreas mais periféricas, onde a ampla maioria não teria acesso ao conteúdo virtual.

4. AVALIAÇÃO

“Diversos” trouxe a possibilidade de identificação de grupos isolados dentro da universidade, expondo e criticando pensamentos ultrapassados à respeito de uma universidade exclusiva a um perfil específico.

A linguagem simples e popular utilizada na montagem torna-o acessível e de fácil compreensão. Ainda que as temáticas abordadas peçam por discussões complexas, os vídeos cumprem a função de transmitir informações à comunidade externa.

O debate constante, impulsionado pelo teor do conteúdo dos depoimentos retratados, fomenta um espaço cada vez maior e mais aberto à reflexão e aprimoramento do sistema público de ensino.

5. REFERÊNCIAS

Livro

GADOTTI, Moacir. **Diversidade cultural e educação para todos**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

FERNANDES, João André Tavares. **Uma Reflexão Sobre a Diversidade Cultural na Universidade**: Respeito às Diferenças, 2007

Artigo

GARVIN, D. Building a Learning Organization. **Revista Harvard Bussines Review**, 1993.

Documentos eletrônicos

IPEA. **Perfil Universitário Brasileiro**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Acessado em 5 de março de 2016. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=15895



IBGE. **Políticas Públicas e Estatísticas de Gênero**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. Acessado em 12 de março de 2016. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/confest_e_confefe/pesquisa_trabalhos/CD/.../232-5.ppt



CULTURA DE PARES: EXPERIÊNCIA NUMA ESCOLA DE PELOTAS

PAULO RENATO FERREIRA¹; ELEONICE RAUBACH²;
RITA STAULLBAUM³; ROGÉRIO WURDIG⁴

¹Universidade Federal de Pelotas-spr.ferreira@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas-eleonceraubach@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas- Ritacousen2014@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas-orientador-rocwurdig@hotmail.com

1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem como base as experiências desenvolvidas no “Projeto de Extensão Brincando na Escola”, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (FaE/UFPel), durante o segundo semestre de 2016. O projeto tem como objetivo geral preservar e ampliar a cultura lúdica infantil e está vinculado à disciplina optativa “Práticas complementares ao Ensino Fundamental: brincando na escola” ofertada no curso de Pedagogia (FaE/UFPel). Excepcionalmente nesse período, o referido projeto foi articulado com outra disciplina do curso, Práticas Educativas V, ofertada no primeiro semestre de 2016/1, como uma forma de complementar os estudos sobre o brincar.

O palco desse trabalho foi numa Escola Estadual Ensino Fundamental Incompleto localizada no centro da cidade de Pelotas-RS, numa turma de segundo ano do ensino fundamental, com dezessete crianças, sendo oito meninos e nove meninas. A experiência marcou o início da nossa trajetória docente de forma bastante gratificante. Durante as observações e durante as práticas lúdicas desenvolvidas na escola, percebemos que as crianças “escolhiam” com quem brincar e as brincadeiras que queriam realizar. Compreendemos dessa forma, que, ali estavam presentes, traços do que Corsaro, apud Seixas (2012) denomina cultura de pares, isto é, o conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e interesses que as crianças produzem e compartilham na interação com seus pares. A partir desse conceito, passamos a refletir durante todo o período que estivemos brincando com as crianças na escola.

2. DESENVOLVIMENTO

Primeiramente tomamos ciência do Projeto, dos principais objetivos e de informações gerais e complementares. Posteriormente foram compartilhadas experiências dos



anos anteriores. Além disso, discutimos sobre a importância do planejamento para concretizar os objetivos do grupo dentro do projeto.

Na escola fomos acolhidos pela direção, pela professora titular e pelas crianças. Constatamos que o espaço físico disponível para as brincadeiras era bem restrito e isso poderia interferir no desenrolar das brincadeiras. Após a apresentação, pedimos que as crianças desenhasssem as brincadeiras que gostariam de fazer conosco durante os próximos encontros. A professora titular comentou sobre a importância de “resgatar as brincadeiras tradicionais para que sejam preservadas no imaginário das crianças”. Explicou que o avanço da tecnologia nos brinquedos “está, cada vez mais, individualizando a brincadeira, deixando o coletivo e as parcerias de lado. Conforme Almeida (2012) a essência do brincar não é um fazer como se, mas um fazer sempre de novo, é a transformação da experiência mais comovente em hábito. Esse passou a ser nosso objetivo durante o período que estivemos no projeto. Solicitamos, então, para orientar o nosso planejamento que as crianças desenhasssem as brincadeiras preferidas para que pudéssemos ter uma idéia de como e de que brincavam. Além disso, definimos que as aulas de brincar seriam desenvolvidas uma vez por semana, nas sextas-feiras, por um período de 30 minutos

No primeiro encontro propomos três brincadeiras: *a calçada é minha, não é do peru; elefante colorido e telefone sem fio*. Alguns meninos (quatro) se mostraram resistentes, desinteressadas, alegando que preferiam “jogo de futebol”. Consideramos importante a manifestação destes alunos, pois, os mesmos apesar de crianças são sujeitos de direito, estudantes de escola pública manifestando sua vontade. Em outro momento encontro propomos outras brincadeiras, em maior número, passando de três para seis, sendo que uma não foi aceita por uma das meninas. Ela alegou que não gostaria brincar numa das brincadeiras com as demais crianças. Conversamos com a mesma sobre a importância que ela tinha para o grupo como um todo. Que ela deveria participar, pois, só assim descobriria o quão prazeroso seria a brincadeira e aliado a isso esta também iria lhe proporcionar um olhar diferente do que tinha antes em relação à brincadeira.

Aliada aos procedimentos que utilizamos para brincar com as crianças, é importante registrar que houve um período que estivemos distantes da escola em função da greve do magistério público estadual. Esse distanciamento interrompeu o trabalho que estávamos procurando desenvolver com as crianças, especialmente e em relação aos vínculos e ao repertório de brincadeiras.



3. RESULTADOS

Nossas expectativas frente às ações desenvolvidas durante o trabalho, ficaram um pouco aquém do esperado. Acreditamos que este fato, deva-se a parada em função da greve do magistério, que acabou quebrando a rotina que havíamos estabelecido junto aos alunos. Com relação ao trabalho em grupo, as crianças aceitaram bem as brincadeiras, porém existia muita individualidade entre elas. Como por exemplo, não acordavam sobre as brincadeiras, brincavam sozinhas, não aceitavam escolhas coletivas. Nesse sentido, Antunes (1998) afirma que: “A criança não é um ser passivo que absorve tudo que lhe é apresentado, mas é, antes de tudo, um ser ativo em seu processo de aprendizagem”. Mesmo possuindo características iguais a outras crianças, cada ser é único em suas peculiaridades, o que o difere das demais e que interfere na maneira de como se relaciona com os outros.

Refletimos sobre a dificuldade das professoras em reconhecer a importância do brincar para as crianças. Há pouco incentivo para o brincar, está visível no espaço limitado e no curto tempo que as crianças têm para brincar. Parece que na sala de aula o conteúdo ainda é o mais valorizado. Pouco se observa de que repertório e com quem (parcerias) as crianças querem brincar. Ao longo das atividades procuramos ver com outros olhos as vontades e preferências das crianças, tanto que propúnhamos brincadeiras que não estavam no planejamento. Dessa forma, elas próprias puderam fazer suas regras e escolher com quem brincar. Através do diálogo procuramos expor para os alunos quanto à importância de todos brincarem juntos.

A temática cultura de pares é importante na formação das crianças tanto na escola quanto no contexto social no qual a criança está inserida. O brincar é complexo, não é inato, toda criança aprende a brincar com adultos, com outras crianças e com aqueles aos quais ela encontra maior afinidade. As manifestações infantis são provenientes de uma cultura própria das crianças. Suas expressões, nas variadas linguagens, decorrem da relação com a cultura que as cerca, ou seja, com os bens culturais que a sociedade disponibiliza para elas, o brincar é do ser humano, assim acreditamos que o brincar para a criança está como algo entre o que é real e a fantasia, algo que vem do imaginário, que tem um valor simbólico para aquele momento.

Esta experiência remeteu-nos as nossas infâncias passadas, diferente das infâncias do século XXI. Acreditávamos que “tiraríamos de letra” o brincar por brincar com as crianças, porém nem sempre as crianças aceitavam brincar com as nossas brincadeiras. Esse “descompasso” ou “falta de sintonia” levou-nos a refletir sobre a prática, procurar

ajuda da coordenação do projeto para, então, voltar à escola e conversar com os orientadores educacionais sobre o tempo de nossas vidas que disponibilizamos para brincar com as crianças.

4. AVALIAÇÃO

Ao finalizarmos a reflexão sobre a experiência de brincar com as crianças, identificamos algumas aprendizagens que serão importantes no futuro profissional. Aprendemos que o planejamento é essencial para desenvolver uma “boa atividade”; que é necessário dar voz às crianças e, por último, que a falta de espaço para o brincar na escola precisa ser discutido com a direção da escola, com as professoras e com as crianças. Além disso, seria importante organizar seminários e palestras com o intuito mudar, futuramente, essa realidade.

O retorno dado pelas crianças faz-nos pensar que desenvolvemos um adequado trabalho e cheio de esperança de que o projeto tenha continuidade para que outros estudantes possam experimentar todas as emoções que advêm da convivência com as crianças enquanto estão brincando.

5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lucila Silva de. **Interações: Crianças, brincadeiras brasileiras e escola**: São Paulo, Blucher, 2012.

ANTUNES, Celso. **Manual de técnicas de dinâmica de grupo**. Petrópolis: Vozes, 1998.

SEIXAS, Angélica Amanda Campos. Reprodução Interpretativa e Cultura de Pares nos Grupos de Brincadeira da Ilha dos Frades/BA, **revistaseletronicas. pucrs.br**, v. 43, n. 4, p. 541-551, out./dez. 2012.



ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS E O ENSINO DE CIÊNCIAS E A ESCOLA

PRISCILA KRÜGER VOIGT¹; STHÉFANI BORGES BREGUE²;
RITA DE CÁSSIA MOREM CÓSSIO RODRIGUEZ³; ROBLEDO DE LIMA GIL⁴;
VERONICA PORTO GAYER⁵; FRANCELE DE ABREU CARLAN⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – privoigt@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – sthefanibregue@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – rita.cossio@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – robledogil@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – veve_artes@hotmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – francelecarlan@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho é fruto das ações previstas no projeto de extensão denominado “O Laboratório de Ensino de Ciências e Biologia e a criação de material didático como apoio à educação básica”, cujo o eixo temático principal, o qual se vincula, é o da educação e a linha da extensão a que se refere é das metodologias e estratégias de ensino/aprendizagem.

O Laboratório de Ensino de Ciências e Biologia (LENCIBIO) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), apresenta como alguns de seus objetivos instrumentalizar e incentivar os licenciandos a produzirem diferentes recursos a serem implementados nas escolas como forma de melhorar a compreensão e socialização do conhecimento científico. Além disso, é um espaço que discute ações que possam oportunizar aos professores da educação básica reflexão da prática pedagógica, planejamento, elaboração e execução de materiais e recursos inovadores. Várias pesquisas, que trabalham com essa temática, apontam (Krasilchik e Marandino, 2004; Galiazzi et al 2008; Duso e Hoffmann, 2013) a importância de estratégias metodológicas diferenciadas e a necessidade de superação de aulas predominantemente expositivas, centradas na figura do professor e que priorizam a memorização.

Com vistas às ações desenvolvidas no LENCIBIO, o objetivo deste projeto de extensão é oportunizar aos professores da educação básica um espaço para estudo, planejamento, elaboração e execução de materiais e recursos inovadores a partir das demandas observadas nas escolas públicas do Município de Pelotas. Espera-se a partir de tal projeto desenvolver ações tanto no LENCIBIO quanto nas escolas, com o intuito de auxiliar o professor da rede básica a refletir sobre seu fazer docente. Para além disso, que estimule a criatividade deste professor a partir do desenvolvimento

de recursos inovadores para o ensino de Ciências, que o incentive a utilizar mais o Laboratório de Ciências de sua escola, bem como, instrumentalize-o para a produção de recursos adaptados, pensados para a inclusão de alunos com deficiência ou transtorno. Espera-se que as ações a serem desenvolvidas apresentem um impacto positivo na formação inicial dos licenciandos em Ciências Biológicas da UFPel, qualificando-os para sua atuação futura como docentes da educação básica.

2. DESENVOLVIMENTO

O trabalho apresenta uma abordagem predominantemente qualitativa (LÜDKE e ANDRÉ, 1986). Segundo Godoy (1995),

Os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural. Nessa abordagem valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada. Aqui o pesquisador deve aprender a usar sua própria pessoa como o instrumento mais confiável de observação, seleção, análise e interpretação dos dados coletados.

Em um primeiro momento, foi realizado um levantamento de todas as escolas municipais e estaduais de Pelotas. Após este levantamento, definiu-se, com o grupo do projeto, que a escolha das escolas (ensino fundamental e médio) seria a partir do percentual de 20% do total de escolas municipais e 20% do total de escolas estaduais. A partir desse percentual, foi realizado um mapeamento dos bairros de Pelotas e definido o número de escolas por bairro. A escolha das escolas ocorreu de forma aleatória através de sorteio.

Definidas as escolas, o próximo passo foi a criação de um instrumento de coleta com o intuito de investigar como os professores de Ciências fazem uso de diferentes recursos em sala de aula, ou seja, se a utilização é planejada com o objetivo de produzir conhecimento ou apenas para demonstração prática dos conceitos trabalhados. Definiu-se, para este momento, a aplicação do instrumento nas escolas municipais de ensino fundamental, perfazendo um total de 10 escolas. O contato com a Secretaria Municipal de Educação (SMED) já foi realizado, assim como, o contato com as 10 escolas que aceitaram participar das atividades propostas no projeto.



O instrumento investigativo desenvolvido é constituído por quatro eixos temáticos mais uma parte inicial. Nos 4 eixos temáticos é utilizada a escala de Likert de cinco pontos, que consiste em tomar um construto e desenvolver um conjunto de afirmações relacionadas à sua definição, para as quais os respondentes emitirão seu grau de concordância (JUNIOR et al. 2014), sendo eles: (1) Totalmente em Desacordo; (2) Desacordo; (3) Nem concorda, nem discorda; (4) Concorda; (5) Concorda totalmente. A parte inicial foi criada com o intuito de saber algumas informações como o tempo de docência na educação básica, se atualmente tem alunos com deficiência em suas turmas, se costuma realizar cursos de formação continuada, qual a frequência que costuma utilizar diferentes recursos didáticos - alguns elencados no instrumento (vídeos, modelos, jogos didáticos, slides, quadro, livro didático, atividade experimental entre outros), bem como, informações referentes à sua formação inicial. Dentre as informações que remetiam a lembranças da formação inicial incluem-se: a) se lembra dos recursos didáticos que seus professores costumavam utilizar em aula, b) se eram incentivados a utilizar diferentes estratégias pedagógicas em seus estágios supervisionados e caso não tenham sido incentivados c) se isso apresenta reflexos em sua prática pedagógica. Quanto aos eixos temáticos, estes se subdividem em: i) visão de ciências; ii) epistemologia do professor; iii) metodologia; iv) laboratório.

Além da investigação inicial através do instrumento de coleta está previsto ainda o levantamento e análise dos laboratórios de Ciências das 10 escolas municipais participantes. Como ações extensionistas estão previstas roda de conversa com professores de Ciências, cujos temas serão escolhidos a partir das respostas obtidas no instrumento de coleta, bem como, oficinas para a produção de diversos recursos didáticos de Ciências. Neste trabalho será mostrado e discutido os resultados obtidos através de uma investigação inicial realizada com uma professora de uma escola municipal não participante das ações extensionistas deste projeto.

3. RESULTADOS

O piloto foi realizado com uma professora de Ciências com formação em Ciências Biológicas em uma instituição pública de ensino.

A docente entrevistada apresenta um tempo de docência inferior a 5 anos e relata que, durante sua formação inicial, não foi incentivada a utilizar diferentes recursos didáticos. Informa que os recursos comumente utilizados, por seus professores eram



o projetor multimídia, slides, textos de divulgação científica e vídeos. Apesar de não ter sido incentivada a utilizar e produzir diferentes estratégias didáticas na graduação, como professora costuma diversificar sua prática pedagógica através de jogos didáticos, atividades experimentais, modelos, maquetes, vídeos e tecnologia assistiva para alunos com deficiência e transtorno, uma vez que em sua escola existem 14 alunos com laudo e 05, com suspeita de apresentar alguma deficiência ou transtorno.

Afirma que para suprir as carências de sua formação inicial costuma realizar formações continuadas, aplicando em sua prática pedagógica as novidades aprendidas nos cursos. Conta, também, com uma equipe diretiva, na escola em que trabalha, que permite e incentiva o planejamento de aulas com materiais diferenciados e acredita que utilizar diferentes metodologias em aula favorece a aprendizagem e permite estabelecer relação dos conceitos trabalhados com o cotidiano dos alunos. No entanto, nem sempre pode fazer uso de diferentes recursos didáticos da forma como gostaria porque precisa cumprir o conteúdo programático determinado para a disciplina de Ciências. Além disso, afirma que a escola apresenta um laboratório de Ciências com boa estrutura e que é utilizado com frequência, por ela, para elaboração de suas aulas práticas.

Foi possível perceber que apresenta um discurso epistemológico que expressa teorizações, idealizações e representações (CUNHA e CAMPOS, 2010) e uma visão de ciência voltadas a uma postura interacionista/construtivista de ensino e que condiz com sua prática pedagógica. No entanto, segundo Perrenoud (1993), a prática pedagógica não é a mera concretização de teorias ou de receitas, é dirigida por *habitus* e permeada por elaborações pessoais. Ela não é um simples fazer, caracterizado pela aplicação linear de teorias, pelo pragmatismo e pela neutralidade. As crenças dos professores, segundo Bejarano & Carvalho (2003), são os melhores indicadores das decisões que eles tomam ao longo de suas vidas e conhecê-las se faz importante, pois influenciam os pensamentos e atitudes desses professores.

A partir destas constatações é possível inferir que a aplicação do instrumento foi muito importante para conhecermos melhor o professor de ciências, suas concepções e dificuldades e servir como ponto de partida para as discussões que serão realizadas nas escolas. A partir do piloto foi possível perceber que será importante debatermos sobre a epistemologia do professor e os reflexos nas formas de avaliar, de planejar as aulas e nas metodologias e estratégias de ensino adotadas, além da importância de refletirmos sobre a inclusão no espaço escolar. A partir das demandas percebidas durante as rodas de conversas é que serão pensados os recursos didáticos de ciências que serão produzidos com os professores.



4. AVALIAÇÃO

Até o momento o instrumento aplicado, como piloto, pode ser avaliado como ferramenta útil para compreender as concepções e dificuldades enfrentadas pelos professores para diversificação de suas estratégias de ensino. Nesse contexto, Antunes (2001), destaca a importância do uso de estratégias pedagógicas empolgantes e diversificadas e a necessidade de que o professor conheça outras estratégias de ensino e saiba alterná-las com a aula expositiva. Ainda, Krasilchik (2004) aborda como é importante que os professores possam refletir sobre a metodologia empregada na sala de aula, buscando verificar a relação com o conteúdo.

Para a mudança de práticas tradicionais já convencionadas na escola, não basta apenas mostrarmos alternativas didáticas ao professor, é

necessário, através de discussão e reflexão, mostrarmos porque a mudança de postura é importante como forma de auxiliar nos processos de ensino e aprendizagem dos alunos. E esta é nossa proposta, quer seja, enriquecer a prática pedagógica do professor, instrumentalizando-o para que compreenda porque é importante desenvolver ideias inovadoras que tornem suas aulas mais criativas e dinâmicas, aprimorando a formação de professores e qualificando, dessa forma, a educação básica. Além disso, através deste contato com as escolas, proporcionar, ao licenciando, vivenciar a realidade profissional e aplicar os conceitos teóricos estudados na universidade. Para tal, as ações extensionistas previstas serão rodas de conversas nas escolas municipais participantes, bem como, produção de diferentes recursos didáticos.

5. REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. **Como transformar informações em conhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2001.

BEJARANO, N. R. R., CARVALHO, A. M. P. Tornando -se professor de Ciências: crenças e conflitos. **Ciência e Educação**, v.9, n.1, p.1 -15, 2003.

CUNHA, F. M. CAMPOS, L. M. L. O discurso e a prática pedagógica de professores de Ciências no ensino fundamental. In: PIROLA, N.A (org.). **Ensino de Ciências e Matemática IV: temas de investigação**. São Paulo: UNESP, 2010.



DUSO, L.; HOFFMANN, M. B. (orgs.). **Docência em Ciências e Biologia**: propostas para um continuado (re) iniciar. Ijuí: Unijuí, 2013.

JÚNIOR, S. D. da S.; COSTA, F. J. Mensuração e Escalas de Verificação: uma análise comparativa das escalas de Likert e Phrase Completion. In: SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO, 17, São Paulo, 2014, **Anais SEMEAD**, 2014.

GALIAZZI, M. C. do. AUTH, M.; MORAES, R.; MANCUSO, R. (orgs.). **Aprender em rede na Educação em Ciências**. Ijuí: Unijuí, 2008.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Competência**: Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

PERRENOUD, F. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação - perspectivas sociológicas**. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

KRASILCHIK, M. 2004. **Prática de ensino de Biologia**. São Paulo: EDUSP, 2004.

KRASILCHIK, M. e MARANDINO, M. **Ensino de ciências e cidadania**. São Paulo: Moderna, 2004.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.



EXPERIÊNCIA EM LEITURA LITERÁRIA NA BIBLIOTECA ESCOLAR

RAFAELA CANEZ CAMARGO¹; CRISTINA MARIA ROSA²;

¹Universidade Federal de Pelotas – rafaela.camargo.ufpel@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – cris.rosa.ufpel@hotmail.com

1. APRESENTAÇÃO

A literatura é fundamental para a formação do sujeito, e desde seu início, buscamos maneiras de levá-la aos alunos. De acordo com Lúcia Cademartori (2014):

É desejável que o livro ingresse na sala, nos primeiros anos, como um brinquedo e uma aventura com as palavras, que desperte a curiosidade dos pequenos e os estimule a pensar. Que as crianças mergulhem no livro e dele possam emergir como quem encontrou inesperadas maravilhas no fundo do lago. Ou ao cair na toca do coelho.

Porém, nos dias atuais, com a quantidade de informações que desde muito cedo nos é proporcionado conhecer através da internet e demais tecnologias que capturam e prendem a nossa atenção e interesse, ensinar a gostar de ler, gostar de livros e literatura é um grande desafio para os professores e demais atuantes da área. Na busca pelo ensino do gostar de ler, vem sendo disseminada a leitura literária que tem como objetivo primordial o prazer de ouvir/ler. Sobre o tema, Graça Paulino (2014) afirma que:

A leitura se diz literária quando a ação do leitor constitui predominantemente uma prática cultural de natureza artística, estabelecendo com o texto lido uma interação prazerosa. O gosto da leitura acompanhando seu desenvolvimento, sem que outros objetivos vivenciados como mais importantes, embora possam também existir.

Para incentivar esse tipo de leitura, não basta simplesmente aconselhar a ler. É necessário despertar o desejo e o gosto por ler no aluno. E, para isso, o professor deve tornar-se um mediador de leitura. De acordo com Yolanda Reyes (2014), “Os mediadores de leitura são aquelas pessoas que estendem pontes entre os livros e os leitores, ou seja, que criam condições para fazer com que seja possível que um livro e um leitor

se encontrem.” Para exercer esse papel, o professor precisa ser um leitor: conhecer as obras, autores atuais ou clássicos e, a partir do contato e conhecimento de seu grupo de “leitores aprendizes”, escolher quais obras levar ao seu encontro.

Desde 2010, está em vigor no Brasil a Lei nº 12.224, de 24 de maio de 2010 que dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Nela, apenas quatro artigos: o primeiro indicando sua obrigatoriedade; o segundo, seu conceito e a obrigatoriedade de um acervo com no mínimo, um título para cada aluno matriculado; o terceiro indicando o dever da universalização das bibliotecas escolares no prazo máximo de dez anos; o quarto com a data de sua publicação. No entanto, a comunidade escolar, em geral, não tem usufruído desse espaço em sua totalidade. Ela tem tido a função de depósito de livros ou materiais e, algumas vezes, de alunos, ao ser local de “castigo” por mau comportamento. No entanto, ela deveria ser um “ambiente pedagógico para informação, letramento e fruição” de acordo com Neves e Ramos (2010).

No ano de 2016 o Grupo de Estudos em Leitura Literária – GELL – da Faculdade de Educação da UFPel, foi convidado a organizar a biblioteca de uma escola estadual localizada na periferia de Pelotas. Chegando lá, houve a necessidade de restaurar o espaço, a fim de torná-lo adequado a seu objetivo: “desenvolver e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem”, bem como criar vínculos que possibilitem usufruir “da biblioteca ao longo da vida” (IFLA, 1999). Para chegar a este fim, redecoramos o lugar, organizando-o em setores e buscando torná-lo um lugar onde fosse agradável habitar, um local com ambiência, que é “conforto, adequação, funcionalidade, beleza” (Drumond *et al.*, 2000, p 9). Percebemos, com essas ações, que “tornar os ambientes de leitura mais atrativos e acolhedores é uma grande estratégia para cativar novos leitores” (Rosa *et al.*, 2017), logo, tornando a biblioteca um espaço agradável e que proporciona curiosidade, ela faz parte do processo de mediação à leitura.

Tendo esse objetivo em vista, realizamos o restauro do ambiente e, no dia 25 de novembro de 2016, a biblioteca foi inaugurada. A sala de 100m² tornou-se, com o reposicionamento dos móveis, uma sala de estudos para estudantes e professores possuindo ainda, uma recepção, um mini auditório e um espaço infantil. A ideia desta organização é a presença de crianças e adolescentes na biblioteca, individualmente, em grupos ou acompanhados e durante o recreio ou no turno inverso ao da escolarização.

Neste ano de 2017, o GELL assumiu o compromisso de realizar, na biblioteca restaurada, o projeto “Leitura Literária na Escola”. Assim, entre os meses de abril a outubro, em duplas, nos responsabilizamos por turmas para a leitura. A mim coube – junto com a colega Cláudia – ler para três turmas de estudantes que frequentam o 5º ano. Eles pos-



suem entre 10 e 14 anos e são interessados e curiosos. O projeto ocorre em escolas da rede pública de Pelotas, nas quais duplas ou trios de licenciandos em Pedagogia realizam, semanalmente, um momento de leitura literária com uma ou mais turmas, com o objetivo de proporcionar a aproximação destes discentes com a literatura.

2. DESENVOLVIMENTO

A preparação para a leitura para os três 5º anos da escola teve início com a seleção de textos literários: poesias contidas no livro *Ou Isto, Ou Aquilo*, de Cecília Meireles e *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato. Os dois autores – Meireles e Lobato – foram escolhidos a fim de proporcionar o contato dos discentes com obras brasileiras. Além delas, ocasionalmente, eram lidas outras histórias e, como exemplo, cito o conto universal da “Dona Baratinha”, personagem que aparece nas histórias do *Sítio do Pica-pau Amarelo* criado por Lobato e *Fiz voar meu chapéu*, conto de Ana Maria Machado. Por ser longa, a obra de Lobato foi lida em capítulos e, com esse formato de leitura, a curiosidade em saber a continuidade da trama auxiliou na conquista da atenção dos alunos.

Entre os procedimentos de leitura escolhemos: a) colocar os alunos em roda no espaço da biblioteca; b) iniciar o momento com um diálogo; c) realizar a leitura dos textos, mantendo o diálogo entre elas; d) priorizar a atenção dos discentes. Como cada uma das turmas apresenta reações diferenciadas, foi necessário ter ‘flexibilidade’ no trato com elas. Uma das características do projeto é a leitura enfática, teatral, realizada com entonação, expressões faciais e corporais, de forma a transmitir o que se passa na história.

O espaço da biblioteca é propício à leitura e, o fato da turma sair da sala de aula tradicional e ir para a biblioteca proporciona uma experiência diferenciada. Lá, os alunos mostravam-se ‘em casa’, sentindo-se à vontade. Assim, a biblioteca escolar ambientada, adequada ao deleite e à escuta, cumpre seu papel quando, por exemplo, é usada por outros professores e seus estudantes ao mesmo tempo em que estamos realizando as leituras. Por ter sido organizada em nichos, o uso de uns não impede outros projetos em andamento.

No entanto, algumas dificuldades interferiram no bom andamento do projeto durante o ano de 2017, entre elas, liberação dos estudantes antes do horário final das aulas devido a reuniões escolares ou chuva, paralisações do corpo docente e até por falta de



servidores da limpeza. Nem sempre éramos antecipadamente avisadas do que ocorreria, tornando a ida à escola inútil. Impedidas de realizar as leituras naquelas ocasiões, o projeto teve pouca periodicidade. Entre os ouvintes, essas interrupções dificultaram o acompanhamento das tramas, uma vez que não lembravam do que ocorrera na leitura anterior. Percebemos que desse modo, sem periodicidade, o vínculo entre mediador e aluno não se fortalecia. Além disso, o espaço físico da biblioteca não estava sendo bem cuidado, já que percebíamos que o local não era limpo adequadamente. Houve um encontro em que a bolsista “passou uma vassoura” no local, a fim de torná-lo melhor para a mediação de leitura. Ainda não finalizado – leitura não concluída e falta da despedida dos alunos – devido à decisão dos professores pela greve do magistério estadual, o projeto aguarda o retorno às aulas para as conclusões.

3. RESULTADOS

Apesar das dificuldades e pouca periodicidade, o projeto teve resultados, os quais foram percebidos durante os encontros e nos relatórios elaborados, ao fim de cada um dos encontros, por mim e pela colega Cláudia. Entre os ganhos, uma particularidade no que concerne ao vocabulário dos textos escolhidos para leitura: em um dos dias, algumas palavras de compreensão não imediata foram lidas. Incorporadas ao texto original, despertaram a curiosidade nos alunos. Imediatamente, sugerimos que buscassem tais palavras no dicionário e, sem relutar, o fizeram como uma brincadeira de caça ao tesouro. Percebemos que a busca por conhecimento ocasionada a partir da leitura deleite, foi espontânea e sem obrigação.

Em outro encontro, um menino, que demonstrava estar desinteressado na leitura e concentrado em fugir do local mesmo que mentalmente, foi instigado por mim e pela Cláudia a estar mais perto. Apesar de insistir em não realizar essa ação, após alguns argumentos, cedeu e ficou junto à roda de leitura, com os demais. Esse dia ocorreu depois de algumas semanas sem leituras, e com isso, foi necessário relembrar os acontecimentos de *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato. Ao questionar a turma sobre o que guardavam em sua memória sobre as histórias lidas anteriormente, o menino aparentemente “desinteressado” usou da palavra, mencionando detalhes de situações ocorridas nas leituras. Percebemos, então, que apesar de apresentar uma postura contrária à leitura – cara fechada e declarações de não agrado – ele havia escutado com atenção o desenrolar dos acontecimentos na trama do *Sítio do Picapau Amarelo* e sabia relatar o ocorrido.

4. AVALIAÇÃO

Apesar das dificuldades encontradas, o projeto concretizou seu objetivo: proporcionar aos discentes – estudantes dos quintos anos do ensino fundamental – nessa escola pública de Pelotas, a aproximação ao mundo literatura, através de momentos de leitura literária.

Um importante ponto que integra a avaliação é a elaboração do “diário de campo”, uma tarefa acadêmica organizada pela orientadora e cumprida por nós, estudantes de ensino superior, no qual detalhes e a memória do ocorrido estão presentes, permitindo a reflexão sobre a ação de extensão.

O impacto da obra de Monteiro Lobato entre os estudantes, na integralidade, ainda não pode ser descrito, exatamente pela pouca periodicidade das leituras na escola para os 5º anos. No entanto, posso afirmar que é viável a leitura, o que indica que a obra desse escritor brasileiro mantém atualidade e longevidade como característica.

5. REFERÊNCIAS

CADEMARTORI, Lúgia. **Literatura Infantil**. In: Glossário CEALE: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014.

DRUMOND, V.; SOUZA, R.; GARCIA, A.; SILVA, M.; CAMPOS, P. Análise e reestruturação de espaço físico em bibliotecas: Estudo de caso da situação funcional e administrativa da biblioteca da EA/UFMG - proposição de soluções emergenciais. In: **Análise e reestruturação de espaço físico em biblioteca: espaço físico e administrativo**. Documento. Belo Horizonte: EA/UFMG, 1997. 22p. Disponível em <snbu.bvs.br/snbu2000/docs/pt/doc/t110.doc>. Consulta em: 10/09/2017

IFLA. **Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar**. Tradução de Neusa Dias Macedo. São Paulo, 2000. Disponível em <<http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>>. Consulta em 08/09/2017.

NEVES, N. V.; RAMOS, F. B. O espaço da Biblioteca Escolar: análise das condições de mediação de leitura. In: **Congresso Internacional de Filosofia e Educação**. Eixo Te-



mático: 08 - Educação e Linguagem. Caxias do Sul: UCS, 2010. Disponível em <<https://www.ucs.br/ucs/tplcinfe/eventos/cinfe/programa/atual.pdf>>. Consulta em 11/10/2017.

PAULINO, Graça. **Leitura Literária**. In: Glossário CEALE: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014.

REYES, Yolanda. **Mediadores de Leitura**. In: Glossário CEALE: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014.

ROSA, C.M.; AZEVEDO, I.M.K.; CAMARGO, R.V.; NUNES, A.S.C. Biblioteca Escolar: espaço urbano de formação do leitor. **Anais**. V Congresso Internacional de Literatura Infantil e Juvenil do CELLIJ. Presidente Prudente, SP: UNESP, agosto de 2017. Disponível em <<http://www2.fct.unesp.br/congresso/cellij/>> Consulta em 08/10/2017.



INFÂNCIAS PERIFÉRICAS: A ESPERANÇA ATRAVÉS DA FRONTEIRA

RENATA BEHLING DE MELLO¹; BRUNA BORGES RODRIGUES ²;
TATIANI MÜLLER KOHLS³; EWERTON DE MELLO SANTOS⁴;
FELIPE DA SILVA MARTINS⁵; DENISE MARCOS BUSSOLETTI⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – behlingrenata@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – brubsrodriguesr13@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – tatianimuller@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – ewertonmello.s@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – felipedasmartins@hotmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – Orientadora – denisebussoletti@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

Esse trabalho é fruto de uma ação de extensão desenvolvida em uma escola de ensino fundamental, da rede pública de ensino da cidade de Pelotas-RS, através do intercruzamento das atividades do Núcleo de Arte, Linguagem e Subjetividade (NALS) com o Programa de Educação Tutorial – PET Fronteiras: Saberes e Práticas Populares, da Universidade Federal de Pelotas. O NALS é um projeto de extensão que busca integrar pesquisa e ensino, aliando experimentação artística e práxis pedagógica. O núcleo desenvolve suas ações desde 2008 e possui como pressuposto a construção de conhecimentos nos marcos da educação do sensível. Nesta perspectiva, enfoca as estéticas periféricas e os novos sujeitos do discurso que pela arte possam emergir como porta-vozes da cultura, contribuindo para a descentralização das diferentes formas de poder letradas e apontando para um novo olhar sobre a realidade social (BUSSOLETTI, VARGAS, 2014). Já o PET Fronteiras é um programa de ensino, articulado com a pesquisa e extensão que atua buscando a troca de conhecimentos entre as comunidades populares urbanas e a universidade, sustentando-se por uma proposta de educação voltada à diversidade social e cultural, em defesa dos direitos humanos (PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL, 2012).

Desse modo, atuamos através da extensão enquanto instrumentalizadora de um processo dialético entre teoria e prática, através de um trabalho interdisciplinar que busca favorecer uma visão integrada do social e viabilizar a relação transformadora entre a universidade e a sociedade. Assim, pretendemos neste trabalho apresentar a atividade de extensão desenvolvida em uma escola da rede municipal de ensino, com crianças do 4º ao 6º ano e as reflexões que dela emergiram.

2. DESENVOLVIMENTO

Ao longo da proposta da oficina, visamos em nossas ações executar atividades que levassem a reflexões sobre diversidade, cultura, identidade, direitos humanos e a possibilidade de outras pedagogias que possam ser sensíveis a complexidade destas questões na contemporaneidade (BUSSOLETTI; VARGAS, 2012; 2013; 2014). Considerando isto o desenvolvimento da oficina teve como eixo a confecção da “trama dos sonhos” metodologia que começou a ser desenvolvida através de outro projeto de extensão denominado Dicionário dos Sonhos (KOHLS; BUSSOLETTI, 2016; KOHLS; et al, 2016).

A oficina foi desenvolvida com 35 crianças entre 10 e 12 anos e coordenada por três extensionistas. As crianças foram solicitadas a se disporem inicialmente em uma roda e logo após a apresentação de cada um dos integrantes a instrução era de que na medida de sua vontade compartilhassem seus sonhos.

Utilizamos um novelo de lã e uma integrante do grupo começou segurando o novelo, se apresentando e falando sobre seu sonho, ao terminar sua apresentação, segurando o fio do novelo o jogou para a próxima a se apresentar, e assim até que todos haviam participado da dinâmica, sempre segurando o fio do novelo. Ao término desse primeiro momento da dinâmica, perguntamos às crianças o que significava para elas o que haviam construído com os fios. Uma das imagens sínteses utilizada pelas crianças afirmou que a trama de apresentações feita com o novelo de lã “representava nossos sonhos e que deveríamos segura-los até realizar”.

Figura 1. Oficina Trama dos Sonhos



Fonte: Arquivo NALS, Pelotas 2017.

Desse modo, através de procedimentos lúdicos almejamos acessar a (re)produção dos significados culturais do grupo o qual aquelas crianças fazem parte, e ter acesso a visão de mundo destas. Compreendemos essa ação como uma possibilidade de acesso às gramáticas das culturas e representações infantis (SARMENTO, 2005). Para tanto a proposta da oficina possui como base conceitual a noção benjaminiana de sonho como alegoria (BENJAMIN, 2013) articulado ao “princípio da esperança” formulado por Ernest Bloch (2005).

3. RESULTADOS

Diante dessa experiência, apresentamos como resultados a possibilidade de refletir sobre as infâncias e seus sonhos na contemporaneidade. Segundo a perspectiva alegórica as infâncias e os seus sonhos podem ser apreendidos, em outra formulação benjaminiana, como crítica da cultura. Reafirmamos o entendimento de que quando a expressão dos desejos e dos sonhos é negada pela realidade (ROUANET, 2008) a esperança se mostra como resistência às diferentes manifestações da barbárie engendradas pelo capitalismo.

Compreendemos que as desigualdades sociais, políticas e econômicas oportunizam a continuidade de políticas nem sempre visíveis de extermínio das culturas infantis, ou da “holocaustização” da infância como aponta Bussoletti (2007), mas também por outro lado podem nos mostrar que a criança “ao interagir com o mundo inteiro como enigma, mostra que é possível desalojar palavras, respostas prontas, e que ações simples e lúdicas podem ter um poder de verdade absoluta” (BUSSOLETTI, 2007, p.19).

A proposta da oficina nos levou a consolidar a possibilidade de apreensão da infância como crítica da cultura, pois quando nos propomos a escutar uma criança, temos “[...] uma oportunidade de retomarmos, a partir do ângulo dela, um olhar crítico sobre o mal-estar da nossa cultura” (JOBIM E SOUZA, 2009, p. 120).

O sonho e a esperança de uma vida melhor foram às formulações que mais encontramos na trama que se formou com o novelo de lã na oficina. Ao olharmos para as crianças que vivem em zonas periféricas, erroneamente podemos pensar que elas não sonham. Mas sonham e esses sonhos possuem uma riqueza de significados. Neste sentido cabe apontar para uma Pedagogia que possa se aproximar destes sonhos e a sua pluralidade de significados.

A categoria da fronteira é um dos pressupostos da intervenção extensionista do NALS. Esta categoria fundamenta aquilo que os estudos culturais definem como uma



“pedagogia da fronteira” (Giroux, 1992), ou ainda no que McLarem (1999) denominou como sendo uma “identidade de fronteira” criada a partir da empatia [...] como forma de uma conexão passional através da diferença “na luta” contra a nossa falha em ver nosso próprio reflexo nos olhos dos outros” (MCLAREM, 1999, p.194-195).

Concluimos que urge pensar pedagogias que possam transitar por esse universo fronteiriço entre a realidade e o sonho, entre o sonho e a esperança. Pensar e ousar transitar pelas fronteiras teóricas e praticamente é uma forma de reafirmar a necessidade de pensarmos em propostas pedagógicas que abarquem as diferenças como um foco de aprofundamento ao enriquecimento da produção do conhecimento em sua ampla complexidade.

Enfim, o resultado de nossa oficina mais do que produtos, apontam caminhos, caminhos de reflexão e de necessidade de revermos na universidade a distância entre os nossos saberes e os sonhos e as esperanças das crianças. Entendemos que uma prática educativa emancipatória pode e deve cada vez mais ser realizada na universidade e para tal tarefa a extensão é ferramenta imprescindível.

4. AVALIAÇÃO

Através dos sonhos e das esperanças e das crianças, podemos buscar outra compreensão da realidade e um novo olhar crítico às coisas do mundo. Centralizar e problematizar o lugar da infância na contemporaneidade nos revelou o quanto aquilo que aparentemente se mostra como inacreditável, de outra forma pode também se apresentar como uma viagem a inúmeras possibilidades de significações. Isto nos suscita e nos convida a uma outra maneira de enxergar a realidade em que estas crianças enquanto sujeitos de direitos estão inseridas.

Acreditamos, assim, mais uma vez e concluindo, que trabalhar através da extensão no sentido do questionamento acerca do lugar da infância e suas representações é um caminho fértil que poderá nos permitir ampliar não somente o papel da educação hoje, como também pelas e através das crianças tratarmos de questões que emergem diante das adversidades da realidade. De nossa parte através da experimentação sensível, das reflexões e desassossegos que a ação extensionista proporcionou ampliar nosso papel enquanto universitários, enquanto futuros educadores conscientes de nossa responsabilidade social.



5. REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **Origem do drama trágico alemão**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BLOCH, E. **O Princípio Esperança**. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2005. V.I.

BUSSOLETTI, D. M.. **Infâncias Monotônicas** - Uma rapsódia da Esperança - Estudo psicossocial cultural crítico sobre as representações do outro na escrita de pesquisa. Porto Alegre, 2007. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

BUSSOLETTI, D. M.; VARGAS, V. **Leituras em Dramaturgia Teatral para a Diversidade**. Pelotas/RS: Editora e Gráfica Universitária UFPEL, 2012.

_____. Outras fronteiras em extensão. **Revista Expressa Extensão**, v. 18, n. 02, p.05-22, 2013.

_____. Por entre fronteiras de uma pedagogia que pauta a educação pelas artes gingando saberes e práticas populares. **Revista Extraprensa**, v.01, n. 14, p. 41-48, 2014.

GIROUX, H. **Border Crossing**. Nova York e Londres, Routledge, 1992.

JOBIM E SOUZA, S.. **Infância e linguagem**: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin. Campinas, SP: Papirus, 2009.

KOHL, T. M.; BUSSOLETTI, D. M.. Pensando as representações infantis através dos sonhos. In: **XVIII ENPOS - Encontro de Pós-Graduação, 2016, Pelotas. XVIII ENPOS - Encontro de Pós-Graduação, 2016**.

KOHL, T. M.; BARBOSA, R. D.; MARTINS, F. S.; KRÜGER, L. C.; BUSSOLETTI, D. M.. Dicionário das crianças: uma possibilidade de significados para representações. **Conexões Culturais - Revista de Linguagens, Artes e Estudos em Cultura**, v. 2, p. 276-282, 2016.



MCLAREN, P. **Multiculturalismo Crítico**. São Paulo: Cortez, 1999.

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL - PET FRONTEIRAS: Saberes e Práticas Populares, Universidade de Federal de Pelotas, 2012.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, 2005.

ROUANET, S. P. **Édipo e o Anjo**: Itinerários freudianos em Walter Benjamin. 3ªed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2008.



GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA – UMA PERSPECTIVA SOBRE AS ATIVIDADES DO PIBID UFPEL E A FORMAÇÃO DOCENTE

RENATA CABRAL DE OLIVEIRA¹; BRENDA RODRIGUES²;
PEDRO DE MOURA³; ANA KLEIN⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – renata-rco@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – brendadsrodrigues@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – mooura@live.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – anaiklein@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho busca fazer uma reflexão acerca das atividades desenvolvidas no PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) interdisciplinar da Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora dos Navegantes, e de que forma estas atividades contribuem para a jornada do docente em formação.

A escola está localizada na rua Zumbi dos Palmares, no bairro Navegantes II e está inserida na região periférica da cidade de Pelotas – RS. Pensando nesse contexto, foi realizado o projeto “Navegar é preciso: O preconceito no ambiente escolar, a escola objeto de preconceito social”. Este projeto foi consolidado em 2016 e foi sendo construído pelos bolsistas, pela coordenadora e supervisoras desde 2014. Como objetivo geral, pretende promover atividades no ambiente escolar que sejam capazes de combater preconceitos que ocorram na escola ou que sejam direcionados a escola.

Por meio de leituras temáticas, foram formados 4 grupos para trabalhar a questão de preconceito na escola, são eles: O Preconceito na Mídia, Preconceito Étnico Racial na Escola, Preconceito e Gênero na Escola, Preconceito e Periferia. Este trabalho terá enfoque no grupo denominado Preconceito e Gênero na Escola. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é apresentar estas atividades e pensar nos desdobramentos na vida do professor em formação.

2. DESENVOLVIMENTO

Desde 2014 o grupo interdisciplinar do PIBID da Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora dos Navegantes vem trabalhando em conjunto para a construção de um projeto que combata o preconceito na escola.

Para isto, foram realizadas leituras e diagnósticos para a aplicação de atividades capazes de suprir os desejos do projeto. O grupo interdisciplinar atualmente é formado por cerca de 17 bolsistas de diversas áreas, como da Geografia, da Educação Física, da Letras, da Dança, por exemplo. Estes bolsistas estão divididos em subgrupos que trabalham o preconceito na escola. Estes subgrupos já foram mencionados na apresentação, porém no momento apenas 3 estão em atividade, são eles: Preconceito e Gênero na Escola, Preconceito e Periferia e Preconceito Étnico Racial na Escola. O presente trabalho focará nas atividades desenvolvidas pelo grupo de Preconceito e Gênero na Escola.

Tendo em vista que um dos temas transversais propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, que foram construídos a partir do Plano Nacional de Educação (PNE) é Orientação Sexual, o grupo de Preconceito e Gênero na Escola busca por meio de suas atividades promover a reflexão crítica desse tema. Muitas vezes esse tema, como os outros temas presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (Meio Ambiente, Saúde, Ética, Pluralidade Cultural, Trabalho e Consumo) não aparecem de forma explícita nas disciplinas, mas se atravessam por todas as áreas de alguma forma.

Finalmente, dentre as atividades atualmente desenvolvidas pelo grupo de Preconceito e Gênero, podem ser citadas: Atividade do Balão, Atividade do Manequim e Atividade da Música. Todas atividades tem como propósito discutir com os alunos preconceitos que são construídos culturalmente. De forma geral, a Atividade do Manequim, por exemplo, busca discutir se há forma certa de se vestir, por qual razão há vestimentas masculinas e femininas. Na Atividade da Música é possível discutir as mensagens sexistas, homofóbicas, lesbofóbicas, transfóbicas, presentes nas letras de músicas. Na Atividade do Balão, são inseridas questões sobre a temática dentro de balões para discussão com os alunos.

3. RESULTADOS

É possível perceber, que as atividades são importantes para os alunos, pois por meio delas é possível discutir assuntos pertinentes para a construção da cidadania. E é perceptível que estas atividades exercem impacto sob aqueles que são responsáveis por ministrá-las. Segundo NÓVOA (1992, p. 25):

“A formação deve estimular uma perspectiva reflexivo-crítica, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo que facilite as dinâmicas de autoformação participada. Estar em formação implica



um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e projetos próprios; com vista à construção de uma identidade que é também uma identidade profissional.”

Desta forma, o licenciando se aproxima da escola e encontra desafios e questões que irão transformá-lo e auxiliar na formação de uma identidade. A cada nova interação com a escola e com os alunos a perspectiva de formação profissional e pessoal é alterada. A prática é associada à teoria, as atividades são baseadas na ação, e esta não é dissociada de base teórica e discussões no grupo interdisciplinar.

4. AVALIAÇÃO

Percebe-se que o PIBID Interdisciplinar da Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora dos Navegantes, por meio de suas atividades pautadas no projeto “Navegar é preciso: O preconceito no ambiente escolar, a escola objeto de preconceito social” é capaz de impactar a formação de professores, colaborando na construção de uma identidade profissional e pessoal, aproximando a universidade da escola e unindo a teoria à ação.

5. REFERÊNCIAS

BOCHNIAK, Regina. **Questionar o conhecimento: interdisciplinaridade na escola**. São Paulo: Loyola, 1992. 147p.

CHAMUSCA, Anelise; BRANDT, Elisa; HENRIQUES, Ricardo. **Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos**. Cadernos SE-CAD, n. 4, Brasília, maio de 2007.

CROCHIK, J. L. (1995). **Preconceito, indivíduo e cultura**. São Paulo, SP: Robe.

GUSMÃO, N. M. M. (2000). **Desafios da Diversidade na Escola**. Revista Mediações, Londrina, v. 5, nº2, p. 9-28, julh./dez.



Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Fundamental (SEF). **Parâmetros Curriculares Nacionais - terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998d.

NÓVOA, A. **Os professores e sua formação**. Lisboa; Publicação Dom Quixote/IIE, 1992.

RAMALHO, B.L. A formação inicial e a definição de um modelo profissional. In: **ENCONTRO DE PESQUISA DO NORDESTE**, 1. Natal, 1998.



SINDICATOS NO BRASIL: UMA ABORDAGEM NO ENSINO MÉDIO

SAMIRA MARQUES DA SILVEIRA¹; VERA LÚCIA DOS SANTOS SCHWARZ²

¹Samira Marques da Silveira- UFPEL 1 – silveiramarquess@gmail.com

²Vera Lúcia dos Santos Schwarz – vlsschwarz@gmcil.com

1. APRESENTAÇÃO

O tema abordado nesse artigo tem relação com o uso das tecnologias em sala de aula no Ensino Médio, nas aulas de Sociologia, em especial no Instituto Federal Sul Rio-grandense, campus Cavg onde realizei a disciplina de estágio. Durante o estágio foi notado que no andamento das aulas, muitos alunos fazem uso de celulares.

Deste modo, o artigo dirige como pode ser trabalhado pedagogicamente o uso dos celulares trazidos pelos alunos à sala de aula, para uma aula muito mais produtiva, mais crítica, que traga melhor ao aluno reflexões sobre a temática aplicada pelos professores. A proposta de como trabalhar esta abordagem no ensino médio fundamenta-se com o exercício da reflexão crítica sobre a prática é uma exigência da relação entre a teoria e a prática na qual evitamos o ativismo e o discurso descolado da realidade objetiva (FREIRE, 1997, p.24) e, finalmente, o entendimento de que as mudanças desejadas na educação escolar dependem da construção coletiva, democrática e autônoma de seus projetos (PARO, 2001).

2. DESENVOLVIMENTO

O ponto de partida da pesquisa foi analisar o que alunos, gostariam de usar em aula, com isso aplicamos um questionário, no qual eram abordadas perguntas como: Que tipo de aula prende sua atenção? a) vídeos curtos b) expositiva dialogada c) trabalhos em grupo d) uso de imagens e textos; com isso eles poderiam marcar mais de 1 alternativa. Assim fizemos o traçado da turma, lembrando que cada turma tem seu perfil, com isso a ideia deste artigo é propor que cada professor use o método de questionário para conhecer melhor o educando. Com isso foi concluído que gostavam, de imagens e vídeos duas coisas que seriam de fácil acesso pelo celular desde que este tivesse rede de internet.



Concretamente, o projeto político-pedagógico das unidades escolares que ofertam o Ensino Médio deve considerar: VIII – utilização de diferentes mídias como processo de dinamização dos ambientes de aprendizagem e construção de novos saberes (Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio 4/5/2011 - Projetos Políticos Pedagógicos/Cap. VIII).

Essa consideração registrada pelas Diretrizes Curriculares destaca a necessidade de análise das tecnologias em sala de aula, não apenas as que as escolas disponibilizam, mas também as que os educandos usam durante as aulas como os celulares assim formando a construção de novos saberes. O livro Sociologia Crítica de Pedrinho A. Guareschi, em seu capítulo: Os aparelhos ideológicos dos sindicatos, tem uma abordagem de fácil entendimento sobre o que é sindicato e os sindicatos no Brasil, junto deste capítulo foi trabalhado em sala de aula vídeos sobre a Greve dos Sindicalistas no ABC Paulista e a cronologia da trajetória sindical no Brasil. a ideia era apresentar aos educandos conceitos e origens do Sindicalismo no Brasil, trazer a luta dos trabalhadores urbanos e rurais por conquistas trabalhistas, que perduram até hoje.

Assim fazer com que os educandos reflitam sobre a situação dos trabalhadores e a importância destas instituições. Em suma a primeira aula do tema, foi uma abordagem expositiva e após um diálogo de 15 minutos finais que buscava captar o entendimento do tema por parte dos educandos. Depois de tratado o tema de forma expositiva e com uso de mídias, fizemos a seguinte proposta: em grupos de 4 alunos deveriam fazer um mini vídeo em seus celulares, explicando o funcionamento dos sindicatos, poderiam escolher de forma aleatória, porém o vídeo deveria ser criativo e que trouxesse a realidade dos trabalhadores e sindicalistas, quais seriam as formas de mobilização de cada categoria e quais as conquistas.

3. RESULTADOS

Através do questionário aplicado em sala com os alunos, algumas opiniões foram citadas como boas em abordagem dos conteúdos em sala de aula: “ músicas para ouvir relacionadas ao tema a ser estudado, imagens, notícias atuais ou da época estudada, vídeos aulas, fotografias (questionário realizada em 2015, com alunos do 3º ano do Ensino Médio e técnico – integrado do IFsul turma 305, questionário aplicado para o desenvolvimento das aulas do estágio docente).



Trazendo, uma pequena sinopse do que foi o resultado dos trabalhos propostos e como os educandos desenvolveram as atividades, como citado acima o uso do celular para gravar vídeo aula, e mostrar aos colegas Sindicatos e lutas sociais de cada um.

- O primeiro grupo resistiu ao uso de novas tecnologias e fez uma apresentação expositiva sobre o sindicato dos rodoviários de Pelotas, trouxeram aspectos como história de luta e como é caracterizada as greves e piquetes quando os associados são chamados.

- O segundo grupo, fez um vídeo onde um aluno apenas apareceu, este mencionou o sindicato dos bancários em uma abordagem geral e sem caracterizar um local específico de atuação. Terceiro grupo fez uma abordagem em modo slides e cada componente do grupo fez sua fala, sobre o SENAR – (SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM RURAL), pois estes alunos estiveram em uma feira de tecnologias e gostaram da abordagem da instituição, mas ela não caracteriza sindicato.

- Chegando no quarto grupo, sobre sindicato rural, composto por 4 meninos, trouxeram em um pendrive um vídeo feito pelo celular, este vídeo foi gravado no próprio IFSUL – CAVG. Os alunos estavam no meio da plantação da escola, com material de uso rural, e um dos alunos se dizia ser do sindicato e queria levar os demais para uma assembleia e também fazer com que eles se integrassem ao sindicato, alegando melhorias para a vida rural, um dos alunos que se fazia passar por agricultor analfabeto sem perspectiva de vida dizia ao “homem” do sindicato que pra ele não fazia diferença que a comida que ele ganhava para trabalhar era o suficiente e que não precisava de um sindicato. Finalizando o vídeo eu perguntei porque eles abordaram tal sindicato e com aquele método com aquelas palavras que representavam o agricultor. Com conhecimento de causa os 4 falaram muito bem sobre a vida no campo e como são explorados os agricultores que trabalham por comida e moradia, onde muitos são submetidos a trabalhos análogos a escravidão, tema também que abordamos em sala de aula.

As aulas sempre foram feitas em modo de roda, muitas vezes realizada na árvore na frente da sala, pois se tratando de uma escola rural a maioria dos professores ocupa esses espaços, sempre sentei junto a eles para não demonstrar uma hierarquia, assim eles conseguiam me olhar nos olhos e assim a conversa fluía de uma maneira própria para aprendizagem.

4. AVALIAÇÃO

Percebe-se que o diferente que é um tanto quanto mencionado na academia e até mesmo entre os alunos tornasse assustador quando se é permitido elaborar, dos grupos acima mencionados apenas um deles inovou, e obviamente este levou todos a uma surpresa, tema abordagem do tema como um problema social, algo de se pensar, pois afeta o dia a dia.

Os conteúdos desenvolvidos através de metodologias diferenciadas e relacionando com o cotidiano dos alunos, torna uma reflexão de como os docentes devem trabalhar em sala de aula, conhecer os alunos e fazer sempre uma abordagem dentro da realidade, fara com que os educandos se tornem mais interessados em estar dentro da sala de aula, e neste caso na sala de sociologia, onde geralmente o desinteresse em ensinos técnicos é notável.

5. REFERÊNCIAS

BRITO FILHO, **José Claudio Monteiro de Direito Sindical**. 3.ed. São Paulo: 2009.

FREIRE Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Sociologia Crítica**: alternativas de mudança.

MONTANÔ, **Carlos Estado, classe e movimento social**. 3.ed. São Paulo: Cortez 2011

<http://www.sintet.ufu.br/sindicalismo.htm> acesso em 05/3/2016 às 13hs.

PARO. Vitor Henrique. **Administração escolar e qualidade do ensino: o que os pais ou responsáveis têm a ver com isso?** In: PARO, Vitor Henrique. Escritos sobre educação. São Paulo: Xamã, 2001, p. 101-112.



UM OUTRO OLHAR SOBRE A DITADURA CIVIL-MILITAR: CINEMA, FUTEBOL E HISTÓRIA.

SINARA VEIGA FAUSTINO¹; CAROLINE SILVA²; ELIZA SILVA³;
MARIA CAROLINA SOUZA⁴; WILLIAM HALFEN⁵; EDGAR ÁVILA GANDRA⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – veigasinar@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – carsiucarou@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – eliza-mellosilva@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – mariacarolinapsneta@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – williamhalfen24@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – edgargandra@yahoo.com.br

1. APRESENTAÇÃO

O objetivo deste trabalho é apresentar a atividade intitulada “Os militares em campo: futebol e ditadura no Brasil”, elaborada pelo subgrupo de pesquisa e atuação Ensino de História: Ditadura Militar, integrante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), área de História, da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). É digno de destaque que um dos propósitos do referido Programa é aproximar os alunos de licenciatura ao futuro ambiente de atuação, dessa forma o PIBID-História UFPEL possibilita, no nosso entender, a conexão entre a Universidade e escolas da rede pública municipal e estadual da cidade de Pelotas-RS, e é nessa perspectiva que a oficina em tela está inserida.

A atividade, que nos propomos, trabalha mais especificamente com a ditadura civil-militar no Brasil, tendo como objetivo criar um espaço de reflexão sobre o período entre os estudantes. Por se tratar de um conteúdo histórico recente e ser um tema sensível foi necessário pensar antes de tudo em maneiras de abordar o assunto. O curto distanciamento temporal e os debates gerados principalmente em torno de memórias e perspectivas conflitantes geraram fortes discussões, assim, a docência deve ter em sua formação a orientação teórica e metodológica que possibilite um olhar crítico com a temática trabalhada.

Portanto, além de ser um importante instrumento de aproximação dos alunos da graduação com o seu futuro ambiente de trabalho, essa atividade permite debates importantes e necessários tanto em sala de aula como em toda a sociedade. A prática extensionista oportuniza que o público externo à universidade se inteire da pesquisa feita pelos graduandos.

A Universidade, para estar integrada na comunidade, deveria dialogar e estar aberta a ela. Acreditamos que o conhecimento gerado precisa ser compartilhado e discutido em todas as áreas da tessitura social brasileira. As escolas públicas, na maioria das vezes, carecem de investimentos e de incentivos para os alunos, e as atividades do PIBID História buscam unir o conteúdo trabalhado com debates e reflexões, propondo um espaço crítico importante para a construção de ideias. No subgrupo de pesquisa e atuação intitulado Ensino de História: Ditadura Militar já integraram diversos alunos que continuaram sua pesquisa no tema na graduação e além dela, sendo assim um importante meio de construção e difusão de conhecimento.

2. DESENVOLVIMENTO

A metodologia da atividade foi pensada a partir da discussão do referencial teórico, procurando unir debates e reflexões sobre a temática, mas de uma forma que despertasse a atenção dos estudantes e não tornasse a atividade monótona, optamos, então, por um cine-debate. Para atender turmas de Ensino Médio, a atividade foi dividida em quatro etapas. Primeiramente, é empregado o recurso audiovisual, o documentário “Memórias de Chumbo - O Futebol nos Tempos do Condor, Brasil” é exibido, desempenhando a função de gerador de debates. Após o fim do documentário são distribuídas duas folhas contendo questionamentos com o objetivo de estimular reflexões acerca do assunto trabalhado no documentário focando, principalmente, na questão do futebol como propaganda política do governo militar.

Em um terceiro momento se inicia uma discussão em pequenos grupos e após no grupo maior, trazendo a questão anterior como fomentador principal, abrindo espaço para novas colocações e dúvidas. Segundo KORNIS (BITTENCOURT 2008) existem, de modo geral, três aspectos fundamentais na análise de um filme: elementos que constroem o conteúdo do filme, como roteiro, fotografia, direção e atuação dos atores; contexto político e social da produção, incluindo nesse item a censura; e a recepção do filme e audiência, levando em consideração a crítica e a reação do público, de acordo com idade, sexo, classe e seu ambiente de preocupações.

Foi importante esclarecer algumas informações relevantes para o debate, como o contexto histórico em que o processo descrito está inserido - para que não ocorressem confusões - enfatizando aspectos como o papel da mídia nesse cenário político e social como instrumento de propaganda, práticas repressivas adotadas no período, o papel do

futebol nas questões políticas e, por fim, as memórias da ditadura. No encerramento da atividade, é solicitado aos participantes o preenchimento de um formulário avaliativo, a fim de captar as percepções e sugestões dos alunos, como meio de qualificar experiências futuras.

3. RESULTADOS

A atividade continua sendo aplicada nas escolas, sendo solicitadas pelos próprios professores da área de História, analisando as respostas colhidas a partir de questionário aplicado em duas escolas já é possível constatar alguns aspectos da oficina. De acordo com os estudantes, a discussão sobre o tema foi interessante e bem recebida, abrindo espaço para a construção de um debate mais profundo, além de possibilitar uma maior aproximação com os estudantes e uma melhor compreensão de práticas em sala de aula (Tabela 1). Essa atividade foi realizada no Colégio Estadual Félix da Cunha, em uma turma de 3º ano do Ensino Médio, e na E.E.E.M. Santa Rita, em turma de 3º ano do Ensino Médio.

Tabela 1: Avaliação dos alunos participantes das oficinas

Classificação da oficina	Ótimo 14	Bom 10	Ruim 0
Maior aprendizagem sobre o tema proposto	Sim 21	Não 3	
Aspectos negativos e positivos da atividade	POSITIVOS - Debate; - Possibilidade de expressar opiniões; - Ampliação dos conhecimentos sobre o tema	NEGATIVOS - Questões e imagens relativas à tortura, mostradas no documentário.	

4. AVALIAÇÃO

O grupo disciplinar PIBID Historia UFPEL pôde constatar, após a aplicação de duas oficinas, como é significativo para o processo de ensino-aprendizagem abrir espaços para debates sobre o tema, além de haver um grande crescimento no que diz respeito à experiência e contato com a escola e os estudantes.



A escolha por um cine-debate foi válida, a produção fílmica mostrou sua importância na construção de um conhecimento histórico a partir da década de 1970 (ABUD 2003). Por meio do questionário distribuído ao final da atividade em uma das escolas, foi possível constatar que a proposta foi bem recebida e a metodologia usada conseguiu atingir seu objetivo de gerar um debate aberto para a expressão da opinião dos alunos e reflexão acerca do tema. O cine debate gera discussões importantes para temáticas como direitos humanos, cidadania, confirmando também o compromisso com a defesa da democracia (GASPAROTTO; PADRÓS, 2010).

O documentário possibilitou aos estudantes uma melhor compreensão trabalhando a temática de forma mais palpável, mostrando ser um recurso didático interessante para o Ensino de História (SOUZA; SARMENTO, 2011). Nesse sentido, como cita Bittencourt (2008) a utilização de filmes por docentes da área de História não deve objetivar apenas a ilustração do tema estudado, antes é necessário planejar uma proposta didática, escolhendo o filme com cuidado e preparando os estudantes para recebê-lo com um olhar crítico.

Atualmente, pesquisadores que trabalham com tal temática reconhecem a validade do recurso audiovisual, bem como frisam a importância de compreendê-lo em suas especificidades, isto é, enquanto material dotado de uma linguagem própria, que não possui como objetivo a reprodução fiel de acontecimentos históricos – elemento que merece atenção tratando-se do gênero documentário (NAPOLITANO, 2003).

5.REFERÊNCIAS

ABUD, Katia Maria. **A construção de uma Didática da História:** algumas ideias sobre a utilização de filmes no ensino. História [online]. 2003, vol.22, n.1, pp.183- 193.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Cinema e audiovisuais. In.: **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 371-377.

GASPAROTTO, Alessandra; PADRÓS, Enrique Serra. A ditadura civil-militar em sala de aula: Desafios e compromissos com o resgate da História Recente e da memória. In: BARROSO, Vera Lúcia Maciel; PEREIRA, Nilton Mullet et al. (Org.). **Ensino de história: desafios contemporâneos**. Porto Alegre: EST: EXCLAMAÇÃO: ANPUH/RS, 2010. p. 183-201.



NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

SOUZA, T. R. G.; SARMENTO, S. A. L. Documentários no ensino de história. In: **SEMANA DE HUMANIDADES UFRN**, 18. Natal, 2011. **Anais da XVIII Semana de Humanidades**, 2011.



PROJETO HORTA ESCOLAR

TAIS DALLA NORA CARDOSO¹; CÂNDIDA CASAGRANDE²;
CAROLINA WACHHOLZ REICHOW³; DAIANA BRANDT GRIEP⁴;
KLAUS MATHEUS EGEWARTH⁵; DANIELLE RIBEIRO DE BARROS⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – taiscardoso96@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – candidacasagrandecc@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – carolina_wachholz@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – brandtgriep@gmail.com;

⁵Universidade Federal de Pelotas – klaus_egewarth@hotmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – danrbarros@hotmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O Projeto Horta Escolar possibilita a criação de um espaço onde podem ser desenvolvidos e compartilhados conhecimentos diversos, além disso, é um espaço onde a criança passa ter uma nova visão sobre o meio ambiente, e se torna um agente transformador do ambiente em que vive. É através de um ensino investigativo, provocativo que o aluno começa a pensar e a refletir sobre o processo de construção do conhecimento (FREIRE, 1987). Para CAPRA (2003) este é um instrumento que pode disparar e promover vivências e transformações múltiplas entre os atores envolvidos e o ambiente do seu entorno, permitindo a abordagem de diferentes conteúdos curriculares de maneira significativa e contextualizada, na perspectiva da integração das diversas áreas do conhecimento e da afirmação de uma cultura da sustentabilidade.

Assim a Educação Ambiental na escola pode preparar o indivíduo para exercer sua cidadania, possibilitando a ele uma participação efetiva nos processos sociais, culturais, políticos e econômicos relativos à preservação do planeta. Além dos aspectos pedagógicos envolvidos na confecção de uma horta escolar, é importante salientar que estudantes do Ensino Fundamental e Médio da cidade de Pelotas são, na sua maioria, eminentemente urbanos, tendo pouca oportunidade de contato com a produção de alimentos, bem como o conhecimento e vivência prática resultante de atividades envolvendo recursos naturais e espécies vegetais. Associado a isto é importante salientar a vulnerabilidade social de uma parcela significativa dos alunos, especialmente daqueles que frequentam escolas públicas localizadas na periferia da cidade.

Diante deste panorama e, tendo em vista o potencial produtivo de pequenos espaços existentes no interior das escolas, o Projeto Horta Escolar visa, promover a



participação dos estudantes em atividades que envolvam o uso e o conhecimento sobre recursos naturais, bem como nas questões relacionadas ao cultivo de hortaliças em pequenas áreas, à saúde, alimentação e gestão do ambiente natural, proporcionando um espaço de reflexões e discussões sobre o uso, a prática, o conhecimento e o desenvolvimento de aspectos sobre educação ambiental e alimentar.

2. DESENVOLVIMENTO

O projeto foi proposto dentro do grupo PET Agronomia e divulgado nas escolas municipais e estaduais de Pelotas, por meio de redes sociais ou através de contato direto. Além disso, algumas escolas tiveram conhecimento do projeto e procuraram o grupo demonstrando interesse em participar. De todas as escolas, o grupo selecionou cinco: três de ensino fundamental localizadas nos (Bairros Areal, Fragata e Sítio Floresta, uma de Ensino Médio localizada no Bairro Três Vendas e uma de Ensino Fundamental e Médio localizada no Bairro Centro. Após a discussão do projeto dentro do grupo e encaminhamento de possíveis formas de operacionalização, iniciaram-se visitas às escolas. Nos primeiros encontros foi realizado um levantamento dos aspectos técnicos, como tamanho das áreas disponíveis, condições do solo, drenagem, insolação, poluição e possibilidade de uso dos locais para o fim desejado. Concomitantemente, em reuniões com as direções da escola e com os professores envolvidos no projeto, foram determinadas as turmas que iriam participar e quais os anseios das instituições. Neste momento foram discutidos diversos aspectos para engajar e envolver os estudantes no projeto. Os professores indicaram quais as principais deficiências das escolas, o que gostariam que fosse abordado e de que forma, com o intuito de conjuntamente melhorar o aprendizado dos alunos, a qualidade do ambiente escolar e diretamente a merenda escolar.

O Projeto Horta Escolar foi divulgado para a comunidade acadêmica via cartazes e redes sociais convidando outros estudantes, não pertencentes ao grupo PET Agronomia, para participar e compartilhar experiências, auxiliando na construção do conhecimento dos envolvidos.

Para a elaboração deste trabalho foram escolhidas as Escolas do Bairro Areal e do Bairro Sítio Floresta nas quais foram possíveis desenvolver mais atividades. Antes do início das intervenções, foram realizadas reuniões, entre os envolvidos para a elaboração e planejamento das atividades a serem aplicadas na instituição.

As intervenções na escola do Bairro Areal foram realizadas no período de setembro de 2016 a setembro de 2017, e na escola do Bairro Sítio Floresta foram realizadas no período de junho de 2017 a setembro de 2017, efetivando-se a melhoria do espaço físico da área destinada a implantação da horta, elaboração e implantação da horta escolar. Os canteiros da horta na escola do Bairro Areal foram elaborados com auxílio de garrafas pets, envolvendo no projeto a utilização de matérias recicláveis obtidos no centro de reciclagem da Universidade Federal de Pelotas, com intuito de estimular os alunos no uso consciente de materiais. Na escola do Bairro Sítio Floresta as condições eram adversas à implantação de canteiros terrestres então foram construídas hortas verticais com materiais recicláveis obtidos no centro de reciclagem da Universidade Federal de Pelotas e pelos alunos. No primeiro encontro com os alunos que iriam participar do projeto, foi feita uma exposição oral apresentando a proposta de trabalho, de forma a incentivar os alunos a exporem suas opiniões e anseios em relação ao projeto.

A partir de então, as intervenções realizadas já envolveram diretamente atividades práticas com os participantes do projeto. Estas atividades envolveram: limpeza da área física através de roçada e capina; elaboração dos canteiros; semeadura de sementes hortícolas (aromáticas e ornamentais); plantio de mudas hortícolas e irrigação e manutenção dos canteiros.

3. RESULTADOS

As atividades desenvolvidas nas escolas envolveram aspectos de conhecimento técnico, educação ambiental e de integração entre universidade e sociedade. Os desenvolvimentos das intervenções, em conjunto com os alunos e professores da escola, até o momento resultaram no início do processo de revitalização paisagística das áreas das escolas dos Bairros Areal e Sítio Floresta destinadas a implantação das hortas, com a semeadura de diversas espécies de importância hortícola, entre elas destacando-se alface, repolho, beterraba, couve e temperos verdes.

Na primeira intervenção, nas escolas do Bairro Areal e Sítio Floresta, os petianos fizeram uma apresentação, com auxílio de projetor multimídia e computador portátil, sobre a Universidade, o curso de Agronomia, as áreas de atuação e a importância da profissão. Além disso, foi feita uma apresentação sobre as atividades que seriam desenvolvidas no interior da escola e a solicitação da participação e envolvimento de todos.

Na segunda intervenção na escola do Bairro Areal, foi realizada a limpeza da área de implantação da horta. Na escola do Bairro Sítio Floresta foi quantificado o espaço que



teríamos para a implantação da horta vertical. Na terceira intervenção, foram feitas as montagens dos canteiros com auxílio de garrafas pets. Após os alunos realizarem, com o auxílio dos membros do grupo, a semeadura de sementes das espécies hortícolas e aromáticas. Foram apresentados os principais objetivos, características e práticas que os estudantes da instituição devem ter com a manutenção da horta, destacando-se aspectos como frequência da rega, manutenção dos canteiros e época de colheita das hortaliças. Todas as atividades foram acompanhadas por membros do grupo PET Agronomia, os responsáveis pela realização do projeto Horta Escolar.

A próxima atividade planejada a ser executada na escola é a instalação de uma composteira de resíduos orgânicos, onde serão depositados os resíduos orgânicos gerados pelas escolas. Esta próxima etapa visará auxiliar na reciclagem e destino correto destes resíduos, que serão utilizados como adubo orgânico na adubação das hortas, tanto as localizadas no chão quanto as suspensas.

Os principais resultados observados, com o desenvolvimento das atividades propostas, estão relacionados à integração de todos os participantes do projeto; a demonstração por parte da direção da escola, de alguns professores e dos alunos, com grande interesse e disposição. Um ponto fundamental ao andamento do projeto foi a participação significativa dos alunos, com afinho e ansiosos por novos conhecimentos. Vale destacar que com o início do projeto notou-se uma conscientização ambiental dos alunos e cuidado com o ambiente escolar, sendo responsabilidade dos mesmos o seu cuidado e manutenção. O efeito deste aprendizado é o comprometimento das crianças, adquirindo uma responsabilidade social e ambiental, importante para a formação de adultos mais comprometidos com a sociedade.

O Projeto Horta Escolar encontra-se em desenvolvimento e ainda serão realizadas mais intervenções nas escolas por tempo indeterminado.

4. AVALIAÇÃO

Diante das atividades realizadas na Escola Estadual de Ensino Fundamental Lélia Romaneli e na Escola Municipal de Ensino Fundamental Independência podemos concluir que o desenvolvimento do projeto possibilitou uma excelente interação entre o Grupo PET Agronomia com as instituições criando um espaço de compartilhamento e formação de conhecimentos, engrandecendo todos os participantes envolvidos no projeto. Ficou evidente que após este tempo de atividade, os alunos obtiveram uma consciência



ambiental e social, adquirindo conhecimentos sobre a produção de alimentos seguros em pequenos espaços, utilização de materiais recicláveis, e manutenção de espaços públicos. Além disso o projeto possibilita a prática dos conhecimentos adquiridos na faculdade pelos alunos da Universidade Federal de Pelotas.

Com a continuidade do projeto será possível ampliar as atividades e envolver mais áreas de conhecimento a fim de contribuir mais para a melhoria da qualidade do ambiente escolar e da qualidade de vida dos usuários deste espaço, promovendo uma integração fundamental da Universidade com a comunidade. Além disso, servirá para atuar na consolidação do grupo PET Agronomia no papel de difusor de conhecimento para a comunidade escolar, visando, no futuro, a consolidação e ampliação do projeto.

5. REFERÊNCIAS

CAPRA, F.. **Alfabetização Ecológica: O Desafio para a Educação do Século 21**. In: TRIGUEIRO, A. (coord.) Meio Ambiente no Século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

NASCIMENTO, P. C.; SILVA, M.; ARENHALDT, R.. **Educação Ambiental no Colégio de Aplicação: A Horta Escolar e suas implicações na transformação do espaço**. Projeto de Extensão, PROEXT/UFRGS, 2012.

SILVEIRA-FILHO, J. **Horta orgânica escolar como alternativa de educação ambiental e de consumo de alimentos saudáveis para alunos das escolas municipais de Fortaleza, Ceará, Brasil**. SEMINÁRIO EDUCAÇÃO 2011 – EDUCAÇÃO E RELAÇÕES RACIAIS: DEZ ANOS DE ESTUDOS E PESQUISAS NA UFMT, Cuiabá, 2011, Anais Seminário Educação 2011.

UNESCO. **Década da Educação das Nações Unidas para um Desenvolvimento Sustentável**, 2005-2014: documento final do esquema internacional de implementação, Brasília, Brasil, 2005. 120 p.



ACERVO DO COLÉGIO PELOTENSE - HIGIENIZAÇÃO, ORGANIZAÇÃO E PESQUISA

TAMIRES FERREIRA SOARES¹; MÁRCIA JANETE ESPIG²

¹Universidade Federal de Pelotas-UFPeL- Tamyres_souaresf@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas-UFPeL- marcia.espig@terra.com.br

1. APRESENTAÇÃO

O Projeto “Acervo do Colégio Pelotense: Higienização, Organização e Pesquisa” tem como foco a aplicação ao acervo do Colégio Pelotense de técnicas e práticas de conservação de acervos, tais como sua higienização, organização, digitalização e armazenamento. Pretende-se disponibilizar estas documentações de maneira mais acessível, potencializando interesses de pesquisa nesta instituição. Ao longo de 115 anos de atividades, este estabelecimento de ensino teve grande influência na educação, cultura e sociedades pelotenses. Tal relevância acarretou na formação do Museu - Sala Luiz Curi Hallal, inaugurada no ano de 2005, e que atualmente integra-se ao Sistema Municipal de Museus, sendo referência para o estudo da História da Educação em Pelotas.

A proposição de tal projeto veio somar à preocupações com a manutenção deste acervo para a comunidade escolar do Colégio Pelotense, amenizando o problema abordado pela autora Giana Amaral (AMARAL, 2014, p.80), quanto a carência de profissionais habilitados a atuar no museu. De certa forma, o projeto conseguiu preencher esta lacuna disponibilizando apoio teórico e prático a fim de auxiliar na salvaguarda da trajetória do colégio municipal pelotense, estreitando os laços entre a universidade e a comunidade escolar, procurando estimular a valorização do patrimônio documental e da história desta instituição.

O projeto oportuniza aos graduandos do curso de História da Universidade Federal de Pelotas experiência ao trabalhar com acervos, enfoque de nosso bacharelado em história. Tendo em vista que a proposta é de caráter interdisciplinar e busca inter-relacionar-se com cursos de diversas áreas tais como História, Museologia, Conservação e Restauro, Geografia, Matemática dentre inúmeras outras áreas, buscando a construção do conhecimento, buscando as raízes educacionais da comunidade pelotense.



2. DESENVOLVIMENTO

O programa teve seu início em 01 junho de 2017, entretanto, somente no dia 23 de junho iniciaram-se as atividades locais da bolsista em virtude de aguardar um espaço que seria fornecido pelo Colégio Municipal Pelotense para iniciar as práticas. Enquanto isso, a bolsista tinha a responsabilidade de efetuar leituras e comparecer em reuniões para orientação, tirando possíveis dúvidas para em seguida dar início as práticas. As tarefas que carecem ser desempenhadas pela bolsista são: higienização, organização e classificação do acervo documental. Além de participar em organizações de cursos que motivem pesquisas a partir do arquivo ordenado, promovendo exposição do acervo. A bolsista, além de auxiliar pesquisadores no ambiente, terá a possibilidade de produzir a própria pesquisa no acervo. O cumprimento total das ocupações será de 20 horas semanais, nas quais contará com orientações do professor orientador e análise do andamento do projeto e no desenlace terá de entregar um relatório final sobre suas atividades no projeto.

3. RESULTADOS

Temos que ter em vista que o projeto encontra-se em sua fase inicial, entretanto, em pouco tempo alcançou resultados relevantes. A primeira ação a ser concluída transcorreu na higienização de uma série de banners produzidos pela escola, tarefa demandada pelo coordenador do Museu, Professor João Nei Pereira das Neves, visto que muitos se encontravam em processo de deterioração, por estarem anteriormente armazenados em ambiente de muita umidade. Tal ação contribuiu também para a melhoria na ocupação do espaço. Desta forma, a ordenação consistiu na higienização, classificação, digitalização e envelopamento. Estes banners ficaram classificados por “assuntos” com fim de facilitar futuras pesquisas. Foi elaborada por intermédio da bolsista uma ficha inicial de organização viabilizando o acesso a informações.

Fundo: Colégio Municipal Pelotense
Espécie: Banners
Assunto: 100 anos - Colégio Pelotense
Conteúdo: Time dos Professores
OAH: Tamires F. Soares
Data: 27 de junho de 2017

Modelo de Ficha de Organização dos Banners



Essas fichas devem auxiliar para a localização dos banners, através de um documento produzido no Microsoft Word, que possui o detalhamento dos materiais. Foram digitalizadas e anexadas fotografias para maior durabilidade do documento. Os assuntos ficaram separados de tal forma:

- 100 anos do colégio Municipal Pelotense
- Museu do Colégio Municipal Pelotense
- Associação de professores e funcionários
- Projetos

Além disso, o projeto veio se destacando na questão de cooperar com as práticas escolares dos educandos, particularmente os do Curso Normal (formação de professores para séries iniciais). Alguns professores da instituição direcionam seus alunos para a sala de pesquisa do museu, oportunizando desfrutar do contato com o acervo. Paralelamente, a equipe contribuiu para a realização de eventos na escola, em especial a “11ª Primavera dos museus - Museus e suas Memórias” ocorrida na semana do dia 25 de setembro. Neste, a equipe do projeto contribuiu para a organização do evento simultaneamente com o coordenador do museu, Professor João Nei Pereira das Neves e com a Mestranda em matemática pela UFPEL, Mélangy dos Santos Mello, que participa no momento como voluntária e pesquisadora na instituição.

Tendo em vista o grande volume de documentações que a escola veio gerando ao longo dos anos, o projeto ainda terá um substancial período de desenvolvimento. O arranjo do trabalho vem sendo feito por “assuntos”, ou seja, de acordo com a natureza das informações apresentadas no arquivo. Portanto, definiu-se trabalhar com o Grêmio Estudantil da Escola, que vem se destacando no decorrer destes anos. Perante uma análise prévia foram encontrados variados tipos de documentos, como fichas de atletas com nome dos alunos que participavam dos esportes da escola e da banda, regulamentos do grêmio, dados de participação de professores atuando juntamente ao grêmio estudantil, dentre outros. Por outro lado, foi possível perceber a massa de atividades desempenhadas pelo Grêmio, desde atuações como organização de eventos e até mesmo atividades como setor informativo e administrativo. Conforme a separação total destes documentos que correspondem ao Grêmio, iniciaremos as técnicas de higienização, organização, digitalização e armazenamento.

Assim sendo, diversas questões referidas no item 1 (apresentação), já tiveram as atividades iniciadas no decurso destes meses, tais como a tentativa em disponibili-

zar os documentos de modo mais acessível, levando pesquisadores a se interessarem pelo ambiente de pesquisa. Tal aspecto se acentua com a presença da Mestranda de Matemática e também de duas graduandas de licenciatura em História, que desenvolvem suas pesquisas na instituição. Em meio disso, destaca-se outro tópico abordado pelo programa que é a interdisciplinaridade, aprimoramento de técnicas de pesquisas e o envolvimento com os alunos e funcionários da escola na propagação dos eventos. Acredito que isso já tenha sido uma grande vitória do projeto, que vem se revigorando e contribuindo para o desenvolvimento dos alunos.

4. AVALIAÇÃO

Diante disso, o projeto advém favorecendo intensamente o âmbito de extensão universitária mediante aos procedimentos de arranjo, viabilizando maior prontidão no momento da pesquisa. Inclusive, outro aspecto que é digno de realce é a atenção que o programa apresentou em relação a, preservação de documentações atuais como os banners. Em síntese, efetuou-se a prestação de atividades na guarda preventiva buscando evitar futuras perdas do material. Conforme Coradi:

“A Conservação Preventiva tem a finalidade de preservar, resguardar e difundir a memória coletiva, e sua meta principal da é o estudo e o controle das principais fontes de degradação do papel. Todas aquelas medidas e ações que tenham como objetivo evitar e minimizar futuras deteriorações ou perdas. O objetivo da conservação preventiva é desenvolver ações de prevenção contra possíveis danos aos livros, além de conscientizar quanto ao correto manuseio e utilização destes. O programa de preservação e conservação destaca a importância de ‘conservar para não restaurar’, poupando o acervo de intervenções custosas e exaustivas. (CORADI; STEINDEL, 2008, p. 356).”

Ressalte-se a importância em articular em eventos as atividades realizadas, que resultam em trocas de experiências entre a escola e a universidade, proporcionando um maior envolvimento da comunidade escolar com os acervos e memórias de sua respectiva instituição, atribuindo a estes traços de pertencimento e valorização do ambiente escolar.



5. REFERÊNCIAS

AMARAL, Giana Lange do. **Gymnasio Pelotense e a Maçonaria: Uma face da História da Educação em Pelotas**. Pelotas: Seiva, 2005.

_____. (org.). GYMNASIO Pelotense, **Colégio Municipal Pelotense: entre a memória e a história (1902-2002)**. Pelotas: Educat, 2002.

_____. (org.). **Museu do Colégio Municipal Pelotense: um espaço para a pesquisa, o ensino e a extensão (2004-2014)**. Pelotas: Educat, 2014.

BARBOSA, Dayse de França. **Um olhar sobre a preservação e conservação do acervo da Biblioteca Pública Estadual Juarez da Gama Batista na cidade de João Pessoa - PB**. / Dayse de França Barbosa. – João Pessoa: UFPB, 2015. 53f.

CORADI, J.P.; STEINDEL, G.E. Técnicas básicas de conservação e preservação de acervos bibliográficos. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.13, n.2, p.347-363, jul./dez., 2008.

ENRIQUEZ VIVAR, Jorge Eduardo; **Museu Estadual do Carvão: guia do Arquivo Histórico (1891-1936)** / Jorge Eduardo Enriquez Vivar, Silvia Simões, Francisco Alcides Cougo Junior. –Porto p.: il. – (Projeto Acervo Documental da Região Carbonífera RS)

FRAGA, Hilda Jaqueline de; CARDOSO, Claudira do Socorro Cirino; QUEVEDO, Éverton Reis; BARROSO, Véra Lucia Maciel; SOUZA, Renata Cássia Andreoni de. **Experimentações em lugares de memória: ações educativas e patrimônios**. Porto Alegre/RS: Selbach & autores associados, 2015, 456p.: il

POSSAMAI, Zita Rosane; GIL, Carmem Z. V. **Educação Patrimonial: percursos, concepções e apropriações**. Mousseion(UniLasalle), v. 19, p. 13-26, 2014.

São Paulo (Estado) Secretaria da Educação **Manual de trabalho em arquivos escolares/** Secretaria da Educação; elaboração de Teresa Marcela Meza Baeza. – São Paulo: CRE Mário Covas, IMESP, 2003. p. : il



PROJETO NOVOS CAMINHOS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA FORMAÇÃO ACADÊMICA

TAMIRES JARA GOULART¹; GILSENIRA DE ALCINO RANGEL²

¹Universidade Federal de Pelotas – tamigoulartjr@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – gilsenira_rangel@yahoo.com.br

1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar o projeto Novos Caminhos e descrever sobre a importância que tem para formação acadêmica por meio de relato da minha experiência como professora-aprendiz.

O *Novos Caminhos* é um projeto de extensão criado em 2007 e atende jovens e adultos com Síndrome de Down e Deficiência Intelectual. O objetivo do projeto é promover a qualidade de vida destes jovens através da inserção em práticas de leitura e escrita, auxiliando não só em seu desenvolvimento intelectual como pessoal e, assim, promovendo a autonomia dos alunos.

O trabalho desenvolvido pelos acadêmicos (bolsistas e voluntários), a maioria graduandos do curso de licenciatura em Pedagogia, é o de planejar e executar sequências didáticas que consigam atender às necessidades dos alunos colocando em prática as teorias estudadas durante a graduação. Estas aulas ocorrem nas segundas, quartas e sextas-feiras das oito horas e trinta minutos até onze horas e trinta minutos, sendo os encontros de sexta compartilhados com o Teatro em que os alunos aprendem a se expressarem sob a supervisão de um professor. Além do Teatro, o projeto também já teve propostas interdisciplinares com a Música e as Artes.

Nas quartas-feiras, no final da tarde, é realizada a reunião pedagógica cujo objetivo é acompanhar e auxiliar o trabalho dos professores-aprendizes. Nesses momentos, a coordenadora e a psicopedagoga dirigem a discussão, orientam e ajudam a organizar o planejamento semanal, com a participação efetiva dos professores-aprendizes. Nessa ocasião é que podemos compartilhar experiências, saberes e relatos. O projeto se constitui em importante ferramenta para o desenvolvimento dos professores-aprendizes, pois é uma oportunidade de aliar a teoria com a prática. Além disso, a experiência de trabalhar com jovens com necessidades específicas enriquece e oportuniza ao graduando refletir sobre a sua prática docente.

Além das reuniões pedagógicas para pensar estratégias de ensino, uma parte das alunas participa do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Inclusão (NEPEIN),



que tem como foco estudos na área da inclusão. Através das pesquisas realizadas neste núcleo é que devolvemos para a comunidade o que é desenvolvido no projeto com apresentações de trabalhos em eventos, palestras e mini-cursos.

2. DESENVOLVIMENTO

O projeto é constituído por duas turmas: a do nível Avançado, em que os alunos já estão alfabetizados, e a do nível de Alfabetização, cujos alunos estão aprendendo a desenvolver a leitura e a escrita. Meu trabalho é desenvolvido na turma de alfabetização.

Como professora-aprendiz, dedico-me a identificar as fases de desenvolvimento (Piaget, 1971) dos alunos e elaborar uma aula que atenda às suas necessidades de leitura e escrita, bem como motive os alunos na busca pela realização pessoal. As estratégias utilizadas para despertar o interesse dos alunos são variadas, mas procuramos sempre atividades que serão úteis diariamente, atribuindo, assim, função social à escrita para que eles sintam o progresso no seu dia a dia.

As aulas ocorrem na Faculdade de Educação (FaE) e existem vários materiais de apoio disponibilizados pelo projeto para auxiliar o trabalho dos professores aprendizes. Pelo fato de alguns alunos ainda precisarem do concreto para realizar algumas atividades utilizamos nas aulas materiais como, por exemplo: material dourado, ábaco, letras em E.V.A., jogos, blocos lógicos e etc.

Além do suporte com materiais disponíveis para as aulas, contamos com orientação na reunião pedagógica e estudos de aprimoramento no Núcleo (NEPEIN).

3. RESULTADOS

Conheci o trabalho desenvolvido no projeto através de relatos de colegas que atuavam no mesmo. Ao assistir uma aula, percebi a importância do que era desenvolvido ali para a formação acadêmica dos estudantes do curso de Pedagogia. Nas salas de aula de ensino regular e em pesquisas que o Grupo NEPEIN vem investindo, ouvimos muito o discurso de que a inclusão não é possível por falta de prática, pelo fato de os professores não saberem como atender esses alunos. Atuando no projeto, constatei a importância dessa prática para estar preparada para as diferenças que serão encontradas nas salas de aula.

Após um ano como professora-aprendiz, pude identificar os benefícios do projeto na minha formação, não só profissional como pessoal. Pude notar a facilidade com que os temas trabalhados durante o curso de graduação se adequavam à elaboração das minhas aulas e contribuíam para que eu pudesse internalizar (Vygotsky, 1998) os conteúdos estudados nas aulas da licenciatura em Pedagogia. Do mesmo modo, a experiência no projeto possibilitou ter suporte para contribuir nos debates das aulas da Pedagogia com exemplos do que acontece na minha prática no Projeto. A troca de conhecimentos entre a teoria do curso de graduação e a prática no projeto é imensa e possibilita a mim, e acredito aos demais professores-aprendizes, uma melhor compreensão do que é ser professor e como tornar possível a inclusão em nossas práticas docentes.

4. AVALIAÇÃO

Com essa experiência pude perceber e avaliar a importância do projeto para o curso de licenciatura em Pedagogia e o quanto ele contribui para uma formação ampla dos graduandos. Participar de projetos de extensão possibilita a nós, alunos, ampliar nossos horizontes e ver as coisas de uma forma diferente da que estamos acostumados em sala de aula. Como futura professora, atuar no projeto causou um impacto positivo sobre minhas ações diárias e que me levam sempre a refletir sobre se estou sendo inclusiva e o quanto ainda preciso aprender para poder, de fato, atender a todos.

Porém, não encaro mais isso como um obstáculo e sim como um desafio. Acredito que todos acadêmicos de licenciatura que pretendem estar dentro de uma sala de aula precisam passar por experiências extra-classes, especialmente em projetos de extensão, para que possam refletir sobre seu papel social como educadores.

No projeto aprendemos a utilizar grandes autores estudados no curso de Pedagogia e que não devem se perder apenas em estudos para atingir a média do curso. Partindo do que os alunos já sabem e trazendo fatos relacionados ao seu dia a dia para trabalhar em sala de aula, utilizamos os conhecimentos passados por FREIRE (1996) acreditando que o aluno não é um “depósito” e que não somos os únicos detentores do conhecimento. Só conseguimos identificar o nível de desenvolvimento dos alunos através dos estudos de PIAGET (1971), o que nos permite defender que todos são capazes, apenas possuem um tempo diferente de aprendizagem e, do mesmo modo, nos ajuda a fazer a quebra de pré-conceitos e preconceitos em relação às capacidades das pessoas



com deficiência intelectual, levando-os a compreender que existem vários fatores que podem interferir neste desenvolvimento.

Com nossas aulas em que os alunos que “sabem mais” ajudam os que “sabem menos” trabalhamos a interação social com VYGOTSKY (1998). Enfim, vários conteúdos e princípios estudados no curso de Pedagogia ganham força com as práticas exercidas no projeto. O Novos Caminhos possibilita a todos que participam uma autor-reflexão sobre suas práticas docentes.

5. REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e terra, 1996.

PIAGET, J. **Epistemologia Genética**. Trad. Nathanael C. Caixeira. Petrópolis: Vozes, 1971.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Pensamento e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.



CRIANÇAS COM HISTÓRICO DE FRACASSO ESCOLAR: UMA INTERVENÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL

THIAGO PINTO MOREIRA¹; MARIA LAURA DE OLIVEIRA COUTO²;
JANINE PESTANA CARVALHO³; KAREN PEREIRA MOTTA⁴;
SILVIA NARA SIQUEIRA PINHEIRO⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – thiagomoreira.90@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – lauracouto@uol.com.br

³Universidade Federal de Pelotas – janinepcarvalho@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – karenmottahe@yahoo.com.br

⁵Universidade Federal de Pelotas – silvianarapi@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem por finalidade retratar o projeto de extensão “Avaliação e intervenção em crianças com histórico de fracasso escolar, desenvolvido no curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas”. O projeto tem como objetivo a avaliação e intervenção de crianças com histórico de fracasso escolar.

Tal projeto tem a proposta de prestar serviços, atender a demanda da comunidade escolar, proporcionar atividade complementar aos acadêmicos e integrar ensino, extensão e pesquisa. Faz-se, portanto, de extrema importância para a trajetória acadêmica, pois permite a prática do futuro profissional de Psicologia diretamente com a comunidade.

A teoria que o embasa é a psicologia Histórico-Cultural, principalmente nas ideias de Vygotsky e Elkonin. Como ideia principal, desta teoria, encontra-se a premissa de que o, conforme Vygotsky (2000) apud Santos; Leonardo (2014), psiquismo humano se estrutura por meio do desenvolvimento histórico e cultural da humanidade, efetivado por meio das relações sociais. Esta afirmação produz modificações na concepção ortodoxa de psicologia ancorada no estímulo-resposta.

Carneiro (2006) expõe que não é possível a separação do biológico do cultural. Desde nosso nascimento, somos atravessados pelos aspectos culturais de nossa sociedade, se fazendo presente na constituição de nossa subjetividade.

O caráter biológico, para Vygotsky, então passa a não ser visto somente como base, mas em coexistência com as relações sociais do indivíduo. Por meio de tais interações a criança aprende e se desenvolve. Portanto é importante garantir que a criança tenha as condições necessárias, tanto biológicas como sociais, para tal desenvolvimento (SANTOS; LEONARDO, 2014).



As relações do indivíduo no meio social não acontecem de maneira direta. Ela se dá indiretamente por intermédio de instrumentos e sistemas de signos. Vygotsky (1995) ainda fala sobre o conceito de NDR (Nível de desenvolvimento real), que se caracteriza pelo que o indivíduo já sabe e ZDP (Zona de desenvolvimento proximal) que é o nível que ela pode chegar por meio de mediações. Estas mediações se caracterizam por embates, troca de ideias, compartilhamento de ponto de vista diferentes, partindo do sujeito de maior domínio para o sujeito de menor domínio em relação ao assunto discutido. Podemos dizer então que a ZDP é um campo de possibilidades, e para Vygotsky (1995) só há aprendizagem quando se efetiva na mesma.

O jogo é outro tema abordado pela teoria Histórico-cultural Segundo Vygotsky (2008) é por meio da brincadeira que a criança pré- escolar demonstra estar acima da média de sua idade e de seu comportamento cotidiano. Na brincadeira ela desenvolve o cognitivo e o emocional, criando Zonas de desenvolvimento proximal, assim desenvolvendo funções psicológicas superiores como atenção, memória, concentração e organização, dentre outras funções envolvidas na aprendizagem do indivíduo. A intervenção adota o jogo para realizar a mediação entre aprendizagem e desenvolvimento de crianças com dificuldades na aprendizagem no ensino fundamental (PINHEIRO, 2014).

2. DESENVOLVIMENTO

O projeto se constitui em práticas de ensino, extensão e pesquisa. Começando no ensino, é oferecida a disciplina optativa e o projeto de ensino ambos com foco na Psicologia Histórico-Cultural. Neles, são oferecidas as bases teóricas que serão utilizadas durante todo o projeto, por meio de aulas expositivas, leituras e discussões. Por ser uma disciplina optativa e projeto, se consistem por alunos de diversos semestres do curso, o qual optam por seguir ou não no projeto de extensão.

Dando continuidade a proposta, acontece a extensão onde a intervenção é efetivada. Realiza-se atendimentos a crianças encaminhadas ao Núcleo de Neurodesenvolvimento da UFPEL que apresentam queixas relacionadas a problemas de aprendizagem.

A intervenção se divide em três etapas. A primeira delas consiste em uma avaliação inicial do caso. Utiliza-se como instrumento uma entrevista semi-estruturada, realizada com a família ou responsável e a professora e também o uso mediado do Teste de Desempenho Escolar (TDE). Além deste, é utilizado, caso necessário, o teste psicológico HTP (House, Tree, Person) para auxiliar no entendimento do emocional da criança.

Na segunda etapa a intervenção propriamente dita, se utilizam jogos como memória, cara a cara e damas. Na terceira etapa, ocorre uma reavaliação do processo juntamente com os responsáveis e a professora, ocorrendo também a re-aplicação mediada das questões que o aluno/a errou ou respondeu com apoio do TDE. Por fim, os achados da intervenção são analisados microgeneticamente e publicados.

O projeto acontece desde 2015. Sua intervenção caracteriza-se por encontros semanais, com duração de aproximadamente cinquenta minutos em salas do Núcleo de Neurodesenvolvimento da Faculdade de Medicina. A intervenção acontece em aproximadamente dois semestres letivos. Todos os encontros são gravados para futuramente serem degravados para análise.

3. RESULTADOS

Os resultados apresentados a seguir referem-se às características sócio-demográficas (idade, sexo e nível sócio-econômico) e escolaridade (série, repetência e queixa).

Até o presente momento o projeto atendeu 16 crianças: 12,5% (2) são meninas e 87,5% (14) são meninos, com idade entre 7 e 12 anos. Quanto ao nível econômico das crianças, obteve-se o dado de 25% (4) com renda familiar entre 1 e 3 salários mínimos e 75% (12) de dados ausentes.

No que se refere a escolaridade constata-se 75% (12) estão no terceiro ano, 12,5% (2) estão no quarto ano, 6,25% (1) está no segundo ano e 6,25% (1) está no quinto. Quanto a repetência das crianças 62% (10) repetiu pelo menos uma vez na escola, 12,5% (2) não repetiram e 25% (4) dos dados estão ausentes. Quanto a queixa escolar de uma maneira geral, são problemas na aprendizagem e no comportamento sendo a culpa do aluno e da família o não aprender.

4. AVALIAÇÃO

A avaliação do projeto deve ser realizada, no mínimo, levando em consideração a comunidade os acadêmicos que o realizam e os achados.

O serviço prestado pelo projeto é de grande importância para a comunidade uma vez que existe defasagem entre a demanda e o oferecimento. Ressalta-se, também que o projeto ancora-se na Psicologia Histórico-cultural, não se tendo conhecimento de outros serviços que utilizem a mesma base teórica.



Os achados indicam que os sujeitos atendidos no projeto são, em sua maioria meninos, com idade entre 7 e 12 anos e com renda econômica baixa. A maioria cursa o terceiro ano do ensino fundamental, tem repetência e a queixa focada no aluno e na família. Compreende-se que vivemos em uma sociedade marcada por acentuadas discrepâncias de classe e que, de uma maneira geral, impossibilita o acesso ao ensino de qualidade e a assistência que o indivíduo necessita para desenvolver-se (LEAL; SOUZA 2014). O fracasso escolar não deve ser olhado somente pelo foco do aluno e de sua família, mas como uma produção histórica e cultural sendo multideterminado (PINHEIRO, 2014).

Os achados tem demonstrado que a avaliação e intervenção realizada por meio de jogos com base na perspectiva histórico-cultural tem obtido bons resultados no âmbito da aprendizagem e do desenvolvimento dos alunos com histórico de fracasso escolar. Todos aprenderam e/ou avançaram no domínio da leitura, da escrita e do cálculo, portanto desenvolveram-se. Assim, poderíamos dizer que todo o indivíduo, inclusive o estudante com história de fracasso escolar, é um ser em desenvolvimento, criativo, portanto em constante mudança, que pode encontrar caminhos para modificar sua história.

Aos acadêmicos o projeto reserva a possibilidade de realização de atividades complementares e a oportunidade de experienciar e enriquecer seu conhecimento e manejos a serviço da comunidade. Até o presente momento foram realizadas muitas produções científicas, não só no âmbito interno da UFPEl, mas também em nível nacional e internacional. Portanto o projeto é uma experiência importantíssima para trajetória acadêmica porque une ensino, extensão e pesquisa.

5. REFERÊNCIAS

CARNEIRO, M.S.C. A deficiência mental como produção social: de Itard a abordagem Histórico-Cultural. In: BAPTISTA, C.R. (Organizador). **Inclusão e Escolarização: Múltiplas Perspectivas**. Porto Alegre: Mediação, 2006. Cap.11, p.137-151

LEAL, Z.F.D.R.G.; SOUZA, M.P.R.D. O processo de escolarização e a produção de queixa escolar - uma relação antiga, um problema atual. In: LEONARDO, N.S.T.; LEAL, Z.F.D.R.G.; FRANCO, A.D.F. **O processo de escolarização e a produção de queixa escolar: reflexões a partir de uma perspectiva crítica em psicologia**. Maringá: Eduem, 2014. Cap.1, p.19-39.



PINHEIRO, S. N. S. **O jogo com regras explícitas pode ser um instrumento de para o sucesso de estudantes com história de fracasso escolar?**. 2014. 218f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas.

SANTOS, R.D.M.G.M.; LEONARDO, N.S.T. O transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) na perspectiva de psicólogos que atuam no contexto escolar. In: LEONARDO, N.S.T.; LEAL, Z.F.D.R.G.; FRANCO, A.D.F. **O processo de escolarização e a produção de queixa escolar: reflexões a partir de uma perspectiva crítica em psicologia**. Maringá: Eduem, 2014. Cap.5, p.111-149.

VYGOTSKI, L.S. **Obras escogidas III–Problemas del desarrollo de la psique**. Trad. Lydia Kuper. Madrid: Visor, 1995. p. 383

VYGOTSKY, L. S. **A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança**. Trad. Zoia Prestes. Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais, p. 23-36, Jun. 2008.



“TUTORES: APRENDENDO A ENSINAR, DA DISCIPLINA DE PSICOLOGIA MÉDICA II NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS.”

THOMÁS HENRIQUE MAY BUOGO¹; ÁLVARO EIJI KUMM KURIYAMA²;
MARINA FRANZ³; JOÃO ALBERTO SUCCOLOTI DEUSCHLE⁴;
RICARDO MARCOS SCHIMDT⁵; SANDRA GEHLING BERTOLDI⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – (autor) thomas_buogo@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – (coautor) - alvaroekkuriyama@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – (coautor) - marinafranz1995@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – (coautor) - joaoalberto_94@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – (coautor) - ricardomsc@hotmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – (coordenadora) sandrabertoldi@yahoo.com.br

1. APRESENTAÇÃO

A tutoria faz parte do programa de extensão “Relação médico-paciente em estudantes de medicina”. Este projeto consiste em um modelo de tutoria entre iguais, nos quais semestralmente alunos que já haviam cursado a disciplina de Psicologia Médica II da faculdade de medicina desejam se tornar monitores, e para isso, fazem uma prova de seleção. A tutoria tem duração de um ano, no qual o tutor é encarregado, sozinho ou na companhia de outro monitor, de um grupo de três monitorados por semestre, totalizando dois grupos. Há um encontro semanal em data pré-estabelecida do professor coordenador do projeto com os monitores, para que se debata livremente questões a partir da leitura de seus relatórios baseados na monitoria realizada.

Os grupos de monitoria realizam o atendimento semanal de pacientes do hospital universitário da Universidade Federal de Pelotas com a realização de uma anamnese feita por um dos monitorados. Sendo assim o contato entre o acadêmico e o paciente é a base fundamental do projeto tornando as discussões parte do processo de aprendizagem das técnicas de entrevista e da relação que se cria.

Os relatórios finais da atividade foram feitos após o período de um ano de monitoria, nos quais os monitores fizeram uma análise geral: aspectos positivos, negativos, o crescimento e a aprendizagem que obtiveram e consideram relevantes durante o período que passaram no exercício dessa atividade extracurricular. A partir desses relatórios foram destacadas as principais dificuldades, facilidades e detalhes importantes que surgiam, a fim de analisar os pontos mais relevantes.



2. DESENVOLVIMENTO

Para a realização desse trabalho foram lidos e analisados 127 relatórios finais dos tutores do período de 2010 até 2016 para analisar e através da sua análise, destacamos os pontos-chaves mais importantes e em grupo levantamos as hipóteses.

3. RESULTADOS

Na Universidade Federal de Pelotas, o projeto de “Relação médico-paciente em estudantes de medicina” tem como objetivo melhorar o conhecimento e entender a relação médico-paciente. Entretanto, não só os alunos da semiologia crescem com essa atividade, mas também os monitores que acompanham a evolução dos alunos do terceiro semestre da faculdade. O curso de medicina da Universidade Federal de Pelotas preocupa-se com a formação humanística do médico, colocando o paciente como um todo e não apenas como uma doença, ensinando aos alunos a enxergarem que a relação médico-paciente não necessita ser apenas técnica, e que esta relação tem uma importância fundamental no tratamento proposto, além de ter impacto na adesão do paciente ao tratamento.

Tendo em vista o exposto acima, a análise prática de como essa visão humanista é importante colocada por um dos monitores, em que a individualização, não só do paciente, mas de cada aluno como si próprio, favorece uma adesão à empatia, em que o aluno consegue entender não só o funcionamento e a relevância desse atendimento individual, mas também a passar adiante o que recebeu, a conseguir transmitir ao paciente uma compaixão e uma visualização dele como um todo, como a pessoa, assim como o aluno recebeu dos professores, que auxiliaram a pessoa, e não o trataram como mais um número em meio a tantos outros alunos.

Portanto, após análise completa dos relatórios finais dos monitores da atividade, desde 2010 até 2016, podemos referir questões relevantes para o andamento da atividade. Inicialmente, foi notado que houve um amadurecimento do aluno tutor ao que se refere ao comportamento como estudante de medicina, pois aprendeu a lidar com conflitos, sendo estes com os monitorados, com o paciente ou mesmo internos, sobre a insegurança em não saber o suficiente para auxiliar alguém mais inexperiente e que busca conhecimento.



A insegurança para assumir a responsabilidade médica ao final da faculdade, bem como a sensação de pouco conhecimento foi uma angústia geral, que apresenta ser normal e embora nem todos consigam reconhecer isso, os encontros com os professores da psicologia médica para discussão de caso diminuíam esse sentimento, respondiam os questionamentos que os monitorados estavam vivenciando e orientava os tutores a superar os desafios.

Em um primeiro momento, a melhora da técnica semiológica foi uma das questões levantadas durante a produção do trabalho. O aprimoramento da parte técnica de uma anamnese, através de um exame físico completo, por parte de um aluno de terceiro semestre, que está iniciando o contato com o paciente, é notório. A falta de manejo é algo que impede inicialmente o primeiro contato médico-paciente com a dúvida de que não será possível realizar o exame físico adequado sem o conhecimento teórico em clínica médica. Isso foi uma queixa encontrada nos monitorados, mas que ao passar dos encontros com os monitores foram melhorando suas habilidades, da mesma forma que os monitores, através da arte de ensinar, conseguiram aprimorar e, o mais importante, corrigir erros que se enraizaram e se repetem.

Ao se ver na versão do aluno mais novo, em termos de grade curricular, notava-se uma grande semelhança entre os anseios de contato com o paciente que o monitor tivera na sua época de estudo prático da anamnese. Sendo assim, conseguimos através da leitura de relatórios observar a visão do monitor no aprimoramento dos monitorados sobre a prática do exame físico e ainda, sendo o mais relevante para a discussão, analisar o aprimoramento do monitor na prática, considerando a monitoria como uma revisão importante dos conceitos e técnicas semiológicas.

Diversas análises foram realizadas ao longo do estudo, sendo o foco principal o aluno tutor na função de monitor. Dessa forma veio à tona uma questão relevante que nos cercou no andamento do processo: a insegurança inicial do aluno como tutor, foi algo em que nos baseamos na análise dos relatórios finais. A diferença acentuada em que os monitores demonstravam mais segurança em ensinar e não serem julgados era maior no segundo grupo que davam monitoria. Já no primeiro o medo era aparente.

Dessa forma, observamos a cobrança interna de um aluno que assume a função de tutor, alguém que sente a responsabilidade de ensinar e que será a base de consulta dos novos acadêmicos que estão sob a sua supervisão. O olhar de quem espera mais e que exige respostas certas do monitor, visão da verdade absoluta. Entretanto, isso é impossível, o fato de não ser onisciente faz parte de todos os seres humanos e o conhecimento é adquirido através de muito estudo e dedicação. Por isso a cobrança como



forma de proteção faz parte da reação inicial do tutor, que apenas depois de certo tempo perde a real intenção de ser perfeito, larga as amarras da certeza absoluta e aventura-se no desconhecido. No primeiro grupo prevaleceu o receio de apontar erros e confrontar ideias, em contrapartida, no segundo grupo já havia liberdade para admitir coisas que não se sabia, tornando as reuniões mais dinâmicas e proveitosas.

O começo das monitorias é cercado de dúvidas e anseios, o que pode acontecer em uma anamnese é sempre algo novo, tanto pelo monitorado, quanto pelo monitor. Sendo assim, torna-se imprescindível a discussão de temas que afligem o monitor junto com o preceptor do projeto. Segundo diversos relatórios, a reunião de monitores com os professores coordenadores tornava a tarefa mais leve e fluía de forma homogênea. Os tutores conseguiam expressar suas angústias e dificuldades através da troca de experiências com os demais acadêmicos participantes.

A orientação do preceptor torna-se fundamental para guiar os pensamentos que se inundam de dúvidas de como proceder em situações de dificuldade. Desde lidar com pacientes com processos patológicos avançados que impediam uma abordagem mais efetiva, até alunos que não veem a função da tutoria com agrado e que negam a realização das tarefas adequadamente.

A sensação de que a cada dia de encontro se aprende algo novo é o que move o tutor a prosseguir. Motivação através de trocas de experiências com pessoas diferentes, de diversas ideologias e histórias. Isso traz para o tutor formas de saber lidar com as adversidades e unir o estudo teórico com a prática da anamnese. Esse é a maior realização dos tutores analisados através dos seus relatórios finais, a realização de um trabalho feito com muito empenho e ver o progresso dos alunos na parte estrutural de uma anamnese, na construção da relação médico-paciente, no trabalho em grupo com os colegas e, por fim, no aprendizado como ser humano.

A experiência que as tutorias de psicologia proporcionam ao estudante de medicina ultrapassam a margem das relações individuais e buscam internalizar um aprendizado que envolve diversas realidades, onde a relação médico-paciente é aprimorada e torna-se a cada novo encontro uma gratificação para o aluno-tutor e para os alunos sob sua supervisão.

Conforme dados coletados nos relatórios, o objetivo do projeto de extensão de “propiciar a prática problematizadora da Relação Médico-Paciente em vários cenários de ensino-aprendizagem”, possui uma efetividade visível, onde os alunos tutores não são apenas usados para auxiliar os alunos do início do curso, confirmando o resultado positivo de aprendizado em diversos aspectos para estes, como já havia sido pensado quando a atividade foi projetada.



4. AVALIAÇÃO

Por fim, é notável a satisfação dos monitores no progresso dos monitorados. As questões que envolvem a relação-médico paciente são amplas e precisam de auxílio para criar um vínculo da melhor forma possível. A função da tutoria é ser a alavanca de apoio para os jovens que iniciam sua jornada no hospital. Dessa forma, o tutor apresenta-se como um aluno mais experiente que está cumprindo a função de um guia para que os alunos sigam e utilizem para superar seus medos e buscar o melhor aproveitamento da coleta de informações em uma anamnese.

Nos relatos dos antigos tutores se apresenta um vasto número de melhorias e aprendizados durante a atividade, importantes não só na sua carreira médica como na sua personalidade. Ao necessitarem passar por situações complicadas sendo aquela pessoa responsável pelo transcorrer sem problemas da situação, todos os alunos que passaram pela experiência de auxiliar alunos com menos experiência, referem que falta conhecimento técnico e teórico, assim como experiência, e que o auxílio dos professores responsáveis pela disciplina ao dialogar e trazer à tona essas dificuldades que todos possuem, é imprescindível para o crescimento em cada aspecto, e isto traduz o significado de “tutoria entre iguais” como propósito do projeto de extensão.

5. REFERÊNCIAS

Capítulo de livro

SROCCO, R.P. Relação estudante de Medicina-paciente. In: MELLO FILHO, J. **Psicossomática hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. p.45-56.

Artigos

FRISON, L.M.B. Monitorship: a teaching modality that enhances collaborative and self-regulated learning, 2016, **Pro-Posições** | v. 27, n. 1 (79) | jan./abr. 2016.

LIMA M.C.P.; CERQUEIRA A.T.A.R. A formação da identidade do médico: implicações para o ensino de graduação em Medicina, **Interface - Comunic, Saúde, Educ**, v6, n11, p.107-16, ago 2002.

ABUCHAIM, Darcy. Uma experiência de ensino de psicologia médica e psiquiatria. **Rev. Bras. Educ. Med.** 1980, 4(1): 11- 19.



A EXTENSÃO COMO DISCIPLINA: RELATO DISCENTE SOBRE IMPORTÂNCIA NA GRADUAÇÃO

ULI TRINDADE DE ALMEIDA¹; LUIZE SILVA MASCARENHAS²;
VERA LUCIA BOBROWSKI³, BEATRIZ HELENA GOMES ROCHA⁴,
LUCIANA BICCA DODE⁵

¹Universidade Federal de Pelotas UFPel- ulialmeida94@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas UFPel- luizemascarenhas@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas UFPel- vera.bobrowski@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas UFPel- biahgr@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas UFPel- Orientadora - lucianabicca@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O Regimento Geral da Universidade Federal de Pelotas define em seu Art.5º – “A missão da Universidade será cumprida mediante o desenvolvimento simultâneo e associado das atividades de ensino, pesquisa e extensão” (UFPel, 1977).

De acordo com MOITA e ANDRADE (2009), se considerarmos apenas a relação dual entre o ensino e a extensão incorremos em uma formação que se preocupa com os problemas da sociedade contemporânea, mas carece da pesquisa, responsável pela produção do conhecimento científico. Por sua vez, se associados o ensino e a pesquisa, se ganha terreno em frentes como a tecnologia, mas incorremos no risco de perder a compreensão ético-político-social conferida quando se pensa no destinatário final desse saber científico (a sociedade) e nesta proposta na mudança de atitudes em relação ao ensino. Por fim, quando a articulação entre extensão e pesquisa exclui o ensino, perde-se a dimensão formativa que dá sentido à universidade, a formação cidadã dos alunos envolvidos nesta ação.

Desde junho de 2010, o curso de Graduação e o Programa de Pós-Graduação em Biotecnologia da Universidade Federal de Pelotas, unem acadêmicos, professores e técnicos administrativos no desenvolvimento de atividades de popularização da ciência, através do projeto Mural G-Biotec, a fim de integrar comunidade e meio acadêmico.

Diante disso, ficou clara a necessidade de uma disciplina presente no currículo do curso de Bacharelado em Biotecnologia que permitisse maior contato entre os discentes e a comunidade, e que adequasse o Curso a proposta prevista no Plano Nacional de Educação – PNE (BRASIL, 2001), que preconiza que 10% da carga horária dos cursos de graduação seja dedicada a atividades de extensão. A resolução caracteriza as atividades de extensão universitária como o processo educativo, cultural e científico



que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade, apresentando-se sob a forma de programas, projetos, cursos e eventos. Dessa forma, foram instituídas as disciplinas de Popularização da Ciência e Divulgação Científica: Extensão I e II. Para descrever a percepção de alunos quanto à importância da curricularização das atividades de extensão no curso de Biotecnologia, foi realizado o presente trabalho.

2. DESENVOLVIMENTO

A metodologia empregada é um relato qualitativo da percepção de discentes quanto ao planejamento e a condução das disciplinas e a contribuição dessas na vida acadêmica e profissional dos graduandos do curso de Bacharelado em Biotecnologia.

As disciplinas de Popularização da Ciência e Divulgação Científica: Extensão I e II são componentes curriculares optativos, com carga horária total de 68 e 85 horas distribuídas em atividades teóricas e práticas tendo sido ofertadas pela primeira vez em 2017/I e 2017/II, respectivamente.

Para avaliar a opinião de acadêmicos que concluíram a disciplina foi enviado um questionário via fanpage com as seguintes perguntas: Qual a sua opinião sobre a contribuição das atividades de extensão na sua vida acadêmica e/ou profissional? Quais eram as suas expectativas quanto a disciplina de popularização da ciência? Elas se concretizaram? Justifique a sua resposta.

Obedecendo a critérios éticos, os sujeitos da pesquisa consentiram em participar voluntariamente da coleta de dados e sua identificação foi anônima sendo identificados apenas por A1 até An. Os resultados obtidos foram analisados e transcritos na íntegra.

3. RESULTADOS

A disciplina de Popularização da Ciência veio como um grande diferencial das demais, por fazer com que a extensão seja vista por diferentes ângulos. Para tanto foram desenvolvidos os seguintes temas:

1. História da Universidade Brasileira: Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária, tema este abordado em palestra pelo Dr. Francisco E. Xavier, ex Pró-reitor de Extensão

e Cultura, e discussão de artigos e publicações do Fórum de Pró-reitores de extensão, quanto as concepções, tendências e legislação da extensão universitária. Os alunos desenvolveram uma linha do tempo da extensão na biotecnologia e na UFPel.

2. Procedimentos metodológicos, didáticos, técnico-científicos e etapas para a elaboração de atividades e projetos de extensão universitária. Além das atividades teóricas, foi realizada uma aula na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, em que os alunos puderam conhecer um pouco mais de perto os projetos que são realizados na Instituição.

3. Museus e a popularização da ciência, nessa etapa os acadêmicos visitaram o Museu Carlos Ritter e participaram de uma roda de conversa com o ecólogo Gustavo Arruda e com o professor José Eduardo Figueiredo Dornelles (curador do Museu), os quais de forma informal e interativa relataram diferentes experiências, e demonstraram como fotografias e vídeos podem ser utilizados como ferramentas para aproximar os estudantes do Museu Carlos Ritter e de temas sobre a biodiversidade local.

4. Eventos de popularização da ciência, a transposição do conhecimento e a divulgação científica. Foram relatadas as atividades executadas durante a Operação Catirina/MA do Projeto Rondon, desenvolvidas no município de São Benedito do Rio Preto (julho, 2010). Com base no edital do Projeto Rondon 2017, foi solicitada aos acadêmicos a elaboração de dois conjuntos de ações (A e B) a serem aplicadas nos municípios da região de abrangência da UFPel na Região Sul do RS, intitulada “Operação Trilhas Farroupilha” com intuito de aproximar ainda mais a extensão dos alunos de graduação. Os discentes tiveram a oportunidade de avaliar o projeto dos colegas, utilizando a tabela de relevância das propostas.

5. Atividades de extensão: biotecnologia invade a escola, espaço ciência, desafio, atelier de ciências.

Devido ao grande empenho por parte dos alunos na realização das atividades solicitadas, com a finalização dos projetos de modo muito pertinente e propostas adequadas para execução, foi criada a segunda disciplina – Popularização da Ciência e Divulgação Científica: Extensão II, que visa a aplicação prática desses projetos junto à comunidade.

A seguir, são apresentados trechos transcritos literalmente das respostas dos alunos participantes da disciplina quando questionados sobre qual a contribuição das atividades de extensão na sua vida acadêmica e/ou profissional.



[...] as atividades diretamente relacionadas a comunidade sempre geram troca de conhecimentos e aprendizado, sendo uma via de mão dupla onde o estudante transmite conhecimentos e aprende junto a comunidade em que está inserido. [...] (A1).

[...] É uma espécie de ponte permanente entre a universidade e os diversos setores da sociedade, onde ocorre, na realidade, uma troca de conhecimentos, em que a universidade também aprende com a própria comunidade sobre os valores e a cultura dessa. (A2).

As atividades extensionistas são de suma importância para a vida acadêmica e profissional em qualquer área, uma vez que aproxima a realidade da comunidade dos alunos/profissionais. [...] (A3).

Estas narrativas corroboram com a visão de SENNA et al. (2012), que descrevem que a formação do aluno está além dos conhecimentos adquiridos em sala de aula, até porque esses se esvaziam quando não integrados à realidade.

Quanto à expectativa dos acadêmicos com relação à disciplina, todos relataram que ela foi muito superior. Segundo os alunos

A disciplina superou minhas expectativas, permitiu que os alunos pudessem escolher a trajetória da disciplina de forma guiada [...]. Além disso, foi possível desenvolver projetos e fazer planejamentos sobre ações que estão sendo realizadas em paralelo. (A1).

[...] as atividades de extensão desenvolvidas superaram minhas expectativas pois foi possível observar também um desenvolvimento pessoal, além do ambiente acadêmico. Foi possível planejar e executar as atividades de extensão respeitando e não violando os valores da comunidade a qual nós estamos inseridos. (A2).

[...] As minhas expectativas quanto à disciplina eram de aprender como realizar a aproximação do meu curso de graduação para com a comunidade de uma forma que seja interessante para ambas as partes e de ter a oportunidade de por alguma parte dessa aproximação em prática [...].(A3).

Como citado por NUNES e SILVA (2011) a extensão universitária é uma espécie de ponte permanente entre a universidade e os diversos setores da sociedade. Como uma via de duas mãos a universidade leva conhecimentos à comunidade e aprende com o saber dessas. Esta união entre teoria e prática e do conhecimento da realidade ficou também evidenciada pelas respostas fornecidas pelos acadêmicos da UFPel .

Diante do propósito da disciplina que é popularizar a ciência, a mesma permitiu que os alunos pensassem em projetos de cunho social, envolvendo a aplicação de forma prática dos conhecimentos teóricos adquiridos no curso de graduação trazendo benefícios a comunidade.

4. AVALIAÇÃO

A inovação na criação de uma disciplina como a de Popularização da Ciência no curso de Biotecnologia permitiu o enfrentamento e a superação de grandes desafios, culminando com a inscrição de resumos sobre as atividades de extensão no CONGRESSO da URCAMP/Bagé-RS, na III SIIPE da UFPel, de oficinas e palestras no IV Desafio Mural G-Biotec “Desbravando a ciência” e com a seleção interna, pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura/UFPel, da proposta de trabalho elaborada pelos acadêmicos para concorrer, ao nível nacional, para representar à Instituição no projeto Rondon - Operação Pantanal/MS.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n. 10.172, de 9 de janeiro de 2001. Institui o **Plano Nacional de Educação** e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 10 jan. 2001. Acesso em 29 de setembro de 2017. On line. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm.

MOITA, F.M.G.S.C; ANDRADE, F.C.B. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissolubilidade na pós-graduação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 41, p. 269-393, 2009.

NUNES, A.L. de P.F., SILVA, M.B. da C. A extensão universitária no ensino superior e a sociedade. **Mal-Estar e Sociedade** - Ano IV - n. 7 - Barbacena, p. 119-133, 2011.



SENNA, D.; ALVES, G.C.; CORDEIRO, T. da S.; SILVA Júnior J.C. da; BATISTA, R.J.. A extensão na percepção dos discentes do curso de engenharia civil na Universidade Estadual de Feira de Santana. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO EM ENGENHARIA**, XL, 2012, Belém. **Anais eletrônicos...** Belém: Associação Brasileira de Ensino de Engenharia, 2012. Acesso em 29 de setembro de 2017. On line. Disponível em: <http://198.136.59.239/~abengeorg/CobengeAnteriores/2012/artigos/104197.pdf>

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Regimento Geral da UFPel**. 1977. Acesso em 28 setembro 2017. On line. Disponível em <http://wp.ufpel.edu.br/scs/regimento/>.



PATRIMÔNIO VAI A ESCOLA: O CASO DE REPRESENTAÇÕES DA CHARQUEADA SANTA RITA, PELOTAS, RS

VALENTINA TOALDO BRUM¹; LUÍSA MOSSMANN²;
PEDRO DA SILVA STIGGER³; LIGIA MARIA CHIARELLI⁴;
ADRIANE BORDA ALMEIDA DA SILVA⁵

¹UFPEl – *valentinatbrum@hotmail.com*

²UFPEl – *luisa.mossmann@hotmail.com*

³UFPEl – *pedrostigger@gmail.com*

⁴UFPEl – *biloca.ufpel@gmail.com*

⁵UFPEl – *adribord@hotmail.com*

1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho registra uma reflexão sobre uma ação extensionista dentro da temática educação, a qual aborda o patrimônio histórico relacionado às charqueadas pelotenses, mais especificamente à Charqueada Santa Rita, localizada na cidade de Pelotas (RS). Esta ação, configurada como uma oficina, foi promovida no âmbito da disciplina Extensão, Universidade e Sociedade, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (FAUrb/UFPEl), junto ao grupo GEGRADI (Grupo de Estudos para o Ensino/Aprendizagem de Gráfica Digital), também pertencente a esta faculdade.

Foram aplicadas atividades de caráter teórico e prático, algumas delas desenvolvidas em atividades de pesquisa, registrados em Schneid et al. (2015) e outras geradas durante a disciplina em questão, particularmente para esta ação extensionista. De acordo com Serrano (2000), a extensão universitária é uma experiência na sociedade alicerçada numa troca de saberes, popular e acadêmico. O confronto entre estes saberes provoca a construção de conhecimento. Nesta perspectiva, e aliando interesses acadêmicos de arquitetura, da área de tecnologias de representação, teve-se o propósito de abordar o tema de educação patrimonial de maneira lúdica e imersiva, buscando explorar o potencial de tais tecnologias. Objetivou-se assim torná-lo mais atrativo e auxiliar o aprendizado de alunos da rede pública de ensino da cidade de Pelotas, entorno imediato da FAUrb/UFPEl.



2. DESENVOLVIMENTO

Foram delimitadas as seguintes etapas de trabalho:

1. Etapa de Revisão Bibliográfica: relativa ao tema histórico das charqueadas pelotenses, em especial à Santa Rita, apoiando-se em Gutierrez, Damé e Santos (2006) e no material disponível no próprio site da Charqueada Santa Rita (charqueadasantarita.com.br).
2. Etapa de diálogo entre as instituições a serem envolvidas: realização do contato inicial com a instituição de ensino na qual a ação foi oferecida e com a Secretaria Municipal de Educação de Pelotas (SMED).
3. Etapa de estruturação didática: preparação de material didático para apresentação do tema durante a ação, resgate e adequação das atividades existentes relacionadas à Charqueada Santa Rita.
4. Etapa de aplicação da oficina: realizada junto à instituição de ensino selecionada,
5. Etapa de análise: discussão entre os integrantes da ação sobre os resultados da atividade
6. Etapa de apresentação: difusão dos resultados na disciplina Extensão, Universidade e Sociedade.

A coordenação da Escola Municipal de Ensino Fundamental Luciana de Araújo mostrou interesse em participar da ação proposta e contribuiu para a delimitação do grupo para o qual a oficina foi oferecida. Este grupo foi composto pelos alunos do 4º ano, os quais já estavam familiarizados com a história da cidade de Pelotas. Tendo em vista a faixa etária dos alunos foram preparados um material teórico e duas atividades práticas.

A oficina, realizada no dia 08 de agosto de 2017, teve início com a apresentação de uma introdução teórica abordando o tema das charqueadas, sua importância para a formação da cidade de Pelotas e o contexto da Charqueada Santa Rita (GUTIERREZ, DAMÉ e SANTOS, 2006). Na sequência, deu-se início às atividades práticas: a primeira envolvendo a visualização de um modelo tridimensional da Charqueada Santa Rita em Realidade Aumentada¹ através de dispositivos móveis; e a segunda, de confecção de maquetes físicas, pelos alunos, a partir de uma planificação em papel desta charqueada. Ao final, realizou-se uma roda de conversa, registrada por meio de vídeo, quando os alunos expuseram suas opiniões, relataram quais conhecimentos foram acrescentados com a ação, além da sugestão de ações futuras.

¹ Realidade Aumentada (RA) é uma técnica que possibilita a inserção de objetos virtuais na realidade concreta, tendo-se a sensação de presença e proximidade com tais objetos (KIRNER e TORI, 2006).

Figura 01: Aplicação de atividades práticas durante oficina na Escola Municipal de Ensino Fundamental Luciana de Araújo.



Fonte: Autores

3. RESULTADOS

A ação foi muito bem recebida pelos alunos do 4º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Luciana de Araújo. Houve curiosidade e participação por parte das crianças durante os momentos teóricos e práticos, não hesitando em contribuir e tirar dúvidas a respeito das atividades apresentadas, atingindo o objetivo central de que houvesse interação e interesse pelo tema.

Considera-se que a ação foi relevante pois proporcionou a imersão dos alunos em um momento lúdico e de aprendizagem, e ainda acrescentando aspectos positivos inesperados. Um destes aspectos que pode ser citado é a capacidade criativa dos alunos, visto que durante a confecção dos modelos físicos cada um se utilizou da própria imaginação e repertório para adicionar elementos às suas maquetes, como: chaminés, varais de charque, muros, representação da planta baixa, de caminhos, pisos, elementos paisagísticos e abertura de vãos.

O uso da tecnologia de realidade aumentada foi importante para a visualização espacial da edificação, entretanto não despertou tanto interesse quanto as maquetes físicas. A maioria das crianças já estava familiarizada com esta tecnologia. Por este motivo, acredita-se que foi menos significativa e provocou menos interação que a possibilidade de construir concretamente a maquete da Charqueada.

Os materiais teóricos elaborados, os quais ainda não haviam sido utilizados, se mostraram adequados à aplicação da oficina. As atividades práticas de planificação elaboradas por Schneid et al. (2015) foram aperfeiçoadas. Houve a retirada de elementos pequenos e de difícil manuseio para facilitar a montagem pelo público infantil. Tanto este material físico quanto o teórico foram disponibilizados para a instituição de ensino

com o intuito de dar continuidade a este tipo de ação envolvendo o patrimônio. A equipe docente da escola não foi instrumentalizada a utilizar a atividade envolvendo realidade aumentada, visto que não dispõe de dispositivos móveis que permitam tal finalidade.

4. AVALIAÇÃO

A experiência de oferecer esta oficina proporcionou uma troca entre as crianças e o grupo, tendo consolidado o conhecimento sobre a história e arquitetura das Charqueadas pelotenses. Neste sentido, a frase “ensinar é aprender duas vezes”, do escritor francês Joseph Joubert, ilustra e justifica a ação extensionista.

Percebeu-se que a maneira como os conteúdos são abordados reflete diretamente no desempenho e interesse dos alunos. Por isto destaca-se a importância de acrescentar aspectos lúdicos ao ensino em sala de aula.

Esta ação exigiu do grupo a interação e comunicação com a comunidade, atividades pouco exploradas em sala de aula, mas necessárias e recorrentes à prática de Arquitetura e Urbanismo. Desta forma, tem-se a participação em atividades de extensão como uma das principais modalidades que proporciona estes momentos durante a formação.

A reação das crianças, de acrescentar elementos às maquetes físicas, sugere uma crítica à aplicação da atividade que considerou somente a edificação isolada de seu entorno. Este retorno atuou como contribuição para possíveis trabalhos futuros, e remete a Serrano (2000) quando afirma que o confronto entre a visão da comunidade e o meio acadêmico produzem conhecimento. Além disto, a consideração constitui-se como um aprendizado importante à área da Arquitetura, visto que uma edificação nunca pode estar dissociada de seu entorno.

Outro indicador importante é a sensibilização dos alunos à temática da valorização do patrimônio e da história da cidade de Pelotas, revelada pelas sugestões quando perguntados sobre propostas de novas atividades, os quais indicaram ações envolvendo edificações históricas, como o Mercado Público, a Bibliotheca Pública Municipal e as Charqueadas São João e Boa Vista.



5. REFERÊNCIAS

GUTIERREZ, E. J. B.; DAMÉ, G.; SANTOS, R. **Vamos conhecer um pouco mais de história.** Jogo didático. Pelotas. UFPel, 2006.

KIRNER, Claudio. TORI, Romero. Fundamentos de Realidade Aumentada. In: TORI, Romero. KIRNER, Claudio. SISCOOTTO, Robson. **Fundamentos e Tecnologia de Realidade Virtual e Aumentada.** Porto Alegre: Editora SBC, 2006. Capítulo 2, p. 22–38.

SCHNEID, G.; BORDA, A.B.A.S.; VECCHIA, L. F. D.; BORGES, L. F.; PERONTI, G. Geometrias e Representações de um Patrimônio Arquitetônico: as Charqueadas Pelotenses. **Geometrias & Graphica 2015.** Lisboa:Universidade Lusíada de Lisboa, 2015.

SERRANO, Rossana Maria Souto. **Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire.** Disponível em: http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf. Acesso em: 13 maio 2017.

Site Charqueada Santa Rita. Disponível em: www.charqueadasantarita.com.br. Acesso em 26 de junho de 2017.



ARTE E CARINHO: CRESCIMENTO COLETIVO.

VANESSA MONTEIRO DA SILVA¹; BRUNA DAS ROSAS MENDES²;
GILBERTO BALBELA CONSONI³

¹Universidade Federal de Pelotas – vanessamonteirosilva@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – brunadrm@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – gilberto.consoni@ufpel.edu.br

1. APRESENTAÇÃO

Desde 2010, o projeto de extensão Inclusão Digital com Arte e Carinho dedica-se a atividades artísticas com as crianças a partir de dois anos até oito anos amparadas pela Casa do Carinho, um abrigo institucional mantido pela prefeitura de Pelotas. No momento existe uma criança com 13 anos na Casa, ela também participa do projeto, mas crianças acima de oito anos são casos inusuais no lar.

As crianças chegam no abrigo por denúncia de maus tratos, negligência ou abandono e ficam na Casa até que encontrem um novo lar ou retornem para a família biológica. Existe no projeto uma aproximação com a comunidade externa, e com essa aproximação pretendemos remediar a falta que as crianças sentem dos familiares, trazer momentos de alegria e distração da rotina do abrigo.

Anteriormente não aconteciam projetos exclusivamente artísticos no lar, outras instituições desenvolvem atividades que, em algum momento, tangenciam práticas de arte, mas esse foco total na criatividade e crescimento da visão artística acontece somente com este projeto. A concepção do projeto é oriunda da Universidade Federal de Pelotas e veio através da proposta de Ana Beatriz Brum Argoud, em 2007, na época ela trabalhava como técnica administrativa no Centro de Artes.

Desde quando se iniciou o projeto, muitos bolsistas já ministraram aulas e realizaram atividades, essa rotatividade, tanto do lado dos alunos quanto das crianças, gera experiências únicas.

2. DESENVOLVIMENTO

Os encontros são realizados aos sábados pela manhã, tempo livre das crianças, lá são desenvolvidas atividades de caráter prático com foco no despertar artístico, na cria-

tividade, no desenvolvimento, tanto individual quanto em grupo. As atividades são vistas como um momento de descontração e quebra de rotina determinada para as crianças durante a semana.

Nas primeiras edições, o projeto se tratava de uma inclusão digital e era realizado a partir de aulas semanais e individuais ministradas pelos bolsistas, ao invés de práticas semanais, entretanto, devido ao furto de equipamentos, foram necessárias adaptações, o foco continua na arte, mas agora com materiais tangíveis. As bolsistas são oriundas dos cursos de design gráfico e arquitetura, o que as proporciona uma certa familiaridade com a proposta e os materiais.

As práticas, acordadas entre as bolsistas durante a semana, são experimentações com os materiais disponíveis tais como papel sulfite, lápis de cor, giz de cera, canetinha hidrocor, tinta guache, entre outros utilizados em atividades específicas. Por exemplo, para um encontro foi levado lã de aço e uma revista antiga, em um primeiro momento foram recortaram formas como corações, quadrados e círculos na folha da revista, para depois, em cima de uma folha sulfite e com a lã de aço, fazerem a “raspagem” da tinta impressa na folha, criando uma imagem com o negativo do recorte.

Em um outro momento as crianças usaram canetinhas hidrocor para desenhar em papel toalha e depois com um pincel molhado passaram por cima do desenho. Podemos conferir o resultado na fotografia a seguir tirada no dia da atividade:



Figura 1 - Atividade com canetinha hidrocor e água; Fonte: própria autora.

Nos primeiro encontros percebemos que não estava sendo tão produtivo quanto achávamos que seria, depois de conversarmos entre nós e com a diretora da Casa, Samatha, decidimos que seria melhor dividir as crianças em dois grupos, o primeiro com os pequenos de dois a quatro anos e o segundo com os maiores de cinco anos. Assim elas se tornar menos agitadas e diminuiu o número de crianças, aumentando nossa capacidade de atenção para cada uma, o que facilita a aplicação da atividade e nos aproxima delas.



3. RESULTADOS

As metas eram que, com as atividades desenvolvidas, conseguíssemos atender o desenvolvimento social e a atenção demandada a todas as crianças que vivem na Casa do Carinho. Acredito que essa meta vem sendo cumprida, já que existe uma aproximação e uma boa relação de afeto e carinho entre todos envolvidos no projeto. Outro objetivo era o de incentivar o desenvolvimento da imaginação e, por meio de atividades criativas, as crianças começaram a ser mais autônomas e independentes no que se refere ao imaginário e a criatividade. No começo, por exemplo, as crianças tinham como que um receio de desenhar e sempre nos pediam para desenhar por elas, agora esses pedidos diminuíram, principalmente entre os maiores de cinco anos.

MÜHLEN (2001) ressalta que a ação lúdica, que advém da arte, é essencial para o equilíbrio humano, baseado nisso um objetivo é o de que as crianças reconheçam cores, letras, formas e números, conseguimos isso através das práticas que envolvem palavras e até contas.

Mais uma meta estabelecida era a de proporcionar às crianças momentos de entretenimento, o que foi atingido de imediato, desde o primeiro dia, onde as atividades não foram somente de cunho artístico, mas também para o divertimento das crianças.

4. AVALIAÇÃO

O projeto afetou a vida das crianças e a minha de uma maneira positiva e prazerosa. O crescimento e desenvolvimento esperado para as crianças, ocorre também, de uma certa forma, nas bolsistas. DUARTE (2010), nos diz que a arte-educação aprimora a sensibilidade, posso dizer que nesse caso a sensibilidade de todos os envolvidos foram aperfeiçoadas e não só pela arte-educação, mas pelo contato de realidades tão distintas que, ao se cruzarem nesse projeto, geram experiências e momentos únicos que são importantíssimos para o crescimento, aprendizado e humanidade de todos.

Acredito que o vínculo criado durante esses meses reacendeu meu desejo de fazer trabalhos voluntários com crianças e talvez ainda continue frequentando a Casa mesmo depois de acabar o projeto.



5. REFERÊNCIAS

DUARTE JR., João Francisco. **A montanha e o videogame: escritos sobre educação**. Campinas: Papirus, 2010.

MATOS, Lisiane da Silva. MADEIRA, Maria Cristina. MEDEIROS, Rita. Educação Infantil, Linguagem e Aprendizagem numa Perspectiva de Educação Popular. **Revista Eletrônica “Fórum Paulo Freire”**, 2005.

MOÇO, Anderson. **7 Atividades para Educar com Brincadeiras**. Educar para Crescer, 2010. Acessado em 11 set. 2013. Online. Disponível em <<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/aprendizado-infantil-550375.shtml>>

MÜHLEN, Adriana Patzlav. ZAMPERETTI, Maristani Polidori. Novas Tecnologias e Ludicidade nas Artes Visuais: Uma experiência com crianças tuteladas. XX Congresso De Iniciação Científica, III Mostra Científica. **Anais...** Pelotas: UFPel, 2011.

REZENDE, Luciano Galdino de Melo. **Inclusão Digital – Um desafio para o Brasil**. Goiânia, GO - Brasil, 2012.

WAJSKOP, Gisela. **O Brincar na Educação Infantil. 1995**. Acessado em 12 set. 2013. Online. Disponível em <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/742.pdf>>



DESMISTIFICANDO O CONHECIMENTO CIENTÍFICO E O SEU USO

VICTOR HUGO BARROS¹ LORENA ALMEIDA GILL²

¹Universidade Federal de Pelotas – vhbarros@inf.ufpel.edu.br

²Universidade Federal de Pelotas – lorenaalmeidagill@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Muitos mistérios e dúvidas referentes ao universo e a origem da vida povoam a mente humana desde os primórdios de sua existência e, até os dias de hoje, provocam o nosso imaginário durante, por exemplo, a contemplação de um céu estrelado, nos fazendo questionar sobre o nosso lugar no Cosmos.

A Astronomia é tida como uma das mais antigas ciências pela qual o ser humano se encantou. Os conhecimentos sobre os astros eram repassados às gerações futuras de maneira natural, através de círculos de conversa, a fim de se compreender todas as sutilezas do Universo, além da influência do Cosmos na vida cotidiana.

O projeto “Ciência na Escola”, organizado pelo PET Diversidade e Tolerância, com duração de quatro meses, teve como objetivo possibilitar aos alunos do 5ºano da Escola Estadual de Ensino Fundamental Doutor Francisco Simões, da cidade de Pelotas no Rio Grande do Sul, encontros semanais, que desenvolvessem uma visão prática, lúdica e aplicável a seu dia-a-dia, de conceitos físicos e matemáticos relacionados à Astronomia, com intuito de fomentar a curiosidade intrínseca ao ser humano, além de quebrar o paradigma e as barreiras trazidas por alunos desde os anos iniciais nas escolas, os quais tratam as disciplinas citadas como maçantes e inacessíveis. Além disso, a proposta procurou evidenciar o protagonismo feminino na ciência, através da exposição de cientistas que influenciaram científica e socialmente a sociedade.

2. METODOLOGIA

A história da humanidade é marcada por pessoas que, motivadas pelo conhecimento ou por pura curiosidade, encontraram soluções que mudaram o entendimento de diversos fenômenos naturais. A astronomia, desde o início da humanidade, mostrou-se um importante instrumento para o entendimento dos fenômenos que fazem parte da vida cotidiana. Conforme explicita NICOLINI, (1991, p.96, apud CAMPOS E NIGRO, 1999), a



astronomia visa nos fazer conhecer o universo onde nos encontramos e do qual fazemos parte. Os mistérios sobre a origem do Universo influenciaram o desenvolvimento de diversas áreas, como a Física, Química, Biologia, Matemática e História. Essas áreas do conhecimento, assim como a Filosofia e as Artes, têm sua origem na mente, mas não podem completar-se sem a atividade manual (Leonardo da Vinci apud DELLIZOICOV ANGOTTI, 1992, p.48).

Essa curiosidade característica dos indivíduos é ainda mais nítida quando se pensa nas crianças que, sedentas pelo conhecimento e exploração do novo, fazem vários questionamentos como: De onde viemos? Para onde vamos?. Nesse sentido, o projeto “Ciência na Escola”, o qual ensina de maneira prazerosa fundamentos para a compreensão do mundo, tem como objetivo o ensino da astronomia nas séries iniciais do ensino fundamental, com o intuito de contribuir na formação crítica dos alunos.

Entre as propostas do projeto busca-se evidenciar o papel de protagonismo que diversas mulheres ocuparam na evolução científica e cultural, influenciando significativamente a humanidade com seus feitos, quebrando preconceitos e demonstrando a importância da inserção das mulheres na ciência, a qual, infelizmente, ainda é composta por uma maioria masculina. De acordo com Garcia e Sedeño (2006, p.35), a participação das mulheres nas ciências se encontra mundialmente em torno de 5 a 10%. Pesquisas como essas corroboram com a visão de que historicamente as mulheres foram excluídas dos processos de admissão ou tiveram suas produções científicas negadas ou negligenciadas.

A proposta seguiu como cartilha o material do programa “AEB na Escola”, criado em 2003 pela Agência Espacial Brasileira (AEB), que possui como ideia norteadora ser um instrumento de divulgação da ciência, através de atividades práticas e criativas.

Seguindo essa ideia, o projeto dividiu-se em duas partes, sendo a primeira focalizada nos conceitos teóricos essenciais para o projeto, visando dar o entendimento sobre a ciência e o pensamento científico. Nessa fase também foi realizada exposição de grandes cientistas e seus feitos, focando na participação das mulheres que, mesmo enfrentando os preconceitos, realizaram pesquisas inimagináveis. Dentre as expoentes femininas priorizou-se a vida e história de Marie Curie (1867-1934), que mesmo enfrentando grande preconceito por seu gênero, foi laureada com o Prêmio Nobel de Física (1903) e Química (1911), se tornando a primeira pessoa e a única mulher a ganhar o prêmio duas vezes por seus estudos sobre radioatividade.

Na segunda fase, o foco foram atividades práticas que explicassem conceitos físicos e matemáticos de forma prazerosa e divertida. Foi desenvolvida pelos alunos, uma



maquete do Sistema Solar, seguindo os padrões de dimensão e órbitas dos planetas. Com esse trabalho foi possível explicar, por exemplo, os princípios de rotação e translação do planeta Terra e quais as consequências desses movimentos. Aspirando uma maior inserção dos alunos no mundo científico, foi pensando o uso de atividades que explicassem o funcionamento de foguetes espaciais e, para isso, foi realizada a oficina de carros foguetes, que explicam uma das leis mais importantes da dinâmica, o princípio de ação-reação. Por fim, foi elaborado um foguete de garrafa pet, visto que o mesmo possui uma diversidade imensa de conceitos físicos que foram apresentados durante a sua preparação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ficou explicitada a facilidade dos alunos em entender conceitos teóricos quando aplicados de maneira prática, além do entusiasmo na participação de todos no momento de realização das oficinas. Durante a execução do projeto, percebendo o interesse dos alunos pela proposta, a escola resolveu reativar o cadastro de participação na Olimpíada Brasileira de Astronomia (OBA), dessa forma o projeto do PET também serviu de preparação dos alunos para a mesma.

Até o momento da escrita desse trabalho, o resultado da mesma não havia sido divulgado pela comissão organizadora da OBA, porém, após a divulgação do gabarito foi perceptível que os alunos haviam assimilado o conteúdo exposto durante as tarefas práticas, tendo em vista as pontuações alcançadas. Um dos pontos que merece evidência é a participação e contribuição das meninas nas atividades apresentadas, uma delas, por exemplo, se interessou bastante pelo tema proposto e sempre procurava novas informações, a fim de compartilhar com a turma.

Acreditamos que o projeto conseguiu plantar em cada aluno a ideia de que é possível entender os conceitos da ciência de maneira lúdica e divertida e, além disso, evidenciar o cientista que existe dentro de todos nós.

4. CONCLUSÕES

O projeto “Ciência na Escola”, assim como vários outros projetos do PET Diversidade e Tolerância, se propôs a discutir temas muitas vezes inacessíveis à comunidade externa.

Partiu-se do pressuposto que os conhecimentos construídos dentro das Universidades devem servir à sociedade em geral, chegando a lugares como escolas periféricas, muitas delas constituídas por alunos em vulnerabilidade social, que costumam ter pouco acesso a bens culturais. O projeto serviu para refletir sobre o papel da ciência e sobre o seu uso, apresentando formas mais acessíveis de se chegar ao conhecimento.

Foi gratificante perceber a disposição dos alunos em aprender de uma forma diferente, bem como o interesse do grupo em se fazer presente na Olimpíada Brasileira de Astronomia. Espera-se que tal comprometimento mude a forma como os alunos irão se relacionar com as ciências, a partir de agora.

5. REFERÊNCIAS

DELIZOICOV, D; ANGOTTI, J.A.P. **Metodologia do Ensino de Ciências**. São Paulo: Cortez, 1992.

CAMPOS, M.C. da Cunha; NIGRO, R.G. **Didática de Ciências: o ensino-aprendizagem como investigação**. São Paulo: FTD, 1999.

GARCIA, MARTA I.G; SEDENÕ, Eulália P. Gênero Tecnologia e Gênero. In: SANTOS, Lucy W. et al. **Ciência, Tecnologia e Gênero**. Desvelando o feminino na construção do conhecimento. Londrina, IAPAR, 2006, p.33-72.

WEISSMANN, Hilda. **Didática das Ciências Naturais: contribuições e reflexões**. Porto Alegre: Artmed, 1998.



PRATICANDO A DOCÊNCIA NUM CURSO DE ESPANHOL PARA VIAGENS

VIVIAN RECUERO RODRIGUES¹;
ANA LOURDES DA ROSA NIEVES BROCHI FERNÁNDEZ²

¹Universidade Federal de Pelotas – vrecuero95@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – anarosaf@terra.com.br

1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar as considerações finais sobre a realização do projeto de extensão “Espanhol para viagens”. O curso tende a desenvolver estratégias que permitam aos alunos estabelecer uma notável comunicação em língua espanhola, em contextos de viagens a países de fala hispânica, podendo além de expressar-se, utilizar o espanhol como língua estrangeira e compreender os aspectos culturais dos povos que habitam nos referidos países.

Esse projeto foi oferecido pela Câmara de Extensão do Centro de Letras e Comunicação (CLC), onde foi destinado para toda a comunidade exterior e interior à Universidade. O projeto foi coordenado pela Professora Dra. Ana Lourdes da Rosa Nieves Brochi Fernández e as aulas foram ministradas pela acadêmica Vivian Recuero Rodrigues, autora deste resumo.

A ideia deste projeto começou em 2016, quando a autora deste trabalho participou da primeira edição deste projeto, que foi ministrado por um aluno que estava cursando a disciplina de Estágio de Intervenção de Língua Espanhola. No

ano de 2017 pareceu-lhe interessante dar continuidade ao projeto buscando e continuando dando oportunidade a outras pessoas da comunidade de também aprenderem o léxico de Espanhol para Viagem.

É importante destacar também, que outro motivo que a fez trabalhar com este projeto, foi à questão das fronteiras do Brasil com os países de língua hispânica. Um curso que oferecesse os conhecimentos básicos da língua espanhola em um contexto de viagem para auxiliar os alunos em suas futuras viagens com objetivo de manter os alunos sempre motivados para aprender essa nova língua. Assim como segundo Baralo (2004) “Si el interés y la necesidad por adquirir una lengua nueva son fuertes, el proceso de adquisición de la LE seguirá pasos certeros y avanzará gradualmente”.

Para o melhor aproveitamento do curso e para obter um bom resultado foi utilizado em sala de aula temas estudados na disciplina de Linguística Aplicada da Língua Espa-



nhola, cujos temas tinham relação com o ensino e aprendizagem da língua estrangeira.

No primeiro semestre de 2017, foi concluída a primeira turma do curso. No início a turma era composta de vinte cinco alunos, porém ocorreram muitas desistências, ao final o curso foi concluído com apenas cinco alunos.

A desistência da maioria desses alunos, que foi comunicada por escrito, tem diversos e diferentes motivos, porém também existem alunos que simplesmente não formalizaram a sua desistência e não compareceram mais às aulas.

No segundo semestre de 2017, está em andamento uma segunda turma do curso, também com 25 alunos. Porém nessa nova turma serão feitas algumas mudanças principalmente nas questões que dizem respeito à avaliação dos alunos. As avaliações passaram a serem cumulativos e ao final de cada aula os alunos realizarão simulações à respeito dos conteúdos trabalhados na aula. Isto com o objetivo de poder diagnosticar a aprendizagem de cada encontro já que os encontros são semanais e por se tratar de uma língua estrangeira, muitas vezes o foco avaliativo se perde e os alunos se desmotivam de se evadem.

2. DESENVOLVIMENTO

O projeto teve início no primeiro semestre de 2017, com a segunda turma do curso, sendo que o projeto começou em 2016. As aulas foram ministradas semanalmente em encontros de quatro horas todos os sábados pela manhã. Toda a aula foi apresentada e desenvolvida em espanhol o que serve de input para a aprendizagem. Com os alunos falando e escrevendo em espanhol fica mais fácil aprender os conteúdos num contexto de imersão total da língua foco de estudo.

A metodologia adotada para as aulas foi a expositiva/dialogada, com base em método comunicativo, de modo a abordar as diversas situações comunicativas vivenciadas por um turista ao viajar e também o uso das tecnologias em sala de aula. Segundo Griffin (2011) [...] “la importancia de las nuevas tecnologías reside en abrir nuevas guías de acceso a una gran variedad de inputs para los alumnos [...]”. Sendo assim o uso de diferentes inputs em sala de aula ajudou muito na questão de aprendizagem dos alunos, tanto na questão oral, escrita, auditiva e de leitura.

Podemos dizer que o método comunicativo utilizados nas aulas é o mais eficaz para ajudar os alunos em sua aprendizagem. Assim como segundo GARGALLO (1999), no método comunicativo, a língua é vista como um instrumento de comunicação em con-



textos de uso real, a língua estrangeira deve ser aprendida e ensinada em contextos reais de aprendizagem, aprende-se quando o aprendiz está interagindo em situações do cotidiano.

Em cada um dos encontros semanais, os alunos tinham como atividade fazer um diálogo com relação à situação de um turista descrita naquela aula. Assim os alunos conseguiram fazer uma simulação de uma situação vivenciada em uma viagem, em um aeroporto, em um restaurante por qualquer turista.

Porém, o mais importante para estes alunos foi que eles tiveram contato com falantes nativos durante as aulas. Para muitos foi no período das aulas o único momento em que tiveram contato com a língua espanhola.

Em vários momentos os alunos comentaram que gostariam de fazer uma viagem a alguma cidade dos países de fala hispânica que fazem fronteira com o Brasil para que assim pudessem colocar em prática as temáticas estudadas em sala de aula.

Durante as aulas, podia ver os alunos motivados com as aulas e principalmente querendo falar e escrever a todo o momento em espanhol. Os próprios alunos se corrigiam para aprender a falar o espanhol corretamente, e também traziam relatos de experiências que viveram em viagens que tinham feito e comentavam algumas situações engraçadas que ocorreram nessas viagens por conta do idioma.

3. RESULTADOS

O primeiro grupo começou com vinte e cinco alunos, porém no decorrer do curso o número de alunos foi caindo, e ao final apenas cinco concluíram. Porém, os que finalizaram saíram preparados para enfrentar um contexto de viagem num país de fala hispânica, seja ela uma viagem a passeio, a trabalho ou de intercambio universitário.

Cabe salientar aqui, que muitos aprendizes se inscreveram no curso com a crença de que espanhol é parecido ou quase igual ao português, que é fácil e que tão somente com sua presença em aula, sem horas de estudo irão aprovar e quando percebem que isto não ocorre que o curso exige estudo, responsabilidade e seriedade preferem desistir. Os cursos de extensão oferecem uma oportunidade de qualificação à comunidade que exige comprometimento de ambas as partes, alunos e ministrante, e o devemos fazer valer.

A continuação se descreve alguns trechos das vozes dos alunos onde se pode



apreciar comentários de alunos que concluíram o curso, de como eles perceberam o curso e se foi importante para eles fazerem ou não o curso.

Aluno A, “Me gustó mucho el curso de manera general: el contenido fue transmitido de manera clara y objetiva, las dinámicas eran interesantes (...)”

Aluno B, “como alumna que tengo un intercambio programado para el final del año en España, con este curso tuve la oportunidad de prepararme un poco más para ese viaje.”

Aluno C, “Busqué hacer ese curso para practicar la lengua, pues ya estoy formada y no quiero olvidar la práctica oral y escrita por falta de no practicar la lengua.”

Aluno D, “A través del Facebook conocí personas de México, de la ciudad de Chiapas. Quiero entender y comprender mejor la lengua para aprofundar mis conocimientos.”

Aluno E, “Mi novio es de origen argentino. Durante las fiestas de navidad no pude hablar mucho por culpa de mi poco conocimiento de la lengua.”

Com o relato desses alunos, tanto escritos como orais em sala de aula, conseguimos ver que o curso foi ministrado de forma clara e objetiva, e que para os alunos o curso foi importante para suas futuras viagens. Em vários momentos das aulas os alunos comentavam que iriam utilizar as situações estudadas no curso em prática.

No segundo semestre de 2017, está começando uma segunda turma desse curso, sendo a terceira turma desde que o projeto começou em 2016. Essa segunda turma também conta com vinte e cinco alunos, sendo entre eles pessoas ligadas à comunidade exterior e interior a faculdade.

Com esses novos alunos, esperamos conseguir alcançar o mesmo êxito como esses relatos comentados pelos alunos da primeira turma, as aulas serão ministradas da mesma maneira apenas com poucas mudanças nas questões de avaliações, onde não se farão provas e seminários, mas sim mini avaliações ao final de cada aula, sendo uma avaliação cumulativa.

4. AVALIAÇÃO

No final do primeiro semestre de 2017, quando foram encerradas as aulas, consegui perceber que a procura pelo curso de língua espanhola foi grande. O tema sobre viagens, que prepara o turista, que vivencia situações reais despertou o interesse a comunidade.

Com isso podemos ver que os cursos de extensão da faculdade são importantes



para fortalecer e manter um contato mais específico entre a comunidade e à instituição univesitária. Estes cursos atraem e trazem um público específico para dentro da universidade com um objetivo claro, com uma motivação individual e um final que todos saem satisfeitos.

5. REFERÊNCIAS

BARALO, M. **La adquisición del español como lengua extranjera**. Madrid: 2004. 2v.

BEATO-CANATO, A. P. M. O trabalho com línguas para fins específicos em uma perspectiva interacionista sócio discursiva. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. Belo Horizonte, v. 11, n. 4, p. 853-870, 2011.

ELLIS, R. **La adquisición de segundas lenguas en un contexto de enseñanza**. Análisis de las investigaciones existentes. Traduzido por Gonzalo Abio, Javier Sánchez e Agustín Yagüe. Tradução de “Instructed Second Language Acquisition: a literature review. Ministerio de Educación de Nueva Zelanda, 2005.

GARGALLO, I. S. **Linguística Aplicada a la enseñanza del español como lengua extranjera**. Madrid: Arco Libros, 1999.

GRIFFIN, K. **Lingüística aplicada a la enseñanza del español como 2/L**. Madrid: 2011. 2v.



A POSITIVAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA A PARTIR DA PRÁTICA TEATRAL

WESLEY FRÓIS ARAGÃO¹; LUCIANE DOS SANTOS AVILA²;
MARINA DE OLIVEIRA³

¹Universidade Federal de Pelotas – frois.aragao@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – lu-aneavila@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – marinadolufpel@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O presente resumo tem como objetivo apresentar o trabalho realizado no projeto de extensão “Brincando de faz de conta: a vivência do lúdico nas séries iniciais”, em que, no ano de 2017, trabalhou-se a identidade negra através de práticas teatrais. A iniciativa é desenvolvida pela Prof^a Dra. Marina de Oliveira e por graduandos/as do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

O projeto é desenvolvido no Instituto Nossa Senhora da Conceição, localizado no Centro da cidade de Pelotas/RS. A instituição é beneficente e tem por finalidade atender meninas em situação de vulnerabilidade social. Assim, as aulas são desenvolvidas com meninas de 6 a 8 anos, que são convidadas a participarem dos jogos propostos de modo que desenvolvam conhecimentos, de forma lúdica, no campo do fazer teatral. Além de estimular a imaginação, ampliando o espaço para a criatividade, a ideia é que as atividades gerem o princípio da autonomia.

Ao iniciar os jogos teatrais, identificamos que algumas meninas enfrentavam conflitos com a sua identidade étnico/racial, ou seja, não gostavam de serem identificadas como negras ou, ainda, referiam-se a colegas negras sem nomeá-las como pertencentes à etnia.

Conforme Munanga (2004) o conceito de “raça” foi utilizado inicialmente na zoologia e na botânica com o objetivo classificatório. No entanto, para o autor a “raça” ao longo do tempo perdeu seu sentido biológico e foi empregada no sentido semântico, o qual instituiu os conceitos de ser negro e de ser branco. Assim, é possível compreender que a noção de raça está no imaginário de diferentes populações e culturas.

Desse modo, é possível inferir que ao longo do processo histórico o conceito de raça constituiu-se como um significado mais social do que biológico. Nesse cenário, para Munanga (2004), a raça está impregnada de relações de poder e, por consequ-



ência, o racismo surge quando hierarquiza e categoriza sujeitos conforme sua pertença étnico-racial.

Com esse pressuposto, a partir das atividades com a turma, percebemos em um primeiro momento que ao desenhar suas famílias e a si mesmas, a maior parte das alunas, de maioria negra, retratava-se próxima do modelo comumente veiculado como padrão de beleza, ou seja, o branco. Em uma reunião com a equipe pedagógica do Instituto, realizada periodicamente para a avaliação do projeto, a questão da negação da pertença racial foi igualmente relatada pela assistente social, dado que evidenciou a necessidade de trabalharmos a temática em conjunto.

Dessa forma, resolvemos planejar as práticas teatrais aprofundando a discussão sobre a história e cultura afro-brasileira, em específico a identidade negra. Essa proposta está em consonância com a lei 10.639/2003 na qual institui a obrigatoriedade de estudar a temática africana e afro-brasileira na educação formal. Sobre a questão,

Ao introduzir a discussão sistemática das relações étnico-raciais e da história e cultura africanas e afro-brasileiras, essa legislação impulsiona mudanças significativas na escola básica brasileira, articulando o respeito e o reconhecimento à diversidade étnico-racial com a qualidade social da educação. (GOMES, 2010, p. 20)

Nesse sentido, a proposta desenvolvida é de suma importância, pois promove no espaço de ensino informal as discussões sobre a temática negra contribuindo efetivamente para aplicação da lei e para a luta contra o racismo.

2. DESENVOLVIMENTO

A partir do exposto, elaboramos práticas como: jogos dramáticos, contação de histórias, improvisações e entrevistas acerca dos núcleos familiares para trabalharmos a construção identitária das estudantes, com ênfase na positividade da etnia negra. Nesse sentido, “Toda identidade é construída social e historicamente” (SANTOS, p. 35, 2010). A partir dessa compreensão, o intuito foi colaborar no processo de formação do ser, afinal “[...] todas as identidades sociais são ou podem ser instrumentalizadas politicamente [...]” (ibidem, p. 35, 2010), de modo que nenhuma etnia fosse percebida por elas como negativa.



Como é proposto pela Lei nº 10.639/03, em que “[...] se insere em um processo de luta pela superação do racismo na sociedade brasileira [...]” (GOMES, p. 19, 2010), instigamos que as estudantes identificassem nas práticas elaboradas as histórias de suas famílias e a positivação da identidade negra.

Iniciamos com as relações familiares, assim, a partir de entrevistas e de desenhos, mapeamos suas famílias, com a finalidade de compreender a pluralidade do núcleo familiar. Pedimos que elas identificassem em seus desenhos seus familiares e um pouco de suas histórias. Assim, buscamos compreender suas subjetividades e contextualizar porque algumas meninas representavam a estética negra de forma pejorativa, negando em si ou em suas colegas a existência dessa identidade. Ao abrirmos a possibilidade delas narrarem suas histórias, todas apresentaram a sua família de modo variado, desde a pequena: “apenas mãe e aluna”, até núcleos maiores: “mãe, aluna, avó e dez irmãos”.

Tal atividade as envolveu de modo que relataram mais do que o pedido e, consequentemente, refletiram minimamente sobre as suas ascendências. Além das entrevistas, a vinculação com suas histórias familiares foi buscada através dos jogos teatrais, propostos por Viola Spolin (1963). Divididas em dois grupos, elas improvisaram pequenas cenas com temática escolhida por elas, a partir de ações do cotidiano, em que surgiram situações como “levar a filha ao ballet” ou “acordar os filhos e dar o café antes da escola”, entre outras. Elas escolhiam igualmente quem seria cada personagem, isto é, quem assumiria a função de “mãe” ou “filha” ou qualquer outro papel da cena.

Após algumas improvisações, trabalhamos a compreensão das meninas sobre o conceito de personagem. Para isso, apresentamos uma caixa com imagens de personagens femininas, divididas entre princesas europeias e mulheres negras míticas. Solicitamos que as estudantes escolhessem uma personagem da caixa e a desenhasse. As figuras femininas míticas negras, no geral, não foram selecionadas. Houve uma nítida preferência pelas princesas da Disney. Quase todas as personagens das histórias tradicionais de princesas europeias foram reconhecidas e a ilustração de uma menina negra de cabelos compridos que lembrava a personagem Moana, da Disney, foi a figura negra com alguma identificação. Deduzimos que as demais figuras míticas negras não faziam parte do imaginário de histórias das quais as estudantes tinham acesso e, por essa razão, provavelmente não foram escolhidas.

Cabe pontuar que a sociedade é hierarquicamente racializada, dessa maneira, a escolha das princesas de origem europeia reproduzidas massivamente em desenhos da Disney não torna aleatória a escolha dessas figuras por meninas entre 6 e 8 anos

de uma instituição escolar da cidade de Pelotas. A indústria infantil ensina que o ideal esperado é o da princesa das tradicionais histórias europeias. Assim, a escolha dessas meninas está interpelada por esse contexto e a inserção de personagens negras ou de outras pertencas étnico-raciais contribui para abordarmos a construção da posituação da identidade negra.

Concomitantemente a proposta de trabalhar o conceito de personagem utilizamos a contação de histórias como estratégia pedagógica. A primeira história apresentada foi a do livro *Cadê Maricota?*, de May Shuravel, que narra a história de uma menina negra, Mariana, que perde a sua gata. A partir do sumiço, ela se aventura a procurar a sua bichana de estimação nos mais diversos locais para, no fim, encontrá-la no armário da cozinha com mais sete gatinhos recém-nascidos. De imediato, algumas das alunas demonstraram identificação com Mariana, pelo fato de ela ser negra. Depois da contação, propusemos que todas fossem a Mariana à procura de seu felino, assim “[...] as próprias crianças se tornam as pessoas imaginadas, animais ou coisas [...]” (SLADE, 1978, p. 27).

A partir dessa representatividade e da vivência nesses jogos dramáticos a “[...] criança descobre a vida e a si mesma através de tentativas emocionais e físicas e depois através da prática repetitiva, que é o jogo dramático.” (SLADE, 1978, p. 27). Desse modo, através de dramatizações direcionadas trabalhamos a personagem Mariana com suas angústias e desafios.

Outra história trabalhada foi *Dandara: seus cachos e caracóis*, de Maira Suertegaray, mas ao contrário da aventura dramatizada anteriormente, estabeleceu-se apenas a contação da história, que relata o desejo de uma menina chamada Dandara de que seus cabelos sejam lisos e sem volume, parecidos com os de sua mãe. A menina é fruto de um relacionamento inter-racial. Contudo, a fábula explica que seus cabelos advêm de um passado que perpassa a pré-história, na Tanzânia, e o reino de Oyó, na África, até a chegada da família de Dandara à Terra.

A utilização destas narrativas infantis atendem ao preconizado pela lei 10.639/03, pois há menção histórica aos povos da África e também a posituação da estética do cabelo crespo e, por conseguinte, a posituação da identidade negra. Essas ações prosseguirão, de maneira que as meninas possam se reconhecer nas histórias, nas imagens e nos diversos lugares.

3. RESULTADOS

Foi possível identificar que as práticas teatrais desenvolvidas promoveram a positivação da identidade negra como, por exemplo, o ocorrido na leitura do livro *Dandara*, em que ao serem questionadas sobre a estética dos cabelos cacheados, ondulados e crespos algumas meninas apontaram que os mesmos eram bonitos e parecidos com os seus. Embora algumas outras ainda se questionassem sobre a beleza dessa textura de cabelo.

Dessa maneira, acreditamos que trabalhar a positivação da identidade negra com crianças de diferentes pertencas étnico-raciais é de suma importância, pois contribui para a diminuição do racismo no Brasil. Além disso, foi possível observar que a proposta pedagógica repercutiu nas estudantes, na forma como interagiram umas com as outras e consigo mesmas. Desse modo, essa ação de extensão contribui não só para a transformação do ambiente escolar como atua na formação dos monitores envolvidos no processo, já que vislumbram possibilidades de trabalhar a cultura africana e afro-brasileira em suas carreiras docentes.

4. AVALIAÇÃO

Avaliamos como produtivo e necessário desenvolver conhecimento na área teatral a partir de narrativas que valorizem a cultura negra. Seja através da escuta e improvisação das histórias das alunas, seja por meio de contação de histórias ficcionais que têm protagonistas negras. Percebemos como pertinente o uso de uma narrativa que valoriza os cabelos afros, enfatizando que eles contam a história dos antepassados de determinado grupo étnico-racial. Além disso, a presença de protagonistas negras ampliou o repertório imagético sobre a identidade negra das estudantes, que antes tinham acesso quase que exclusivamente a histórias de princesas europeias.

Nesse sentido, “Conquanto um preceito de caráter nacional, a Lei nº 10.639/03 se volta para a correção de uma desigualdade histórica que recai sobre um segmento populacional e étnico-racial específico, ou seja, os negros brasileiros” (GOMES, 2010, p. 21). Assim, inferimos que trabalhar com a temática negra contribui para efetivação de uma pedagogia antirracista, nos espaços escolarizados, e em nosso fazer teatral.



5. REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei 10.639/2003**. Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm> Acesso em: 30 set. 2017.

GOMES, Nilma Lino. Educação, relações étnico-raciais e a Lei nº 10.639/03: breves reflexões. In: BRANDÃO, A. P. **Modo de fazer: Caderno de atividades, saberes e fazeres**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. p. 19- 25.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. In. Cadernos Penesb 5 – Periódico do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira. Niterói: ALTERNATIVA/EdUFF, 2004.

SANTOS, M. A. Preto, pardo, negro, afrodescendente: as muitas faces da negritude brasileira. In: BRANDÃO, A. P. **Modo de Fazer: Caderno de atividades, saberes e fazeres**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. p. 27 - 37.

SHURAVEL, May. **Cadê Maricota?**. São Paulo: Salamandra, 2006.

SLADE, Peter. **O jogo dramático infantil**. São Paulo: Summus, 1978.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1963.

SUERTEGARAY, Maira. **Dandara, seus cachos e caracois**. Porto Alegre: Mediação, 2015.